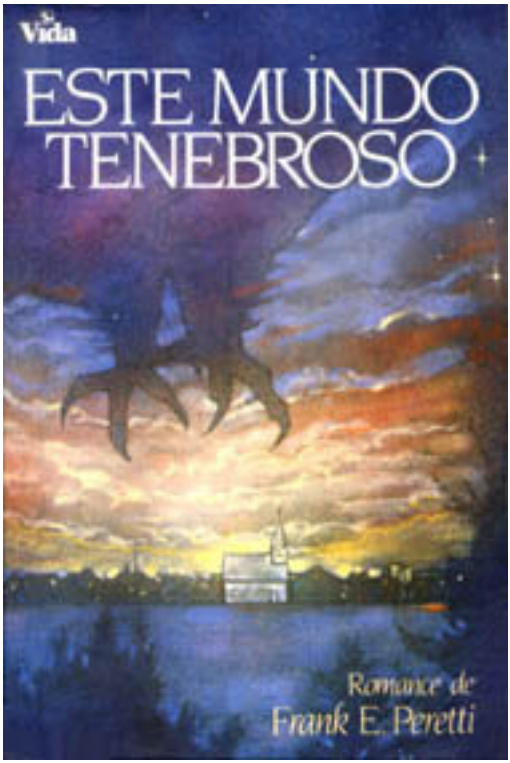

Este Mundo Tenebroso

Frank E. Peretti

Título original: This Present Darkness
Editora Vida
2ª Impressão: Julho/1990
Digitalizado, revisado e formatado por SusanaCap

PDL
Projeto Democratização da Leitura
www.portaldetonando.com.br

A Bárbara Jean,
esposa e amiga,
que me amou, e esperou.

***

Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes.
Efésios 6:12

***

1

Quando os dois vultos trajando roupas de trabalho surgiram na Rodovia 27, na periferia de Ashton, uma cidadezinha cuja vida revolvia em torno da sua faculdade, a noite enluarada de domingo ia chegando ao fim. Eram altos, no mínimo acima de dois metros, de compleição robusta, perfeitamente proporcionados. Um tinha cabelos escuros e possuía traços marcantes, o outro era loiro e poderoso. A pouco menos de um quilômetro de distância, olharam rumo à cidade, considerando a cacofonia de sons festivos vindos das lojas, das ruas e dos becos que ela abrigava. Puseram-se a caminhar.

Era a época do Festival de Verão de Ashton, o exercício anual em frivolidade e caos da cidade, a sua forma de dizer obrigada, volte outra vez, boa sorte, foi bom tê-los aqui, aos cerca de oitocentos alunos da Faculdade Whitmore que estariam entrando nas tão esperadas férias de verão. A maioria faria as malas e iria para casa, mas todos definitivamente ficariam pelo menos o tempo necessário para aproveitar as festividades, a discoteca, o parque de diversões, os filmes baratos, e tudo o mais que desse para desfrutar, às claras ou às escuras, só por farra. Eram horas de loucuras, uma oportunidade de se embebedar, engravidar, apanhar, cair no conto do vigário e passar mal do estômago, tudo na mesma noite.

No centro da cidade, um proprietário com senso comunitário havia aberto um lote vazio e permitido que um grupo ambulante de migrantes empreendedores montassem seu parque com atrações, barracas e toaletes portáteis. A aparelhagem parecia melhor no escuro, uma escapadela em ferrugem feéricamente iluminada, movida a motores de trator de escapamento aberto que competiam com a oscilante música do parque guinchando ruidosamente de algum lugar no meio daquela barafunda. Mas nessa cálida noite de verão, a multidão que por ali perambulava comendo algodão doce estava a fim de se divertir, divertir, divertir. Uma roda-gigante girava lentamente, hesitava a fim de receber passageiros, girava um pouco mais para o desembarque, depois dava algumas voltas completas a fim de fazer valer o preço do bilhete; um carrossel revolvia em um círculo espalhafatoso de luzes brilhantes, os cavalinhos descascados e caindo aos pedaços ainda saracoteavam ao som pré-gravado de órgão a vapor; os freqüentadores do parque atiravam bolas a cestas, moedas a cinzeiros, dardos a bolões de gás, e dinheiro fora ao longo da instável passagem montada às pressas, onde os vendilhões repetiam a

mesma arenga, tentando convencer os transeuntes a tentarem a sorte.

Os dois visitantes, altos e silenciosos em meio a tudo aquilo, perguntavam-se como uma cidade de doze mil pessoas — incluindo os alunos da faculdade — podia produzir tão grande e pululante multidão. A população, geralmente calma, havia comparecido em massa, incrementada por gente de outras paragens à procura de diversão, até que as ruas, bares, lojas, becos e estacionamentos ficassem lotados nessa ocasião em que tudo era permitido e o ilegal era ignorado. A polícia tinha as mãos cheias, mas cada prostituta, baderneiro, vândalo, bêbado algemados significava apenas que mais de uma dúzia ainda estava solta e perambulando pelas ruas. O festival, chegando ao auge na noite final, era como uma furiosa tempestade que não podia ser detida; podia-se apenas esperar que ela amainasse, e haveria muito o que limpar depois.

Os dois visitantes foram passando lentamente pelo parque apinhado, ouvindo as conversas, observando a atividade. Queriam saber coisas a respeito da cidade, por isso demoraram-se observando aqui e ali, à direita e à esquerda, adiante e atrás. A aglomeração de transeuntes passava por eles como peças de vestuário a revolver-se na máquina de lavar, serpenteando de um lado a outro da rua, em ciclo imprevisível, sem fim. Os dois homens altos não tiravam os olhos da multidão. Estavam à procura de alguém.

— Olhe lá — disse o de cabelo escuro.

Ambos a viram. Era jovem, muito bonita, mas também muito inquieta, olhando de um lado para outro, uma máquina fotográfica nas mãos e uma expressão orgulhosa no rosto.

Os dois atravessaram apressados a multidão e colocaram-se ao lado da moça, que não percebeu a sua presença.

— Sabe — disse o de cabelo escuro — você poderia tentar olhar lá adiante.

Com esse simples comentário, ele passou a mão nos ombros dela e a conduziu rumo a certa barraca na passagem. Ela atravessou a grama e os papéis de bala, caminhando na direção da barraca onde alguns adolescentes desafiavam-se mutuamente a estourar balões de gás com dardos. Nada daquilo a interessava, mas então... umas sombras movendo-se sorrateiras atrás da barraca prenderam a sua atenção. Ela segurou a máquina em posição, deu mais alguns passos leves e cuidadosos, e a seguir levou a máquina rapidamente ao olho.

O clarão do *flash* iluminou as árvores atrás da barraca enquanto os dois homens se afastavam apressados para o seu próximo encontro.

Moveram-se suavemente, sem hesitação, passando pela parte principal da cidade a passos rápidos. Seu destino estava a cerca de um quilômetro e meio do centro da cidade, na rua Poplar, e subindo uns oitocentos metros até o topo da rua Morgan Hill. Não demorou quase nada para que se detivessem em frente à igrejinha branca no meio do minúsculo estacionamento, com seu gramado bem cuidado e o bonito quadro onde estavam anunciados o horário da escola dominical e do culto. Encimando o pequeno quadro de avisos encontrava-se o nome “Igreja da Comunidade de Ashton”, e, em letras pretas pintadas às pressas sobre qualquer que fosse o nome anteriormente ali colocado, dizia: “Henry L. Busche, Pastor”.

Eles olharam para trás. Desta alta colina podia-se divisar toda a cidade e vê-la estender-se até cada um dos seus limites. A oeste, brilhava o parque cor-de-caramelo; a leste, erguia-se o imponente e conservador campus da Faculdade Whitmore; ao longo da Rodovia

27, a principal rua da cidade, estavam os prédios comerciais, as pequenas representantes locais de famosas cadeias de lojas, alguns postos de gasolina batalhando por conquistar fregueses com ofertas especiais, uma loja de ferragens, o jornal da cidade, diversas lojas pequenas de comerciantes locais. Dessa posição, a cidadezinha parecia tão tipicamente americana — pequena, inocente e inofensiva, uma gravura.

Mas os dois visitantes não se valiam apenas dos olhos para perceber as coisas. Mesmo daquela posição vantajosa, o verdadeiro substrato de Ashton pesava muito em seus espíritos e mentes. Podiam senti-lo; inquieto, forte, crescente, bem planejado e cheio de propósito... um tipo de maldade muito singular.

Eles não eram avessos a questionar, estudar, investigar. Na maioria das vezes, essas atividades faziam parte do seu trabalho. Assim sendo, era natural que hesitassem nessa tarefa, pausando com o intuito de indagar: Por que aqui?

Mas apenas por um instante. Podia ser uma sensibilidade aguçada, um instinto, uma impressão muito leve só a eles discernível, mas era o suficiente para fazer com que sumissem prontamente no canto da igreja, fundindo-se contra a parede chanfrada, quase invisíveis ali no escuro. Nada diziam, não se moviam, mas observavam com olhar penetrante algo que se aproximava.

A cena noturna da rua quieta era um mosaico em nítidos traços azuis do luar e sombras imprecisas. Mas uma das sombras não balouçava ao vento como as das árvores, nem tampouco era estática, como as dos prédios. Rastejava, tremia, movia-se em direção à igreja, enquanto qualquer luz que atravessava parecia afundar-se em seu negror, como se ela fosse uma brecha aberta no espaço. Mas essa sombra tinha uma forma, uma

forma animada que fazia lembrar alguma criatura, e quando se aproximou da igreja, ouviram-se sons: o arranhar de garras no chão, o leve farfalhar de asas membranosas rufladas pela brisa, adejando logo acima dos ombros da criatura.

Ela tinha braços e pernas, mas ao cruzar a rua e subir os degraus da escadaria da frente da igreja, parecia mover-se sem a ajuda deles.

Seus olhos malévolos e esbugalhados com seu próprio brilho amarelado refletiam a pura luz azul da lua cheia. A cabeça retorcida saía de ombros encurvados, e tufos de hálito rubro e rançoso borbulhavam em penosos chiados através de fileiras de dentes afiados e pontiagudos.

Ou ela ria ou tossia — os chiados que lhe escapuliam do fundo da garganta podiam ser qualquer das duas coisas. Da posição rastejante em que se encontrava, ergueu-se sobre as pernas e correu os olhos pela quieta vizinhança, as bochechas pretas e rígidas repuxando-se em horrendo riso, a própria máscara da morte. Moveu-se em direção à porta da frente. A mão escura passou através da porta como um espeto passa por um líquido; o corpo inclinou-se para diante e penetrou na porta, mas só até a metade.

De súbito, como se colidisse com uma parede em alta velocidade, a criatura foi atirada para trás, caindo em furiosa queda escada abaixo, o rubro e brilhante hálito desenhando uma trilha encaracolada no ar.

Com um sinistro berro de fúria e indignação, ela se ergueu da calçada onde se esparramara e fixou os olhos na estranha porta que lhe barrara a passagem. Então, as membranas das suas costas começaram a inflar, apossando-se de grandes quantidades de ar e, com grande alarido, ela voou de cabeça rumo à porta, rumo ao saguão — e para dentro de uma nuvem de ardente luz branca.

A criatura gritou e cobriu os olhos, sentindo-se, a seguir, apanhada no enorme e poderoso aperto de uma mão. Num instante, foi arremessada no espaço como um boneco de pano, novamente do lado de fora, expulsa à força.

As asas zumbiram num borrão enquanto ela se inclinava numa fechada curva aérea e se lançava outra vez contra a porta, fumaça vermelha escapando em tufos e riscos de suas narinas, as garras à mostra e prontas para atacar, o espectral retinir de um berro a lhe sair da garganta. Como uma flecha atravessa o alvo, como uma bala passa por uma tábua, ela se arremeteu porta adentro —

E no mesmo instante sentiu suas entranhas se arrebentarem.

Houve uma explosão de sufocante vapor, um último berro, e o agitar de braços e pernas que murchavam. Então nada mais houve a não ser o mau cheiro de enxofre que se dissipava e os dois estranhos, subitamente dentro da igreja.

O homem loiro embainhou uma espada brilhante à medida que a luz branca que o circundava ia desaparecendo.

— Um espírito de perturbação? — perguntou ele.

— Ou dúvida... ou temor. Quem vai saber?

— E esse era um dos menores?

— Ainda não vi nenhum menor.

— Realmente, não. E quantos você diria que existem?

— Muitos, muitos mais do que nós, e por toda a parte. Nunca ociosos.

— É, já deu para ver.

— Mas o que estão fazendo por aqui? Jamais

vimos tamanha concentração antes, não aqui.

— Oh, a razão não ficará oculta por muito tempo—. Seu olhar passou pelas portas do saguão em direção à nave do templo. — Vamos ver esse homem de Deus.

Eles se afastaram da porta e caminharam através do pequeno vestíbulo. O quadro de avisos na parede trazia pedidos de alimentos para uma família que passava necessidade, ofertas de pequenos serviços para adolescentes, e pedido de orações em favor de um missionário enfermo. Um grande cartaz anunciava uma assembléia da congregação para a sexta-feira seguinte. Na outra parede, o relatório da oferta semanal indicava que, com relação à semana anterior tinha havido uma queda nas contribuições; o mesmo sucedera ao comparecimento, de sessenta e uma pessoas para quarenta e duas.

Pela curta e estreita passagem foram eles, caminhando entre as fileiras alinhadas de pranchas escurecidas e de bancos de ripas, em direção à frente da nave onde um pequeno facho de luz incidia sobre a rústica cruz no topo do batistério. No centro da plataforma recoberta por gasto tapete encontrava-se a pequena mesa sagrada, o púlpito, sobre o qual repousava uma Bíblia aberta. Era um mobiliário humilde, funcional mas nada elaborado, revelando humildade da parte da congregação, ou pouco caso.

Foi nesse momento que o quadro adquiriu o primeiro som: um soluçar mansinho, abafado, vindo da ponta do banco direito. Ali, ajoelhado em ardente prece, a cabeça descansando sobre o duro encosto do banco de madeira, as mãos cerradas com fervor, encontrava-se um jovem, muito jovem, pensou a princípio o loiro, jovem e vulnerável. Seu semblante, agora o retrato vivo da dor, sofrimento e amor, deixava transparecer tudo. Seus lábios moviam-se em silêncio, à medida que

nomes, petições e louvor jorravam com paixão e lágrimas.

Os dois não puderam evitar ficar ali por um instante em pé, observando, estudando, ponderando.

— O pequeno guerreiro — disse o de cabelo escuro.

O loiro formou as mesmas palavras em silêncio, olhando para o homem contrito que orava.

— Sim — observou — é este. Mesmo agora, ele está a interceder, colocando-se diante do Senhor em favor do povo, da cidade...

— Ele vem aqui quase todas as noites. Ante esse comentário, o grandalhão sorriu.

— Ele não é tão insignificante assim.

— Mas é apenas um. E está sozinho.

— Não.

O homenzarrão sacudiu a cabeça: — Existem outros. Sempre existem outros. Apenas têm de ser encontrados. Por enquanto, essa oração única e vigilante é o começo.

— Ele vai ser ferido, você sabe disso.

— E também o jornalista. E nós também.

— Mas venceremos?

Os olhos do grandalhão pareceram chamejar com um fogo reativado.

— *Lutaremos.*

— Lutaremos — concordou o amigo.

Eles se postaram por sobre o guerreiro ajoelhado, dos dois lados; e naquele momento, pouco a pouco, como o desabrochar de uma flor, alva luz começou a inundar o recinto. Ela iluminou a cruz na parede

traseira, lentamente fez sobressair as cores e os veios em cada prancha de cada banco, e elevou-se em intensidade até que o templo anteriormente sem graça e humilde brilhou com uma beleza sobrenatural. As paredes chispavam, os tapetes gastos cintilavam, e o pequenino púlpito ergueu-se alto e rijo como uma sentinela de costas para o sol.

Agora os dois homens estavam radiantemente alvos, a roupa que trajavam antes transfiguradas em vestes que pareciam arder de intensidade. Seus rostos estavam bronzeados e brilhantes, os olhos coruscavam como o fogo, e cada um deles trazia um faiscante cinto dourado do qual pendia uma espada reluzente. Colocaram as mãos sobre os ombros do rapaz e então, como o abrir de um gracioso dossel, sedosas, tremeluzentes, diáfanas membranas começaram a se desenrolar de suas costas e ombros e a erguer-se para se encontrar e sobrepor acima de suas cabeças, ondulando suavemente num vento espiritual.

Juntos, ministraram paz ao seu jovem tutelado, e as muitas lágrimas deste principiaram a arrefecer.

O *Clarim de Ashton* era um jornal popular, típico de cidade do interior; pequeno e original, talvez às vezes um tantinho desorganizado, despretensioso. Era, em outras palavras, a expressão impressa de Ashton. Seus escritórios ocupavam pouco espaço num prédio comercial da rua principal no centro da cidade, uma construção simples de um só andar com grande vitrine e uma porta pesada, que trazia marcas de pés e uma fenda para a correspondência. O jornal saía duas vezes por semana, às terças e às sextas, e não dava muito lucro. Pela aparência do escritório e das instalações, podia-se ver que era uma operação de minguado orçamento.

Na parte de frente do prédio, achavam-se o

escritório e a área de notícias. Consistiam de três escrivaninhas, duas máquinas de escrever, dois cestos de lixo, dois telefones, uma cafeteira elétrica sem o fio, e o que parecia ser tudo o que podia existir no mundo em matéria de notas, papéis, papel timbrado e bugigangas de escritório. Um velho e gasto balcão, trazido de uma estação de estrada de ferro desmantelada, formava a divisória entre o escritório em si e a área de recepção. E, como era de esperar, havia um sininho acima da porta que tinia todas as vezes que alguém entrava.

Nos fundos desse labirinto de atividade em pequena escala achava-se um traço de luxo um tanto grandioso demais para o lugar: uma divisória de vidro que fechava o escritório do redator. Na realidade, era uma nova adição. O novo redator-proprietário era um ex-repórter de cidade grande e ter um escritório de redator fechado com vidro havia sido um dos sonhos de sua vida.

Esse novo sujeito era Marshall Hogan, um tipo robusto e enérgico, de grande porte, a quem a sua equipe — o compositor, a secretária-repórter-moça-dos-anúncios, o colador de artigos, e a repórter colunista — carinhosamente se referia como "Átila, o Hogan". Ele havia comprado o jornal alguns meses antes, e o choque entre a sofisticação de cidade grande dele e a calma interiorana da equipe ainda provocava confrontações de tempos em tempos. Marshall queria um jornal de qualidade, que saísse com eficiência e suavidade e dentro dos prazos, com um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar. Mas a transição do *New York* Times para o Clarim de *Ashton* era como pular de um trem em disparada ao encontro de uma parede de gelatina. As coisas simplesmente não se cristalizavam com tanta rapidez naquele pequenino escritório, e o alto nível de eficiência a que Marshall estava acostumado tinha de dar lugar a peculiaridades do Clarim de *Ashton,* como guardar o pó de café usado para o depósito de adubo da

secretária, e alguém finalmente entregar a tão esperada história de interesse humano, mas toda coberta de titica de papagaio.

Os padrões de tráfego da manhã de segunda-feira eram febris, não dava tempo de ninguém curtir uma ressaca do fim-de-semana. A edição de terça-feira estava sendo tirada às pressas, e toda a equipe estava sentindo as dores de parto, correndo de cá para lá, das escrivaninhas na parte da frente à sala de colagem na parte de trás, apertando-se para passar quando se encontravam no estreito corredor, carregando rascunhos de artigos e anúncios a serem tipografados, provas já prontas, e diversos formatos e tamanhos de meios-tons das fotografias que iriam ornar as novas páginas.

Nos fundos, entre luzes brilhantes, mesas atravancadas com trabalhos, e corpos em rápido movimento, Marshall e Tom, o colador, achavam-se inclinados sobre um grande cavalete em forma de banco, montando o *Clarim* a partir de recortes e pedaços esparramados por todos os lados. Este vai aqui, este não cabe — então temos de encaixar em outro lugar, este é muito grande, o que usaremos para preencher este? Marshall estava ficando irritado. Toda segunda e quinta ele ficava irritado.

— Edie! — berrou ele, e a secretária respondeu: — Vou indo — e ele lhe disse pela milésima vez: — As galés vão nas bandejas em cima da mesa, não fora delas na mesa, não no chão, não no...

— Eu não pus nenhuma galé no chão! — protestou Edie enquanto saía às pressas da sala de colagem com outras galés nas mãos. Era uma mulherzinha rija de quarenta anos com a personalidade perfeita para opor-se à brusquidão de Marshall. Era ainda ela quem sabia encontrar as coisas no escritório melhor do que qualquer outra pessoa, especialmente o novo chefe.

— Eu as coloquei nas suas lindas bandejinhas, onde você quer que fiquem.

— Então, como essas vieram parar aqui no chão?

— Vento, Marshall, e não me faça dizer-lhe de onde ele vem!

— Muito bem, Marshall — disse Tom — isso conclui as páginas três, quatro, seis e sete... que me diz das páginas um e dois? O que vamos fazer com todos esses espaços vazios?

— Vamos colocar a cobertura que Bernie fez do Festival, com histórias bem redigidas, fotos dramáticas de interesse humano, o negócio todo, assim que ela botar o traseiro aqui dentro e nos der o que arrumou! Edie!

— O que é?

— Bernie está mais de uma hora atrasada, barbaridade! Dá para chamá-la de novo?

— Acabei de ligar. Ninguém atende.

— Droga.

George, o pequeno tipógrafo aposentado que ainda trabalhava por gostar do que fazia, fez a cadeira girar de costas para a tipografia e ofereceu:

— Que tal o Churrasco da Liga das Senhoras? Estou acabando de montar esse artigo, e a foto da Sra. Marmaselle é suficientemente picante para provocar uma ação legal.

— É — gemeu Marshall — bem na primeira página. É disso que mais preciso, uma boa impressão.

— E então, o que vamos fazer? — perguntou Edie.

— Alguém daqui foi ao Festival?

— Eu fui pescar — disse George. — Esse festival é quente demais para mim.

— Minha mulher não me deixou ir — disse Tom,

— Eu vi um pouquinho dele — disse Edie.

— Comece a escrever — disse Marshall. — O maior acontecimento do ano, e temos de publicar alguma coisa a respeito.

O telefone tocou.

— Salva no último instante? — chilreou Edie enquanto apanhava a extensão que ficava na sala dos fundos. — Bom dia, aqui é o Clarim —. De súbito, ela se animou. — Ei, Berenice! Onde está você?

— Onde está ela? — quis saber Marshall ao mesmo tempo. Edie foi ouvindo e seu rosto foi ficando horrorizado. — Sim... bem, calma... claro... não se preocupe, nós a tiraremos daí. Marshall acudiu impaciente:

— Bem, onde está ela afinal de contas?

Edie lançou-lhe uma olhada cheia de censura e respondeu:

— Na cadeia!

2

Marshall entrou depressa no porão da Delegacia de Ashton e imediatamente desejou poder desligar o nariz e os ouvidos. Além da porta cheia de grades que levava à ala das celas, os ruídos e odores que emanavam das celas não diferiam muito dos do parque de diversões na noite anterior. Ao vir para cá, ele havia notado como as ruas estavam quietas esta manhã. Não era de admirar — todo o barulho tinha vindo parar dentro dessa meia-dúzia de celas de pintura descascando, embutidas em concreto frio e ressonante. Aqui estavam

todos os drogados, vândalos, desordeiros, bêbados e vagabundos que a polícia tinha podido arrebanhar da face da cidade, recolhidos no que mais parecia um zoológico superlotado. Alguns estavam transformando aquilo numa festa, jogando pôquer por cigarros, usando cartas todas marcadas de dedos e tentando sobrepujar os outros nas narrativas de aventuras ilícitas. Perto do fim das celas, um bando de jovens machos dirigia comentários obscenos a uma gaiolada de prostitutas que não tinham um lugar melhor para serem trancafiadas. Outros simplesmente se amontoavam pelos cantos em estado de embriaguez ou afundados em depressão, ou as duas coisas. Os remanescentes olhavam-nos fixamente por detrás das grades, fazendo comentários maliciosos, pedindo ninharias. Ele ficou contente por ter deixado Kate na entrada.

Jimmy Dunlop, o novo assistente do Delegado, estava estacionado fielmente à mesa da guarda, preenchendo formulários e bebendo café forte.

— Ei, Sr. Hogan — disse ele — o senhor veio logo.

— Eu não podia esperar... e não vou esperar! — disse, brusca mente. Não se estava sentindo bem. Este havia sido o seu primeiro Festival, e só isso já era um mal em si, mas ele jamais esperou, jamais sonhou com um tal prolongamento da agonia. Qual uma torre, ele se elevou à frente da mesa, sua robusta figura inclinando-se para a frente a fim de acentuar a sua impaciência.

— E então? — insistiu.

— Hummm?

— Estou aqui para tirar a minha repórter da cadeia.

— Claro, sei disso. Trouxe a permissão?

— Olhe aqui. Acabei de pagar aqueles engraçadinhos lá em cima. Eles disseram que ligariam

aqui para baixo.

— Bem. .. não fiquei sabendo de nada, e preciso da autorização.

— Jimmy.. .

— O que é?

— Seu telefone está fora do gancho.

— Oh. ..

Marshal colocou o telefone à frente do guarda com tanta força que fez o telefone tilintar de dor.

— Ligue para eles.

Marshall endireitou-se, viu Jimmy discar o número errado, discar novamente, tentar completar a ligação. Ele combina bem com o resto da cidade, pensou Marshall, passando nervosamente os dedos pelos cabelos vermelhos que começavam a ficar grisalhos. Ora, claro que era uma cidade simpática. Engraçadinha, talvez um tanto estúpida, meio como um garotão desajeitado que está sempre se metendo em encrencas. As coisas não eram tão melhores assim na cidade grande, tentou lembrar a si mesmo.

— Ah, Sr. Hogan — disse Jimmy, com a mão sobre o bocal — com quem foi que o senhor falou?

— Kinney.

— Sargento Kinney, por favor. Marshall estava impaciente.

— Passe-me a chave da porta. Quero que ela saiba que estou aqui. Jimmy deu-lhe a chave. Já havia discutido com Marshall Hogan antes.

Uma onda de fingidas boas-vindas jorrou das celas, acompanhada de tocos de cigarros e o som de marchas assobiadas enquanto ele passava. Ele não perdeu tempo em achar a cela que procurava.

— Muito bem, Krueger, sei que você está aí dentro!

— Venha pegar-me, Hogan — veio a resposta, dada por uma voz feminina desesperada e algo ultrajada lá dos fundos.

— Bem, estenda o braço, acene para mim, faça alguma coisa! Uma mão apareceu entre os corpos e grades e acenou-lhe com desespero. Ele foi até lá, deu-lhe uma pancadinha na palma, e achou-se face a face com Berenice Krueger, detenta, sua melhor colunista e repórter. Ela era uma jovem e atraente mulher de seus vinte e cinco ou vinte e seis anos, com cabelos castanhos em desordem e óculos grandes, de aro de metal, agora manchados. Ela tinha obviamente passado uma noite difícil e no momento estava na companhia de pelo menos uma dúzia de mulheres, algumas mais velhas, algumas chocantemente jovens, a maioria prostitutas apanhadas pelo camburão da polícia. Marshall não sabia se ria ou cuspia.

— Não vou poupar palavras... você está com uma cara horrorosa — disse ele.

— Está apenas de acordo com a minha profissão. Sou uma prostituta agora.

— É sim, é sim, uma de nós — entoou uma moça rechonchuda. Marshall fez uma careta e abanou a cabeça.

— Que tipo de perguntas você andou fazendo por lá?

— No momento, nenhuma piada tem graça. Nenhuma história do que aconteceu na noite passada é engraçada. Não estou rindo, estou fervendo. Aquele serviço era um insulto em primeiro lugar.

— Olhe, alguém tinha de escrever sobre a folia.

— Mas nós acertamos em cheio no nosso

prognóstico; certamente não havia nada de novo debaixo do sol, nem da lua, por assim dizer.

— Você foi presa — ofereceu ele.

— Por querer agarrar o leitor com uma isca escandalosa. O que mais havia para se escrever?

— Vamos, leia para mim o que escreveu. Uma espanhola no fundo da cela ofereceu:

— Ela tentou fazer negócio usando o truque errado — e todas as celas arrebentaram em gargalhadas e vaias.

— Exijo ser posta em liberdade! — disse Berenice, furiosa. — E você pisou em cola? Faça algo.

— Jimmy está telefonando a Kinney. Paguei sua fiança. Vamos tirá-la daqui.

Berenice esperou um pouco até conseguir esfriar e então relatou:

— Respondendo às suas perguntas, eu estava fazendo entrevistas locais, tentando obter algumas boas fotos, boas declarações, boa qualquer *coisa.* Assumo que Nancy e Rosie aqui — ela olhou em direção a duas jovens que poderiam ter sido gêmeas, e elas sorriram para Marshall — ficaram querendo saber o que eu estava fazendo, circunavegando constantemente pela área do carnaval com cara de perdida. Elas puxaram uma conversa que realmente não levou a nada do ponto de vista de notícias, mas que nos meteu as três em apuros quando Nancy quis passar a cantada num tira disfarçado e acabamos indo parar em cana todas juntas.

— Acho que ela se sairia bem na profissão — brincou Nancy, enquanto Rosie fingia que lhe dava um tabefe. Marshall perguntou:

— E você não lhe mostrou sua identidade, sua carteira de jornalista?

— Ele nem me deu chance! Eu lhe disse quem era.

— Bem, ele a ouviu? — perguntou Marshall às moças: — Ele ouviu o que ela disse?

Elas simplesmente deram de ombros, mas Berenice engrenou a voz a toda e gritou:

— Este tom é alto o bastante para você? Foi o que usei ontem à noite enquanto ele me botava as algemas!

— Bem-vinda a Ashton.

— Vou tomar a insígnia dele!

— Apenas fará seu peito ficar verde.

Hogan ergueu a mão a fim de impedir outra explosão.

— Ei, olhe, não vale a chateação...

— Existem outras escolas de pensamento!

— Berenice...

— Tenho umas coisas que adoraria ver impressas, com quatro colunas de largura, tudo acerca do Supertira e daquele cretino paradão que é o chefe! E por falar nisso, onde está ele?

— Quem, você está falando do Brummel?

— Ele tem um jeitinho muito conveniente de desaparecer, sabia? *Ele* sabe quem sou. Onde está ele?

— Não sei. Não consegui entrar em contato com ele hoje de manhã.

— E ele me deu as costas ontem à noite!

— Do que você está falando?

Subitamente, ela fechou a boca, mas Marshall leu seu rosto tão claramente quanto se ali estivesse escrito: Não se esqueça de me perguntar mais tarde.

Naquele exato momento, a grande porta se abriu e

Jimmy Dunlop entrou.

— Falaremos a respeito depois — disse Marshall. — Tudo certo, Jimmy?

Jimmy estava intimidado demais pelos berros, exigências, vaias e apupos vindos das gaiolas para responder de pronto. Mas uma coisa era certa: ele tinha a chave da cela na mão, e isso era suficiente.

— Afastem-se da porta, por favor — ordenou ele.

— Ei, quando é que a sua voz vai mudar? — foi característica das respostas que obteve. Mas elas se afastaram da porta. Jimmy a abriu, Berenice saiu rapidamente, e ele bateu a porta e a trancou atrás dela.

— Muito bem — disse ele — você está livre para sair sob fiança. Será notificada sobre a data em que terá de comparecer perante o juiz.

— Quero apenas que me devolva minha bolsa, minha carteira de jornalista, meu bloco de anotações e minha máquina fotográfica! — sibilou a moça, dirigindo-se à porta.

Kate Hogan, uma ruiva séria e esbelta, havia tentado aproveitar bem o tempo enquanto esperava lá em cima, no vestíbulo do tribunal. Havia muito o que observar aqui depois do Festival, embora certamente nada que fosse agradável: alguns miseráveis sendo escoltados ou arrastados para dentro, lutando contra as algemas o tempo todo e despejando obscenidades; muitos outros estavam sendo soltos nessa hora após uma noite passada atrás das grades. Parecia quase a mudança de turnos em alguma fábrica bizarra, o primeiro turno saindo, algo desapontado, seus minguados pertences ainda em saquinhos de papel, e o segundo turno entrando, todo manietado e indignado. A maioria dos policiais era estranha vinda de outras par-

tes, trabalhando horas extras para reforçar a minúscula equipe de Ashton, e não estavam sendo pagos para ser bondosos ou educados.

A mulher de bochechas caídas sentada à escrivaninha principal tinha dois cigarros esfumaçando no cinzeiro, mas pouco tempo para tirar uma tragada entre o processar de papéis de cada caso que entrava ou saía. Pelo que Kate podia ver, a operação toda parecia muito apressada e desleixada. Havia alguns advogados baratos passando os cartões, mas uma noite na cadeia parecia ser o castigo máximo que qualquer uma daquelas pessoas teria de enfrentar, e a única coisa que desejavam agora era sair da cidade em paz.

Kate meneou inconscientemente a cabeça. Pensar na pobre Berenice sendo arrebanhada por esse lugar adentro como se fosse ralé. A moça devia estar furiosa.

Ela sentiu um braço forte mas meigo enlaçá-la, e deixou-se afundar em seu abraço.

— Humm — disse — isso é o que chamo de mudança agradável.

— Depois do que tive de ver lá embaixo, preciso de um bálsamo — disse-lhe Marshall.

Ela colocou o braço em volta dele e o puxou para perto de si.

— É isto o que acontece todos os anos? — perguntou ela.

— Não, ouvi dizer que piora cada vez mais —. Kate meneou a cabeça outra vez, e Marshall acrescentou: — Mas o *Clarim* terá algo a dizer sobre isso. Ashton bem que poderia usar uma mudança de direção; a esta altura, eles já deviam estar enxergando isso.

— Como está Berenice?

— Ela será um colosso de redatora por uns

tempos. Está bem. Sobreviverá.

— Você vai conversar com alguém a respeito de tudo isso?

— Alf Brummel não está por aí. Ele é sabido. Mas eu o pegarei mais tarde hoje e verei o que posso fazer. E não me importaria de receber meus vinte dólares de volta.

— Bem, ele deve estar ocupado. Eu detestaria ser o delegado num dia como hoje.

— Oh, ele detestará o cargo muito mais se isso estiver em meu poder.

A volta de Berenice de uma noite de encarceramento foi marcada por um semblante carregado e passos secos, batendo com força no linóleo. Ela também carregava um saco de papel, furiosamente rebuscando dentro dele para assegurar-se de que continha todas as suas coisas.

Kate estendeu os braços a fim de dar um abraço reconfortante em Berenice.

— Berenice, como está?

— Brummel é um nome que logo será lama, o nome do prefeito será estéreo, e não poderei imprimir o que o nome daquele tira será. Estou indignada, posso estar constipada e preciso desesperadamente de um banho.

— Olhe — disse Marshall — desconte a raiva na máquina de escrever, dê uns tapas nas moscas. Preciso dessa história do Festival para a edição de terça-feira.

Berenice imediatamente rebuscou os bolsos e puxou para fora um punhado de papel higiênico amassado, colocando-o com força na mão de Marshall.

— Sua fiel repórter, sempre a postos — disse ela. — O que mais havia para fazer lá além de olhar a parede

descascar e esperar em fila a minha vez de usar o vaso sanitário? Desconfio que vai achar toda a reportagem bem descritiva, e dei um jeito de inserir algumas entrevistas in *loco* com umas prostitutas presas para dar mais sabor. Quem sabe? Talvez uma reportagem dessas faça esta cidade perguntar-se onde chegou.

— Alguma foto? — perguntou Marshall. A moça entregou-lhe um rolo de filme.

— Você deve encontrar algo aí que possa usar. Ainda estou com filme na máquina mas esse é de interesse pessoal para mim.

Marshall sorriu. Estava bem impressionado.

— Tire folga hoje, por minha conta. As coisas parecerão melhores amanhã.

— Talvez até lá eu já tenha recobrado minha objetividade profissional.

— Vai cheirar melhor.

— Marshall! — disse Kate.

— Tudo bem — disse Berenice. — Ele me joga esse tipo de coisa o tempo todo.

A essa altura, ela havia apanhado a bolsa, a carteira de jornalista e a máquina e jogou vingativamente o saco da papel amassado numa lata de lixo, perguntando:

— E como está a situação de transporte?

— Kate trouxe o seu carro — explicou Marshall. — Se você lhe desse uma carona até a casa, seria melhor para mim. Tenho de ver se consigo resolver as coisas lá no jornal e depois vou tentar encontrar Brummel.

Os pensamentos de Berenice engataram prontamente nessa marcha.

— Brummel, certo! Tenho de falar com você.

Ela começou a arrastar Marshall para o lado antes que este pudesse dizer sim ou não, e ele conseguiu apenas dar uma olhada em Kate pedindo desculpas antes que Berenice e ele dobrassem um canto e ficassem fora de vista, perto dos banheiros.

Berenice abaixou a voz.

— Se você vai falar com o Delegado Brummel hoje, quero que fique sabendo o que eu sei.

— Além do óbvio?

— Que ele é um ordinário, um covarde e um cretino? Sim, além disso tudo. São pedaços, observações desconexas, mas talvez venham a ter sentido algum dia. Você disse que eu sou boa para enxergar detalhes. Acho que vi o seu pastor e ele juntos na folia ontem à noite.

— O pastor Young?

— A Igreja Cristã Unida de Ashton, certo? Presidente do corpo local de pastores, endossa tolerância religiosa e condena a crueldade para com animais.

— Sim, isso mesmo.

— Mas Brummel nem vai à sua igreja, vai?

— Não, ele vai àquela igreja pequenina.

— Eles estavam lá atrás da barraca dos dardos, em quase total escuridão, com três outras pessoas, uma loira, um velhote baixote e atarracado, e uma víbora que mais parecia um fantasma, de cabelos pretos e óculos escuros. Óculos escuros de noite!

Marshall ainda não estava impressionado.

Ela continuou como se estivesse tentando vender-lhe algo.

— Acho que cometi um pecado capital contra eles: tirei uma foto, e, pelo que pude perceber, não gostaram

nada. Brummel ficou bem nervoso e, ao falar comigo, gaguejava. Young pediu-me em tom firme que saísse, dizendo: “Esta é uma reunião particular.” O gorducho deu-me as costas e a mulher fantasmagórica ficou simplesmente a olhar para mim com a boca aberta.

— Você já pensou em como encarará tudo isso depois de um bom banho e uma noite decente de sono?

— Espere eu terminar e então saberemos, está bem? Ora, foi logo depois daquele pequeno incidente que Nancy e Rosie se agarraram a mim. O que quero dizer é que não fui eu que as procurei, elas me procuraram, e logo a seguir fui presa e minha máquina confiscada.

Ela percebeu que não estava conseguindo fazer que ele compreendesse. Ele olhava impaciente ao redor, o corpo já inclinado de volta na direção do vestíbulo.

— Está bem, está bem, só mais uma coisa — disse ela, tentando segurá-lo ali. — Brummel estava lá, Marshall. Ele viu tudo.

— Tudo o quê?

— Eu ser presa! Eu estava tentando explicar quem era ao tira, estava tentando mostrar-lhe minha carteira de jornalista, mas ele apenas me tomou a bolsa e a máquina e me algemou. Olhei para o lado da barraca de dardos de novo e vi Brummel observando tudo. Ele sumiu imediatamente, mas juro que o vi olhando tudo o que estava acontecendo! Marshall, repassei tudo o que aconteceu ontem à noite, e examinei tudo, e examinei novamente e acho... bem, não sei o que pensar, mas tem de significar alguma coisa.

— Para completar o cenário — aventurou Marshall — o filme da sua máquina sumiu.

Berenice examinou a máquina.

— Oh, ainda está aqui, mas isso não quer dizer nada.

Hogan deu um suspiro enquanto considerava o que ela havia dito.

— Está bem, tire o restante das fotos, e veja se arranja algo que possamos usar, certo? Depois revele o filme e então veremos. Podemos ir?

— Será que eu já cometi erros impulsivos, imprudentes, por excesso de confiança como este antes?

— Claro que sim.

— Ora, faça-me o favor! Não dá para confiar um pouquinho, pelo menos desta vez?

— Tentarei fechar os olhos.

— Sua esposa está esperando.

— Eu sei, eu sei.

Marshall não sabia bem o que dizer a Kate quando se reuniram a ela.

— Desculpe o que aconteceu... — murmurou ele.

— Então — disse Kate, tentando apanhar o assunto no ponto em que haviam interrompido — estávamos falando de condução. Berenice, tive de trazer seu carro aqui para você tê-lo a fim de ir para casa. Se você me deixar em casa...

— Sim, certo, certo — disse Berenice.

— E, Marshall, tenho uma porção de coisas que fazer hoje à tarde. Você pode apanhar a Sandy depois da aula de psicologia dela?

Marshall não disse nada, mas seu rosto mostrava um sonoro não. Kate pegou um molho de chaves na bolsa e o entregou a Berenice.

— Seu carro está logo ali na esquina, próximo do nosso, no espaço reservado à imprensa. Por que você não vai buscá-lo?

Berenice entendeu a deixa e saiu. Kate segurou Marshall com um braço amoroso e examinou seu rosto por um momento.

— Ei, vamos. Tente. Pelo menos uma vez.

— Mas brigas de galo são ilegais neste estado.

— Se quiser saber o que penso, ela puxou o pai.

— Não sei por onde começar — disse ele.

— Estar lá para apanhá-la significará algo. Aproveite a chance. Enquanto se encaminhavam na direção da porta, Marshall, correndo os olhos ao redor, deixou seus instintos examinarem a situação.

— Você entende esta cidade, Kate? — disse, afinal. — É como um tipo de doença. Todo o mundo por aqui está com a mesma moléstia esquisita.

Uma manhã ensolarada sempre ajuda a fazer com que os problemas da noite anterior pareçam menos graves. Era nisso que Hank Busche estava pensando ao abrir a porta de tela da frente da casa e pisar no pequeno degrau de concreto. Ele morava numa casa de um quarto, de baixo aluguel, não longe da igreja, uma caixinha branca plantada numa esquina, paredes chanfradas por fora, com pequeno quintal limitado por uma cerca viva, e um teto sujo. Não era muita coisa, e às vezes parecia menos ainda, mas era o máximo que o seu salário de pastor lhe permitia. Ora, ele não estava reclamando. Ele e Mary se encontravam confortáveis e abrigados, e a manhã estava linda.

Esse era o dia em que podiam dormir até mais tarde, e dois litros de leite esperavam na base dos degraus. Ele os apanhou, antecipando o prazer de uma tigela de cereal encharcado em leite, pequena distração de suas provações e tribulações.

Ele já tinha passado por dificuldades antes. Seu pai havia sido pastor enquanto Hank era menino, e os dois haviam atravessado juntos muita glória e muitos apertos, do tipo ligado a plantar igrejas, pastorear, ser pregador itinerante. Hank soubera desde criança que essa era a vida que queria, a forma pela qual desejava servir ao Senhor. Para ele, a igreja sempre fora um lugar muito emocionante onde se trabalhar. Fora emocionante ajudar o pai nos primeiros anos, emocionante passar pela faculdade bíblica e depois pelo seminário, e então dois anos como pastor estagiário. Era emocionante também agora, mas lembrava a esfuziante sensação que os texanos devem ter sentido no Álamo. Hank tinha apenas vinte e seis anos, e geralmente era cheio de ardente entusiasmo; mas este pastorado, o primeiro, parecia um lugar difícil de pegar fogo. Alguém havia apagado o último resquício de chama, e ele não sabia o que pensar a respeito. Por algum motivo, havia sido eleito pastor, o que significava que alguém nessa igreja desejava o seu tipo de ministério, mas então havia os outros, aqueles que... tornavam a coisa emocionante. Tornavam-na emocionante todas as vezes que ele pregava acerca do arrependimento; tornavam-na emocionante todas as vezes que ele confrontava o pecado na comunidade; tornavam-na emocionante todas as vezes que ele falava da cruz de Cristo e da mensagem da salvação. Nesse ponto, era mais a fé e a segurança que Hank tinha no fato de estar onde Deus queria que estivesse do que outro fator qualquer que o mantinha firme nos seus propósitos, inabalavelmente em pé, apesar de atacado. Ora, bem, pensou Hank consigo mesmo, pelo menos desfrute a manhã. O Senhor a colocou aqui para você. Tivesse ele entrado de costas na casa sem se voltar, ter-se-ia poupado um insulto, e mantido seu espírito leve. Mas ele se voltou para entrar, e imediatamente viu as imensas letras, negras, escorridas, pichadas na frente da casa: “VOCÊ É UM HOMEM MORTO, ...” A última palavra era

obscena. Os seus olhos viram aquilo, e então correram lentamente de um lado a outro da casa, absorvendo tudo o que viam. Era uma dessas coisas que demora para registrar. Tudo o que ele pôde fazer foi ficar parado um instante, primeiro tentado imaginar quem teria feito aquilo, depois querendo saber por que, e então querendo saber se daria para limpar. Ele olhou mais de perto, tocou as letras com o dedo. Tinha de ter sido feito durante a noite; já estava bem seco.

— Benzinho — veio de dentro a voz de Mary — você está com a porta aberta.

— Hummmmm... — foi tudo o que ele disse, não tendo palavra melhor. Realmente não queria que ela soubesse.

Entrou em casa, fechou com firmeza a porta e reuniu-se a Mary, linda jovem de cabelos longos, para o desjejum: uma tigela de cereal e torradas quentes com manteiga.

Aqui, apesar de um céu nublado, Hank tinha um cantinho ensolarado que era a mimosa e brincalhona esposa, com sua risadinha melodiosa. Ela era uma boneca e possuía fibra também. Hank muitas vezes sentia remorsos pelo fato de ela ter de enfrentar as lutas que estavam enfrentando. Afinal, ela podia ter-se casado com um contador ou com um vendedor de seguros, estável e maçante, mas ela lhe fornecia tremendo apoio, sempre presente, sempre acreditando que Deus daria um jeito e sempre acreditando em Hank também.

— O que há de errado? — perguntou ela de imediato.

Bolas! Faço o que posso para esconder, tento agir normalmente, mas mesmo *assim* ela percebe, pensou Hank.

— Hummmmm... — começou ele a dizer.

— Ainda chateado com a reunião do conselho? Ái está a sua saída, Busche.

— Claro, um pouco.

— Nem ouvi você chegar ontem à noite. A reunião durou até muito tarde?

— Não. Alf Brummel teve de sair para uma reunião importante da qual ele não quis falar, e os outros, você sabe como é, apenas disseram o que queriam e se foram, deixando-me ali para me recuperar por conta própria. Fiquei por lá e orei durante algum tempo. Acho que funcionou. Senti-me bem depois.

Ele se animou um pouquinho.

— Para falar a verdade, realmente senti que o Senhor me confortava ontem à noite.

— Acho que eles escolheram uma hora bem esquisita para convocar uma reunião do conselho, logo durante o Festival — disse ela.

— E na noite de domingo! — disse ele através dos flocos de milho. — Eu mal tinha acabado de dar início ao culto e lá estavam eles convocando uma reunião.

— A respeito da mesma coisa?

— É, acho que estão apenas usando Lou como desculpa para causarem encrenca.

— Bem, o que você lhes disse?

— A mesma coisa, vez após vez. Apenas fizemos o que a Bíblia manda: eu procurei o Lou, depois eu e o John procuramos o Lou, e depois apresentamos o problema ao restante da igreja, e então nós, bem, nós o eliminamos da comunhão.

— Bem, parecia mesmo ser o que a congregação decidiu. Mas por que o conselho não consegue acatar a decisão?

— Eles não sabem ler. Os Dez Mandamentos não fazem referência ao adultério?

— Eu sei, eu sei.

Hank pôs a colher na mesa a fim de poder gesticular melhor.

— E eles estavam bravos comigo ontem à noite! Começaram a jogar todo aquele negócio de não julgar para não ser julgado para cima de mim...

— Quem?

— Ora, a mesma panelinha do Brummel: Alf, Sam Turner, Gordon

Mayer... você sabe, a Velha Guarda.

— Bem, não deixe que eles o intimidem!

— Pelo menos não me farão mudar de idéia. Mas não sei que tipo de segurança no emprego essa atitude me garante.

Agora Mary estava ficando indignada.

— Bem, não dá para entender o que há de errado com Alf Brummel. Será que ele tem algo contra a Bíblia ou a verdade ou o quê? Se não fosse essa questão, certamente seria alguma outra coisa!

— Jesus o ama, Mary — acautelou Hank. — Acontece que ele se acha sob pesada condenação, é culpado, é pecador, e sabe disso, e gente como nós sempre há de incomodar gente como ele. O pastor anterior pregou a Palavra e Alf não gostou. Agora eu estou pregando a Palavra e ele continua a não gostar. Ele tem muita influência na igreja, por isso acho que pensa que pode ditar o que sai do púlpito.

— Mas não pode, ora essa!

— Não no meu caso, pelo menos.

— Então por que ele não procura outra igreja?

Hank estendeu o dedo, de modo dramático.

— Essa, cara esposa, é uma boa pergunta! Parece haver um método na loucura dele, como se fosse sua missão na vida destruir pastores.

— É apenas o quadro que eles pintam de você. Você não é assim!

— Hummmm... sim, pintar. Você está pronta?

— Pronta para quê?

Hank inspirou fundo, expeliu o ar, e então olhou para ela.

— Tivemos uns visitantes durante a noite. Eles... eles picharam a frente da casa.

— O quê? *Nossa* casa?

— Bem... a casa do nosso senhorio. Ela se ergueu.

— Onde? — perguntou, dirigindo-se à porta da frente, os chinelos felpudos raspando na calçada.

— Oh, não!

Hank juntou-se a ela e, juntos, absorveram o quadro. Ainda estava lá, mais real do que nunca.

— Ora, isso me deixa fula da vida! — declarou ela, mas agora estava chorando. — O que fizemos para merecer isso?

— Acho que estávamos falando sobre esse assunto agora mesmo — sugeriu Hank.

Mary não entendeu o que ele disse, mas tinha uma teoria própria, a mais óbvia de todas.

— Talvez o Festival... ele sempre traz à tona o que há de pior nas pessoas.

Hank tinha sua própria teoria, mas nada disse. Tinha de ser alguém da igreja, pensou. Ele havia sido chamado de uma porção de coisas: hipócrita, molóide,

encrenqueiro ultramoralista. Havia até sido acusado de ser homossexual e de bater na esposa. Algum membro da igreja, enraivecido, podia ter pichado a parede, talvez um amigo de Lou Stanley, o adúltero, talvez o próprio Lou. Ele provavelmente jamais viria a saber, mas tudo bem. Deus sabia.

3

A poucos quilômetros da cidade, na Rodovia 27, uma grande limusine preta deslizava rapidamente pela paisagem campestre. No luxuoso banco traseiro, um rechonchudo homem de meia-idade falava de negócios com a secretária, uma mulher alta e esguia de longos cabelos negros e tez pálida. Falando nítida e sucintamente enquanto ela tomava notas em fluida estenografia, ele planejava uma transação comercial de grande porte. Então algo aconteceu ao homem.

— Isso me faz lembrar — disse ele, e a secretária ergueu os olhos do bloco de anotações. — A professora alega ter-me mandado um pacote há algum tempo, mas não me recordo de tê-lo recebido.

— Que tipo de pacote?

— Um livrinho. Um item pessoal. Tente lembrar-se de procurá-lo quando estiver de volta à fazenda?

A secretária abriu a pasta e deu a impressão de ter anotado alguma coisa. Na realidade, não escreveu nada.

Era a segunda visita que Marshall fazia à Praça do Tribunal no mesmo dia. A primeira vez havia sido para tirar Berenice da cadeia, e agora fazia uma visita a exatamente ao mesmo homem que Berenice queria

enforcar: Alf Brummel, o Delegado. Depois que o *Clarim* finalmente foi para a tipografia, Marshall estava prestes a chamar Brummel, mas Sara, a secretária de Brummel, chamara Marshall primeiro e marcara um encontro entre os dois para as duas horas da tarde naquele mesmo dia. Havia sido uma boa jogada, pensou Marshall. Brummel estava pedindo tréguas antes que os tanques começassem a rolar.

Estacionou no lugar que lhe era reservado na frente do novo edifício do tribunal e fez uma pausa ao lado do carro a fim de olhar para cima e para baixo na rua, avaliando o que restara da agonia da noite de domingo, a última do Festival. A rua principal procurava ser a mesma de sempre, mas aos olhos perspicazes de Marshall a cidade toda parecia estar mancando, meio cansada, dolorida, morosa. Os mesmos grupinhos de pedestres geralmente meio apressados paravam, olhavam, meneavam a cabeça e lamentavam. Por gerações, Ashton se havia orgulhado do calor e dignidade do seu povo e se havia esforçado em ser um bom lugar onde seus filhos crescessem. Mas agora havia tumultos íntimos, ansiedades, receios, como se algum tipo de câncer a estivesse corroendo e destruindo-a invisivelmente. Por fora havia as vitrinas, agora substituídas por feios tapumes. Os medidores de estacionamento estavam quebrados, o lixo e cacos de vidro se espalhavam por toda a rua. Mas mesmo enquanto os lojistas e os comerciantes varriam o entulho, parecia haver uma silenciosa certeza de que os problemas internos permaneceriam, as dificuldades continuariam. Os crimes estavam aumentando, especialmente entre os jovens; a confiança comum e simples no próximo estava diminuindo; nunca a cidade estivera tão cheia de boatos, escândalos e fofocas maliciosas. À sombra do medo e da suspeita, a vida estava aos poucos perdendo a sua alegria e simplicidade, e ninguém parecia saber por que nem como.

Marshall dirigiu-se à Praça do Tribunal. A praça consistia de dois prédios, agradavelmente guarnecidos de chorões e arbustos, de frente para um estacionamento comum aos dois. Em um lado estava o elegante prédio do Tribunal, dois andares de tijolo à vista, que também abrigava o Departamento de Polícia e um porão um tanto decadente com seu bloco de celas. Um dos três carros policiais estava estacionado do lado de fora. No outro lado encontrava-se o prédio da Prefeitura, de dois andares e frente de vidro, que abrigava o gabinete do Prefeito, a câmara dos vereadores, e outras autoridades. Marshall dirigiu-se ao Tribunal.

Passando por uma entrada simples e modesta marcada "Polícia", ele encontrou vazia a pequena área de recepção. Ele podia ouvir vozes vindas do corredor detrás de algumas das portas fechadas, mas Sara, a secretária, parecia ter deixado temporariamente a sala.

Não — atrás do balcão recoberto de fórmica da recepcionista um enorme arquivo balançava lentamente para a frente e para trás, e grunhidos e gemidos vinham lá de baixo. Marshall inclinou-se sobre o balcão e deparou com uma cena cômica. Sara, de joelhos, não obstante a saia que usava, tramava furiosa luta com uma gaveta do arquivo que se enroscara na sua mesa. Aparentemente, a contagem era Gavetas do Arquivo 3 X Canelas de Sara O, e Sara era má perdedora, assim como o era a sua meia-calça.

Em má hora ela soltou uma imprecação, e então percebeu que ele estava em pé ali, mas já era tarde demais para recobrar a costumeira pose.

— Oh, alô, Marshall...

— Da próxima vez use botas de combate. Elas são mais apropriadas para colocar as coisas no lugar a pontapés.

Pelos menos eles se conheciam, e Sara estava grata por isso. Marshall já havia aparecido neste lugar vezes suficientes para ficar conhecendo bem a maioria do pessoal que trabalhava aqui.

— Estes — disse ela no eloqüente tom de guia turística — são os infames arquivos do Sr. Alf Brummel, Delegado de Polícia. Ele acabou de conseguir uns belos arquivos novos, e eu herdei estes aqui! Por que preciso deles em meu escritório é algo que não consigo entender, mas tenho ordens expressas do chefe, e aqui eles têm de ficar!

— São feios demais para o escritório *dele.*

— Mas a cor cáqui... é ele, sabe? Ora, talvez uma pintura e uns decalques os deixem um pouco mais alegres. Se vão se mudar para cá, o mínimo que podem fazer é sorrir.

Naquele instante, o telefone interno tocou. Ela apertou o botão e atendeu.

— Sim, senhor?

A voz ríspida de Brummel gritou da caixinha:

— Ei, o meu alarme de segurança está piscando...

— Desculpe, fui eu que o acionei. Estava tentando fechar uma das gavetas do seu arquivo.

— Está bem, certo. Olhe, veja se dá um novo arranjo às coisas, sim?

— Marshall Hogan está aqui e deseja vê-lo.

— Oh, muito bem. Mande-o entrar.

Ela olhou para Marshall e apenas meneou a cabeça pateticamente.

— Você não está precisando de uma secretária? — murmurou. Marshall sorriu. Ela explicou:

— Ele botou esse arquivo junto do botão de

alarme silencioso. Toda vez que abro uma gaveta, cercam o prédio inteiro.

Com um aceno de despedida, Marshall dirigiu-se à porta do primeiro escritório e entrou no gabinete de Brummel. Alf Brummel se pôs em pé e estendeu a mão, o rosto explodindo em um largo sorriso que punha à mostra os dentes brancos como marfim.

— Ei, aí está o homem!

— Olá, Alf.

Apertaram-se as mãos enquanto Brummel fazia Marshall entrar e fechava a porta. O Delegado era um homem dos seus trinta e poucos anos, solteiro, ex-tira de cidade grande levando um tipo de vida extravagante que desmentia o seu salário de policial. Ele sempre dava a impressão de ser um cara amigo, mas Marshall nunca havia conseguido confiar realmente nele. Pensando bem, nem mesmo gostava muito do homem. Muito dente à mostra por qualquer coisa.

— Bem — sorriu Brummel — sente-se, sente-se.

E mesmo antes de se afundarem nas poltronas, ele estava falando novamente.

— Parece que cometemos um engano cômico este fim-de-semana. Marshall lembrou-se da cena de sua repórter na cela das prostitutas.

— Berenice não riu a noite toda, e acabei ficando vinte e cinco dólares mais pobre.

— Bem — disse Brummel, abrindo a gaveta superior da escrivaninha — é por isso que estamos fazendo esta reunião, para esclarecer o embrulhada toda. Tome. Ele apanhou um cheque e o estendeu a Marshall.

— É a restituição do dinheiro que você pagou pela fiança, e quero que saiba que Berenice vai receber uma

retratação oficial assinada por mim e por este gabinete. Mas, Marshall, por favor, diga-me o que aconteceu. Se ao menos eu estivesse por lá, teria podido evitar a coisa.

— Berenice diz que você *estava* lá.

— Eu? Onde? Sei que entrei na delegacia e saí dela a noite toda, mas...

— Não, ela viu você no Festival. Brummel forçou um sorriso mais amplo.

— Bem, não sei quem ela viu na realidade, mas eu não fui ao Festival ontem à noite. Estive ocupado por aqui.

Marshall estava agora embalado demais para voltar atrás.

— Ela viu você bem na hora em que estava sendo presa. Brummel pareceu não ouvir essa última declaração.

— Mas continue, conte-me o que aconteceu. Preciso chegar à raiz dessa confusão.

Marshall sustou bruscamente o ataque. Não sabia por quê. Talvez fosse por cortesia. Talvez por intimidação. Qualquer que fosse o motivo, ele começou a desfiar a história direitinho, quase como um noticiário, exatamente da maneira que Berenice lhe havia contado, mas cautelosamente deixou de fora os detalhes incriminadores acrescentados por ela. Enquanto falava, seus olhos estudavam Brummel, o escritório, e todo e qualquer detalhe específico da decoração, a organização das peças do mobiliário, a agenda. Era quase um reflexo. Com o passar dos anos, ele tinha adquirido a habilidade de observar e acumular informação sem dar a impressão de estar agindo assim. Talvez fosse por não confiar no homem, mas mesmo que confiasse, uma vez repórter, sempre repórter. Dava para ver que o escritório de Brummel pertencia a pessoa exigente, desde a

escrivaninha muito polida, muito em ordem até os lápis, perfeitamente apontados.

Ao longo da parede, onde os feios arquivos costumavam estar, via-se um lindo conjunto de estantes e armários de carvalho, com portas de vidro e ferragens de bronze.

— Puxa, você está melhorando de vida, hein, Alf? — gracejou Marshall, olhando na direção das estantes.

— Gosta delas?

— Muito. O que são?

— Um belo substituto daqueles velhos arquivos. Servem para mostrar o que a gente consegue, se economizar os tostões. Eu detestava ter aqueles arquivos aqui dentro. Acho que um escritório deve ter um pouco de classe, certo?

— Sim, é isso mesmo, claro. Nossa, você tem a sua própria copiadora. ..

— Sim, e estantes, mais lugar para guardar as coisas.

— E outro telefone?

— Telefone?

— O que é aquele fio saindo da parede?

— Oh, aquilo é para a cafeteira elétrica. Mas de que mesmo estávamos falando?

— Sim, sim, o que aconteceu a Berenice... — e Marshall continuou a narrativa. Ele tinha bastante prática em ler de cabeça para baixo, e enquanto continuava a falar, correu os olhos pela agenda na escrivaninha de Brummel. As tardes das terças-feiras se destacavam por estarem sempre em branco, embora não fosse esse o dia de folga do Delegado. Uma terça-feira, contudo, tinha uma hora marcada: o Rev. Oliver Young, às 2 da tarde.

— Oh — disse com naturalidade — vai fazer uma visita ao meu pastor amanhã?

Percebeu imediatamente que havia ultrapassado os limites; Brummel demonstrou surpresa e irritação ao mesmo tempo. O Delegado mostrou os dentes num sorriso forçado, e disse:

— Oh, sim, Oliver Young é o seu pastor, não é?

— Vocês se conhecem?

— Não muito bem. Já nos encontramos algumas vezes, profissionalmente, acho eu...

— Mas você não freqüenta a outra igreja, aquela pequenina?

— Sim, a da Comunidade de Ashton. Mas, continue, vamos ouvir o resto do que aconteceu.

Marshall estava impressionado com a facilidade com que esse sujeito se perturbava, mas tentou não contestá-lo mais. Pelo menos, não por enquanto. Em vez disso, ele continuou a narrativa do ponto onde havia interrompido e arrematou-a com capricho, incluindo a ira da moça. Percebeu que Brummel havia descoberto alguns importantes papéis que precisava examinar, papéis que cobriram o calendário sobre a escrivaninha.

Marshall perguntou:

— Diga, quem foi esse tira cheio de si que não deixou Berenice se identificar?

— Um cara de fora, nem mesmo era do nosso pelotão local. Se Berenice nos puder dar o nome ou o número da insígnia, farei com que ele seja repreendido pelo seu comportamento. Veja, tivemos de trazer alguns auxiliares de Windsor a fim de reforçar as coisas durante o Festival. Quanto ao pessoal daqui, nossos homens sabem muito bem quem é Berenice Krueger. Brummel proferiu a última sentença com um toque de

ferocidade.

— Então, por que não é ela quem está sentada aqui ouvindo todas essas desculpas em vez de mim?

Brummel inclinou-se para a frente com um ar bem sério.

— Achei que seria melhor falar com você, Marshall, em vez de fazê-la desfilar por este escritório, já um tanto estigmatizada. Suponho que você saiba por quantas aquela garota tem passado.

Está bem, pensou Marshall, perguntarei.

— Estou há pouco tempo na cidade, Alf.

— Ela não lhe contou?

— E você adoraria fazê-lo?

Saiu sem querer, e doeu. Brummel afundou-se de volta na cadeira e estudou o rosto de Marshall.

Nesse exato momento, Marshall estava pensando que não se arrependia do que tinha dito.

— Estou aborrecido, caso você não tenha percebido. Brummel iniciou um novo parágrafo.

— Marshall... eu quis vê-lo hoje pessoalmente porque queria... consertar esse negócio.

— Então, vamos ouvir o que você tem a dizer sobre Berenice. Brummel, é melhor você escolher com cuidado as palavras, pensou

Marshall.

— Bem... — gaguejou Brummel, subitamente colocado em cheque. — Achei que você poderia querer saber o que aconteceu caso você viesse a achar a informação útil ao lidar com ela. Sabe, foi diversos meses antes de você assumir o jornal que ela veio a Ashton. Apenas poucas semanas antes da sua chegada, a irmã dela, que fazia faculdade, suicidou-se. Berenice

veio a Ashton cheia de fúria vingativa, tentando solucionar o mistério em torno da morte da irmã, mas... todos nós sabíamos que era apenas uma dessas coisas que acontecem, para as quais nunca haverá explicação.

Marshall nada disse por espaço significativo de tempo.

— Eu não sabia disso.

A voz de Brummel era baixa e pesarosa, ao dizer:

— Ela tinha certeza de que havia algum tipo de sujeira envolvida. Foi uma investigação bem agressiva a que ela conduziu.

— Bem, ela tem mesmo o faro de repórter.

— Ter, isso ela tem. Mas veja, Marshall... a prisão, foi um engano, um engano humilhante, para falar a verdade. Realmente não achei que ela desejasse ver o interior deste prédio tão cedo. Compreende agora?

Mas Marshall não estava certo de compreender. Nem mesmo estava certo de ter ouvido tudo o que fora dito. De repente, ele se sentiu muito fraco, e não conseguia descobrir aonde sua raiva fora parar tão depressa. E que dizer das suas suspeitas? Ele sabia que não acreditava em tudo que aquele sujeito estava dizendo... ou acreditava? Sabia que Brummel havia mentido a respeito de não estar no Festival... mas havia mesmo?

Ou será que não ouvi direito o que ele disse? Ou... onde é mesmo que estávamos? Vamos lá, Hogan, você não dormiu direito a noite passada?

— Marshall?

Marshall olhou bem nos olhos cinzentos e atentos de Brummel, e sentiu-se meio amortecido, como se estivesse sonhando.

— Marshall — disse Brummel — espero que

compreenda. Agora você compreende, não é?

Marshall precisou obrigar-se a pensar, e percebeu que era mais fácil se não olhasse diretamente nos olhos de Brummel por um momento.

— Uhm... — Era um começo idiota, mas era o máximo que conseguiu pôr para fora. — É, sim, Alf, acho que percebo o que quer dizer. Suponho que agiu corretamente.

— Mas realmente quero acertar todo esse negócio, especialmente entre nós dois.

— Ora, não se preocupe. Não é assim tão importante.

Mesmo enquanto estava dizendo isso, Marshall se perguntava se realmente havia dito essas palavras. Os grandes dentes de Brummel tornaram a surgir.

— Fico muito contente em ouvir isso, Marshall.

— Mas, olhe, você poderia pelo menos ligar para ela. Ela foi atingida de uma forma bem pessoal, não acha?

— É o que farei, Marshall.

Depois disso, Brummel inclinou-se para a frente com um sorriso estranho no rosto, as mãos fortemente entrelaçadas sobre a escrivaninha e os olhos cinzentos prendendo Marshall naquele mesmo olhar entorpecente, penetrante, estranhamente calmante.

— Marshall, falemos agora de você e do resto desta cidade. Sabe, estamos realmente contentes em tê-lo aqui para assumir o *Clarim.* Sabíamos que seu estilo refrescante de jornalismo seria bom para a comunidade. Vou ser franco em dizer que o último redator foi... um tanto prejudicial ao ânimo da cidade, principalmente no fim.

Marshall sentiu-se levado na onda dessa

conversa, mas podia perceber que aí vinha algo. Brummel continuou:

— Precisamos do seu tipo de classe, Marshall. Você dispõe de grande poder que pode exercer através da imprensa, e todos sabemos disso, mas é necessário o homem certo para manter esse poder direcionado no rumo certo, para o bem comum. Todos nós nos cargos públicos estamos aqui para servir aos melhores interesses da comunidade, da raça humana se pensarmos bem no assunto. Mas você também, Marshall. Você está aqui para o bem do povo, da mesma forma que o restante de nós.

Brummel passou os dedos pelo cabelos, um gesto nervoso, e então perguntou:

— Bem, entende o que estou dizendo?

— Não.

— Bem... — Brummel tentou encontrar um novo ponto de partida. — Acho que é como você disse, faz pouco tempo que chegou aqui. Será que é melhor eu ir diretamente ao assunto?

Marshall deu de ombros como a dizer “por que não?” e deixou Brummel continuar.

— Esta é uma cidade pequena, antes de tudo, o que significa que um problemazinho qualquer, mesmo entre um punhado de pessoas, vai atingir e preocupar quase todas as outras pessoas. E a gente não pode-se esconder por trás do anonimato simplesmente por que ele não existe. Ora, o antigo redator não entendia isso e realmente causou alguns problemas que prejudicaram toda a população. Ele era um demagogo patológico. Destruiu a fé que as pessoas tinham no governo local, nos funcionários públicos, umas nas outras, e, por fim, nele próprio. Foi algo que doeu. Foi uma ferida no nosso lado, e está demorando para todos nós nos recuperarmos. Completando, deixe-me dizer-lhe que,

para sua informação, aquele homem finalmente teve de sair da cidade coberto de vergonha. Ele molestou uma menina de doze anos. Tentei evitar a repercussão do caso tanto quanto possível. Mas nesta cidade foi realmente desajeitado, difícil. Fiz o que achei que causaria a menor aflição e dor à família e às pessoas em geral. Não levei a queixa judicial contra esse homem adiante, contanto que ele deixasse Ashton e nunca mais pusesse os pés aqui. Ele concordou com essa condição. Mas jamais me esquecerei do choque que causou, e duvido que a cidade tenha esquecido.

— E isso nos traz de volta a você, e nós, os servidores do público, e também aos membros desta comunidade. Uma das maiores razões pelas quais essa confusão com Berenice me deixa chateado é por realmente desejar um bom relacionamento entre este gabinete e o *Clarim,* entre mim e você, pessoalmente. Detestaria ver qualquer coisa estragar as coisas. Precisamos de união por aqui, camaradagem, um bom espírito de comunidade.

Ele fez uma pausa de efeito.

— Marshall, gostaríamos de saber que você está do nosso lado e trabalhando em prol desse objetivo.

Então veio a pausa e o olhar longo e cheio de expectativa. Era a vez de Marshall. Ele se remexeu um pouco na cadeira, organizando os pensamentos, sondando os sentimentos, quase evitando aqueles fixos olhos cinzentos. Talvez esse sujeito estivesse usando de franqueza, ou talvez esse pequeno discurso não passasse de uma astuta manobra diplomática visando a afastá-lo de alguma coisa que Berenice, inadvertidamente, houvesse descoberto.

Mas Marshall não conseguia pensar com coerência, nem mesmo sentir com coerência. Sua repórter tinha sido presa falsamente e jogada numa porcaria de cadeia para passar a noite, e ele já nem

parecia se importar; esse Delegado de sorriso dentuço a estava fazendo passar por mentirosa, e Marshall estava consentindo. *Vamos,* Hogan, lembra-se *do motivo* que o trouxe aqui?

Mas ele se sentia tão cansado! Ficava a relembrar o motivo de ter-se mudado para Ashton. Deveria ter sido uma mudança no estilo de vida dele e da família, um tempo para deixar de brigar e arranhar as intrigas da cidade grande e simplesmente procurar as histórias mais simples, coisas como campanha de ajuntar jornal da turma da escola e gatos que subiam nas árvores e não conseguiam descer. Talvez fosse apenas a força do hábito depois de todos os anos passados no Times que o levasse a pensar que tinha de submeter Brummel a um interrogatório. A troco de quê? Mais briga? Puxa vida, que tal um pouco de tranqüilidade e silêncio para variar?

De súbito, e contrário aos seus melhores instintos, ele soube que não havia nada com que se preocupar; o filme de Berenice estaria em ordem, e as fotos provariam que Brummel estava certo e ela errada. E Marshall realmente desejava que fosse assim.

Mas Brummel ainda estava esperando uma resposta, ainda o estava mirando com aquele olhar entorpecedor.

— Eu... — começou Marshall, e nessa hora sentiu-se tolo e desajeitado. — Olhe, estou realmente cansado de brigar, Alf. Talvez eu tenha sido criado assim, talvez tenha sido isso o que me fez sair bem no meu trabalho com o Times, mas resolvi mudar-me para cá, e isso tem de significar alguma coisa. Estou cansado, Alf, e não estou ficando mais jovem. Preciso de cura. Preciso aprender como realmente é ser humano e viver em uma cidade com outros seres humanos.

— Sim — disse Brummel — é isso aí. É exatamente isso.

— Então... não se preocupe. Como todos, vim aqui procurar paz e tranqüilidade. Não quero brigas, não quero encrencas. Nada tem a temer de minha parte.

Brummel ficou radiante e esticou a mão para selarem o acordo. Ao apertar a mão dele, Marshall sentiu-se quase como se tivesse vendido parte da alma. Será que Marshall Hogan realmente havia dito tudo aquilo? Eu devo estar cansado, pensou.

Sem o perceber, ele se encontrava em pé do lado de fora da porta de Brummel. Aparentemente, seu encontro havia terminado.

Depois que Marshall saiu e a porta foi bem fechada, Alf Brummel afundou-se em sua cadeira com um suspiro de alívio, e deixou-se apenas ficar sentado por algum tempo, fitando o espaço, recuperando-se, criando coragem para enfrentar a próxima penosa tarefa. Marshall Hogan era apenas o aquecimento, no que lhe dizia respeito. O verdadeiro teste estava por começar. Estendeu a mão ao telefone, puxou-o um pouco mais para perto, ficou a fitá-lo por uns instantes, e então discou um número.

Hank dava os últimos retoques na pintura que fazia na frente da casa quando o telefone tocou e Mary chamou, dizendo que era Alf Brummel.

Puxa, pensou Hank. E aqui estou eu, com um pincel encharcado na mão. Gostaria que ele estivesse aqui.

Ele confessou seu pecado ao Senhor enquanto se dirigia ao telefone.

— Olá — disse.

Em seu escritório, embora estivesse a sós, Brummel deu as costas à porta para tornar mais particular a conversa, e abaixou a voz ao falar.

— Oi, Hank. Aqui é o Alf. Achei que devia ligar

para você esta manhã e ver como está... depois de ontem à noite.

— Oh... — disse Hank, sentindo-se como um ratinho na boca do gato. — Acho que estou bem. Melhor, talvez.

— Então você pensou no assunto?

— Sim, claro. Pensei muito. Orei a respeito, verifiquei novamente a Palavra com relação a certas questões...

— Hummm. Parece que você não mudou de idéia.

— Bem, se a Palavra de Deus mudasse, então eu mudaria, mas acho que o Senhor não retira aquilo que disse, e você sabe em que posição isso me coloca.

— Hank, você sabe que a assembléia extraordinária será realizada sexta-feira.

— Sei.

— Hank, realmente gostaria de ajudá-lo. Não quero vê-lo destruir-se. Acho que você tem sido bom para a igreja, mas... o que posso dizer? A divisão, a murmuração... estão a ponto de acabar com a igreja.

— Quem está murmurando?

— Ora, vamos...

— E por falar nisso, quem convocou a assembléia em primeiro lugar? Você. Sam. Gordon. Não tenho dúvida de que Lou ainda esteja por trás disso tudo, bem como de quem quer que tenha pichado a frente da minha casa.

— Estamos todos preocupados, apenas isso. Você, bem, você está lutando contra o que é melhor para a igreja.

— Que engraçado! Achei que estava lutando contra *você*. Mas ouviu o que eu disse? Alguém pichou a

frente da minha casa.

— O quê? Pintou o quê?

Hank despejou tudo em cima dele. Brummel deixou escapar um gemido.

— Ah, Hank, isso é doentio!

— E Mary está-se sentindo mal, e eu também. Ponha-se em nosso lugar.

— Hank, se eu estivesse em seu lugar, reconsideraria. Não vê o que está acontecendo? Os rumores estão-se espalhando e a cidade toda está-se colocando contra você. Isso também significa que, não demora muito, e a cidade toda se porá contra a nossa igreja, e temos de sobreviver nesta cidade, Hank! Estamos aqui para ajudar as pessoas, estender as mãos para elas, não para colocar um percalço entre nós e a comunidade.

— Eu prego o evangelho de Jesus Gristo, e há um bom número de pessoas que apreciam esse fato. Onde, exatamente, está esse percalço de que você está falando?

Brummel estava ficando impaciente.

— Hank, aprenda a lição com o último pastor. Ele cometeu o mesmo erro. Veja o que lhe aconteceu.

— Foi o que fiz, aprendi com ele. Aprendi que tudo o que preciso fazer é desistir, guardar tudo, esconder a verdade em alguma gaveta para que ela não ofenda a ninguém. Então estarei bem, todo mundo gostará de mim, e seremos uma família feliz novamente. Aparentemente, Jesus estava enganado. Ele podia ter conservado uma porção de amigos se se tivesse omitido e feito o jogo político.

— Mas você quer ser crucificado!

— Eu quero salvar almas, quero convencer pecadores, quero ajudar aos crentes recém-convertidos a

crescer na fé. Se eu não fizer isso, terei muito mais a recear do que você e o resto do conselho.

— Eu não chamo isso de amor, Hank.

— Eu amo a todos vocês, Alf. É por isso que lhes dou o remédio de que precisam, e especialmente no que diz respeito ao Lou.

Brummel sacou uma arma poderosa.

— Hank, você já parou para pensar que ele pode processá-lo? Houve uma pausa no outro lado.

Finalmente, Hank respondeu:

— Não.

— Ele pode processá-lo por prejuízos, calúnia, difamação de caráter, angústia mental, e quem sabe lá o que mais?

Hank respirou fundo e apelou ao Senhor, pedindo paciência e sabedoria.

— Você está vendo qual é o problema? — disse finalmente. — É grande demais o número de pessoas que já não sabem, ou não querem saber, qual é a verdade. Não acreditamos em algo, de modo que caímos por qualquer coisa, e agora sujeitos como o Lou se metem numa confusão onde podem magoar a família, iniciar as próprias fofocas, arruinar as suas reputações, tornarem-se miseráveis em seu pecado... e depois procurar alguém em quem jogar a culpa! Quem está fazendo o que a quem?

Brummel apenas suspirou.

— Falaremos a respeito de tudo isso sexta à noite. Você estará lá?

— Sim, estarei. Estarei aconselhando alguém e depois irei à reunião. Já aconselhou alguém em sua vida?

— Não.

— Adquirimos um genuíno respeito pela verdade quando temos de ajudar a limpar vidas construídas sobre a mentira. Pense nisso.

— Hank, tenho de pensar nos desejos dos outros.

Brummel desligou ruidosamente e enxugou o suor das palmas das mãos.

4

Se alguém pudesse tê-lo visto, a impressão inicial não teria sido tanto a sua aparência de réptil verrugoso mas a maneira pela qual seu vulto parecia absorver a luz e não refleti-la, como se ele fosse mais uma sombra do que um objeto, um estranho buraco animado no espaço. Mas esse pequeno espírito era invisível aos olhos humanos, invisível e imaterial, vagueando sobre a cidade, virando deste lado e daquele, guiado pela vontade e não pelo vento, as asas rodopiantes propelindo-lhe o corpo, vibrando num borrão acinzentado.

Ele parecia um pequeno e nervoso gárgula, o couro de um negror viscoso e profundo, o corpo magro e aracnídeo: meio humano ide, meio animal, totalmente demônio. Dois enormes olhos amarelos como os de um gato saltavam-lhe da cara, disparando de um lado para o outro, espreitando, procurando. O fôlego saía-lhe em arquejos curtos e sulfurosos, visível como brilhante vapor amarelo.

Ele vigiava e acompanhava cuidadosamente a sua incumbência, o motorista de um carro marrom nas ruas de Ashton, lá embaixo.

Marshall deixou o escritório do Clarim um pouco

mais cedo naquele dia. Depois da confusão da manhã, foi uma surpresa encontrar o Clarim de terça-feira já na tipografia e o pessoal ajeitando as coisas para a sexta-feira. Um jornal de interior era exatamente o ritmo certo... talvez ele pudesse voltar a conhecer a sua filha.

Sandy. Sim, senhor, uma linda moça de cabelos cor de fogo, filha única do casal. Era um mundo de potencial, mas havia passado a maior parte da infância com uma mãe excessivamente presente e um pai excessivamente ausente. Marshall era um sucesso em Nova York, isso ele era, em quase tudo exceto em ser o pai de que Sandy precisava. Ela sempre fizera com que ele soubesse disso, mas como dizia Kate, os dois eram muito parecidos; os clamores por amor e atenção que ela emitia sempre saíam como pequenas punhaladas, e Marshall lhe dava atenção, isso dava, como cães dão a gatos.

Não vamos brigar mais, repetia ele consigo mesmo, não vamos mais implicar e arranhar e magoar. Deixe-a falar, deixe-a pôr para fora o que sente, e não seja duro com ela. Ame-a pelo que ela é, deixe que ela seja ela mesma, não tente encurralar a menina.

Era uma loucura o modo pelo qual o seu amor pela filha estava sempre a manifestar-se em forma de despeito, através de irritação e sarcasmo. Ele sabia que estava apenas tentando alcançá-la, tentando trazê-la de volta. Mas nunca funcionava. Ah, vamos, Hogan, tente, tente de novo, e não ponha tudo a perder esta vez.

Ao virar a esquerda, ele pôde ver a faculdade à frente. O campus da faculdade Whitmore não era diferente da maioria dos campus norte americanos — lindo, com prédios imponentes e antigos que levavam as pessoas a se sentir cultas só de olhá-los; amplas áreas bem gramadas, recortadas por calçadas de tijolo e pedras cuidadosamente padronizadas, margeadas por rochas, plantas e estátuas. Era tudo quanto uma boa

faculdade devia ser, inclusive as vagas limitadas a quinze minutos de estacionamento. Marshall estacionou o carro e partiu à procura do Stewart Hall, que abrigava o Departamento de Psicologia e a última aula de Sandy naquele dia.

Whitmore era uma faculdade particular, fundada na década dos vintes por um proprietário de terras como memorial a si mesmo. Olhando antigas fotos do lugar, descobria-se que alguns dos prédios de aula, de tijolo vermelho à vista e colunas brancas, eram tão antigos quanto a própria faculdade; monumentos do passado e supostos guardiões do futuro.

Era verão e o campus estava relativamente quieto.

Marshall pediu informações a um aluno que lançava discos de plástico ao ar e virou à esquerda numa rua ladeada de elmos. No fim da rua, ele encontrou o prédio que procurava, uma imponente estrutura com torres e arcadas, copiada de alguma catedral européia. Abriu as grandes portas duplas e se encontrou num saguão espaçoso e ressonante. O fechar da grande porta criou tão fragorosa reverberação contra o teto abobadado e as paredes lisas que Marshall pensou ter perturbado todas as aulas naquele andar.

Mas agora não sabia aonde ir. O lugar se compunha de três andares e cerca de trinta salas de aula, e ele não tinha a mínima idéia de qual delas era a de Sandy. Ele começou a caminhar pelo corredor, tentando abafar o ruído dos saltos dos sapatos. Nesse lugar, não se podia manter em segredo nem mesmo um arroto.

Sandy era uma caloura. A mudança da família para Ashton tinha sido um tanto tarde, e, a fim de alcançar os outros, ela se havia matriculado em cursos oferecidos durante o verão. Mas, apesar de tudo, havia sido a hora certa de transição para ela. Por enquanto ela não havia decidido em que se formar; ainda estava

tentando descobrir o que queria e fazia as matérias preliminares. Em que lugar um curso de “Psicologia do Eu” se encaixava em tudo isso era algo que Marshall não conseguia entender, mas ele e Kate não desejavam apressar a filha.

De alguma parte, vindo do fundo do cavernoso saguão ecoavam as palavras indistintas mas bem ordenadas de uma palestra, uma voz de mulher. Ele resolveu verificar. Passou pela portas de diversas salas de aula, os pequenos números pretos em ordem decrescente, depois um bebedouro, os banheiros, e uma maciça escadaria de pedra e ferro. Finalmente, ao aproximar-se da Sala 101, ele começou a distinguir as palavras da palestra.

“... assim, se nos contentarmos com uma simples fórmula ontológica, Tenso, logo existo', isso deveria pôr fim à questão. Mas ser não pressupõe *significar.*

Sim, cá estava mais daquela história de faculdade, aquele ajuntamento esquisito de palavrório complicado que impressiona as pessoas com suas conquistas acadêmicas mas não consegue arranjar-lhe um emprego que lhe pague coisa que preste. Marshall riu consigo mesmo, uma risadinha convencida. Psicologia. Se todos aqueles psicólogos conseguissem pelo menos chegar a um acordo para variar, seria bom. Primeiro Sandy deu como causa de sua atitude mal-humorada a violenta experiência do nascimento, e depois, o que tinha sido mesmo? Problemas em aprender a usar o peniquinho. A sua nova mania era auto-conhecimento, auto-estima, identidade; ela já sabia viver toda envolvida em si mesma — agora lhe ensinavam a mesma coisa na faculdade.

Ele espiou pela porta e viu um anfiteatro, com filas de assentos montados sobre níveis cada vez mais altos até chegarem ao fundo da sala, e a pequena plataforma na frente onde a professora discursava

contra um enorme quadro-negro.

"... e o significar não vem necessariamente do pensar, pois já se disse que o Ego nada tem a ver com a Mente, e que a Mente, na realidade, nega o Ego e inibe o Auto-conhecimento..."

Caramba! Ele não sabia por que, mas havia esperado encontrar uma mulher mais velha, magra, o cabelo preso num birote, usando óculos de aro de tartaruga presos a uma corrente de continhas à volta do pescoço. Mas a que ali estava era uma chocante surpresa, tirada de alguma propaganda de batom ou de roupas: longos cabelos loiros, corpo esbelto, olhos profundos, escuros, que tremiam um pouco mas certamente não necessitavam de óculos, aro de tartaruga ou não.

Então Marshall vislumbrou o chamejar de cabelos cor de fogo, e viu Sandy sentada perto da frente, ouvindo atenta, e febrilmente rabiscando anotações. Bingo! Essa tinha sido fácil. Ele resolveu entrar de mansinho e ficar ouvindo até o fim da palestra. Talvez assim descobrisse o que Sandy estava aprendendo e então teriam sobre o que conversar. Ele passou silenciosamente pela porta, e tomou um dos lugares vazios no fundo.

Foi então que aconteceu. Algum tipo de radar na cabeça da professora deve ter dado o sinal. Seus olhos convergiram sobre Marshall, sentado ali, e simplesmente não o largaram mais. Ele não tinha o mínimo desejo de chamar atenção para si — já estava recebendo demasiada atenção da classe — por isso não disse nada. Mas a professora parecia examiná-lo, perscrutando-lhe o rosto como se o conhecesse, como se estivesse tentando lembrar-se de alguém a quem conhecera antes. A expressão que repentinamente lhe assomou ao rosto provocou um calafrio em Marshall: ela dirigiu-lhe um olhar cortante, como se partisse dos olhos de um puma

acossado. Ele começou a sentir um correspondente instinto de defesa dar-lhe nó no estômago.

— O senhor deseja alguma coisa? — exigiu a professora, e tudo o que Marshall podia ver eram os dois olhos penetrantes.

— Estou apenas esperando a minha filha — respondeu ele em tom amável.

— Não quer fazer o favor de esperar lá fora? — disse ela, e não era uma pergunta.

E ele se encontrou no corredor. Encostou na parede, os olhos fixos no linóleo, os pensamentos em torvelinho, os sentidos embaralhados, o coração batendo com força. Não conseguia atinar com o motivo de estar ali, mas estava no corredor, fora da sala. Sem mais essa nem aquela. Como? O que havia acontecido? Vamos, Hogan, pare de tremer e pense!

Ele tentou repassar mentalmente o que havia acontecido, mas as coisas voltavam devagar, teimosamente, como o relembrar de um pesadelo. Os olhos daquela mulher! O modo como eles o olharam lhe disseram que, de alguma forma, ela sabia quem ele era, embora jamais se tivessem encontrado — e jamais ele vira ou sentira tanto ódio. Mas não era apenas o olhar; era também o medo; medo que foi crescendo, drenando-lhe o rosto e acelerando o coração, que o invadiu sem motivo, sem uma causa aparente. Ele tinha ficado quase morto de medo... a troco de nada! Não fazia o mínimo sentido. A vida inteira, ele jamais se havia recusado a enfrentar qualquer coisa nem tinha fugido de nada. Mas agora, pela primeira vez...

Pela primeira vez? A lembrança do olhar cinzento e fixo de Alf Brummel relampejou-lhe na mente, e a fraqueza retornou. Ele piscou tentando expulsar a imagem e respirou fundo. Onde estava a sua antiga coragem? Será que a havia deixado no escritório de

Brummel?

Mas ele não tinha conclusões, teorias, explicações, apenas escárnio para consigo. Murmurou: “Pois é, cedi novamente, como uma árvore podre” e, como uma árvore podre, encostou-se à parede e esperou.

Em poucos minutos a porta que dava para o anfiteatro abriu-se e os alunos começaram a espalhar-se em todas as direções, como abelhas saindo da colméia. Eles o ignoraram de modo tão completo que Marshall se sentiu invisível, mas isso era ótimo para ele no momento.

Então Sandy apareceu. Ele se endireitou, encaminhou-se na direção dela, começou a dizer alô... e ela passou direto por ele! Não parou, não sorriu, nem lhe devolveu o cumprimento, nada! Ele ficou parado como bobo uns instantes, vendo-a caminhar pelo corredor em direção à saída.

Então ele a seguiu. Não estava mancando, mas, por algum motivo, tinha a impressão de estar. Não estava realmente arrastando os pés, mas eles pareciam de chumbo. Viu a filha sair pela porta sem olhar para trás. A batida que a enorme porta deu ao fechar ecoou por todo o saguão com uma finalidade grave, condenadora, como o estrondo de um enorme portão que o separasse para sempre daquela a quem ele amava. Ele se deteve no amplo saguão, entorpecido, impotente, meio cambaleante, sua corpulenta figura parecendo muito pequena.

Invisível a Marshall, pequenos jatos de fôlego sulfuroso avançavam pelo chão como água lenta, acompanhados de inaudível esfregar e arranhar o piso.

Como uma negra e viscosa sanguessuga, o pequeno demônio se apegou a Marshall, as garras de seus dedos entrelaçando as pernas dele como os tendões de uma parasita, segurando-o, envenenando-lhe o

espírito. Os olhos amarelados saltavam da face retorcida, vigiando-o, penetrando-o.

Marshall sentia uma dor profunda e crescente, e o pequeno espírito o sabia. Estava ficando difícil de segurar este homem. Enquanto Marshall permanecia no grande saguão vazio, a mágoa, o amor, o desespero começaram a crescer dentro de si; ele podia sentir que uma quase extinta centelha de luta ainda ardia. Pôs-se a caminhar rumo à porta.

Mexa-se, Hogan, *mexa-se!* É a sua filha!

A cada passo decidido, o demônio era arrastado pelo chão atrás dele, as mãos ainda a agarrá-lo, raiva e fúria cada vez mais profundas subindo-lhe aos olhos e vapores sulfurosos explodindo de suas narinas. As asas se abriram à procura de uma âncora, qualquer jeito de deter Marshall, mas não encontraram nada.

Sandy, pensou Marshall, dê uma chance ao seu velho.

Ao chegar ao fim do corredor, ele estava quase correndo. Suas mãos atingiram a barra antichoque da porta e esta se abriu violentamente, batendo com força no retentor preso aos degraus externos. Disparando escada abaixo, ele chegou à calçada ensombreada pelos elmos. Correu os olhos pela rua, pelo gramado na frente do Stewart Hall, do outro lado, mas a filha havia desaparecido.

O demônio agarrou-o com mais força e pôs-se a escalá-lo, coleando corpo acima. Marshall ali, sozinho, sentiu as primeiras pontadas de desespero.

— Estou aqui, Papai.

Imediatamente o demônio perdeu o controle e caiu, bufando de indignação. Marshall girou nos calcanhares e viu Sandy, de pé bem ao lado da porta pela qual ele havia acabado de sair qual furacão,

aparentemente tentando esconder-se das colegas entre os pés de camélia, e pelo que tudo indicava, pronta a lhe passar uma carraspana. Ora, qualquer coisa era preferível a perdê-la, pensou Marshall.

— Bem — disse ele antes de pensar — desculpe-me, mas tenho a distinta impressão de que você fingiu não me conhecer lá dentro.

Sandy tentou manter-se ereta, enfrentá-lo em sua mágoa e raiva, mas mesmo assim não conseguia olhar diretamente nos olhos do pai.

— Foi... foi apenas doloroso demais.

— O que foi?

— Você sabe... a coisa toda lá dentro.

— Bem, gosto de fazer bastante estardalhaço, sabe? Algo de que as pessoas se lembrarão...

— Papai!

— Então quem foi que roubou todos os avisos de "Entrada Proibida aos Pais"? Como é que eu ia saber que ela não me queria lá dentro? E o que, afinal, é tão precioso e secreto assim que ela não quer que ninguém de fora escute?

Naquele momento a raiva de Sandy falou mais alto que a mágoa e ela conseguiu olhá-lo direto nos olhos.

— Nada! Absolutamente nada. Era só uma palestra.

— Então qual é o problema da professora? Sandy tateou à procura de uma explicação.

— Não sei. Acho que ela deve saber quem você é.

— De jeito nenhum. Jamais a vi.

Então uma pergunta surgiu automaticamente na cabeça de Marshall:

— Você quer dizer que ela deve saber quem sou? Sandy pareceu encurralada.

— Quero dizer... oh, que coisa. Talvez ela saiba que você é o redator do jornal. Talvez não queira repórteres bisbilhotando por aqui.

— Bem, espero poder dizer-lhe que não estava bisbilhotando. Estava apenas procurando você.

Sandy queria encerrar a discussão.

— Está bem, Papai, está bem. Ela apenas o entendeu mal, certo? Não sei qual era o problema dela. Acho que tem o direito de escolher sua audiência.

— E eu não tenho o direito de saber o que a minha filha está aprendendo?

Sandy deteve o que já estava para dizer e deduziu algumas coisas primeiro.

— Você *estava* bisbilhotando!

Mesmo enquanto acontecia, Marshall percebeu sem o menor resquício de dúvida que eles haviam embarcado de novo na antiga rotina, como cães e gatos, como galos de briga. Era uma loucura. Parte dele não desejava que tal acontecesse, mas o resto dele estava frustrado e indignado demais para parar.

Quanto ao demônio, estava encolhido ali por perto, desviando-se de Marshall como se o homem estivesse em brasa. O demônio observava, esperava, irritava-se.

— Que bisbilhotando, que nada! — trovejou Marshall. — Estou aqui por ser seu amoroso papai e querer apanhá-la depois das aulas. Stewart Hall, era tudo o que eu sabia. Encontrei-a por acaso, e... — Tentou frear-se. Perdeu um pouco do ardor, cobriu os olhos com a mão, e suspirou.

— E aproveitou para me vigiar! — sugeriu Sandy

com rancor.

— Há alguma lei contra isso?

— Está bem, vou-lhe explicar como são as coisas. Sou um ser humano, Papai, e toda entidade humana, não importa quem seja, está sujeita, em última instância, a um desígnio universal e não à vontade de um indivíduo específico. Quanto à professora Langstrat, se não desejar você na palestra, é prerrogativa dela exigir que saia!

— Mas quem é que paga o salário dela? Sandy ignorou a pergunta.

— Quanto a mim, e o que estou aprendendo, e em que me estou tornando, e aonde estou indo, e o que desejo, digo que você não tem o direito de infringir o meu universo a menos que eu pessoalmente lhe ceda esse direito!

A vista de Marshall estava sendo turbada por imagens de Sandy na posição de levar umas boas palmadas. Enraivecido, ele precisava descontar em alguém, mas nesse momento tentava desviar de Sandy as suas investidas. Ele apontou o prédio de onde haviam saído e exigiu:

— Foi... foi *ela* quem lhe ensinou isso?

— Você não precisa saber.

— Tenho o direito de saber!

— Você abriu mão desse direito, Papai, há muito tempo.

Esse soco jogou-o à lona, e ele não tinha conseguido ainda recuperar-se totalmente quando ela se foi em direção à rua, escapando dele, escapando à miserável, teimosa refrega em que estavam envolvidos. Ele lhe gritou algo, alguma pergunta meio idiota sobre como chegaria a casa, mas ela nem mesmo diminuiu os

passos.

O demônio agarrou a oportunidade e Marshall, que sentiu a raiva e auto-justificação darem lugar a um profundo desespero. Ele falhara. Justamente a coisa que ele nunca mais queria fazer, havia feito. Por que cargas d'água era esse o seu feitio? Por que não podia simplesmente aproximar-se dela, amá-la, reconquistá-la? Ela já estava desaparecendo de vista, tornando-se cada vez menor ao atravessar apressada o campus, e parecia tão distante, além do alcance de um braço amoroso. Através da vida e das lutas ele havia sempre tentado ser forte, ser durão, mas no momento estava tão ferido que não conseguia evitar que essa força se esboroasse ao seu redor em ínfimos pedaços. Enquanto ele olhava, Sandy desapareceu numa esquina distante sem sequer olhar para trás, e algo partiu-se dentro dele. Sua alma parecia estar a ponto de se derreter, e naquele momento não havia ninguém no mundo a quem ele odiasse mais do que a si mesmo.

As forças de suas pernas pareceram ceder ao do peso da sua dor, e ele afundou até os degraus na frente do velho prédio, desanimado.

As garras do demônio circundaram-lhe o coração e ele murmurou em voz trêmula:

— De que adianta?

“Iahaaaaá!” veio um clamor trovejante de uns arbustos próximos. Uma luz branco-azulada cintilou. O demônio largou a presa e sumiu como uma mosca apavorada, aterrizando a uma boa distância em postura trêmula e defensiva, os enormes olhos amarelados praticamente a saltar da cabeça e uma cimitarra farpada, cor de carvão pronta na mão que tremia. Mas então houve um inexplicável tumulto atrás daqueles mesmos arbustos, algum tipo de luta, e a fonte da luz desapareceu no canto do Stewart Hall.

O demônio não se mexeu, mas esperou, escutando, observando. Não se ouvia som algum a não ser o da leve brisa. Com toda a cautela, ele retornou sorrateiramente ao lugar onde Marshall ainda estava sentado, passou por ele, e espiou por entre os arbustos e no canto do prédio.

Nada.

Como se detido durante todo esse tempo, um longo, lento bafo de vapor amarelo saiu em leves fiapos encaracolados das narinas do demônio. Sim, ele sabia o que tinha visto; disso não tinha dúvida. Mas por que é que eles haviam fugido?

5

Pouco além do outro lado do campus, mas a distância suficiente para estarem seguros, dois homens gigantescos desceram à terra como refulgentes cometas branco-azulados, mantidos no ar pelo ímpeto de asas que rodopiavam formando uma sombra indistinta e queimando como relâmpago. Um deles, um homem enorme, corpulento, de barba preta, estava muito bravo e indignado, berrava, e gesticulava furioso com uma espada longa e cintilante. O outro era um pouco menor e olhava ao redor com muita cautela, tentando acalmar o seu parceiro.

Em espiral graciosa e fulgurante, eles deslizaram para trás de um dos dormitórios da faculdade e foram pousar nas copas pendentes de uns chorões. No momento em que seus pés tocaram as árvores, a luz de suas roupas e corpos começou a desaparecer e as asas tremeluzentes se aquietaram de mansinho. A não ser por sua estatura descomunal, eles pareciam homens comuns, um esbelto e loiro, o outro entremeado como

um tanque, ambos trajando o que parecia uniforme de faxina do exército, um conjunto cáqui. Os cintos dourados haviam-se tornado semelhantes a couro escuro, as bainhas eram de cobre fosco, e os brilhantes suportes de bronze dos pés tinham-se transformado em sandálias simples de couro. O grandalhão estava pronto para uma discussão.

— Triskal! — rosnou ele, mas ante os gestos desesperados do amigo, abaixou um pouco a voz. — O que você está fazendo aqui?

Triskal manteve a mão erguida para que o amigo ficasse quieto.

— Psiu, Guilo! O Espírito me trouxe aqui, assim como a você. Cheguei ontem.

— Você sabe o que era aquilo? Um demônio de complacência e desespero, disso não tenho dúvida! Se seu braço não me tivesse detido, eu o teria derrubado, e de uma única vez!

— Oh, sim, Guilo, de uma única vez — concordou o amigo — mas foi bom eu tê-lo visto e detido a tempo. Você acabou de chegar e não compreende...

— O que é que não compreendo?

Triskal tentou dizer de maneira convincente.

— Nós... não devemos lutar, Guilo. Pelo menos por enquanto. Não devemos resistir.

Guilo tinha certeza de que seu amigo estava enganado. Segurou com firmeza o ombro de Triskal e o olhou bem nos olhos.

— Por que eu iria a algum lugar se não para lutar? — declarou ele. — Aqui fui chamado. Aqui lutarei.

— Sim — disse Triskal, assentindo furiosamente com a cabeça. — Só que ainda não chegou a hora, apenas isso.

— Então você deve ter recebido ordens! Você *tem* ordens? Triskal fez uma pausa de efeito e então disse:

— Ordens de *Tal.*

A expressão zangada de Guilo desfez-se imediatamente em uma mistura de choque e perplexidade.

Caía a noite sobre Ashton, e a igrejinha branca da rua Morgan Hill achava-se banhada no cálido brilho cor de ferrugem do sol poente. Fora, no pequeno jardim, o jovem pastor apressava-se a cortar a grama, na esperança de terminar antes do jantar. Cachorros ladravam na vizinhança, gente voltava do trabalho, crianças recebiam ordens de entrarem para jantar.

Invisíveis a esses mortais, Guilo e Triskal caminharam apressadamente colina acima, furtivos e apagados, mas mesmo assim movendo-se como o vento. Ao chegarem à frente da igreja, Hank Busche deu a volta no canto atrás do cortador de grama ensurdecedor e Guilo teve de se deter para examiná-lo.

— É ele? — perguntou a Triskal. — O chamado começou com ele?

— Sim — respondeu Triskal — meses atrás. Ele está orando agora mesmo, e muitas vezes anda pelas ruas de Ashton intercedendo pela cidade.

— Mas... este lugar é tão pequeno. Por que fui chamado? Não, não, por que *Tal* foi chamado?

Triskal apenas puxou-lhe o braço.

— Depressa, vamos entrar.

Eles passaram rapidamente pelas paredes da igreja, adentrando o pequeno e humilde templo. Lá encontraram um contingente de guerreiros já reunidos, alguns assentados nos bancos, outros em pé pela

plataforma, outros ainda fazendo o papel de sentinelas, espiando cautelosamente pelos vitrais coloridos das janelas. Estavam todos trajando roupas quase idênticas às de Triskal e Guilo, as mesmas camisas e calças, mas Guilo ficou imediatamente impressionado com a estatura imponente de todos eles; eram esses os poderosos guerreiros, os potentes guerreiros, e em número maior do que ele jamais vira reunido em um só lugar.

Impressionou-o também o ânimo da reunião. Esse momento poderia ter sido uma jubilosa reunião de velhos amigos, exceto pelo fato de estarem todos estranhamente sombrios. Ao correr os olhos em volta do aposento, ele reconheceu muitos ao lado dos quais havia lutado em tempos remotos:

Natã, o árabe alto e feroz, de muita luta e pouca fala. Foi ele que havia agarrado demônios pelos tornozelos e os tinha usado como clavas contra os próprios companheiros deles.

Armote, o enorme africano cujo brado de guerra e feroz semblante geralmente bastavam para pôr o inimigo a correr antes mesmo de ele atacá-los. Guilo e Armote certa feita haviam batalhado contra os demônios senhores de cidadezinhas no Brasil e pessoalmente guardado uma família de missionários em suas muitas e longas andanças pelas matas.

Chimon, o manso europeu de cabelos dourados, que trazia nos antebraços as marcas dos últimos golpes de um demônio evanescente antes que Chimon o banisse para sempre no abismo. Guilo jamais havia travado conhecimento com ele, mas ouvira contar as suas proezas e sua disposição em se deixar golpear com a única finalidade de proteger outros e depois recobrar-se para derrotar sozinho incontáveis inimigos.

Então veio o cumprimento do amigo mais antigo e mais querido.

— Bem-vindo, Guilo, a Força de Muitos!

Sim, era deveras Tal, o Capitão do Exército. Era tão estranho ver esse poderoso guerreiro em pé nesse lugarzinho humilde e pacato. Guilo o havia visto perto da própria sala do trono do Céu, conferenciando com nada mais, nada menos do que Miguel. Mas ali estava o mesmo vulto impressionante de cabelos dourados e tez rosada, intensos olhos dourados como fogo e um indiscutível ar de autoridade.

Guilo aproximou-se de seu capitão e os dois apertaram-se as mãos.

— E estamos juntos novamente — disse Guilo enquanto milhares de lembranças lhe inundavam a mente. Guilo jamais vira guerreiro algum que lutasse como Tal lutava; não havia demônio que conseguisse vencê-lo em manobras e velocidade, espada alguma que pudesse desviar o golpe da espada de Tal. Lado a lado, Guilo e seu capitão haviam derrotado os poderes demoníacos desde que esses rebeldes existiam, e haviam sido companheiros a serviço do Senhor antes que tivesse existido alguma rebelião.

— Saudações, meu caro capitão! Tal disse à guisa de explicação:

— E sério o negócio que nos reúne novamente.

Guilo perscrutou o rosto de Tal. Sim, havia bastante confiança ali, e nem um traço de timidez. Mas trazia definitivamente uma estranha severidade nos olhos e na boca, e Guilo correu os olhos em volta do aposento outra vez. Agora ele podia senti-lo, aquele prelúdio tipicamente silencioso e agourento à comunicação de penosas notícias. Sim, todos eles sabiam algo que ele ignorava mas aguardavam que a pessoa designada, muito provavelmente Tal, falasse. Guilo não podia agüentar o silêncio, e muito menos o suspense.

— Vinte e três — contou ele — dos melhores, mais galantes, mais invencíveis... reunidos agora como que sob ataque, a esconder-se de um inimigo temível em tão frágil fortaleza? — Com um gesto dramático, ele puxou da enorme espada e segurou a lâmina na mão livre.

— Capitão Tal, quem é esse inimigo? Tal respondeu lenta e claramente:

— Rafar, o Príncipe da Babilônia.

Todos os olhos estavam presos ao rosto de Guilo, cuja reação foi semelhante à de cada um dos outros guerreiros ao ouvir a notícia: choque, descrença, uma pausa desajeitada para ver se alguém ria e afirmava que era apenas um engano. Não houve tal comutação da verdade. Todo o mundo no aposento continuou a olhar para Guilo com a mesma expressão mortalmente séria, tornando impiedosa-mente inescapável a gravidade da situação.

Guilo baixou os olhos à espada. Estava ela agora tremendo em suas mãos? Ele fez questão de segurá-la com firmeza, mas não pôde deixar de fitar a lâmina, ainda arranhada e descolorida pela última vez que Guilo e Tal haviam confrontado esse príncipe de Baal dos tempos antigos. Guilo e Tal haviam batalhado contra ele durante vinte e três dias antes de finalmente derrotá-lo na véspera da queda de Babilônia. Guilo ainda se recordava da escuridão, da gritaria e do horror, da feroz e terrível luta corpo a corpo enquanto a dor crestava cada centímetro do seu ser. O mal daquele pretenso deus pagão parecia envolvê-lo e a tudo o que o cercava como densa fumaça, e a metade do tempo os dois guerreiros tinham de manobrar e golpear às cegas, cada um sequer sabendo se o outro ainda estava na luta. Até hoje, nenhum deles sabia qual dos dois finalmente dera o golpe que precipitou Rafar para dentro do abismo. A única coisa de que se lembravam era do berro tonitruante que ele dera ao cair através de uma brecha

dentada no espaço, e depois de se verem de novo quando a grande escuridão à sua volta clareou como o dissipar de densa neblina.

— Sei que o senhor fala a verdade — disse Guilo afinal — mas... viria alguém como Rafar a este lugar? Ele é o príncipe das nações, não de simples vilarejos. O que é este lugar? Que interesse poderia ele ter aqui?

Tal meneou a cabeça.

— Não sabemos. Mas é Rafar, sem dúvida, e a movimentação no reino do inimigo indica que algo está em andamento. O Espírito nos quer aqui. Precisamos confrontar o que quer que seja.

— E não devemos lutar, não devemos resistir! — exclamou Guilo.

— Ficarei muito fascinado em ouvir sua próxima ordem, Tal. Não podemos lutar?

— Por enquanto, não. Somos poucos, e a cobertura de oração ainda é pequena. Não deverá haver nenhuma escaramuça, nenhuma confrontação. Não deveremos nos mostrar como agressores de forma alguma. Enquanto nos mantivermos afastados deles, perto deste lugar, e não os ameaçarmos, nossa presença aqui parecerá o cuidado normal que exercemos sobre um grupinho de santos em dificuldades — e então ele acrescentou em tom bem direto: — E será melhor se a notícia de minha presença aqui não se espalhar.

Nesse momento, Guilo sentiu-se algo deslocado ainda segurando a espada, e embainhou-a com ar de desagrado.

— E — encorajou ele — o senhor tem um plano, não tem? Não fomos chamados aqui para ver a cidade cair?

O cortador de grama roncou ao passar pelas janelas, e Tal dirigiu a atenção dos presentes ao

operador da máquina.

— Foi Chimon quem teve a incumbência de trazê-lo aqui — disse ele — de cegar os olhos de seus inimigos e fazê-lo passar à frente do pastor que o inimigo ia escolher para este rebanho. Chimon foi bem-sucedido, Hank foi escolhido, o que surpreendeu a muita gente, e agora está aqui em Ashton, orando a cada hora de cada dia. Fomos chamados em favor dele, dos santos de Deus e do Cordeiro.

— Em favor dos santos de Deus e do Cordeiro! — ecoaram todos eles.

Tal olhou para um guerreiro alto, de cabelos escuros, aquele que o havia conduzido pela cidade na noite do Festival, sorriu e disse:

— E você o fez ganhar por apenas um voto? O alto guerreiro deu de ombros.

— O Senhor o desejava aqui. Chimon e eu tínhamos de garantir a sua vitória sobre o outro homem que não tem temor de Deus.

Tal apresentou Guilo a esse guerreiro.

— Guilo, este é Krioni, o vigia responsável pelo nosso guerreiro da oração aqui e da cidade de Ashton. Nosso chamado começou com Hank, mas a presença de Hank teve início com Krioni.

Guilo e Krioni acenaram silenciosamente com a cabeça, saudando-se mutuamente.

Tal observou Hank terminar de cortar a grama, orando alto ao mesmo tempo.

— De modo que agora, enquanto seus inimigos na congregação se reagrupam e tentam encontrar outra forma de expulsá-lo, ele continua orando por Ashton. É um dos últimos.

— Se não for o último! — lamentou Krioni.

— Não — advertiu Tal — ele não é o único. Existe ainda um Remanescente de santos em algum lugar nesta cidade. Sempre existe um Remanescente.

— Sempre existe um Remanescente — ecoaram todos.

— Nosso conflito começa neste lugar. Faremos dele o nosso quartel por enquanto, cercá-lo-emos e operaremos daqui.

Ele falou com um alto oriental que estava no fundo do aposento.

— Signa, tome conta deste prédio, e escolha agora dois que fiquem ao seu lado. Este será o nosso ponto de descanso. Torne-o seguro. Nenhum demônio deve aproximar-se dele.

Signa prontamente encontrou dois voluntários para trabalharem consigo. Eles sumiram rumo aos seus postos.

— Agora, Triskal, ouvirei as notícias de Marshall Hogan.

— Segui-o até o meu encontro com Guilo. Embora Krioni tivesse relatado uma situação algo monótona até a época do Festival, desde então Hogan tem sido perseguido por um demônio de complacência e desespero.

Tal recebeu a notícia com grande interesse. — Hum. Pode ser que ele esteja começando a despertar. Eles o estão cobrindo, tentando mantê-lo sob controle. Krioni acrescentou:

— Nunca pensei que veria o que está acontecendo. O Senhor o queria na direção do *Clarim,* e demos um jeito nisso também, mas jamais vimos um indivíduo tão cansado.

— Cansado, sim, mas isso apenas o tornará mais

útil nas mãos do Senhor. E percebo que ele está realmente despertando, exatamente como o Senhor antevia.

— Embora ele possa despertar apenas para ser destruído — disse Triskal. — Eles o devem estar vigiando. Receiam o que ele possa vir a fazer na posição influente que ocupa.

— É verdade — respondeu Tal. — Portanto, enquanto eles exasperam o nosso urso, temos de nos certificar de que eles o despertem, e nada mais do que isso. Vai ser uma questão muito crítica.

Agora Tal estava pronto a mover-se. Dirigiu-se ao grupo todo.

— Estou esperando que Rafar tome o poder aqui até o cair da noite; não duvido de que todos sentiremos quando isso acontecer. Estejam certos de uma coisa: ele buscará de imediato a maior ameaça contra si mesmo e tentará removê-la.

— Ah, Henry Busche — disse Guilo.

— Krioni e Triskal, podem ter certeza de que algum tipo de pelotão será enviado com o propósito de testar o espírito de Hank. Escolham quatro guerreiros e cuidem dele.

Tal tocou o ombro de Krioni e acrescentou:

— Krioni, até agora você se saiu muito bem ao proteger Hank de quaisquer investidas diretas. Meus parabéns.

— Obrigado, Capitão.

— Estou-lhe pedindo agora que faça algo difícil. Esta noite, você precisa ficar por perto e vigiar. Não permita que toquem a vida de Hank, mas, fora disso, não impeça nada. Será um teste pelo qual ele precisa passar.

Houve um leve movimento de surpresa e admiração, mas cada guerreiro estava disposto a confiar no julgamento de Tal. Tal continuou:

— Quanto a Marshall Hogan... ele é o único de quem ainda não estou certo. Rafar dará incrível liberdade aos seus lacaios no que lhe diz respeito, e ele pode ceder e retroceder, ou, como todos esperamos, despertar e reagir. Rafar estará especialmente interessado nele, e eu também, esta noite. Guilo, escolha dois guerreiros para você e dois para mim. Tomaremos conta de Marshall esta noite e veremos como ele reage. O resto de vocês sairá à procura do Remanescente.

Tal desembainhou a espada e a ergueu. Os outros fizeram o mesmo e uma floresta de lâminas refulgentes apareceu, erguida por braços fortes.

— Rafar — disse Tal em voz baixa, pensativa — encontramo-nos novamente —. Então, na voz do Capitão do Exército, disse:

— Pelos santos de Deus e pelo Cordeiro!

— Pelos santos de Deus e pelo Cordeiro! — ecoaram eles.

Complacência desenrolou as asas e deslizou para dentro do Stewart Hall, afundou no chão do andar principal, indo até as catacumbas ao nível do porão, a área separada para a administração e os escritórios particulares do Departamento de Psicologia. Nesse lúgubre mundo inferior o teto era baixo e opressivo, e juncado de canos de água e tubos de aquecimento que pareciam um bando de serpentes esperando para cair. Tudo — paredes, teto, canos, painéis de madeira — era pintado no mesmo tom bege sujo, e a luz era escassa, o que, para Complacência e seus associados, era ótimo. Eles preferiam a escuridão, e Complacência notou que parecia estar um pouco mais escuro do que o normal.

Os outros deviam ter chegado.

Ele flutuou pelo longo sulco de um corredor em direção a uma grande porta no fundo que dizia “Sala de Conferências” e, atravessando-a, entrou numa caldeira de maldade viva. O aposento estava escuro, mas a escuridão parecia mais uma presença do que uma condição física; era uma força, uma atmosfera que deslizava e se arrastava pelo ambiente. Daquele negror, espiavam muitos pares de olhos amarelados sem brilho, pertencentes a uma horrível galeria de faces grotescas. Um brilho rubro, cuja fonte não se podia perceber, delineava as várias formas dos colegas de Complacência. Vapor amarelo serpeava em rendados tufos pelo aposento e enchia o ar com seu fedor enquanto as muitas aparições conduziam suas conversas em voz baixa e gorgolejante no escuro.

Complacência podia perceber o desdém comum que sentiam por ele, mas o sentimento era suficientemente recíproco. Aqueles egoístas belicosos pisariam em qualquer um para se exaltarem, e acontece que Complacência era o menor e, portanto, o mais fácil de perseguir.

Ele se aproximou de dois vultos volumosos que estavam no meio de um debate. Os braços deles, maciços e cobertos de espinhos, e as palavras venenosas que proferiam, diziam a Complacência que eram demônios especializados em ódio, que semeavam, agravavam e espalhavam o ódio, usando os braços esmagadores e os espinhos peçonhentos a fim de com eles espremer as pessoas até eliminar-lhes o amor ou envenená-lo.

Perguntou-lhes Complacência:

— Onde está o príncipe Lucius?

— Encontre-o você mesmo, lagartixa! — rosnou um deles.

Um demônio de lascívia, criatura coleante de olhos inquietos e esquivos, e couro escorregadio, ouviu o que diziam e, aproximando-se, agarrou Complacência nas suas garras longas e afiadas.

— E onde você dormiu hoje? — perguntou com desdém.

— Eu não durmo! — retorquiu Complacência. — Faço *as pessoas* dormirem.

— Despertar o desejo e roubar a inocência é muito melhor.

— Mas alguém precisa desviar os olhos dos outros.

Lascívia pensou um pouco e deu um sorrisinho de aprovação. Largou bruscamente Complacência enquanto os que observavam caíram na risada.

Complacência passou por Engano, mas nem se incomodou em perguntar-lhe coisa alguma. Engano era o demônio mais orgulhoso, mais altivo de todos, muito arrogante por seu conhecimento supostamente superior de como controlar as mentes dos homens. Sua aparência nem mesmo era tão pavorosa quanto a dos outros; ele parecia quase humano. Sua arma, gabava-se ele, era sempre um argumento constrangedor, persuasivo, sutilmente entremeado de mentiras.

Muitos outros encontravam-se lá: Homicídio, as garras ainda pingando sangue; Anarquia, as articulações afiadas em protuberâncias pontiagudas e o couro grosso e ressecado; Ciúme, o mais desconfiado e difícil demônio com quem trabalhar.

Mas, finalmente, Complacência encontrou Lucius, Príncipe de Ashton, o demônio que ocupava a posição mais alta entre todos. Lucius estava em conferência com um grupinho fechado de outros detentores de poder, repassando as próximas estratégias para controlarem a

cidade.

Era, sem dúvida alguma, o demônio-chefe. Enorme, antes de mais nada, mantinha sempre uma postura imponente, com as asas enroladas frouxamente ao seu redor a fim de ampliar-lhe o contorno, os braços flexionados, os punhos fechados e prontos a golpearem. Muitos demônios cobiçavam a sua posição, e ele sabia disso; havia lutado e banido muitos deles para chegar onde estava, e tinha toda a intenção de permanecer aí. Ele não confiava em ninguém, suspeitava de todo o mundo, e sua cara negra, retorcida, e os olhos de águia estavam sempre a espalhar a mensagem de que mesmo seus associados eram inimigos.

Complacência estava desesperado e furioso o suficiente para violar as noções de Lucius quanto ao respeito e decoro. Abriu caminho à força por entre o grupo e chegou bem diante de Lucius, que fitou nele os olhos, surpreso com a rude interrupção.

— Meu Príncipe — rogou Complacência — preciso dirigir-lhe uma palavrinha.

Os olhos de Lucius se entrefecharam. Quem era essa lagartixazinha para interrompê-lo no meio de uma conferência, para violar o decoro na frente dos outros?

— Por que não está com Hogan? — rosnou ele.

— Preciso falar com o senhor!

— Atreve-se a falar comigo sem que eu tenha antes lhe dirigido a palavra?

— É de vital importância. O senhor... o senhor está cometendo um erro. Está perturbando a filha de Hogan, e...

Lucius imediatamente transformou-se num pequeno vulcão, vomitando horríveis imprecações e ira.

— Você acusa o seu príncipe de erro? Atreve-se a

questionar as minhas ações?

Complacência encolheu-se, na expectativa de uma bofetada dolorosa a qualquer momento, mas mesmo assim disse:

— Hogan não nos causará nenhum dano se não mexermos com ele. Mas o senhor acendeu um fogo dentro dele, e ele me atira longe!

A bofetada veio, uma pancada poderosa das costas da mão de Lucius, e, enquanto revirava pelo aposento, Complacência debatia se diria ou não mais alguma coisa. Quando parou e se recobrou, ergueu os olhos e viu que todos os olhares estavam sobre ele, e podia sentir o seu zombeteiro desdém.

Lucius dirigiu-se lentamente em sua direção, e postou-se em toda a sua alta estatura acima dele, como uma árvore gigante.

— Hogan o atira longe? Não é você quem o solta?

— Não me bata! Apenas ouça o meu pedido!

Os punhos de Lucius fecharam-se dolorosamente em torno de chumaços da carne de Complacência e ergueram-no até que os olhos dos dois ficaram no mesmo plano.

— Ele pode colocar-se em nosso caminho, e não quero saber disso! Você conhece o seu dever. Cumpra-o!

— Era o que estava fazendo, e muito bem! — gritou Complacência.

— Ele não era nada que precisássemos temer, uma lesma, um monte de barro. Eu poderia tê-lo segurado ali para sempre.

— Então, faça isso!

— Príncipe Lucius, por favor, ouça-me! Não lhe dê nenhum inimigo. Deixe-o sem necessidade de brigar.

Lucius deixou-o cair ao chão, uma pilha de humilhação. O príncipe dirigiu-se aos outros presentes no aposento.

— Demos um inimigo a Hogan? Todos eles sabiam como responder.

— Não, senhor!

— Engano — chamou Lucius, e Engano adiantou-se, inclinando-se formalmente diante de Lucius.

— Complacência acusa seu príncipe de perturbar a filha de Hogan. Você deve saber a esse respeito.

— O senhor não ordenou ataque algum a Sandy Hogan, Príncipe — respondeu Engano.

Complacência apontou o dedo em forma de garra e berrou:

— Você a tem seguido! Você e seus lacaios! Vocês têm falado à sua mente, confundindo-a!

Engano apenas ergueu os sobrolhos em leve indignação e respondeu calmamente:

— Por convite dela própria. Só lhe dissemos o que ela prefere saber. Mal se pode chamar a isso de ataque.

Lucius pareceu assumir algo da irritante arrogância de Engano ao dizer:

— Sandy Hogan é um caso, mas certamente o pai é outro bem diferente. Ela não constitui a mínima ameaça para nós. Ele, sim. Devemos mandar outro para mantê-lo sob controle?

Complacência não tinha resposta, mas acrescentou outra nota de preocupação:

— Vi... vi mensageiros do Deus vivo hoje!

Essa observação somente provocou o riso do grupo. Lucius caçoou:

— Você está ficando tão medroso assim, Complacência? Vemos mensageiros do Deus vivo todos os dias.

— Mas esses estavam perto! Prestes a atacar! Conheciam as minhas ações, disso estou certo.

— Você me parece estar bem. Mas se eu fosse um deles certamente o escolheria como presa fácil. Mais risadas do grupo estimularam Lucius a continuar.

— Um alvo fácil e frouxo pelo simples esporte... um demônio manco com o qual um anjo fraco pode provar sua força!

Complacência encolheu-se de vergonha. Lucius deu uns passos pelo aposento, e dirigiu-se ao grupo.

— Tememos o exército dos céus? — perguntou.

— Como o senhor não teme, nós também não tememos! — responderam todos com grande cortesia.

Enquanto os demônios permaneciam em sua toca no porão, reciprocando tapinhas nas costas e apunhalando as de Complacência, não perceberam a estranha, anormal frente fria do lado de fora. Ela se moveu lentamente sobre a cidade, trazendo vento inclemente e chuva enregelante. Conquanto a noite tivesse prometido ser brilhante e sem nuvens, foi escurecendo agora debaixo de um manto opressivo, meio natural, meio espiritual.

No topo da igrejinha branca, Signa e seus dois companheiros continuaram a montar guarda enquanto a escuridão descia sobre Ashton, mais profunda e mais fria a cada momento. Por toda a vizinhança próxima, cães puseram-se a ladrar e a uivar. Aqui e ali uma discussão explodia entre os humanos.

— Ele chegou — disse Signa.

Entrementes, a preocupação de Lucius com a própria glória impediu-o de notar quão pequena era a atenção que estava recebendo agora por parte de suas tropas. Todos os demônios no aposento, grandes e pequenos, estavam sob o domínio de crescente medo e agitação. Todos podiam sentir algo horrível a se aproximar cada vez mais. Começaram a remexer-se, correndo os olhos de cá para lá, as caras retorcendo de apreensão.

Lucius, ao passar por Complacência, deu-lhe um ponta-pé no lado, e continuou sua gabolice.

— Complacência, pode ter certeza de que temos as coisas sob controle aqui. Nenhum dos nossos trabalhadores jamais teve de andar às escondidas com medo de ataque. Andamos livremente pela cidade, fazendo o nosso serviço sem nenhum empecilho, e nos sairemos bem em todo o lugar até que esta cidade seja totalmente nossa. Seu frouxo desajeitado! Temer é fracassar!

Foi nesse momento que aconteceu, e tão repentinamente que nenhum deles pôde reagir de outra forma a não ser com cortantes guinchos de terror. A palavra "fracassar" mal havia deixado os lábios de Lucius quando uma nuvem violenta, fervilhante, desabou e trovejou para dentro do aposento como um vagalhão, uma avalancha súbita de força que esmagava como ferro. Os demônios foram lançados do outro lado do aposento como se fossem detritos em uma violenta maré, revirando, berrando, enrolando fortemente as asas em redor do corpo por puro terror — todos, exceto Lucius.

À medida que os demônios se recuperavam da onda de choque inicial dessa nova presença, ergueram os olhos e viram o corpo de Lucius, contorcido como um brinquedo quebrado, nas garras de uma enorme mão

preta. Ele se debatia, sufocava, afogava, pedia misericórdia, mas a mão apenas aumentava a esmagadora pressão, infligindo castigo sem dó, descendo da escuridão como um ciclone de uma nuvem tempestuosa. Então, a figura toda de uma espírito surgiu, erguendo Lucius pela garganta e sacudindo-o como uma boneca de pano. A coisa era maior do que qualquer outra que eles já tinham visto, um demônio gigantesco com cara de leão, olhos de fogo, corpo incrivelmente musculoso, e asas como que de couro a encher o aposento.

A voz gorgolejante subia do fundo do torso do demônio e explodia em nuvens de ardente vapor vermelho.

— Você que nada teme... está com medo agora?

O espírito irado arremessou Lucius através do aposento para junto dos outros, e então postou-se como uma montanha no centro da sala, manejando uma espada mortal, em forma de S, do tamanho de uma porta. Suas garras à mostra faiscavam como as correntes douradas que lhe pendiam do pescoço e de um lado a outro do peito. Obviamente, esse príncipe dos príncipes havia recebido muitas homenagens por vitórias passadas. Seus cabelos cor de carvão caíam-lhe como juba sobre os ombros, e em cada pulso ele usava uma pulseira de ouro crivada de brilhantes; os dedos exibiam diversos anéis, e um cinto e uma bainha vermelho-rubi adornavam-lhe a cintura. As extensas asas negras estavam agora drapeadas às suas costas, como o manto de um monarca.

Durante uma eternidade ele ficou ali, fitando-os com olhos sinistros, ardentes; estudando-os, e tudo o que podiam fazer era permanecer imóveis em seu terror, como um quadro macabro de apavorados duendes.

Afinal, a grande voz ecoou das paredes:

— Lucius, sinto que não era esperado. Você me

anunciará. Levante-se!

A espada cruzou o aposento e a ponta rasgou o couro de Lucius no pescoço, fazendo-o erguer-se de um salto.

Lucius sabia que estava sendo rebaixado aos olhos de seus subalternos, mas fez o que pôde a fim de evitar a amargura e a raiva crescentes. Seu medo transparecia o suficiente para encobrir adequadamente os outros sentimentos.

— Companheiros de trabalho... — disse ele, a voz trêmula a despeito de todos os seus esforços. — Baal Rafar, o Príncipe da Babilônia!

Automaticamente, todos se puseram de pé, em parte por causa de receoso respeito, porém mais por temerem a ponta da espada de Rafar, ainda vagueando devagar de um lado ao outro, pronta a mover-se contra qualquer que lerdeasse.

Rafar examinou-os rapidamente. Então infligiu outra afronta à pessoa de Lucius.

— Lucius, ponha-se ao lado dos outros. Cheguei, e somente um príncipe é necessário.

Atrito. Todos o sentiram imediatamente. Lucius recusou-se a mover. Seu corpo estava rígido, os punhos fechados tanto quanto sempre estavam e, embora tremesse visivelmente, devolveu de propósito o olhar fixo de Rafar e permaneceu firme.

— O senhor... não pediu que cedesse o meu lugar! — desafiou ele.

Os outros não estavam a fim de intervir ou mesmo chegar perto. Afastaram-se, lembrados de que a espada de Rafar podia provavelmente varrer num raio bem amplo.

A espada realmente moveu-se, mas com tanta

rapidez que a primeira coisa que se percebeu foi um grito de dor dado por Lucius enquanto rodopiava formando um nó retorcido no chão. A espada e a bainha de Lucius estavam no chão, habilmente cortadas por um rápido golpe de Rafar. Outra vez a espada se moveu, e desta vez a parte chata da lâmina prendeu Lucius ao chão pelo cabelo.

Rafar inclinou-se sobre ele, o hálito vermelho-sangue jorrando-lhe da boca e das narinas, ao falar.

— Vejo que você deseja contestar a minha posição. Lucius não disse nada.

— RESPONDA!

— Não! — gritou Lucius. — Eu cedo.

— Em pé! Levante-se!

Lucius esforçou-se para erguer-se, e o braço forte de Rafar segurou-o junto aos outros. A essa altura, Lucius estava em estado lamentável, totalmente humilhado. Rafar estendeu a espada para baixo, e com a ponta farpada apanhou a espada e a bainha de Lucius. A espada girou como um enorme guincho e depositou as armas de Lucius nas mãos do demônio deposto.

— Ouçam bem, todos vocês — disse Rafar, dirigindo-se a eles. — Lucius, que não teme os exércitos celestiais, mostrou ter medo. Ele é um mentiroso e um verme, e não deve merecer a sua atenção. Digo-lhes que temam os exércitos celestiais. Eles são o seu inimigo, e o intento deles é derrotá-los. Enquanto forem ignorados, ganharão terreno, e assim os vencerão.

Rafar andou com passos pesados, laboriosos, passando e repassando pelos demônios enfileirados, inspecionando-os mais de perto. Quando chegou diante de Complacência, aproximou-se mais e Complacência caiu de costas. Rafar apanhou-o pelo cangote com um dedo e colocou-o em pé.

— Diga-me, lagartixinha, o que viu hoje?

Complacência sofreu um súbito lapso de memória. Rafar encorajou-o:

— Mensageiros do Deus vivo, você disse? Complacência assentiu com a cabeça.

— Onde?

— Logo do lado de fora deste prédio.

— O que estavam fazendo?

— Eu... eu...

— Eles o atacaram?

— Não.

— Houve um brilho de luz?

Essa pergunta pareceu evocar uma lembrança em Complacência. Assentiu com a cabeça.

— Quando um mensageiro de Deus ataca, sempre há luz —. Enraivecido, Rafar dirigiu-se a todos eles: — E vocês nem perceberam! Riram! Caçoaram! Quase sofreram um ataque do inimigo e o ignoraram!

Nesse momento Rafar voltou-se para questionar Lucius um pouco mais.

— Diga-me, príncipe deposto, como está a cidade de Ashton? Está pronta?

Lucius respondeu com presteza.

— Sim, Baal Rafar.

— Oh, quer dizer que você já deu um jeito nesse Busche que vive a orar e nesse encrenqueiro adormecido do Hogan.

Lucius ficou quieto.

— Ainda não! Primeiro você lhes permite ocuparem lugares que reservamos para os nossos

próprios protegidos especiais...

— Foi um erro, Baal Rafar! — balbuciou Lucius. O redator do Clarim foi eliminado de acordo com as suas ordens, mas... ninguém sabe de onde surgiu esse tal Hogan. Ele comprou o jornal antes que se pudesse fazer alguma coisa.

— E Busche? Segundo entendo, ele fugiu aos seus ataques.

— Esse... esse era outro homem de Deus. O primeiro. Ele realmente fugiu.

— E?

— Esse homem mais jovem surgiu em seu lugar. Ninguém sabe de onde.

Um longo, fétido suspiro escapou zumbindo pelas presas de Rafar.

— O exército celestial — disse. — Enquanto vocês achavam que ele estava parado, seus membros moveram os escolhidos do Senhor bem debaixo dos seus narizes! Não é segredo que Henry Busche é um homem de oração. Vocês temem isso?

Lucius assentiu com a cabeça.

— Sim, claro, mais do que qualquer outra coisa. Nós o temos atacado, tentando fazê-lo ir embora.

— E como ele tem reagido?

— Ele... ele...

— Fale!

— Ele ora.

Rafar meneou a cabeça.

— Sim, sim, ele é um homem de Deus. E que me diz de Hogan? Que fizeram a respeito dele?

— Nós... atacamos a filha dele.

Os ouvidos de Complacência se aguçaram.

— A filha?

Mas Complacência não se pôde conter.

— Eu lhes disse que não funcionaria! Apenas tornaria Hogan mais agressivo e o despertaria de sua letargia!

Lucius tentou captar a atenção de Rafar. — Se meu senhor me permitisse explicar...

— Explique — instruiu Rafar a Lucius enquanto mantinha um olho cauteloso em Complacência.

Lucius rapidamente formulou um plano.

— Às vezes um ataque direto não é o melhor, por isso... descobrimos uma fraqueza na filha dele e achamos que poderíamos desviar as energias dele em direção à mocinha, talvez destruí-lo em casa e desintegrar a família. Pareceu funcionar com o antigo redator. Pelo menos, foi um começo.

— Não dará certo — bradou Complacência. — Até mexerem com seu senso de bem-estar e conforto ele era inofensivo. Agora receio não conseguir detê-lo. Ele está...

Um gesto rápido e ameaçador por parte da mão estirada de Rafar conteve as lamúrias de Complacência.

— Não quero que Hogan seja detido — disse Rafar. — Quero-o destruído. Sim, peguem a filha. Peguem qualquer outra coisa que possa ser corrompida. Um risco é melhor removido, não tolerado.

— Mas... — gritou Complacência, mas Rafar apanhou-o rapidamente e disse soltando-lhe baforadas venenosas bem na cara.

— Desanime-o. Certamente isso você pode fazer.

— Bem...

Mas Rafar não estava com a mínima disposição de

esperar resposta. Com um vigoroso voltear do pulso, arremessou Complacência fora do aposento, de volta ao trabalho.

— Nós o destruiremos, atacando-o por todos os lados até não lhe sobrar nem um pedaço firme de chão do qual possa lutar. Quanto a esse novo homem de Deus que surgiu, estou certo de que uma armadilha adequada pode ser armada. Mas com relação aos nossos inimigos: qual a sua força?

— Não são nada fortes — respondeu Lucius, tentando recuperar a posição de competência.

— Mas espertos o bastante para fazê-lo pensar que são fracos. Um erro fatal, Lucius —. Ele se dirigiu a todos: — Vocês não devem mais subestimar o inimigo. Vigiem-no. Contem quantos são. Saibam por onde andam, suas habilidades, seus nomes. Jamais missão alguma foi empreendida que não fosse desafiada pelos exércitos celestiais, e esta missão não é nada pequena. Nosso senhor tem planos muito importantes para esta cidade, mandou-me a pô-los em prática, e isso é suficiente para trazer nada menos que as hordas inimigas sobre as nossas cabeças. Acautelem-se, e não cedam terreno em parte alguma! E quanto a esses dois espinhos em nossa pata, essas duas barreiras implantadas... esta noite veremos de que são feitas.

6

Era uma noite escura e chuvosa; as gotas, tamborilando contra o vidro das velhas janelas, dificultavam a chegada do sono para Hank e Mary. Ela acabou adormecendo; mas Hank, com o espírito já perturbado, teve muito mais dificuldade em se descontrair. De qualquer forma, o dia fora péssimo; ele

havia trabalhado a fim de cobrir de tinta os dizeres pichados na frente da casa e tentado descobrir quem neste mundo escreveria uma coisa daquelas. Ainda retinia em seus ouvidos a conversa que tivera com Alf Brummel, e a mente continuava a repassar vez após vez os comentários cáusticos feitos durante a reunião do conselho. Agora podia acrescentar a assembléia extraordinária da noite de sexta-feira às suas preocupações, e orava ao Senhor em sussurros inaudíveis, desesperados, deitado ali no escuro.

Engraçado como cada dobrinha do colchão parece muito mais incômoda quando se está aborrecido. Hank começou a achar que acordaria Mary com todo aquele remexer e virar. Ficou de costas, de lado, do outro lado, colocou os braços debaixo do travesseiro, em cima do travesseiro; apanhou um lenço de papel e assoou o nariz. Olhou o relógio: 12:20hs. Eles tinham-se deitado às 10:00hs.

Mas o sono acaba chegando, geralmente de maneira tão imperceptível que a pessoa não percebe que sucumbiu, até acordar. Em dado momento no decorrer daquela noite, Hank cochilou.

Mas após poucas horas, seus sonhos começaram a azedar. A princípio, eram as bobagens de sempre, como dirigir um carro através da sala de estar e depois voar no carro ao se transformar este em avião. Mas aí as imagens começaram a se acelerar e amotinar em sua cabeça, cada vez mais frenéticas e caóticas. Ele começou a fugir de perigos. Podia ouvir berros; teve a sensação de estar caindo e a visão e o gosto de sangue. As imagens passaram de brilhantes e coloridas a monocromáticas e lúgubres. Ele lutava constantemente, batalhando para salvar a vida; inúmeros perigos e inimigos o cercavam, cada vez mais perto. Nada daquilo fazia sentido algum, mas uma coisa era bem definida: puro terror. Ele queria desesperadamente gritar mas não tinha tempo na luta

com os inimigos, monstros, forças invisíveis.

O coração começou a martelar nos ouvidos. O mundo todo rodopiava e latejava. O horrível conflito que se agitava em sua cabeça começou a aflorar à superfície do seu consciente de todos os dias. Ele se mexeu na cama, virou-se de costas, inspirou profundamente, tentando acordar. Os olhos semi-abriram-se, sem focalizar coisa alguma. Ele estava naquele estranho estado de estupor, nem bem adormecido, nem bem consciente.

Será que realmente a tinha visto? Era uma lúgubre projeção em pleno ar, um quadro luminescente em veludo preto. Logo acima da cama, tão próxima que ele podia sentir o cheiro do hálito sulfuroso, e a máscara medonha de uma cara pairava, contorcendo-se em movimentos grotescos ao cuspir palavras malévolas que ele não compreendia.

Os olhos de Hank abriram-se de chofre. Ele achou que ainda podia ver a cara, acabando de desaparecer, mas no mesmo instante sentiu-se como se seu peito tivesse recebido violenta pancada; o coração disparou e começou a martelar, como se fosse explodir através das costelas. Podia sentir o pijama e os lençóis grudados nele, encharcados de suor. Ficou deitado, arquejante, esperando que o coração se acalmasse, que todo aquele puro terror desaparecesse, mas nada mudou e ele não conseguia fazer que mudasse.

Você está apenas tendo um pesadelo, ficou a se dizer, mas parecia que não conseguia acordar. De propósito, abriu bem os olhos e olhou em torno do quarto escuro, embora parte dele desejasse retornar à infância e simplesmente esconder-se debaixo das cobertas até os fantasmas e monstros e ladrões irem embora.

Nada viu de extraordinário. O duende lá no canto nada mais era do que a sua camisa dependurada numa

cadeira, e o estranho halo de luz na parede era apenas a luz do poste refletida pelo vidro do seu relógio de pulso.

Mas ele tinha ficado seriamente assustado, e ainda estava amedrontado. Podia sentir-se tremer enquanto tentava desesperadamente separar a alucinação da realidade. Ele olhou, escutou. Até o silêncio parecia sinistro. Não encontrou conforto nele, apenas o terror de que algo malévolo se estivesse escondendo nele, um intruso ou um demônio, esperando, aguardando o momento certo.

O que foi aquilo? Um rangido na casa? Passos? Não, ele disse consigo mesmo, apenas o vento soprando contra as janelas. A chuva havia parado.

Outro barulho, desta vez um farfalhar na sala de estar. Ele nunca havia ouvido aquele som de noite. Tenho de acordar, tenho de acordar. Vamos, coração, acalme-se para eu poder escutar.

Ele se forçou a sentar-se na cama, embora isso o fizesse sentir-se ainda mais vulnerável, e ali ele permaneceu diversos minutos, tentando acalmar o metralhar do coração com uma mão sobre o peito. As batidas finalmente se acalmaram um pouco, mas o coração continuou disparado. Hank sentiu o suor se esfriando contra a pele. Levantar-se ou voltar a dormir? Dormir estava definitivamente fora de cogitação. Ele resolveu levantar-se, dar uma olhada pela casa, andar até se acalmar.

Um alarido, desta vez na cozinha. Foi nessa hora que Hank pôs-se a orar.

Marshall tinha tido o mesmo tipo de sonho e o mesmo temor havia feito seu coração bater com força. Vozes. Tinha a certeza de ouvir algo como vozes em algum lugar. Sandy? Talvez um rádio.

Mas quem sabe? pensou ele consigo mesmo. De qualquer forma, esta cidade está ficando louca, e agora os doidos estão na minha casa. Ele escorregou da cama, calçou os chinelos, e foi ao guarda-roupa em busca de um taco de beisebol. Exatamente como antes, pensou. Agora os miolos de alguém vão virar mingau.

Ele espiou pela porta do quarto os dois lados do corredor. Não havia luz em parte alguma, nenhum facho de lanterna. Mas suas entranhas estavam a sapatear debaixo das costelas, e devia haver um motivo. Ele levou a mão ao interruptor, tentando acender a luz do corredor. Droga! A lâmpada estava queimada. Desde quando, ele não sabia, mas ficou em pé ali no escuro, e sentiu sua coragem evaporar-se um pouco mais. Agarrou o taco com mais força e saiu para o corredor, mantendo-se próximo à parede, olhando para diante, para trás, escutando. Achou ter detectado um manso farfalhar em algum canto, algo que se movia.

Ao passar pelo arco que dava para a sala de estar, seus olhos captaram alguma coisa, e ele se imprensou contra a parede, tentando esconder-se. A porta da frente estava aberta. Agora seu coração realmente começou a martelar, golpeando-lhe rudemente os ouvidos. De certa forma estranha e selvagem ele se sentiu melhor; pelo menos havia indicação de um inimigo real. Era essa droga de medo sem motivo que o assombrava. Já passara por esse mesmo tipo de coisa uma vez hoje.

Com esse pensamento veio uma idéia estranha: Aquela professora deve estar aqui dentro de casa.

Ele foi até o fim do corredor para examinar o quarto de Sandy e certificar-se de que ela estava bem. Queria pôr-se entre Kate e Sandy e o que quer que estivesse no resto da casa. A porta do quarto da filha estava aberta, e isso não era comum; ele tomou mais cuidado ainda. Pé ante pé, colado à parede, dirigiu-se à porta e então, o taco pronto nas mãos, espiou no quarto.

Algo estava em pé. Pelo menos Sandy estava — a cama estava vazia e ela não se encontrava por ali. Ele acendeu a luz do quarto. A cama mostrava que alguém havia-se deitado ali, mas agora as cobertas tinham sido atiradas para trás apressadamente e o quarto estava em desordem.

Enquanto Marshall se movia cautelosamente pelo corredor escuro, ocorreu-lhe o pensamento de que Sandy poderia estar simplesmente tomando alguma coisa, usando o banheiro, lendo. Mas essa lógica simples arrefeceu contra a sensação horrível de que algo pavoroso estava errado. Ele respirou fundo diversas vezes, tentando com todas as forças manter-se firme conquanto sentisse o tempo todo um terror insidioso, sobrenatural, como se estivesse a poucos centímetros dos dentes trituradores de algum monstro que não conseguia ver.

O banheiro estava frio e escuro. Ele acendeu a luz, apavorado com a idéia de que poderia encontrar alguma coisa. Não viu nada fora do comum. Deixou a luz acesa e se dirigiu à sala de estar.

Como se fosse um tipo de fugitivo sorrateiro, espiou através do arco da passagem. Lá estava aquele farfalhar novamente. Ele acendeu as luzes. Ah. O frio ar noturno entrava pela porta da frente, e balançava as cortinas. Não, não havia sinal de Sandy, não na sala de estar, nem em parte alguma dentro ou perto da cozinha. Talvez ela estivesse logo do lado de fora.

Mas sentiu inegável apreensão ao pensar em atravessar a sala de estar e ir até a porta da frente, passando por todas aquelas peças do mobiliário que podiam esconder um assaltante. Agarrou com força o taco, mantendo-o erguido e pronto. De costas coladas à parede, ele se moveu ao longo do aposento, dando volta ao sofá, depois de ter espiado atrás dessa peça, manobrando apressado ao redor do aparelho de som, e

finalmente chegou à porta.

Saiu à varanda, no frescor da noite, e por algum motivo, de repente sentiu-se mais seguro. A cidade ainda estava quieta a essa hora da noite. Todas as outras pessoas certamente dormiam nesse momento, e não estavam a andar sorrateiras dentro de casa com tacos de beisebol na mão. Ele esperou um momento a fim de se recuperar, e voltou para dentro.

Trancar a porta atrás de si foi o mesmo que fechar-se em um armário escuro com algumas centenas de víboras. O medo retornou e ele agarrou com mais força o taco. De costas para a porta, ele correu os olhos pela sala novamente. Por que estava tão escura? As luzes estavam acesas, mas cada lâmpada parecia tão apagada, como se envolta por uma névoa marrom. Hogan, pensou, ou você perdeu mesmo um parafuso, ou está em grande, grande apuro. Ele permaneceu congelado ali perto da porta, olhando e escutando. Tinha de haver alguém ou alguma coisa dentro da casa. Ele não podia ouvir nem ver quem quer que fosse, mas seguramente sentia a sua presença.

Do lado de fora da casa, abaixados entre as plantas e os arbustos, Tal e seu pelotão observavam enquanto os demônios — pelo menos quarenta, segundo a conta de Tal — faziam estragos na mente e no espírito de Marshall. Eles se precipitavam como negras e mortíferas andorinhas, entrando na casa e saindo dela, percorrendo os aposentos, rodopiando à volta dele, berrando insultos e blasfêmias, brincando com o seu temor, e aumentando-o cada vez mais. Tal procurou ver se enxergava o temido Rafar, mas o Baal não se encontrava entre esse grupo selvagem. Não podia haver dúvida, entretanto, que Rafar os enviara.

Tal e os outros sofriam, sentindo a dor de Marshall. Um demônio, um feio diabrete com o corpo coberto de espinhos eriçados, pontudos, saltou aos

ombros de Marshall e pôs-se a bater-lhe na cabeça, berrando: “Vai morrer, Hogan! Vai morrer! Sua filha está morta e você vai morrer!”

Guilo mal podia controlar-se. Sua enorme espada deslizou com um som metálico da bainha, mas o forte braço de Tal o deteve.

— Por favor, capitão! — implorou Guilo. — Nunca fiquei apenas observando uma coisa dessas!

— Contenha-se, caro guerreiro — advertiu Tal.

— Será um único golpe!

Guilo podia ver que também Tal estava sofrendo bastante com a própria ordem.

— Paciência. Paciência. Ele precisa passar por isso.

Hank havia acendido as luzes da casa, mas achou que seus olhos deviam estar-lhe pregando uma peça pois os cômodos pareciam muito escuros, as sombras ainda profundas. Às vezes ele não conseguia distinguir o que se movia: se era ele mesmo ou se eram as sombras no aposento; um movimento estranho, ondulante, de luz e sombras, fazia as profundezas da casa alternarem-se de um lado a outro como o movimento lento e constante da respiração.

Hank, parado no umbral da porta entre a cozinha e a sala de estar, observava e escutava. Achou que podia sentir um vento movendo-se através da casa, mas não um vento frio vindo de fora. Era como se fosse um bafo quente, doentio, carregado de odores repulsivos, próximo e opressivo.

Ele havia descoberto que o barulho na cozinha decorrera de uma espátula que deslizara do escorredor, e caíra ao chão. Isso deveria ter acalmado

imediatamente os seus nervos, mas ele ainda se sentia aterrorizado.

Sabia que mais cedo ou mais tarde teria de aventurar-se até a sala de estar a fim de dar uma olhada. Deu o primeiro passo do vão da porta para dentro do cômodo.

Foi como cair em um poço sem fundo de escuridão e terror. Os pêlos da nuca se eriçaram como que por eletricidade estática. Seus lábios principiaram a despejar uma prece frenética.

Ele foi ao chão. Antes que soubesse o que estava ocorrendo, seu corpo inclinou-se pesadamente para a frente e bateu com força no assoalho. Ele se tornou um animal preso numa armadilha, debatendo-se instintivamente, tentando escapar ao peso invisível e esmagador que o prendia. Seus braços e pernas batiam contra a mobília e derrubavam coisas, mas em seu terror e choque ele não sentia dor alguma. Ele se debatia, revirava, arquejava tentando respirar, e estirava os membros contra o que quer que fosse, sentindo resistência ao movimento dos braços como se estivessem cortando a água. A sala parecia cheia de fumaça.

Negror semelhante à cegueira, perda de audição, perda de contato com o mundo real, o tempo parado. Ele sentia-se morrer. Uma imagem, uma alucinação, uma visão ou algo realmente visto transpareceu por um instante: dois medonhos olhos amarelados cheios de ódio. Sua garganta começou a comprimir-se, fechando.

— Jesus! — ele ouviu sua mente bradar — ajuda-me!

Seu próximo pensamento, um breve, instantâneo relâmpago, deve ter vindo do Senhor: “Repreenda-o. Você tem a autoridade.”

Hank proferiu as palavras, embora não pudesse ouvir o som delas: “Eu o repreendo em nome de Jesus!”

O peso esmagador levantou-se tão rapidamente que Hank sentiu que deixaria o chão como um foguete. Encheu os pulmões de ar e notou que estava agora debatendo-se contra nada. Mas o terror ainda se encontrava ali, uma presença negra, sinistra.

Ele se ergueu um pouco, respirou de novo, e disse claramente e bem alto: “No nome de Jesus eu lhe ordeno que saia desta casa!”

Mary acordou sobressaltada, assustada, e então ficou aterrorizada pelo ruído de uma multidão berrando em angústia e dor. Os gritos, ensurdecedores a princípio, foram diminuindo, como que afastando-se a uma distância invisível.

— Hank! — berrou ela.

Marshall urrou como um selvagem e ergueu o taco bem alto para abater seu atacante. O atacante também gritou, de puro terror.

Era Kate. Sem saber, eles haviam batido de costas um para o outro no escuro corredor.

— Marshall! — exclamou ela, e sua voz tremia. Estava quase a chorar e zangada ao mesmo tempo. — Mas o que você está fazendo aqui?

— Kate... — Marshall suspirou, sentindo-se murchar como uma câmara de pneu furada. — O que está tentando fazer, está querendo morrer?

— O que há de errado? — Ela estava olhando para o taco de beisebol e sabia que algo estava acontecendo. Agarrou-se a ele, receosa. — Há alguém aqui dentro?

— Não... — murmurou ele em uma combinação de alívio e desagrado. — Ninguém. Eu olhei.

— O que aconteceu? Quem era?

— Ninguém, já disse.

— Mas achei que você estava conversando com alguém.

Ele a olhou com a máxima impaciência e disse em volume cada vez mais alto:

— Estou com cara de quem esteve batendo um papinho amistoso com alguém?

Kate abanou a cabeça.

— Devo ter sonhado. Mas foram as vozes que me acordaram.

— Que vozes?

— Marshall, parecia uma festa de reveillon lá dentro. Diga, quem era?

— Ninguém. Não havia ninguém lá. Eu olhei. Kate estava muito confusa.

— Sei que estava acordada.

— Você ouviu fantasmas.

Ele sentiu a mão dela apertar o braço a ponto de paralisar a circulação.

— Não diga isso!

— Sandy se foi.

— O que quer dizer, se foi? Foi aonde?

— Ela se foi. O quarto dela está vazio, ela não está dentro de casa. Ela sumiu! Foi-se!

Kate correu pelo corredor e olhou no quarto de Sandy. Marshall seguiu-a e observou da porta enquanto Kate examinava o quarto, olhando no guarda-roupas e algumas gavetas.

Relatou ela com alarme:

— Algumas das roupas se foram. Os livros escolares sumiram —. Ela o fitou desamparadamente: —

Marshall, ela saiu de casa!

Ele a olhou por longo momento, e depois em volta do quarto, e então encostou a cabeça contra o batente da porta com um baque surdo.

— Droga — disse.

— Eu sabia que ela agia de modo estranho esta noite. Devia ter tentado descobrir o que estava errado.

— Não nos saímos muito bem hoje...

— Bem, isso era óbvio. Você veio para casa sem ela.

— E por falar nisso, como foi que ela chegou aqui?

— Sua amiga Terry a trouxe.

— Talvez ela tenha ido passar a noite com Terry.

— Será melhor ligarmos para saber?

— Não sei...

— Não sabe!

Marshall cerrou os olhos e tentou pensar.

— Não. É tarde. Ou ela está lá, ou não está. Se não estiver, vamos tirar gente da cama a troco de nada, e se estiver, bem, está segura.

Kate parecia meio apavorada.

— Vou telefonar.

Marshall ergueu a mão e recostou a cabeça no batente da porta novamente e disse:

— Ei, não fique toda assustada, está bem? Dê-me um minuto.

— Só quero saber se ela está lá...

— Está bem, está bem...

Mas Kate podia ver que havia algo muito errado

com Marshall. Ele estava pálido, fraco, abalado.

— O que há, Marshall?

— Dê-me um minuto...

Ela colocou o braço em torno dele, preocupada:

— O que é?

Ele teve de lutar para conseguir dizer:

— Estou com medo —. Tremendo um pouco, os olhos fechados, a cabeça no batente da porta, ele disse de novo: — Estou realmente com medo, e não sei por quê.

Isso assustou Kate.

— Marshall...

— Não se preocupe, está bem? Fique calma.

— Há algo que eu possa fazer?

— Apenas fique firme, só isso. Kate pensou um instante.

— Bem, por que não veste o seu roupão? Aquecerei um pouco de leite, está bem?

— Sim, ótimo.

Era a primeira vez que Hank Busche repreendia e confrontava qualquer demônio. O certo é que haviam chegado com arrogante impudência a princípio, caindo sobre a casa no meio da noite a fim de atacar e devastar, berrando e lançando-se através dos aposentos e pulando sobre Hank, tentando aterrorizá-lo. Mas enquanto Krioni, Triskal e os outros olhavam do seu esconderijo, confusos e espalhados demônios aos bandos saíram de chofre da casa, trovejando e adejando qual morcegos, berrando, indignados, tapando os ouvidos. Devia haver perto de cem, todos os demônios desordeiros e encren-

queiros de sempre que Krioni tinha visto operando por toda a cidade. Sem dúvida, o grande Baal os enviara, e agora que eles haviam sido expulsos era impossível saber qual seria a reação de Rafar ou seu próximo plano. Mas Hank tinha-se saído muito bem.

O perigo passou num instante, cessou o apuro, e os guerreiros saíram do esconderijo, respirando melhor. Krioni e Triskal estavam bem impressionados.

Comentou Krioni:

— Tal tinha razão. Ele não é tão insignificante assim.

— Tem firmeza de caráter, esse Henry Busche — concordou Triskal.

Mas enquanto Hank e Mary sentavam-se tremendo à mesa da cozinha, ela preparando uma compressa gelada e ele ostentando um vergão na testa e um sem número de machucados e arranhões nos braços e nas canelas, nenhum dos dois se sentia inteiramente firme, poderoso ou vitorioso. Hank dava graças por ter escapado com vida, e Mary ainda se encontrava em leve estado de choque e descrença.

Era uma situação incômoda, mas nenhum deles queria relatar sua experiência primeiro por temer que a coisa toda nada mais fosse que um excesso de picles e salame antes de deitar. Mas o vergão de Hank continuou a inchar, e ele só podia contar o que sabia. Mary acreditou em cada palavra, assustada como estava pelos berros que a haviam despertado. Enquanto compartilhavam sua não tão agradável experiência, puderam aceitar que toda aquela loucura havia sido apavorantemente real, e não alguma espécie de pesadelo.

— Demônios — concluiu Hank.

Mary só conseguiu assentir com a cabeça.

— Mas, por quê? — desejou saber Hank. — Qual o propósito disso?

Mary não estava preparada para oferecer nenhuma resposta. Ficou esperando que Hank o fizesse. Ele resmungou:

— Como se fosse a Lição Número Um em Combate na Linha de Frente. Eu não estava nem um pouquinho pronto para ela. Acho que não passei.

Mary entregou-lhe a compressa de gelo e ele a colocou contra o vergão, fazendo uma careta ao sentir a pressão.

— O que o faz pensar que não passou? — perguntou ela.

— Não sei. Acho que simplesmente caí na armadilha. Deixei-os surrar-me —. Então ele orou: "Senhor Deus, ajuda-me a estar preparado da próxima vez. Dá-me a visão, a sensibilidade para saber o que eles estão aprontando."

Mary apertou-lhe a mão, disse amém, e então comentou:

— Sabe, posso estar enganada, mas o Senhor já não fez isso? Isto é, como é que você vai saber como lutar contra os ataques diretos de Satanás a menos que simplesmente... o faça?

Era o que Hank precisava ouvir.

— Puxa — disse ele pensativo. — Sou um veterano.

— E não fique pensando também que não passou no teste. Eles se foram, não foram? E você ainda está aqui, e precisava ter ouvido aqueles berros.

— Tem certeza de que não era eu?

— Absoluta.

Então veio um longo, inquieto silêncio.

— E agora? — perguntou Mary finalmente.

— Ah... vamos orar — disse Hank. Para ele, essa era uma opção a que era fácil recorrer.

E orar eles fizeram, dando-se as mãos em volta da pequena mesa da cozinha, conferenciando com o Senhor. Agradeceram-lhe a experiência daquela noite, o tê-los protegido do perigo, o ter-lhes permitido vislumbrar bem de perto o inimigo. Mais de uma hora se passou, e durante aquele tempo o campo de cuidado foi-se ampliando; seus problemas particulares começaram a ocupar lugar muito pequeno em uma perspectiva muito mais ampla enquanto Hank e Mary oravam pela igreja, pelas pessoas que nela se congregavam, pela cidade, por seus dirigentes, pelo estado, pelo país, pelo mundo. Através de tudo aquilo veio a linda tranqüilidade de que haviam de fato estado ligados ao trono de Deus e conduzido sério negócio com o Senhor. Cresceu a determinação de Hank de ficar na briga e atrapalhar Satanás ao máximo. Estava certo de que isso era o que Deus desejava.

O leite morno e a companhia de Kate agiram como calmante nos nervos de Marshall. A cada gole e a cada minuto adicional de normalidade, ele adquiria mais e mais segurança de que o mundo continuaria a existir, ele viveria, o sol se levantaria pela manhã. Admirava-se de como as coisas, tão pouco tempo atrás, pareceram desoladas.

— Sente-se melhor? — perguntou Kate, passando manteiga numa fatia de pão que acabara de torrar.

— Sim — respondeu ele, notando que seu coração retraía-se de novo ao peito e voltava ao ritmo normal, rotineiro. — Credo, não sei que bicho me mordeu.

Kate pôs as duas fatias torradas num prato e as colocou sobre a mesa. Marshall mordeu ruidosamente a

torrada e perguntou:

— Então ela não está na casa de Terry? Kate sacudiu a cabeça.

— Você quer falar acerca de Sandy? Marshall estava pronto.

— É bem provável que precisemos falar a respeito de uma porção de coisas.

— Não sei como começar...

— Você acha que a culpa é minha?

— Oh, Marshall...

— Vamos, seja honesta. Estive levando uma surra no traseiro o dia todo. Escutarei.

Os olhos dela encontraram os dele e não se desviaram, denotando sinceridade e firme amor.

— Categoricamente, não — disse ela.

— Estraguei tudo hoje.

— Acho que todos estragamos, e isso inclui Sandy. Ela também fez algumas escolhas, lembra-se?

— E, mas talvez fosse por não lhe termos dado nada melhor.

— O que você acha de conversar com o Pastor Young?

— É esse o problema.

— Hum?

Hogan sacudiu a cabeça desanimado.

— Talvez... talvez Young seja um pouco acomodado demais, sabe? Ele está metido nesse negócio da família humana, de descobrir-se a si mesmo, de salvar as baleias...

Kate ficou meio surpresa.

— Achei que você gostava do Pastor Young.

— Bem... acho que gosto. Mas, às vezes, não, quase sempre, nem mesmo sinto que estou indo à igreja. Poderia muito bem estar sentado numa reunião de clube ou em alguma das aulas esquisitas da Sandy.

Ele examinou os olhos da esposa. Ainda estavam firmes. Ela estava ouvindo.

— Kate, você nunca tem a sensação de que Deus tem de ser, sabe, um pouco... maior? Mais durão? O Deus que nos passam naquela igreja, sinto que ele nem mesmo é uma pessoa real, e se for, é mais tonto do que nós. Não posso esperar que Sandy aceite aquela baboseira. Nem em mesmo aceito.

— Nunca pensei que era isso o que você sentia, Marshall.

— Bem, talvez nem eu mesmo soubesse. É apenas que essa coisa hoje à noite... Tenho de realmente pensar sobre ela; tem acontecido tanta coisa ultimamente.

— De que está falando? O que tem acontecido?

Não lhe posso dizer, pensou Marshall. Como poderia explicar a estranha e hipnótica persuasão a que estava certo de ter sido submetido por Brummel, a sensação arrepiante que lhe dera a professora de Sandy, o puro terror que sentira essa noite? Nada disso fazia sentido, e agora, para completar, Sandy se fora. Em todas essas situações, ele estivera horrorizado com sua própria incapacidade de enfrentar e lutar. Tinha-se sentido controlado. Mas não podia contar a Kate nada disso.

— Olhe... é uma longa história — disse por fim. — Tudo o que sei é que todo este negócio, o nosso modo de vida, nossa programação, nossa família, nossa religião, o que quer que seja, simplesmente não está funcionando. Algo tem de mudar.

— Mas não acha que deve falar com o Pastor Young?

— Ele é um convencido...

Naquele exato momento, à 1:00 da manhã, o telefone tocou.

— Sandy! — exclamou Kate. Marshall arrebatou o telefone do gancho.

— Alô?

— Alô? — disse uma voz feminina. — Você está em pé! Marshall, desapontado, reconheceu a voz. Era Berenice.

— Oh, oi, Bernie — disse ele, olhando para Kate, cujo rosto afundou em frustração.

— Não desligue! Desculpe telefonar tão tarde assim, mas saí com alguém e não cheguei a casa até tarde, mas queria revelar aquele filme... você está bravo?

— Ficarei bravo amanhã. No momento estou cansado demais. O que descobriu?

— Veja só. Sei que o filme na máquina tinha doze fotos do parque, incluindo as de Brummel, Young e aqueles três desconhecidos. Hoje fui para casa e acabei o rolo, mais doze chapas: meu gato, a vizinha que tem uma grande pinta, o noticiário da noite, etecétera. As fotos de hoje saíram.

Houve uma pausa, e Marshall sabia que teria de perguntar:

— E as outras?

— A emulsão estava escurecida, totalmente exposta, o filme arranhado e com marcas de dedos. Não há nada errado com a máquina.

Marshall nada disse durante longo instante.

— Marshall... alô?

— Que interessante — disse ele.

— Eles estão aprontando alguma! Estou toda excitada. Estou pensando em ver se consigo descobrir onde foram parar essas chapas.

Houve outra longa pausa.

— Alô?

— Que cara tinha a outra mulher, a loira?

— Não muito velha, cabelos loiros, longos... com cara um tanto malvada.

— Gorda? Magra? Mais ou menos?

— Era bem elegante.

A testa de Marshall franziu um pouco, e os olhos vaguearam enquanto ele seguia o que estava pensando.

— Até amanhã.

— Até logo, e obrigada por atender.

Marshall desligou o telefone. Fitou o olhar na mesa, os dedos a tamborilar.

— De que se tratava? — perguntou Kate.

— Hum — disse ele, ainda pensando. Então, respondeu:

— Ah, negócio do jornal. Nada demais. De que mesmo estávamos falando?

— Bem, se ainda tem importância, estávamos apenas falando sobre se você devia ou não ir conversar com o Pastor Young a respeito do nosso problema...

— Young — disse ele, e a voz soou quase zangada.

— Mas se não quer...

Marshall permaneceu fitando a mesa enquanto o seu leite esfriava. Kate esperou, depois despertou-o, dizendo:

— Talvez prefira falar disto de manhã?

— Falarei com ele — disse Marshall terminantemente. — Eu... Eu quero falar com ele. Pode *apostar* que quero falar com ele!

— Não prejudicaria.

— Não, nem um pouco.

— Não sei quando ele poderia marcar uma hora para você, mas —

— Uma da tarde seria bom.

Ele franziu de leve as sobrancelhas.

— Uma da tarde seria perfeito.

— Marshall... — começou Kate, mas se deteve. Algo estava acontecendo ao marido, e ela captou-o na voz, na expressão dele.

Ela jamais percebera a ausência daquele fogo em seus olhos; talvez nunca tivesse notado que se fora até este momento, quando, pela primeira vez desde que haviam deixado Nova York, ela o viu novamente. Umas sensações antigas, desagradáveis, surgiram em seu íntimo, sensações que não tinha desejo de enfrentar tarde da noite com a filha misteriosamente desaparecida.

— Marshall — disse ela, afastando a cadeira e apanhando o prato de torradas meio comidas — vamos dormir um pouco.

— Talvez eu não consiga dormir.

— Eu sei — disse ela baixinho.

Todo esse tempo, Tal, Guilo, Natã e Armote haviam permanecido no aposento, observando cuidadosamente, e nesse momento Guilo pôs-se a rir com aquele grasnar rouco que lhe era peculiar.

Tal disse sorrindo:

— Não, Marshall Hogan. Você nunca foi de dormir muito... e agora Rafar ajudou a despertá-lo novamente!

7

Na manhã de terça-feira o sol brilhava através das janelas e Mary estava ocupada em sovar, com fúria, uma massa de pão. Hank encontrou o nome e o número no arquivo da igreja: o Reverendo James Farrel. Ele não conhecia a Farrel, e tudo o que sabia era o mexerico malicioso e de mau gosto que corria acerca do homem que o precedera e que se havia mudado para longe de Ashton desde que deixara a igreja.

Era um impulso, uma mera tentativa, disso Hank sabia. Mas sentou-se no sofá, apanhou o telefone e discou o número.

— Alô? — atendeu a voz cansada de um homem mais velho.

— Alô — disse Hank, tentando soar agradável a despeito dos nervos retesados. — James Farrel?

— Sim. Quem fala?

— Aqui é Hank Busche, pastor da — ele ouviu Farrel dar um longo, conhecedor suspiro — Igreja da Comunidade de Ashton. Acho que deve saber quem sou.

— Sim, Pastor Busche. Então, como vai? Como responder a essa pergunta, pensou Hank.

— Ah... bem, em alguns aspectos.

— E não tão bem em outros — interveio Farrel, completando o pensamento de Hank.

— Puxa, você realmente tem-se mantido a par das

coisas.

— Bem, não ativamente. Mas recebo notícias através de alguns membros de tempos em tempos —. Então acrescentou depressa: —

Alegro-me que tenha ligado. O que posso fazer por você?

— Ah... conversar comigo, acho. Farrel respondeu:

— Tenho certeza de que há muita coisa que eu poderia lhe dizer. Estou sabendo que vai haver uma assembléia extraordinária nesta sexta. É verdade?

— É, sim.

— Um voto de confiança, pelo que sei.

— É isso mesmo.

— Sim, passei pela mesma coisa, como sabe. Brummel, Turner, Mayer e Stanley dirigiram aquela reunião também.

— Deve estar brincando.

— Oh, é estritamente a história que se repete, Hank. Acredite no que digo.

— Eles tiraram você?

— Eles decidiram que não gostavam do que eu estava pregando e do rumo que meu ministério estava tomando, e assim alvoroçaram a congregação contra mim e depois deram um jeito de fazer uma votação. Não perdi por muito, mas perdi.

— Os mesmos quatro sujeitos!

— Os mesmos quatro... mas agora, é certo o que ouvi dizer? Você realmente eliminou Lou Stanley da comunhão?

— Bem, sim.

— Olhe, isso não é pouco. Não posso imaginar Lou

permitir que alguém fizesse isso com ele.

— Bem, os outros três fizeram dessa uma questão primordial; não me deixaram mais em paz com relação ao assunto.

— E para que lado a congregação está pendendo?

— Não sei. Ela pode estar bem equilibrada.

— Então como está agüentando tudo isso?

Hank não podia pensar em uma forma melhor de enunciar a questão. Disse:

— Acho que estou sob ataque, ataque direto, espiritual —. Silêncio do outro lado da linha. — Alô?

— Oh, estou aqui — Disse Farrel devagar, hesitante, como se estivesse pensando muito enquanto tentava conversar. — Que tipo de ataque espiritual?

Hank gaguejou um pouco. Ele podia imaginar como a experiência da noite anterior pareceria a um estranho.

— Bem... acho que Satanás está realmente envolvido aqui... Farrel estava quase exigindo:

— Hank, que tipo de ataque espiritual?

Hank começou cuidadosamente a sua narrativa, tentando com todas as forças parecer um indivíduo racional e responsável enquanto relatava os pontos principais: a obsessão que Brummel parecia ter em livrar-se dele, a divisão na igreja, o mexerico, a zanga do conselho, as palavras pichadas na frente da sua casa, e depois a luta livre espiritual por que tinha passado na noite anterior. Farrel interrompia apenas para pedir esclarecimentos.

— Sei que tudo isso soa como loucura... — concluiu Hank. Tudo o que Farrel pôde fazer foi soltar um profundo suspiro e murmurar:

— Que coisa horrível!

— Bem, como você diz, é a história que se repete. Sem dúvida, você encontrou coisas desse tipo, certo? Ou sou eu quem realmente tem um problema aqui?

Farrel debateu-se à procura de palavras.

— Fico contente por ter chamado. Sempre tive dúvidas se devia ou não ligar para *você*. Não sei se vai gostar de ouvir isto, mas... — Farrel pausou a fim de ganhar nova força, então disse:

— Hank, você tem certeza de que seu lugar é aí? Hank sentiu suas defesas se erguerem.

— Sim, creio firmemente de coração que Deus me chamou para aqui.

— Você sabe que foi por acidente que foi escolhido como pastor?

— Bem, há gente dizendo isso, mas...

— É verdade, Hank. Você realmente deveria levar isso em consideração. Sabe, a igreja me tirou do cargo; eles tinham outro ministro escolhido e pronto para assumir, um sujeito com filosofia religiosa ampla e liberal o bastante para satisfazer-lhes. Hank, realmente não sei como você acabou sendo eleito, mas foi definitivamente algum tipo de acaso organizacional. A única coisa que eles não queriam aí era outro ministro fundamentalista, não depois de todo o trabalho que tiveram para se livrar do anterior.

— Mas eles me elegeram.

— Foi um *acidente*. Brummel e os outros definitivamente não contavam com a sua vitória.

— Bem, agora sei disso.

— Está bem, ótimo, você enxerga a situação. Então, deixe-me passar a um conselho direto. Agora, depois de sexta-feira tudo isto pode muito bem ser

irrelevante, de qualquer forma, mas se eu fosse você, trataria de fazer as malas e começaria a procurar uma posição em outro lugar, não importa o resultado da votação.

Hank murchou um pouco. A conversa estava azedando; ele simplesmente não conseguia aceitar o conselho. Tudo o que podia fazer era suspirar ao telefone. Farrel insistiu.

— Hank, eu já estive nessa posição, já passei por tudo isso, e sei pelo que ainda terá de passar. Acredite-me, não vale a pena. Deixe que fiquem com a igreja, deixe que fiquem com a cidade toda; apenas não se sacrifique.

— Mas não posso ir embora...

— Sim, certo, você recebeu um chamado de Deus. Hank, eu também. Eu estava pronto para entrar na briga, a assumir um posição por Deus nessa cidade. Você sabe, custou-me meu lar, minha reputação, minha saúde, e quase me custou meu casamento. Deixei Ashton literalmente pensando em mudar de nome. Você não tem a mínima idéia de quem está realmente enfrentando. Há forças operando nessa cidade...

— Que tipo de forças?

— Bem, políticas, sociais... espirituais também, claro.

— Ah, é, você não chegou a responder à minha pergunta: o que me diz do que aconteceu aqui ontem à noite? O que acha disso?

Farrel hesitou, então disse:

— Hank... não sei por quê, mas acho muito difícil falar sobre esse tipo de coisas. Tudo o que posso dizer é: saia desse lugar enquanto pode. Largue tudo. A igreja não o quer, a cidade não o quer.

— Não posso ir embora. Já lhe disse.

Farrel fez uma longa pausa. Hank quase temeu que tivesse desligado. Mas então ele disse:

— Está bem, Hank. Vou lhe dizer, e você escute. Aquilo por que passou ontem à noite... bem, acho que posso ter tido experiências parecidas, mas posso lhe assegurar, o que quer que tenha sido, foi apenas o começo.

— Pastor Farrel...

— Não sou pastor. Pode me chamar de Jim.

— Essa é a essência do evangelho, lutar contra Satanás, fazer a luz do evangelho brilhar na escuridão...

— Hank, todos os belos chavões que desencavar não vão ajudá-lo nessas horas. Agora, não sei se você está equipado ou pronto, mas para ser perfeitamente honesto, se conseguir sair vivo dessa, ficarei surpreso. Estou falando sério!

Hank não tinha resposta.

— Jim... ligarei para contar o que aconteceu. Talvez eu vença, e talvez não saia vivo. Mas Deus não me disse que eu sairia vivo; apenas me disse que ficasse e lutasse. Uma coisa você deixou clara para mim: Satanás quer mesmo esta cidade. Não posso permitir que a tome.

Hank colocou o telefone no gancho e sentiu vontade de chorar.

"Senhor Deus", orou, "Senhor Deus, o que devo fazer?"

O Senhor não deu resposta imediata, e Hank permaneceu sentado no sofá diversos minutos, tentando recuperar a força e a confiança.

Mary ainda estava ocupada na cozinha. Que bom! Ele não poderia conversar com ela nesse momento;

muitos eram os pensamentos e as sensações que precisavam ser ordenados.

Então, um versículo lhe veio à mente: “Levanta, anda pela terra no seu comprimento e na sua largura; pois eu ta darei.”

Bem, era muito melhor do que ficar sentado em casa irrequieto e zangado sem realmente fazer nada. Assim, em frente seguiram os seus tênis e porta afora ele se foi.

Krioni e Triskal estavam do lado de fora, esperando seu protegido. Invisíveis, juntaram-se a Hank, um de cada lado, e desceram com ele a rua Morgan Hill em direção ao centro da cidade. Hank já não era mesmo muito alto, mas entre esses dois gigantes, parecia menor ainda. Contudo, parecia muito, muito bem guardado.

Triskal, mantendo-se de olhos abertos, disse:

— Mas, afinal, o que ele vai fazer?

A essa altura, Krioni já conhecia Hank muito bem.

— Acho que nem ele mesmo sabe. O Espírito o está levando. Ele está colocando em ação um peso que traz dentro de si.

— Oh, haverá ação, não tenha dúvida!

— É só não constituir uma ameaça. Até agora, tem sido a melhor maneira de sobreviver nesta cidade.

— Então diga isso ao pastorzinho aqui.

Ao se aproximar do principal distrito comercial, Hank deteve-se numa esquina para olhar rua acima e rua abaixo, observando carros antigos, carros novos, furgões e possantes caminhonetes, gente fazendo compras, andando, praticando cooper, bicicletas, fluindo em quatro ou mais direções, considerando as ordens do semáforo como meras sugestões.

E então, onde estava o mal? Como podia ter sido tão vivo na noite anterior e uma lembrança remota, incerta hoje? Não havia nenhum demônio ou diabo espreitando das janelas dos escritórios ou saindo dos bueiros; o povo era a mesma gente simples e comum que ele sempre tinha visto, ainda ignorando-o e passando por ele.

Sim, esta era a cidade pela qual ele orava dia e noite com profundos gemidos saídos do coração por causa de um peso que não conseguia explicar, e agora estava esgotando a sua paciência, desassossegando-o.

"Bem, você está em apuros ou não está, ou nem mesmo se importa?", perguntou ele em voz alta.

Ninguém escutou. Nenhuma voz profunda, sinistra respondeu com uma ameaça.

Mas o Espírito do Senhor em seu íntimo não o deixava em paz. Ore, Hank. Ore por *essas* pessoas. *Não as deixe escapar de seu coração. A dor está* aí, o *medo está* aí, o perigo *está aí.*

Então, quando vencemos? respondeu Hank ao Senhor. O Senhor sabe há quanto tempo me tenho preocupado e orado por este lugar? Só uma vez gostaria de ver meu pedregulho fazer onda; gostaria de ver esse cachorro morto estremecer quando o cutuco.

Era incrível que os demônios pudessem esconder-se tão bem, até mesmo por trás das dúvidas que ele às vezes sentia quanto à própria existência deles.

"Sei que vocês estão por aí", disse ele baixinho, correndo cuidadosamente os olhos pelas faces inexpressivas dos prédios, o concreto, o tijolo, o vidro, o lixo. Os espíritos estavam zombando dele. Podiam desabar sobre ele num momento, aterrorizá-lo, sufocá-lo, e depois sumir, recolhendo-se aos esconderijos detrás da fachada da cidade, caçoando, brincando de esconde-esconde, vendo-o tatear às cegas como um tolo.

Irritado, ele se sentou num banco da calçada.

"Estou aqui, Satanás", disse ele. "Não posso vê-lo, e talvez você consiga mover-se mais depressa do que eu, mas ainda assim estou aqui, e pela graça de Deus e pelo poder do Espírito Santo tenho a intenção de ser um espinho em seu lado até que um de nós peça água!" Hank olhou do outro lado da rua para a magnífica estrutura da Igreja Cristã Unida de Ashton. Ele havia conhecido alguns cristãos espetaculares que pertenciam àquela denominação, mas esse bando de Ashton em particular era diferente, liberal, quase bizarro. Ele encontrara o Pastor Oliver Young algumas vezes e nunca conseguira aproximar-se muito dele. Young parecia meio frio e distante, e Hank nunca conseguira descobrir por quê.

Enquanto Hank esteve ali sentado, olhando um carro marrom entrar no estacionamento da igreja, Triskal e Krioni ficaram em pé, ao lado do banco, também olhando o carro parar. Somente eles dois conseguiam ver os passageiros especiais do carro. Em cima do veículo estavam dois grandes guerreiros, o árabe e o africano, Natã e Armote. Não havia espadas à vista. Eles estavam assumindo uma postura passiva, não combatente, de acordo com as ordens de Tal, exatamente como todos os outros.

Marshall tinha visto o filme de Berenice. Vira os pequeninos arranhões resultantes de algum tipo de manuseio impróprio: vira as toscas impressões digitais a intervalos regulares que poderiam muito bem ter sido deixadas por uma mão ao tirar o filme da máquina, expondo-o à luz.

Marshall conseguira marcar uma entrevista com Young para à 1:00 da tarde. Ele entrou com o carro no vasto estacionamento asfaltado às 12:45, ainda acabando de engolir um hambúrguer de queijo e um

café grande.

A Igreja Cristã Unida de Ashton era um dos grandes e imponentes edifícios da cidade, construída, em estilo tradicional, com grandes pedras, vitrais, linhas altaneiras, torre majestosa. A porta da frente não fugia ao padrão: grande, sólida, até algo assustadora, especialmente quando alguém tentava abri-la sozinho. A igreja estava localizada próximo ao centro da cidade, e o carrilhão da torre tocava a cada hora e dava um breve concerto de hinos ao meio-dia. Era um estabelecimento respeitado. Young era um ministro respeitado. As pessoas que freqüentavam a igreja eram membros respeitados da comunidade. Marshall muitas vezes pensara que respeito e posição deviam ser pré-requisitos para ser aceito como membro.

Ele engajou a grande porta da frente em breve embate de braço de ferro e finalmente conseguiu entrar. Não, esta congregação jamais havia economizado, disso estava certo. O piso da entrada, das escadas, do templo estava coberto com espesso carpete vermelho, o madeirame era todo de carvalho e nogueira, escurecido e envernizado. Além disso, havia todo aquele latão: maçanetas, cabides para casacos, corrimão das escadas, arremates das janelas, tudo em latão. As janelas, naturalmente, eram vitrais; todos os tetos eram elevados, com grandes candelabros pendentes, e delicado arabesco.

Marshall entrou no templo através de outra pesada porta e caminhou pelo longo corredor central até a frente. Esse aposento era um misto de teatro lírico e caverna: a plataforma era grande, o púlpito era grande, a galeria do coro era grande. Naturalmente, o coro também era grande.

O grande gabinete do Pastor Young, logo ao lado do templo, permitia acesso bem visível à plataforma e ao púlpito, e a entrada do Pastor Young através da grande

porta de carvalho todas as manhãs de domingo era parte tradicional das cerimônias.

Marshall abriu aquela grande porta e entrou no escritório de recepção. A bonita secretária cumprimentou-o, mas não sabia quem ele era. Ele lhe disse, ela examinou o livro-horário e confirmou a entrevista. Marshall também examinou o horário, lendo de cabeça para baixo novamente. O horário das 2:00hs estava marcado A. Brummel.

— Bem, Marshall — disse Young com um sorriso e um aperto de mão cordiais e sistemáticos — entre, entre.

Marshall seguiu Young para dentro de seu luxuoso gabinete. Young, um homem corpulento de seus sessenta anos, com rosto arredondado, óculos de aro fino, e cabelos finos e bem assentados, parecia satisfeito com a posição que desfrutava tanto na igreja quanto na comunidade. As paredes apaineladas ostentavam muitas condecorações de organizações comunitárias e beneficentes. Ao lado delas, havia diversas fotos emolduradas de Young posando com o governador, alguns evangelistas populares, alguns autores, e um senador.

Atrás de sua imponente escrivaninha, Young criava um perfeito quadro do profissional bem sucedido. A cadeira de couro, de espaldar alto, tornava-se um trono, e o próprio reflexo do homem no topo da mesa o tornava ainda mais pitoresco e impressionante, como uma montanha refletida em lago alpino.

Com um gesto, ele indicou a Marshall uma cadeira, e Marshall sentou-se, notando que afundava a um nível em que seus olhos ficavam bem abaixo dos de Young. Começou a sentir um conhecido quê de intimidação; todo esse gabinete parecia projetado para esse fim.

— Belo gabinete — comentou ele.

— Muito obrigado — disse Young com um sorriso que empurrou as bochechas, empilhando-as contra as orelhas. Reclinou-se em sua cadeira, os dedos entrelaçados e agitados na beirada da escrivaninha.

— Gosto dele, sou grato por ele, e aprecio bastante o calor, a atmosfera deste lugar. Deixa a gente à vontade.

Deixa *você* à vontade, pensou Marshall.

— Sim... é.

— E então, como está indo o *Clarim?*

— Oh, recuperando-se. Você recebeu o de hoje?

— Sim, estava muito bom. Muito alinhado, no estilo. Você trouxe consigo um pouco da classe de cidade grande, pelo que vejo.

— Hum.

De repente, Marshall não sentia muita vontade de falar.

— Fico contente por você estar aqui conosco, Marshall. Esperamos ter um relacionamento muito bom.

— Oh, sim, obrigado.

— E então, o que o trouxe aqui?

Marshall remexeu-se um pouco, e então ergueu-se de um salto; aquela cadeira o fazia sentir-se demasiadamente como um micróbio debaixo do microscópio. Da próxima vez, trarei minha própria escrivaninha enorme, pensou ele. Deu uma volta pelo gabinete, tentando parecer despreocupado.

— Temos muito o que cobrir em uma hora — começou.

— Podemos sempre marcar outros horários.

— Sim, claro. Bem, antes de mais nada, Sandy — é minha filha

— fugiu de casa ontem à noite. Não tivemos notícia alguma, não sabemos onde ela está... — Ele deu a Young uma rápida sinopse do problema e seu histórico, e Young ouviu atentamente, sem interromper.

— Então — perguntou Young, afinal — você acha que ela deu as costas aos seus valores tradicionais e isso o perturba?

— Olhe, não sou uma pessoa profundamente religiosa, sabe como é? Mas algumas coisas têm de ser certas, e algumas coisas têm de ser erradas, e minha dificuldade com Sandy é ela ficar apenas... apenas pulando de um lado para outro da cerca.

Young ergueu-se majestosamente de sua escrivaninha e caminhou até Marshall com ar de um pai compreensivo. Colocando a mão no ombro de Marshall, disse:

— Você acha que ela é feliz, Marshall?

— Nunca a vejo feliz, e é provavelmente porque está perto de mim toda a vez que a vejo.

— E isso pode ser devido ao fato de você ter dificuldade em compreender o rumo que ela está agora escolhendo para a própria vida. É óbvio que você projeta um desagrado definido em relação às filosofias dela...

— Sim, e em relação à professora que despeja todas aquelas filosofias em cima dela. Você conhece aquela... qual é mesmo o nome? Professora Langstrat, da faculdade?

Young pensou, depois meneou a cabeça.

— Acho que Sandy já fez dois cursos com ela, e a cada trimestre descubro que minha filha está ainda mais fora da realidade.

O pastor deu uma risadinha.

— Marshall, parece-me que ela está apenas explorando, apenas tentando conhecer o mundo, o universo em que vive. Você não se lembra de quando estava crescendo? Havia tanta coisa que simplesmente não era verdadeira até que você pudesse comprová-la por si mesmo. Provavelmente, é isso o que está acontecendo com Sandy no momento. Ela é uma garota muito inteligente. Tenho certeza de que apenas precisa explorar, encontrar-se.

— Bem, quando ela descobrir onde está, espero que telefone.

— Marshall, estou certo de que ela se sentiria muito mais à vontade para telefonar se pudesse encontrar corações compreensivos em casa. Não temos o direito de determinar o que outra pessoa deve fazer consigo, ou pensar a respeito de seu lugar no cosmo. Cada pessoa precisa encontrar seu próprio caminho, sua própria verdade. Se algum dia vamos conviver como uma família civilizada aqui neste planeta, teremos de aprender a respeitar o direito que os outros têm a seus próprios pontos de vista.

Marshall percebeu um vislumbre de *déjà vu,* como se uma gravação do cérebro de Sandy tivesse sido ligada ao de Young. Não pôde deixar de perguntar:

— Você *tem* certeza de que não conhece a professora Langstrat?

— Absoluta — respondeu Young com um sorriso.

— E Alf Brummel?

— Quem?

— Alf Brummel, o Delegado de polícia.

Marshall observou-lhe o rosto. Estaria ele se debatendo em responder? Young finalmente disse:

— *Posso* tê-lo visto uma vez ou outra... Estava apenas tentando juntar o nome ao rosto.

— Bem, ele pensa como você. Fala muito a respeito de as pessoas se darem bem e não causarem encrencas. Como foi que ele chegou a ser um tira, palavra que não sei.

— Mas não estávamos falando de Sandy?

— É, está bem. Pode falar. Young continuou.

— Todas as perguntas com as quais você está-se debatendo, as questões do certo e errado, ou o que é a verdade, ou nossos pontos de vista diferentes a respeito desses assuntos... tantas dessas coisas são impenetráveis, a não ser no coração. Todos nós sentimos a verdade como um pulsar comum em cada um de nós. Cada ser humano tem uma capacidade natural para o bem, para amar, para esperar e esforçar-se pelos melhores interesses próprios e de seu próximo.

— Acho que você não estava aqui durante o Festival. Young soltou um risinho.

— Admito que nós humanos certamente podemos direcionar mal as nossas melhores inclinações.

— E por falar nisso, diga, você chegou a ir ao Festival?

— Sim, algumas partes. Receio que a maior parte pouco me interessasse.

— Então, você não esteve no parque de diversões?

— Claro que não. É jogar dinheiro fora. Mas, falando de Sandy...

— É, estávamos falando acerca do que é verdadeiro, e as opiniões de todo o mundo... como a questão de Deus, por exemplo. Ela não parece encontrá-lo, eu estou somente tentando defini-lo, não conseguimos chegar a um acordo quanto à nossa religião, e

até agora você não ajudou muito.

Young sorriu pensativo. Marshall podia perceber uma homília muito elevada a caminho.

— O seu Deus — disse Young — está onde o encontrar, e para encontrá-lo, precisa apenas abrir os olhos e perceber que ele está verdadeiramente dentro de todos nós. Jamais estivemos sem ele, Marshall; acontece somente que nossa ignorância nos cegou, e isso nos impediu de receber o amor, a segurança e o significado que todos desejamos. Jesus revelou o nosso problema na cruz, lembra-se? Ele disse: "Pai, perdoa-os, pois não sabem... Por isso, o exemplo que ele nos deu é o de buscarmos conhecimento, onde quer que possamos encontrá-lo. É isso o que você está fazendo, e estou convencido de que é isso o que Sandy está fazendo. A fonte do seu problema é uma perspectiva estreita, Marshall. Precisa ter a mente aberta. Precisa buscar, e Sandy precisa buscar.

— Então — disse Marshall pensativo — você está dizendo que é tudo uma questão de como vemos as coisas?

— Isso seria uma parte, sim.

— E que se eu perceber algo de certa maneira, não quer dizer que todo mundo vai enxergá-lo da mesma maneira, certo?

— Sim, está certo! — Young parecia muito contente com seu aluno.

— Então... deixe-me ver se entendi bem. Se minha repórter, Berenice Krueger, teve a percepção de que você, Brummel, e três outras pessoas estavam fazendo uma pequena reunião atrás da barraca de dardos no parque de diversões... bem, essa foi apenas a percepção que *ela* teve da realidade?

Young sorriu com um sorriso estranho, do tipo

aonde-está-tentando chegar, e respondeu:

— Suponho que sim, Marshall. Acho que esse seria um exemplo. Não cheguei nem perto do parque, e já lhe disse isso. Tenho horror a essas coisas.

— Você não estava lá com Alf Brummel?

— Não, de jeito nenhum. Por isso, como vê, a Srta. Krueger teve uma percepção muito incorreta de outra pessoa.

— De *vocês* dois, suponho. Young sorriu e deu de ombros. Marshall insistiu um pouco.

— Qual você acha que é a probabilidade de isso acontecer? Young continuou a sorrir, mas seu rosto corou um pouco.

— Marshall, o que deseja que eu faça? Argumentar com você? Certamente você não veio aqui para esse tipo de coisa.

Marshall lançou a isca para ver o que apanharia.

— Ela conseguiu até tirar umas fotos de vocês.

Young suspirou e olhou por um momento para o chão. Depois, disse friamente:

— Então, por que você não traz essas fotos da próxima vez, e aí poderemos falar sobre elas?

O risinho no rosto de Young atingiu Marshall como se fosse cuspo.

— Está bem — resmungou Marshall, sem abaixar os olhos.

— Marge marcará outro horário para você.

— Muito obrigado.

Marshall olhou no relógio de pulso, foi até a porta e a abriu.

— Entre, Alf.

Alf Brummel estivera sentado na sala de recepção. Ao dar com Marshall, levantou-se precipitadamente, desajeitado. Tinha o aspecto que alguém poderia ter uma fração de segundo antes de ser atingido por um trem.

Marshall agarrou Alf pela mão e a sacudiu excitadamente.

— Ei, amigão! Olhe, já que, pelo visto, vocês dois não se conhecem muito bem, deixem-me apresentá-los. Alf Brummel, este é o Reverendo Oliver Young. Reverendo, Alf Brummel, Delegado de polícia!

Brummel deu a impressão de não apreciar nem um pouco a cordialidade de Marshall, mas Young sim. Adiantou-se, agarrou a mão de Brummel, apertou-a, e depois puxou o Delegado rapidamente para dentro do gabinete, dizendo por sobre o ombro:

— Marge, marque outro horário para o Sr. Hogan. Mas o Sr. Hogan já não se encontrava ali.

8

Triste, Sandy Hogan estava sentada à mesinha de almoço numa praça do campus sombreada por um caramanchão. Seu olhar estava fixo num hambúrguer pré-preparado e aquecido em forno de microondas, que esfriava aos poucos, e numa caixinha de leite que aos poucos ficava morno. Ela conseguira assistir às aulas naquela manhã, nem absorvera a maior parte delas. A sua mente estava demasiado ocupada consigo mesma, sua família, e seu belicoso pai. Além disso, tinha sido uma forma horrível de passar a noite, atravessar a cidade de ponta a ponta, e ficar sentada a noite toda na estação rodoviária de Ashton, lendo o texto de psicologia. Após a última aula do dia, ela havia tentado

tirar uma soneca no gramado do jardim da escultura, e chegara até a dar um breve cochilo. Quando acordou, o seu mundo não havia melhorado, e ela tinha apenas duas impressões: fome e solidão.

Agora, sentada naquela mesinha com o almoço comprado na máquina, sua solidão estava empurrando para longe a fome e ela estava à beira das lágrimas.

— Por que, Papai? — murmurou em tom quase inaudível, mexendo o leite com o canudo. — Por que você não me consegue amar do jeito que sou?

Como podia ele ter tanta coisa contra ela quando mal a conhecia? Como podia ser tão inflexível contra os seus pensamentos e filosofias quando nem mesmo conseguia compreendê-los? Os dois viviam em mundos diferentes, e cada qual desprezava o do outro.

Na noite anterior ela e o pai não haviam trocado palavra, e Sandy fora deitar-se deprimida e zangada. Mesmo enquanto ouvia os pais apagarem as luzes, escovarem os dentes, e se deitarem, pareciam estar a meio mundo de distância. Ela desejava chamá-los para virem ao seu quarto e estender-lhes os braços, mas sabia que não daria certo; o pai faria exigências e imporia condições ao relacionamento, em vez de amá-la, simplesmente amá-la.

Ela ainda não sabia o que a havia aterrorizado no meio da noite. Tudo o de que conseguia se recordar era ter acordado acossada por todos os medos que já tivera — medo da morte, medo do fracasso, medo da solidão. Ela tinha de sair da casa. Ela sabia, mesmo enquanto se vestia às pressas e saia correndo pela porta, que era tolice e não adiantaria nada, mas as sensações eram mais fortes do que qualquer bom senso que ela podia invocar.

Agora ela se sentia muito como um pobre animal jogado ao espaço sem meios de voltar, flutuando

inquieto, esperando por nada em particular e sem nenhuma expectativa.

— Oh, Papai — choramingou ela, e então as lágrimas começaram a cair.

Ela deixou que os cabelos cor de fogo caíssem como macios anteparos dos dois lados do rosto e as lágrimas caíram uma a uma no topo da mesa. Ela ouvia gente passando, mas essas pessoas preferiam viver em seu próprio mundo e deixá-la a sós no dela. Ela tentou chorar baixinho, o que era difícil quando as emoções queriam sair como o cascatear de uma represa quebrada.

— Ah... — veio uma voz suave e hesitante — dá licença... Sandy ergueu os olhos e viu um rapaz loiro, um tanto magro, com grandes olhos castanhos cheios de compaixão. O rapaz disse:

— Por favor, desculpe a intromissão. .. mas... há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

A sala de estar do apartamento da professora Juleen Langstrat estava escura, e muito, muito quieta. Uma vela na mesinha de centro espalhava luz amarela e baça pelas estantes que iam até o teto, as estranhas máscaras orientais, a mobília muito bem disposta, e as faces das duas pessoas que estavam assentadas uma em frente da outra, com a vela no meio. Uma das pessoas era a professora, a cabeça descansando de encontro ao espaldar da cadeira, os olhos cerrados, os braços estendidos à frente, as mãos fazendo suaves movimentos circulares como os de alguém tentando manter-se à tona da água.

O homem sentado à sua frente era Brummel, também de olhos fechados, mas não refletindo muito bem a expressão e os atos de Langstrat. Parecia constrangido e pouco à vontade. A pequenos intervalos,

e por um átimo, ele entreabria os olhos apenas o suficiente para ver o que Langstrat estava fazendo.

Então, ela começou a gemer e seu rosto registrou dor e aborrecimento. Ela abriu os olhos e endireitou-se na cadeira. Brummel devolveu-lhe o olhar.

— Você não se sente bem hoje, não é? Ele deu de ombros e olhou para o chão.

— Estou bem. Apenas cansado.

Ela abanou a cabeça, insatisfeita com a resposta.

— Não, não, é a energia que sinto emanando de você. Está muito perturbado.

Brummel não teve resposta.

— Conversou com Oliver hoje? — sondou ela. Ele hesitou, e finalmente disse:

— Sim, claro.

— E você foi falar com ele sobre o nosso relacionamento. Essa afirmativa provocou uma reação.

— Não! Não é...

— Não minta para mim.

Ele murchou um pouco e deixou escapar um suspiro de frustração.

— Sim, claro, falamos sobre isso. Mas falamos de outras coisas também.

Langstrat sondou-o com os olhos como se tirasse uma radiografia dele. As mãos da mulher se abriram e começaram a oscilar no ar muito de leve. Brummel tentou escapar de vista afundando-se na cadeira.

— Ei, escute — disse, a voz trêmula — não foi grande coisa... Ela começou a falar como se estivesse lendo um bilhete preso ao peito dele.

— Você está... amedrontado, sente-se

encurralado, foi contar ao Oliver... também sente que está sendo controlado... — Ela fitou-lhe o rosto. — Controlado? Por quem?

— Não sinto que estou sendo controlado!

Ela deu uma risadinha a fim de deixá-lo mais à vontade.

— Ora, claro que sim. Acabei de ler que sim.

Brummel olhou por uma fração de segundo em direção ao telefone na mesinha de canto.

— Young ligou? Ela sorriu divertida.

— Não foi preciso. Oliver está muito próximo da Mente Universal. Estou começando a unir-me aos seus pensamentos agora —. A expressão dela endureceu. — Alf, eu realmente gostaria que você estivesse se saindo tão bem quanto ele.

Brummel suspirou novamente, escondeu o rosto nas mãos, e finalmente explodiu:

— Ei, escute, não posso atacar tudo de uma só vez! É demais o que existe para aprender!

Ela colocou a mão na dele, confortando-o.

— Bem, então vamos tratar dessas coisas uma de cada vez. Alf? — Ele olhou para ela. — Você está amedrontado, não está? De que tem medo?

— Diga você — e era quase um desafio.

— Estou-lhe dando uma chance de falar primeiro.

— Está bem, não estou com medo.

Pelo menos, não até aquele exato segundo, quando os olhos de Langstrat se entrefecharam e começaram a atravessá-lo.

— Você realmente está amedrontado — disse ela severamente. — Está amedrontado por ter sido

fotografado aquela noite pela repórter do Clarim. Não é verdade?

Zangado, Brummel apontou-lhe um dedo.

— Está vendo, foi exatamente essa uma das coisas das quais eu e Young falamos! Ele ligou para você! Deve ter ligado para você!

Ela assentiu com a cabeça, imperturbável.

— Sim, claro que me ligou. Ele não esconde nada de mim. Nenhum de nós esconde a verdade de todos os outros, você sabe disso.

Brummel viu que era melhor abrir o jogo.

— Estou preocupado com o Plano. Está ficando grande demais, grande demais para conseguirmos manter escondido. Acho que fomos descuidados ao encontrar-nos em público daquele jeito.

— Mas já resolvemos esse assunto. Não há com que se preocupar.

— Oh, não? Hogan está no nosso rasto! Suponho que saiba que ele esteve fazendo umas perguntas muito delicadas a Oliver?

— Oliver sabe cuidar-se.

— E então, como cuidamos de Hogan?

— Da mesma forma que cuidamos de todos os outros. Está sabendo que ele conversou com Oliver a respeito dos problemas que está tendo com a filha? Você deveria achar isso interessante.

— Que tipo de problemas?

— Ela fugiu de casa... e, não obstante, ainda sentiu vontade de ir à minha aula hoje. Gostei disso.

— Então como usaremos isso?

Ela sorriu aquele sorriso astucioso.

— Tudo na hora certa, Alf. Não podemos apressar as coisas.

Brummel levantou-se e começou a andar de cá para lá. — Com Hogan, não tenho tanta certeza. Ele pode não ser o bobalhão que Harmel era. Talvez mandar prender Krueger tenha sido um erro.

— Mas você teve acesso ao filme; fez com que fosse destruído. Ele se voltou a fim de defrontá-la.

— E o que adiantou? Antes eles não estavam fazendo perguntas, e agora estão! Vamos, sei o que eu pensaria se pegasse a minha máquina de volta e o filme tivesse sido arruinado. Hogan e Krueger não são tão ingênuos assim.

Langstrat falou docemente, colocando os braços ao redor dele como os ramos de uma trepadeira.

— Ah, mas eles são vulneráveis, primeiro com relação a você, e por último com relação a mim.

— Exatamente como todo mundo — resmungou ele.

Ele deveria ter esperado a reação da mulher. Ela se tornou muito fria e assustadora e olhou-o diretamente nos olhos.

— E esse — disse — é outro tópico que você discutiu com Oliver hoje.

— Ele lhe conta tudo!

— Os Mestres me contariam se ele não contasse.

Brummel tentou desviar os olhos. Não podia suportar o que quer que fosse que tornava tamanha beleza tão imensamente repelente.

— Olhe para mim! — insistiu ela, e Brummel obedeceu.— Se você não está contente com o nosso relacionamento, posso sempre terminá-lo.

Ele olhou para baixo, gaguejou um pouco.

— Está... tudo bem...

— O quê?

— Quero dizer que estou feliz com o nosso relacionamento.

— De verdade?

Ele estava desesperado para apaziguá-la, fazer que ela o largasse.

— Eu... apenas não quero ver as coisas se descontrolarem... Ela lhe deu um beijo lento, vampiresco.

— Você é quem precisa de mais controle. Não é o que sempre lhe ensinei?

Ela o estava picando em pedacinhos, e ele sabia disso, mas ela o possuía. Ele lhe pertencia.

Ainda sentia uma preocupação da qual não conseguia se desvencilhar.

— Mas quantos adversários podemos continuar a remover? Parece que toda vez que nos livramos de um, aparece outro no lugar. Hannel se foi, chegou Hogan...

Ela completou o pensamento dele.

— Você deu um jeito em Farrel, e chegou Henry Busche.

— Isso não pode continuar. As probabilidades estão contra nós.

— Busche está praticamente fora. Não vai haver um voto de confiança nesta sexta-feira?

— A congregação está ficando bem transtornada. Mas...

— Sim?

— Você sabia que ele tirou Lou Stanley da igreja por adultério?

— Ah, sim, isso deve ajudar a congregação a decidir.

— Uma porção de gente concordou com o que ele fez!

Ela se afastou um pouco a fim de encará-lo melhor, gelando-lhe o sangue com os olhos.

— Você está com medo de Henry Busche?

— Ouça, ele ainda tem bastante apoio na igreja, mais do que pensei que tivesse.

— Você *está* com medo dele!

— Alguém está do lado dele, não sei quem. E se ele descobrir a respeito do plano?

— Ele jamais descobrirá coisa alguma! — Se ela tivesse presas, estariam de fora. — Ele será destruído como ministro muito antes disso. Você dará um jeito nele, não é?

— Estou trabalhando nisso.

— Não se curve diante desse Henry Busche! Ele se curva diante de você, e você se curva diante de mim!

— Estou trabalhando nisso, já disse! Ela se descontraiu e sorriu.

— Terça que vem, então?

— Eh...

— Celebraremos a extinção de Busche que ocorrerá sexta-feira. Poderá me contar o que aconteceu.

— E o que diz de Hogan?

— Hogan é um tolo frouxo e enfraquecido. Não se preocupe com ele. Ele não é sua responsabilidade.

Antes que Brummel soubesse o que estava acontecendo, estava em pé do lado de fora da porta dos fundos.

Langstrat observou-o da janela até que ele entrou no carro e partiu pelo caminho de sempre, o beco, onde não seria visto. Ela abriu as cortinas para deixar entrar um pouco de luz, apagou a vela da mesinha de centro, e então tirou uma pasta da gaveta da escrivaninha.

Não demorou para que tivesse organizado em pilhas bem feitas os históricos de vida, perfis de personalidade e fotografias atuais de Marshall, Kate e Sandy Hogan. Quando seus olhos recaíram sobre a foto de Sandy, brilharam maliciosamente.

Pairando invisível sobre o ombro de Langstrat estava uma enorme mão preta adornada de anéis de pedras e braceletes de ouro. Uma voz profunda e sedutora colocava pensamentos na mente da mulher.

Na tarde de terça-feira, o Clarim fazia lembrar um campo de batalha após todos terem morrido ou batido em retirada. O lugar estava mortalmente silencioso. George, o linotipista, geralmente tinha folga no dia após a publicação a fim de poder recuperar-se da frenética corrida para aprontar tudo dentro do prazo. Tom, o colador, estava fora cobrindo uma história local.

Quanto a Edie, a secretária/repórter/moça dos anúncios havia pedido demissão e deixado o emprego na noite anterior. Marshall não sabia que ela já tinha sido feliz no casamento, mas o relacionamento foi-se deteriorando gradativamente, e afinal ela teve um pequeno caso com um caminhoneiro, o que resultará em uma explosão muito recente em casa, com pedaços do casamento voando para todos os lados e os cônjuges voando abruptamente em direções opostas. Agora ela se fora, e Marshall podia sentir o súbito vazio.

Ele e Berenice estavam sentados a sós no

escritório fechado a vidro no fundo da pequena sala de noticiário/sala de anúncios/escritório de entrada. De sua escrivaninha, uma pechincha de segunda mão, Marshall podia olhar pelo vidro e ver as três escrivaninhas, duas máquinas de escrever, dois cestos de lixo, dois telefones, e uma cafeteira elétrica. Tudo parecia atravancado e ocupado, com papéis e material para publicação espalhados por toda a parte, mas absolutamente nada estava acontecendo.

— Por acaso você saberia onde ficam as coisas por aqui? — perguntou ele a Berenice.

Berenice estava sentada à mesa de trabalho adjacente à escrivaninha de Marshall, as costas contra a parede, mexendo uma caneca personalizada de chocolate quente.

— Ahá, acharemos tudo — respondeu ela. — Sei onde ela guardava os livros, e tenho certeza de que o fichário rotativo dela contém todos os endereços e números telefônicos.

— E o fio da cafeteira?

— Por que você acha que estou tomando chocolate quente?

— Droga. Gostaria que alguém me tivesse dito.

— Acho que, na realidade, ninguém sabia.

— É melhor colocarmos um anúncio para o cargo de secretária esta semana. Edie fazia mais do que sua obrigação por aqui.

— Acho que foi uma briga violenta. Ela está deixando a cidade para sempre, antes que os olhos roxos do marido sarem e ele consiga ver para encontrá-la.

— Casos. Nunca dão bom resultado.

— E então, você ouviu a última a respeito de Alf

Brummel? Marshall ergueu os olhos para ela. Empoleirada na mesa, como um pássaro arisco, ela tentava parecer mais interessada no chocolate quente do que na novidade picante.

— Nas atuais circunstâncias — disse ele — estou morrendo de vontade de ouvir.

— Almocei com Sara, a secretária dele, hoje. Ele some por diversas horas toda terça à tarde e nunca diz onde vai, mas Sara sabe. Acho que nosso amigo Alf tem alguma namorada especial.

— Sim, Juleen Langstrat, professora de psicologia da faculdade. Isso estragou tudo para Berenice.

— Como você sabia?

— A loira que você viu aquela noite, lembra-se? Um dia depois Que minha repórter vai parar em cana por tirar as fotos erradas no parque de diversões, Langstrat expulsa-me da sua sala de aula. Acrescente a isso o fato de as orelhas de Oliver Young terem ficado bem vermelhas quando ele me disse que não a conhecia.

— Você é brilhante, Hogan.

— Apenas um bom adivinhador.

— Ela e Brummel realmente estão aprontando alguma *coisa.* Ele diz que é terapia, mas acho que está gostando, se é que entende aonde quero chegar.

— E daí, qual é a ligação de Young com os dois? Berenice não ouviu a pergunta.

— Pena que Brummel ainda não seja casado. Nesse caso, eu poderia fazer mais com o que sei.

— Ei, sintonize de novo, está bem? Temos um clubezinho aqui, e todos os três são membros.

— Desculpe.

— O que realmente procuramos é seja o que for

que não querem que saibamos, especialmente se, e quero dizer SE, até vale a pena fabricar uma falsa prisão para encobrir.

— E estragar o meu filme.

— Será que alguma daquelas impressões digitais no filme nos diria algo?

— Não muito. Não são fichadas.

Marshall voltou-se na cadeira para olhá-la mais diretamente.

— Está bem, quem você conhece? Berenice estava cheia de si.

— Tenho um tio que é muito chegado ao gabinete de Justin Parker.

— O promotor municipal?

— Claro. Não há o que ele não faça por mim.

— Ei, não o envolva neste negócio, pelo menos por enquanto... Berenice ergueu as mãos ao alto como se ele lhe estivesse apontando um revólver e assegurou-lhe:

— Ainda não, ainda não.

— Mas não estou dizendo que eles não possam vir a ser muito úteis.

— Não pense que ainda não considerei isso.

— E daí, diga-me uma coisa: Brummel chegou a pedir desculpas?

— Depois que você se curvou diante dele da maneira como fez, está brincando?

— Não veio um pedido oficial de desculpas da parte dele e de seu gabinete?

— Foi isso que ele lhe disse? Marshall teve de caçoar.

— Ahá, tanto Brummel quanto Young me disseram todo tipo de coisa, como mal se conheciam, como nem chegaram perto do parque de diversões... puxa, como gostaria de ter aquelas fotos. Berenice ficou ofendida.

— Olhe, você pode acreditar em mim, Hogan. De verdade! Marshall fitou o espaço por um ou dois segundos, cismando.

— Brummel e Langstrat. Terapia. Acho que faz sentido agora.

— Vamos lá, trate de colocar todos os pedaços sobre a mesa. Que pedaços? pensou Marshall. Como se expõe sensações vagas, experiências estranhas, vibrações? Finalmente, ele disse:

— Ah... esse Brummel e Langstrat... os dois estão metidos na mesma coisa. Sei que estão.

— Que coisa?

Marshall sentiu-se encurralado.

— Que tal... do outro mundo?

Berenice pareceu confusa. Ora, vamos, Krueger, não me faça ter de explicar. Ela disse:

— Vai ter de me explicar essa aí.

Fazer o quê, aqui vamos nós, pensou Marshall.

— Bem... sei que vai parecer loucura, mas quando falei com cada um deles, e você devia tentar isso algum dia, todos tinham essa coisa esquisita, um olhar aparvalhado de vez em quando... quase como se me estivessem hipnotizando ou coisa parecida...

Berenice caiu na risada.

— É isso aí, vá, ria.

— O que está dizendo? Todos eles estão metidos em algum tipo de viagem exótica?

— Ainda não sei que nome dar, mas, sim. Brummel não chega aos pés de Langstrat. Ele sorri demais. Young pode estar metido nisso também, mas ele usa palavras. Um monte de palavras.

Berenice estudou o rosto à sua frente por brevíssimo instante, e então disse:

— Acho que você precisa de um drink reforçado. Serve chocolate quente?

— Claro, faça um para mim. Por favor.

A moça retornou com outra caneca personalizada, a de Edie, cheia de chocolate quente.

— Espero que esteja forte bastante — disse ela, e encarapitou-se de novo na mesa.

— Então por que esses três tentam parecer despreocupados... — cismou Marshall.

— E o que dizer dos outros dois desconhecidos, Gorducho e Fantasma? Nunca os tinha visto antes?

— Nunca. Podiam ser de outra cidade.

Marshall suspirou.

— É um beco sem saída.

— Talvez ainda não. Brummel vai àquela igrejinha branca, a da Comunidade de Ashton, e ouvi dizer que alguém acabou de ser excomungado de lá por transar ou algo assim...

— Berenice, isso é fofoca!

— Que me diz, então, de eu falar com uma amiga que leciona na faculdade e que me poderia contar algo acerca dessa misteriosa professora?

Marshall parecia em dúvida.

— Por favor, não crie mais problemas para mim. Do jeito como as coisas estão, já tenho o bastante.

— Sandy?

De volta aos assuntos realmente difíceis.

— Ainda não tivemos notícia alguma, mas continuamos telefonando, perguntando a parentes e amigos. Temos certeza de que ela voltará para casa, mais cedo ou mais tarde.

— Ela não está fazendo uma matéria da Langstrat? Marshall respondeu com certa amargura:

— Ela está em *diversas* matérias da Langstrat —. Então se interrompeu. — Você não acha que poderíamos estar confundindo a linha que divide o jornalismo imparcial... da vingança pessoal?

Berenice deu de ombros.

— Apenas descobrirei o que realmente estiver lá, e será notícia ou não será. Enquanto isso, achei que talvez você gostasse de ter um pouco mais de informação.

Marshall não conseguia tirar da cabeça a lembrança do encontro com a fogosa Juleen Langstrat, e ficava cada vez mais magoado quando se lembrava das idéias da professora arremessadas contra ele pela boca da própria filha.

— Se for uma pedra, revire-a — disse finalmente.

— Por minha conta ou por conta do *Clarim.*

— Apenas revire-a — disse ele, e começou a datilografar furiosamente.

9

Aquela noite Marshall e Kate puseram três lugares à mesa do jantar. Era um ato de fé, confiando que Sandy estaria presente como sempre. Tinham telefonado

a todos os conhecidos, mas ninguém vira Sandy em parte alguma. A polícia não havia encontrado nada. Telefonaram para a faculdade a fim de verificar se Sandy havia estado ou não presente às aulas, mas até aquela hora não tinham conseguido entrar em contato com nenhum de seus

Marshall sentou-se à mesa, fitando a cadeira vazia da filha. Kate estava sentada em frente ao marido, silenciosa, esperando enquanto o arroz cozia no vapor.

— Marshall, não se torture.

— Estraguei tudo. Sou um fracasso.

— Oh, pare com isso!

— E o problema é, agora que sei ter estragado tudo, o de não existir muita possibilidade de repetir a cena.

Kate estendeu a mão por sobre a mesa e segurou a dele.

— Claro que existe! Ela voltará. Tem idade bastante para ser razoável e cuidar de si própria. Quero dizer, basta ver o que ela levou. Não pode estar pensando em ficar longe indefinidamente.

Nesse exato momento, a campainha da frente soou. Os dois deram um pulo.

— Deve ser o carteiro, ou uma bandeirante vendendo doces, ou um testemunha-de-Jeová — disse Marshall...!

— Bem, de qualquer forma, Sandy não tocaria a campainha. Kate levantou-se para atender a porta, mas Marshall correu adiante dela. Ambos chegaram à porta mais ou menos juntos e Marshall a abriu.

Nenhum deles esperava o rapaz, louro e bem arrumado, típico estudante de faculdade. Ele não trazia panfletos nem propaganda religiosa e parecia tímido.

— Sr. Hogan? — perguntou.

— Sim, sou eu — disse Marshall. — Quem é você?

O jovem era calmo mas firme bastante para tratar do que o levara ali. — Meu nome é Shawn Ormsby. Estou no terceiro ano da faculdade Whitmore e sou amigo de sua filha Sandy.

Kate ia dizer: — Por favor, entre — mas Marshall interrompeu com: — Você sabe onde ela está?

— Sim. Sim, sei, — respondeu Shawn, depois de pequena pausa

— E então? — disse Marshall.

— Posso entrar? — perguntou Shawn.

Kate assentiu graciosamente, afastando-se e quase empurrando Marshall para o lado.

— Sim, por favor, entre.

Levaram-no à sala-de-estar e convidaram-no a sentar-se. Kate segurou a mão de Marshall o tempo suficiente para fazê-lo sentar-se e silenciosamente lembrá-lo de se controlar.

— Muito obrigada por ter vindo — disse Kate. — Temo-nos preocupado muito.

A voz de Marshall estava sob controle quando ele disse:

— O que você sabe?

Shawn estava visivelmente constrangido.

— Eu... eu a conheci no campus ontem.

— Ela foi à *escola* ontem? — deixou escapar Marshall, sobressaltado.

— Deixe-o falar, Marshall — lembrou-lhe Kate.

— Bem — disse Shawn — sim. Sim, ela foi. Mas

encontrei-a no refeitório ao ar livre. Ela estava sozinha e tão visivelmente transtornada que, bem, achei que tinha de me envolver.

Marshall mal podia conter a ansiedade.

— O que quer dizer com visivelmente transtornada? Ela está bem?

— Oh, sim! Está perfeitamente bem. Isto é, nada de mau lhe aconteceu. Mas... estou aqui em seu lugar — . Desta vez, os dois, mãe e pai estavam ouvindo sem interromper, por isso Shawn continuou. — Conversamos durante um bom tempo e ela me contou o seu lado da história. Ela realmente quer voltar para a casa; devo dizer-lhes em primeiro lugar.

— Mas? — encorajou Marshall.

— Bem, Sr. Hogan, essa foi a primeira coisa que tentei persuadir Sandy a fazer, mas... se o senhor conseguir aceitar isto, ela está com medo de voltar, e acho que um tanto envergonhada.

— Por minha causa?

Shawn estava pisando em terreno perigoso.

— O senhor pode... consegue aceitar isso?

Marshall estava preparado para ser duro consigo mesmo.

— Sim, sem dúvida, eu posso aceitar isso. Há anos que estou pedindo para apanhar. Bem que mereço.

Shawn pareceu aliviado.

— Bem, é isso o que estou tentando fazer, a meu próprio modo, fraco e limitado. Não sou nenhum profissional, vou me formar em geologia, mas gostaria de ver esta família unida de novo.

Kate disse com humildade:

— Nós também gostaríamos.

— Sim — disse Marshall — realmente queremos nos esforçar para isso. Ouça, Shawn, quando chegar a me conhecer melhor, perceberá que saí de uma fôrma bem torta e que realmente sou difícil de endireitar. ..

— Não saiu, não! — protestou Kate.

— Saí, sim. Mas estou aprendendo o tempo todo. Quero continuar a aprender —. Ele se inclinou para a frente na cadeira. — Diga... Sandy mandou você aqui para nos ver?

Shawn olhou pela janela.

— Ela está no carro neste momento.

Kate pôs-se de pé no mesmo instante. Marshall agarrou-lhe a mão e a fez sentar-se de novo.

— Ei — disse ele — quem está sendo super-ansiosa agora? — Ele se voltou para Shawn. — Como está ela? Ainda está com medo? Ela acha que vou passar-lhe uma carraspana?

Shawn assentiu mansamente com a cabeça.

— Bem — disse Marshall, sentindo emoções que não desejava que ninguém percebesse — escute, diga-lhe que não vou-lhe passar nenhum pito. Não gritarei, não acusarei, não usarei de ironia ou palavras ferinas. Eu simplesmente... bem, eu...

— Ele a ama — disse Kate pelo marido. — De verdade.

— O senhor a ama? — perguntou Shawn. Marshall assentiu com a cabeça.

— Diga-me — pediu Shawn. — Diga em voz alta. Marshall olhou-o nos olhos.

— Eu a amo, Shawn. Ela é minha garota, minha filha. Eu a amo e a quero de volta.

Shawn sorriu e se ergueu.

— Vou buscá-la.

Naquela noite, havia quatro lugares à mesa.

A edição de sexta-feira do Clarim estava nas ruas, e a calmaria pós-publicação de sempre no escritório deu a Berenice a chance de que precisava para andar um pouco. Estivera esperando ansiosamente a oportunidade de dar um pulo à faculdade Whitmore a fim de falar com algumas pessoas. Alguns telefonemas tinham resultado em importante convite para almoçar.

Aquele refeitório do campus era uma nova adição, uma estrutura moderna de tijolo vermelho à vista com janelas de vidros azulados que iam do chão ao teto, e canteiros de flores cuidadosamente tratados. Podia-se comer dentro, em pequenas mesas para dois ou para quatro, ou sentar-se no pátio, à luz do sol. Era do tipo bufê e a comida não era ruim.

Berenice saiu ao pátio carregando uma bandeja com café e uma salada leve. Ao seu lado estava Rute Williams, uma bem humorada senhora de meia idade, catedrática de economia, carregando uma salada mexicana.

Escolheram uma mesa isolada abrigada da luz direta do sol. Na primeira metade da refeição trocaram amenidades e colocaram as novidades em dia.

Mas Rute já conhecia Berenice muito bem.

— Berenice — disse, finalmente — posso ver que está preocupada com alguma coisa.

Berenice foi franca com a amiga.

— Rute, é algo nada profissional e muito desagradável.

— Quer dizer que descobriu alguma coisa nova?

— Oh, não, não a respeito de Pat. Não, esse

assunto está adormecido há bom tempo. Mas pode ter certeza de que acordará de novo se surgir alguma novidade —. Berenice olhou para Rute por longos instantes. — Você não acha que conseguirei descobrir coisa alguma, não é?

— Berenice, você sabe que a apóio em seus esforços cem por cento, mas com esse apoio preciso acrescentar minhas sinceras dúvidas de que seus esforços jamais façam surgir alguma coisa. Foi tão... fútil. Tão trágico.

Berenice deu de ombros.

— Bem, é por isso que estou tentando concentrar meus esforços somente onde eles produzirão algum resultado. O que me leva ao assunto constrangedor do dia. Você sabia que fui presa e fui parar na cadeia domingo à noite?

Rute, naturalmente, mostrou-se incrédula.

— Presa? Por que motivo?

— Por oferecer meus serviços a um tira secreto para um ato de prostituição.

Essa resposta evocou a reação certa em Rute. Berenice contou todas as humilhações de que conseguiu se lembrar.

— Não consigo acreditar! — dizia Rute sem parar. — Isso é revoltante! Não posso acreditar!

— Bem, de qualquer forma — disse Berenice, desfechando o golpe final — acho que tenho razão em questionar os motivos do Sr. Brummel. Veja bem, tudo o que tenho é teoria e especulação, mas quero seguir essas coisas até o fim para ver se realmente existe algo por trás delas.

— Bem, posso entender isso. E o que eu poderia possivelmente saber que a ajudaria?

— Você conhece a professora Juleen Langstrat, do Departamento de Psicologia?

— Oh... já nos encontramos uma ou duas vezes. Sentamo-nos à mesma mesa em um almoço dos professores.

Berenice surpreendeu um resquício de desagrado na expressão da amiga.

— Hum. Algo errado com ela?

— Bem, cada um na sua — disse Rute, absorta a remexer a salada com o garfo. — Mas achei muito difícil relacionar-me com ela. Foi praticamente impossível dar início a uma conversa coerente com ela.

— Como ela se porta? É dinâmica, retraída, agressiva, irritante...?

— Distante, em parte, e acho que misteriosa, embora eu use essa palavra por não achar outra melhor. Tenho a impressão de que ela considera as pessoas nada mais que uma chatice. Seus interesses acadêmicos são muito esotéricos e metafísicos, e ela parece preferi-los à realidade prosaica.

— Com que tipo de gente ela se associa?

— Não saberia dizer. Acho que até ficaria surpresa ao saber que ela se dá bem com alguém.

— Então você nunca a viu na companhia de Alf Brummel?

— Oh, e esse deve ser o objetivo final de suas perguntas. Não, nunca mesmo.

— Mas, de qualquer modo, acho que você não a vê muito.

— Ela não é muito sociável, por isso, não. Mas, ouça, realmente me esforço para não me meter na vida dos outros, se entende o que quero dizer. Eu definitivamente gostaria de ajudá-la no que pudesse

para satisfazer às suas dúvidas a respeito da morte de Pat, mas o que você está querendo desta vez é...

— Pouco profissional e muito desagradável.

— Sim, realmente tem razão nesse ponto. Mas, acompanhando meu próprio conselho para que se desvencilhe dessa coisa, deixe-me, como amiga, dar-lhe o nome de alguém que pode saber mais. Está com o lápis à mão? Seu nome é Albert Darr, e ele é do Departamento de Psicologia. Pelo que fiquei sabendo, na maior parte por intermédio do próprio, ele convive com Langstrat quase diariamente, não gosta dela, e adora fofocar. Posso até chamá-lo para você.

Albert Darr, um jovem professor com cara de bebê, roupas elegantes e certa queda pelas mulheres, estava em seu escritório, corrigindo provas. Ele tinha tempo para conversar, especialmente com a adorável repórter do Clarim.

— Bem, alô, alô — disse ele quando Berenice entrou.

— Bem, alô, alô para você — respondeu ela. — Eu sou Berenice Krueger, amiga de Rute Williams.

— Ah... — Ele olhou para os lados procurando uma cadeira vazia, e finalmente removeu uma pilha de livros de referência. — Sente-se. Desculpe a bagunça —. Ele se sentou em outra pilha de livros e papéis que poderia ter tido uma cadeira por baixo. — Em que posso ajudá-la?

— Bem, esta visita não é realmente oficial, professor Darr...

— Albert.

— Obrigada. Albert. A bem da verdade, estou aqui por razões pessoais, mas se minhas teorias estiverem

certas, poderia ser importante num sentido noticioso —. Com uma pausa, ela indicou novo parágrafo e uma pergunta difícil. — Olhe, Rute me disse que você conhece Juleen Langstrat...

De súbito, Darr sorriu um amplo sorriso, reclinou-se para trás em sua cadeira cheia de livros e descansou as mãos atrás da nuca. Pelo visto, esse seria um assunto que ele teria prazer em discutir.

— Ah — disse, encantado — então você se atreve a invadir solo sagrado! — Darr olhou em volta do aposento fingindo-se desconfiado, procurando bisbilhoteiros imaginários, depois inclinou-se para diante e disse, abaixando a voz: — Escute, há certas coisas que ninguém deveria saber, nem mesmo eu —. Então animou-se novamente e disse: — Mas a nossa cara professora já teve muitas ocasiões de me magoar e espezinhar, e portanto sinto que não tenho nenhuma dívida para com ela. Estou morrendo de vontade de responder às suas perguntas.

Evidentemente, Berenice podia simplesmente mergulhar de cabeça; aquele sujeito não parecia precisar de formalidades.

— Muito bem, para começar — disse ela, apanhando a caneta e o bloco de anotações — o que realmente estou tentando descobrir é algo a respeito de Alf Brummel, o Delegado de polícia. Fui informada de que ele e Langstrat se vêem bastante. Pode confirmar isso?

— Oh, sem dúvida.

— E então... há alguma coisa entre eles?

— O que quer dizer com “alguma coisa”?

— Você preenche o espaço em branco.

— Se está falando de um caso romântico... — Ele sorriu e meneou a cabeça. — Não sei se vai gostar da

resposta, mas não, não acho que isso esteja ocorrendo.

— Mas ele a vê com bastante regularidade?

— Oh, sim, mas muita gente faz a mesma coisa. Ela dá consultas nas horas vagas. Ora, diga-me, Brummel não a vê semanalmente?

Um pouco desapontada, Berenice respondeu:

— Sim, todas as terças-feiras. Pontualmente.

— Aí, está vendo só? Ele a procura para fazer sessões semanais regulares.

— Mas por que ele não conta a ninguém? Faz grande segredo em torno dessas visitas.

Ele se inclinou para diante e abaixou a voz.

— Tudo o que Langstrat faz é segredo profundo, sombrio! O Círculo íntimo, Berenice. Ninguém deve sequer saber da existência das chamadas consultas, ninguém além dos privilegiados, a elite, os poderosos, os muitos patrocinadores especiais que a procuram. É assim que ela é.

— Mas o que ela está aprontando?

— Ora, veja bem — disse ele com um brilho malicioso no olhar — isso é informação confidencial, e também é melhor adverti-la de que não é de inteira confiança. Sei muito pouco do que vou contar por observação direta; a maior parte eu dei um jeito de descobrir aqui pelo departamento. Felizmente, a professora Langstrat fez tantos inimigos que poucos dos que trabalham com ela lhe têm algum compromisso e dedicação —. Ele se reposicionou numa postura em que os olhos ficavam na mesma altura. — Berenice, a professora Langstrat é, como diria? Não uma pessoa... do andar térreo. Suas áreas de estudo excedem tudo aquilo em que o resto de nós tem o menor desejo de se meter: a Fonte, a Mente Universal, os Planos Elevados...

— Receio não saber do que você está falando.

— Oh, ninguém aqui também sabe do que ela está falando. Alguns de nós estamos muito preocupados; não sabemos se ela é muito brilhante e está fazendo descobertas muito reais, ou se ela é meio louca.

— Bem, que negócio é esse, essa Fonte, e essa Mente?

— Pelo que sabemos, ela tira essas coisas das religiões orientais, das antigas seitas e escritos místicos, coisas das quais nada sei, nem quero saber. No que me diz respeito, os estudos que ela fez nessas áreas podem tê-la levado a perder todo o contato com a realidade. De fato, pode até ser que meus colegas caçoem e falem mal de mim por dizer isto, mas vejo o progresso de Langstrat nessas áreas como nada mais do que feitiçaria tola, neo-pagã. Acho que ela está desesperadamente confusa!

Berenice lembrava-se agora das estranhas descrições que Marshall havia feito de Langstrat.

— Ouvi dizer que ela faz coisas estranhas com as pessoas...

— Tolice. Pura tolice. Acho que ela pensa que pode ler minha mente, controlar-me, enfeitiçar-me, sei lá. Simplesmente não penso no assunto e faço força para ficar longe dela.

— Mas nada disso é digno de crédito?

— De forma alguma. As únicas pessoas que ela pode controlar ou afetar são os pobres trouxas do Círculo íntimo que são idiotas e ingênuos o bastante para...

— O Círculo íntimo... você já usou esse termo antes... Ele ergueu a mão em advertência.

— Não é fato, não é fato. Eu mesmo cunhei esse

título. Tudo o que tenho é dois aqui, dois ali, que dão um quatro muito persuasivo. Já a ouvi admitir que aconselha as pessoas que a procuram, e percebi que algumas delas são bem importantes. Mas como poderia uma conselheira com idéias tão distorcidas possivelmente endireitar os outros? Mas, então...

— Sim?

— Seria de esperar que ela... reivindicasse uma vantagem especial numa situação dessas. Quem sabe, talvez ela faça sessões espíritas ou de leitura da mente. Talvez ela cozinhe cauda de lesma e olhos de lagartixa e os sirva com pernas de aranha empanadas para invocar alguma resposta do sobrenatural... mas agora estou fazendo pilhéria.

— Mas você acha que há possibilidade disso?

— Bem, nada tão bizarro quanto o que descrevi, mas, sim, algo parecido, de acordo com o interesse que ela tem no oculto.

— E essas pessoas do Círculo íntimo a vêem regularmente.

— Pelo que sei, sim. Realmente não tenho a mínima idéia sobre como isso é feito ou por que as pessoas chegam a ir lá. Que bem pode lhes fazer?

— Pode me dar alguns exemplos?

— Bem... — Ele pensou por um momento. — Claro, já mencionamos e confirmamos o seu Sr. Brummel. Oh, e você conhece Ted Harmel?

Berenice quase derrubou a caneta.

— Ted?

— Sim, o antigo redator do Clarim.

— Trabalhei para ele antes de ele se ir embora e Hogan comprar o jornal.

— Ah, pelo que sei, o Sr. Harmel não apenas "foi-se embora".

— Não, ele fugiu. Mas quem mais?

— A Sra. Pinckston, membro do conselho diretor da faculdade.

— Ah, então não é apenas homens.

— Oh, claro que não. Berenice continuou a escrever.

— Continue, continue.

— Oh, céus, quem mais? Ah, acho que Dwight Brandon...

— Quem é Dwight Brandon?

Darr a fitou com ar de superioridade.

— É simplesmente o dono da propriedade sobre a qual a faculdade foi construída.

— Oh... — Ela escreveu o nome com uma explicação grifada.

— Oh, depois temos Eugene Baylor. Ele é o tesoureiro geral, um homem muito influente no conselho diretor, pelo que soube. Parece que ele levou algumas alfinetadas acerca de seja lá o que for que ele e a professora fazem nas sessões de que participa, mas ele continua fazendo-se passar por virtuoso e firme em suas convicções.

— Hum.

— Ah, e há também aquele sujeito pastor, aquele... ah...

— Oliver Young.

— Como é que *você* sabe? Berenice apenas sorriu.

— Um bom palpite. Continue.

10

Na noite de sexta-feira, Hank não conseguia tirar da cabeça a assembléia extraordinária que se aproximava, o que provavelmente era bom para ele em vista da moça que estava sentada à sua frente no seu pequenino escritório, canto da casa. Ele havia pedido a Mary que estivesse por perto e agisse de forma amorosa e conjugai. Esta jovem senhora, Carmem, foi o único nome que ela deu, era um caso dos pesados. Pela forma de se vestir e se portar, ele fez questão que fosse Mary quem atendesse à porta e a fizesse entrar quando ela chegou. Mas pelo que Hank podia notar, Carmem não estava tentando projetar uma imagem falsa; parecia genuína, apenas sinceramente exagerada. Quanto aos motivos pelos quais queria aconselhamento...

— Acho — começou ela — acho que eu apenas estou muito sozinha, e é porque ouço vozes...

Imediatamente, ela examinou os rostos dos dois para ver sua reação. Mas depois da recente experiência, nada parecia muito irreal para Hank e Mary.

Hank perguntou:

— Que tipo de vozes? Que tipo de coisas elas dizem?

Ela pensou por um instante, os grandes olhos azuis, exagerada-mente inocentes, perscrutando o teto.

— O que está acontecendo comigo é legítimo — disse ela. — Não estou louca.

— Não duvido da sua palavra — disse Hank. — Mas conte-nos acerca dessas vozes. Quando elas falam com você?

— Quando estou a sós, especialmente. Como

ontem à noite, eu estava deitada na cama e... — ela relatou as palavras que a voz lhe dissera, que poderiam ter sido o texto perfeito de um telefonema obsceno.

Mary não sabia o que dizer; aquilo estava ficando muito forte. A Hank, a coisa toda soava um tanto familiar, e embora ele se sentisse muito cauteloso em relação a Carmem e seus motivos, ainda permanecia aberto à possibilidade de que ela estivesse enfrentando parte das mesmas forças demoníacas que ele enfrentara.

— Carmem — perguntou ele — essas vozes já disseram quem são? Ela pensou por um momento.

— Acho que uma delas era espanhola ou italiana. Tinha um sotaque, e o nome era Amano, ou Amanzo, ou algo parecido. Ele sempre fala muito suavemente e sempre diz que deseja ter relação sexual comigo...

Nesse momento o telefone tocou. Mary levantou-se depressa para atender.

— Não se demore — pediu Hank.

Que ela saiu bem depressa, saiu. Hank a estava acompanhando com o olhar quando sentiu que Carmem lhe tocava a mão.

— Você não acha que estou louca, acha? — perguntou, com olhar súplice.

— Ah... — Hank retirou a mão a fim de coçar uma coceira inexistente. — Não, Carmem, não estou... isto é, não acho. Mas realmente quero saber de onde essas vozes vêm. Quando foi que você começou a ouvi-las?

— Quando cheguei a Ashton. Meu marido me abandonou e vim para cá a fim de começar vida nova, mas... sinto-me tão sozinha.

— Você as ouviu pela primeira vez quando chegou a Ashton?

— Acho que é por que estava me sentindo muito

solitária. Ainda me sinto solitária.

— O que foi que elas disseram no começo? Como se apresentaram?

— Eu estava sozinha, e solitária, havia acabado de mudar para cá, e pensei ter ouvido a voz de Jim. Sabe, o meu marido...

— Continue.

— Realmente pensei que era ele. Não indaguei como ele podia falar comigo sem estar presente, mas respondi e ele me disse quanta falta sentia de mim, e como achava que era melhor a maneira como as coisas estavam, e passou o resto da noite comigo.

Ela começou a derramar lágrimas.

— Foi lindo.

Hank não sabia o que pensar do que ela dizia.

— Incrível — foi tudo o que conseguiu dizer.

De novo ela olhou para ele com aqueles grandes olhos súplices e disse através das lágrimas:

— Eu sabia que você acreditaria em mim. Já ouvi falar de você. Dizem que é um homem compassivo, e muito compreensivo...

Depende de quem você ouve, pensou Hank; mas então a mão dela estava novamente tocando a sua. Hora de suspender a consulta, pensou Hank.

— Ah — disse, tentando ser confortador, sincero e imparcial. — Escute, acho que foi uma hora bem proveitosa...

— Oh, sim!

— Você gostaria de voltar na semana que vem?

— Oh, adoraria! — exclamou ela, como se Hank a tivesse convidado para um encontro. — Tenho tantas

outras coisas para lhe contar!

— Bem, ótimo, acho que a próxima sexta está bem para mim se você puder.

Oh, ela podia, podia, sim, e Hank levantou-se, indicando que a sessão havia terminado. Não haviam coberto muito terreno, mas no que dizia respeito a Hank, céus, fora o bastante.

— Agora, vamos os dois tirar um tempo para pensar nessas coisas. Depois de uma semana, elas podem parecer um pouco mais claras.

Podem fazer mais sentido —. Onde, oh, onde estava Mary? Ah, ela voltava à sala.

— Já está de saída?

— Foi maravilhoso — suspirou Carmem, mas pelo menos soltou a mão de Hank.

Botar Carmem porta afora foi mais fácil do que Hank havia esperado. Maravilhosa Mary. Salvara a pátria! Hank fechou a porta e recostou-se contra ela.

— Uau! — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Hank — disse Mary, com voz quase inaudível — eu não estou gostando nada disto!

— Ela... ela é bem quente, isso ela é.

— O que acha da história dela?

— Esperarei para ver. Quem telefonou?

— Espere só até ouvir isto! Era uma mulher do *Clarim* querendo saber se a pessoa que havíamos suspendido da comunhão da igreja era Alf Brummel!

De repente Hank pareceu um brinquedo inflável com um vazamento.

Um pouco desapontada, Berenice entrou no

escritório de Marshall. O redator estava à sua mesa, examinando alguns anúncios para a edição de terça-feira.

— E então, o que disseram? — perguntou ele sem erguer os olhos.

— Não é o Brummel, e acho que não foi uma pergunta muito delicada. Conversei com a esposa do pastor, e pelo tom da voz dela pude perceber que o assunto todo é muito espinhoso.

— E, ouvi conversa lá no barbeiro. Alguém estava dizendo que vão votar para mandar o pastor embora esta noite.

— Ah, então eles de fato têm problemas.

— Mas totalmente independentes do nosso, o que me deixa contente. Isso já foi longe demais.

Marshall examinou de novo a lista de nomes que Berenice havia conseguido com Albert Darr.

— Como é que querem que eu trabalhe aqui com esse tipo de coisas não resolvidas rolando por aí? Bernie, você está começando a dar muito trabalho, sabia?

Ela aceitou as palavras dele como elogio.

— E você já examinou aquele folheto que traz as matérias facultativas que Langstrat está dando?

Marshall apanhou-o e pôde apenas menear a cabeça incredulamente.

— Que raio de negócio é isto? “Introdução ao Deus e à Deusa Consciência e a Arte: a divindade do homem, bruxa, bruxo, a Roda Sagrada da Medicina, como funcionam os feitiços e rituais”? Você deve estar brincando!

— Continue lendo, chefe!

— “Caminhos para a sua Luz Interna: conheça os seus próprios guias espirituais, descubra a luz interna... harmonize seus níveis de existência mental, físico, emocional e espiritual através da hipnose e da meditação.”

Marshall leu mais um pouco e a seguir exclamou:

— O quê? “Como Gozar o Presente Através da Experiência de Vidas Passadas e Futuras”?

— Gosto dessa que está perto do fim: “No Princípio Era a Deusa”. Langstrat, talvez?

— Por que ninguém ouviu falar disso antes?

— Por algum motivo, nunca foi anunciado no jornal da escola nem na lista pública das aulas. Foi o próprio Albert Darr quem me deu o folheto e disse que era um item passado um tanto exclusivamente de um para o outro entre os alunos interessados.

— E minha Sandy está assistindo à aula dessa mulher...

— É, de certa forma também todas essas pessoas da lista. Marshall colocou o folheto na mesa e apanhou a lista. Meneou a cabeça novamente; era a única coisa que ele conseguia pensar em fazer.

Berenice acrescentou:

— Acho que não me importo tanto se um bando de tontos querem cair na conversa dessa Langstrat, mas eles são importantes demais! Olhe só para isso: Dois dos membros do conselho diretor, o dono do terreno da faculdade, o tesoureiro municipal, o juiz do distrito!

— E Young! O respeitado, reverenciado, influente Oliver Young, tão envolvido na comunidade! — Marshall repassou mentalmente as recordações gravadas em alguma fita da sua memória. — É, o quadro está completo, agora faz sentido, todo aquele palavrório vago,

evasivo que ele me passou no seu gabinete. Young tem uma religião toda particular. De batista conservador é que ele não tem nada, isso posso garantir!

— Religião não me interessa muito. Mas mentiras e trapaças são coisas totalmente diferentes!

— Bem, ele negou veementemente conhecer a Langstrat. Perguntei-lhe diretamente, bem na cara, e ele me disse que não a conhecia.

— Alguém está mentindo — cantarolou Berenice.

— Gostaria que tivéssemos mais corroboração.

— É, apenas acabamos de conhecer o Darr.

— E Ted Harmel? Você o conhecia bem?

— Bem o suficiente, suponho. Você sabe por que ele se foi embora?

— Brummel disse que houve um escândalo, mas em quem se pode acreditar hoje em dia?

— Ted negou.

— Ahá, todo o mundo está dizendo tudo e todo o mundo está negando tudo.

— Bem, de qualquer forma, ligue para ele. Eu tenho o número. Ele está morando perto de Windsor. Acho que está tentando ser um eremita.

Marshall correu os olhos pelo material dos anúncios ainda sobre a sua mesa, esperando seu tempo e atenção.

— Como é que vou conseguir fazer alguma coisa por aqui?

— Ei, não é nada importante. Se eu posso dar umas voltas por conta própria, o mínimo que você pode fazer é ligar para o Ted. Ligue amanhã... sábado, que é seu dia de folga. De repórter para repórter. De jornalista para jornalista. Pode cair nas graças dele.

Marshall suspirou.

— Passe-me o número.

Mary terminou de arrumar a cozinha, pendurou o pano de pratos, e foi ao quarto dos fundos. Ali, no escuro, Hank estava orando ajoelhado ao lado da cama. Ela se ajoelhou ao lado dele, tomou a sua mão, e juntos se colocaram nas mãos do Senhor. A vontade de Deus seria feita aquela noite e, fosse qual fosse, a aceitariam.

Alf Brummel tinha uma chave da igreja e já estava presente, acendendo as luzes e aumentando a temperatura do termostato. Ele não se sentia nada bem. Era melhor que votassem certo desta vez, pensava.

No lado de fora, embora ainda faltasse meia hora para o início da reunião, carros começaram a chegar, em número maior do que o que geralmente comparecia aos domingos. Sam Turner, o principal comparsa de Brummel, chegou em seu Cadilac, e ajudou Helen, a esposa, a descer do carro. Ele era uma espécie de fazendeiro, não um grande proprietário, mas agia como se fosse. Naquela noite, ele estava sombrio e decidido, assim como a esposa. Em outro carro, chegou John Coleman e a esposa Patrícia, um casal discreto que se transferira para aquela igrejinha de uma igreja grande em outra parte da cidade. Eles realmente gostavam de Hank e não se importavam em demonstrar a sua afeição. Bem sabiam que Alf Brummel não ficaria muito contente com a sua presença.

Outros foram chegando e depressa se coagulavam em grupinhos de sentimentos afins, falando em sílabas rápidas e tons baixos e mantendo os olhos voltados para si mesmos, exceto por uns poucos que espichavam o pescoço para ver quem tinha comparecido, tentando prever a contagem final.

Diversas sombras escuras de seu poleiro no topo

do telhado da igreja, de suas posições à volta do prédio, ou dos postos para os quais tinham sido designados no templo, vigiavam tudo com muita cautela.

Lucius, mais nervoso que nunca, andava e flutuava sem cessar. Baal Rafar, ainda desejoso de manter-se em quase anonimato, havia-lhe confiado essa tarefa e, pelo menos nessa noite, Lucius estava de volta à antiga glória.

O que mais preocupava Lucius era a presença dos outros espíritos que ali se encontravam, os inimigos da causa, o exército dos céus. Estavam sendo mantidos afastados pelas forças de Lucius, sem dúvida, mas havia guerreiros novos que ele jamais vira antes.

Nos arredores, mas não muito perto, Signa e seus dois guerreiros vigiavam. De acordo com as ordens de Tal, haviam permitido que os demônios tivessem acesso ao prédio, mas estavam de olho nas suas atividades e vigilantes quanto à presença de Rafar. Até então, simples presença deles, assim como a de muitos outros guerreiros, tinha exercido um efeito tranqüilizador sobre as hostes demoníacas. Não havia ocorrido nenhum incidente e, no momento, era tudo o que Tal desejava.

Quando Lucius viu o casal Coleman entrar pela porta da frente, começou a agitar-se. No passado, eles nunca se tinham mostrado muito fortes contra as derrotas e desânimos ordenados por Lucius, e o casamento deles quase se desfizera. Então, haviam-se colocado ao lado desse Busche de Oração, ouvindo o que ele dizia e tornando-se cada vez mais fortes. Não demoraria muito e eles, e outros como eles, constituiriam uma verdadeira ameaça.

Mas a sua chegada não causou tanta agitação em Lucius quanto o enorme e loiro mensageiro de Deus que os acompanhava. Lucius tinha certeza de nunca ter visto esse guerreiro antes. Enquanto os Coleman se assentavam, Lucius precipitou-se para baixo e

interpelou o novo intruso.

— Nunca o vi antes! — disse grosseiramente, e todos os outros espíritos concentraram a atenção nele e no estranho. — De onde vem?

O estranho, Chimon da Europa, nada disse. Apenas cravou os olhos nos de Lucius e permaneceu firme.

— Diga-me o seu nome! — exigiu Lucius. O estranho não disse palavra.

Lucius sorriu matreiramente e sacudiu a cabeça.

— Você é surdo? É mudo? É tão irracional quanto é silencioso? — Os outros demônios caíram na risada. Adoravam esse tipo de jogo. — Diga-me, você é bom de luta?

Silêncio.

Lucius puxou de uma cimitarra que rebrilhou cor de sangue e

zumbiu metalicamente. Seguindo-lhe o exemplo, os outros demônios fizeram o mesmo. O ruído e o retinir de lâminas lustrosas encheram o aposento à medida que rubras meias-luas de luz refletida dançavam nas paredes. Um círculo de demônios armados impediram a intervenção dos outros mensageiros de Deus, enquanto Lucius continuava a provocar o guerreiro desconhecido.

Lucius olhou para esse oponente firme e imóvel com um ódio ardente que fez seus olhos amarelados saltarem e seu hálito sulfuroso ser violentamente expelido através de narinas muito dilatadas. Ele brincou com a espada, fazendo-a descrever pequenos círculos na frente do rosto do estranho, tentando ver se o estranho fazia o menor movimento.

O estranho apenas o fitava, sem se mexer.

Com um grito intenso, Lucius passou a espada

pela frente do estranho, cortando-lhe a roupa. Vivas e risadas ergueram-se do bando de demônios. Lucius posicionou-se para lutar, segurando a espada com as duas mãos, agachado, as asas abertas.

Diante dele estava uma estátua de túnica retalhada.

— Lute, seu espírito desanimado! — desafiou Lucius.

O estranho não reagiu, e Lucius cortou-lhe o rosto. Outros vivas da parte dos demônios.

— Tiro uma orelha? Ou duas? Corto-lhe a língua, se é que tem uma? — provocava Lucius.

— Acho que está na hora de começarmos — disse Alf Brummel do púlpito. Os presentes cessaram suas conversações cochichadas, e o lugar começou a aquietar-se.

Lucius olhou para o estranho com uma risadinha de mofa e indicou com a espada:

— Vá juntar-se aos outros covardes.

O novo guerreiro afastou-se, e então tomou seu lugar junto aos outros mensageiros de Deus atrás da barricada demoníaca.

Onze anjos tinham conseguido entrar na igreja sem encolerizar em demasia os demônios: Triskal e Krioni já haviam entrado com Hank e Mary. Eles tinham sido freqüentemente vistos na companhia do pastor e da esposa, e por isso não receberam muita atenção além das expressões e posturas ameaçadoras de sempre. Guilo estava lá, grande e ameaçador como nunca, mas aparentemente nenhum demônio tinha o menor interesse em dirigir-lhe qualquer pergunta.

Outro novo guerreiro, um polinésio troncudo, dirigiu-se a Chimon e tratou do ferimento do seu rosto

enquanto Chimon consertava o rasgo da túnica.

— Mota, chamado da Polinésia — veio a apresentação.

— Chimon da Europa. Bem-vindo ao nosso grupo.

— Está em condições de continuar? — perguntou Mota.

— Continuarei — respondeu Chimon, tecendo habilidosamente o tecido da túnica com os dedos. — Onde está Tal?

— Ainda não chegou.

— Um demônio de febre tentou deter o casal Coleman. Sem dúvida Tal teve de enfrentar um ataque contra Duster.

— Não sei como ele o repelirá sem tornar-se visível.

— Deixe por conta dele —. Chimon olhou em redor. — Náo vejo o Príncipe Baal em parte alguma.

— Pode ser que jamais o vejamos.

— E possa ele jamais ver Tal.

Brummel, em pé atrás do púlpito passou os olhos pelas quase cinqüenta pessoas que se haviam reunido e deu início à reunião. Desse local vantajoso, nem mesmo ele podia deixar de tentar adivinhar a contagem final. Algumas pessoas iam definitivamente mandar Hank passear, algumas definitivamente não iam, e então havia aquele grupo frustrador e imprevisível a respeito do qual ele não podia ter certeza.

— Desejo agradecer a todos o terem comparecido esta noite — disse ele. — Esta é uma questão dolorosa que temos de resolver. Era o meu desejo que a noite de hoje nunca chegasse, mas todos nós queremos que a vontade de Deus seja feita e almejamos o que for melhor para o seu povo. Assim, vamos iniciar com uma oração e

entregar o restante da noite ao cuidado e direção divinas.

Tendo dito isso, Brummel iniciou uma oração muito pia, implorando a graça e a misericórdia do Senhor, com palavras que trariam lágrimas ao mais seco dos olhos.

No canto da frente do templo, Guilo, irritado, desejava que um anjo pudesse cuspir num ser humano.

Triskal perguntou a Chimon:

— Está recebendo força? Chimon respondeu:

— Por quê? Alguém mais vai orar?

Brummel terminou a oração, os presentes murmuraram alguns améns, e então ele prosseguiu com a apresentação do assunto em pauta.

— A finalidade desta reunião é discutirmos abertamente os nossos sentimentos com relação ao Pastor Hank, de colocar um ponto final em todas as calúnias e disse-que-disses, e encerrá-la com um voto decisivo de confiança. Espero que todos tenhamos a mente do Senhor ao resolver essas questões. Se houver algo que alguém deseje dizer ao grupo, eu pediria que limitasse o seu tempo a três minutos. Avisarei quando o tempo acabar, por isso não se esqueçam.

Brummel olhou para Hank e Mary, e continuou:

— Acho que é bom dar a palavra primeiro ao pastor. Depois, ele nos deixará a fim de podermos falar à vontade.

Enquanto Hank se levantava, Mary apertou-lhe a mão. Hank dirigiu-se ao púlpito e, colocando-se atrás dele, segurou as laterais. Durante longos momentos, não pôde dizer coisa alguma, mas apenas ficou a olhar em cada olho de cada rosto. Percebeu de repente o quanto verdadeiramente amava essa gente, toda ela.

Podia ver a dureza em alguns rostos, mas não conseguia deixar de enxergar além dela a dor e a escravidão que subjugavam essas pessoas, iludidas, desviadas pelo pecado, pela cobiça, pela amargura e pela rebeldia. Em muitos outros rostos ele lia a dor que estavam sentindo por ele; sabia que alguns oravam silenciosamente, pedindo a misericórdia e a intervenção de Deus.

Hank, ao começar, deixou que uma breve oração lhe entremeasse os pensamentos.

— Sempre considerei um privilégio colocar-me atrás deste sagrado púlpito, a fim de pregar a Palavra e falar a verdade.

Examinou de novo o rosto dos presentes por apenas um momento e então continuou:

— E mesmo esta noite sinto que não posso me desviar da comissão que Deus me deu e do propósito pelo qual sempre me coloquei diante de vocês. Não estou aqui com o propósito de defender a minha pessoa ou o meu ministério. Jesus é o meu advogado, e deixo o curso de minha vida aos cuidados da sua graça, orientação e misericórdia. Por isso, esta noite, já que estou mais uma vez atrás deste púlpito, deixem-me partilhar com vocês aquilo que recebi de Deus.

Hank abriu a Bíblia e leu na segunda epístola de Paulo a Timóteo, capítulo 4.

"Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino; prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceiras em seus ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições,

faze o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério."

Hank fechou a Bíblia, correu o olhar pelo aposento e disse com firmeza:

— Que cada um de nós aplique a palavra de Deus onde ela for aplicável. Esta noite falarei apenas por mim mesmo. Tenho um chamado de Deus; acabei de lê-lo. Alguns de vocês, eu sei, tiveram realmente a impressão de que Hank Busche está obcecado com o evangelho, que ele só pensa nisso. Bem, é verdade. Às vezes chego a perguntar-me por que permaneço numa posição tão difícil como esta, neste esforço penoso... mas para mim o chamado de Deus na minha vida é uma ordem inescapável e, como disse Paulo: "Ai de mim se não pregar o evangelho." Compreendo que às vezes a verdade da Palavra de Deus pode tornar-se em divisão, irritação, em pedra de tropeço. Mas isso só acontece porque ela permanece imutável, inflexível, firme. E que melhor razão poderia haver para construirmos a vida sobre tão imutável alicerce? Violar a Palavra de Deus nada mais é que destruir a nós mesmos, nossa alegria, nossa paz, nossa felicidade.

— Desejo ser justo com vocês, e por isso falarei a verdade ao dizer-lhes exatamente o que podem esperar de minha parte. Tenciono amá-los a todos, não importa o que aconteça. Tenciono pastoreá-los e alimentá-los enquanto desejarem que eu fique. Não desacreditarei, nem transigirei, nem darei as costas àquilo que acredito que a Palavra de Deus ensina, e isso significa que haverá horas em que terão o meu cajado de pastor em torno de seus pescoços, não para julgar ou fazer mal, mas para ajudá-los a se voltarem para a direção certa, a fim de protegê-los e curá-los. Tenciono pregar o evangelho de Jesus Cristo, pois para isso fui chamado. Sinto uma grande responsabilidade por esta cidade; há vezes em que sinto tão fortemente essa responsabilidade

que tenho de perguntar-me por que, mas esse sentimento não se vai e não posso dar-lhe as costas nem tentar negá-lo. Até que o Senhor me diga o contrário, tenciono permanecer em Ashton a fim de me desincumbir dessa responsabilidade.

— Se esse é o tipo de pastor que desejam, então digam-me esta noite. Se não for esse o tipo de pastor que desejam... bem, realmente também preciso saber.

— Amo-os a todos. Desejo o melhor que Deus tem para lhes dar. E acho que isso é tudo o que tenho a dizer.

Hank desceu da plataforma, pegou a mão de Mary, e os dois saíram pela passagem central rumo à porta. Hank tentou captar os olhos de tantas pessoas quantas pudesse. Algumas lhe deram olhar de amor e estímulo, outras desviaram os olhos.

Krioni e Triskal saíram com Hank e Mary. Lucius observava com zombeteiro desdém.

Guilo murmurou para os companheiros:

— Enquanto o gato está ausente, os ratos vão brincar.

— Onde está Tal? — perguntou novamente Chimon. Brummel pôs-se de pé diante do grupo.

— Ouviremos agora as declarações da congregação. Levantem a mão se quiserem falar. Sim, Sam, porque não fala primeiro?

Sam Turner levantou-se e foi à frente.

— Obrigado, Alf — disse. — Bem, não tenho dúvida de que todos conhecem a mim e a minha esposa Helen. Temos morado nesta comunidade por mais de trinta anos, e apoiamos esta igreja através de tudo quanto foi dificuldade. Ora, não tenho muito o que dizer esta noite. Todos sabem que tipo de pessoa sou, como

acredito em amar ao próximo e em viver uma vida de bem. Tenho tentado fazer o que é certo e ser um bom exemplo daquilo que um cristão deveria ser.

— E estou zangado esta noite. Estou zangado por causa de meu amigo Lou Stanley. Vocês podem ter notado que Lou não está aqui hoje, e estou certo de saber o por quê. Antigamente, ele podia aparecer na igreja e fazer parte dela, e nós todos o amávamos e ele nos amava, e acho que todos ainda o amam. Mas esse sujeito Busche, que se acha ser um presente de Deus para o mundo, pensou que tinha o direito de julgar o Lou e chutá-lo para fora da igreja. Agora, amigos, deixem-me dizer-lhes uma coisa: ninguém chuta Lou Stanley para fora de lugar algum se Lou não quiser, e o próprio fato de Lou ter concordado com essa difamação de caráter simplesmente mostra a bondade do seu coração. Ele já podia ter processado Busche, ou resolvido a questão como já o vi resolver outros problemas. Ele não tem medo de nada. Mas acho que Lou está com tanta vergonha das coisas horríveis que foram ditas a respeito dele e tão magoado pelo que acha que pensamos dele que achou melhor não aparecer mais.

— Ora, temos aqui esse fofoqueiro farisaico de Bíblia em punho, o culpado desses problemas. Perdoem-me se pareço um tanto duro, mas, ouçam, lembro-me de quando esta igreja era como uma família. Quanto tempo faz agora desde que ela foi assim? Vejam o que aconteceu: cá estamos, envolvidos numa grande discussão, e por quê? Porque permitimos que Hank Busche viesse e alvoroçasse a todo o mundo. Ashton costumava ser uma cidade pacífica, esta igreja costumava ser pacífica, e digo que devemos fazer o que for necessário para que as coisas voltem a ser como antes.

Turner voltou ao seu lugar enquanto algumas cabeças acenaram silenciosamente em encorajamento e

aprovação.

Em seguida, John Coleman pediu a palavra. Uma pessoa tímida, ele estava muito nervoso por ter de falar na frente de todos, mas estava preocupado bastante para fazê-lo assim mesmo.

— Bem — disse, revolvendo nervosamente a Bíblia e olhando para o chão — em geral não falo muito, e estou morrendo de medo pelo fato de estar em pé aqui, mas... acho que Hank Busche é um verdadeiro homem de Deus, um bom pastor, e eu realmente detestaria vê-lo partir. A igreja da qual Pat e eu viemos, bem, simplesmente não estava satisfazendo às nossas necessidades, e estávamos ficando com fome: fome da Palavra, da presença de Deus. Achamos ter encontrado essas coisas aqui, e estávamos realmente esperando poder participar desta igreja e crescer no Senhor sob o ministério de Hank, e sei que uma porção de outras pessoas sentem da mesma forma. No que diz respeito a esse negócio do Lou, o que aconteceu não foi apenas responsabilidade do Hank. *Todos* nós participamos da decisão, inclusive eu, e sei que Hank não estava tentando magoar a ninguém.

Quando John se assentou, Patrícia deu-lhe uns tapinhas no braço e disse:

— Você se saiu muito bem —. Mas John não tinha tanta certeza assim.

Brummel dirigiu-se ao grupo.

— Acho que seria uma boa idéia ouvirmos o que o secretário da igreja, Gordon Mayer, tem a dizer.

Gordon Mayer foi à frente levando alguns arquivos e atas da igreja. Era um homem tenso, de expressão rígida e voz rouquenha.

— Tenho dois assuntos que desejo apresentar ao grupo — disse. — Antes de mais nada, na parte de

negócios, vocês todos precisam ficar sabendo que as ofertas decaíram nos últimos meses, mas as nossas contas ficaram na mesma, se é que não subiram. Em outras palavras, o dinheiro está acabando, e eu pessoalmente não tenho dúvidas quanto ao motivo. Existem diferenças entre nós que realmente precisamos resolver, e deixar de contribuir não é o modo de fazer isso. Se tiverem reclamação acerca do pastor, então façam o que tiverem de fazer esta noite, mas não vamos acabar com a igreja toda por causa desse homem.

— Em segundo lugar, não sei se adianta alguma coisa, mas deixem-me dizer-lhe que a comissão original designada para escolher o pastor estava considerando outro homem para o cargo. Eu fiz parte da comissão e posso garantir-lhes que ela não tinha a menor intenção de recomendar Busche para o cargo. Estou convencido de que a coisa toda foi um engano, um grave erro. Votamos no homem errado e agora estamos pagando.

— Por isso, deixem-me encerrar assim: Claro, cometemos um erro, mas tenho fé no grupo que está aqui, e acho que podemos dar as costas ao que passou e começar a fazer a coisa certa para variar. Vamos lá, pessoal.

E assim foi a noite durante quase duas horas, enquanto ambos os lados se alternavam em crucificar e louvar a Hank Busche. Os nervos vieram à tona, os traseiros se adormeceram, as costas se grudaram, e os pontos de vista opostos cada vez mais se exaltaram em suas convicções. Após duas horas, um sentimento comum começou a ser murmurado pelo salão: “Vamos lá, está na hora de votar...”

Alf Brummel havia tirado o paletó, soltado a gravata, e arregaçado as mangas. Ele estava juntando uma pilha de quadradinhos de papel, as cédulas.

— Muito bem, este voto será secreto — disse, entregando os papéis a dois auxiliares escolhidos às

pressas, os quais os distribuíram à congregação. — Vamos manter a coisa bem simples. Se deseja que o pastor fique, escreva sim, e se quiser outra pessoa, escreva não.

Mota cutucou Chimon.

— Hank terá número suficiente de votos? Chimon apenas meneou a cabeça.

— Ainda não temos certeza.

— Quer dizer que ele pode perder?

— Esperemos que alguém esteja orando.

— Onde, mas, onde está Tal?

Escrever um simples sim ou não tomava pouco tempo, de modo que quase de imediato os auxiliares estavam recolhendo os votos.

Guilo estava quieto no seu canto, fitando com ferocidade tantos demônios quantos olhassem para ele. Alguns dos espíritos menores de perturbação adejavam pelo templo tentando ver o que as pessoas estavam marcando nas cédulas, e rindo, fazendo caretas, dando vivas ou xingando conforme o que viam. Em pensamento, Guilo via três ou quatro daqueles pescocinhos finos em suas mãos. Não vai demorar, demoniozinhos, não vai demorar.

Brummel assumiu o comando novamente.

— No interesse da justiça vamos escolher representantes dos dois diferentes... ah... pontos de vista para virem fazer a contagem.

Depois de um bocado de risinhos nervosos, John Coleman foi escolhido pelos favoráveis e Gordon Mayer pelos desfavoráveis. Os dois levaram os pratos de coleta cheios de votos a um banco nos fundos. Um bando de demônios esvoaçando e chiando convergiu sobre o local, querendo ver o resultado.

Guilo também saiu do seu canto. Nada mais justo, pensou. Lucius precipitou-se do teto num instante e sibilou:

— Volte para o seu canto!

— Desejo ver o resultado.

— Ah, é isso o que você deseja, não é mesmo? — zombou Lucius — E se eu resolver abri-lo como fiz ao seu amigo?

Algo na forma pela qual Guilo respondeu: — Experimente — pode ter feito Lucius reconsiderar. À aproximação de Guilo os demoniozinhos saíram alvoroçados como um bando de galinhas. Ele se inclinou sobre os dois homens para dar uma olhada. Gordon Mayer contava primeiro, em silêncio, e depois passava as cédulas a John Coleman. Mas sorrateiramente escondeu alguns votos positivos na palma da mão. Guilo olhou para ver quão atentamente os demônios estavam observando, depois fez ele mesmo um movimento sorrateiro, tocando as costas da mão de Mayer.

Um demônio percebeu e bateu na mão de Guilo com garras à mostra. Guilo puxou depressa a mão e chegou infinitamente perto de rasgar o demônio em tiras, mas conteve-se e obedeceu às ordens de Tal.

— Qual é seu nome? — quis saber Guilo.

— Trapaça — respondeu o demônio.

— Trapaça — repetiu Guilo enquanto voltava ao seu canto. — Trapaça.

Mas o golpe de Guilo havia servido para frustrar o esforço de Mayer. As cédulas caíram da mão do homem e John Coleman as viu.

— Você derrubou alguma coisa aí — disse ele com muita doçura. Mayer não pôde dizer nada. Simplesmente entregou as cédulas ao outro.

A contagem estava terminada, mas Mayer queria contar outra vez. Contaram os votos novamente. O número não mudou: estava empatado.

Os dois relataram o resultado a Brummel, e este disse à congregação, que gemeu baixinho.

Alf Brummel sentia as mãos umedecerem; tentou enxugá-las no lenço.

— Bem, ouçam — disse ele — pode não haver muita possibilidade de que alguns de vocês reconsiderem, mas estou certo de que ninguém deseja prolongar este negócio além de hoje. Vamos fazer uma coisa: por que não tiramos um curto intervalo e damos a alguns a chance de se levantarem, espreguiçarem, usarem o banheiro. Depois nos reuniremos e votaremos de novo.

Enquanto Brummel falava, os dois demônios postados no canto da igreja viram algo muito inquietante. A apenas um quarteirão vinham duas senhoras idosas, manquitolando em direção à igreja. Uma andava apoiada na bengala e ajudada pela mão da amiga. Ela não parecia nada bem, mas o queixo estava firme e os olhos brilhantes e decididos. Os estalidos da bengala formavam um ritmo sincopado com os dos seus passos. A amiga, melhor de saúde e mais forte, mantinha-se ao seu lado, segurando-lhe o braço a fim de afirmá-la e cochichava algo ao seu ouvido.

— A da bengala é Duster — disse um demônio.

— O que saiu errado? — quis saber o outro. — Pensei que tivessem dado um jeito nela.

— Está doente, com certeza, mas veio de qualquer forma.

— E quem é a velha que a acompanha?

— Edith Duster tem muitas amigas. Devíamos ter sabido.

As duas senhoras subiram a escada da frente, cada degrau em si uma tarefa penosa, primeiro um pé, depois o outro, depois a bengala colocada no degrau seguinte, até que finalmente chegaram à porta da frente.

— Aí, olhe só! — riu-se a mais forte. — Eu sabia que você conseguiria. O Senhor a trouxe até aqui, ele cuidará de você o resto do percurso.

— Edith Duster precisa mais é de um derrame — murmurou um demônio de enfermidade, sacando da espada.

Talvez fosse apenas sorte, ou incrível coincidência, mas no exato momento em que o demônio se precipitou com grande velocidade para cortar as artérias do cérebro de Edith Duster, a outra senhora adiantou-se a fim de abrir a porta e se pôs bem na frente. A ponta da espada do demônio bateu no ombro da mulher, que podia ter sido de concreto; a espada se deteve. Enfermidade, contudo, não parou, mas deu uma reviravolta por cima das duas mulheres e aos tram-bolhões, como um papagaio quebrado, foi parar no pátio da igreja enquanto Edith Duster entrava.

Enfermidade levantou-se e berrou:

— O exército celestial!

O outro demônio de guarda fitou-o sem compreender.

Brummel viu Edith Duster entrar sozinha. Ele soltou uma praga silente. Esse seria o voto que desempataria, mas ela certamente votaria em Busche. As pessoas reuniam-se de novo.

Os mensageiros de Deus estavam eufóricos.

— Parece que Tal conseguiu — disse Mota. Chimon, entretanto, estava preocupado.

— Com tanto inimigo por perto, ele com toda a

certeza teve de se mostrar.

Guilo deu uma risada.

— Estou certo de que o nosso Capitão foi muito discreto.

Alguns demônios estavam de fato tentando descobrir que fim levara a companheira de Edith Duster entre a porta da frente e o santuário. Enfermidade continuava insistindo em que havia sido um guerreiro celeste, mas onde estava ela agora?

Tal, Capitão do Exército, reuniu-se a Signa e aos outros guardas em sua posição escondida.

— O senhor enganou até a *mim,* Capitão — disse Signa.

— Você poderia tentar esse truque algum dia — replicou Tal. Na plataforma, Brummel tateava mentalmente em busca de um trunfo. Ele podia até ver os olhos ardentes de Langstrat, caso a votação saísse errada.

— Bem — disse ele — por que não reiniciamos a assembléia e nos preparamos para outra votação? — Os presentes se acomodaram, e fez-se silêncio. O lado dos sim estava mais do que pronto.

— Agora que oramos e falamos sobre o assunto, talvez alguns de nós pensemos de forma diferente acerca do futuro desta igreja. Eu... hum... — Vamos lá, Alf, diga alguma coisa, mas não fale bobagem.

— Acho que poderia dizer algumas palavras; ainda não transmiti o que sinto. Sabem, Hank Busche é um pouco jovem... Um encanador de meia idade do campo positivo disse:

— Se você vai reforçar o lado negativo, temos o direito ao mesmo tempo para o positivo.

Todos os pelo sim murmuraram concordando

enquanto os pelo não permaneceram em frio silêncio.

— Não, ouçam — gaguejou Brummel, o rosto vermelho-vivo — não tive a intenção de influenciar a votação. Apenas estava...

— Vamos votar! — disse alguém.

— Sim, votem, e depressa! — sussurrou Mota.

Nesse exato momento a porta se abriu. Oh, não, pensou Brummel, quem está chegando desta vez?

O silêncio caiu como uma mortalha sobre todo o grupo. Lou Stanley havia acabado de entrar. Sombrio, acenou com a cabeça cumprimentando a todos e assentou-se num banco dos fundos.

Gordon Mayer disse:

— Vamos à votação!

Os auxiliares passaram as cédulas enquanto Brummel tentava planejar uma boa rota de escape, caso precisasse vomitar, seus nervos estavam praticamente em frangalhos. Ele conseguiu a atenção de Lou Stanley. Lou olhou-o e pareceu dar uma risadinha nervosa.

— Assegure-se de que o Lou, que está lá atrás, receba uma cédula — disse Brummel a um dos auxiliares. O auxiliar cumpriu o pedido.

Chimon sussurrou a Guilo.

— Acho que estamos prontos para qualquer truque que Lucius possa querer pregar.

— Qualquer coisa que leve a um desempate, você quer dizer — respondeu Guilo.

— Pode ser que ainda demore bastante — disse Mota.

As cédulas foram recolhidas, e Lucius manteve os seus demônios em cerco fechado ao redor de cada receptáculo de coleta, e os olhos em cada guerreiro

celeste.

Mayer e Coleman contaram novamente enquanto a tensão no ar aumentava. Os demônios observavam. Os anjos observavam. As pessoas observavam.

Mayer e Coleman mantinham-se de olho um no outro, pronunciando silenciosamente os números ao contar. Mayer terminou de contar, e esperou por Coleman. Coleman terminou, olhou para Mayer e perguntou-lhe se desejava contar novamente. Contaram mais uma vez.

Então Mayer tomou a caneta, escreveu o resultado num pedaço de papel, e levou-o a Brummel. Mayer e Coleman tomaram seus lugares enquanto Brummel desdobrava o papel.

Visivelmente abalado, Brummel precisou de alguns momentos para recompor a imagem pública prática e descontraída.

— Bem... — começou ele, tentando controlar a voz — muito bem, então. O... pastor foi confirmado.

Uma ala do salão descontraiu-se e deu risadinhas abafadas. A outra arrepanhou os casacos e os pertences para sair.

— Alf, qual foi o resultado? — quis saber alguém.

— Ah... não diz aqui.

— Vinte e oito a vinte e seis! — disse Gordon Mayer acusadora-mente, olhando para trás na direção de Lou Stanley.

Mas Lou Stanley já tinha saído.

11

Tal, Signa, e as outras sentinelas viram a explosão de onde se encontravam. Com gritos e guinchos de raiva, os demônios se espalharam por toda a parte, explodindo pelo teto e laterais da igreja como estilhaços, e irradiando em todas as direções sobre a cidade. Seus gritos formaram um alto e ressonante estrondear de fúria selvagem que repercutiu por toda a cidade como milhares de lúgubres apitos de fábrica, sirenas e buzinas.

— Eles farão estrago violento esta noite — disse Tal.

Mota, Chimon e Guilo estavam presentes para prestar relatório.

— Por dois votos — disse Mota. Tal sorriu e disse:

— Muito bem, então.

— Mas Lou Stanley! — exclamou Chimon. — Era realmente Lou Stanley?

Tal entendeu a inferência.

— Sim, aquele era o Sr. Stanley. Não saí daqui desde que trouxe Edith Duster.

— Vejo que o Espírito tem trabalhado! — riu-se Guilo.

— Vamos levar Edith a salvo para casa e montar guarda em torno dela. Todos a postos. Haverá espíritos irados sobre a cidade esta noite.

Aquela noite a polícia esteve ocupada. Brigas estouraram nos bares locais, lemas foram pichados nas paredes do tribunal, carros foram roubados e, por molecagem, usados para rodarem no gramado e nas flores do parque.

Tarde da noite Juleen Langstrat flutuava num transe inescapável, entre uma vida atormentada na terra e a proximidade das chamas ardentes do inferno. Ela se deitou na cama, caiu ao chão, agarrou-se à parede a fim de pôr-se em pé, deu uns passos vacilantes pelo quarto, e caiu ao chão novamente. Vozes ameaçadoras, monstros, chamas e sangue explodiam e martelavam com força inimaginável em sua cabeça; ela achava que seu crânio arrebentaria. Sentia garras rasgando-lhe a garganta, criaturas contorcendo-se e mordendo o interior dela, correntes em torno dos braços e pernas. Ouvia vozes de espíritos, via-lhes os olhos e as presas, sentia o cheiro de seu hálito sulfuroso.

Os Senhores estavam irados! "Fracassou, fracassou, fracassou, fracassou", as palavras martelavam-lhe o cérebro e desfilavam diante dos seus olhos. "Brummel fracassou, você fracassou, ele morrerá, você morrerá..."

Segurava ela realmente uma faca nas mãos ou isso era também uma visão das esferas mais elevadas? Sentia um desejo, um impulso terrivelmente forte de livrar-se daquele tormento, de se libertar da carapaça do corpo, da prisão de carne que a retinha.

"Junte-se a nós, junte-se a nós, junte-se a nós", diziam as vozes. Ela apalpou a ponta da lâmina, e sangue escorreu-lhe pelo dedo.

O telefone tocava. O tempo parou. O quarto registrou-se em suas retinas. O telefone tocava. Ela estava no quarto. Havia sangue no chão. O telefone tocava. A faca caiu-lhe das mãos. Ela podia ouvir vozes, vozes iradas. O telefone tocava.

Encontrou-se de joelhos no chão do quarto. Havia cortado o dedo. O telefone ainda tocava. Ela gritou alô, mas ele continuou a tocar.

"Não lhes falharei", disse ela aos seus visitantes. "Deixem-me. Não lhes falharei."

O telefone tocava.

Alf Brummel estava sentado em casa, ouvindo o telefone tocar no outro lado. Juleen devia estar fora. Ele desligou, aliviado, embora apenas temporariamente. Ela não ficaria contente com o resultado da votação. Outro atraso, ainda outro atraso no Plano. Ele sabia que não podia evitá-la, que ela descobriria, que ele seria confrontado e censurado pelos outros.

Ele se atirou sobre a cama e contemplou a idéia de demitir-se, fugir, suicidar-se.

Ensolarada manhã de sábado. Os cortadores de grama chamavam um ao outro através de cercas, sebes, e becos sem saídas; a meninada brincava, mangueiras borrifavam carros sujos.

Marshall estava sentado na cozinha, à mesa cheia de material de anúncios e uma lista dos novos e antigos clientes; o Clarim ainda estava sem secretária.

A porta da frente abriu-se e Kate entrou.

— Preciso de uma mãozinha!

Sim, o inevitável descarregar de compras da mercearia.

— Sandy — berrou Marshall pela porta dos fundos — é a nossa vez! — Com o passar dos anos a família havia inventado um sistema bem funcional de separar, manejar e guardar as compras.

— Marshall — disse Kate, passando legumes de um saco para ele na geladeira — você ainda está trabalhando nesse material? É sábado!

— Já está quase terminado. Detesto ver coisas empilhadas por cima de mim. Como estão Joe e a

turma?

Kate deteve um maço de salsão em plena transferência e disse:

— Sabe uma coisa? Joe se foi. Ele vendeu a mercearia e mudou-se, e nem fiquei sabendo disso.

— Nossa. As coisas acontecem depressa por aqui. E quando foi que ele se mudou?

— Não sei. Ninguém me disse. Para falar a verdade, acho que não gosto do novo proprietário.

— E este produto de limpeza aqui?

— Esse vai para debaixo da pia.

O produto foi para debaixo da pia.

— Perguntei àquele sujeito acerca de Joe e Angelina e por que tinham vendido a mercearia e se tinham mudado e para onde se haviam mudado e ele não me informou nada, disse apenas que não sabia.

— Esse é o dono da mercearia? Como se chama?

— Não sei. Nem isso ele quis dizer.

— Bem, ele fala? Conhece a nossa língua?

— O bastante para cobrar as compras e tomar o dinheiro dos fregueses, e é só. Agora podemos tirar todo esse negócio de cima da mesa?

Marshall começou a reunir a papelada ante a iminente invasão de lataria e verduras. Kate continuou:

— Acho que me acostumarei com a situação, mas por alguns instantes pensei ter entrado na mercearia errada. Não reconheci a ninguém. Pode mesmo ser que todos os empregados sejam recentes.

Sandy falou pela primeira vez.

— Algo esquisito está acontecendo nesta cidade. Marshall perguntou:

— É mesmo?

Sandy não deu continuidade ao assunto. Marshall tentou arrancar mais coisas dela.

— Bem, o que você acha que é?

— Ah, nada, nada. Apenas uma impressão minha. As pessoas estão começando a agir de um modo esquisito. Acho que estamos sendo invadidos por alienígenas.

Marshall não insistiu.

Guardadas as compras, Sandy voltou aos estudos e Kate preparou-se para trabalhar no jardim. Marshall tinha um telefonema a dar. A menção de alienígenas estranhos que invadiam a cidade mexeu com sua memória e também com seu faro de repórter. Talvez a Langstrat não fosse alienígena, mas certamente era esquisita.

Ele se sentou no sofá da sala de estar e tirou da carteira a tirinha de papel com o número do telefone de Ted Harmel. Uma ensolarada manhã de sábado seria uma hora estranha para encontrar alguém dentro de casa, mas Marshall resolveu tentar.

O telefone do outro lado da linha tocou diversas vezes e então uma voz masculina atendeu.

— Alô?

— Alô, Ted Harmel?

— Sim, quem fala?

— Aqui é Marshall Hogan, o novo redator do Clarim.

— Oh, ah... — Harmel esperou que Marshall continuasse.

— Bem, olhe, você conhece a Berenice Krueger, certo? Ela está trabalhando para mim.

— Então ela ainda está por aí? Descobriu alguma coisa a respeito da irmã?

— Hum, não sei muito a respeito, ela nunca me contou.

— E então, como vai o jornal?

Eles conversaram alguns minutos a respeito do *Clarim,* do escritório, da circulação, o que podia ter acontecido com o fio da cafeteira elétrica. Harmel pareceu particularmente preocupado ao saber que Edie se havia demitido.

— O casamento dela se desfez — disse-lhe Marshall. — Foi uma surpresa total para mim. Cheguei tarde demais para saber o que estava acontecendo.

— Hum... é... — Harmel estava pensando um bocado do outro lado.

Mantenha a conversa fluindo, Hogan.

— É, bem, tenho uma filha que é caloura na faculdade.

— Não diga.

— É, sim, fazendo os pré-requisitos, vencendo as barreiras iniciais. Está gostando.

— Bom para ela.

Harmel estava certamente sendo paciente.

— Sabe, Sandy tem uma professora de psicologia que achei muito interessante.

— Langstrat.

— É sim, ela mesma. Um bocado de idéias diferentes.

— Aposto que sim.

— Você sabe alguma coisa a respeito dela? Harmel fez uma pausa, suspirou, e então perguntou:

— Bem, o que você deseja saber?

— Qual o propósito dela, afinal de contas? Sandy está trazendo uma porção de idéias esquisitas para casa...

Harmel teve dificuldade em responder.

— É... ah... misticismo oriental, arte religiosa antiga. Ela está nessa de, você sabe, meditação, percepção mais elevada... ah... união com o Universo. Não sei se qualquer coisa nisso tudo faz sentido para você.

— Não muito. Mas parece que ela consegue espalhar as suas idéias, não?

— O que quer dizer com isso?

— Você sabe, ela se reúne com algumas pessoas regularmente; Alf Brummel e, ah, quem mais? Pinckston...

— Dolores Pinckston?

— Sim, do conselho diretor. Dwight Brandon, Eugene Baylor... Harmel interrompeu abruptamente.

— O que você deseja saber?

— Bem, segundo consta, você esteve envolvido na situação...

— Não, nada disso.

— Você não chegou a ter sessões com ela? Houve uma longa pausa.

— Quem lhe disse isso?

— Oh, nós... ficamos sabendo.

Outra pausa longa. Harmel suspirou pelo nariz.

— Escute — perguntou ele — o que mais você quer saber?

— Não muito mais. É que isso tudo me está cheirando a uma boa história. Você sabe como é.

Harmel estava-se debatendo, furioso, tateando à procura de palavras.

— Sim, eu sei como é. Mas você está errado desta vez, totalmente errado!

Outra pausa, outro debate.

— Oh, que coisa! gostaria que não me tivesse ligado.

— Ei, olhe, nós dois somos jornalistas...

— Não! Você é jornalista! Eu estou fora. Tenho certeza de que sabe tudo a meu respeito.

— Eu sei o seu nome, seu número, e que você foi dono do Clarim.

— Está bem, mas deixemos as coisas como estão. Ainda tenho respeito pela vocação. Não quero vê-lo arruinado.

Marshall não queria perder o peixe.

— Escute, não vá me deixar no escuro!

— Não estou tentando deixá-lo no escuro. Há algumas coisas acerca das quais simplesmente não posso falar.

— Claro, entendo. Não tem problema.

— Não, você não entende. Agora, escute o que vou dizer! Não sei o que descobriu, mas seja lá o que for, enterre. Faça outra coisa. Vá escrever a respeito de plantar árvores nas escolas, qualquer coisa bem inócua, mas não se meta em encrencas.

— De que você está falando?

— E pare de tentar arrancar informação de mim! O que lhe estou dando é tudo o que vai conseguir, e é

melhor aproveitar bem. Estou-lhe dizendo, esqueça-se da Langstrat, esqueça-se de qualquer coisa que tenha ouvido a respeito dela. Sei que você é repórter, e por isso sei que vai sair por aí e fazer justamente o oposto do que lhe estou dizendo, mas deixe-me avisá-lo enquanto é tempo: Não faça isso.

Hogan não respondeu.

— Hogan, está-me ouvindo?

— Como é que posso abandonar isso agora?

— Você tem esposa, filha? Pense nelas. Pense em si mesmo. Se não, vai perder tudo como todos os outros perderam.

— O que quer dizer, todos os outros?

— Não sei de nada, não conheço a Langstrat, não conheço você, não moro mais aqui. Ponto final.

— Ted, você está metido em alguma encrenca?

— Esqueça-se!

E desligou. Marshall bateu o telefone e, sentado, deixou que suas idéias disparassem. Esqueça-se, dissera Harmel. Esqueça-se. Nunca!

Edith Duster, sábia anciã da igreja, ex-missionária na China, viúva de cerca de trinta anos, morava nos apartamentos Willow Terrace, um pequeno complexo para aposentados não longe da igreja. Tendo mais de oitenta anos, ela subsistia com dificuldade da aposentadoria e uma pensão de obreira que sua denominação pagava, e gostava muito de receber pessoas em casa, especialmente por ter dificuldade em sair e andar pela cidade ultimamente.

Hank e Mary estavam sentados à pequena mesa de refeições perto da grande janela que dava para a frente do prédio. Vovó Duster usava um bule muito

antigo, muito gracioso ao servir o chá em xícaras igualmente graciosas. Ela estava bem vestida, quase formalmente, como sempre fazia ao receber visitas.

— Não — disse quando afinal se sentou, a mesa do chá matutino arrumada corretamente, os doces folheados no lugar. — Não creio que os propósitos de Deus serão frustrados por muito tempo. Ele tem a sua própria maneira de ajudar o seu povo a passar pelas dificuldades. Hank concordou, mas debilmente.

— Imagino que sim... — Mary segurava-lhe a mão. Vovó permaneceu firme.

— Eu *sei* que sim, Henry Busche. O fato de você estar aqui não é um erro; discordo veementemente dessa idéia. Se não fosse para você estar aqui, o Senhor não teria feito tudo o que ele tem feito através do seu ministério.

Mary ofereceu uma informação.

— Ele se sente um pouco deprimido por causa da votação. Vovó sorriu amorosamente e fitou os olhos de Hank.

— Acho que o Senhor está forçando um reavivamento naquela igreja, mas é como a virada da maré: antes que a maré possa voltar, precisa primeiro deter toda aquela água que se escoa. Dê tempo à igreja para virar. Espere oposição, espere mesmo a perda de algumas pessoas, mas a direção mudará depois da calmaria. Apenas dê tempo. De uma coisa eu sei: nada me impediria de ter ido à reunião ontem à noite. Eu me estava sentindo muito mal, ataque de Satanás, acho, mas foi o Senhor quem me fez sair. Bem na hora da reunião, senti os seus braços me erguerem e coloquei o casaco e fui, e cheguei na hora certa. Não sei se teria ido tão longe assim para comprar alimento. Foi o Senhor, disso eu sei. Só sinto ter tido apenas um voto.

— Então, de quem a senhora acha que foi o outro

voto? — perguntou Hank.

Mary acrescentou depressa:

— Não poderia ter sido de Lou Stanley. Vovó sorriu.

— Ora, não diga isso. A gente nunca sabe o que o Senhor pode estar fazendo. Mas vocês estão curiosos, não estão?

— Estou *muito* curioso — disse Hank, e agora também sorria.

— Bem, talvez você venha a saber, e também talvez nunca saiba. Mas está tudo nas mãos do Senhor, e você também está. Deixe-me esquentar o seu chá.

— A igreja não tem possibilidade de sobreviver se metade da congregação deixar de apoiar, e não consigo imaginar as pessoas dando apoio a um pastor que não desejam.

— Oh, mas tenho sonhado com anjos ultimamente —. Vovó sempre falava com naturalidade sobre essas coisas. — Não é sempre que sonho com anjos, mas já os vi antes, e sempre quando um grande progresso estava prestes a ocorrer em prol do reino de Deus. Sinto uma sensação no espírito de que algo está realmente despertando aqui. Você não tem sentido o mesmo?

Hank e Mary se entreolharam para ver qual deles devia falar primeiro. Então Hank contou à anciã tudo a respeito da batalha da outra noite, e o peso que vinha sentindo com relação à cidade ultimamente. Mary intercalava coisas de que se lembrava sempre que lhe ocorriam. Vovó ouvia com grande fascinação, reagindo em momentos-chave com "Nossa", "Bem, Deus seja louvado" e "Puxa... !"

— Sim — disse ela afinal — sim, isso tudo faz muito sentido para mim. Vocês sabem, tive uma experiência certa noite não faz muito tempo, em pé bem

ao lado daquela janela —. Ela apontou para a janela da frente que dava para o jardim. — Eu estava pondo as coisas em ordem na casa, aprontando-me para dormir e, ao passar por aquela janela, olhei os tetos e as luzes dos postes e de repente fiquei tonta. Precisei sentar-me para não cair. E eu não sofro de tonturas. A única vez que isso me aconteceu foi na China. Meu marido e eu estávamos visitando a casa de uma senhora médium espírita, e eu sabia que ela nos odiava e acho que estava tentando botar uma maldição em nós. Do lado de fora da porta tive a mesma sensação de tontura, coisa de que jamais me esquecerei. O que senti outra noite foi igual àquela vez na China.

— O que a senhora fez? — perguntou Mary.

— Oh, orei. Disse apenas: "Demônio, retire-se em nome de Jesus!", e ele se foi.

Hank perguntou:

— Então, a senhora acha que foi um demônio?

— Oh, sim. Deus está-se movimentando e Satanás não gosta disso. Realmente acredito que espíritos malignos estejam por aí.

— Mas a senhora não acha que há mais do que o normal? Quero dizer, fui cristão a vida toda e jamais me defrontei com algo que se assemelhasse ao que sinto agora.

O rosto da velha senhora ficou pensativo.

— "Mas esta casta não se expele senão por meio de oração e jejum." Precisamos orar, e precisamos fazer as outras pessoas orarem. É isso que os anjos me dizem.

Mary estava intrigada.

— Os anjos dos seus sonhos? — Vovó assentiu com a cabeça. — Que aparência têm?

— Oh, de gente, mas diferentes de todo o mundo.

São grandes, muito bonitos, roupas coloridas, grandes espadas ao lado, asas enormes, muito brilhantes. Um deles, que apareceu ontem à noite, fez-me lembrar meu filho; era alto, loiro, parecia escandinavo —. Ela olhou para Hank. — Ele me disse que orasse por você, e você também apareceu no sonho. Eu podia vê-lo atrás do púlpito, pregando, e ele estava atrás de você com as asas abertas, cobrindo-o como um palio, e olhou para mim e disse: "Ore por este homem."

— Eu não sabia que a senhora estava orando por mim — disse Hank.

— Bem, está na hora de outras pessoas começarem a orar também. Acho que a maré está virando, Hank, e agora você precisa de fiéis verdadeiros, visionários verdadeiros que se ponham ao seu lado e orem por esta cidade. Precisamos orar para que o Senhor os arrebanhe.

Foi muito natural então darem-se as mãos em louvor ao Senhor e ações de graça pelo primeiro estímulo real que aparecera em muito tempo. Hank fez uma oração de agradecimento e mal pôde terminá-la pois suas emoções se avolumavam dentro dele. Mary deu graças não só pela força recebida mas também por Hank ter-se animado mais.

A seguir, Edith Duster, que já havia participado de guerras espirituais, que já havia ganho batalhas em solos estrangeiros, agarrou com força as mãos daquele jovem casal de ministros e orou.

— Senhor Deus — disse ela, e o calor do Espírito Santo fluiu através deles — ergo neste momento um cerco em torno deste jovem casal, e ato os espíritos em nome de Jesus. Satanás, quaisquer que sejam os seus planos para esta cidade, eu te repreendo em nome de Jesus, e eu te ato, e te expulso!

CLUNQUE!

Os olhos de Rafar voltaram-se rápidos na direção do ruído que interrompera o que ele estava dizendo e viu duas espadas caídas das mãos dos donos. Os dois demônios, guerreiros temíveis, estavam pasmados. Ambos se abaixaram depressa para apanhar as armas, curvando-se, desculpando-se, pedindo perdão.

Plaft! O pé de Rafar caiu sobre uma espada, e a sua própria enorme espada prendeu a outra ao chão. Os dois guerreiros, aturdidos e aterrorizados, afastaram-se.

— Por favor, perdoe-me, meu príncipe! — disse um deles.

— Sim, por favor, perdão! — disse o outro. — Isso jamais aconteceu antes...

— Silêncio, vocês dois! — trovejou Rafar.

Os dois guerreiros se prepararam para algum terrível castigo; seus atemorizados olhos amarelados espiavam por detrás de asas negras abertas no intuito de protegê-los, como se houvesse alguma forma de proteção contra a ira de Baal Rafar.

Mas Rafar não os atacou. Ainda não. Parecia mais interessado nas espadas caídas; quedou-se a fitá-las, a testa enrugada e os grandes olhos amarelados quase fechados. Deu lenta volta em torno das espadas, estranhamente incomodado de uma forma que os guerreiros jamais tinham visto antes.

— Annhhh... — Um grunhido baixo, gorgolejante, subiu-lhe da garganta enquanto as narinas expeliam vapor amarelo.

Devagar, ele colocou um joelho em terra e pegou uma espada. Em seu punho enorme, a arma parecia um brinquedo. Ele olhou para a espada, olhou para o demônio que a tinha deixado cair, depois para o espaço, o rosto retorcido registrando um ódio ardente que veio

subindo lentamente do seu íntimo.

— Tal — murmurou.

Então, como um vulcão em erupção lenta, ele se colocou de pé, a ira crescendo até que, de súbito, com um rugido que sacudiu o aposento e aterrorizou todos os presentes, ele explodiu e atirou a espada através da parede do porão, a qual passou pela terra que circundava o prédio onde se encontravam, atravessou o ar, atravessou diversos outros prédios do campus da faculdade, e foi chegar ao céu onde virou de ponta-cabeça num longo arco de diversos quilômetros.

Depois da primeira explosão, ele agarrou o dono da espada e, ordenando: Vá buscá-la! arremessou-o como se fosse uma lança pela mesma trajetória.

Agarrou a outra espada e a arremessou contra o outro demônio que se desviou a tempo de salvar a pele. Depois, esse demônio também voou pelos ares atrás da própria espada.

Para alguns dos presentes, a palavra "Tal" nada significava, mas podiam perceber pelas caras e pelo murchar das posturas dos outros que tinha de significar algo terrível.

Rafar começou a agitar-se violentamente pelo aposento, rosnando frases ininteligíveis e agitando a espada contra inimigos invisíveis. Os outros lhe deram tempo de desabafar antes de se atreverem a perguntar qualquer coisa. Lucius finalmente se adiantou e curvou-se, por mais que detestasse fazê-lo.

— Estamos a seu serviço, Baal Rafar. Pode dizer-nos quem é esse Tal?

Rafar voltou-se enfurecido, as asas abrindo-se como o estrépito de um trovão, e os olhos em brasa.

— Quem é esse Tal? — berrou ele, e cada demônio presente caiu com o rosto em terra. — Quem é esse Tal,

esse guerreiro, esse Capitão dos Exércitos Celestiais, esse desprezível, intrigante rival dos rivais? Quem é esse Tal?

Complacência, por acaso, estava ao alcance de Rafar. Com a enorme mão ao redor do pescoço mirrado de Complacência, o príncipe o arrancou como uma frágil planta daninha e o segurou bem alto.

— Você — rosnou Rafar entre uma nuvem de enxofre e vapor — fracassou por causa desse Tal! — Complacência só conseguia tremer, mudo de terror. — Hogan tornou-se um cão de caça, farejando e

latindo em nosso encalço, e estou até às tampas com você e suas desculpas lamurientas!

A enorme espada rebrilhou num arco amplo, rubro, rasgando uma fenda no espaço que se tornou um abismo sem fundo no qual toda a luz parecia esvair-se como água.

Os olhos de Complacência esbugalharam-se de puro terror, e ele deu seu último berro na terra.

— Não, Baal, nããããão!

Com um poderoso impulso do braço, Rafar lançou Complacência de cabeça no abismo. O pequeno demônio revirou, caiu, e continuou caindo, seus gritos cada vez mais fracos até sumirem de todo. Rafar alisou a cratera no espaço com a parte chata da lamina, fechando-a, e o aposento voltou a ser exatamente como antes.

Nesse instante, os dois guerreiros retornaram com as espadas. Ele os agarrou pelas asas e com um safanão colocou-os juntos à sua frente.

— De pé, todos vocês! — berrou ele aos outros. Todos obedeceram prontamente. Agora ele segurava os dois demônios no ar como uma exibição.

— Quem é esse Tal? É um estrategista que pode

fazer guerreiros derrubarem as espadas! — Dito isso, ele arremessou os dois contra o grupo, esparramando diversos deles pelo chão. Eles se levantaram tão depressa quanto puderam. — Quem é esse Tal? É um guerreiro sutil que conhece suas limitações, que nunca entra numa batalha que não pode vencer, que conhece bem demais o poder dos santos de Deus, uma lição que todos vocês fariam bem em aprender!

Rafar segurou a espada num punho que tremia de raiva, acenando com ela para reforçar suas palavras.

— Eu tinha certeza de que ele viria. Miguel jamais teria mandado alguém menor do que Tal para me enfrentar. Agora Hogan despertou, e está claro o motivo pelo qual ele foi trazido a Ashton para começo de história; Henry Busche ainda continua e a Igreja da Comunidade de Ashton não caiu, mas está firme como um baluarte contra nós; agora os guerreiros estão derrubando as espadas como uns tolos desajeitados!

— E tudo por causa desse... Tal! É esse o jeito de Tal. Sua força não está na própria espada, mas nos santos de Deus. Em algum lugar, alguém está orando!

Essas palavras trouxeram um calafrio por todo o grupo. Rafar continuou a andar, pensando e rosnando.

— Sim, sim, Busche e Hogan foram escolhidos a dedo; o plano de Tal deve girar em torno deles. Se eles caírem, o plano de Tal cai. Não temos muito tempo.

Rafar escolheu um demônio de aparência viscosa e perguntou:

— Você já preparou a armadilha para Busche?

— Oh, sim, Baal Rafar — disse o demônio, sem poder deixar de rir com prazer da própria esperteza.

— Assegure-se de que seja sutil. Lembre-se, nenhum ataque frontal funcionará.

— Pode deixar comigo.

— E o que tem sido feito para destruir Marshall Hogan? Contenda adiantou-se.

— Estamos tentando destruir-lhe a família. Ele depende muito da força que a esposa lhe dá. Se esse apoio fosse removido...

— Faça isso, de qualquer jeito que puder.

— Sim, meu príncipe.

— E não negligenciemos ainda outros meios. Hogan pode ser letal, e Krueger a mesma coisa, mas poderiam ser manipulados para comprometerem um ao outro... — Rafar designou a alguns demônios a tarefa de sondarem essa possibilidade. — E a filha de Hogan?

Engano adiantou-se.

— Essa já está em nossas mãos.

12

As folhas eram verdes, aquele verde claro de folha nova que elas ostentam nos primeiros meses do verão. Da mesinha na praça de tijolos vermelhos, Sandy e Shawn podiam olhar para cima e ver as folhas fulgurantes iluminadas pelo sol, e observar os pássaros saltitando nos galhos, quando não estavam procurando migalhas de pão e batatas fritas. Esse era o lugar do campus predileto de Sandy. Era tão calmo, quase um mundo de distância das desavenças, perguntas e disputas de casa.

Shawn gostava de observar os pardais piando e correndo atrás de cada migalha de pão que ele jogava sobre os tijolos.

— Adoro o modo pelo qual o Universo todo se

encaixa — disse ele. — A árvore cresceu aqui a fim de nos dar sombra, sentamo-nos aqui e comemos e damos comida para os pássaros que vivem na árvore. Tudo se encaixa.

O conceito fascinou Sandy. Na superfície parecia tão simples, quase um conto de fadas, mas parte dela estava muito sedenta por esse tipo de paz.

— O que acontece quando o Universo não se ajusta? — perguntou. Shawn sorriu.

— O Universo sempre se encaixa. O problema só surge quando as pessoas não percebem essa harmonia.

— Então como você explica os problemas que estou tendo com meus pais?

— Nenhuma das suas mentes está sintonizada corretamente. É como uma estação de FM no rádio. Se o sinal está fraco e as vozes chiam e soam intermitentes, não culpe a transmissora, acerte o rádio. Sandy, o Universo é perfeito. É unificado, harmonioso. A paz, a unidade, a inteireza realmente existem, e todos nós fazemos parte do Universo; somos feitos da mesma matéria, por isso não há motivo para não nos ajustarmos com precisão no esquema total das coisas. Se não nos ajustamos, é porque tomamos a estrada errada em algum lugar. Estamos fora de contato com a verdadeira realidade.

— Puxa, acho que sim — murmurou Sandy. — Mas é isso que eu não entendo! Meus pais e eu supostamente somos cristãos e nos amamos e estamos perto de Deus e tudo o mais, mas nada fazemos além de discutir sobre quem está certo e quem está errado.

Shawn riu e assentiu com a cabeça.

— Sim, sei como são essas coisas. Também já passei por isso.

— Muito bem, como foi que você resolveu o

problema?

— Consegui resolver só a minha parte do problema. Não posso fazer outras pessoas mudarem de idéia, apenas eu mesmo. É um pouco difícil de explicar, mas se você estiver em sintonia com o Universo, umas pequenas peculiaridades que não estejam em sintonia não a incomodarão tanto. Essas coisas não passam de ilusão mental, afinal de contas. Assim que você deixar de dar ouvidos às mentiras que sua mente lhe tem pregado, verá claramente que Deus é grande bastante para todos e em todos. Ninguém pode colocá-lo dentro de um vidro e guardá-lo só para si, segundo seus próprios caprichos e idéias.

— Eu gostaria de encontrá-lo, de verdade. Shawn olhou-a, confortando-a, e tocou-lhe a mão.

— Ei, ele não é difícil de encontrar. Somos todos parte dele.

— O que quer dizer?

— Bem, é como eu disse, tudo no Universo todo se encaixa; é feito da mesma essência, do mesmo espírito, da mesma... energia. Certo? — Sandy deu de ombros e assentiu. — Bem, seja lá qual for o conceito que você tem de Deus, todos nós sabemos que existe algo: uma força, um princípio, uma energia, que mantém tudo junto. Se essa força é parte do Universo, então deve ser parte de nós.

Sandy não estava conseguindo entender.

— Tudo isso é bastante estranho para mim. Pertenço à antiga escola de pensamento judaico-cristã, como sabe.

— Então tudo o que já aprendeu é religião, certo? Ela pensou por um momento, então concordou.

— Certo.

— Bem, você entende, o problema com a religião, qualquer religião, é o de ser uma perspectiva basicamente limitada, apenas uma visão parcial da verdade total.

— Agora você está parecendo a Langstrat.

— Oh, acho que ela está certa. Quando se pensa no assunto por tempo suficiente, faz muito sentido. É como aquela história antiga a respeito dos cegos que encontraram o elefante.

— Sim, sim, já a ouvi contar essa história também.

— Bem, você está vendo? A perspectiva que cada homem tinha do elefante se limitava à parte que tocava, e como todos tocaram partes diferentes, não conseguiram chegar a um acordo sobre a verdadeira aparência do elefante. Brigaram por causa disso, da mesma forma que os religiosos de todos os tempos têm feito, e tudo o que precisavam perceber era que o elefante era um único elefante. Não foi culpa do elefante eles não conseguirem chegar a um acordo. Eles não estavam em sintonia uns com os outros e com o elefante todo.

— Então, somos todos como aqueles cegos... Shawn assentiu firmemente com a cabeça.

— Somos como um bando de insetos rastejando pelo chão, sem jamais olhar para cima. Se a formiga falasse, você poderia perguntar-lhe se ela sabia o que é uma árvore, e se ela jamais tivesse saído da grama e na realidade chegado a subir numa árvore, provavelmente argumentaria com você que árvore não existe. Mas quem está errada? Quem realmente está cega? É assim que somos. Permitimos que nossa percepção limitada nos engane. Você gosta de Platão?

Sandy riu um pouco e sacudiu a cabeça.

— Estudei no trimestre passado, e acho que também não entendi nada.

— Pois olhe, ele teve a mesma iluminação. Calculou que devia existir uma realidade mais elevada, uma existência ideal, perfeita, da qual tudo o que vemos é cópia. É mais ou menos como se o que vemos com nossos sentidos limitados *fosse* tão limitado, tão imperfeito, tão fragmentado que não percebemos o Universo da forma como realmente é, todo perfeito, funcionando suavemente, tudo se ajustando, tudo da mesma essência. Pode-se dizer que a realidade, como a conhecemos, é apenas uma ilusão, um truque do nosso ego, da nossa mente, dos nossos desejos egoístas.

— Tudo isso parece muito distante da realidade.

— Mas é maravilhoso quando a pessoa consegue entrar nessa. Responde a uma porção de perguntas e soluciona uma porção de problemas.

— Se a pessoa conseguir entrar. Shawn inclinou-se para a frente.

— A *pessoa* não entra nela, Sandy. *Ela* já está dentro da *pessoa.* Pense nisso por um momento.

— Não sinto nada dentro de mim...

— E por que não? Adivinhe!

Ela girou um invisível botão de rádio com os dedos.

— Não estou sintonizada? Shawn riu com gosto.

— Certo! Certo! Ouça. O Universo não muda, mas nós podemos mudar; se não estamos ajustados com ele, se não estamos sintonizados, somos nós que estamos cegos, que estamos vivendo uma ilusão. Veja, se sua vida está bagunçada, é realmente uma questão de como você vê as coisas.

Sandy caçoou.

— Ora, vamos! Não me venha dizer que tudo isso só existe na minha cabeça!

Shawn ergueu a mão em advertência.

— Ei, não caçoe até ter experimentado —. Olhou novamente para a luz do sol, as árvores verdes, os pássaros ocupados. — Escute só por um momento.

— Escutar o quê?

— A brisa. Os pássaros. Veja aquelas folhas verdes balançando ao vento lá em cima.

Por um instante, ficaram em silêncio. Shawn falou mansinho, quase num sussurro:

— Vamos, admita. Você ainda não sentiu uma espécie de... afinidade com as árvores, com os pássaros, com quase tudo? Você não acharia falta deles se não existissem? Você já falou com as plantas?

Sandy assentiu com a cabeça. Shawn estava certo nesse ponto.

— Ora, não resista porque o que está sentindo é um vislumbre do verdadeiro Universo, está-se sentindo unida a tudo. Tudo está ajustado, entrelaçado, entrosado. Ora, já sentiu isso antes, não sentiu?

Ela acenou que sim com a cabeça.

— Então, é isso que estou tentando mostrar-lhe; a verdade já está dentro de você. Você é parte dela. Você é parte de Deus. Apenas nunca soube disso. Você não se *permitia* saber.

Sandy ouvia os pássaros claramente agora, e o vento parecia quase melodioso mudando de tom e intensidade nos galhos das árvores. O sol era cálido, benevolente. De repente ela teve uma sensação muito forte de já haver estado naquele lugar antes, de ter conhecido essas árvores e esses pássaros. Eles estavam tentando entrar em contato com ela, conversar com ela.

Então percebeu que pela primeira vez em muitos meses sentia paz interior. Seu coração descansava. Não era uma paz completa, e ela não sabia se duraria, mas podia senti-la e sabia que desejava mais.

— Acho que estou sintonizando um pouquinho — disse. Shawn sorriu e apertou-lhe a mão encorajadoramente. Entrementes, em pé atrás de Sandy, como que a penteá-la com movimentos muito suaves, muito sutis de suas garras, Engano lhe alisava a cabeleira cor de fogo e lhe falava doces palavras de conforto à mente.

Tal e suas tropas reuniram-se de novo na igrejinha, e desta vez estavam mais animados. Haviam provado as primeiras promessas da batalha; haviam conquistado uma vitória, embora pequena, na noite anterior. Acima de tudo, o número deles era maior. Os vinte e três originais haviam aumentado para quarenta e sete à medida que mais guerreiros poderosos se haviam reunido, chamados pelas orações do...

— O Remanescente! — disse Tal com uma nota de antecipação, correndo os olhos por uma lista preliminar que lhe foi apresentada.

Scion, um lutador raivo e sardento das Ilhas Britânicas, explicou o progresso da busca.

— Eles estão lã, Capitão, e em número mais do que suficiente, mas são estes os que com certeza estamos trazendo para participar.

Tal leu os nomes.

— John e Patrícia Coleman... Scion explicou:

— Eles estiveram aqui ontem à noite e falaram a favor do pregador. Agora estão mais a favor dele ainda e caem de joelhos com a maior facilidade. Eles estão trabalhando.

— Andy e June Forsythe.

— Ovelhas perdidas, pode-se dizer. Deixaram a Cristã Unida de Ashton por causa de pura fome. Vamos trazê-los à igreja amanhã. Têm um filho, Ron, que está buscando o Senhor. Um pouco extraviado por enquanto, mas está começando a se entediar do que faz.

— E muitos outros, pelo que vejo — disse Tal com um sorriso, e entregou a lista a Guilo. — Designe alguns dos que chegaram recentemente para cuidarem do pessoal desta lista. Tragam essa gente para a igreja. Quero que todos estejam orando.

Guilo tomou a lista e conferenciou com diversos dos novos guerreiros.

— E os parentes, amigos em outros lugares? — perguntou Tal a Scion.

— Um número mais do que suficiente já está redimido e pronto para orar. Devo enviar emissários a fim de incumbi-los dessa responsabilidade?

Tal meneou a cabeça.

— Não posso permitir que guerreiro algum se ausente por muito tempo. Em vez disso, envie mensageiros aos guardiões das cidades dessas pessoas, e incumbam os guardiões de fazê-las sentir a responsabilidade de orar pelos seus queridos daqui.

— Feito.

Scion pôs mãos à obra, designando mensageiros que prontamente desapareceram no cumprimento de suas missões.

Guilo também havia enviado os seus guerreiros e estava excitado em ver a campanha em ação.

— Gosto da sensação que isto me dá, capitão.

— É um bom começo — disse Tal.

— E Rafar? Acha que ele desconfia da sua presença aqui?

— Nós dois nos conhecemos muito bem.

— Então ele estará esperando briga, e logo.

— Justamente o motivo pelo qual não vamos brigar, pelo menos por enquanto. Não até que a cobertura de orações seja suficiente e saibamos por que Rafar está aqui. Ele não é príncipe de cidadelas, mas de impérios, e jamais viria por uma tarefa abaixo do seu orgulho. O que já vimos é muito menos do que o inimigo planejou. Como vai o Sr. Hogan?

— Ouvi dizer que o demoniozinho Complacência foi banido por ter fracassado e que o Baal está furioso.

Tal riu-se.

— Hogan reviveu como uma semente em hibernação. Natã! Armote! — Eles apareceram imediatamente. — Vocês têm mais guerreiros agora. Levem quantos precisarem para cercar Marshall Hogan. Maiores números podem intimidar onde espadas não podem.

Guilo estava visivelmente indignado e olhou anelante a espada embainhada. Tal advertiu:

— Ainda não, bravo Guilo. Ainda não.

Logo depois do telefonema que Marshall deu a Harmel, o telefone de Berenice quase pulou da parede. Marshall não lhe pediu, ordenou:

— Esteja no escritório às sete da noite, temos trabalho a fazer. Agora, às 7:10hs, o resto do escritório do *Clarim* estava deserto e escuro. Marshall e Berenice estavam na sala dos fundos, desencavando dos arquivos antigas edições. Ted Harmel havia sido muito meticuloso: a maior parte dos números antigos estavam

arrumados cuidadosamente em enormes pastas.

— Quando Harmel foi expulso da cidade? — perguntou Marshall dando uma olhada rápida em diversas páginas antigas de uma edição passada.

— Cerca de um ano — respondeu Berenice, trazendo mais pastas para a grande mesa de trabalho. — O jornal operou com uma equipe reduzida durante meses antes de você comprá-lo. Edie, Tom, eu e alguns dos alunos de jornalismo da faculdade o mantivemos vivo. Algumas edições foram boas, outras saíram com cara de jornal estudantil.

— Como esta aqui?

Berenice viu a edição de agosto.

— Ficaria grata se você não a examinasse muito de perto. Marshall voltou as páginas de trás para a frente.

— Quero ver os jornais até a época em que Harmel foi embora.

— Está bem. Ted se foi no fim de julho. Aqui estão junho... maio... abril. Mas o que você está procurando?

— O motivo pelo qual o expulsaram.

— Você conhece a história, naturalmente.

— Brummel diz que ele molestou uma menina.

— Sim, Brummel diz um monte de coisas.

— Bem, molestou ou não?

— A menina disse que sim. Ela tinha mais ou menos doze anos, acho, filha de um dos diretores da faculdade.

— Qual deles?

Berenice sondou o cérebro, e finalmente forçou a lembrança a sair.

— Jarred. Adam Jarred. Acho que ele ainda está lá.

— Ele consta da lista que você conseguiu com Darr?

— Não. Mas talvez devesse constar. Ted conhecia Jarred muito bem. Os dois costumavam ir pescar juntos. Ele conhecia a filha, tinha freqüente acesso a ela, o que ajudou o caso contra ele.

— Então por que ele não foi processado?

— Acho que a coisa nunca chegou a esse ponto. Ele foi indiciado perante o juiz distrital...

— Baker?

— Sim, que consta da lista. O caso foi discutido no gabinete do juiz e aparentemente fizeram um acordo. Ted se foi alguns dias depois.

Marshall deu um tapa raivoso na mesa.

— Puxa vida, gostaria de não ter deixado aquele sujeito escapar. Você não me disse que estaria metendo o punho num ninho de vespas.

— Eu não sabia muita coisa a respeito.

Marshall continuou correndo os olhos pela página à sua frente; Berenice examinava a edição do mês anterior.

— Você disse que tudo isso explodiu em julho?

— Do meio para o fim de julho.

— O jornal quase nada diz sobre o assunto.

— É claro, Ted não ia publicar nada contra si mesmo, obviamente. Além disso, nem precisou; sua reputação estava em frangalhos, afinal de contas. Nossa circulação caiu criticamente. Diversas semanas se passaram sem pagamento algum.

— O que é isto?

Os olhos dos dois convergiram para uma carta ao redator num número de sexta-feira do começo de julho.

Marshall correu rapidamente os olhos por ela, murmurando enquanto lia:

"Devo expressar minha indignação pelo tratamento injusto que este conselho diretor vem recebendo por parte da imprensa local... Os recentes artigos publicados pelo *Clarim de Ashton* constituem nada menos do que impudente mau uso da imprensa, e esperamos que nosso redator local seja profissional o bastante para averiguar os fatos de agora em diante antes de imprimir quaisquer outras insinuações infundadas..."

— Sim! — animou-se Berenice, recordando-se. — Essa foi uma carta de Eugene Baylor —. Então ela bateu as mãos nos dois lados do rosto e exclamou:—Oh...! *Aqueles* artigos! — Berenice começou a voltar apressadamente os números contidos na pasta de junho. — Sim, aqui está um.

A manchete dizia: "STRACHAN PEDE AUDITORIA". Marshall leu a primeira sentença: "A despeito de contínua oposição do conselho diretor da Faculdade Whitmore, o deão da faculdade Eldon Strachan pediu hoje uma auditoria de todas as contas e investimentos da Faculdade Whitmore, expressando ainda sua preocupação quanto a recentes alegações de má administração de fundos."

Os olhos de Berenice rolaram para cima e fitaram os céus enquanto ela dizia:

— Barbaridade, isto pode ser mais do que um ninho de vespas! Marshall leu um pouco adiante: "Strachan afirmou haver prova mais do que adequada para justificar uma auditoria mesmo que seja cara e prematura, segundo o conselho diretor ainda mantém."

Berenice explicou:

— Sabe, não prestei muita atenção quando isso tudo estava acontecendo. Ted era um tipo agressivo, já havia irritado muita gente antes, e isto parecia apenas outra coisa política de rotina. Eu não passava de uma repórter na inócua equipe dos assuntos de interesse humano... que me importava tudo isto?

— Então — disse Marshall — o deão da faculdade meteu-se em apuros com os diretores. Parece ter sido um verdadeiro feudo.

— Ted era muito amigo de Eldon Strachan. Ele tomou partido e os diretores não gostaram. Aqui está outro, de apenas uma semana mais tarde.

Marshall leu: "DIRETOR MALHA STRACHAN. Eugene Baylor, membro do Conselho Diretor e tesoureiro geral da Faculdade Whitmore, acusou hoje o Deão Eldon Strachan de malicioso ataque político, afirmando que Strachan está usando métodos deploráveis e antiéticos a fim de promover sua própria dinastia dentro da administração da faculdade." Mais do que um arrufo inofensivo entre amigos.

— Pelo que sei, o negócio ficou feio, bem feio. E Ted provavelmente meteu o nariz um pouco além do que devia. Começou a levar chumbo cruzado.

— Daí a carta irritada de Eugene Baylor.

— Além de pressão política, com certeza. Strachan e Ted fizeram muitas reuniões e Ted estava descobrindo muita coisa, talvez demais.

— Mas você não tem detalhes...

Berenice ergueu as mãos aos céus e meneou a cabeça.

— Temos estes artigos, o número do telefone de Ted e a lista.

— É — disse Marshall, pensativo — a lista. Uma porção dos diretores estão nela.

— Além do Delegado de polícia e do juiz distrital que arruinou Ted.

— E que fim levou Strachan?

— Demitido.

Berenice repassou outras antigas edições do Clarim. Uma página solta saiu voando e caiu ao chão. Marshall a apanhou. Algo atraiu-lhe a atenção e ele correu os olhos pela página até que Berenice encontrou o que estava procurando, um artigo publicado em fins de junho.

— Sim, aqui está a reportagem — disse ela. — "STRACHAN DEMITIDO. Citando conflitos de interesse e incompetência profissional como motivos, o conselho diretor da Faculdade Whitmore exigiu hoje por unanimidade o pedido de demissão do Deão Eldon Strachan."

— Um artigo não muito longo — comentou Marshall.

— Ted publicou porque tinha de fazê-lo, mas é óbvio que evitou dar qualquer detalhe injurioso. Ele acreditava firmemente que a causa de Strachan era justa.

Marshall continuou a repassar as páginas.

— O que é isto aqui? "WHITMORE PODE ESTAR DEVENDO MILHÕES, DIZ STRACHAN" —. Marshall leu o artigo cuidadosamente. — Espere um pouco, ele diz que a faculdade pode estar em grandes dificuldades, mas não diz como sabe disso.

— O negócio foi saindo um pedacinho aqui, outro ali. Nunca chegamos a conseguir toda a informação até Strachan e Ted serem silenciados.

— Mas milhões... estamos falando em dinheiro grosso.

— Mas você vê como tudo se encaixa?

— É. Os diretores, o juiz, o Delegado de polícia, Young, o tesoureiro, e sabe lá quem mais, todos ligados a Langstrat e muito quietos a esse respeito.

— E não se esqueça de Ted Harmel.

— É, ele também não fala do assunto. Isto é, não fala *mesmo.* O cara está mais assustado do que peru em véspera de Natal. Mas ele não foi um membro muito fiel do grupo, se tomou o partido de Strachan contra os diretores.

— Foi por isso que o riscaram do mapa, por assim dizer, juntamente com Strachan.

— Talvez. Por enquanto, temos uma teoria que, por sinal, está bem confusa.

— Mas temos uma teoria, e a minha ida para a cadeia segue o padrão.

— Certinho demais por enquanto — pensou Marshall em voz alta. — Precisamos estar cientes do que estamos dizendo. Estamos falando de corrupção política, abuso de processo, extorsão, quem sabe o que mais? É melhor estarmos bem seguros do que estamos fazendo.

— O que era aquela página ali que caiu?

— Hein?

— Aquela que você pegou.

— Hum. Estava fora de lugar. A data é antiga, de janeiro. Berenice apanhou a pasta apropriada na prateleira do arquivo.

— Não quero que os arquivos se misturem — ei, por que você a dobrou toda?

Marshall deu levemente de ombros, fitou-a com

muita brandura e desdobrou a página.

— Contém um artigo a respeito da sua irmã — disse ele.

Ela apanhou a página que ele segurava e olhou o artigo noticioso. O título dizia "A MORTE DE KRUEGER CLASSIFICADA DE SUICÍDIO". Ela abaixou rapidamente a folha.

— Achei que você não iria querer lembrar-se — disse ele.

— Eu já a vi antes — disse ela abruptamente. — Tenho uma cópia lá em casa.

— Eu acabei de ler o artigo.

— Eu sei.

Ela tirou outra pasta, abrindo-a sobre a mesa.

— Marshall — disse ela — é melhor você ficar sabendo tudo a esse respeito. O assunto pode surgir novamente. O caso não está resolvido em minha cabeça, e tem sido uma batalha muito difícil para mim.

Marshall suspirou e disse:

— Foi você quem começou isto, não se esqueça.

Berenice manteve os lábios apertados e o corpo reto. Estava tentando ser uma máquina desinteressada.

Ela apontou para a primeira história, com data de meados de janeiro: "MORTE BRUTAL NO CAMPUS".

Marshall leu em silêncio. Não estava preparado para os horríveis detalhes.

— A história não está totalmente correta — comentou Berenice em tom de voz muito velado. — Eles não encontraram Pat em seu próprio dormitório; ela estava num quarto desocupado mais adiante no corredor. Parece que algumas das garotas usavam esse quarto para ficarem sozinhas quando queriam estudar e

havia muito barulho no andar. Ninguém sabia onde ela estava até que alguém viu o sangue escorrendo por baixo da porta... — A voz falhou e ela fechou com força a boca.

Patrícia Elizabeth Krueger, de dezenove anos, fora encontrada em um dormitório, nua e morta, a garganta cortada. Não havia sinais de luta, a faculdade toda estava em estado de choque, não havia testemunhas.

Berenice achou outra página e outra manchete: "NENHUM INDÍCIO NA MORTE DE KRUEGER". Marshall leu rapidamente, sentindo cada vez mais estar invadindo uma área muito sensível que não lhe dizia respeito. O artigo declarava que nenhuma testemunha se havia apresentado, ninguém tinha visto ou ouvido coisa alguma, não havia nenhum indício de quem o assaltante poderia ser.

— E você leu o último — disse Berenice. — Eles finalmente classificaram de suicídio. Decidiram que minha irmã se havia despido e cortado a própria garganta.

Marshall mostrou-se incrédulo.

— E ficou por isso mesmo?

— Ficou por isso mesmo.

Marshall fechou a pasta de mansinho. Ele nunca vira Berenice parecer tão vulnerável. A destemida repórter que não se deixava intimidar em uma cela cheia de prostitutas estava com uma parte de si ainda desnuda e ferida além de qualquer bálsamo. Ele colocou gentilmente a mão nos ombros da moça.

— Sinto muito — disse.

— É por isso que eu vim para cá, como você sabe —. Ela enxugou os olhos com os dedos e apanhou um lenço de papel para assoar o nariz. — Eu... simplesmente não consegui deixar as coisas como

estavam. Eu conhecia Pat. Conhecia-a melhor do que qualquer outra pessoa. Ela não era do tipo de gente que faz uma coisa dessas. Era feliz, bem ajustada, gostava da faculdade. Pelas cartas, parecia estar bem.

— Por quê... por que não guardamos tudo e damos a noite por encerrada?

Berenice fez que não ouviu a sugestão.

— Examinei a disposição do dormitório, o quarto onde ela morreu, a lista dos nomes de todas as moças que moravam no prédio; conversei com todas elas. Verifiquei os laudos policiais, o laudo do legista, examinei todos os pertences de Pat. Tentei encontrar a companheira de quarto de Pat, mas ela já tinha ido embora. Ainda não consigo me lembrar do seu nome. Vi-a uma vez apenas quando fui lá fazer uma visita.

— Afinal, resolvi ficar por aqui, arrumar um emprego, esperar e ver o que acontecia. Eu tinha certa experiência em jornalismo, não foi difícil conseguir o emprego.

Marshall colocou o braço em torno dos ombros da moça.

— Bem, ouça. Eu a ajudarei de qualquer maneira que puder. Não precisa carregar todo esse negócio sozinha.

Ela se descontraiu um pouco, recostando-se contra ele apenas o suficiente para mostrar que sentia o abraço.

— Não quero amolar.

— Você não está amolando. Escute, assim que se sentir preparada, podemos repassar tudo, examinar tudo de novo. Pode haver ainda alguma pista em algum canto.

Berenice sacudiu os punhos e choramingou:

— Se ao menos eu conseguisse ser mais objetiva!

Marshall envolveu-a com um risinho gentil, confortante, e um aperto amistoso.

— Bem, talvez eu possa cuidar dessa parte. Você está-se saindo bem, Bernie. Agüente um pouco mais.

Ela era uma boa menina, pensou Marshall e, tanto quanto conseguia recordar-se, essa fora a primeira vez que a tocara.

13

Por motivos óbvios, a congregação da Igreja da Comunidade de Ashton estava muito menor e mais fragmentada nessa manhã de domingo, mas Hank tinha de admitir que o ambiente era mais tranqüilo. Ao postar-se atrás do velho púlpito a fim de dar início ao culto, ele podia ver os rostos sorridentes dos que o apoiavam espalhados pela pequena multidão. Sim, lá estavam os Colemans sentados no lugar de sempre. Vovó Duster também estava presente, muito melhor de saúde, louvado seja o Senhor, e lá estavam os Coopers, os Harris, e Ben Squires, o carteiro. Alf Brummel não comparecera, mas Gordon Mayer e a esposa estavam presentes, bem como Sam e Helen Turner. Alguns dos não muito ativos estavam lá para a sua costumeira visitinha mensal, e Hank deu-lhes olhares e sorrisos especiais, demonstrando-lhes que haviam sido notados.

Enquanto Mary atacava com entusiasmo "Louvai ao nome de Jesus" no piano e Hank dirigia o hino, outro casal entrou pela porta dos fundos e assentou-se num dos últimos bancos, como costumam fazer os visitantes. Hank não os reconheceu.

Scion permaneceu perto da porta dos fundos,

observando Andy e June Forsythe tomarem seu lugar. Depois olhou na direção da plataforma e fez uma saudação amistosa a Krioni e Triskal. Eles sorriram e devolveram o gesto. Alguns demônios haviam entrado com os humanos, e não ficaram nada contentes ao verem o novo estranho celestial rondando por ali, e muito menos por estar ele trazendo gente nova à igreja. Mas Scion saiu inofensivamente de costas pela porta.

Hank não conseguia explicar por que se sentia tão exultante essa manhã. Talvez fosse por Vovó Duster estar presente, e os Colemans, e o novo casal. E depois havia aquele outro sujeito, também novo, o loiro grandalhão sentado no fundo. Tinha de ser algum lutador ou algo parecido.

Hank estava a lembrar-se do que a Vovó Duster lhe havia dito:

"Precisamos orar para que o Senhor os reúna..."

Ele chegou ao sermão e abriu a Bíblia em Isaías 55.

— "Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar. Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos. Porque assim como descem a chuva e a neve dos céus, e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra e a fecundem e façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a designei. Saireis com

alegria, e em paz sereis guiados; os montes e os outeiros romperão em cânticos diante de vós, e todas as árvores do campo baterão palmas."

Hank amava essa passagem, e não pôde deixar de sorrir ao começar a explicá-la. Algumas pessoas simplesmente o fitavam, ouvindo por obrigação. Mas outras até se inclinavam para a frente em seus lugares, bebendo cada palavra. O novo casal, sentado no fundo, assentia com a cabeça, expressão atenta. O loiro grandalhão sorria, assentia com a cabeça, chegou até a gritar um "Amém!"

As palavras continuavam a chegar à mente e coração de Hank. Tinha de ser a unção do Senhor. Ele ia ao púlpito de vez em quando a fim de consultar as anotações, mas na maior parte do tempo passeava por toda a plataforma, sentindo-se como se estivesse em algum lugar entre o céu e a terra, anunciando a Palavra de Deus.

Os poucos demoniozinhos que rondavam pelo ambiente podiam apenas encolher-se e zombar. Alguns conseguiram fechar os ouvidos das pessoas que possuíam, mas a investida desta manhã era particularmente severa e dolorosa. Para eles, a pregação de Hank tinha um efeito tão calmante quanto uma britadeira.

Em cima da igreja, Signa e seus guerreiros se recusavam a curvar-se ou voltar atrás. Lucius apareceu com um bando considerável de demônios bem a tempo para o culto, mas Signa não abriu caminho.

— Você sabe que é melhor não mexer comigo! — ameaçou Lucius. Signa foi revoltantemente bem educado.

— Sinto muito, não podemos permitir a entrada de mais demônios na igreja esta manhã.

Lucius deve ter tido coisas mais importantes para

seus demônios fazerem aquela manhã do que forçar a passagem através de um cerco de anjos obstinados. Ele lhes dirigiu alguns insultos seletos e então o bando todo zarpou com estrondo pelo espaço, rumo a algum outro malfeito.

Terminado o culto, algumas pessoas marcharam em linha reta para a porta. Outras se dirigiram em linha reta para Hank.

— Pastor, meu nome é Andy Forsythe, e esta é a minha esposa, June.

— Alô, alô — disse Hank, e podia sentir um largo sorriso a esticar-lhe o rosto.

— Foi ótimo — disse Andy, sacudindo a cabeça admirado e ainda apertando a mão de Hank. — Foi... nossa, foi realmente ótimo!

Falaram de banalidades por alguns minutos, descobrindo coisas a respeito um do outro. Andy era o proprietário e administrador de uma serraria nos arredores da cidade; June era secretária. Tinham um filho, Ron, que estava envolvido com drogas e precisava do Senhor.

— Bem — disse Andy — não faz muito tempo que nós dois aceitamos a Cristo. Costumávamos freqüentar a igreja Cristã Unida de Ashton... — A voz dele sumiu.

June era menos inibida.

— Estávamos morrendo de fome. Mal podíamos esperar para sair dela.

Andy interrompeu.

— É, isso mesmo. Ouvimos falar desta igreja; bem, para dizer a verdade, ouvimos falar de você; disseram que estava meio encrencado por ser tão apegado à Palavra de Deus, e pensamos: "Devíamos sondar esse sujeito." Agora estou contente por termos feito isso.

— Pastor — continuou ele — quero que saiba que há muita gente faminta nesta cidade. Alguns de nossos amigos amam ao Senhor mas não têm aonde ir. Tem sido bem estranho estes últimos anos. Uma a uma as igrejas nestas redondezas meio que morreram. Oh, ainda estão de pé, não há dúvida, e têm as pessoas e o dinheiro, mas... sabe o que quero dizer. Hank não estava certo de saber.

— O que *exatamente* você quer dizer? Andy sacudiu a cabeça.

— Satanás está brincando com esta cidade, acho. Ashton não costumava ser assim, com tanta coisa esquisita acontecendo. Olhe, você pode achar difícil acreditar, mas temos amigos que saíram de três, não, quatro igrejas locais.

June trocou olhares com Andy enquanto repassava uma lista mental de nomes.

— Greg e Eva Smith, os Bartons, os Jennings, Clint Neal...

— É, certo, certo — afirmou Andy. — Como eu disse, há uma porção de pessoas famintas, ovelhas sem pastor. As igrejas simplesmente não dão conta do recado. Elas não pregam o evangelho.

Nesse instante, Mary chegou, toda sorridente. Alegre, Hank a apresentou. Depois Mary disse:

— Hank, quero apresentar — e se voltou para o salão vazio. Seja lá quem fosse que devia estar lá não estava. — Ora... ele se foi!

— Quem era? — perguntou Hank.

— Oh, você se lembra daquele sujeito grandalhão que estava sentado no fundo?

— O loiro alto?

— Sim. Tive oportunidade de falar com ele. Ele me

falou que lhe dissesse que — Mary tornou a voz bem grave a fim de imitá-lo: "o Senhor está com você, continue orando e continue ouvindo".

— Ah, que bom. Você ficou sabendo o nome dele?

— Não... acho que ele não chegou a dizer. Andy perguntou:

— Quem era?

— Você sabe — disse Hank — aquele sujeito grande no fundo. Ele estava sentado bem ao seu lado.

Andy olhou para June, e os olhos dela se arregalaram. Andy pôs-se a sorrir, depois começou a rir, em seguida pôs-se a bater palmas e praticamente a dançar.

— Louvado seja o Senhor! — exclamou ele, e Hank não tinha visto tanto entusiasmo assim em muito tempo. — Louvado seja o Senhor, não havia ninguém lá. Pastor, não vimos a ninguém!

A boca de Mary caiu, e ela a cobriu com os dedos.

Oliver Young era um verdadeiro artista; sabia trabalhar uma audiência até cada lágrima ou riso, e cronometrá-los com tanta precisão que as pessoas se transformavam em marionetes. Ele se postava atrás do púlpito com incrível dignidade, e suas palavras eram tão bem escolhidas que qualquer coisa que dissesse tinha de estar certa. A vasta congregação certamente parecia pensar que sim; o templo estava lotado. Muitos dos presentes eram profissionais liberais: médicos, professores, pessoas que se diziam filósofas e poetas; um segmento muito grande vinha da faculdade ou era de alguma forma ligado a ela. Tomavam notas meticulosas da mensagem de Young, como se fosse uma preleção.

Marshall tinha ouvido bastante desse mesmo tipo de coisas antes, por isso nesse domingo específico ficou remoendo as perguntas que não podia esperar para lançar sobre Young quando o culto acabasse.

Young continuava.

— Deus não disse: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança"? O que havia permanecido na escuridão da tradição e da ignorância, descobrimos agora revelado dentro de nós. Descobrimos, não, antes, redescobrimos o conhecimento que sempre tivemos como raça: somos inerentemente divinos em nossa essência, e temos dentro de nós a capacidade para o bem, o potencial para tornar-nos como que deuses, feitos à exata semelhança do Deus Pai, o fonte final de tudo o que existe...

Marshall deu uma olhada furtiva para o lado. Lá estava Kate, e lá estava Sandy tomando notas feito doida, e ao lado dela estava Shawn Ormsby. Sandy e Shawn estavam-se dando muito bem, e ele estava exercendo uma influência positiva marcante na vida dela. Hoje, por exemplo, ele havia feito um trato com Sandy: ele iria à igreja com ela se ele fosse com os pais. Bem, tinha funcionado.

Marshall tinha de admitir, embora com alguma relutância, que Shawn conseguia comunicar-se com Sandy de uma forma que Marshall jamais conseguira. Tinha havido diversas ocasiões em que Shawn servira como ligação ou intérprete entre Sandy e Marshall, abrindo canais de comunicação que nenhum dos dois pensavam jamais se pudessem materializar. Até que enfim as coisas estavam ficando tranqüilas em casa. Shawn parecia um tipo gentil com um verdadeiro dom para arbitrar disputas.

E então, o que faço agora? perguntou-se Marshall. Pela primeira vez não sei em quanto tempo, toda a minha família está sentada junta na igreja, e isso é nada

menos do que um milagre, um verdadeiro milagre. Mas realmente escolhemos uma droga de igreja para freqüentar juntos, e quanto àquele pregador...

Seria tão confortável e tão bom deixar as coisas como estavam, mas ele era repórter, e esse Young estava escondendo algo. Bolas! Falar em conflito de interesses!

Assim, enquanto o Pastor Oliver Young lá em cima tentava explicar as suas idéias acerca do "infinito potencial divino dentro do homem aparentemente finito", Marshall se ocupava com os próprios problemas aflitivos.

O culto terminou ao meio-dia em ponto, e o carrilhão da torre automaticamente começou a tocar um acompanhamento musical muito tradicional, que soava muito cristão, a todos os cumprimentos, conversinhas e despedidas.

Marshall e a família entraram no fluxo do tráfego que se escoava em direção ao saguão. Oliver Young estava em pé ao lado da porta da frente, seu lugar de sempre, cumprimentando a todos os seus paroquianos, apertando as mãos, fazendo agradinhos aos nenês, sendo pastoral. Não demorou para que Marshall, Kate, Sandy e Shawn chegassem diante dele.

— Ora, Marshall, que prazer em vê-lo — disse efusivamente, apertando a mão do jornalista.

— Você conhece a Sandy? — perguntou Marshall, e apresentou formalmente Young à filha.

Young foi muito caloroso.

— Sandy, fico muito contente em vê-la.

Sandy pelo menos agia como se estivesse contente em estar ali.

— E Shawn! — exclamou Young. — Shawn Ormsby! — Os dois apertaram-se as mãos.

— Oh, então vocês dois já se conhecem? — perguntou Marshall.

— Oh, conheço Shawn desde que ele era um toquinho de gente. Shawn, veja se aparece de vez em quando, está bem?

— Está certo — respondeu Shawn com um sorriso tímido.

Os outros continuaram a andar, mas Marshall ficou para trás e aproximou-se de Young pelo outro lado a fim de conversar um pouco mais.

Ele esperou até que Young tivesse acabado de cumprimentar um grupinho de pessoas, e depois inseriu na pausa:

— Olhe, achei que você gostaria de saber que as coisas estão melhores agora entre mim e Sandy.

Young sorriu, apertou algumas mãos, então disse de lado:

— Que maravilha! É realmente maravilhoso, Marshall —. Ele ofereceu a mão a outra pessoa:

— Que bom vê-lo aqui hoje.

Em outra pausa entre os cumprimentos finais, Marshall inseriu:

— Sim, ela realmente gostou do seu sermão esta manhã. Disse que apresentou um grande desafio.

— Ora, muito obrigado por me dizer. Sim, Sr. Beaumont, como está?

— Sabe, parecia até um paralelo ao que Sandy está aprendendo na escola, nas aulas de Juleen Langstrat.

Young não respondeu, e dirigiu toda a sua atenção a um jovem casal com um bebê.

— Nossa, ela está ficando tão grande. Marshall

continuou:

— Você precisa conhecer a professora Langstrat. Há um paralelo muito interessante entre o que ela ensina e o que você prega —. Não houve reação por parte de Young. — De fato, pelo que sei a professora está envolvida com ocultismo e misticismo oriental...

— Bem — disse Young — eu nada saberia a esse respeito, Marshall.

— E você definitivamente não conhece essa professora Langstrat?

— Não, eu já lhe disse.

— Você não fez diversas sessões particulares com ela, com regularidade, e não apenas você como também Alf Brummel, Ted Harmel, Delores Pinckston, Eugene Baylor, e até mesmo o juiz Baker?

Young corou um pouco, fez uma pausa, então fez uma careta de embaraçada lembrança.

— Oh, céus! — riu-se ele. — Onde estava a minha cabeça? Sabe, todo este tempo estive pensando em outra pessoa!

— Então, você já a conhece, não?

— Sim, claro. Muitos de nós a conhecemos.

Young voltou-se para o lado a fim de cumprimentar outras pessoas. Quando elas se foram, Marshall ainda estava em pé ali. E insistiu:

— E então, o que me diz dessas sessões particulares? É verdade que a clientela dela inclui líderes cívicos, oficiais eleitos, diretores da faculdade...?

Young olhou diretamente para Marshall, e seus olhos estavam um tanto frios.

— Marshall, qual é exatamente o seu interesse em tudo isso?

— Estou apenas tentando fazer o meu trabalho. Seja lá o que for, parece algo de que a população de Ashton deveria tomar conhecimento, especialmente por envolver tantas pessoas influentes que estão moldando a cidade.

— Bem, se você está preocupado a respeito, não é comigo que deve falar. Deveria perguntar à própria professora Langstrat.

— Oh, é o que tenciono fazer. Apenas queria que você tivesse a chance de dar-me umas respostas honestas, algo que sinto que você não está fazendo totalmente.

A voz de Young tornou-se tensa.

— Marshall, se pareço evasivo é porque aquilo que está tentando descobrir é protegido pela ética profissional. É informação confidencial. Eu estava simplesmente com esperança de que você percebesse isso sem que eu tivesse de dizer-lhe.

Kate chamava-o da calçada.

— Marshall, estamos esperando por você.

Marshall afastou-se, e foi melhor assim. Só poderia ter-se esquentado mais daquele ponto em diante, e não estava levando a nada, afinal de contas. Young era frio, muito duro e escorregadio.

A alguns estádios de distância, num vale profundo, escondido, cercado por encostas escarpadas, coroado por altas montanhas e acarpetado por espessa cobertura verde e pedras escondidas em tufos de musgo, um pequeno mas bem construído conjunto de prédios se aninhava como um solitário posto avançado, cujo único acesso era uma sinuosa e acidentada estrada de cascalho.

O pequeno conjunto de prédios, antiga e dilapidada casa de fazenda havia-se expandido, transformando-se em um complexo de edifícios de pedra e tijolos que agora abrigavam um pequeno dormitório, um complexo de escritórios, um refeitório, um prédio de manutenção, uma clínica, e diversas residências particulares. Não havia letreiros, entretanto, nenhuma etiqueta em parte alguma, nada que identificasse onde se estava ou o que era tudo aquilo.

Traçando um risco de carvão pelo céu, um sinistro objeto negro voou por cima dos cumes das montanhas e começou a descer ao vale, perfurando as camadas muito finas de neblina que pairavam no ar. Envolto em escuridão espiritual opressiva, e silencioso como uma nuvem negra, Baal Rafar, o príncipe da Babilônia, flutuou para o vale. Ia contornando de perto as encostas das montanhas, manobrando num curso que serpeava entre escarpas e penhascos rochosos. O pálio de escuridão o seguia como sua própria sombra, como pequenino círculo de noite na paisagem; um leve traço de vapor vermelho e amarelado escapava-lhe das narinas e pairava no ar atrás dele como longa fita que se ia assentando aos poucos.

Lá em baixo, a fazenda parecia um enorme ninho cheio de pavorosos insetos negros. Diversas camadas de guerreiros implacáveis pairavam quase estacionárias em vasta cúpula de defesa sobre o complexo, espadas desembainhadas, olhos amarelos perscrutando o vale. No fundo dessa concha, demônios de todos os tamanhos, formatos e forças disparavam de um lado para outro, formando fervilhante massa de atividade. Quando Rafar desceu mais, notou uma concentração de espíritos negros cercando um casarão de pedra de diversos andares nas cercanias do conjunto. É ali que está o Homem Forte, pensou ele, por isso fez suave curva lateral, mudando o rumo para aquele prédio.

As sentinelas externas o viram aproximar-se e deram um berro sinistro, como uma sirene. Imediatamente os defensores se irradiaram da trajetória do vôo de Rafar, abrindo passagem através das camadas de defesa. Rafar mergulhou agilmente pela passagem enquanto os demônios de todos os lados o saudavam com espadas erguidas, os olhos ardentes como milhares de pares de estrelas amarelas contra veludo preto. Ele os ignorou e passou depressa. A passagem fechou-se novamente atrás dele como se fosse um portão vivo.

Flutuou lentamente através do teto, do sótão, passou pelos caibros, pelas paredes, pelo cimento, por um quarto do andar superior, através do chão espesso apoiado sobre vigas e chegou à espaçosa sala de estar do piso inferior.

O mal no aposento era espesso e restritivo, a escuridão como negro líquido que se revolvia, com qualquer movimento de braços ou pernas. A sala estava apinhada.

— Baal Rafar, o Príncipe da Babilônia! — anunciou um demônio de algum lugar, e monstruosos demônios no perímetro da sala se curvaram em sinal de respeito.

Rafar recolheu as asas de forma a caírem qual manto real, e postou-se com ar intimidador de realeza e poder, as jóias faiscando de maneira impressionante. Seus grandes olhos amarelos estudavam cuidadosamente as bem formadas fileiras de demônios, dispostas ao seu redor. Um horrendo ajuntamento. Eram espíritos a nível dos principados, príncipes de suas próprias nações, povos, tribos. Alguns eram da África, outros do Oriente, diversos da Europa. Todos eram invencíveis. Rafar observou-lhes o incrível tamanho e tremenda aparência; eram todos seus pares em tamanho e ferocidade, e ele duvidava que jamais se aventurasse a desafiar qualquer deles. Receber mesura

da parte deles era grande honra, um cumprimento de verdade.

— Salve, Rafar — disse uma voz gorgolejante no fundo da sala. O Homem Forte. Era proibido mencionar o seu nome. Ele era uma das poucas majestades que gozavam da intimidade do próprio Lú-cifer, um malévolo tirano global responsável por séculos de resistência aos planos do Deus vivo e pelo estabelecimento do reino de Lúcifer sobre a terra. Rafar e sua espécie controlavam nações; os do nível do Homem Forte controlavam Rafar e sua espécie.

O Homem Forte ergueu-se do seu lugar, e seu enorme porte tomou aquela parte do aposento. Podia-se sentir a presença do mal que emanava dele por toda a parte, quase como uma extensão do seu corpo. Era grotesco, o couro preto pendurado como sacos e cortinas de seus membros e tronco, a cara era um macabro cenário de proeminências e sulcos em dobras profundas. Suas jóias cintilavam em torno do pescoço, no peito, nos braços; suas grandes asas negras circundavam-lhe o corpo como um manto real e se arrastavam pelo chão.

Rafar fez uma profunda mesura, sentindo a presença do Homem Forte do outro lado da sala.

— Salve, meu senhor.

O Homem Forte jamais desperdiçava palavras.

— Seremos detidos novamente?

— Os erros do Príncipe Lucius estão sendo corrigidos. A nova resistência está caindo, senhor. Logo a cidade estará pronta.

— E o que me diz do exército celestial?

— Limitado.

O Homem Forte não gostou da resposta de Rafar, o subordinado pôde percebê-lo distintamente. O chefe

disse lentamente:

— Fomos informados de que um poderoso Capitão do Exército foi enviado a Ashton. Creio que o conhece.

— Tenho motivos para crer que Tal foi enviado, mas já o esperava. Os grandes olhos drapeados em veludo arderam de fúria.

— Não é esse Tal que o derrotou na queda da Babilônia? Rafar sabia que precisava responder, e depressa.

— É esse mesmo.

— Então os atrasos desfizeram nossa vantagem. Agora tem pela frente um adversário tão forte quanto você.

— Meu senhor, verá o que o seu servo é capaz de fazer.

— Palavras audaciosas, Rafar, mas suas forças só podem ser bem sucedidas se usadas imediatamente; as forças do inimigo crescem com o tempo.

— Tudo estará pronto.

— E o homem de Deus e o jornalista?

— O meu senhor digna-se a dar-lhes atenção?

— O seu senhor deseja que você lhes dê a sua!

— Eles não têm poder, senhor, e logo serão removidos.

— Mas somente se Tal for removido — disse o Homem Forte escarnecedoramente. — Quero ver isso acontecer antes que você venha me amolar com a sua gabolice. Até então, permanecemos confinados a este lugar. Rafar, não esperarei muito tempo!

— Nem precisará.

O Homem Forte sorriu com afetação.

— Você tem as suas ordens. Vá!

Rafar curvou-se profundamente, e com um desdobrar das asas atravessou silenciosamente a casa até o lado de fora.

Então, em furiosa explosão de raiva, ele disparou para o alto, dando encontrões tão violentos em demônios desatentos que eles viraram cambalhotas no ar. Ganhou velocidade, o frenético bater das asas formando um borrão ofuscante, e os defensores mal tiveram tempo de abrir uma passagem antes que ele explodisse por ela deixando atrás de si um rasto quente de hálito sulfuroso. Eles fecharam a passagem novamente, entreolhando-se curiosos enquanto o viam perder-se na distância.

Rafar subiu rugindo como um foguete pela encosta das montanhas e depois sobre os cumes pontiagudos, voltando em direção à cidadezinha de Ashton. Em sua fúria, ele não se importava em ser visto, não se importava em manter o segredo, nem o decoro. Que o mundo inteiro o visse, e tremesse! Ele era Rafar, príncipe da Babilônia! Que o mundo inteiro se prostrasse diante dele ou fosse dizimado pelo gume da sua espada!

Tal! O nome em si já lhe trazia amargor à língua. Os senhores servos de Lúcifer jamais lhe permitiriam esquecer aquela derrota tão antiga. Nunca, até o dia em que Rafar redimisse a sua honra.

E deveras o faria. Rafar entrevia sua espada estripando Tal e espalhando-o em tiras e pedacinhos pelo céu; podia sentir o impacto em seus braços, podia ouvir o som cortante que produziria. Era apenas uma questão de tempo.

Dentre as pedras pontiagudas no cume de uma montanha, um homem de cabelos prateados saiu do seu esconderijo para observar Rafar sumir rapidamente à

distância, desenhando uma longa trilha negra no céu, até desaparecer no horizonte. O homem olhou mais uma vez para o conjunto de prédios cheios de demônios no vale, olhou novamente na direção do horizonte, então precipitou-se pelo outro lado da montanha, desaparecendo num brilhar de luz e num adejar de asas.

14

Bem, pensou Marshall, mais cedo ou mais tarde vou ter de fazer isso. Quinta-feira à tarde, quando estava tudo tranqüilo, ele se fechou no escritório e deu alguns telefonemas, tentando localizar a professora Juleen Langstrat. Ligou para a faculdade, conseguiu o número do Departamento de Psicologia, e falou com duas recepcionistas diferentes em dois escritórios diferentes antes de finalmente descobrir que Langstrat não estava e que o telefone da sua casa não constava da lista. Então Marshall pensou no prestativo Albert Darr, e ligou para o escritório dele. Darr estava em aula, mas lhe ligaria de volta se ele quisesse deixar recado. Marshall deixou um recado. Duas horas mais tarde, Albert Darr ligou, e tinha o número do apartamento de Juleen Langstrat que não constava da lista. Marshall discou. A linha estava ocupada.

A sala de estar do apartamento de Juleen Langstrat, iluminada apenas por um pequeno abajur, estava quase escura. A sala era quieta, cálida e confortável. As persianas estavam fechadas para evitar dis trações, luz forte e qualquer outra perturbação. O telefone estava fora do gancho.

Juleen Langstrat, sentada na cadeira, falava

baixinho com a pessoa que estava aconselhando, sentada à sua frente.

— Você ouve apenas o som da minha voz... — disse ela, repetindo a seguir diversas vezes a sentença baixinho e claramente. — Você ouve apenas o som da minha voz...

A cena prolongou-se por diversos minutos até a pessoa entrar em profundo transe hipnótico.

— Você está descendo... descendo profundamente dentro de si mesma...

Langstrat observava com cuidado o rosto da paciente. Então, estendeu as mãos espalmadas, e começou a movê-las para cima e para baixo a poucos centímetros do corpo da paciente, como se tentasse encontrar algo. — Liberte o seu verdadeiro eu... liberte-o... ele é infinito... está em união com toda a existência... Sim! Posso senti-lo! Consegue sentir minha energia voltando?

A pessoa murmurou:

— Sim...

— Você está livre do corpo agora... seu corpo é ilusão... sente os limites do corpo se dissolvendo...

Langstrat inclinou-se mais perto, ainda usando as mãos.

— Você está livre agora...

— Sim... sim, estou livre...

— Posso sentir sua força vital expandindo.

— Sim, posso senti-la.

— Basta. Pode parar aí. — Langstrat estava atenta, observando tudo cuidadosamente. — Volte... volte... Sim, posso sentir que está retrocedendo. Em um instante, sentirá que estou-me distanciando de você;

não se alarme, ainda estou aqui.

Durante os próximos minutos, ela fez a pessoa sair lentamente do transe, passo a passo, sugestão a sugestão. Finalmente, disse:

— Está bem, quando eu contar até três, você acordará. Um, dois, três.

Sandy Hogan abriu os olhos, revirou-os atordoada, então respirou fundo, voltando completamente a si.

— Puxa vida! — foi a sua reação. Os três riram ao mesmo tempo.

— Não foi tremendo? — perguntou Shawn, sentado ao lado de Langstrat.

— Puxa vida — foi tudo o que Sandy conseguiu dizer.

Foi uma experiência totalmente inédita para Sandy. A idéia tinha partido de Shawn e, embora ela tivesse hesitado no começo, agora estava muito contente por haver concordado.

As persianas foram abertas, e Sandy e Shawn se prepararam para retornar às aulas da tarde.

— Bem, obrigada por ter vindo — disse a professora à porta.

— Eu é que agradeço — disse Sandy.

— E obrigada por tê-la trazido — disse Langstrat a Shawn. Então ela se dirigiu aos dois:

— Agora, lembrem-se, eu não os aconselharia a falar com ninguém a respeito disto. É uma experiência muito pessoal e íntima que a todos devemos respeitar.

— Sim, certo, certo — disse Sandy. Shawn levou-a de volta ao campus.

Era sexta-feira, e Hank estava sentado em casa, no canto que era o seu pequeno escritório, olhando ansioso em direção ao relógio. Mary geralmente cumpria a palavra. Ela tinha dito que estaria em casa antes que Carmem chegasse para o aconselhamento. Hank não tinha a menor idéia se havia espias vigiando a casa, mas nunca podia ter certeza. Tudo o de que precisava era alguém achar que Carmem fora vê-lo enquanto Mary estava fazendo compras. O lado temeroso de Hank enxergava todo o tipo de conspiração que os inimigos podiam estar tramando contra ele, tal como mandar uma mulher estranha e sedutora a fim de comprometê-lo e arruiná-lo.

Bem, de uma coisa ele sabia: Se Carmem não se mostrasse genuinamente receptiva ao aconselhamento e começasse a aplicar soluções reais a um problema real, seria o fim dessa história, no que lhe dizia respeito.

A campainha soava. Ele deu uma espiada pela janela. O Fiat vermelho de Carmem estava estacionado em frente. Sim, ela estava à porta, em plena luz do dia, bem à vista de dez ou quinze casas. A maneira pela qual ela estava vestida aquele dia fez Hank pensar que o melhor era mandá-la entrar depressa, ainda que fosse apenas para ocultá-la à vista do público.

Onde, oh, onde estava Mary?

Mary não sabia se gostava dos novos donos da mercearia que fora do Joe. Oh, não era o atendimento ou a administração; estava tudo bem na maioria dessas áreas, e Mary achava também que levaria tempo para que viessem a conhecer todo o mundo e vice-versa. O que incomodava Mary era a reserva óbvia quando ela lhes perguntava que fim levaram Joe Carlucci e sua família. Pelo que Mary conseguiu descobrir, Joe, Angelina e os filhos deixaram Ashton abruptamente sem dizer a ninguém, e até aquele momento ninguém

aparecera que soubesse pelo menos aonde eles tinham ido.

Ora bolas. Ela saiu depressa da mercearia e dirigiu-se ao carro, um empregado da mercearia empurrando um carrinho de compras atrás dela. Ela abriu o porta-malas e observou o menino carregar as compras.

Foi então que sentiu, subitamente, sem nenhuma razão aparente, uma inexplicável emoção, uma estranha mistura de receio e depressão. Sentiu-se fria, nervosa, um tanto trêmula, e não podia pensar em coisa alguma além de sair daquele lugar e correr para casa.

Triskal a estava acompanhando, guardando-a, e ele também sentiu a mesma coisa. Com retinir metálico e um lampejo faiscante, sua espada estava instantaneamente na mão.

Tarde demais! De algum lugar atrás dele um golpe estonteante atingiu-lhe a nuca. Ele caiu para a frente. Suas asas abriram-se de chofre a fim de equilibrá-lo, mas um peso incrível recaiu-lhe sobre as costas como um bate-estacas, prendendo-o ao chão.

Ele podia ver os pés dos atacantes, como as patas cheias de garras de hediondos répteis, e o rubro tremeluzir de suas lâminas; podia ouvir-lhes o chiar sulfuroso. Olhou para cima. Cercavam-no pelo menos uma dúzia de guerreiros demoníacos. Eram muito altos, ferozes, e possuíam ardentes olhos amarelados e presas gotejantes, ar de escárnio e riso gorgolejante.

Triskal olhou para Mary. Ele sabia que a segurança da moça seria logo ameaçada se ele não agisse. Mas o que podia fazer?

O que era aquilo? Triskal sentiu de súbito intensa onda de maldade rolando sobre si.

— Ergam-no — disse uma voz de trovão.

Uma mão fechou-se como prensa em torno do seu pescoço e o sacudiu no ar como se fosse mero brinquedo. Agora ele olhava todos os espíritos nos olhos. Haviam chegado a Ashton recentemente. Jamais Triskal tinha visto tal tamanho, força e desfaçatez. Os corpos eram cobertos de escamas espessas, semelhante a ferro, os braços ondulavam de poder, as caras eram zombeteiras, o hálito era sulfuroso e sufocante.

Eles o voltaram para o outro lado e o seguraram firmemente, e ele encontrou-se face a face com uma visão de puro horror.

Flanqueado por nada menos que outros dez enormes guerreiros demoníacos estava um espírito gigantesco com uma espada curvada em S na monstruosa mão negra.

Rafar! O pensamento percorreu a mente de Triskal como uma sentença de morte; cada centímetro do seu ser contraiu-se na antecipação de golpes, derrota, dor insuportável.

A grande boca, abrindo-se num sorriso escarninho e hediondo, mostrou as presas; saliva âmbar pingava, e enxofre saía em nuvens repugnantes quando o gigantesco comandante galhofava zombeteiro.

— Está tão surpreso? — perguntou Rafar. — Devia sentir-se privilegiado. Você, anjinho, é o primeiro a me ver.

— E como está hoje? — perguntou Hank, indicando à moça uma confortável cadeira no escritório.

Ela se afundou na cadeira com um arrulho e um suspiro, e Hank começou a perguntar-se onde tinha deixado o gravador. Ele sabia ser inocente, mas era bom ter alguma prova.

— Estou muito melhor — respondeu ela, e a voz

era suave e estável. — Sabe, talvez possa me dizer por que, mas não ouvi nenhuma voz falando comigo a semana toda.

— Oh... hum... sim — disse Hank, finalmente engrenando os pensamentos de conselheiro. — Era disso que estávamos falando, não era?

Triskal olhou em direção a Mary. Ela estava agradecendo ao empacotador e fechando o porta-malas. Rafar observou Triskal, divertido.

— Oh, entendo. Você é responsável pela proteção dela. Protegê-la de quê? Esperava estapear meras moscas? — Triskal não teve resposta. O tom de Rafar tornou-se mais cruel e mordaz. — Não, está enganado, anjinho. É com um poder muito maior que terá de se haver.

Rafar bateu com a espada no chão, e Triskal sentiu imediatamente as mãos férreas de dois demônios apertando-lhe os braços por trás. Ele olhou na direção de Mary. Ela estava procurando a chave da porta do carro. Estava entrando no carro. Outro demônio estendeu a espada e atravessou o capô. Mary tentou dar partida. Nada.

Rafar olhou na direção de uma lavanderia próxima, na frente da qual encontrava-se um sujeito jovem, seboso, encostado a um poste. Triskal percebeu que o homem estava possuído por um dos capangas de Rafar, de fato, diversos deles. A um aceno de Rafar, os demônios entraram em ação e o homem pôs-se a andar rumo ao carro de Mary.

Mary verificou as luzes. Não, ela não as havia deixado ligadas. Ela virou a chave e ligou o rádio. Tocou. A buzina tocou. Mas o que estava errado? Ela viu o sujeitinho chegando. Oh, ótimo.

Enquanto Triskal observava impotente, os demônios guiaram o homem à janela do carro.

— Ei, belezinha — disse ele — algum problema aqui?

Mary olhou para ele. Era magricela, sujo, e usava roupas de couro preto e correntes cromadas. Ela disse através da janela:

— Ah... não, obrigada. Estou bem.

Ele deu um risinho, olhando-a da cabeça aos pés enquanto dizia:

— Por que não abre e deixa-me ver o que posso fazer?

Hank não se sentia bem com a situação. Onde estava Mary? Pelo menos Carmem estava falando mais racionalmente. Parecia estar tratando os problemas de forma inteligente e com genuíno desejo de mudar. Talvez hoje as coisas corressem de modo diferente, mas Hank não contava com isso.

— Então — perguntou ele — o que você acha que aconteceu com as vozes amorosas?

— Eu já não as escuto — respondeu ela. — É uma coisa que você me ajudou a perceber, ao falar sobre elas. As vozes não eram reais. Eu estava apenas enganando a mim mesma.

Hank foi muito gentil ao concordar:

— Sim, acho que tem razão.

Ela soltou um profundo suspiro e olhou para ele com aqueles grandes olhos azuis.

— Estava tentando vencer a minha solidão, só isso. Acho que era o que acontecia. Pastor, você é tão forte. Gostaria de poder ser assim.

— Bem, a Bíblia diz: "Posso todas as coisas

mediante Cristo que me fortalece.'[1]

— Ah. Onde está a sua esposa?

— Foi à mercearia. Deve estar de volta a qualquer momento.

— Bem... — Carmem inclinou-se para a frente e sorriu com muita doçura. — Estou realmente derivando força da sua companhia. Quero que saiba disso.

Mary sentia o coração bater com força. O que aquele sujeito faria a seguir?

O homem inclinou-se de encontro à janela e seu hálito embaçou o vidro:

— Escute, boneca, por que não me diz o seu nome?

Rafar agarrou Tiiskal pelos cabelos e puxou-lhe com força a cabeça para o outro lado. Triskal achou que o pescoço arrebentaria. Rafar soprou enxofre no rosto de Triskal, dizendo-lhe:

— E agora, anjinho, trocarei palavras com você —. A ponta da longa espada subiu à garganta de Triskal. — Onde está o seu capitão?

Triskal não respondeu.

Rafar, com um safanão, voltou-lhe a cabeça e permitiu-lhe olhar na direção de Mary.

O homem tentava abrir a porta do carro. Mary estava aterrorizada. Tateando, conseguia alcançar cada botão de trava do carro, e empurrá-los segundos antes de o homem poder agarrar o trinco de fora. Ele tentou todas as portas, um sorriso malicioso no rosto. Mary tocou a buzina de novo. Um demônio já cuidara dela; não funcionou. Rafar torceu a cabeça de Triskal de volta, e a lâmina fria comprimiu o rosto do anjo.

— Perguntarei outra vez: Onde está o seu capitão?

Carmem ainda estava dizendo a Hank o bem que o aconselhamento lhe estava fazendo, como ele lhe lembrava o seu ex-marido, e como ela estava procurando um homem com as suas qualidades. Hank teve de pôr um paradeiro no negócio.

— Bem — conseguiu dizer, afinal — você tem outras pessoas em sua vida que a fazem sentir-se importante no que diz respeito a força, apoio, amizade, esse tipo de coisas?

Ela o olhou um tanto chorosa.

— Mais ou menos. Tenho amigos que freqüentam o bar. Mas nada jamais dura —. Ela deixou os pensamentos fervilharem por um momento, então perguntou: — Você me acha atraente?

O homem vestido de couro preto inclinou-se bem perto da janela de Mary, ameaçou-a com horríveis obscenidades, e a seguir começou a bater no vidro com uma grande fivela de metal.

Rafar acenou com a cabeça para um guerreiro cuja mão passou através da janela de Mary e agarrou o botão da trava, pronto a erguê-lo quando Rafar desse a ordem. Os demônios dentro do rapazola estavam babando e preparados. Sua mão apoderou-se do trinco.

Rafar assegurou-se de que Triskal pudesse ver tudo o que se passava, e depois disse:

— Sua resposta?

Triskal falou, afinal, gemendo:

— O freio...

Rafar apertou-o mais ainda, chegando mais perto.

— Não ouvi o que disse. Triskal repetiu.

— O freio.

Mary teve uma súbita idéia. O carro estava estacionado numa ladeira. Não era muito forte, mas poderia ser suficiente para fazê-lo movimentar-se. Ela soltou o freio de mão e o carro começou a rolar. O sujeitinho não esperava por essa; esmurrou a janela, tentou dar a volta pela frente, a fim de deter o carro, mas o veículo começou a ganhar velocidade, e logo o homem percebeu que seus esforços estavam-se tornando óbvios demais.

Um robusto empreiteiro em pé ao lado de sua reforçada caminhonete finalmente percebeu o que estava ocorrendo e berrou:

— Ei, seu malandro, o que você está fazendo?

Rafar viu o que acontecia, a raiva crescente fluindo pelo grande punho de ferro, apertando-o mais em torno de Triskal. O anjo achava que o pescoço arrebentaria a qualquer momento. Mas então Rafar pareceu ceder.

— Cessar! — ordenou ele aos demônios. Eles se afastaram; o homem desistiu de seguir o carro e tentou afastar-se como se nada estivesse acontecendo. O empreiteiro grandalhão começou a segui-lo e ele sai correndo.

O carro continuou a rodar. Uma saída do estacionamento dava para uma viela que tinha uma ladeira razoável. Mary dirigiu-se para lá, esperando não cruzar com pedestres ou carros.

Triskal viu que ela conseguiria salvar-se.

Rafar também viu. O aço frio da sua lâmina pressionou a garganta de Triskal.

— Muito bem, anjinho. Você salvou a sua

protegida até uma ocasião mais oportuna. Deixo-o com apenas uma mensagem por hoje. Preste muita atenção.

Tendo dito isso, Rafar soltou Triskal nas mãos dos capangas. Um demônio enorme, verrugoso, socou o punho de ferro no tronco do anjo o que o fez revirar pelo ar onde outro demônio o interceptou com um golpe da espada, abrindo um corte profundo em suas costas. Triskal volteou e caiu atordoado, nas garras de outros dois demônios que socaram-lhe o corpo flácido com punhos de ferro e o estraçalharam com as garras dos pés. Durante diversos horríveis minutos os demônios brincaram violentamente com ele enquanto Rafar observava impassível. Finalmente, o grande Baal rosnou uma ordem, e os guerreiros soltaram Triskal. Ele caiu ao chão, e a grande pata de Rafar pisou-lhe com força o pescoço. A espada enorme desceu com um floreio e descreveu pequenos círculos diante dos olhos de Triskal enquanto o demônio falava.

— Você dirá ao seu capitão que Rafar, o Príncipe da Babilônia, o está procurando —. O grande pé de Rafar pressionou com mais força. — Você lhe *dirá!*

De súbito, Triskal se encontrava sozinho, um farrapo flácido e roto. Com esforço, colocou-se em pé. A única coisa em que conseguia pensar naquele momento era Mary.

Hank tomou com delicadeza a mão de Carmem, tirou-a de cima da sua, e a colocou cortesmente no colo da moça. Ele a segurou ali por apenas um instante e olhou-a bem nos olhos com compaixão mas com firmeza. Soltando-lhe a mão, ele se reclinou de volta na cadeira a uma distância segura.

— Carmem — disse com voz suave e compreensiva. — Sinto-me muito lisonjeado por você estar tão impressionada com as minhas qualidades

masculinas... e realmente duvido que uma mulher com as suas qualidades tenha problema em encontrar um bom homem com quem construir um relacionamento permanente e significativo. Mas escute, não quero parecer abrupto, mas preciso enfatizar uma coisa aqui e agora: Não sou esse homem. Estou aqui como ministro e conselheiro, e temos de manter este relacionamento estritamente ao de conselheiro e cliente. Carmem pareceu muito perturbada e ofendida.

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que realmente não podemos continuar com estas consultas. Elas lhe estão causando conflitos emocionais. Acho que será melhor você procurar outra pessoa.

Hank não poderia explicar por que, mas mesmo enquanto dizia essas palavras, sentiu-se como se tivesse acabado de vencer uma batalha. Pelo olhar gelado que Carmem lhe lançou, calculou que ela havia perdido.

Mary chorava, enxugava as lágrimas na manga e orava. "Deus Pai, querido Jesus, salve-me, salve-me, salve-me!" O declive estava começando a nivelar; a velocidade do carro foi diminuindo, vinte e cinco, vinte, quinze quilômetros por hora. Ela olhou para trás e não viu ninguém seguindo, mas a essa altura estava apavorada demais para sentir alívio. Apenas queria chegar em casa.

Então, atrás dela pela rua e cerca de três metro acima do chão, Triskal veio voando, as vestes refulgindo com ardente luz branca e as asas batendo depressa. Seu vôo seguia um rumo incerto e as asas batiam em ritmo descompassado, mas mesmo assim ele estava decidido. Seu rosto estava marcado por profunda preocupação com o bem-estar da moça. Ele abriu as asas esfarrapadas, frementes, como grande dossel e deixou

que elas o freassem até parar enquanto se acomodava sobre o teto do carro. A essa altura, o veículo mal se movia e Mary simplesmente continuava a chorar e a gemer, sacudindo espasmodicamente o corpo em fútil tentativa de forçar o carro a continuar adiante.

Triskal passou a mão pelo teto e a colocou delicadamente no ombro de Mary.

— Acalme-se, está tudo bem agora. Você está a salvo.

Ela olhou para trás novamente e começou a se acalmar um pouco. Triskal falou-lhe ao coração:

— O Senhor a salvou. Ele não a deixará. Você está bem.

A essa altura o carro havia parado quase completamente. Mary dirigiu-o para a beira da calçada e o encostou. Ela puxou o freio de mão e ficou sentada diversos minutos apenas se recompondo.

— Isso mesmo — disse Triskal, confortando-lhe o espírito. — Descanse no Senhor. Ele está aqui.

Triskal escorregou do teto do carro, estendeu o braço através do capô. Encontrou o que estava procurando.

— Mary — disse ele — por que náo tenta dar partida novamente? Mary, sentada no carro, pensava consigo mesma que aquela ignição burra jamais funcionaria e que hora horrível para estragar, deixando a em tamanho apuro.

— Vamos — instigou Triskal. — Dê o passo da fé. Confie em Deus. Você nunca sabe o que ele pode fazer.

Mary resolveu dar partida ao carro, mesmo tendo pouca fé de que alguma coisa acontecesse. Ela girou a chave. O motor deu uma volta, tossiu, pegou. Ela acelerou com força diversas vezes só para ter certeza de

que ele continuaria funcionando. A seguir, ainda com grande pressa de chegar em casa e aos braços protetores de Hank, ela foi voando para casa com Triskal em cima do teto.

Hank sentiu-se muito aliviado ao ouvir a batida da porta do carro.

— Oh, deve ser Mary! Carmem ergueu-se.

— Acho melhor eu ir.

Agora que Mary havia chegado, Hank acrescentou:

— Escute, não precisa ir-se. Pode ficar mais um pouco.

— Não, não, estou de saída. Talvez fosse melhor eu sair pela porta dos fundos.

— Não, que tolice. Olhe. Eu a acompanho à porta. Preciso ajudar Mary a trazer as compras para dentro, de qualquer forma.

Mas Mary tinha-se esquecido das compras e só pensava em entrar. Triskal correu ao seu lado. Estava contundido e mancava, as vestes rasgadas, e ainda podia sentir o corte ardente nas costas.

Hank abriu a porta.

— Oi, benzinho. Puxa, estava ficando preocupado com você —. Então, ele viu-lhe os olhos cheios de lágrimas. — Ei, o quê...

Carmem gritou. Foi um grito repentino, de penetrar o coração, que fez cessar todo pensamento e sufocou quaisquer palavras. Hank rodopiou nos calcanhares, sem saber o que esperar.

— NAÁÃÃO! — foi o grito estridente da moça, os braços protegendo-lhe o rosto. — Está doido? Afaste-se de mim, ouviu? Afaste-se!

Diante dos olhos horrorizados de Hank e Mary,

Carmem afastou-se para dentro da sala, abanando os braços como que tentando proteger-se de algum atacante invisível; saiu aos tropeções pela sala, revirando sobre o mobiliário, praguejou e soltou um jorro de horríveis obscenidades. Estava aterrorizada e enraivecida ao mesmo tempo, os olhos esbugalhados e vidrados, o rosto contorcido.

Krioni tentou agarrar Triskal e detê-lo. Triskal estava glorificado e reluzia; as asas esfarrapadas enchiam o aposento e refulgiam como mil arcos-íris. Ele segurava uma espada brilhante na mão, espada que coruscava e cantava em arcos ofuscantes enquanto ele se debatia em feroz batalha contra Lascívia, um demônio hediondo de corpo escorregadio, cheio de escamas negras, como o de uma lagartixa, e com uma língua vermelha que espadanava-lhe pela cara como a cauda de uma serpente. Lascívia defendeu-se a princípio, depois começou a devolver os golpes com sua brilhante espada vermelha, a lâmina em forma de meia-lua cortando arcos rubros no ar. As espadas se chocavam com explosões de chama e luz.

— Deixe-me em paz, estou-lhe dizendo! — berrou Lascívia, as asas impelindo-o como uma vespa presa na sala.

— Deixe-o em paz! — gritou Krioni, tentando deter Triskal enquanto se mantinha fora do rumo daquela lâmina infinitamente afiada. — Está ouvindo a minha ordem? Deixe-o em paz!

Finalmente, Triskal retraiu-se, mas segurou a espada com firmeza e a manteve erguida à sua frente, a luz da lâmina iluminando-lhe o rosto irado, os olhos ardentes.

Carmem acalmou-se, esfregou os olhos, e correu o olhar pela sala com expressão amedrontada. Hank e Mary acorreram imediatamente e tentaram confortá-la.

— O que está errado, Carmem? — perguntou Mary, os olhos muito abertos e preocupados. — Sou eu, Mary. Foi alguma coisa que fiz? Não tive a intenção de assustá-la.

— Não... não... — gemeu Carmem. — Náo foi você. Foi outra pessoa...

— Quem? O quê?

Lascívia afastou-se, a espada ainda erguida bem alto. Krioni lhe disse:

— Hoje não lhe daremos mais lugar. Suma, e não apareça aqui novamente!

Lascívia dobrou as asas e circulou cuidadosamente em torno dos dois guerreiros celestiais e alcançou a porta.

— Eu já estava de saída mesmo — sibilou o demônio.

— Eu já estava de saída mesmo — disse Carmem, se compondo. — Há... há má energia neste lugar. Adeus.

Ela escapuliu porta afora. Mary tentou chamá-la, mas Hank tocou o braço da esposa e deu-lhe a entender que o silêncio seria a melhor coisa no momento.

Krioni segurou Triskal até que a luz ao seu redor desaparecesse e ele embainhasse a espada. Triskal tremia.

— Triskal — repreendeu Krioni — você conhece as ordens de Tal! Estive com Hank o tempo todo; ele se saiu muito bem. Não havia necessidade... — Foi então que Krioni viu os muitos ferimentos de Triskal e o profundo corte nas costas. — Triskal, o que aconteceu?

— Eu... não podia deixar-me ser atacado por mais um deles — arquejou Triskal. — Krioni, o número deles é superior ao nosso.

Mary finalmente lembrou-se de que estava prestes

a chorar. Ela continuou de onde havia parado.

— Mary, mas afinal o que está acontecendo? — perguntou Hank, colocando os braços em torno dela.

— Apenas feche a porta, querido! — bradou ela. — Apenas feche a porta e me abrace. Por favor!

15

Kate agarrou uma toalha de pratos e enxugou às pressas as mãos a fim de atender ao telefone. — Alô?

— Oi.

Era Marshall.

Kate sabia o que se seguiria; era o que havia acontecido muitas vezes nas últimas duas semanas.

— Marshall, estou fazendo o jantar, e estou preparando o suficiente para nós quatro...

— Sei, bem... — A voz de Marshall tinha o tom que ele sempre usava quando estava querendo livrar-se de alguma coisa.

— Marshall! — Então Kate deu as costas à sala de estar onde Sandy e Shawn estavam estudando e conversando, mas principalmente conversando; não queria que eles percebessem o aborrecimento em seu rosto. Abaixou a voz. — Gostaria que estivesse em casa para o jantar. Você ficou fora até tarde a semana toda, tem estado tão ocupado e preocupado que nem parece que tenho mais marido...

— Kate! -— interrompeu Marshall. — Não é tão ruim quanto pensa; estou ligando apenas para avisar que vou atrasar um pouco, mas irei.

— Quanto tempo de atraso?

— Puxa.. . — Marshall não tinha certeza. — Acho que cerca de uma hora.

Kate não conseguiu pensar em nada para dizer. Apenas suspirou de desagrado e zanga. Marshall tentou acalmá-la.

— Escute, irei assim que puder.

Kate resolveu falar; podia ser que jamais tivesse outra oportunidade.

— Marshall, estou preocupada com Sandy.

— O que há de errado com ela agora?

Oh, ela podia socá-lo por aquele tom de voz!

— Marshall, se você pelo menos estivesse em casa de vez em quando, saberia! Ela está... não sei. Apenas não é mais a antiga Sandy. Estou com medo do que Shawn está fazendo com ela.

— O que Shawn está fazendo com ela?

— Não posso falar pelo telefone. Agora foi a vez de Marshall suspirar.

— Está bem, está bem. Falaremos sobre esse assunto.

— Quando, Marshall?

— Oh, hoje à noite, quando eu chegar.

— Não podemos falar disso na frente deles...

— Quero dizer... oh, você sabe o que quero dizer! — Marshall estava-se cansando da conversa.

— Bem, apenas venha para casa, Marshall, *por favor!*

— Está bem, está bem!

Marshall desligou o telefone sem dizer nada amoroso. Por um átimo, ele sentiu remorso pelo que

fizera, e pensou sobre como Kate devia sentir-se, mas forçou os pensamentos ao próximo e premente projeto: entrevistar a professora Juleen Langstrat.

Noite de sexta-feira. Ela devia estar em casa. Ele discou o número, e desta vez o telefone tocou. E tocou. E tocou mais uma vez.

Clique.

— Alô?

— Alô, aqui fala Marshall Hogan, redator do *Clarim* de Ashton. Estou falando com a Professora Juleen Langstrat?

— Sim, está. Em que posso servi-lo, Sr. Hogan?

— Minha filha Sandy participa de algumas de suas classes. Ela pareceu contente ao saber disso.

— Oh, ótimo!

— De qualquer maneira, gostaria de saber se poderíamos marcar uma entrevista.

— Bem, o senhor teria de falar com um dos meus assistentes. Eles é que são responsáveis pela averiguação do progresso e problemas dos alunos. As classes são grandes, o senhor compreende.

— Oh, bem, não era exatamente isso que eu queria. Estava pensando em entrevistar a senhora.

— Com relação à sua filha? Temo não conhecê-la. Não poderia dizer-lhe muita coisa...

— Bem, poderíamos falar um pouco acerca da aula, naturalmente, mas eu estava curioso também quanto aos outros interesses com que a senhora se ocupa na faculdade, os cursos eletivos que vem dando à noite...

— Oh — disse ela, terminando com uma nota descendente que não soava muito promissora. — Bem,

eles são parte de uma idéia experimental universitária que estamos tentando. Se desejar verificar esse fato, a secretaria pode ter alguns folhetos antigos disponíveis. Mas devo informá-lo de que me sinto muito pouco à vontade em dar uma entrevista à imprensa, e realmente não posso fazê-lo.

— Então a senhora não está disposta a discutir as pessoas muito influentes que constam de seu círculo de amizades?

— Não entendo a pergunta — e parecia que também não havia gostado dela.

— Ali Brummel, Delegado de polícia, o Reverendo Oliver Young, Delores Pinckston, Dwight Brandon, Eugene Baylor, o Juiz John Baker. ..

— Nada tenho a comentar — disse ela em tom cortante — e realmente tenho outras coisas urgentes que me esperam. Alguma outra coisa em que possa ajudá-lo?

— Bem... — Marshall pensou que levaria adiante a pergunta para ver o que acontecia. — Acho que a única outra coisa que eu poderia perguntar-lhe é por que a senhora me expulsou da sua aula.

Agora ela estava ficando indignada.

— Não sei de que o senhor está falando.

— Sua aula da tarde de segunda-feira, há duas semanas. "A Psicologia do Eu", acho que era. Eu sou o sujeito grandalhão que a senhora mandou sair.

Ela pôs-se a rir incrédula.

— Não tenho a menor idéia de que está falando! Deve estar pensando em outra pessoa.

— Não se lembra de ter-me mandado esperar fora da sala?

— Estou convencida de que o senhor está-me

confundindo com outra pessoa.

— Bem, a senhora tem cabelo comprido e loiro? Ela disse simplesmente:

— Boa noite, Sr. Hogan — e desligou.

Marshall esperou um momento, depois perguntou-se: "Vamos, Hogan, o que você esperava?"

Ele largou o telefone no gancho e dirigiu-se ao escritório da frente onde uma pergunta de Berenice prendeu-lhe a atenção.

— Então, gostaria de saber quando vai finalmente chegar a Langstrat na parede — brincou ela, revirando alguns papéis sobre a escrivaninha.

Marshall sentiu-se como se seu rosto estivesse muito vermelho.

— Puxa, o seu rosto está bem vermelho — confirmou Berenice.

— É isso o que dá conversar com muitas mulheres temperamentais na mesma noite — explicou ele. — Langstrat foi uma delas. Arre, e eu tinha pensado que Harmel era difícil!

Berenice voltou-se, animada.

— Você conseguiu falar com a Langstrat?

— Pelo total de trinta e dois segundos. Ela não tinha absolutamente nada a me dizer, e não se lembrava de ter-me expulsado de sua classe.

Berenice fez uma careta.

— Não é engraçado como ninguém parece lembrar-se de ter nos encontrado? Marshall, acho que somos invisíveis!

— Que tal muito indesejáveis e muito inconvenientes?

— Bem — disse Berenice, voltando a atenção à papelada — Langstrat provavelmente tem estado muito ocupada, ocupada demais para falar com repórteres metidos...

Uma bola de papel atingiu-lhe a cabeça. Ela olhou para trás e viu Marshall correndo os olhos por umas listas. Ele dava a impressão de que era impossível ter sido quem atirara aquele pequeno projétil.

Ele disse:

— Puxa, será que eu conseguiria falar com Harmel outra vez? Mas ele também não quer saber de conversa.

A mesma bola de papel bateu-lhe na orelha. Ele olhou para Berenice e ela estava absolutamente séria, toda profissional.

— Bem, é óbvio que ele sabia demais. Aposto que tanto ele quanto o antigo deão Strachan estão bastante assustados.

— É —. Uma lembrança aflorou à mente de Marshall. — Harmel falou dessa maneira, me avisando. Disse algo como: eu iria ficar na rua da amargura como todos os outros.

— E quem são todos os outros?

— Sim, quem mais conhecemos que poderia ter sido removido? Berenice correu os olhos por algumas anotações.

— Bem, sabe, agora que examino esta lista, nenhuma destas pessoas está no cargo há muito tempo.

A bola de papel ricocheteou da cabeça da moça e deslizou levemente pela escrivaninha.

— E quem foi que elas substituíram? — perguntou Marshall. Berenice apanhou solenemente a bola de papel, dizendo:

— Podemos averiguar. Enquanto isso, a coisa

mais óbvia a fazer é ligar para Strachan e ver o que — ela atirou a bola em Marshall — ele diz!

Marshall agarrou a bola antes que esta o tocasse e depressa amassou outra para aumentar o seu arsenal, devolvendo as duas na direção de Berenice. A moça pôs-se a preparar um contra-ataque adequado.

— Está bem — disse Marshall, caindo na gargalhada — ligarei para ele —. De repente, ele se viu no meio de uma tempestade de bolas de papel. — Mas acho melhor irmos embora daqui, minha esposa está esperando.

Berenice ainda não havia terminado a batalha, de modo que acabaram a guerra e então tiveram de fazer a limpeza antes de sair.

Rafar andava de um lado para outro no escuro porão, expelindo baforadas quentes que formavam uma camada de nuvem que o ocultava do ombro para cima. Ele batia com um punho no outro, estra çalhava inimigos invisíveis com as garras estendidas, praguejava e fervia de raiva.

Lucius, ao lado dos outros guerreiros, esperava que Rafar se acalmasse e desse o motivo da reunião. Lucius bem que se divertia com a pequena cena que tinha diante de si. Era óbvio que Rafar, o grande gabola, havia sido humilhado na reunião que tivera com o Chefe! Lucius mal podia evitar que um sorriso hediondo lhe aflorasse à fisionomia.

— O anjinho não lhe disse onde poderia encontrar esse... como é mesmo o nome dele? — perguntou Lucius, sabendo muito bem o nome de Tal.

— TAL! — rugiu Rafar, e Lucius conseguia detectar a humilhação de Rafar ao pronunciar aquele nome.

— O anjinho, o inofensivo anjinho, não lhe disse nada?

A pronta reação de Rafar foi um monstruoso punho negro agarrando no mesmo instante em torno da garganta de Lucius.

— Está caçoando de mim, seu diabinho?

Lucius havia aprendido o tom certo de servilidade que agradava ao tirano.

— Oh, não fique ofendido, grande senhor. Apenas procuro o que lhe agrada.

— Então procure esse Tal! — rosnou Rafar. Soltou Lucius e voltou-se para os outros demônios. — Todos vocês, procurem esse Tal! Quero-o nas mãos para poder estraçalhá-lo à vontade. Esta batalha poderia facilmente ser resolvida entre nós dois. Encontrem-no! Tragam-me notícias!

Lucius tentou ocultar as palavras atrás de um tom lamuriento, mas elas foram selecionadas especialmente com outro objetivo.

— É o que faremos, grande senhor! Mas seguramente esse Tal deve ser um inimigo estupendo para tê-lo derrotado quando da queda da Babilônia! O que fará com ele, se o encontrarmos? Ousará atacá-lo novamente?

Rafar riu, as presas brilhando.

— Verão de que o seu Baal é capaz!

— Espero que não vejamos o que esse *Tal* pode fazer!

Rafar aproximou-se de Lucius e fitou-o com ardentes globos amarelos até o outro abaixar o olhar.

— Quando eu tiver vencido esse Tal e lançado os pedacinhos dele pelos céus como sinal de vitória, certamente darei a você a oportunidade de me vencer.

Saborearei cada minuto.

Rafar voltou-se, e por um instante as suas asas negras encheram o aposento antes de ele lançar-se através do prédio rumo ao céu.

Durante as horas que se seguiram, enquanto anjos em toda a cidade observavam de seus esconderijos, o Baal voou lentamente sobre a cidade, como um abutre sinistro, a espada visível e desafiadora. Para cima, para baixo, para diante, para trás, ele voou, serpeando entre os prédios do centro, elevando-se a seguir bem alto sobre a cidade em arcos graciosos.

Lá embaixo, através da janela de obscura loja num porão, Scion observava enquanto Rafar sobrevoava novamente. Ele se voltou para o seu capitão, sentado por perto nuns engradados de eletrodomésticos com Guilo, Triskal e Mota. Triskal, com a ajuda dos outros, estava conseguindo curar-se e consertar os estragos.

— Não compreendo — disse Scion. — O que ele acha que está fazendo?

Tal ergueu os olhos dos ferimentos de Triskal e disse com naturalidade:

— Está tentando forçar-me a sair. Mota acrescentou:

— Ele quer o capitão. Aparentemente, ele ofereceu grandes honrarias ao demônio que encontrar o capitão Tal e informá-lo sobre o seu paradeiro.

Guilo disse asperamente:

— Os demônios estão rastejando por toda a igreja com esse único objetivo. Foi o primeiro lugar que examinaram.

Tal previu a próxima pergunta de Scion e a respondeu.

— Signa e os outros ainda estão na igreja.

Tentamos manter a nossa guarda ali com a mesma aparência de sempre.

Scion viu Rafar circular sobre o limite distante da cidade e voltar para outra sobrevoada.

— Eu estaria em apuros se fosse desafiado por alguém como ele! Tal falou a verdade, sem se envergonhar.

— Se eu tivesse de defrontá-lo agora, é quase certo que perderia, e ele sabe disso. Nossa cobertura de oração é insuficiente, enquanto ele tem todo o apoio de que precisa.

Todos ouviram o ruflar das enormes asas de couro de Rafar e viram a sombra do demônio recair sobre o prédio por um instante enquanto ele o sobrevoava.

— Teremos todos de ser muito, muito cuidadosos.

Hank estava caminhando pela cidade novamente, para cima e para baixo, passando pelas ruas e casas comerciais, conduzido pelo Senhor e orando a cada passo que dava. Ele sentia que Deus tinha algum propósito particular para esse pequeno passeio, mas nem podia começar a imaginar qual fosse.

Krioni e Triskal caminhavam ao lado dele; haviam obtido alguns reforços para ficar na casa e tomar conta de Mary. Eles estavam cautelosos e alerta, e Triskal, ainda recuperando-se do recente encontro com Rafar, sentia-se especialmente nervoso ao considerar aonde estavam conduzindo Hank.

Hank virou para um lado onde jamais estivera antes, desceu uma rua à qual jamais olhara antes, e finalmente se deteve do lado de fora de um estabelecimento comercial a respeito do qual apenas ouvira péssimas referências mas que jamais conseguira encontrar. Parado do lado de fora da porta, ele olhou,

admirado do número de garotos que entravam e saiam como abelhas. Por fim, entrou.

Krioni e Triskal fizeram o possível para parecer humildes e inofensivos ao seguirem-no.

A Caverna era um nome apropriado: a eletricidade consumida para acionar as fileiras e mais fileiras de jogos eletrônicos luminosos e ruidosos era compensada pela total ausência de qualquer outra luz, exceto um pequenino globo azul aqui e ali no teto preto, pelos quais serpeava de vez em quando um fiozinho de luz. Havia mais som do que iluminação; pesada música "rock" de metaleiros tonitruava de alto falantes em toda a volta do aposento e chocava-se dolorosamente com as miríades de sons eletrônicos que rolavam das máquinas. Um único proprietário assentado atrás da pequena máquina registradora, lia uma revista pornográfica quando não estava trocando moedas para os jogadores. Hank nunca vira tanta moeda num único lugar.

Ali estavam garotos de todas as idades, com poucos outros lugares onde ir, reunindo-se depois das aulas e durante todo o fim-de-semana para passar o tempo, agüentar-se, jogar, arranjar um par, sair por aí, entrar nas drogas, fazer sexo, fazer fosse lá o que fosse. Hank sabia que aquele lugar era um pedaço do inferno; não por causa das máquinas, nem da decoração, nem da escuridão — era o pungente mau cheiro espiritual de demônios no auge da atividade. Sentiu-se mal do estômago.

Krioni e Triskal podiam ver centenas de olhos amarelos estreitados fitando-os dos cantos e esconderijos escuros do aposento. Já haviam ouvido diversos sons metálicos de espadas sendo puxadas e colocadas de prontidão.

— Pareço suficientemente inofensivo? — perguntou Triskal baixinho.

— Eles já não acham que seja inofensivo — disse Krioni secamente.

Os dois olharam em redor a todos os olhos que os vigiavam. Sorriram de forma apaziguadora, erguendo as mãos vazias para mostrar que não tinham intenções hostis. Os demônios não replicaram, mas podiam-se ver diversas lâminas brilhando no escuro.

— E então, onde está Sete? — perguntou Triskal.

— A caminho, garanto.

Triskal ficou tenso. Krioni seguiu-lhe o olhar e viu um demônio carrancudo que se aproximava. A mão do demônio estava na espada;

não a havia puxado, mas havia muitas outras espadas desembainhadas atrás dele. O espírito negro olhou os dois anjos da cabeça aos pés e sibilou:

— Não são bem-vindos aqui! Que vieram fazer? Krioni respondeu rápida e educadamente:

— Estamos guardando o homem de Deus.

O demônio deu uma olhada a Hank e perdeu grande parte da arrogância.

— Busche! — exclamou nervoso enquanto os que estavam atrás dele se afastaram. — O que ele está fazendo aqui?

— Esse não é assunto que desejamos discutir — disse Triskal. O demônio apenas sorriu zombeteiro.

— Você é Triskal?

— Sou.

O demônio riu, tossindo baforadas vermelhas e amarelas.

— Você gosta de brigar, não gosta? — Diversos demônios riram com ele.

Triskal não tinha a mínima intenção de responder. O demônio não teve tempo de exigir resposta. Subitamente, todos os espíritos zombeteiros ficaram tensos e agitados. Seus olhos dispararam por todos os lados, e a seguir, como um bando de pássaros tímidos, eles se afastaram e se amontoaram nos cantos escuros. Ao mesmo tempo, Krioni e Triskal sentiram nova força percorrendo-os. Eles olharam para Hank.

Ele estava orando.

"Querido Senhor", dizia ele silenciosamente "ajude-nos a alcançar esses garotos; ajude-nos a tocar as suas vidas."

Hank estava orando na hora certa, considerando-se o tumulto que acabava de entrar pela porta dos fundos. Enquanto os demônios se afastavam sorrateiramente da entrada, três de seus camaradas entraram no prédio gritando, sibilando e babando, os braços e as asas a cobrir-lhe a cabeça. Estavam sendo perseguidos e espicaçados por altíssimo e inabalável guerreiro angelical.

— Bem — disse Triskal — Sete nos trouxe Ron Forsythe e mais reforços.

— Era disso que eu estava com medo — disse Krioni.

Triskal estava-se referindo a um jovem que mal podia ser visto em baixo de três demônios, a confusa e desorientada vítima de sua influência destrutiva. Eles se agarravam ao rapaz como sanguessugas, fazendo-o cambalear de um lado para outro lutando para evitar o aguilhão da ponta da espada do grande guerreiro. Contudo, Sete os mantinha sob firme controle, e tocou-os bem na direção de Hank Busche.

— Ei, Ron — disseram alguns sujeitos diante do jogo de bombardeiros.

— Ei... — foi tudo o que Ron respondeu, acenando-lhes lenta e pesadamente com a mão. Não parecia muito contente.

Hank ouviu o nome e viu Ron Forsythe vindo, e por um instante não sabia se ficava onde estava ou se salvava a pele. Ron era um jovem alto, magricela, com longo cabelo descuidado, camiseta e calças de brim sujas, e olhos que pareciam estar vendo outro universo. Ele cambaleou na direção de Hank, olhando por sobre o ombro como se um bando de pássaros o estivesse perseguindo e depois para a frente como se estivesse a um passo do abismo. Hank, vendo-o aproximar-se, resolveu ficar exatamente onde estava. Se o Senhor queria que os dois se encontrassem, bem, era o que estava prestes a acontecer.

Nesse momento Ron se deteve bruscamente e recostou-se contra um jogo de corrida de automóveis. Esse homem à sua frente parecia vagamente familiar.

Os demônios agarrados a Ron tremiam e choramingavam, lançando olhares na direção de Sete que estava atrás deles, e de Krioni e Trískal, diante deles. Quanto aos outros demônios presentes, estavam loucos por uma briga. Seus olhos amarelos percorriam o ambiente e as lâminas vermelhas retiniam, mas alguma coisa os detinha: — aquele homem de oração.

— Oi — disse Hank ao rapazinho. — Sou Hank Busche.

Os olhos vidrados de Ron se arregalaram. Ele fitou Hank e disse num resmungo quase ininteligível:

— Já o vi por aí. Você é o pregador em quem meus pais tanto falam. Hank tinha quase certeza de quem era o rapaz.

— Ron? Ron Forsythe?

Ron olhou em redor e se remexeu como se tivesse

sido apanhado fazendo algo ilegal.

— Sim...

Hank estendeu a mão.

— Ora, Deus o abençoe, Ron, que prazer em conhecê-lo.

Os três demônios rosnaram ao ouvirem aquilo, mas os três guerreiros inclinaram-se apenas um pouco para a frente e os mantiveram sob controle.

— Feitiçaria — disse Triskal, identificando um dos demônios. Feitiçaria agarrou-se a Ron com garras pontiagudas como agulhas e sibilou:

— E o que tem a ver conosco?

— O rapaz — disse Krioni.

— Não pode nos dizer o que fazer! — cacarejou outro demônio, os punhos teimosamente fechados.

— Rebeldia? — perguntou Krioni. O demônio não negou.

— Ele nos pertence.

Os espíritos no aposento estavam cada vez mais corajosos, aproximando-se cada vez mais.

— Vamos tirá-lo daqui — disse Krioni. Hank tocou Ron no ombro e disse:

— Por que não saímos ali fora a fim de conversar um minuto? Feitiçaria e Rebeldia perguntaram juntos:

— Para quê? Ron protestou:

— Para quê?

Hank simplesmente guiou-o com brandura:

— Vamos — e eles saíram pela porta dos fundos. Triskal permaneceu à porta, a mão na espada. Apenas os demônios agarrados a Ron tiveram permissão de sair,

constantemente encurralados por Sete e Krioni.

Ron afundou-se em câmara lenta num banco próximo como uma boneca de pano. Hank colocou a mão no ombro de Ron e permaneceu olhando dentro daqueles olhos baços, sem saber onde começar.

— Como está-se sentindo? — perguntou, afinal.

O terceiro demônio envolveu a cabeça de Ron em seus braços grossos e viscosos.

A cabeça do rapaz caiu sobre o peito e ele quase adormeceu, alheio às palavras de Hank.

A ponta da espada de Sete recebeu a atenção do demônio.

— O quê? — guinchou.

— Bruxaria?

O espírito riu como que embriagado.

— O tempo todo, mais e mais. Ele jamais desistirá! Ron pôs-se a rir, sentindo-se drogado e bobo.

Mas Hank podia detectar algo em seu espírito, a mesma presença horrível que sentira naquela noite tão assustadora. Espíritos malignos? Em um rapaz tão jovem? Senhor, o que *posso fazer? O* que *posso* dizer?

O Senhor respondeu, e Hank sabia o que tinha de fazer.

— Ron — disse ele, quer Ron o ouvisse, quer não — posso orar por você?

Apenas os olhos de Ron se voltaram a fim de olhar para Hank, e Ron chegou a suplicar:

— Sim. Ore por mim, pregador.

Mas os demônios não queriam saber daquilo. Todos eles bradaram ao cérebro de Ron a uma voz:

— Não, não, não! Você não precisa disso!

Ron despertou de repente, a cabeça balançou de um lado para outro, e ele resmungou:

— Não, não... não ore... não gosto disso.

A essa altura Hank já não sabia o que Ron realmente queria. Ou era mesmo Ron que estava falando?

— Eu gostaria de orar por você, está bem? — perguntou Hank, só para ter certeza.

— Não, não ore — disse Ron, e depois suplicou:

— Por favor, ore, vamos...

— Ore — soprou Krioni. — Ore!

— Não! — bradaram os demônios. — Não pode obrigar-nos a deixá-lo!

— Ore — disse Krioni.

Hank achou melhor assumir o comando da situação e orar por aquele rapaz. Ele já havia colocado a mão sobre Ron, e assim começou a orar com muita brandura.

— Senhor Jesus, oro por Ron; por favor, toque-o, Senhor, e chegue à sua mente, e liberte-o desses espíritos que estão agarrados a ele.

Os espíritos agarraram-se a Ron como crianças malcriadas e choramingaram diante da oração de Hank. Ron gemeu e sacudiu um pouco mais a cabeça. Ele tentou erguer-se, em seguida sentou-se outra vez e segurou o braço de Hank.

O Senhor falou novamente a Hank, e deu-lhe um nome.

— Bruxaria, deixe-o em nome de Jesus.

Ron remexeu-se no banco e gritou como se tivesse levado uma facada. Hank pensou que Ron lhe arrancaria o braço de tanto apertar.

Mas Bruxaria obedeceu. Ele ganiu e berrou e cuspiu, mas obedeceu, esvoaçando até as árvores próximas.

Ron deu um suspiro angustiado e olhou para Hank com olhos cheios de dor e desespero.

— Vamos, vamos, você está conseguindo!

Hank estava estupefato. Ele segurou a mão de Ron só para dar-lhe segurança e continuou a olhar nos seus olhos. Estavam mais claros agora. Hank podia ver uma alma sincera, súplice devolvendo-lhe o olhar.E *agora?* perguntou ele ao Senhor.

O Senhor respondeu, e Hank soube outro nome.

— Feitiçaria...

Ron olhou diretamente para Hank, os olhos selvagens e a voz rouca.

— Não, eu não, nunca!

Mas Hank não se deteve; olhou bem nos olhos de Ron e disse:

— Feitiçaria, em nome de Jesus, largue-o.

— Não! — protestou, mas então Ron disse com a mesma presteza:

— Vá, Feitiçaria, saia! Não o quero mais comigo!

Feitiçaria obedeceu relutante. Graças àquele homem de oração, oprimir Ron Forsythe já não era divertido. Ron descontraiu-se novamente, fungando para deter as lágrimas. Sete cutucou o último demoniozinho.

— E você, Rebeldia?

Rebeldia estava achando difícil resolver o que fazer. Ron o sentia.

— Espírito, por favor, vá embora. Já não quero saber de você! Hank orou a mesma coisa.

— Espírito, vá. Em nome de Jesus, deixe Ron em paz. Rebeldia considerou as palavras de Ron, olhou para a espada de Sete, olhou para o homem de oração, e finalmente soltou-se.

Ron contorceu-se como se estivesse sofrendo de terrível cólica, e então disse:

— Sim, sim, ele saiu.

Sete tocou para longe os três demônios, e eles esvoaçaram de volta à Caverna onde seriam bem-vindos e ninguém os incomodaria.

Hank continuou a segurar a mão de Ron e esperou, vigiando e orando até saber o que mais fazer. Era tudo tão incrível, tão fascinante, tão apavorante, mas tão necessário. Essa devia ser a Lição Número Dois em Combate Espiritual que o Senhor lhe ensinava; Hank sabia que estava aprendendo algo de que precisaria para vencer essa batalha.

Ron estava-se transformando diante dos olhos de Hank, descontraindo-se, respirando com mais calma, os olhos voltando ao normal, à realidade.

Hank finalmente disse um "Amém" bem baixinho e perguntou:

— Você está bem, Ron?

O rapaz respondeu prontamente:

— Sim, sinto-me melhor. Obrigado —. Ele olhou para Hank e sorriu um sorriso fraco, quase um pedido de desculpas. — Engraçado. Não, é legal. Justo hoje eu estava pensando que precisava de alguém que orasse por mim. Simplesmente não podia continuar em todo esse negócio com que estive metido.

Hank sabia o que havia acontecido.

— Foi o Senhor, acho, que arranjou tudo.

— Ninguém jamais orou por mim.

— Sei que seus pais oram o tempo todo.

— Bem, é, eles oram.

— Todos os outros na igreja também. Estamos todos torcendo por você.

Ron deu o primeiro olhar transparente a Hank.

— Então, você é o pastor dos meus pais, hein? Achei que seria mais velho.

— Não muito mais velho — brincou Hank.

— As outras pessoas da sua igreja são como você? Hank riu-se.

— Somos todos apenas gente; temos as nossas qualidades e os nossos defeitos, mas todos temos a Jesus, e ele nos dá um amor especial uns para com os outros.

Conversaram. Falaram da escola, da cidade, dos pais de Ron, de drogas em geral e em particular, da igreja de Hank, dos cristãos que havia por ali, e de Jesus. Ron começou a perceber que, fosse qual fosse o assunto ou o problema, Hank tinha uma maneira de incluir Jesus na conversa. Ron não se importou. Não era um daqueles falsos papos de vendedor; Hank Busche realmente acreditava que Jesus Cristo era a resposta para tudo.

Assim, depois de falar de tudo, com Jesus sempre incluído na conversa, Ron deixou que Hank falasse acerca de Jesus, só de Jesus. Não era cacete. Hank realmente mostrava entusiasmo com relação a Jesus.

16

Natã e Armote voavam a grande altura sobre a linda paisagem de verão, seguindo o veloz automóvel. As

coisas estavam definitivamente mais quietas ali, longe da cidade dividida por contendas que era Ashton. Mesmo assim, nenhum dos dois se sentia perfeitamente à vontade com relação aos dois passageiros do carro que seguiam; embora os acompanhantes celestiais ainda não estivessem certos, tinham a impressão de que Rafar e seus guerrilheiros poderiam estar realizando uma conspiração velada. Marshall e sua atraente e jovem repórter formavam uma combinação crítica demais para aqueles demônios deixarem de lado.

O antigo deão da faculdade, Eldon Strachan, morava num sítio simples e despretensioso de pouco mais de quatro hectares a uma hora de distância de Ashton. Ele não cultivava o lugar, apenas o usava, e quando o carro atingiu a longa entrada de pedriscos, Marshall e Berenice viram que seus interesses não se estendiam além das imediações da casa branca. O gramado era pequeno e cuidado, as árvores frutíferas, podadas, produziam, a terra dos canteiros de flores havia sido recentemente revirada e os canteiros desmatados. Algumas galinhas ciscavam o chão. Um collie saudou os recém-chegados com latidos furiosos.

— Um ser humano normal para entrevistar desta vez — disse Marshall.

— É por isso que ele se mudou de Ashton — disse Berenice. Strachan saiu à varanda, o cão correndo e latindo ao seu lado.

— Alô! — gritou ele para Marshall e Berenice quando eles desceram do carro. — Quieta, Lady — acrescentou ele, dirigindo-se à collie. Lady jamais obedecia essas ordens.

Strachan era um sujeito saudável, de cabelos brancos, que conseguia bastante exercício desse lugar, e o demonstrava. Trajava roupas de trabalho e ainda trazia na mão um par de luvas de jardinagem.

Marshall estendeu a mão para um bom e firme aperto. Berenice fez o mesmo. Trocaram apresentações, e a seguir Strachan convidou-os a darem a volta em torno de Lady, que ainda latia, e entrarem na casa.

— Doris — chamou Strachan — o Sr. Hogan e a Srta. Krueger estão aqui.

Dentro de minutos, Doris, uma doce, rechonchuda e pequena senhora com aparência de avó, havia enchido a mesinha de centro com chá, café, pãezinhos e doces, e eles discorriam agradavelmente sobre o sítio, a região, o tempo, a vaca do vizinho. Todos estavam cientes de que essa parte era obrigatória e, além disso, os Strachans eram pessoas muito agradáveis e de boa prosa.

Afinal Eldon Strachan introduziu a sentença de transição:

— Sim, suponho que as coisas em Ashton não estejam tão boas quanto aqui.

Berenice tirou o bloco de anotações, enquanto Marshall dizia:

— É, e detesto trazer tudo aquilo para cá conosco. Strachan sorriu e disse, filosoficamente:

— A gente pode fugir mas não pode se esconder.

Ele olhou pela janela as árvores recortadas contra o céu azul infinito e disse:

— Sempre indaguei se fiz a coisa certa ao abandonar tudo. Mas o que mais eu podia fazer?

Marshall conferiu novamente as suas anotações.

— Vejamos. Você me disse no telefone quando partiu...

— No fim de junho, há quase um ano.

— E Ralph Kuklinski tomou o seu lugar.

— E pelo que sei, ainda está.

— Sim, ainda está. Ele participava de alguma forma desse... desse negócio do "Círculo íntimo"? Não sei que outro nome dar.

Strachan pensou por um momento.

— Não tenho certeza, mas não me surpreenderia se participasse. Era preciso que ele fizesse parte do grupo para receber o cargo de deão.

— Então realmente existe um tipo de "panelinha", por assim dizer?

— Com toda a certeza. Esse fato tornou-se óbvio depois de algum tempo. Todos os diretores estavam-se tornando muito parecidos, como clones uns dos outros. Todos agiam da mesma forma, falavam da mesma forma...

— Exceto você? Strachan riu.

— Acho que não me adaptei muito bem ao clube. Para falar a verdade, tornei-me definitivamente um intruso, inimigo mesmo, e acho que foi por isso que me demitiram.

— Suponho que esteja falando da confusão relacionada às finanças da faculdade?

— Exatamente —. Strachan precisou revirar a memória. — Jamais suspeitei de coisa alguma até começarem a surgir inexplicáveis atrasos nos pagamentos. Nossas contas estavam demorando a ser pagas, nossas folhas de pagamentos estavam atrasadas. Não era minha obrigação sair atrás desse tipo de coisa, mas quando comecei a receber reclamações indiretas, sabe como é, outros falando a respeito, perguntei a Baylor qual era o problema. Ele não respondeu diretamente às minhas perguntas, ou pelo menos não gostei do tom das suas respostas. Foi nesse ponto que pedi que um contador independente, amigo meu, desse

uma olhada na coisa e talvez fizesse um exame rápido da contabilidade. Não sei como ele conseguiu acesso à informação, mas era esperto e deu um jeito.

Berenice tinha uma pergunta na ponta da língua.

— Pode nos dar o nome dele? Strachan deu de ombros.

— Johnson. Ernie Johnson.

— Como podemos entrar em contato com ele?

— Sinto muito, mas ele morreu.

Essa notícia causou profundo desapontamento. Marshall, porém, agarrou-se a um fio de esperança.

— Ele lhe deixou algum registro, alguma coisa por escrito? Strachan apenas meneou a cabeça.

— Se deixou, esses papéis se perderam. Por que acha que fiquei sentado aqui tão quieto? Escute, conheço bem a Norm Mattily, o procurador geral do estado, e pensei em procurá-lo e contar-lhe o que estava acontecendo. Mas, temos de convir, essa gente importante lá de cima não nos dá a mínima atenção a não ser que tenhamos alguma prova realmente substancial. É difícil conseguir que as autoridades se arrisquem. Isso é algo que não fazem.

— Está bem... mas afinal o que Ernie Johnson descobriu?

— Ele ficou horrorizado. De acordo com o seu levantamento, dinheiro de doações e matrículas estava sendo reinvestido com alarmante velocidade, mas aparentemente não havia dividendos ou rendimento de espécie alguma provindos de fossem lá quais fossem os investimentos, como se o dinheiro tivesse sido despejado num poço sem fundo em algum canto. Os números tinham sido manipulados de modo que cobrissem o rombo, as contas a pagar estavam sendo escalonadas a

fim de se poder recorrer a outras contas a fim de pagar as vencidas... nada mais era do que uma bagunça colossal.

— Uma bagunça na casa dos milhões?

— No mínimo. O dinheiro da faculdade vinha sumindo em grandes quantias, sem deixar pista, havia anos. Em algum lugar lá fora havia um monstro esfomeado por dinheiro devorando todo o ativo da faculdade.

— Foi então que você pediu a auditoria.

— E Eugene Baylor ficou furioso. A coisa toda num instante passou de profissional a pessoal e tornamo-nos intensos inimigos. E isso me convenceu mais ainda de que a faculdade estava em grandes apuros e que grande parte da responsabilidade da situação era de Baylor. Mas é claro que não há nada que Baylor faça que todos os outros não saibam. Estou certo de que todos estão cientes do problema, e sinto que seu voto unânime pedindo a minha demissão foi uma conspiração geral.

— Mas com que finalidade? — perguntou Berenice. — Por que desejariam solapar a base financeira da faculdade?

Strachan pôde apenas menear a cabeça.

— Não sei o que estão tentando fazer, mas a menos que haja outra coisa escondida por aí que possa explicar aonde esses fundos estão indo e como essas perdas serão compensadas, a faculdade está, com toda a certeza, a caminho da bancarrota. Kuklinski deve estar ciente disso. Pelo que sei, ele concordou com as praxes financeiras e com a minha demissão.

Marshall virou a página à procura de outras anotações.

— E então, qual é o papel da nossa bondosa

professora Langstrat nisso tudo?

Strachan foi obrigado a rir.

— Ah, a querida mestra... — Ele considerou a questão por um momento. — Ela sempre foi uma influência e mentora, não resta dúvida, mas... não creio que seja o centro último das coisas. Parece-me que ela exercia grande responsabilidade no controle do grupo, enquanto alguém acima dela tinha grande responsabilidade pelo controle dela. Acho... acho que ela tem de prestar contas a alguém, alguma autoridade oculta.

— Mas você não tem idéia de quem seja? Strachan meneou a cabeça.

— E o que mais você sabe a respeito dela? Strachan rebuscou a memória.

— Diplomada pela Universidade da Califórnia... lecionou em outras faculdades antes de vir para Whitmore. Faz pelo menos seis anos que pertence ao corpo docente. Lembro-me bem de que ela sempre teve forte interesse pela filosofia oriental e pelo ocultismo. Esteve envolvida certa vez com algum tipo de grupo religioso neo-pagão na Califórnia. Mas, sabe, nunca percebi até talvez uns três anos atrás que ela estava ensinando abertamente as suas crenças aos alunos, e surpreendeu-me bastante descobrir que os seus ensinos haviam despertado muito interesse. As crenças e as práticas da professora estavam-se espalhando não apenas entre os alunos, mas também entre os professores.

— Quais dos professores? — perguntou Marshall. Strachan meneou a cabeça, enojado.

— Começou anos antes de eu tomar conhecimento do caso, no Departamento de Psicologia, entre os colegas de Langstrat. Margaret Islander, você pode ter ouvido falar dela...

— Creio que minha amiga Ruth Williams a conhece — disse Berenice.

— Acho que ela foi a primeira a ser iniciada no grupo de Langstrat, mas ela sempre se interessou por médiuns como Edgar Cayce, por isso a atração era lógica.

— Alguém mais? — encorajou Marshall.

Strachan tirou uma lista rabiscada às pressas e deixou Marshall examiná-la.

— Repassei tudo o que aconteceu vez após vez desde que vim embora. Olhe. Aqui está uma lista da maioria dos membros do Departamento de Psicologia... — Ele indicou alguns nomes. — Trevor Corcoran é novo na equipe este ano. Ele estudou na índia antes de vir lecionar aqui. Juanita Janke substituiu Kevin Ford... bem, de fato uma porção de gente foi substituída nestes últimos anos.

Marshall observou outra porção da lista.

— E quem são estas pessoas?

— O Departamento de Ciências Humanas, e depois o Departamento de Filosofia, e estas aqui estão nos programas de Biologia e de Ciências Médicas. Muitas delas também são novas. Fizeram-se muitas substituições.

— É a segunda vez que você diz isso — observou Berenice. Strachan fitou-a.

— O que está pensando?

Berenice pegou a lista da mão de Marshall e colocou-a na frente de Strachan.

— Bem, diga-nos você. Quantas destas pessoas foram contratadas nos últimos seis anos, no tempo de Langstrat?

Strachan deu uma segunda e mais crítica

repassada na lista.

— Jones... Conrad... Witherspoon... Epps... — Uma esmagadora porcentagem dos nomes pertenciam a novos membros do corpo docente, que tinham vindo substituir membros antigos que haviam pedido demissão ou cujos contratos simplesmente não tinham sido renovados. — Ora, não é estranho?

— Que é esquisito, isso é — concordou Berenice. Strachan estava visivelmente abalado.

— Todas aquelas substituições... eu estava ficando muito preocupado, mas não considerei... Isso explicaria uma porção de coisas. Eu sabia que havia certo interesse comum espalhando-se entre toda essa gente; todos eles pareciam ter uma afinidade única e indefinível entre si, jargão próprio, segredos íntimos próprios, idéias próprias acerca da realidade, e parecia que nenhuma dessas pessoas podia fazer nada sem comunicar às outras. Achei que era um modismo, uma fase sociológica — Ele ergueu os olhos da lista, cheios de percepção nova. — Então era mais do que isso. Nosso campus foi invadido e nossos professores deslocados por uma... uma loucura!

Por um instante, algo acudiu à mente de Marshall, uma lembrança rápida e passageira de sua filha Sandy dizendo: "As pessoas por aqui estão começando a agir de modo esquisito. Acho que estamos sendo invadidos por alienígenas." Essa lembrança foi seguida imediatamente da voz de Kate no telefone: "Estou preocupada com Sandy... ela simplesmente não é mais a antiga Sandy... "

Marshall forçou-se a retornar ao presente e começou a folhear o seu material. Finalmente encontrou a lista que Berenice havia conseguido com Albert Darr.

— Muito bem, e que me diz dessas aulas que Langstrat estava dando: "Introdução ao Deus e à Deusa Consciência e à Arte... A Sagrada Roda Medicinal...

Feitiços e Rituais... Caminhos Que Conduzem à Luz Íntima, Conheça seus Guias Espirituais"?

Strachan acenou com a cabeça, indicando reconhecimento.

— Tudo começou como parte de um programa alternativo de educação, uma coisa puramente voluntária aos alunos interessados, que para isso pagavam taxa especial de matrícula. Achei apenas que era um estudo de folclore, mitos, tradições...

— Mas acho que eles estavam levando o negócio muito a sério.

— É, parece que sim, e agora grande porcentagem do pessoal e do corpo estudantil está... enfeitiçada.

— Inclusive os diretores? Strachan pensou em outra coisa.

— Veja o que acha disto. Penso que o mesmo tipo de reviravolta se deu na diretoria também. Existe um total de doze cargos de diretores, e acho que cinco foram súbita e abruptamente substituídos no último ano e meio. Se não, como poderia o voto pedindo minha demissão ser unânime? Eu costumava ter amigos bem leais no conselho.

— Quais são seus nomes e para onde foram?

Berenice começou a anotar os nomes à medida que Strachan ia-se lembrando, juntamente com qualquer outra informação que ele pudesse dar a respeito de cada pessoa. Jake Abernathy havia morrido, Morris James havia enfrentado bancarrota e procurado outro emprego, Fred Ainsworth, George Olson e Rita Jacobson haviam deixado Ashton sem dizer para ninguém aonde iam.

— E esses — disse Strachan — são os nomes de todos. Não sobrou ninguém além dos iniciados nesse estranho grupo místico.

— Inclusive Kuklinski, o novo deão — acrescentou Berenice.

— E Dwight Brandon, o proprietário do terreno.

— E que diz de Ted Harmel? — perguntou Marshall. Strachan comprimiu os lábios, olhou para o chão, e suspirou.

— Sim. Ele bem que tentou escapulir, mas a essa altura eles já lhe tinham confiado muita informação. Quando descobriram que não podiam controlá-lo, ele tem a mim e à nossa amizade para culpar por isso, eles deram um jeito de difamá-lo e expulsá-lo da cidade com aquele escândalo ridículo.

— Hum.— disse Berenice. — Um conflito de interesses.

— Claro. Ele insistia comigo em que era uma fascinante ciência nova da mente humana, e dizia apenas procurando uma história, mas foi-se envolvendo cada vez mais na coisa, e eles o conquistaram, disso estou certo. Ouvi-o dizer que eles lhe prometeram grande sucesso com o jornal por ter-se colocado ao lado deles...

Outra lembrança passageira ocorreu a Marshall: viu Brummel olhando para ele com aqueles entorpecentes olhos cinzentos, dizendo com doçura: "Marshall, gostaríamos de saber que está do nosso lado..."

Strachan ainda estava falando.

Marshall acordou e disse:

— Desculpe, o que foi que disse?

— Eu estava apenas dizendo que Ted ficou dividido entre duas obrigações: em primeiro lugar e acima de tudo, ele sentia obrigação para com a verdade e seus amigos, e isso me incluía. Sua outra obrigação

era para com o grupo de Langstrat e suas filosofias e práticas. Acho que ele pensou que a verdade era inviolável e que a imprensa sempre seria livre, mas, por qualquer que fosse o motivo, começou a publicar histórias acerca dos problemas financeiros. E isso era definitivamente ir longe demais no que dizia respeito aos diretores.

— Sim — lembrou-se Berenice. — Agora me recordo de ele dizer que eles o estavam tentando controlar e ditar o que ele publicava. Ficou realmente furioso.

— Bem, naturalmente — disse Strachan — quando se tratava de princípios, não importa por que suposta ciência ou filosofia metafísica ele possa ter-se interessado, Ted ainda era jornalista e não se deixava intimidar —. Strachan suspirou e olhou para o chão. — Por isso, temo que ele tenha sido apanhado no fogo cruzado da minha briga com os diretores. Conseqüentemente, ambos perdemos o emprego, o prestígio na comunidade, tudo. Creio que se poderia dizer que achei bom deixar tudo para trás. Era impossível lutar. Marshall não gostava desse tipo de conversa.

— Eles são... essa coisa é... realmente tão forte assim? Strachan estava totalmente sério.

— Acho que não percebi como era vasta e forte, e creio que ainda estou descobrindo. Sr. Hogan, não tenho a menor idéia de qual seja o objetivo final dessa gente, mas estou começando a ver que nada que esteja no seu caminho pode escapar de ser pisoteado e eliminado. Mesmo quando estamos sentados aqui posso olhar para trás nesses anos, e mesmo sem considerar as substituições na nossa faculdade, apavora-me pensar em quantas outras pessoas em Ashton simplesmente sumiram.

Joe, o dono do supermercado, pensou Marshall. E

que dizer de Edie?

Strachan parecia um tanto pálido agora, e perguntou com óbvia preocupação na voz:

— E afinal o que vocês pretendem fazer com essa informação? Marshall teve de ser honesto.

— Ainda não sei. Um número grande demais de peças está faltando, premissas demais. Não tenho nada que possa publicar.

— Está-se lembrando do que aconteceu com Ted?

Marshall não queria pensar no assunto. Queria descobrir outra coisa.

— Ted não quis falar comigo.

— Ele está com medo.

— Medo de quê?

— *Deles,* do sistema que o destruiu. Ele sabe mais a respeito das suas tramas esquisitas do que eu; ele sabe o bastante para ter muito mais medo do que eu, e acredito que seu medo seja justificado. Realmente creio que exista perigo genuíno nisso.

— Bem, ele fala com você alguma vez?

— Claro, fala de tudo menos do que você está querendo saber.

— Mas vocês dois ainda se vêem?

— Sim. Pescamos, caçamos, almoçamos juntos. Ele não mora muito longe daqui.

— Poderia ligar para ele?

— Quer dizer, ligar para ele e recomendar você?

— É exatamente isso o que quero dizer. Strachan respondeu cautelosamente:

— Olhe, ele pode não querer falar, e não posso

forçá-lo.

— Mas pode ligar e ver se ele fala comigo mais uma vez?

— Eu... pensarei no caso, mas isso é tudo o que lhe prometo.

— Assim mesmo eu ficaria grato.

— Mas, Sr. Hogan... — Strachan estendeu a mão e agarrou o braço de Marshall. Olhando para Marshall e para Berenice, disse baixinho:

— Vocês dois se cuidem. Não são invencíveis. Nenhum de nós o era, e acredito que seja possível perder tudo se fizer apenas um movimento errado ou der apenas um passo errado. Por favor, por *favor* certifiquem-se a cada momento de saberem exatamente o que estão fazendo.

No *Clarim,* Tom, o colador, estava organizando os anúncios, artigos e as galés completas de sempre na edição de terça-feira quando a campainha que ficava acima da porta da frente tilintou. Ele tinha mais coisa que fazer além de atender visitas, mas com Hogan e Berenice fora em misteriosa missão de intriga, era o único que restava para defender o forte. Como ele gostaria que Edie não os tivesse deixado. O jornal se tornava um desastre maior a cada dia e, fosse qual fosse a empreitada infrutífera na qual Hogan e Berenice estavam metidos, ela lhes tirava a atenção das muitas tarefas que se estavam amontoando no escritório.

— Alô? — chamou uma doce voz de mulher.

Tom agarrou um pedaço de pano para limpar as mãos, e gritou em resposta:

— Um momento, já vou.

Ele se apressou pela estreita passagem que levava

ao escritório da frente e viu uma jovem muito atraente e bem vestida em pé diante do balcão. Ao vê-lo, ela sorriu. Ah, sim, pensou Tom, se eu ainda fosse jovem.

— Alô — disse ele, ainda limpando as mãos. — Em que posso servi-la?

A jovem disse:

— Li o anúncio de secretária e gerente geral do escritório. Vim me candidatar.

Tinha de ser um anjo, pensou Tom.

— Puxa, se você gostar de trabalhar, deixe-me dizer-lhe, serviço é o que não falta por aqui!

— Bem, estou pronta para começar — disse ela com um sorriso radiante.

Tom verificou se sua mão estava limpa o suficiente, e então a estendeu.

— Tom McBride, colador e preocupador geral.

Ela apertou com firmeza a mão dele e disse o nome:

— Carmem.

— Prazer em conhecê-la, Carmem. Ah... Carmem do quê? Ela riu do seu esquecimento e disse:

— Carmem Fraser. Estou tão acostumada a usar só o meu primeiro nome.

Tom abriu o portãozinho que ficava na ponta do balcão e Carmem o seguiu, entrando na área do escritório.

— Deixe-me mostrar-lhe o que tem acontecido por aqui — disse ele.

17

No vale longínquo e retirado, em pequeno conjunto de prédios não identificados escondidos por penhascos rochosos, uma transição apressada estava em plena movimentação.

No complexo de escritórios, sentados em escrivaninhas e mesas de trabalho, apressando-se para cima e para baixo nos corredores, correndo escada acima e escada abaixo, mais de duzentas pessoas de todas as idades, descrições e nacionalidades estavam datilografando cartas, examinando arquivos, verificando registros, calculando o saldo de contas, papagueando no telefone em línguas diferentes. O pessoal da manutenção em macacões azuis trazia grandes pilhas de caixas e engradados em carrinhos de mão, e o pessoal dos escritórios começava a encher meticulosamente as caixas com os conteúdos dos arquivos, com qualquer apetrecho de escritório não necessário no momento, com outros livros e registros.

No lado de fora, caminhões estavam sendo carregados com os engradados enquanto outros empregados da manutenção dirigindo pequenos tratores de transporte percorriam todo o complexo, fechando várias tomadas e saídas de energia, e pregando tábuas nas portas e janelas de qualquer prédio já desocupado.

Perto dali, na varanda de um casarão de pedra nos limites da propriedade, uma mulher, em pé, observava. Era alta e esguia, com longos cabelos cor-de-ébano; trajava roupas pretas, soltas, e agarrava a bolsa a tiracolo apertada contra o lado com mãos pálidas, trêmulas. Ela olhou de um lado e de outro, evidentemente tentando descontrair-se. Inspirou profundamente algumas vezes. Enfiou a mão na bolsa e tirou um par de óculos escuros com os quais cobriu os

olhos. A seguir, desceu da varanda e começou a cruzar a praça em direção ao prédio de escritórios.

Seus passos eram firmes e deliberados, os olhos fitos bem à frente. Algumas pessoas do escritório passaram e a saudaram, pressionando as palmas uma contra a outra na frente dos queixos e curvando-se levemente. Ela respondeu com um aceno de cabeça e continuou a andar.

A equipe do escritório a saudou da mesma maneira quando ela entrou e ela sorriu às pessoas, sem dizer palavra. Ao receber o sorriso dela, elas retornaram à sua febril atividade. A gerente do escritório, uma mulher bem vestida com o cabelo firmemente preso, fez uma pequena mesura e disse:

— Bom dia. O que a Serva requer? A Serva sorriu e disse:

— Gostaria de fazer algumas cópias.

— Posso fazê-las imediatamente.

— Obrigada. Gostaria de fazê-las eu mesma.

— Certamente. Aquecerei a máquina para a senhora.

A mulher apressou-se na direção de uma saleta lateral, e a Serva seguiu. Diversos contadores e arquivistas, alguns orientais, alguns indianos orientais, alguns europeus, curvaram-se quando ela passou e depois voltaram às consultas que trocavam.

A gerente do escritório aprontou a copiadora em menos de um minuto.

— Obrigada, pode ir agora — disse a Serva.

— Certamente — respondeu a mulher. — Estou à sua disposição se tiver algum problema ou pergunta.

— Obrigada.

A gerente saiu e a Serva fechou a porta atrás dela, isolando-se do resto do escritório e de qualquer intrusão. A seguir, enfiou a mão na bolsa e retirou um livrinho. Ela o folheou, passando os olhos pelas páginas escritas à mão até achar o que estava procurando. Então, colocando o livro aberto voltado para a copiadora, ela pôs-se a apertar os botões e copiar página após página.

Quarenta páginas mais tarde ela desligou a máquina, dobrou as cópias com capricho e as colocou num compartimento da bolsa, junto com o livrinho. Deixando o escritório diretamente, ela voltou ao casarão de pedra.

A casa era majestosa, tanto no tamanho quanto na decoração, com uma grande lareira e teto elevado cortado por vigas rústicas. A Serva subiu depressa a escada coberta de espesso carpete que levava ao seu quarto e fechou a porta atrás de si.

Colocando o livrinho na imponente penteadeira antiga, ela abriu uma gaveta e tirou papel de embrulho e barbante. O papel já trazia um nome escrito, do destinatário: Alexander M. Kaseph. O endereço do remetente incluía o nome J. Langstrat. Ela embrulhou depressa o livro outra vez, como se o pacote nunca tivesse sido aberto, e em seguida amarrou-o com barbante.

Em outra parte da casa, num escritório muito amplo, um homem de meia-idade, de porte arredondado, trajando calças soltas e túnica, sentava-se à moda indiana sobre uma grande almofada. Seus olhos achavam-se fechados, e ele respirava profundamente. O belo mobiliário de pessoa de grande prestígio e poder o cercavam: lembranças do mundo todo, tais com espadas, clavas de guerra, artefatos africanos, relíquias religiosas, e diversos ídolos do Oriente, um tanto grotescos; uma belonave de escrivaninha com um consolo de computador embutido, telefone de muitas

linhas, e um interfone; um longo sofá coberto de almofadas fundas, um conjunto de cadeiras e mesinha de centro de carvalho, torneadas à mão; troféus de caça de urso, alce, alce americano e leão. Sem ouvir ninguém bater, o homem falou suavemente:

— Entre, Susan.

A grande porta de carvalho abriu-se silenciosamente e a Serva entrou, carregando o pacote de papel pardo. Sem abrir os olhos, o homem disse:

— Ponha-o sobre a escrivaninha.

A Serva o fez, e o homem começou a se mexer, saindo de sua posição imóvel, abrindo os olhos e estirando os braços como se estivesse acordando de um sono.

— Então finalmente o encontrou — disse ele com um sorriso provocante.

— Estava lá o tempo todo. Como todo o empacotamento e nova arrumação ele foi atirado num canto.

O homem levantou-se da almofada, esticando as pernas, e deu algumas voltas pelo escritório. — Realmente não sei o que é — disse, como que respondendo a uma pergunta.

— Eu não estava querendo saber... — disse a Serva. Ele sorriu condescendente e disse:

— Oh, talvez não, mas parecia que você estava. Às vezes, posso lê-la tão bem, e às vezes você se distancia. Tem-se sentido perturbada ultimamente. Por quê?

— Oh, toda essa mudança, acho, a desordem.

Ele lhe envolveu a cintura com os braços e a apertou contra si enquanto dizia:

— Não deixe que isso a perturbe. Estamos indo para um lugar muito melhor. Já escolhi a casa. Você vai

adorá-la.

— Eu fui criada naquela cidade, sabe?

— Não. Não, na realidade, não. Não será a mesma cidade de forma alguma, não a cidade da qual se lembra. Será melhor. Mas você não acredita nisso, acredita?

— Como já disse, fui criada em Ashton —

— E tudo o que queria era sair de lá!

— Por isso, você compreende porque meus sentimentos estão confusos.

Ele a fez rodopiar e riu alegremente enquanto olhava nos olhos dela. — Sim, eu sei! Por um lado, você não tem o mínimo desejo de ver a cidade, e por outro lado, sai às escondidas para ir ao festival.

Ela corou um pouquinho e olhou para o chão. — Eu estava procurando algo do meu passado, algo de onde pudesse vislumbrar meu futuro.

Ele segurou-lhe a mão e disse:

— O passado não existe. Você devia ter ficado comigo. Eu tenho todas as respostas para você agora.

— Sim, posso ver isso. Antes, não podia.

Ele riu e postou-se atrás da escrivaninha. — Bem, ótimo, ótimo. Não precisamos fazer nenhuma outra reunião em esconderijos atrás de um barulhento parque de diversões. Você devia ter visto como nossos amigos ficaram envergonhados por ter de nos encontrar lá.

— Mas afinal por que você precisou ir atrás de mim? Por que teve de arrastá-los lá?

Ele sentou-se à escrivaninha e pôs-se a manipular uma faca cerimonial de mau aspecto, com cabo dourado e lâmina afiadíssima.

Olhando por cima do gume da lâmina na direção

da moça, ele lhe disse:

— Porque, cara Serva, não confio em você. Amo-a, estou unido a você em essência, mas... — Ele ergueu a faca ao nível dos olhos e espiou ao longo do gume da lâmina em sua direção, os olhos tão cortantes quanto a faca. — Não confio em você. É uma mulher dada a muitas paixões conflitantes.

— Não posso prejudicar o Plano. Sou apenas uma pessoa entre milhares.

Ele ergueu-se e deu a volta ao lado da escrivaninha onde outras facas estavam enfiadas na cabeça esculpida de algum ídolo pagão.

— Você, minha cara Susan, partilha a minha vida, os meus segredos, os meus propósitos. Tenho de proteger os meus interesses.

Com isso, ele deixou cair a faca, de ponta, e ela penetrou com um baque na cabeça do ídolo.

Ela sorriu em aquiescência e achegou-se a ele, dando-lhe um beijo sedutor. — Sou, e sempre serei, sua — disse ela.

Ele lhe deu um sorriso irônico e o olhar cortante nunca deixou seus olhos enquanto respondia:

— Sim. Claro que é.

Muito acima do vale, entre as rochas e fendas dos picos das montanhas, dois vultos se escondiam. Um, o homem de cabelos prateados que já havia estado lá, observava continuamente a atividade no vale.

Era imponente e forte, os olhos penetrantes cheios de sabedoria. O outro era Tal, o Capitão do Exército.

— É isso o que você procura — disse o homem de cabelos prateados. — Rafar tratou de negócios aí há questão de dias.

Tal baixou o olhar e perscrutou o vale. Os enxames de demônios negros eram numerosos demais para se chegar a uma estimativa.

— O Homem Forte? — perguntou ele.

— Sem dúvida, com uma nuvem de guardas e guerreiros em toda a sua volta. Ainda não conseguimos penetrá-la.

— E a moça está bem no meio dela!

— O Espírito tem estado constantemente a abrir-lhe os olhos e a chamá-la. Ela está próxima ao Homem Forte — perigosamente próxima. As orações do Remanescente fizeram descer uma cegueira e um estupor sobre as hostes demoníacas ao redor dela. Por enquanto, essa cegueira ganhará tempo para você, mas pouco mais que isso.

Tal fez uma careta. — Meu general, precisaremos de mais que estupor para chegar até ela. Mal podemos defender a cidade de Ashton, quanto mais enfrentar o Homem Forte diretamente.

— E pode esperar que esse reforço somente piore. Seus números aumentam dez vezes a cada dia.

— Sim, eles estão se preparando, isso é certo.

— Mas, ao mesmo tempo, os conflitos da moça continuam a crescer. Breve ela não será capaz de esconder seus verdadeiros sentimentos e intenções do seu senhor lá em baixo. Tal, ela ficou sabendo a respeito do suicídio.

Tal olhou diretamente para o general. — Pelo que me consta, ela e Patrícia eram muito chegadas.

O general assentiu com a cabeça. — Ela ficou chocada, o que a tornou mais receptiva. Mas seu tempo de segurança é limitado. Aqui está o nosso próximo passo. A Sociedade da Percepção Universal está

oferecendo em Nova Iorque aos seus muitos capangas e membros das Nações Unidas um jantar com finalidade promocional e para angariar fundos. Kaseph não pode comparecer por causa de suas presentes atividades aqui. Entretanto, ele enviará Susan a fim de representá-lo. Ela estará bem guardada, mas será essa a única hora em que estará fora da cobertura demoníaca do Homem Forte. O Espírito sabe que ela planeja escapar e entrar em contato com um último amigo que tem no lado de fora, que pode, por sua vez, entrar em contato com o seu jornalista. Ela se arriscará, Tal. Você precisa fazer com que seja bem sucedida.

A primeira reação de Tal foi:

— Há cobertura de oração em Nova Iorque?

— Você a terá.

Tal olhou os enxames lá em baixo.—E eles não devem descobrir...

— Não. Eles não devem suspeitar de que alguma coisa tenha acontecido até que você consiga tirar Susan de vez. Eles a destruiriam se soubessem.

— E quem é o amigo dela?

— Seu nome é Kevin Weed, um antigo colega e namorado.

— Ao trabalho, então. Tenho de arrebanhar mais algumas orações.

— Vá com Deus, caro capitão!

Tal subiu atrás de umas grandes pedras para manter-se fora de vista antes de abrir as asas. Depois, com o silêncio e a graça de uma nuvem levada pelo vento, ele flutuou acima da crista das montanhas.

Depois que ultrapassou os cumes e já não podia ser visto por nenhum dos enxames no vale, suas asas se

engrenaram em marcha veloz e ele arremeteu para diante como uma bala, deixando atrás de si brilhante arco de luz pelo céu e acima do horizonte.

Marshall e Berenice atravessavam os arvoredos da zona rural no carrão marrom, falando de si, seus passados, suas famílias, e qualquer outra coisa que lhes viesse à mente. Já estavam cansados de só falar de negócios de qualquer forma, e achando agradável aproveitar a companhia um do outro.

— Eu fui criado na igreja presbiteriana — disse Marshall. — Agora não sei o que sou.

— Meus pais eram episcopais—disse Berenice.— Acho que nunca fui nada. Eles me arrastavam à igreja todos os domingos, e eu mal podia esperar para sair dela.

— Eu não achava tão ruim assim. Tive uma boa professora de escola dominical.

— É, talvez seja nisso que eu tenha errado. Nunca fui à escola dominical.

— Ora, acho que a meninada precisa conhecer alguma coisa a respeito de Deus.

— E se Deus não existir?

— Viu o que estou dizendo? Você nunca foi à escola dominical! O carro chegou a uma encruzilhada, e um letreiro indicava que o

caminho de volta a Ashton era o da esquerda. Marshal virou à esquerda.

Berenice respondeu a uma das perguntas de Hogan. — Não, nenhum de meus pais ainda vive. Papai morreu em 76 e Mamãe morreu... deixe-me ver, há dois anos.

— Que pena.

— E depois perdi minha única irmã, Patrícia.

— Não diga! Puxa, sinto muito.

— Às vezes, o mundo aí fora é bem solitário...

— É acho que sim... e quem haveria para você ficar conhecendo em Ashton?

Ela apenas olhou-o e disse:

— Não estou caçando, Marshall.

A quase dois quilômetros à frente deles encontrava-se um alargamento da estrada que chamavam de Baker, um vilarejo indicado pelo menor ponto possível no mapa. Era um desses lugares típicos de beira de estrada onde camioneiros e caçadores em caminhonetes encontravam café preto e ovos frios. Uma piscadela e já passou.

Acima do carrão, movendo-se agilmente logo acima das copas das árvores, Natã e Armoth mantinham cuidadosa vigia sobre o veículo, as asas batendo em ritmo equilibrado e os corpos deixando atrás de si dois rastros luminosos pontilhados de diamantes.

— Então é aqui que tudo começa — disse Natã em tom jocoso.

— E você foi escolhido para dar o golpe — respondeu Armoth. Natã sorriu. — Brincadeira de criança.

Armoth provocou-o um tantinho. — Estou certo de que Tal poderia ter escolhido outra pessoa que desejasse a honra —

Natã desembainhou a espada, que rebrilhou como se fosse um relâmpago. — Oh, não, caro Armoth. Esperei muito tempo. Eu aceito.

Natã fez uma curva afastando-se de Armoth, baixou à estrada que serpeava entre altas árvores, e pôs-se a acompanhar a velocidade do carro, voando

preguiçosamente uns dez metros acima dele. Ele mantinha-se de olho na cidadezinha de Baker que se aproximava, fez um cálculo rápido quanto à distância que o carro deslizaria sem o impulso do motor, e então, no momento exato, atirou a espada para baixo como uma lança chamejante. A arma percorreu trajetória perfeita e atravessou o capô do carro.

O motor morreu.

— Droga! — disse Marshall, engatando rapidamente o ponto morto.

— O que aconteceu? — perguntou Berenice.

— Alguma coisa quebrou.

Marshall tentou dar partida outra vez enquanto o carro continuava a deslizar. Nada.

— Provavelmente elétrico... — resmungou ele.

— É melhor encostar naquele posto.

— É, eu sei, eu sei.

O carrão foi rodando até o pequenino posto em Baker e parou bem à porta da frente. Marshall abriu o capô.

— Você vai me dar licença — disse Berenice.

— Vá por mim também — disse Marshal irritado, olhando aqui e ali à volta do compartimento do motor.

Berenice dirigiu-se à pequena construção que ficava ao lado, o Bar Sempre-Verde. O tempo e a acomodação o estavam carcomendo lentamente de baixo para cima, e um lado estava bem afundado, a tinta da porta da frente estava descascando. O anúncio de cerveja em néon na janela ainda funcionava, e a máquina toca-discos lá dentro estava arranhando uma canção caipira popular.

Berenice empurrou a porta — a parte de baixo riscou um arco gasto sobre o linóleo — e entrou,

torcendo o nariz um bocadinho ante a fumaça azulada de cigarros que havia substituído o ar. Apenas alguns homens estavam sentados no aposento, provavelmente a primeira das equipes de lenhadores a sair do trabalho. Falavam alto, trocando estórias, praguejando. Berenice olhou diretamente para o fundo da sala, tentando descobrir os cartazes que mostravam diminutos Homens e Mulheres. Sim, havia Toaletes.

Um dos homens numa mesa próxima disse:

— Ei, boneca, como está?

Berenice nem ia olhar em sua direção, mas sem perceber encarou-o e deu-lhe um olhar apropriadamente feio. Um pouco exagerado o toque local nesse lugar, pensou ela.

Ela diminuiu os passos. Seus olhos prenderam-se a ele. Ele devolveu o olhar com um sorriso alto, preguiçoso no rosto barbudo.

Outro homem disse:

— Parece que você conseguiu a atenção dela, companheiro. Berenice continuou fitando-o. Aproximou-se da mesa e deu uma olhada mais de perto. O cabelo estava comprido e embaraçado, preso num rabo-de-cavalo por uma argola de borracha. Os olhos estavam vidrados e agora espessamente sombreados. Mas ela conhecia aquele homem.

O amigo dele falou:

— Boa noite, senhora. Não lhe dê confiança, ele está apenas se divertindo, certo, Weed?

— Weed? — perguntou Berenice. — Kevin Weed?

Kevin Weed apenas fitou-a, gozando a vista e dizendo pouco. Por fim, ele disse:

— Posso lhe pagar uma cerveja?

Berenice aproximou-se mais dele, certificando-se

de que ele pudesse vê-la claramente. — Lembra-se de mim? Berenice Krueger? — Weed pareceu apenas confuso. — Lembra-se de Pat Krueger?

Uma luz começou a iluminar lentamente o rosto de Weed. — Pat Krueger... Quem é você?

— Sou Berenice, a irmã de Pat. Lembra-se de mim? Encontramo-nos umas duas vezes. Você e a companheira de quarto de Pat estavam namorando.

Weed animou-se e sorriu, então praguejou e pediu desculpas. — Berenice Krueger! A irmã de Pat! — Ele praguejou outra vez e pediu desculpas novamente. — O que está fazendo neste lugar?

— Só de passagem. E aceito uma Coca pequena, obrigada. Weed sorriu e fitou os amigos. Seus olhos e bocas estavam-se abrindo cada vez mais, e eles estavam começando a rir. Weed disse com malícia:

— Acho que está na hora de vocês acharem outra mesa...

Eles ajuntaram seus capacetes e lancheiras e riram. — É, é isso mesmo, Weed.

— Dan — berrou Weed — uma Coca pequena aqui para a moça. Dan precisou encarar por um instante a moça distinta que havia entrado num lugar como aquele. Ele apanhou a Coca e lha levou.

— E afinal o que tem feito? — perguntou-lhe Weed.

Berenice tirou a caneta e o bloco de anotações. Ela lhe contou alguma coisa a respeito do que estivera fazendo e o que estava fazendo agora. Depois falou:

— Desde antes da morte de Pat que não o vejo.

— Ei, sinto muito o que aconteceu com ela.

— Kevin, pode dizer-me alguma coisa a esse respeito? O que sabe?

— Quase nada... somente o que li nos jornais.

— E a companheira de quarto de Pat? Você tem tido notícias dela ultimamente? — Berenice notou que os olhos de Weed se abriram muito e sua boca se abriu no momento em que ela mencionou a moça.

— Caramba, este mundo está mesmo cada vez menor! — disse ele.

— Você a viu? — Berenice mal podia crer em sua boa sorte.

— Bem, sim, mais ou menos.

— Quando? — insistiu Berenice.

— Mas foi só um pouquinho.

— Onde? Quando? — Berenice estava achando muito difícil se conter.

— Eu a vi no festival.

— Em Ashton?

— É, sim, em Ashton. Foi um encontro inesperado. Ela chamou meu nome, me virei, e lá estava ela.

— O que ela disse? Falou onde está morando agora?

Weed remexeu-se um tantinho. — Caramba, não sei. Nem me importo. Ele me chutou, sabe, fugiu com aquele outro cacundeiro. Até estava com ele aquela noite.

— Como é mesmo c nome dela?

— Susan. Susan Jacobson. Uma verdadeira ladra de corações, isso é o que ela é.

— Você tem alguma idéia ... ela lhe deu alguma idéia de onde eu poderia encontrá-la? Tenho de conversar com ela acerca de Pat. Ela pode saber alguma

coisa.

— Caramba, não sei. Ela não conversou comigo por muito tempo. Estava com pressa, tinha de encontrar o novo namorado ou algo assim. Queria o número do meu telefone, só isso.

Berenice não conseguia abandonar a esperança. Pelo menos por enquanto. — Tem certeza de que ela não lhe deu alguma idéia de onde está morando agora, ou qualquer forma de entrar em contato com ela? — Weed deu embriagadamente de ombros. — Kevin faz séculos que venho tentando encontrá-la! Tenho de falar com ela!

Weed estava amargurado. — Fale com o namorado dela, aquele velhote gorducho todo endinheirado!

Não, não, não era legítimo o palpite que percorreu a mente de Berenice. Ou era?

— Kevin — disse ela — como Susan estava vestida naquela noite?

Ele estava fitando o espaço, como um amante bêbado e rejeitado — Finória—disse ele. — Longo cabelos pretos, vestido preto, viseiras sensuais.

Berenice sentiu o estômago contrair-se em um nó ao dizer:

— E o namorado dela? Você o viu?

— Sim, mais tarde. Susan fez de conta que nem me conhecia quando ele apareceu em cena.

— Bem, que cara tinha ele?

— Cara de tonto da Cidade dos Gordos. Deve ter sido o dinheiro dele, foi por isso que Susan se agarrou com ele. Berenice apanhou a caneta com a mão trêmula:

— Qual é o número do seu telefone? Ele falou.

— Endereço?

Ele resmungou, dando-o também.

— Bem, você disse que ela pediu o número do seu telefone?

— E, não sei porquê. Talvez as coisas não estejam indo tão bem com o seu apaixonado.

— Você lho deu?

— Dei. Talvez seja um trouxa, mas dei, sim.

— Então, pode ser que ela lhe ligue. Ele deu de ombros.

— Kevin... — Berenice deu-lhe um dos seus cartões. — Escute-me cuidadosamente. Está escutando?

Ele a fitou e disse que sim.

— Se ela ligar, se tiver qualquer notícia dela, por menor que seja por favor dê-lhe o meu nome e número e diga-lhe que quero falar congela. Pegue o número *dela* para eu poder falar com *ela*. Você faz isso?

Ele apanhou o cartão e acenou afirmativamente com a cabeça — Sim, claro.

Ela terminou a Coca e preparou-se para sair. Ele a fitou com os olhos baços, vidrados.

— Ei, que vai fazer hoje à noite?

— Se tiver notícias de Susan, ligue-me. Teremos muito sobre o que conversar nesse caso.

Ele olhou de novo para o cartão. — Sim, claro.

Alguns momentos depois Berenice estava de volta ao posto, bem a tempo de ver Marshall dar partida no carro. O velho e encurvado dono do posto estava olhando o motor e meneando a cabeça.

— Ei, deu certo! — gritou Marshall sentado atrás do volante.

— Ué, não fiz nada — disse o velho.

Bem alto, acima do posto, Natã elevou-se ao céu a fim de reunir-se a Armoth, a espada recuperada. — Feito — disse ele.

— E agora veremos como o capitão e Guilo se saíram em Nova Iorque.

O carrão pôs-se a caminho novamente, e Nata e Armoth o seguiram, atrás e acima dele como duas pipas a ele amarradas.

18

Hank iniciou o culto da manhã de domingo com um hino vibrante, o qual Mary tocava particularmente bem ao piano. Ambos estavam alegres e sentiam-se encorajados; a despeito dos sons da batalha que se aproximava, sentiam que Deus, em sua infinita sabedoria, estava de fato operando um plano muito poderoso e eficaz para o restabelecimento do seu reino na cidade de Ashton. Vitórias grandes e pequenas estavam em preparação, e Hank sabia que tinha de ser a mão de Deus.

Em primeiro lugar, esta manhã ele estaria ministrando a uma congregação quase nova; pelo menos parecia assim. Muitos dos antigos dissidentes haviam saído da igreja e levado consigo sua amargura, e a disposição e estado de ânimo do lugar haviam subido diversos graus. Claro, Alf Brummel, Gordon Mayer e Sam Turner permaneciam, um bando carrancudo que fazia lembrar o esquadrão da morte, mas nenhum deles estava presente esta manhã. Numerosos amigos e conhecidos, alguns casais, alguns solteiros, e alguns estudantes tinham seguido o exemplo dos Forsythes. Vovó Duster estava presente, forte e saudável como sempre e pronta para uma luta espiritual; John e Patty

Coleman estavam de volta, e John não podia deixar de dar largo sorriso de alegria e entusiasmo.

Dos demais, Hank conhecia apenas uma pessoa. Ao lado de Andy e June Forsythe, parecendo um tanto acanhado, estava Ron Forsythe, junto da namorada, uma estudante de segundo ano da faculdade, baixinha e muito pintada. Hank teve de sufocar uma emoção muito forte quando viu os Forsythes entrarem acompanhados do filho: era um milagre, um autêntico ato de graça da parte do Deus vivo. Ele teria gritado aleluia ali mesmo, mas não queria afugentar o rapazinho; esse poderia ser um daqueles casos de luvas de pelica.

Após o primeiro hino, Hank achou melhor tratar da situação que o defrontava.

— Bem — disse ele informalmente — não sei se devo chamá-los de visitantes, refugiados ou o quê.

Todos riram e trocaram olhares. Hank continuou:

— Por que não tiramos alguns momentos para nos apresentar? Acho que vocês provavelmente sabem quem sou; meu nome é Hank Busche, e sou o pastor, e aquela florzinha sentada ao piano é Mary, a minha esposa. — Mary ergueu-se depressa, sorriu humildemente, e sentou-se de novo. — Por que não vamos de um em um dizendo quem somos...

E a primeira chamada do Remanescente ocorreu enquanto os anjos e demônios vigiavam: Krioni e Triskal em seus postos ao lado de Hank e Mary, enquanto Signa e seu pelotão, agora com dez, mantinham um cerco em torno do prédio.

Novamente Lucius havia discutido amargamente com Signa, tentando ser admitido. Mas ele sabia que era melhor não forçar muito a situação, como se não bastasse Hank Busche, este tinha agora uma igreja cheia de santos que oravam. Os guerreiros celestiais estavam gozando sua primeira vantagem real. Por fim,

Lucius ordenou aos seus demônios que permanecessem do lado de fora e ouvissem o que pudessem.

Os únicos demônios que haviam conseguido entrar fizeram-no com seus hospedeiros humanos, e agora, espalhados pela congregação, refletiam carrancudos a respeito deste terrível acontecimento. Scion, perto da porta, parecia uma galinha vigiando a ninhada, e Sete se mantinha ao lado dos Forsythes e do grupo que estava com eles.

Havia poder no lugar hoje, e todos o sentiam crescer à medida que cada pessoa se levantava e se apresentava. A Hank parecia como a reunião de um exército especial.

— Ralph Metzer, segundanista de Whitmore...

— Judy Kemp, do segundo ano da faculdade...

— Greg e Eva Smith, amigos dos Forsythes.

— Bill e Betty Jones. Temos uma loja de miudezas na rua Oito...

— Mike Stewart. Moro com os Jones e trabalho na usina.

— Cal e Ginger Barton. Chegamos há pouco à cidade.

— Cecil e Míriam Cooper, e realmente é um prazer ver todos aqui...

— Ben Squires. Sou o sujeito que leva a sua correspondência se você mora na zona oeste...

— Tom Harris, e esta é a minha esposa Mabel. Sejam todos bem-vindos e louvado seja o Senhor!

— Clint Neal, trabalho no posto de gasolina.

— Greg e Nancy Jenning. Sou professor e ela é escritora.

— Andy Forsythe, e louvado seja o Senhor!

— June Forsythe, e digo amém.

Ron pôs-se de pé, colocou as mãos nos bolsos, e olhou para o chão enquanto dizia:

— Sou... sou Ron Forsythe, e esta é Cynthia, e... fiquei conhecendo o pastor na Caverna, e... — Sua voz falhou de emoção. — Apenas queria agradecer a todos vocês o terem orado por mim e o se importarem comigo.

Ele permaneceu em pé por um momento, fitando o chão enquanto lágrimas lhe assomavam aos olhos. June pôs-se em pé ao lado do filho e dirigiu-se ao grupo por ele.

— Ron deseja que saibam que ele e Cynthia entregaram o coração a Jesus ontem à noite.

Todos sorriram encantados e murmuraram palavras de ânimo, e isso fez com que Ron se sentisse à vontade o bastante para dizer:

— É, e jogamos todas as drogas no vaso e demos descarga! Essa confissão cativou a todos os presentes.

Com gozo e fervor cada vez mais intensos, a chamada continuou. Do lado de fora, os demônios ouviam com grande alarme e sibilavam exclamações de mau agouro.

— Rafar precisa ficar sabendo! — disse um deles.

Lucius, as asas meio abertas apenas o bastante para evitar que seus alvoroçados subalternos o amolassem, postava-se imóvel, remoendo pensamentos desagradáveis.

Um demônio pequeno pairou acima de sua cabeça e bradou:

— Que devemos fazer, Mestre Lucius? Devemos procurar Rafar?

— Voltem ao que estavam fazendo! — sibilou ele em resposta. — Deixem que eu me incumbo de informar a Baal Rafar!

Eles se reuniram em torno dele, querendo ouvir sua próxima ordem. Ultimamente parecia que ele havia falado muito pouco.

— O que estão olhando? — ganiu ele. — Vão embora, façam diabruras! Deixem que eu me preocupo com esses santinhos insignificantes!

Eles adejaram em todas as direções, e Lucius permaneceu em seu lugar do lado de fora da janela da igreja.

Contar a Rafar, deveras! Que Rafar se humilhasse o suficiente para perguntar. Lucius não faria papel de lacaio.

Nesta parte da cidade de Nova York, era tudo feito sob encomenda para a elite e fregueses exigentes: as lojas, butiques e restaurantes eram do tipo exclusivo, os hotéis muito luxuosos. Árvores floridas cuidadosamente tratadas cresciam em jardineiras redondas ao longo das calçadas, e o pessoal da limpeza mantinha as ruas e calçadas impecáveis.

Entre a multidão de fregueses apressados e pessoas que estavam apenas olhando as vitrinas encontravam-se dois homens muito grandes trajando túnicas cáqui, passeando pela calçada e olhando ao redor.

"Hotel Gibson", leu Tal na fachada de antigo e distinto prédio de pedra, que se erguia trinta andares acima deles.

— Não vejo movimento algum — disse Guilo.

— Ainda é cedo. Eles chegarão. Desincumbamo-nos rapidamente de nossa tarefa.

Os dois entraram no saguão do hotel através das grandes portas da frente. Pessoas passavam por eles, e às vezes através deles, mas isso, naturalmente, não tinha importância. Dentro de momentos eles haviam examinado na recepção a lista das reservas para o salão de banquetes e verificado que o Grande Salão de Baile estava reservado para a Sociedade da Percepção Universal.

— A informação do general era correta — comentou Tal com prazer.

Eles se apressaram por um longo corredor espessamente acarpetado, passando por uma barbearia, um salão de beleza, uma engraxateria, uma loja de presentes, chegando afinal a duas enormes portas de carvalho com maçanetas de latão luxuosamente ornamentadas. Passando através delas, eles se encontraram no Grande Salão de Baile, agora cheio de mesas de jantar adornadas de cristais e toalhas de linho branco. Havia uma rosa solitária de cabo comprido num pequeno vaso em cada mesa. O pessoal do bufê apressava-se com os preparativos finais, colocando os guardanapos artisticamente dobrados e as taças de vinho. Tal verificou os cartões com os nomes dos que se sentariam na mesa principal. Um, perto da ponta, dizia "Kaseph, Omni S.A.".

Atravessaram a porta de uma saída próxima, e olharam à direita e à esquerda. No fim do corredor, à esquerda e na direção dos fundos ficava o toalete das senhoras. Entraram, passaram por algumas mulheres que se enfeitavam diante dos espelhos e encontraram o que procuravam: o último sanitário, para o uso de deficientes. Era construído contra a parede de trás do hotel, logo abaixo de uma janela grande bastante para permitir que um ser humano ágil se arrastasse por ela. Tal ergueu a mão, quebrou a tranca, e testou a janela, assegurando-se de que se abriria e fecharia facilmente.

Guilo atravessou depressa a parede e na viela encontrou uma grande lixeira e, com incrível facilidade, moveu-a alguns metros de forma que ela foi para baixo da janela. A seguir, ele arranjou alguns engradados e latas de lixo de encontro à lixeira, formando degraus.

Tal reuniu-se a ele e os dois seguiram pela viela até a rua. A um quarteirão de distância havia uma cabina telefônica. Tal ergueu o receptor e assegurou-se de que tudo estava funcionando.

— Aí vêm eles! — avisou Guilo, e saltaram pela parede de uma loja de departamentos e espiaram para fora da janela bem no momento em que uma longa limusine preta e depois outra e depois outra deram início a lúgubre desfile pela rua na direção do hotel. Dentro das limusines sentavam-se dignitários e outras pessoas importantes de muitas nações e raças diferentes, e dentro e em cima estavam demônios, grandes, negros, verrugosos e ferozes, os olhos amarelos percorrendo rápida e cautelosamente todas as direções.

Tal e Guilo observaram fascinados. Acima, no céu, outros demônios apareceram, dirigindo-se ao hotel qual bandos de andorinhas, suas negras silhuetas aladas desenhadas contra o céu avermelhado.

— Um significativo ajuntamento, Capitão — disse Guilo.

Tal assentiu com a cabeça e continuou a observar. Entre as limusines vieram muitos táxis, também transportando vasto exemplar da humanidade em geral: orientais, africanos, europeus, ocidentais, árabes; pessoas de grande poder, honra e dignidade de todas as partes do mundo.

— Como dizem as Escrituras, os reis da Terra — observou Tal — embriagando-se com o vinho da imoralidade da grande meretriz.

— A Grande Babilônia — disse Guilo. — A grande

Meretriz erguendo-se por fim.

— Sim, Percepção Universal. A religião do mundo, a doutrina dos demônios espalhando-se entre todas as nações. A Babilônia ressuscitada logo antes do final dos tempos.

— Daí o retorno do Príncipe da Babilônia, Rafar.

— Claro. E isso explica por que nós fomos chamados. Fomos os últimos a enfrentá-lo.

Guilo, ao ouvir isso, fez uma careta.

— Meu Capitão, nossa última batalha com Rafar não é uma lembrança agradável.

— Nem uma expectativa agradável.

— O senhor acha que ele vem aqui?

— Não. Esta reunião é apenas uma festa antes da verdadeira batalha, e a verdadeira batalha está marcada para a cidade de Ashton.

Tal e Guilo permaneceram onde estavam, observando a reunião das forças da humanidade e do mal satânico convergirem ao Hotel Gibson. Estavam à espera da pessoa chave: Susan Jacobson, a Serva de Alexander Kaseph.

Por fim viram-na dentro de um luxuosíssimo Lincoln Continental, provavelmente o veículo particular de Kaseph, dirigido por motorista contratado. Vinha escoltada por dois acompanhantes, sentados um de cada lado.

— Ela será vigiada de perto — disse Tal. — Vamos, precisamos ver melhor.

Passaram depressa pela loja de departamentos, através de paredes, mostruários e pessoas, em seguida afundaram-se na rua e foram sair dentro do restaurante que ficava exatamente em frente à porta principal do hotel. Em toda a volta, pessoas bem vestidas sentavam-

se à mesas silenciosas, iluminadas por velas, consumindo caros pratos da cozinha francesa. Apressando-se na direção de uma janela da frente, ao lado de um casal idoso que saboreava frutos do mar e vinho, observaram o carro que conduzia Susan encostar à frente do hotel.

A porta de Susan foi aberta por um porteiro de casaco vermelho. Um dos acompanhantes saiu e estendeu a mão para ajudá-la a descer; ela saltou e imediatamente o outro acompanhante estava ao seu lado. Os dois acompanhantes, vestidos a rigor, eram muito atraentes mas ao mesmo tempo muito intimidantes. Mantinham-se grudados a ela. Susan trajava um vestido de noite solto que lhe cobria o corpo de forma estonteante, e cascateava até os pés.

Guilo teve de perguntar:

— Os planos dela são os mesmos que os nossos? Tal respondeu com segurança:

— O general ainda não errou.

Guilo apenas meneou a cabeça apreensivo.

— Para a viela — disse Tal.

Seguiram por baixo da viela coberta de pedras e rachaduras e despontaram num esconderijo atrás de uma saída de incêndio. A noite havia caído, e a viela estava escura. Do seu posto de observação, conseguiam contar vinte pares de inquietos olhos amarelos, a espaços regulares ao longo da viela e contra o hotel.

— Há cerca de cem sentinelas — disse Tal.

— Em melhores circunstâncias, um mero punhado — murmurou Guilo.

— Preocupe-se somente com estas vinte.

Guilo tomou a espada na mão. Podia sentir as

orações dos santos locais.

— Será difícil — disse. — A cobertura de orações é limitada.

— Não precisa derrotá-los — respondeu Tal. — Apenas faça com que o persigam. Precisamos da viela livre por apenas alguns momentos.

Aguardaram. O ar estava parado e úmido. Os demônios quase não se mexiam, permaneciam nos postos, trocavam resmungos em línguas diferentes, seu hálito sulfuroso formando uma fita estranha e sinuosa de vapor amarelo que corria pela viela como um rio pútrido, flutuante. Tal e Guilo podiam sentir sua crescente tensão, como molas cada vez mais apertadas, a cada segundo que passava. O banquete devia estar em progresso a essa hora. A qualquer momento, Susan poderia pedir licença e deixar a mesa.

Mais tempo se passou. De repente, tanto Tal quanto Guilo sentiram a instigação do Espírito. Tal olhou para Guilo, que acenou com a cabeça. Ela estava a caminho. Vigiaram a janela. A luz do toalete feminino brilhava; eles mal podiam ouvir o som da porta que se abria e fechava à medida que as senhoras entravam e saíam.

A porta abriu-se. Saltos altos ressoaram no piso de cerâmica, movendo-se na direção da janela. Os demônios se remexeram um pouco, resmungando entre si. A porta do último sanitário girou nas dobradiças. A mão de Guilo agarrou a espada. Ele começou a respirar fundo, o grande torso a expandir-se e encolher-se, o poder de Deus percorrendo-o. Os olhos dos dois estavam pregados na janela. Os demônios se puseram mais alertas, os olhos amarelos muito abertos correndo de um lado para outro. Falavam mais alto.

A sombra da cabeça de uma mulher apareceu na janela. Uma mão de mulher procurou a trava.

Tal tocou o ombro de Guilo, e este se deixou cair entrando pelo chão. Apenas uma fração de segundo se passou.

— IAHAAAAA! — o súbito e ensurdecedor brado de guerra partiu dos poderosos pulmões de Guilo, e a viela toda explodiu instantaneamente em ofuscante raio de luz branca enquanto Guilo brotava com ímpeto do chão, a espada fulgurante e tremeluzente traçando brilhantes arcos no ar. Os demônios saltaram, berrando e guinchando aterrorizados, mas recobraram-se imediatamente e sacaram as espadas. A viela ecoou com o retinir metálico, e o fulgor avermelhado de suas lâminas dançava como cometas nas altas paredes de tijolos.

Guilo postou-se alto e forte, e bramiu uma gargalhada que estremeceu o chão.

— Agora, suas lagartixas negras, testarei seu brio!

Um grande espírito ganiu uma ordem, e os vinte demônios convergiram sobre Guilo como predadores famintos, as espadas faiscando e as presas à mostra. Guilo arremeteu para o alto, escapando deles qual sabonete escorregadio, e acrescentou um ágil volteio ao prosseguir, espalhando luz por todos os lados em espirais coloridas. Os demônios abriram as asas e lançaram-se atrás dele. Diante dos olhos de Tal, Guilo foi descrevendo arcos e rodopiando por todo o céu como um balão solto, rindo, atiçando e provocando, mantendo-se um pouco além do alcance dos seus perseguidores. A essa altura, os demônios estavam em fúria cega.

A viela estava vazia. A janela se abria. Num instante, Tal estava debaixo da janela, apagado e escondido pela escuridão. Ele agarrou Susan assim que a mão dela apontou na janela e puxou-a com tanta força que ela praticamente saiu voando. A moça vestia uma blusa simples e calça de brim, e tinha nos pés pequenas

sapatilhas. Do pescoço para cima, ainda estava deslumbrante; do pescoço para baixo, estava preparada para correr por vielas escuras.

Tal a ajudou a encontrar a maneira de descer da lixeira e depois instigou-a a seguir pela viela e chegar à rua onde ela hesitou, olhou de um lado e de outro, e então viu a cabina telefônica. Ela correu como o vento, numa pressa terrível e desesperada. Tal a seguiu, tentando manter-se tão encoberto quanto possível. Ele olhou para trás por sobre o ombro; o estratagema de Guilo funcionara. No momento, Guilo era o maior problema para os demônios, e a atenção deles estava longe daquela mulher a correr freneticamente.

Susan atirou-se para dentro da cabina e bateu a porta atrás de si. Ela tirou uma pilha de moedas do bolso da calça, chamou a telefonista e pediu uma ligação interurbana.

Em algum lugar entre Ashton e a pequena beira de estrada que era Baker, em um depósito em ruínas transformado em apartamentos de baixo aluguel, Kevin Weed acordou de um sono exausto com o tilintar do telefone. Ele revirou no colchão e ergueu o aparelho.

— Pronto, quem fala? — perguntou.

— É Kevin? — veio uma voz desesperada do outro lado. Kevin prestou mais atenção. Era voz de mulher.

— Sim, sou eu. Quem fala?

Na cabina telefônica, Susan olhou de um lado a outro da rua medrosamente ao dizer:

— Kevin, é Susan. Susan Jacobson.

Kevin estava começando a perguntar-se o que era tudo aquilo.

— Ei, o que você quer comigo afinal?

— Preciso de ajuda, Kevin. Não tenho muito tempo. Não há muito tempo.

— Tempo para quê? — perguntou ele obtusamente.

— Por favor, escute. Anote se precisar.

— Não tenho com que anotar.

— Então escute apenas. Olhe, você já ouviu falar do *Clarim de Ashton?* O jornal de Ashton?

— Sim, sim, já ouvi falar.

— Berenice Krueger trabalha lá. Ela é a irmã da minha antiga companheira de quarto, Pat, aquela que se suicidou.

— Caramba... o que está acontecendo?

— Kevin, você me faz um favor? Entre em contato com Berenice Krueger no Clarim e... Kevin?

— Sim, estou ouvindo.

— Kevin, estou em apuros. Preciso da sua ajuda.

— E então, onde está o seu namorado?

— É dele que estou com medo. Você sabe a respeito dele. Conte a Berenice Krueger tudo acerca de Alexander Kaseph, tudo o que sabe.

Kevin estava perplexo.

— Então que sei eu?

— Diga-lhe o que aconteceu, sabe, entre nós, com Kaseph, diga-lhe tudo. Diga-lhe o que Kaseph está planejando.

— Não estou entendendo.

— Não tenho tempo para explicar. Apenas diga a ela... diga que Kaseph está tomando conta da cidade toda... e faça com que ela saiba que tenho informações

muito importantes a respeito de Pat, irmã dela. Tentarei entrar em contato com ela, mas temo que o telefone do Clarim esteja grampeado. Kevin, preciso que você esteja lá para atender ao telefone, para... — Susan estava frustrada, cheia de emoção, incapaz de encontrar as palavras certas. Ela tinha coisas demais para dizer, e muito pouco tempo.

— Você não está fazendo muito sentido — murmurou Kevin. — Você *tomou* alguma coisa?

— Apenas faça o que pedi, Kevin, por favor! Ligarei de novo para você assim que puder, ou escrevei, ou darei um jeito qualquer, mas por favor ligue para Berenice Krueger e diga-lhe tudo o que sabe sobre Kaseph e sobre mim. Diga-lhe que fui eu quem ela viu no festival.

— E como é que vou me lembrar de tudo isso?

— Por favor, dê um jeito. Diga-me que o fará!

— Sim, está bem, farei.

— Tenho de ir! Até logo!

Susan desligou o telefone e saiu correndo da cabina. Tal a seguiu, desviando-se para dentro de prédios tanto quanto possível.

Ele chegou à viela alguns instantes antes dela a fim de verificar o terreno. Encrenca! Outras quatro sentinelas haviam chegado para tomar o lugar das vinte originais, e estavam totalmente alertas. Não havia como saber onde Guilo e as vinte poderiam estar. Tal olhou atrás de si. Susan vinha em disparada.

Tal mergulhou de cabeça pelo calçamento e penetrou fundo na cidade, ganhando velocidade, estendendo a espada prateada. O poder de Deus estava aumentando agora; os santos deviam estar orando em algum lugar. Ele podia senti-lo. Tinha apenas segundos, e sabia disso. Ele verificou sua posição, descreveu um

grande arco subterrâneo distanciando-se do hotel, e então, a quase dois quilômetros de distância, voltou, ganhando velocidade, ganhando velocidade, ganhando velocidade, faiscando, armazenando poder, mais depressa, mais depressa, mais depressa, a espada um ofuscante relâmpago, os olhos em fogo, a terra um borrão ao seu redor, o rugir de cimento, vigas, canos e pedras que ficavam para trás como o ruído de um trem de carga. Ele segurou a espada atravessada, a ponta coruscante pronta para aquele momento infinitesimal.

Mais rápido que um pensamento, como a explosão de um foguete, um fulgurante raio de luz jorrou do chão do outro lado da rua e pareceu cortar o espaço em dois ao precipitar-se pela viela bem diante dos olhos dos quatro demônios. Os demônios, estonteados e cegos, caíram ao chão, tropeçaram, tentaram encontrar um ao outro. 0 raio de luz desvaneceu-se no chão tão depressa quanto apareceu. Susan virou a esquina e entrou na viela, dirigindo-se à janela. Tal dobrou as asas e parou. Tinha de voltar para ajudá-la a passar pela janela antes que algum demônio se recuperasse e desse o alarme. Ele engrenou as asas em violento ímpeto para a frente e fez uma volta apressada.

Susan escalou os engradados e latas e chegou à lixeira. Os demônios começavam a recobrar a visão e esfregavam os olhos. Tal surgiu de trás da saída de incêndio, tentando calcular o tempo que ainda lhe sobrava.

Ótimo! Guilo estava de volta e caiu como um gavião, agarrando Susan e empurrando-a através da janela num instante, segurando-a de maneira que ela não rolasse ao chão do lado de dentro. O próprio Guilo fechou a janela. Tal voou ao encontro de Guilo. — Mais uma vez — gritou ele.

Não precisava dizer mais nada. As quatro sentinelas se haviam recuperado e se precipitavam sobre

eles, e as outras vinte retornavam, furiosas no encalço de Guilo. Tal e Guilo arremeteram para cima e se distanciaram como um raio, perseguidos por um bando de demônios espumando de raiva. Os anjos voaram seguindo um curso bem alto sobre a cidade e contiveram a velocidade apenas o suficiente para encorajar os demônios. Rumando para o oeste, os dois adentraram o céu escuro da noite, deixando um rasto de brilhantes listas brancas atrás de si. Os demônios foram tenazes na perseguição durante centenas de quilômetros, mas afinal Tal voltou-se e descobriu que haviam desistido de segui-los e retornado à cidade. Tal e Guilo aumentaram a velocidade e rumaram para Ashton.

No toalete feminino, Susan enrolou apressada as pernas da calça de brim, apanhou o vestido de gala do gancho e logo recobrou a aparência apropriada ao banquete. Tirou as sapatilhas e as colocou na bolsa, calçou os sapatos de salto, abriu a porta e saiu.

Uma voz masculina do lado de fora da porta do toalete chamou:

— Susan, estão à sua espera!

Ela verificou a aparência no espelho, penteou o cabelo, e tentou acalmar a respiração.

— Mas que pressa — disse ela, provocante.

Com dignidade refinada, ela surgiu no corredor e tomou o braço do acompanhante. Ele a conduziu de volta ao Grande Salão de Baile, agora cheio de gente, levando-a até o seu lugar na mesa principal, fazendo um aceno tranqüilizador ao outro acompanhante.

19

O escritório do Clarim estava enfim recuperando a

boa e saudável eficiência que Marshall gostava de ver, e a nova moça, Carmem, era grandemente responsável por essa melhora. Em menos de uma semana ela havia mais do que preenchido a vaga de Edie, restabelecendo uma rígida rotina no escritório.

Era apenas quarta-feira, e o jornal já estava em pleno movimento, aprontando a edição de sexta-feira. Marshall deteve-se diante da escrivaninha de Carmem, a caminho do café. Ela lhe entregou matéria nova e disse:

— É parte do artigo de Tom. Marshall assentiu com a cabeça.

— Sim, o negócio do departamento de bombeiros...

— Separei-o em três títulos: pessoal, histórico e objetivos, e achei que podíamos publicá-lo em três segmentos. Tom já deixou espaço nas duas próximas colagens e acha que pode arrumar alguma coisa na terceira.

Marshall gostou.

— É, toque em frente, gostei. Que bom você entender a letra do Tom.

Carmem já havia revisado a maior parte do material de sexta-feira e estava quase terminando de preparar a cópia para George, o tipógrafo. Ela havia repassado os livros e acertado todas as contas. Planejava ajudar Tom com a colagem no dia seguinte. Os negativos para o layout do Clube dos Esportistas estavam prontos.

Marshall meneou a cabeça em feliz espanto.

— Bem-vinda a bordo. Carmem sorriu.

— Obrigada, senhor.

Marshall dirigiu-se ao café e serviu duas xícaras. Foi então que percebeu: Carmem havia encontrado o fio dessa máquina boba!

Ele carregou as duas xícaras de volta ao escritório e, ao passar por sua mesa, deu à moça um sorriso de aprovação. A localização da mesa havia sido o seu único pedido no emprego. Perguntara se podia ser removida para um local ao lado da porta do escritório de Marshall, e Marshall acedeu de bom grado. Agora, só precisava voltar-se e dar um berro e ela entrava imediatamente em ação para fazer o que ele pedira.

Marshall entrou no escritório, colocou uma xícara sobre a escrivaninha, e ofereceu a outra ao homem de cabelo comprido, levemente atordoado, sentado no canto. Berenice estava sentada numa cadeira que trouxera juntamente com sua própria xícara de café.

— Bem, onde estávamos? — perguntou Marshall, sentando-se à escrivaninha.

Kevin Weed esfregou o rosto, tomou um gole de café, e tentou apanhar o fio dos pensamentos de novo, olhando no chão em seu redor como se os tivesse deixado cair ali em algum lugar.

Marshall instigou:

— Muito bem, deixe-me pelo menos ter certeza de que entendi o que disse: Você costumava ser... conhecido de Susan, e ela foi a companheira de quarto de Pat Krueger, irmã de Berenice. Estou certo até aqui?

Weed assentiu com a cabeça.

— É, sim, está certo.

— E então o que Susan estava fazendo no festival?

— Sei lá. Como já disse, ela apareceu atrás de mim e disse oi, e eu nem a estava procurando. Não podia acreditar que era ela, entende?

— Mas ela pegou o número do seu telefone e depois ligou para você ontem à noite...

— É, toda em órbita, nervosa. Foi uma loucura.

Ela não dizia coisa com coisa.

Marshall olhou para Weed e Berenice e perguntou à moça:

— E essa é a mesma mulher com cara de fantasma que você fotografou aquela noite?

Berenice estava convicta.

— As descrições que Kevin me deu se encaixam perfeitamente com a mulher que vi, e também a do homem mais velho que estava com ela.

— Sim, Kaseph —. Kevin pronunciou o nome como se tivesse gosto ruim.

— Muito bem — e Marshall fez uma lista mental. — Então vamos falar desse Kaseph primeiro, depois falaremos de Susan, e depois falaremos de Pat. Berenice tinha o bloco de anotações na mão.

— Faz idéia de qual seja o nome completo de Kaseph? Weed forçou o cérebro.

— Alex... Alan... Alexander... algo assim.

— Mas começa com A.

— Certo. Marshall perguntou:

— O que ele é? Weed respondeu:

— O novo namorado de Susan, foi por causa dele que ela me chutou.

— Mas, e o que ele faz? Onde trabalha? Weed abanou a cabeça.

— Não sei. Mas ele tem grana. Vive fazendo rolos. A primeira vez que ouvi falar dele, ele estava arrodeando Ashton e a faculdade, e falando de comprar propriedades e coisas desse tipo. Cara, o sujeito tinha grana e queria que todo o mundo ficasse sabendo disso.

Então ele se lembrou:

— Oh, Susan disse que ele está tentando tomar a cidade...

— Que cidade? *Esta?*

— Acho que sim. Berenice perguntou:

— E de onde ele é?

— Do Leste, talvez de Nova York. Acho que é o tipo de cara de cidade grande.

Marshall disse a Berenice:

— Faça uma nota para eu chamar Al Lemley no Times. Ele pode conseguir descobrir esse sujeito se ele estiver em Nova York —. Berenice tomou nota. Marshall perguntou a Weed:

— O que mais você sabe a respeito dele?

— Ele é esquisito, cara. Está metido com negócios esquisitos. Marshall estava ficando impaciente.

— Vamos, faça um pouco mais de força. Weed mexeu e remexeu na cadeira.

— Bem, sabe, ele era como um guru, ou um feiticeiro, ou algum tipo de bruxo em órbita, e ele envolveu Susan em todo esse negócio.

Berenice instigou:

— Você está falando de misticismo oriental?

— Sim.

— Religiões pagãs, meditação?

— Sim, sim, todo esse tipo de coisa. Ele estava metido em tudo isso, ele e aquela professora da faculdade, como é mesmo o nome dela... Marshall estava enjoado do nome.

— Langstrat.

O rosto de Weed animou-se, relembrando.

— Sim, essa mesmo.

— Kaseph e Langstrat eram associados? Eram amigos?

— Sim, claro. Eles davam juntos umas aulas à noite, eu acho, as que Susan freqüentava. Kaseph era um figurão visitante ou algo assim. Todo mundo estava impressionado com ele. Ele me fazia arrepiar os cabelos.

— Certo, então Susan estava freqüentando essas aulas...

— E ela ficou louca, e estou dizendo louca. Cara, ela não podia ter ficado mais em órbita com mescalina. Eu nem podia mais falar com ela. Ela estava sempre perdida no espaço.

Weed continuou a falar, pondo-se em movimento um pouco por conta própria.

— Foi isso que realmente começou a me chatear, como ela e o resto daquela turma começou a ter segredos e falar em códigos e não me dizer do que estavam falando. Susan me dizia apenas que eu não era esclarecido e não compreenderia. Cara, ela simplesmente deu tudo o que tinha àquele tal Kaseph e ele a tomou, e estou dizendo que realmente a tomou. Ele é o dono dela agora. Ela se foi. Já era.

— E a Langstrat estava metida em tudo isso?

— Oh, sim, mas Kaseph era o verdadeiro chefão. Ele era o guru, sabe. Langstrat era o seu cachorrinho de estimação.

Berenice disse:

— E agora Susan pega o número do seu telefone e liga para você depois de todo esse tempo.

— Ela estava apavorada — disse Weed. — Está em apuros. Ela me disse que entrasse em contato com vocês e contasse o que eu sabia, e disse que tinha informação

a respeito de Pat.

Berenice ansiava por saber.

— Ela disse que tipo de informação?

— Não, nada. Mas ela quer entrar em contato com você.

— Bem, por que ela não me liga?

Essa pergunta ajudou Weed a lembrar-se de algo.

— Oh, sim, ela acha que o seu telefone pode estar grampeado. Marshall e Berenice ficaram em silêncio por um momento. Esse era um comentário que não sabiam se deveriam levar a sério. Weed acrescentou:

— Acho que ela me ligou para eu ser um intermediário, passar a informação a vocês.

Marshall arriscou:

— Como se você fosse a única pessoa em quem ela ainda pode confiar?

Weed apenas deu de ombros. Berenice perguntou:

— Bem, e o que você sabe a respeito de Pat? Susan contou-lhe alguma coisa quando vocês namoravam?

Uma das empreitadas mais dolorosas para Weed era tentar lembrar-se das coisas.

— Ah... ela e Pat eram boas amigas, por uns tempos, pelo menos. Mas, entende, Susan não quis mais saber da gente quando começou a correr atrás da turma do Kaseph. Ela meio que me afastou, e também à Pat. Elas não se deram muito bem depois disso, e Susan ficava a dizer como Pat era... ah... parecida comigo, tentando atrapalhar, não esclarecida, arrastando os pés.

Marshall pensou na pergunta e não esperou que Berenice a fizesse.

— Então você diria que essa turma do Kaseph pode ter considerado Pat como inimiga?

— Cara... — Weed lembrou-se de outras coisas. — Ela realmente se arriscou, isto é, atrapalhou. Ela e Susan tiveram uma briga feia certa fez a respeito das coisas com que Susan estava metida. Pat não confiava em Kaseph e vivia dizendo a Susan que ela estava se submetendo a uma lavagem cerebral.

Os olhos de Weed brilharam.

— Sim, falei com Pat uma vez. Estávamos num jogo, e falamos a respeito daquilo em que Susan estava-se metendo e de como Kaseph a estava controlando, e Pat estava muito nervosa com a história, da mesma maneira que eu. Acho que Pat e Susan realmente tiveram umas brigas relacionadas com isso até que Susan se mudou do dormitório e fugiu com Kaseph. Ela não apareceu mais nas aulas.

— Então Pat arrumou inimigos, isto é, inimigos de verdade? Weed continuou a desenterrar coisas que haviam estado enterradas debaixo dos anos e do álcool.

— Ah, sim, talvez tenha arrumado. Foi depois que Susan fugiu com esse Kaseph. Pat contou-me que ela ia fazer uma devassa em tudo aquilo de uma vez por todas, e acho que ela pode ter ido ver a Langstrat algumas vezes. Pouco depois, encontrei-a de novo. Estava num refeitório do campus, e estava com cara de quem não havia dormido por muitos dias, e perguntei-lhe como ia, e ela mal falou comigo. Perguntei-lhe como a investigação estava indo, sabe, do Kaseph e da Langstrat e todo esse negócio, e ela disse que tinha parado de mexer com aquilo, que realmente não era grande coisa. Achei aquilo um tanto esquisito, já que ela estava tão amolada com a questão antes. Perguntei-lhe: "Ei, eles estão atrás de você agora?" e ela não quis tocar no assunto, disse que eu não compreenderia. Depois disse algo acerca de algum instrutor, um sujeito que a estava

ajudando e que ela estava bem, e acabei percebendo que ela não queria que eu metesse o nariz na vida dela, por isso mais ou menos deixei-a lá.

— O comportamento dela lhe pareceu estranho? — perguntou Berenice?

— Sim, muito. Se ela não tivesse ido tão contra toda a turma do Kaseph e da Langstrat, eu teria pensado que era uma deles; aquele mesmo aspecto abobalhado, perdido no espaço havia tomado conta dela.

— Quando? Quando foi exatamente que você a viu pela última vez?

Weed sabia mas detestava dizer.

— Um pouco antes de ela ser encontrada morta.

— Ela parecia atemorizada? Deu qualquer indicação de algum inimigo, qualquer coisa assim?

Weed fez uma careta, tentando recordar-se.

— Ela não quis falar comigo. Mas eu a vi mais uma vez depois disso, e tentei perguntar-lhe acerca de Susan, e ela agiu como se eu fosse um assaltante ou coisa parecida... ela berrou: "Deixe-me em paz, deixe-me em paz!" e tentou se afastar e então viu que era eu, e olhou em volta como se alguém a estivesse seguindo...

— Quem? Ela disse quem? Weed fitou o teto.

— Oh... qual é o nome daquele cara?

Berenice inclinou-se para a frente, presa às palavras do homem.

— *Havia* alguém?

— Thomas, algum sujeito chamado Thomas.

— Thomas! Alguma vez ela mencionou o sobrenome dele?

— Não me lembro de nenhum sobrenome. Nunca

encontrei o sujeito, nunca o vi, mas certamente ele deve ter sido o dono dela. Ela agia como se ele a estivesse seguindo por todo o canto, falando com ela, talvez ameaçando, não sei. Ela parecia ter muito medo dele.

— Thomas — sussurrou Berenice. Ela disse a Weed:

— Há alguma coisa mais a respeito desse Thomas? Qualquer coisa que seja?

— Nunca vi o sujeito... ela não disse quem ele era ou onde ela iria encontrá-lo. Mas a coisa toda era meio estranha. Num minuto ela estava falando como se ele fosse a melhor coisa que lhe havia acontecido, e então no próximo minuto se escondia e dizia que ele a estava seguindo.

Berenice ergueu-se e dirigiu-se à porta.

— Acho que temos uma lista da faculdade em algum canto —. Ela pôs-se a procurar nas escrivaninhas e estantes do escritório da frente.

Weed ficou em silêncio. Tinha o aspecto cansado. Marshall assegurou-lhe:

— Você está-se saindo bem, Kevin. Ei, já faz algum tempo.

— Ah... não sei se isto é importante...

— Considere tudo importante.

— Bem, esse negócio de Pat ter um novo instrutor... acho que alguns da turma do Kaseph, talvez fosse Susan, eles tinham instrutores.

— Mas entendi que Pat não queria ter nada com aquele grupo.

— Sim, é, é mesmo. Marshall mudou de rumo.

— Então, onde você se encaixava em tudo o que estava acontecendo, além de seu relacionamento com

Susan?

— Ei, em parte alguma! Eu não quis saber de nada daquilo, cara.

— Você estudava na faculdade?

— Sim, fazendo contabilidade. Cara, quando tudo isso começou a deslanchar e depois Pat se matou, dei o fora depressa. Eu não queria ser o próximo, entende? — Ele fitou o chão. — Minha vida nada mais tem sido do que um inferno desde então.

— Você está trabalhando?

— Sim, na madeireira dos Irmãos Gorst, um pouco acima de Baker —. Ele meneou a cabeça. — Não achava que fosse ver Susan novamente.

Marshall voltou-se para a mesa e procurou um papel.

— Bem, temos de nos manter em contato. Dê-me o número do seu telefone e endereço, do serviço e particular.

Weed deu a informação.

— E se eu não estiver aí, provavelmente pode me encontrar no Bar Sempre-Verde em Baker.

— Está bem, ouça, se tiver alguma outra notícia de Susan, avise-nos, de dia ou de noite —. Ele acrescentou o número do telefone de casa no cartão e o entregou a Weed.

Berenice voltou com a lista.

— Marshall, há um telefonema para você. Acho que é urgente — disse ela. Em seguida voltou-se para Weed:

— Kevin, vamos para a outra sala e examinemos esta relação. Talvez encontremos o nome completo daquele sujeito.

Weed saiu com Berenice enquanto Marshall apanhava o telefone.

— Hogan — disse ele.

— Hogan, aqui é Ted Harmel. Marshall tateou à procura de um lápis.

— Oi, Ted. Obrigado por ligar.

— Então você falou com Eldon...

— E Eldon falou com você? Harmel suspirou e disse:

— Você está em apuros, Hogan. Darei uma entrevista. Tem um lápis à mão?

— Pronto. Pode falar.

Berenice tinha acabado de se despedir de Weed quando Marshall apareceu na porta do escritório com um pedaço de papel na mão.

— Alguma coisa? — perguntou ele.

— Nada de nada. Não há nenhum Thomas, nome ou sobrenome.

— Ainda assim é uma pista.

— Quem foi que telefonou? Marshall apresentou o pedaço de papel.

— Graças a Deus por pequenos favores. Foi Ted Harmel —. Berenice ficou bem mais animada quando Marshall explicou:

— Ele quer-me ver amanhã, e aqui estão as informações de como chegar lá. Deve ser um fim-de-mundo. O cara ainda está todo paranóico; estou surpreso de que ele não me tenha feito ir disfarçado.

— Ele não disse nada a respeito de tudo isto?

— Não, não pelo telefone. Tem de ser apenas nós dois, em particular.

Marshall inclinou-se de leve e disse:

— Ele é outro que acha que o nosso telefone pode estar grampeado.

— E como podemos verificar se está ou não?

— Tome isso como uma de suas tarefas. E aqui está o restante delas —. Berenice pegou o bloco de anotações de sobre a escrivaninha e fez a sua própria lista enquanto Marshall ia falando. — Verifique a lista telefônica de Nova York...

— Já verifiquei. Nenhum A. Kaseph consta dela.

— Risque essa. Próxima: Dê uma olhada nas agências imobiliárias. Se Weed estiver certo a respeito de Kaseph procurar propriedades por aqui, algumas dessas pessoas poderiam saber alguma coisa. E eu procuraria na lista de propriedades comerciais também.

— Hum-hum.

— E enquanto estiver fazendo isso, descubra o que puder sobre seja lá quem for o proprietário da mercearia do Joe.

— Não é o Joe?

— Não. A mercearia era de Joe e Angelina Carlucci. Quero saber aonde eles foram parar e quem é o novo dono da mercearia. Veja se consegue algumas boas respostas.

— E você ia entrar em contato com o seu amigo do Times.

— Sim, Lemley —. Marshall acrescentou uma nota ao seu pedaço de papel.

— Só isso?

— Por enquanto. Enquanto isso, voltemos a cuidar do jornal.

O tempo todo, durante a reunião com Weed e a

conversa que se seguiu, Carmem estava sentada à sua mesa, muito ocupada e fazendo de conta que não tinha ouvido nem uma palavra.

A manhã havia sido apertada, com o prazo do próximo número galopando ao encontro deles, mas até o meio-dia a colagem estava pronta para a tipografia e o escritório teve a oportunidade de voltar ao ritmo normal.

Marshall ligou para Lemley, seu antigo confrade no *Times* de *Nova York.* Lemley recebeu a informação que Marshall possuía acerca desse estranho personagem Kaseph, dizendo que encetaria a busca imediatamente. Marshall desligou o telefone com uma mão e agarrou o paletó com a outra; sua próxima parada era o encontro daquela tarde com o recluso Ted Harmel.

Berenice saiu para as tarefas designadas. Estacionou o carro vermelho no estacionamento do que fora a mercearia do Joe, e que agora se chamava Ashton Mercantil, e entrou no estabelecimento. Cerca de meia hora mais tarde, ela voltou ao carro e foi embora. Tinha sido uma viagem perdida: ninguém sabia nada, apenas trabalhavam lá, o gerente não estava, e não tinham a mínima idéia de quando ele voltaria. Alguns jamais tinham ouvido falar de Joe Carlucci, alguns tinham mas não sabiam aonde ele tinha ido parar. O auxiliar do gerente finalmente pediu-lhe que parasse de amolar os empregados na hora de trabalho. Era isso o que conseguira ao procurar boas respostas.

Agora, toca a procurar as imobiliárias.

A Imobiliária Johnson-Smythe ocupava uma casa antiga reformada como escritório, localizada na orla do distrito comercial; a casa ainda tinha um jardim muito gracioso na frente, com uma espécie de sequóia alta plantada no meio e uma caixa de correspondência original, imitando uma cabana de toras, na frente.

Dentro, era cálida e aconchegante, e silenciosa. Duas escrivaninhas ocupavam o que antigamente era sala de estar; as duas estavam desertas no momento. Nas paredes encontravam-se quadros de avisos com fotos de casa após casa, com cartões debaixo de cada foto descrevendo o prédio, a propriedade, a vista, proximidade de lojas e assim por diante, e por último, mas não menos importante, o preço. Puxa, o que as pessoas estavam pagando esses dias por uma casa!

A uma terceira escrivaninha no que tinha sido a sala de jantar, uma jovem pôs-se de pé e sorriu para Berenice.

— Olá, em que posso servi-la?

Berenice sorriu também, apresentou-se, e perguntou:

— Preciso fazer uma pergunta que pode parecer um tanto estranha, mas aqui vai. Está pronta?

— Pronta.

— Vocês trataram de algum negócio com alguém pelo nome de A. Kaseph no ano passado?

— Como se escreve esse nome?

Berenice soletrou-o para ela, depois explicou.

— Sabe, estou tentando entrar em contato com ele. É uma questão pessoal. Gostaria de saber se você teria um número telefônico ou endereço, ou qualquer coisa.

A moça olhou o nome que havia acabado de escrever num pedaço de papel e disse:

— Bem, sou nova aqui, por isso não sei, mas deixe-me perguntar à Rosemary.

— Enquanto isso, importa-se se eu der uma olhada no seu arquivo de microfilme?

— Pode olhar. Você sabe como funciona?

— Sim.

A moça dirigiu-se aos fundos onde Rosemary, aparentemente a chefe, tinha o escritório. Berenice podia ouvir Rosemary falando no telefone. Obter resposta dela poderia demorar um pouco.

Berenice foi ao monitor de microfilmes. Por onde começar? Ela olhou um mapa de Ashton e vizinhanças na parede e encontrou a localização da mercearia do Joe. As centenas de pequenas placas de celulóide estavam arranjadas por Seção, Cidade, Divisões, e os números de ruas. Berenice teve de olhar para diante e para trás ao tentar obter todos os números do mapa. Finalmente achou que poderia ter encontrado o microfilme certo para colocar no monitor.

— Com licença — veio uma voz. Era Rosemary, marchando pelo corredor em sua direção com uma expressão sombria no rosto. — Srta. Krueger, sinto muito, mas os microfilmes são para uso exclusivo de nosso pessoal. Há alguma coisa que a senhorita gostaria que eu procurasse...

Berenice manteve-se calma e tentou fazer com que as coisas continuassem a fluir.

— Claro, desculpe. Eu estava tentando descobrir quem é o novo proprietário da mercearia do Joe.

— Eu não saberia dizer.

— Bem, achei que poderia estar em algum lugar aqui na máquina.

— Não, acho que não. Faz algum tempo desde que as fichas foram atualizadas.

— Bem, poderíamos olhar mesmo assim? Rosemary ignorou totalmente a pergunta.

— Alguma outra coisa que a senhorita deseja

saber? Berenice manteve-se firme e inabalável.

— Ora, a minha pergunta original ainda não foi respondida. Vocês fizeram algum negócio com alguém chamado Kaseph no ano passado?

— Não, nunca ouvi falar nesse nome.

— Bem, talvez outra pessoa da sua equipe...

— Eles também nunca ouviram falar —. Berenice estava prestes a questionar essa resposta, mas Rosemary interrompeu com:

— Eu saberia. Conheço todos os clientes deles. Berenice pensou em mais uma coisa.

— Vocês não teriam um... um fichário de referências cruzadas, teriam...

— Não, não temos — respondeu Rosemary muito abrupta. — Agora, mais alguma coisa?

Berenice estava cansada de ser educada.

— Bem, Rosemary, mesmo que tivesse, estou certa de que você não poderia ou estaria disposta a fornecê-lo. Estou indo agora, pode respirar aliviada.

Ela saiu às pressas, sentindo que lhe haviam mentido muito.

20

Marshall estava começando a preocupar-se com os amortecedores. Essa velha estrada de madeireiros tinha mais buracos do que asfalto; aparentemente já não era muito usada pelas serrarias, mas havia sido deixada aos caçadores e excursionistas que conheciam a área o suficiente para não se perder. Marshall não a conhecia. Ele olhou novamente às instruções rabiscadas

e depois ao odômetro. Puxa, os quilômetros passam devagar em estradas como esta!

Sacolejando, Marshall contornou uma curva pedregosa e finalmente viu um veículo adiante, estacionado ao lado da estrada. Sim, um velho Corcel. Era Harmel. Marshall encostou atrás do Corcel e saiu. Ted Harmel desceu do carro, vestido em trajes apropriados ao ar livre: camisa de lã, calças de brim desbotadas, botas, boné de lã. Seu aspecto correspondia ao tom de voz: exausto e apavorado.

— Hogan? — perguntou.

— Sim — disse Marshall, estendendo a mão. Harmel apertou-a e então voltou-se bruscamente.

— Venha comigo.

Marshall seguiu-o por um trilho que subia por entre árvores altas, toras, pedras e vegetação rasteira. Marshall estava de terno e os sapatos definitivamente eram do tipo errado para aquele terreno, mas não seria ele quem reclamaria; recapturara a caça que havia fugido.

Finalmente Harmel pareceu dar-se por satisfeito com o isolamento que haviam alcançado. Encaminhou-se a uma enorme tora ressecada e descorada pelas estações, e sentou-se sobre ela. Marshall sentou-se ao seu lado.

— Quero agradecer o ter-me chamado — disse Marshall abrindo o diálogo.

— Nunca tivemos este encontro — disse Harmel abruptamente. — Está de acordo?

— Conte comigo.

— Agora, o que sabe a meu respeito?

— Não muito. Você foi o redator do *Clarim,* Eugene Baylor e os outros diretores da faculdade estiveram

envolvidos no seu caso, você e Eldon Strachan são amigos... — Marshall repassou rapidamente tudo o que conseguira descobrir, em grande parte o que ele e Berenice tinham coligido de antigos artigos do *Clarim.*

Harmel assentiu com a cabeça.

— Sim, tudo isso é verdade. Eldon e eu ainda somos amigos. Passamos basicamente pela mesma coisa, por isso temos uma espécie de companheirismo. Quanto ao molestamento de Maria Jarred, a menina de Adam Jarred, foi um embuste estranho. Não sei quem a preparou, ou como, mas alguém fez aquela menina dizer todas as palavras certas à polícia. Acho muito significativo o fato de a questão toda ter sido engavetada na surdina. O que disseram que eu fiz é crime; não se dispõe de uma coisa desse tipo debaixo de um quieto assim.

— Por que aconteceu, Ted? O que você fez para trazer uma coisa dessas sobre si?

— Envolvi-me demais. Você tem razão quanto a Juleen e os outros. É uma sociedade secreta, um clube, toda uma rede de pessoas. Ninguém guarda segredo de nenhum dos outros. Os olhos do grupo estão por toda a parte; vigiam o que a pessoa faz, o que diz, o que pensa, como se sente. Estão trabalhando em prol do que chamam de Mente Universal, o conceito de que mais cedo ou mais tarde todos os habitantes do mundo darão um gigantesco salto evolucionário e se unirão em um cérebro global, uma percepção transcendental —. Harmel se deteve e olhou para Marshall.— Estou soltando tudo conforme vai-me ocorrendo. Está fazendo sentido?

Marshall teve de comparar o que Harmel estava "soltando" com aquilo que ele já sabia.

— Cada pessoa afiliada à rede exclusiva aceita essas idéias?

— Sim. A coisa toda é estruturada ao redor de

idéias de ocultismo, misticismo oriental, percepção cósmica. É por isso que meditam e fazem leituras psíquicas e tentam unificar as mentes...

— É isso o que fazem nas sessões de terapia com a Langstrat?

— Sim, exatamente. Cada pessoa que se associa à rede passa por certo processo de iniciação. Reúne-se com Juleen e aprende a alcançar estados alterados de percepção, poderes psíquicos, experiências fora do corpo. As sessões podem constituir de apenas uma pessoa, ou diversas, mas Juleen está no centro de tudo, como guru, e todos nós éramos seus discípulos. Todos nos tornamos como um, um organismo crescente, interdependente, tentando tornar-nos um com a Mente Universal.

— Você disse algo acerca de... unificar as mentes?

— Percepção Extra-Sensorial, telepatia, seja lá o que for. Os pensamentos da pessoa não lhe pertencem, nem tampouco a vida. A pessoa não passa de um segmento do todo. Juleen é muito hábil em coisas desse tipo. Ela... ela conhecia cada pensamento meu. Ela me possuía... — Harmel teve dificuldade em falar sobre essa parte. Tornou-se tenso, a voz falhou e o volume diminuiu. — Talvez ainda me possua. Às vezes, ouço-a a me chamar... movendo-se pelo meu cérebro.

— Ela possui todos os outros também? Harmel assentiu com a cabeça.

— Sim, todos possuem todos, e não se deterão enquanto não possuírem toda a cidade. Eu podia ver que era nisso que daria. Qualquer pessoa que os atrapalha desaparece subitamente. É por isso que ainda estou sem saber o que aconteceu a Edie. Desde que esse negócio todo começou a ocorrer, fico desconfiado quando alguém desaparece de repente...

— Que perigo Edie podia representar para eles?

— Talvez ela seja apenas mais um passo para a sua eliminação. Não me surpreenderia. Eles eliminaram Eldon, me eliminaram, eliminaram Jefferson...

— Quem é Jefferson?

— O juiz distrital. Não sei como o conseguiram, mas, de repente, ele resolveu que não queria ser reeleito. Vendeu a casa, deixou a cidade, e ninguém ouviu falar nele desde então.

— E agora Baker ocupa o lugar dele...

— Ele faz parte da rede. É possuído.

— E então, você sabia disso na ocasião em que seu pequeno crime foi resolvido na surdina?

Harmel assentiu com a cabeça.

— Ele me disse que podia criar um caso muito feio para mim, entregar-me nas mãos do promotor municipal e aí estaria fora de sua jurisdição. Ele sabia muito bem que era uma fraude! Era cheque-mate e aceitei o que ele ofereceu. Saí da cidade.

Marshall tirou um bloco de anotações e a caneta.

— Quem mais você conhece que pertence ao bando? Harmel desviou o olhar.

— Se eu lhe contar demais, saberão que fui eu a fonte. Você terá de descobrir por si mesmo. Tudo o que posso fazer é orientá-lo na direção certa. Verifique o gabinete do prefeito e a câmara dos vereadores; veja quem é novo ali e quem foi substituído. Tem havido muitas substituições ultimamente —. Marshall anotou. — Você tem o Brummel?

— Sim, Brummel, Young, Baker.

— Verifique o comissário municipal de terras, e o presidente do Banco Independente, e... — Harmel sondava a memória. — O tesoureiro municipal.

— Ele está na minha lista.

— O conselho diretor da faculdade?

— Sim. Escute, não foi o arrufo com eles que o levou a ser expulso da cidade?

— Apenas em parte. Eu já não estava sob o controle deles. Atrapalhava. A rede deu um jeito em mim antes que eu lhes causasse dano. Mas não há como prová-lo. De qualquer forma, não importa. A coisa toda é grande demais; é como um enorme organismo, um câncer que vai-se espalhando. Você não pode ir atrás de apenas uma das partes como os diretores e pensar que mata a coisa toda. Está em toda a parte, em todos os níveis. Você é religioso?

— Num sentido meio limitado, acho.

— Bem, vai precisar de alguma *coisa* para a luta. É espiritual, Hogan. Não dá ouvidos à razão, nem à lei, ou a nenhum conjunto de leis morais além do seu próprio. Eles não acreditam em nenhum Deus, *eles* são Deus —. Harmel fez uma pausa a fim de se acalmar e então principiou em tom diferente. — Comecei a envolver-me com Juleen quando quis escrever uma história acerca da assim chamada pesquisa que ela estava fazendo. Fiquei intrigado com tudo aquilo, a parapsicologia, os estranhos fenômenos que ela estava documentando. Comecei também a fazer sessões de *aconselhamento* com ela. Deixei-a ler e fotografar minha aura e meu campo de energia. Deixei que ela me sondasse a mente e fundisse os nossos pensamentos. Na realidade, entrei para aquilo à procura de uma novidade, mas fui fisgado. Não consegui me afastar. Depois de certo tempo comecei a participar de algumas das mesmas coisas com as quais ela estava profundamente envolvida: eu saía do corpo, ia para o espaço, conversava com meus instrutores — Harmel se deteve. — Oh, cara, está certo: você nunca vai acreditar em nada do que eu disse!

Marshall foi firme, e talvez realmente acreditasse.

— Diga-me, de qualquer modo.

Harmel cerrou os dentes e voltou os olhos para o céu. Tateou, gaguejou, empalideceu.

— Não sei. Acho que não posso contar. Eles descobrirão.

— Quem descobrirá?

— A rede.

— Estamos no meio do mato, Ted!

— Não importa...

— Você usou a palavra instrutores. Quem são eles?

Harmel apenas ficou sentado, tremendo, o terror esculpido em seu rosto.

— Hogan — disse afinal — ninguém pode traí-los. Não lhe posso dizer! Eles saberão!

— Mas quem são? Pode pelo menos dizer-me isso?

— Nem sei se são reais — murmurou Harmel. — Eles apenas estão. .. ali, isso é tudo. Professores íntimos, guias espirituais, mestres elevados... são chamados de todo o tipo de coisa. Mas qualquer pessoa que siga os ensinamentos de Juleen por muito tempo invariavelmente acaba se envolvendo com eles. Eles aparecem sem a gente saber de onde vêm, falam com a gente, às vezes aparecem quando se está meditando. Há vezes em que a própria pessoa os visualiza, mas depois eles assumem vida e personalidade próprias... já não é apenas a sua imaginação.

— Mas o que são eles?

— Seres... entidades. Às vezes são como pessoas de verdade, às vezes ouve-se apenas uma voz, às vezes apenas sente-se a presença delas, como espíritos,

suponho. Juleen trabalha para eles, ou talvez eles trabalhem para ela, não sei como a coisa funciona. Mas não se pode esconder deles, não se pode fugir, não se pode fazer nada em segredo. São parte da rede e a rede sabe tudo, controla tudo. Juleen me controlava. Chegou a interpor-se entre mim e Gail. Perdi minha esposa por causa desse negócio. Comecei a fazer tudo o que Juleen mandava... ela me chamava no meio da noite e me dizia que fosse à sua casa, e eu ia. Ela me dizia que não publicasse certa história, eu não publicava. Ela me dizia que tipo de notícias publicar e eu publicava, exatamente como ela mandava.

— Ela me possuía, Hogan. Podia ter-me dito que pegasse um revólver e me matasse, e talvez eu o tivesse feito. Você precisa conhecê-la para entender o que estou dizendo.

Marshall lembrou-se de estar em pé no corredor do lado de fora da classe de Juleen Langstrat sem saber como fora parar lá.

— Acho que entendo.

— Mas Eldon descobriu o que estava acontecendo com as finanças da faculdade, e nós dois averiguamos a coisa, e ele estava certo. A faculdade estava a caminho do desastre, e estou certo de que ainda está. Eldon tentou detê-la, endireitar toda a bagunça. Tentei ajudá-lo. Juleen veio atrás de mim imediatamente e fez todo o tipo de ameaça. Acabei indo em duas direções, fiel a duas causas diferentes. Era como ser rasgado ao meio por dentro. Talvez tenha sido o que me fez despertar; resolvi que já não seria controlado, nem pela rede, nem por ninguém. Eu era jornalista; tinha de publicar as coisas da forma como as via.

— E eles deram um jeito em você.

— Veio totalmente de surpresa. Bem, talvez não totalmente. Quando a polícia foi ao jornal e me prendeu,

eu quase sabia do que se tratava. Era algo que eu podia ter predito pela forma como Juleen e os outros me ameaçaram. Eles já haviam feito esse tipo de coisa antes.

— Por exemplo?

— Não posso deixar de pensar que os escritórios imobiliários, os registros de impostos, qualquer informação que possa obter acerca das propriedades na cidade poderiam mostrar algo. Não pude investigar esse lado quando era redator, mas todas as recentes transações imobiliárias não me pareciam muito corretas.

O negócio imobiliário não estava parecendo muito correto a Berenice também. Assim que ela chegou à frente da Imobiliária Tyler e Filhos, viu o dono, Albert Tyler, fechando o prédio e aprontando-se para sair.

Ela abriu a janela do carro e perguntou:

— Escute, vocês não ficam abertos até às 5:00hs? Tyler sorriu e deu de ombros.

— Não nas quintas.

Berenice leu o horário na porta da frente.

— Mas o horário diz segunda a sexta, das 10:00 às 5:00hs. Tyler mostrou-se um tanto irritado.

— Não nas quintas, já disse!

Berenice notou o filho de Tyler, Calvin, saindo em seu Fusca de trás do prédio. Ela saltou do carro e acenou-lhe que parasse. De má vontade, ele parou e abriu a janela.

— O que é? — perguntou.

— Vocês geralmente não ficam abertos até às 5:00hs nas quintas? Calvin deu de ombros e fez uma careta.

— E eu sei lá? O velho diz vão para casa, e todos nós vamos para casa.

Ele se foi. O "velho" Tyler estava entrando em seu carro. Berenice correu até ele e abanou a mão chamando-lhe a atenção.

A essa altura ele estava realmente zangado. Abriu a janela e disse asperamente:

— Dona, já fechamos e tenho de ir para casa!

— Eu queria apenas examinar o seu arquivo de microfilmes. Preciso de informação sobre uma propriedade.

Ele abanou a cabeça.

Não posso ajudá-la, de qualquer forma. Nosso arquivo de microfilmes está quebrado.

— O quê...?

Mas Tyler fechou a janela e se foi, cantando os pneus de leve. Berenice gritou enraivecida após ele:

— Rosemary o avisou?

Ela se dirigiu às pressas ao carro. Havia ainda a Primeira Imobiliária da Cidade. Ela sabia que seu proprietário dava uma mão ao time juvenil de beisebol nas tardes de quinta-feira. Talvez a outra garota que trabalhava lá não soubesse quem ela era.

Harmel tinha um aspecto sombrio e abatido quando disse:

— Eles acabarão com você, Hogan. Têm influência e as conexões a fim de fazê-lo. Olhe para mim: perdi tudo o que possuía, perdi minha esposa e minha família... eles me depenaram. Farão o mesmo com você.

Marshall queria respostas, não vaticínios de mau agouro.

— O que sabe acerca de um sujeito chamado Kaseph? Harmel fez uma careta de renovado desprazer.

— Vá atrás dele. Ele pode ser a fonte de toda a encrenca. Juleen adorava esse cara. Todo o mundo fazia o que Juleen mandava, mas ela fazia o que ele mandava.

— Você sabe se ele estava procurando alguma propriedade em Ashton?

— Ele estava babando pela faculdade, disso eu sei. Marshall surpreendeu-se.

— A faculdade? Continue.

— Não cheguei a ter a chance de investigar isso, mas pode ser que haja algo aí. Ouvi conversa na Rede de que a faculdade seria totalmente tomada por alguns maiorais da Rede, e Eugene Baylor passava muito tempo conversando sobre dinheiro com Kaseph ou seus representantes.

— Kaseph estava tentando comprar a faculdade?

— *Ainda* não comprou. Mas acabou comprando tudo o mais na cidade.

— O quê, por exemplo?

— Uma porção das casas, disso sei, mas não consegui descobrir muita coisa. Como já disse, examine os registros de impostos ou as agências imobiliárias a fim de saber se ele está comprando outras coisas. Sei que tinha o dinheiro para fazê-lo —. Harmel puxou um envelope de papel amarelo rasgado de debaixo da jaqueta. — E tire-me isto das mãos, está bem?

Marshall apanhou o envelope.

— O que é?

— Uma maldição, isso é o que é. Algo acontece a quem o possuir.

O contador amigo de Eldon, Ernie Johnson, me

deu, e acho que Eldon lhe tenha dito o que aconteceu *ao homem?*

— Ele me contou.

— Contém o que Johnson encontrou no departamento de contabilidade da faculdade.

Marshall não conseguia acreditar na sua sorte.

— Você deve estar brincando. Eldon sabe a respeito disto?

— Não, eu mesmo acabei de encontrar esses papéis, mas não se ponha a dançar ainda. É melhor arranjar um contador amigo seu a fim de tentar decifrá-los. Não fazem muito sentido para mim... Acho que falta a outra metade dele.

— É um começo. Obrigado.

— Se você quiser brincar com teorias, experimente esta: Kaseph vem a Ashton e quer comprar tudo em que consegue pôr as mãos. A faculdade não está nem pensando em venda. Logo a seguir, graças a Baylor, a faculdade se mete em apuros financeiros tão profundos que vender pode ser a única forma de sair da encrenca. De repente, a oferta de Kaseph não está tão fora de cogitação e a essa altura o conselho diretor está lotado de gente que concorda com a venda.

Marshall abriu o envelope e folheou as páginas e páginas de fotocópias de colunas e números.

— E você não conseguiu encontrar nenhuma pista nisto tudo?

— Não é de mais pista que você precisa, não tanto quanto de prova. O que precisa realmente achar é quem está no outro lado de todas essas transações.

— Os amigos de Kaseph, talvez?

— Com todos os amigos e associados que ele tem naquela faculdade, eu não ficaria surpreso se Kaseph

estivesse voltando a comprá-la com dinheiro da própria faculdade!

— Essa é uma teoria e tanto. Mas o que um homem como esse iria querer com uma cidadezinha, ou mesmo com toda uma faculdade?

— Hogan, um sujeito com o poder e a grana que aquele cara parece possuir poderia tomar toda a cidade de Ashton e fazer o que quisesse com ela. Acho que, em grande parte, ele já conseguiu isso.

— Como sabe?

— Apenas averigúe.

21

Berenice tinha pressa. Ela estava na sala dos fundos da Primeira Imobiliária da Cidade, repassando o arquivo de microfilmes. Carla, a garota da recepção, era nova no emprego e na cidade o bastante para cair na conversa fiada de Berenice a respeito de ser uma historiadora da faculdade procurando informações a respeito da história de Ashton. Não demorou para Carla mostrar os arquivos a Berenice e dar-lhe um curso rápido em como operar o monitor. Quando Carla a deixou, Berenice foi direto ao arquivo cruzado. Aquele certamente era um maravilhoso golpe de sorte: as outras agências imobiliárias possuíam arquivos que diziam quem era o dono das propriedades se a pessoa soubesse onde a propriedade se localizava; as fichas cruzadas traziam o que as pessoas possuíam se se soubesse o nome delas.

Kaseph. Berenice rolou o porta-filmes até chegar aos ks. Colocando a celulóide no monitor, ela pôs-se a procurar para cima e para baixo, de lado a lado, em

ziguezague, as miríades de letras e números microscópicos passando num borrão pela tela enquanto ela buscava a coluna certa. Lá estava. Kw... Kh... Ke... Ka... atravessando para a próxima coluna. Depressa, Berenice!

Ela não encontrou nada registrado sob Kaseph.

— Como está indo? — perguntou Carla da recepção.

— Muito bem — respondeu Berenice. — Não estou encontrando muita coisa ainda, mas sei onde procurar.

Bem, ainda havia a mercearia do Joe. Ela voltou ao arquivo normal e retirou o microfilme da seção, cidade e divisão para aquele endereço. Lá foi a celulóide monitor adentro, e mais uma vez Berenice correu as miríades de listas para cima e para baixo, procurando o registro. Lá estava! A descrição legal do que antes era a mercearia do Joe, agora Mercantil de Ashton. Havia sido avaliada em 105.900 dólares para fins de imposto, e o proprietário era a Omni S.A. Era tudo o que dizia.

Berenice voltou às fichas cruzadas. Monitor adentro foi a celulóide Ok-Om. Para cima, para baixo, de lado. Olson... Omer... Omni. Omni. Omni. Omni. Omni. Omni. Os registros sob Omni Companhia Ltda. desceram, desceram, desceram pela coluna; poderia ter havido mais de cem. Berenice tirou a caneta e bloco de anotações e pôs-se a escrever furiosamente. Os muitos endereços e descrições legais pouco significavam para ela; muitos deles nem eram decifráveis, mas ela continuou rabiscando tão depressa quanto conseguia, na esperança de poder ler a própria letra mais tarde. Ela abreviou, enchendo página após página do bloco.

O telefone tocou, como vinha fazendo; mas desta vez a conversa de Carla não pareceu muito feliz. A voz da moça estava baixa e séria, e ela parecia estar-se desculpando bastante. A festa pode estar acabando,

mocinha, trate de escrever!

Num instante Carla apareceu.

— Você é Berenice Krueger, do Clarim? — perguntou ela diretamente.

— Quem quer saber? — disse Berenice. Era bobagem, mas ela não queria ter de dizer logo a verdade.

Carla pareceu muito perturbada.

— Escute, vai ter de ir embora imediatamente — disse ela.

— Foi o seu chefe quem telefonou, certo?

— Sim, e eu ficaria grata se você não dissesse que a deixei entrar. Não sei o que está acontecendo, e não sei por que mentiu para mim, mas poderia fazer o favor de sair? Ele está vindo para cá a fim de trancar o local, e eu disse que você não tinha aparecido...

— Você é um amor!

— Bem, menti por você, agora faça o favor de mentir por mim. Berenice apressou-se em reunir as suas anotações e colocar de volta as celulóides.

— Nunca estive aqui.

— Agradeço — disse Carla enquanto Berenice saía correndo. — Você quase me fez perder o emprego.

O lar de Andy e June Forsythe era muito agradável, uma moderna casa de toras nas cercanias da cidade, não muito longe da Serraria Forsythe. Aquela noite, Hank e Mary tinham ido lá para um jantar de comunhão juntamente com muitos outros do Remanescente, enquanto Krioni, Triskal, Sete, Chimon e Mota, sentados nos caibros, olhavam. Os anjos sentiam o crescente poder desse grupinho de pessoas de oração. Os Jones estavam presente, bem como os Cole-mans, os

Coopers, os Harris, alguns alunos da faculdade; Ron Forsythe também estava presente juntamente com a namorada Cynthia. Alguns outros cristãos recentemente convertidos estavam com ele, sendo apresentados agora ao restante do grupo. Outros retardatários vinham chegando aos poucos.

Após o jantar, o povo se reuniu e acomodou-se em torno da grande lareira de pedra na sala de estar, enquanto Hank tomou seu lugar à frente, com Mary ao lado. Cada pessoa principiou a falar sobre sua formação.

Bill e Betty Jones haviam freqüentado a igreja a vida toda, mas tinham assumido um compromisso sério com Jesus fazia apenas um ano. O Senhor lhes havia falado ao coração e eles o haviam buscado.

John e Patty Coleman haviam freqüentado outra igreja na cidade, mas nunca aprenderam muito acerca da Bíblia ou de Cristo até virem para aquela igreja.

Cecil e Míriam Cooper haviam sempre conhecido ao Senhor, e estavam felizes ao ver um novo rebanho reunindo-se para substituir o antigo.

— Parece bastante com trocar um pneu vazio — brincou Cecil. Enquanto os outros falavam, seus variados antecedentes foram ex-

postos; havia tradições diferentes e antecedentes doutrinários diferentes, mas nenhuma diferença era muito importante naquele momento. Todos tinham uma grande preocupação comum: a cidade de Ashton.

— Oh, é guerra, sem dúvida — disse Andy Forsythe. — Não se pode sair às ruas e não sentir isso. Às vezes tenho a sensação de estar correndo dentro de uma chuva de lanças, sabem?

Um novo casal, amigos dos Coopers, Dan e Jean Corsi, falaram. Jean disse:

— Acho que Satanás está realmente solto por aí,

conforme diz a Bíblia, como um leão que ruge tentando devorar a todos.

Dan comentou:

— O problema é que nós apenas nos assentamos nas laterais e deixamos as coisas acontecerem. Está na hora de nos preocuparmos e ficarmos com medo e nos ajoelharmos a fim de ver se o Senhor toma alguma providência.

Jean acrescentou:

— Alguns de vocês sabem que nosso filho está passando por problemas bem sérios no momento. Realmente gostaríamos que orassem por ele.

— Qual é o nome dele? — perguntou alguém.

— Bobby — respondeu Jean. Ela engoliu em seco e disse a seguir:

— Ele se matriculou na faculdade este ano e algo realmente lhe aconteceu... — Ela precisou parar, sufocada de emoção.

Dan continuou de onde ela havia parado, em tom amargo.

— Parece que algo acontece com qualquer garoto que vai para aquela faculdade. Eu não sabia o tipo de coisa esquisita que eles estavam realmente ensinando lá. O resto de vocês deveria descobrir o que está ocorrendo e não deixarem seus filhos se envolverem.

Ron Forsythe, quieto até aquele momento, disse:

— Sei do que está falando. Está acontecendo no ginásio também. A garotada está participando de negócios satânicos como você não acreditaria. Nós costumávamos tomar drogas; agora é demônios.

Jean aventurou-se, através das lágrimas:

— Sei que parece terrível, mas realmente me

pergunto se Bobby não está possesso.

— Eu estava — disse Ron. — Sei que estava. Cara, eu ouvia vozes dizendo-me que conseguisse umas drogas, ou roubasse algo, todo o tipo de coisa terrível. Eu não dizia aos meus pais onde estava, não ia para casa, acabava dormindo nos lugares mais esquisitos... e com as pessoas mais esquisitas.

Dan murmurou:

— É, é assim que o Bobby está. Faz quase uma semana que não o vemos.

Jean quis saber:

— Mas como foi que você começou com essas coisas? Ron deu de ombros.

— Eu já estava andando pelo caminho errado. Não estou seguro de estar endireitado. Mas digo-lhes quando acho que me envolvi com o satanismo: foi quando alguém previu o meu futuro. Foi então que peguei a doença, disso estou certo.

Alguém perguntou se a cartomante era uma certa mulher.

— Não, era outra pessoa. Foi no festival, há três anos.

— Ah, eles estão por todos os cantos — gemeu outra pessoa.

— Bem, isso apenas vem mostrar como esta cidade está fora de base! — protestou Cecil Cooper. — Há mais feiticeiras e cartomantes do que professores de escola dominical!

— Bem, teremos de ver o que podemos fazer a esse respeito! — disse John Coleman.

Ron interveio novamente.

— É trabalho pesado. Isto é, vi umas coisas bem

esquisitas: já vi coisas flutuarem sozinhas, já li as mentes das pessoas, cheguei até a sair do corpo certa vez e flutuar pela cidade. Vocês têm mais é que orar mesmo!

Jean Corsi pôs-se a chorar:

— Bobby está possesso... eu sei que está!

Hank percebeu que estava na hora de assumir o controle.

— Muito bem, minha gente, sinto uma responsabilidade muito grande de orar por esta cidade, e sei que vocês também sentem, por isso acho que é aqui que se encontra a nossa resposta. É a primeira coisa que precisamos fazer.

Todos estavam prontos. Muitos se sentiam sem graça ao orar em voz alta pela primeira vez; alguns sabiam orar alto e confiantemente; alguns oravam em frases que haviam aprendido em certas liturgias; todos eram sinceros em cada palavra que diziam, não importava como se expressassem. O fervor começou a crescer devagar; as orações tornaram-se mais e mais fervorosas. Alguém começou a entoar uma canção simples de adoração e os que a conheciam, cantavam, enquanto os que não a conheciam, aprendiam.

Nas vigas os anjos cantavam, as vozes suaves fluindo como violoncelos e baixos numa sinfonia. Triskal olhou para Krioni, sorriu um largo sorriso, e flexionou os braços. Krioni sorriu e repetiu o gesto. Chimon tomou da espada e a fez dançar em torno do pulso, traçando fitas e cachos de luz trêmula no ar enquanto a lâmina cantava com linda ressonância. Mota apenas fitou os céus, as asas sedosas abrindo-se, os braços erguidos, arrebatado no êxtase da música.

Kate silenciosamente arrumou a mesa da cozinha,

colocando um prato, uma xícara e um pires. Aquela noite ela comeu sozinha, mal conseguindo engolir alguma coisa por causa das emoções que lhe constringiam a garganta e lhe reviravam o estômago. Ora, de qualquer forma eram sobras, sobras daquelas muitas outras refeições para as quais Marshall não aparecera. Era o que estava acontecendo de novo. Talvez o lugar nada tivesse a ver com o quanto um jornalista se ocupasse. Talvez, embora Marshall se tivesse mudado para uma cidade pequena, supostamente pacata, ele ainda possuísse aquele maldito faro para novidades que o conduzia em buscas fantásticas a toda e qualquer hora da noite, arrumando uma história onde nenhuma existia. Talvez esse fosse, afinal de contas, o seu primeiro amor, mais do que a esposa, mais do que a filha.

Sandy. Onde estaria ela? Não haviam feito essa mudança por causa dela? Agora ela se encontrava mais distante deles do que nunca, embora ainda morasse na mesma casa. Shawn havia invadido a vida da mocinha como um câncer, não um amigo, e Kate e Marshall nunca chegaram a falar a respeito segundo ele prometera. Marshall havia estado completamente distraído. Estava casado com o jornal, talvez enamorado da jovem e atraente repórter.

Kate empurrou o prato e tentou não chorar. Ela não podia começar a criar confusão e a derramar lágrimas agora, não quando tinha de pensar claramente. Indubitavelmente haveria decisões a tomar, e ela teria de tomá-las sozinha.

Nos arredores de Ashton, ao lado do pátio da estrada de ferro, Tal conferenciava com seus guerreiros dentro de uma velha e enorme caixa d'água abandonada.

Natã andava de um lado para outro, a voz ecoando

nas paredes do enorme tanque.

— Eu pressenti o que ia acontecer, Capitão! O inimigo está atraindo Hogan para uma armadilha. A afeição que ele tem por Krueger tem sofrido uma perigosa mudança. Sua família está em grave perigo.

Tal assentiu com a cabeça e permaneceu mergulhado em pensamentos.

— Exatamente o que se poderia esperar. Rafar sabe que nenhum ataque frontal funcionará; está tentando um golpe maligno através da sutileza e do comprometimento moral.

— E está conseguindo, eu diria!

— Sim, concordo.

— Mas o que podemos fazer? Se Hogan perder a família, será destruído!

— Não. Destruído, não. Derrubado, talvez. Dizimado, talvez. Mas tudo por causa da escória em sua própria alma, acerca da qual o Espírito de Deus ainda não o convenceu. Nada podemos fazer a não ser esperar e deixar que as coisas sigam o seu curso.

Natã podia apenas sacudir a cabeça em frustração. Guilo ponderava as palavras de Tal. É claro que o que Tal dizia era verdade. Os homens pecarão se quiserem.

— Capitão — perguntou Guilo — e se Hogan cair?

Tal recostou-se contra a úmida parede de metal e respondeu:

— Não podemos nos preocupar com a questão do "se". O problema que precisamos enfrentar é o "quando". Hogan e Busche estão no momento construindo o alicerce de que precisamos para esta batalha. Uma vez que ele esteja pronto, tanto Hogan quanto Busche *precisam* cair. Somente sua clara derrota forçará o

Valente a sair do esconderijo.

Guilo e Natã, consternados, fitaram Tal.

— O senhor... o senhor *sacrificaria* esses homens? — perguntou Natã.

— Apenas por algum tempo — respondeu Tal.

Marshall trouxe o grande pacote de lançamentos que Ernie Johnson pirateara do escritório de contabilidade da faculdade Whitmore e o passou por cima do balcão de recepção do *Clarim* a Harvey Cole. Cole era um contador a quem Marshall conhecia bem e em quem podia confiar.

— Não sei se você conseguirá entender tudo isso — disse Marshall — mas veja se encontra seja lá o que for que Johnson encontrou, e se parece trapaça.

— Puxa vida! — disse Harvey. — Isto vai lhe custar uma nota! -— Darei em troca propaganda de graça. Que tal?

Harvey sorriu.

— Boa idéia. Está bem, verei o que posso fazer e depois ligarei para você.

— O mais depressa que puder.

Harvey saiu porta afora e Marshall voltou ao escritório, reunindo-se a Berenice a fim de darem continuidade ao projeto noturno, depois do expediente.

Eles trabalhavam no meio de um amontoado de anotações, papéis, listas telefônicas e quaisquer documentos públicos nos quais tinham conseguido colocar as mãos. No meio daquilo tudo, uma lista combinada de nomes, endereços, cargos e registros de impostos estava sendo formada peça por peça.

Marshall correu os olhos sobre suas anotações da entrevista com Harmel.

— Muito bem, e que me diz do juiz, como é mesmo o nome dele, Jefferson?

— Anthony C. — Berenice respondeu, folheando a lista telefônica do ano anterior. — Sim, Anthony C. Jefferson, Rua Alder, 221 —.

Imediatamente ela procurou nas notas que rabiscara na Primeira Imobiliária da Cidade. — Rua Alder, 221... — Seus olhos varreram uma página do caderno, depois outra, até que finalmente:

— Na mosca!

— Outro!

— Então, veja se estou certa: Jefferson foi chutado pela Rede e Omni apareceu e comprou-lhe a casa?

Marshall rabiscou num bloco de papel amarelo alguns lembretes.

— Gostaria de saber por que Jefferson se mudou e por quanto ele vendeu aquela casa. Também gostaria de saber quem está morando nela.

Berenice deu de ombros.

— Precisaremos somente correr a lista e verificar os endereços da gente da Rede. Aposto que é um deles.

— Que me diz de Baker, o juiz que substituiu Jefferson? Berenice examinou outra lista.

— Não, Baker ocupa a casa que foi do diretor do ginásio, ah, Waller, George Waller.

— Isso mesmo, foi ele que perdeu a casa na venda judicial.

— Oh, há uma porção delas, e aposto que encontraríamos outras se soubéssemos onde procurar.

— Teremos de espionar no Departamento Municipal de Finanças. Seja como for, de alguma maneira, o imposto predial dessa gente nunca foi parar

onde deveria ter ido. Não consigo acreditar que tanta gente assim deixasse de pagar os impostos.

— Alguém desviou o dinheiro de forma que os impostos nunca chegaram a ser pagos. Isso é sujeira, Hogan, sujeira da grossa.

— Não foi Lew Gregory, o antigo tesoureiro. Veja isto. Ele teve de pedir demissão por causa de uma acusação de conflito de interesses. Agora Irving Pierce ocupa o lugar dele, e Irving está nas mãos da Omni, certo?

— É isso aí.

— E o que foi mesmo que você descobriu acerca do prefeito Steen? Berenice consultou suas anotações, mas sacudiu a cabeça.

— Ele comprou a casa recentemente; a transação parece em ordem exceto pelo fato de o dono anterior ter sido o antigo Delegado de polícia que deixou a cidade sem um motivo aparente. É o que aconteceu a todas as outras pessoas que me faz indagar.

— É, e por que nenhuma delas jamais piou ou criou caso. Ei, eu não permitiria que o município simplesmente chegasse e leiloasse a minha casa bem debaixo do meu nariz sem fazer no mínimo algumas perguntas. Existe mais alguma coisa nisto tudo que não sabemos.

— Bem, pense nos Carluccis. Você sabia que a casa deles foi vendida para a Omni por 5.000 dólares. Isso é ridículo!

— E os Carluccis tomaram chá de sumiço! Desapareceram sem mais esta nem aquela.

— E quem está morando na casa deles agora?

— Talvez o novo diretor do ginásio, ou o novo chefe dos bombeiros, ou um novo vereador, ou um novo

isto ou novo aquilo!

— Ou um dos novos diretores da faculdade. Marshall tateou à procura de outros papéis.

— Que bagunça! — Finalmente ele encontrou a lista que procurava. — Vamos repassar esses diretores e ver o que encontramos.

Berenice folheou algumas páginas do seu bloco.

— Sei com certeza que a casa de Pinckston é propriedade da Omni. Algum tipo de arranjo de guarda judiciária.

— E Eugene Baylor?

— Não está com você aí em algum lugar?

— Está com um de nós, mas agora não consigo me lembrar qual de nós.

Os dois remexeram suas anotações, papéis, listas. Por fim Marshall encontrou a informação entre as folhas espalhadas.

— Aqui está, Eugene Baylor, Rua 147 Sudoeste, 1024.

— Acho que já o vi aqui em alguma parte —. Berenice examinou suas anotações. — Sim, é propriedade da Omni também.

— Doar tudo à Omni S.A. deve ser um requisito para tornar-se membro.

— Bem, então Young e Brummel são membros fundadores. Mas isso faz sentido. Se todos desejam fundir em uma Mente Universal, têm de eliminar a individualidade, e isso significa não ter propriedade privada.

Um a um, Marshall leu os nomes dos membros do conselho diretor da faculdade, e Berenice pesquisou-lhes os endereços. Dos doze diretores, oito moravam em

casas da Omni S.A. Os outros alugavam apartamentos; um dos prédios de apartamentos era da Omni. Berenice não tinha informação referente aos outros prédios de apartamentos.

— Acho que eliminamos a possibilidade de coincidência — disse Marshall.

— E agora não posso esperar para ouvir o que o seu amigo Lemley tem a dizer.

— Claro, que Kaseph e a Omni estão ligados. Isso é óbvio —. Marshall tirou um momento para ponderar. — Mas sabe o que realmente me apavora? Até agora, tudo o que vimos aqui é legal. Estou certo de que trapacearam em algum lugar para chegarem onde estão, mas dá para ver que estão operando dentro do sistema, ou pelo menos se saindo muito bem ao fingir que estão.

— Ora, vamos, Marshall! Pela madrugada, ele está tomando a cidade toda!

— *E* fazendo-o legalmente. Não se esqueça disso.

— Mas ele tem de deixar rasto em algum lugar. Conseguimos descobrir a trilha dele pelo menos até aqui.

Marshall inspirou profundamente e então soltou respiração com um suspiro.

— Bem, podemos tentar ir atrás de todas as pessoas que venderam as propriedades e deixaram a cidade, tentar descobrir por que o fizeram. Podemos averiguar os cargos que elas tinham antes de ir embora e quem está ocupando o cargo agora. Podemos perguntar a quem ocupe o cargo agora que ligação tem com a Omni ou com esse grupo de viagens mentais da Percepção Universal. Podemos perguntar a cada um deles o que talvez saibam acerca do esquivo Sr. Kaseph. Podemos pesquisar mais um pouco a própria Omni S.A., descobrir onde é sediada, em que negocia, e do que mais

é dona. E depois acho que será hora de levarmos o que sabemos diretamente aos nossos amigos e ver a sua reação.

Berenice podia sentir algo palpável na maneira de Marshall.

— O que o está preocupando?

Marshall arremessou as notas sobre a mesa e reclinou-se na cadeira para ponderar.

— Bernie, seríamos bobos em pensar que estamos imunes a tudo isto.

Berenice assentiu com a cabeça, resignada.

— Sim, tenho pensado nisso, sobre o que eles podem tentar fazer.

— Acho que eles já têm a minha filha —. Uma declaração abrupta. O próprio Marshall ficou chocado ao ouvi-la.

— Você não sabe disso com certeza.

— Se não sei disso, não sei de nada.

— Mas que tipo de poder real eles poderiam exercer exceto econômico e político? Eu não engulo essa história cósmica, espiritual; nada mais é do que uma viagem da mente.

— Isso é fácil para você dizer, você não é religiosa.

— Verá que é muito mais fácil assim.

— E se nós acabarmos como... como o Harmel, sem família, simplesmente se escondendo no mato e falando de... fantasmas?

— Eu não me importaria de acabar como o Strachan. Ele parece bastante cômodo ficando longe de toda essa coisa.

— Bem, Bernie, mesmo assim é melhor nos

prepararmos antes que a coisa chegue —. Muito grave, ele agarrou a mão dela e disse:

— Espero que nós dois saibamos no que estamos nos metendo. Podemos já estar atolados demais. Poderíamos desistir, suponho...

— Você sabe que não podemos fazer isso.

— Sei que eu não posso. Não estou esperando nada de você. Pode sair agora, mudar-se, ir trabalhar para alguma revista feminina ou coisa parecida. Não me importarei.

Ela sorriu e apertou com força a mão dele.

— Morrendo todos, morrem felizes.

Marshall apenas meneou a cabeça e devolveu o sorriso.

22

Em outro estado, numa área de baixa renda de outra cidade, um pequeno furgão serpeava por uma rua repleta de crianças através de um conjunto habitacional. As pequenas casas geminadas, exceto por diferentes esquemas de cores, eram feitas no mesmo padrão. Quando o veículo parou no fim de um beco de asfalto envelhecido, via-se 'Tinturaria Princesa" escrito na lateral.

A motorista, uma jovem de macacão azul, os cabelos cobertos por lenço vermelho, desceu. Abrindo a porta lateral, ela tirou uma grande pilha de roupas e alguns vestidos em cabides, cobertos com sacos plásticos. Conferindo novamente o endereço, ela se encaminhou a uma porta em particular e tocou a campainha.

Primeiro a cortina da janela da frente foi puxada para o lado, e depois ouviu-se o ruído de passos vindo na direção da entrada. A porta se abriu.

— Oi, tenho umas roupas para entregar — disse a jovem.

— Sim — disse o homem que atendeu. — Pode entrar.

Ele abriu um pouco mais a porta de modo que ela pudesse passar, enquanto três crianças, não obstante sua grande curiosidade, tentavam manter-se fora do caminho.

O homem chamou a esposa.

— Querida, a moça da tinturaria está aqui.

Ela veio da pequena cozinha, o aspecto tenso e nervoso.

— Crianças, vão brincar lá fora — ordenou.

Elas choramingaram um pouco, mas a mãe as fez sair, fechou a porta, e então fechou a única janela que ainda estava aberta.

— Onde conseguiu todas essas roupas? — perguntou o homem.

— Estavam no furgão. Não sei a quem pertencem.

O homem, um italiano entroncado de cabelos crespos e grisalhos, ofereceu a mão.

— Joe Carlucci.

A jovem colocou o pacote no chão e apertou a mão dele.

— Berenice Krueger do Clarim.

Ele lhe ofereceu uma cadeira e então disse:

— Disseram-me que jamais falasse com você ou com o Sr. Hogan...

— Por amor às crianças, disseram eles — acrescentou a Sra. Carlucci.

— Esta é Angelina. Foi por causa dela, por causa das crianças que nós... nos mudamos, deixamos tudo, nada dissemos.

— Pode ajudar-nos? — perguntou Angelina. Berenice aprontou o bloco.

— Muito bem, não se apressem. Começaremos pelo começo.

No que Al Lemley chamava de "metade do caminho" entre Ashton e Nova York, Marshall dirigiu o carro para o estacionamento de uma pequena seguradora em Taylor, uma cidadezinha na encruzilhada de duas grandes rodovias e sem outro motivo genuíno para estar ali. Ele entrou no pequeno escritório e foi imediatamente reconhecido pela senhora à escrivaninha.

— Sr. Hogan? — perguntou ela.

— Sim, bom dia.

— O Sr. Lemley já chegou. Está esperando pelo senhor.

Ela o levou através de outra porta que dava para um escritório dos fundos o qual ninguém estava usando no momento. — Temos café aqui no balcão, e o banheiro é logo depois daquela porta à direita.

Marshall fechou a porta, e somente então Al Lemley se levantou e apertou-lhe calorosamente a mão.

— Marshall — disse ele — como é bom ver você. Muito bom! Era um homem pequeno, calvo, com nariz adunco e olhos azuis penetrantes. Era enérgico e cheio de vida, e Marshall sempre o considerara um valiosíssimo colega, um amigo que se disporia a prestar quase qualquer favor.

Al sentou-se atrás da escrivaninha e Marshall puxou uma cadeira e sentou-se ao seu lado de forma que ambos pudessem examinar o material que Al havia trazido. Por alguns instantes falaram dos velhos tempos. Al estava preenchendo a vaga que Marshall deixara no *Times,* e estava começando a realmente apreciar a capacidade de Marshall em realizar o trabalho.

— Mas não acho que desejo trocar de lugar com você agora, companheiro! — disse ele. — Pensei que você se tivesse mudado para Ashton com o intuito de fugir do rebuliço da cidade grande!

— Acho que não consegui escapar — disse Marshall.

— Em algumas semanas Nova York pode ser muito mais segura.

— O que você conseguiu?

Al tirou uma foto 20 x 25 de uma pasta de arquivo e a deslizou pela mesa para debaixo do nariz de Hogan.

— É este o seu homem?

Marshall olhou a foto. Ele nunca tinha visto Alexander M. Kaseph, mas por todas as descrições ele sabia que tinha de ser ele.

— É ele, sim — disse Al. — É conhecido, mas também não é conhecido, se você entende o que quero dizer. O público em geral jamais ouviu falar desse cara, mas comece a perguntar aos investidores na Wall Street, ou ao pessoal do Governo, ou a diplomatas estrangeiros, ou a qualquer outro sujeito que esteja de alguma forma ligado a rolos e política internacional e obterá uma resposta. É o presidente da Omni S.A., sim; os dois estão definitivamente ligados.

— Surpresa, surpresa. E o que você sabe acerca da Omni?

Al empurrou uma pilha de material na direção de Marshall, uma pilha de diversos centímetros de altura.

— Graças a Deus por computadores. Tive de usar meios de investigação um pouco fora do comum. Eles não têm sede, não têm endereço central; estão espalhados por escritórios locais em todo o mundo e se mantêm quase no anonimato. Pelo que pude perceber, Kaseph mantém sua equipe imediata ao seu lado e gosta de ser tão invisível quanto possível, dirigindo a operação ninguém sabe de onde. É estranhamente subterrâneo. Não constam da Bolsa de Valores, pelo menos não com esse nome. As ações estão todas diversificadas entre, oh, talvez uma centena de diferentes companhias que servem de fachadas. A Omni é a proprietária e controladora de cadeias de lojas, bancos, hipotecárias, lanchonetes, engarrafadores de refrigerantes, o que quiser, eles têm.

Al continuou a falar enquanto folheava a pilha de material.

— Pus alguns da minha equipe a cavar este negócio. A Omni não sai às claras, nem publica nada acerca de si mesma. Primeiro, você tem de descobrir qual é a firma que serve de fachada, depois se insinuar mais ou menos às escondidas pela porta dos fundos e descobrir qual o interesse que a Grande Companhia Mãe tem nela. Veja esta aqui... — Al produziu o relatório anual dos acionistas de uma firma de mineração no estado de Idaho. — Não se sabe a respeito do que se está realmente lendo enquanto não chegar aqui no fim... está vendo? "Uma subsidiária de Omni Internacional."

— Internacional...

— Muito internacional. Você não acreditaria na grande influência que exercem no petróleo árabe, no Mercado Comum, no Banco Mundial, no terrorismo internacional...

— O quê?

— Não espere encontrar um relatório aos acionistas a respeito da explosão do último carro ou de assassínio em massa, mas para cada item legítimo documentado aqui existem centenas de rumores que ninguém consegue provar mas que todo o mundo conhece.

— É a vida.

— E assim é o seu homem Kaseph. Deixe-me dizer o seguinte, Marshall, ele sabe derramar sangue se precisar, e às vezes quando

não precisa. Eu diria que esse cara é um perfeito cruzamento entre um arrematado guru e Adolfo Hitler, e deixa Al Capone com cara de escoteiro. Dizem que até a Máfia tem medo dele!

Angelina Carlucci tinha a tendência de falar levada mais pelas emoções do que por lembranças objetivas, o que fazia sua história dar voltas em círculos torturantes. Berenice precisava fazer perguntas contínuas a fim de esclarecer as coisas.

— Voltando ao seu filho Carl...

— Eles quebraram as mãos dele! — chorou ela.

— Quem quebrou as mãos dele? Joe interveio em ajuda à esposa.

— Foi depois de termos dito que não venderíamos a mercearia. Eles nos pediram... bem, pedir não pediram, disseram que faríamos bem em concordai... mas conversaram conosco a esse respeito algumas vezes, mas não queríamos vender...

— Foi então que começaram a ameaçá-los?

— Eles nunca ameaçam! — disse Angelina com raiva. — Eles dizem que nunca nos ameaçaram!

Joe tentou explicar.

— Eles... eles ameaçam sem parecer que o estão fazendo. É difícil de explicar. Mas conversam com a gente sobre a transação, e deixam subentendido que se a pessoa fosse esperta concordaria com o que propuseram, e a gente sabe, simplesmente sabe que deve concordar com o negócio, se não quiser que alguma coisa ruim nos aconteça.

— Com quem foi que vocês falaram?

— Dois cavalheiros que eram... bem, eles disseram ser amigos daquele pessoal novo, dono da mercearia agora. No começo pensei que fossem apenas corretores imobiliários ou algo parecido. Não fazia idéia...

Berenice correu novamente os olhos pelas anotações.

— Muito bem, então foi depois que vocês recusaram a vender a mercearia pela terceira vez que as mãos de Carl foram quebradas?

— Sim, na escola.

— Bem, quem quebrou as mãos dele?

Angelina e Joe se entreolharam. Angelina respondeu:

— Ninguém viu. Foi durante o recreio, e ninguém viu!

— Carl deve ter visto.

Joe apenas sacudiu a cabeça e acenou com a mão a Berenice, interrompendo-a.

— Não pode interrogar Carl a esse respeito. Ele ainda está atormentado, tem pesadelos.

Angelina inclinou-se para a frente e murmurou:

— Espíritos malignos, Srta. Krueger! Carl acha que foram espíritos malignos!

Berenice ficou esperando que esses dois adultos responsáveis explicassem a estranha percepção de seu filho. Ela teve dificuldade em formular uma pergunta:

— Bem, o que... por que... o que vocês... Bem, vocês devem saber o que aconteceu, ou pelo menos devem ter uma idéia —. Eles apenas se entreolharam sem saber o que dizer. — Não havia professores presentes que o ajudaram depois que aconteceu?

Joe tentou explicar.

— Ele estava jogando beisebol com outros meninos. A bola rolou para dentro do bosque e ele foi buscá-la. Quando voltou, estava... estava louco, gritando, tinha-se molhado... suas mãos estavam quebradas.

— E ele nunca disse quem fez isso?

Os olhos de Joe Carlucci estavam cheios de terror. Ele sussurrou:

— Grandes coisas pretas...

— Homens?

— *Coisas.* Carl diz que eram espíritos, monstros.

Não critique, disse Berenice para si mesma. Estava claro que aquela pobre gente simplória realmente acreditava que algo dessa natureza os estava atacando. Eram católicos fervorosos, mas também muito supersticiosos. Talvez isso explicasse os muitos crucifixos em cada porta, as figuras de Jesus e as imagens da Virgem Maria por toda a parte, em cada mesa, na entrada de cada porta, em cada janela.

Marshall havia examinado o material relacionado à Omni S.A.. Ele ainda não tinha lido acerca de uma coisa.

— Existe algum tipo de af iliação religiosa?

— Sim — disse Al, apanhando outra pasta. — Você tinha razão quanto a isso. A Omni é apenas uma das diversas patrocinadoras da Sociedade da Percepção Universal, e esse é um caso financeiro e político totalmente diferente, e talvez a principal motivação por trás da companhia, mais até que dinheiro. A Omni possui ou apóia, oh, céus, deve haver centenas delas, firmas cuja proprietária é a Sociedade, indo desde empreendimentos a nível de chalés até bancos, lojas de atacado, escolas, faculdades...

— Faculdades?

— Sim, e firmas de advocacia também, segundo este recorte noticioso. Eles possuem um grande grupo de *lobby* em Washington, têm forçado com regularidade a passagem de legislação de interesse especial para eles... geralmente antijudaica e anticristã, se é que isso lhe interessa.

— Quanto a cidades? Essa Sociedade gosta de comprar cidades?

— Sei que Kaseph já fez isso, ou outras coisas parecidas. Ouça, entrei em contato com Chuck Anderson, um dos nossos correspondentes estrangeiros, e ele ouviu falar todo o tipo de coisa interessante além de ter visto ele próprio muita coisa. Parece que essa gente da Percepção Universal forma um clube mundial. Localizamos grupos da Sociedade em noventa e três diferentes países. Eles parecem surgir por todos os lados, não importa a parte do mundo, e, sim, já adquiriram completo controle de cidades, vilarejos, hospitais, alguns navios, algumas corporações. Às vezes eles entram comprando, às vezes entram votando, às vezes eles entram simplesmente tomando o lugar dos outros.

— Como uma invasão sem armas.

— Sim, geralmente muito legal, mas é bem provável que isso resulte de pura esperteza, não de

integridade, e lembre-se de que você se está defrontando com muito poder e influência aqui. Você está bem no meio do caminho do próprio Chefão, e pelo que pude deduzir, ele não diminui a velocidade, não pára nem dá voltas.

— Bolas...

— Eu... bem, eu esfriaria a coisa, amigo. Chame a polícia federal, deixe que alguém maior que você assuma o negócio, se quiserem. Você ainda tem emprego no Times se algum dia o desejar. Pelo menos cubra a história de certa distância. Você é um repórter classe A, mas está perto demais, e tem muito a perder.

Tudo o que Marshall conseguia pensar era: Por que eu?

Berenice havia ido longe demais numa situação delicada. Os Carluccis ficavam cada vez mais inquietos à medida que ela os interrogava.

— Talvez esta não tenha sido uma boa idéia — disse Joe finalmente.

— Se eles descobrirem que falamos com você...

Berenice pensava que se ouvisse aquela palavra mais uma vez ela gritaria.

— Joe, o que você quer dizer com "eles"? Você não pára de falar *eles* e *deles,* mas nunca diz quem são.

— Eu... eu não posso dizer — disse ele com grande dificuldade.

— Bem, pelo menos deixe-me esclarecer este tanto: São pessoas, quero dizer, pessoas de verdade?

Ele e Angelina pensaram por um momento, então ele respondeu:

— Sim, são pessoas de verdade.

— Então são pessoas reais, de carne e osso?

— E talvez espíritos também.

— Estou falando das pessoas de verdade agora — insistiu Berenice.

— Foi gente de verdade que fez a auditoria de seus impostos? Relutantes, eles assentiram com a cabeça.

— E foi um homem de verdade, de carne e osso, que colocou o aviso de leilão na sua porta?

— Não o vimos — disse Angelina.

— Mas era um pedaço de papel de verdade, certo?

— Mas ninguém nos disse que isso iria acontecer! — protestou Joe. — Nós sempre pagamos os impostos, eu tenho os cheques cancelados para provar isso! O pessoal da prefeitura não nos deu ouvidos!

Agora Angelina estava com raiva.

— Não tínhamos o dinheiro para pagar os impostos que eles queriam. Já os tínhamos pago, não podíamos pagar de novo.

— Eles disseram que tomariam a mercearia, todo o nosso estoque, e o negócio ia mal, muito mal. Metade dos nossos fregueses sumiram e não voltaram mais.

— E eu sei o que os manteve afastados! — disse Angelina em tom de desafio. — Todos nós podíamos senti-lo. Vou lhe contar, janelas não se quebram sozinhas, e a mercadoria não sai voando da prateleira sozinha. Era o próprio diabo que estava na nossa loja!

Berenice teve de assegurar-lhes:

— Muito bem, não duvido disso. Vocês viram o que viram, não duvido que vocês...

— Mas não percebe, Srta. Krueger? — perguntou Joe com lágrimas nos olhos. — Sabíamos que não podíamos ficar. O que fariam a seguir? Nosso negócio ia

mal, não pudemos impedir que nosso lar fosse vendido, nossos filhos estavam sendo atormentados por espíritos, gente, seja lá o que fosse, malignos. Sabíamos que o melhor era não lutar. Era a vontade de Deus. Vendemos a loja. Eles nos pagaram um bom preço...

Berenice sabia que não era verdade.

— Você não pegou nem a metade do que a loja valia. Joe não se conteve e caiu no pranto.

— Mas estamos livres... Estamos livres! Berenice teve de questionar.

Depois veio a arrancada maciça para conseguir informação acompanhada por sentimentos mistos de determinação e mau agouro, por conflitos entre impulsos iniciais e considerações posteriores. Durante duas semanas, às terças e sextas, o *Clarim* de Ashton apareceu nas bancas e em todas as caixas dos assinantes, mas era difícil encontrar ou mesmo ver o seu Redator e seu principal repórter. As mensagens telefônicas de Marshall empilhavam-se sem respostas; Berenice simplesmente nunca estava em casa. Houve diversas noites em que Marshall não foi para casa, mas dormiu em vários lugares, de vez em quando no escritório, esperando chamadas especiais, dando telefonemas, trabalhando a fim de manter o jornal em circulação com uma mão e repassando listas de contatos, registros de impostos, relatórios de negócios, entrevistas e pistas com a outra.

As pessoas que haviam deixado seus cargos em Ashton e as aqueles que as substituíram definitivamente eram dois grupos distintos, de crenças muito diferentes. Após algum tempo Marshall e Berenice podiam praticamente prever quais seriam as respostas deles.

Berenice telefonou para Adam Jarred, o Diretor da faculdade cuja filha supostamente fora molestada por

Ted Harmel.

— Não — disse Jarred — realmente não sei nada a respeito de nenhuma especial... como foi que disse?

— Uma sociedade. A Sociedade da Percepção Universal.

— Não, sinto muito.

Marshall falou com Eugene Baylor.

— Não — respondeu Baylor um tanto impaciente — jamais ouvi falar no nome de Kaseph, e realmente não percebo onde você quer chegar.

— Estou tentando averiguar algumas alegações de que a faculdade estaria vendendo a propriedade a Alexander Kaseph da Omni S.A..

Baylor riu-se e disse:

— Deve ser outra faculdade. Nada parecido está acontecendo aqui.

— E o que me diz da informação de que a faculdade está em grandes dificuldades financeiras?

Baylor não gostou nem um pouco da pergunta.

— Escute, o último Redator do *Clarim* também tentou essa, e foi a coisa mais boba que ele já fez. Por que não cuida apenas do seu jornal e deixa a administração da faculdade por nossa conta?

Os ex-diretores contavam uma história diferente. Morris James, agora consultor comercial em Chicago, nada tinha além de más recordações do último ano que trabalhou na faculdade.

— Eles realmente me ensinaram como um leproso deve se sentir — disse ele a Berenice. — Achei que podia ser uma boa voz no conselho, sabe, um fator de estabilidade, mas eles simplesmente não toleravam dissensão. Achei aquilo tudo muito antiprofissional.

Berenice perguntou:

— E o que me diz da forma de Eugene Baylor cuidar das finanças da faculdade?

— Bem, eu saí antes que qualquer problema realmente sério começasse, essa encrenca que você me descreveu, mas podia prevê-la. Tentei bloquear algumas decisões do conselho com relação à concessão de poderes e privilégios especiais a Baylor. Achei que era dar controle demasiado a um único homem sem a supervisão dos outros diretores. Nem é preciso dizer que minha opinião não foi nada popular.

Berenice fez uma pergunta direta.

— Sr. James, o que finalmente precipitou o seu pedido de demissão do conselho e a sua saída de Ashton?

— Bem... essa é difícil de responder — começou ele relutante. A resposta que deu durou quinze minutos, mas em resumo foi: "Minha loja de atacado estava sendo tão importunada e tão sabotada por... bandidos invisíveis, acho que se poderia chamá-los... que eu me tornei um risco grande demais para a seguradora. Já não conseguia preencher os pedidos, a clientela foi desaparecendo, e eu simplesmente não consegui manter o pescoço fora da água. O negócio faliu, aceitei o aviso, caí fora. Tenho-me saído bem desde então. Não se pode destruir um homem bom, como você sabe."

Marshall conseguiu descobrir o paradeiro de Rita Jacobson, que agora estava morando em Nova Orleans. Ela não gostou de ser procurada por alguém de Ashton.

— Deixe o diabo ficar com essa cidade! — disse ela amargamente. Se ele a quer tanto, deixe-o ficar com ela.

Marshall perguntou-lhe sobre Juleen Langstrat.

— Ela é uma bruxa. Quero dizer uma bruxa de verdade. Ele perguntou acerca de Alexander Kaseph.

— Bruxo e bandido ao mesmo tempo. Fique longe do caminho dele. Ele o enterrará antes mesmo que você o perceba.

Ele tentou fazer-lhe outras perguntas, mas, finalmente, ela disse:

— Por favor, jamais disque este número novamente — e desligou.

Marshall localizou tantos dos antigos membros da câmara municipal quantos pôde por telefone e descobriu que um simplesmente se havia aposentado, e que os outros haviam saído devido a algum tipo de dificuldade: Alan Bates contraiu câncer, Shirley Davidson passou por um divórcio e fugiu com um amante, Carl Frohm foi "incriminado", segundo ele, com uma falsa acusação de delinqüência no pagamento de impostos, uma quadrilha de bandidos, a quem Jules Bennington tinha juízo o bastante para não identificar, forçou o seu negócio a sair da cidade. Cruzando as informações, Marshall descobriu que em cada caso o vereador fora substituído por alguém novo ligado de alguma forma com a Sociedade de Percepção Universal ou com a Omni S.A. ou com as duas. Em todos os casos a pessoa deposta achava ser a única que estava saindo. Agora, por causa do medo, de interesse próprio, de típica relutância em se envolver, permaneciam distantes, fora de contato, fora do cenário, sem nada dizer. Algumas mostraram-se dispostas a responder às perguntas de Marshall, mas outras sentiram-se muito ameaçadas. No total, porém, Marshall conseguiu o que procurava.

Quanto àqueles que tinham tido seus próprios negócios, agora dirigidos por essa misteriosa companhia incógnita, pouquíssimos

foram os que haviam planejado vender, mudar-se ou desistir das vidas tranqüilas que levavam em Ashton ou de seus bem-sucedidos empreendimentos. Mas os motivos para a mudança seguiam sempre as mesmas

linhas: atrapalhadas nos impostos, hostilidades, boicotes, problemas pessoais, dissolução de casamento, talvez uma moléstia ou colapso nervoso, e uma macabra narrativa ocasional de ocorrências estranhas, talvez até sobrenaturais.

A história do ex-juiz da comarca de Ashton Anthony C. Jefferson era sinistramente típica.

— Começaram a correr boatos pelo tribunal e entre os colegas de que eu estava sendo comprado, sendo subornado para acertar as sentenças e pôr as pessoas em liberdade. Algumas testemunhas falsas chegaram a me confrontar e a fazer acusações, mas isso jamais aconteceu... juro por tudo o que sou.

— Então pode dizer-me o motivo de ter saído de Ashton? — perguntou Marshall, quase sabendo que resposta esperar.

— Razões pessoais bem como profissionais. Algumas dessas razões estão comigo até agora e ainda são viáveis o suficiente para limitar o que lhe posso dizer. Posso dizer, contudo, que minha esposa e eu estávamos precisando de mudança. Estávamos ambos sentindo a pressão, ela mais do que eu. Eu estava tendo problemas de saúde. Afinal achamos que o melhor era deixarmos Ashton de vez.

— Posso perguntar, senhor, se houve alguma... influência externa desfavorável... que forçou a sua decisão de deixar a magistratura?

Ele pensou por um momento, e depois, com a voz um tanto amarga, disse:

— Não posso dizer-lhe quem foram, tenho os meus motivos, mas posso dizer que sim, houve influências altamente desfavoráveis.

A última pergunta de Marshall foi:

— E o senhor realmente não me pode dizer nada

acerca de quem eles poderiam ser?

Jefferson deu uma risada sardônica e disse:

— É só continuar nesse caminho que está seguindo e logo descobrirá por si mesmo.

As palavras de Jefferson estavam começando a obcecar tanto a Marshall quanto a Berenice. Tinham ouvido muitas advertências semelhantes ao prosseguirem, e ambos estava cada vez mais desconfiados de que havia alguma coisa a rodeá-los, crescendo, chegando mais perto, cada vez mais maligna. Berenice tentou desfazer-se da impressão, Marshall descobriu-se recorrendo cada vez mais a ligeiras e espontâneas orações; mas a sensação continuava, a sensação de que a pessoa nada mais é do que um castelo na areia da praia e que uma onda de mais de cinco metros de altura está prestes a desabar.

Além do mais Marshall tinha de perguntar-se como Kate estava se saindo em meio a tudo isso, e como ele conseguiria consertar as coisas entre eles quando aquilo finalmente terminasse. Ela estava falando sobre ser uma viúva de novo, viúva de jornalista, e tinha até chegado a fazer algumas sugestões muito embaraçosas a respeito de Berenice. Essa coisa simplesmente tinha de chegar ao fim; se demorasse mais, o seu casamento não sobreviveria.

E, é claro, havia Sandy, a quem Marshall não via fazia semanas. Mas quando tudo terminasse, quando realmente terminasse, as coisas seriam diferentes.

No momento a investigação que ele e Berenice estavam fazendo era incrivelmente urgente, prioridade absoluta, algo que se tornava mais sinistro a cada nova pedra que reviravam.

23

Quando as coisas no escritório estavam na costumeira calma de quarta-feira, Marshall mandou Carmem procurar uma caixa de papelão bem grande e algumas pastas de arquivo e começou a organizar as pilhas de papéis, registros, documentos, anotações e outras informações que ele e Berenice haviam reunido em sua investigação. Enquanto repassava tudo, ele também compilou uma lista de perguntas, perguntas que ele tencionava usar na entrevista com o primeiro dos reais protagonistas do enredo: Alf Brummel. Nessa tarde, depois que Carmem foi ao dentista, Marshall ligou para o escritório de Alf Brummel.

— Departamento de Polícia — disse a voz de Sara.

— Oi, Sara, aqui é Marshall Hogan. Posso dar uma palavrinha com o Alf?

— Ele não está no escritório no momento... — Sara soltou prolongado suspiro e acrescentou em tom de voz muito estranho, muito baixo:

— Marshall... Alf Brummel não quer falar com você. Marshall teve de pensar por um instante antes de dizer:

— Sara, você está envolvida com a coisa? O tom de Sara foi de ofensa.

— Talvez esteja, não sei, mas Alf me disse que eu não devo completar nenhuma ligação sua e que eu devo contar a ele quais são as suas intenções.

— Ah...

— Olhe, não sei onde termina a amizade e onde começa a ética profissional, mas eu bem que gostaria de saber o que está acontecendo aqui.

— O que *está* acontecendo aí?

— O que você me dá em troca? Marshall sabia que se estava arriscando.

— Acho que posso encontrar algo de valor igual. Sara teve um instante de hesitação.

— Pelo que tudo indica, você se tornou o pior inimigo dele. De vez em quando ouço o seu nome através da porta do escritório, e nunca proferido de maneira agradável.

— Com quem ele está falando quando profere o meu nome?

— Ah-ah. É a sua vez.

— Está bem. Olhe, nós falamos sobre ele também. Falamos bastante sobre ele, e se tudo o que descobrimos for verdade, sim, eu poderia mesmo ser o seu pior inimigo. Agora, com quem ele fala?

— Alguns eu já vi antes, alguns nunca vi. Ele fez diversas ligações para Juleen Langstrat.

— Quem mais?

— O juiz Baker foi um deles, e diversos membros da câmara dos vereadores...

— Malone?

— Sim.

— Everett?

— Sim.

— Preston?

— Não.

— Goldtree?

— Sim, e mais outras pessoas importantes, e depois Spence Nelson do Departamento de Polícia de

Windsor, o mesmo departamento que forneceu homens para ajudar no Festival. Quero dizer que ele tem falado com uma porção de gente, muito mais do que o normal. Alguma coisa está acontecendo. O que é?

Marshall precisava ter cuidado.

— Pode estar relacionado com o *Clarim* e comigo, e pode não estar.

— Não sei se aceitarei isso.

— Não sei se posso confiar em você. De que lado você está?

— Depende de quem for o bandido. Sei que a reputação de Alf é duvidosa. E a sua?

Marshall sorriu diante da coragem dela.

— Você terá de julgar por si mesma. Tento realmente publicar um jornal honesto, e temos feito uma investigação muito extensa não apenas do seu chefe mas também de praticamente todos os mandachuvas da cidade...

— Ele sabe disso. Todos eles sabem.

— Bem, já falei com quase todos eles. Alf é o próximo na minha lista.

— Acho que ele sabe disso também. Ele me disse hoje pela manhã que não queria falar com você. Mas está falando pelos cotovelos com todos os outros, e acabou de sair com uma pilha de papéis debaixo do braço, rumo a outra reunião sigilosa com alguém.

— Alguma idéia a respeito do que eles vão fazer comigo?

— Oh, pode estar certo de que farão alguma coisa, e tenho a impressão de que estão carregando a arma com carga de chumbo pesado. Considere-se avisado.

— E eu a aconselharia a ser um anjo doce e

ignorante que não sabe nada e não diz nada. As coisas podem ficar pretas.

— Se ficarem, posso procurar as respostas com você, ou pelo menos conseguir uma passagem para outra cidade?

— Acertaremos alguma coisa.

— Eu lhe darei qualquer coisa que descobrir se você me mantiver a salvo.

Marshall percebeu pela voz dela que a moça estava apavorada.

— Ei, calma, lembre-se de que não lhe pedi que se envolvesse.

— Eu não pedi para me envolver. Aconteceu. Conheço Alf Brummel. Acho melhor ter você como meu amigo.

— Manterei você informada. Agora desligue e aja com naturalidade.

Foi o que ela fez.

Alf Brummel estava no escritório de Juleen Langstrat, e ambos examinavam uma pasta grossa de informações que Brummel havia trazido.

— Hogan já tem o bastante para preencher a primeira página! — disse Brummel com ar infeliz. — Você me censurou por demorar em dar um jeito em Busche, mas pelo que estou vendo, você deixou Hogan com o caminho livre desde o princípio.

— Acalme-se, Alf — disse Langstrat de modo tranqüilizador. — Acalme-se.

— Ele virá atrás de mim para me entrevistar a qualquer hora, da mesma forma que procurou todos os outros. O que sugere que eu lhe diga?

Langstrat mostrou-se um pouco chocada com a burrice dele.

— Não diga nada, é claro!

Brummel andou pelo aposento, exasperado.

— Não preciso, Juleen! A esta altura nada do que eu diga ou deixe de dizer não fará nenhuma diferença mesmo. Ele já tem tudo o de que precisa: sabe da venda das propriedades, tem boas pistas em todas as vendas judiciais das casas com impostos atrasados, sabe tudo a respeito da companhia e da Sociedade, e tem boas informações acerca do desvio de fundos da faculdade... tem até prova mais do que suficiente para acusar-me de prisão indevida!

Langstrat sorriu satisfeita.

— Sua espiã saiu-se muito bem.

— Ela me trouxe uma porção deste material hoje. Ele está organizando tudo num arquivo no momento. Está prestes a dar o seu golpe, eu diria.

Langstrat reuniu todo o material em ordem, colocou-o de volta na pasta, e reclinou-se na cadeira.

— Adorei.

Brummel fitou-a embasbacado e sacudiu a cabeça.

— Você pode sair perdendo neste jogo algum dia, você sabe. *Todos* nós podemos sair perdendo!

— Adoro um desafio — exultou ela. — Adoro enfrentar um adversário forte. Quanto mais forte o adversário, mais estimulante a vitória! Mais do que tudo, adoro ganhar —. Ela sorriu, realmente satisfeita. — Alf, já tive minhas dúvidas a seu respeito, mas acho que você se saiu muito bem. Acho que deve estar presente para ver o Sr. Hogan cair na armadilha.

— Só acreditarei quando o vir com meus próprios

olhos.

— Oh, você verá. Verá.

Houve uma breve calmaria, e a cidade de Ashton ficou estranhamente quieta. As pessoas não se comunicavam. Ninguém dizia quase nada.

Durante o dia, Marshall e Berenice organizavam seu material e permaneciam no escritório. Marshall levou Kate para jantar fora uma noite. Berenice ficou em casa e tentou ler um romance.

Alf Brummel trabalhava em horário regular, mas não tinha muito o que dizer a Sara ou a qualquer outra pessoa acerca de nada. Os Colemans visitaram parentes de outra cidade. Os Forsythes aproveitaram a oportunidade para fazer um balanço na serraria. O restante do Remanescente continuou na vida de sempre.

Era estranha a calma que pairava sobre tudo. O céu estava enevoado, o sol era um borrão luminoso redondo, o ar estava quente e pegajoso. Tudo quieto.

Mas ninguém conseguia se «descontrair.

Bem acima da cidade, no topo da protuberância acinzentada de uma velha árvore morta havia muito tempo, qual enorme urubu negro, sentava-se Rafar, Príncipe da Babilônia. Outros demônios o cercavam, esperando sua próxima ordem, mas Rafar se calava. Hora após hora, a cara franzida, sentado, ele olhava a cidade em baixo com lentos movimentos dos olhos amarelos.

Em outra colina, no outro lado da cidade e na direção exatamente oposta à da grande árvore morta onde se encontrava Rafar, Tal e seus guerreiros se ocultavam no bosque. Eles também corriam o olhar pela cidade, e sentiam a calmaria, o silêncio, a sinistra apatia do ar.

Guilo estava ao lado do seu capitão, e conhecia essa sensação. Havia sempre sido a mesma através dos séculos.

— Pode acontecer a qualquer minuto agora. Estamos prontos? — perguntou ele a Tal.

— Não — disse Tal terminantemente, correndo o olhar intenso pela cidade. — Nem todo o Remanescente está reunido. Os que se reuniram não estão orando, não o suficiente. Não temos o número nem a força.

— E a nuvem negra de espíritos acima do Valente se multiplica por cem a cada dia.

Tal ergueu os olhos ao céu de Ashton.

— Eles encherão o céu de horizonte a horizonte.

Do seu esconderijo, eles podiam enxergar o outro lado do vale, a uma distância de diversos quilômetros, e viam seu hediondo adversário sentado na grande árvore morta.

— Sua força não diminuiu — disse Guilo.

— Ele está mais do que pronto para a batalha — disse Tal — e pode escolher o tempo e o lugar que quiser, e seus melhores guerreiros. Poderia atacar em cem frentes ao mesmo tempo.

Guilo apenas meneou a cabeça.

— O senhor sabe que não podemos defender tantas frentes assim. Nesse exato momento, um mensageiro veio voando apressado em sua direção.

— Capitão — disse ele, pousando perto de Tal — trago notícias do covil do Valente. Algo se está movendo lá. Os demônios estão ficando impacientes.

— Está começando — disse Tal, e essa palavra foi passada a todos os guerreiros. — Guilo!

Guilo apresentou-se.

— Capitão!

Tal levou Guilo a um lado.

— Tenho um plano. Quero que você leve um pequeno contingente e monte guarda ao vale...

Guilo não costumava discutir com o capitão, mas:

— Um pequeno contingente? Para vigiar o Valente?

Os dois continuaram a conferenciar, Tal explicando suas instruções, Guilo meneando a cabeça com ar de dúvida. Depois de bom tempo, Guilo voltou para o grupo, escolheu seus guerreiros e disse:

— Vamos!

Com grande movimentação das asas, as duas dúzias de guerreiros serpearam e ziguezaguearam pela floresta até ter-se distanciado o suficiente para voar a céu aberto.

Tal convocou um forte guerreiro.

— Tome o lugar de Signa na guarda da igreja e diga-lhe que venha aqui.

A seguir, ele chamou outro mensageiro.

— Diga a Krioni e Triskal que despertem a Hank e o façam orar, e também todo o Remanescente.

Em um instante Signa chegou.

— Venha comigo — disse Tal. — Vamos conversar.

A tarde tinha transcorrido calma para Hank e Mary. Mary havia passado a maior parte na pequena horta atrás da casa, enquanto Hank consertava um canto da cerca do quintal. Enquanto Mary procurava ervas daninhas entre os seus legumes, notou que as marteladas de Hank foram ficando cada vez mais esporádicas até cessarem totalmente. Ela olhou para o lado dele e o viu sentado, o martelo ainda na mão,

orando.

Ele parecia muito perturbado, de modo que ela perguntou:

— Você está bem?

Hank abriu os olhos, e sem olhar para cima sacudiu a cabeça.

— Não me estou sentindo nada bem. Ela foi até onde ele estava.

— O que é?

Hank sabia de onde vinha a sensação.

— O Senhor, eu acho. Sinto que algo está muito errado. Algo terrível está prestes a acontecer. Vou ligar para os Forsythes.

Nesse exato momento o telefone tocou. Hank entrou na casa para atender. Era Andy Forsythe.

— Desculpe incomodar, Pastor, mas queria saber se você está sentindo uma irresistível necessidade de orar agora. Eu sei que estou.

— Venha aqui — disse Hank. A cerca teria de esperar.

Noite adentro, o exército celestial esperou, enquanto Hank, os Forsythes, e diversos outros oravam. Rafar continuava sentado na árvore morta, os olhos principiando a fulgurar na escuridão cada vez mais espessa. Os dedos em garras continuavam a tamborilar nos joelhos; a fronte permanecia enrugada em intensa carranca. Atrás dele, um exército de demônios começou a reunir-se, aquecido em antecipação e muito atento, esperando a ordem.

O sol se pôs no oeste por trás das colinas; o céu estava banhado em rubras chamas.

Rafar, sentado, esperava. O exército demoníaco

esperava.

Em seu quarto, Juleen Langstrat estava sentada na cama, as pernas cruzadas na posição de loto de meditação oriental, os olhos cerrados, a cabeça ereta, o corpo perfeitamente imóvel. A não ser pela luz de uma única vela, o quarto estava escuro. Ali, sob o manto da escuridão, ela convocou uma reunião com os Mestres Elevados, os Guias Espirituais dos planos mais altos. Nas profundezas do seu estado consciente, bem no fundo do seu ser íntimo, ela conversava com uma mensageira.

Aos olhos da mente em transe de Langstrat, a mensageira apareceu como uma jovem, toda vestida de branco, com esvoaçantes cabelos loiros que quase chegavam ao chão e se mantinham em constante movimento, soprados pela brisa.

— Onde está o meu senhor? — perguntou Langstrat à mensageira.

— Ele aguarda acima da cidade, vigiando-a — veio a resposta da moça. — Seus exércitos esperam prontos a sua palavra.

— Está tudo pronto. Ele pode aguardar o meu sinal.

— Sim, senhora.

A mensageira partiu qual linda gazela, saltitando graciosamente.

A mensageira partiu, um imundo pesadelo negro de criatura, levado por asas membranosas; partiu a fim de levar o aviso a Rafar que ainda aguardava.

A escuridão aumentou sobre Ashton; a vela no quarto de Langstrat derreteu até tornar-se redonda chama evanescente em uma poça de cera, a tinta negra

da noite dominando sua luz fraca, alaranjada. Langstrat despertou, abriu os olhos embaçados, e ergueu-se da cama. Com um sopro muito leve ela apagou a vela e, ainda meio estonteada, dirigiu-se à sala de estar onde outra vela queimava na mesinha de centro, a cera escorrendo e endurecendo em dedos macabros por cima da foto de Ted Harmel sobre a qual a vela fora colocada.

Langstrat caiu de joelhos ao lado da mesinha, a cabeça erguida, os olhos semicerrados, os movimentos lentos e lânguidos. Como que flutuando no espaço, seus braços se ergueram por sobre a vela, abrindo um dossel invisível sobre a chama, e depois, muito baixinho, o nome de um deus antigo começou a se formar em seus lábios vez após vez. O nome, um som gutural, áspero, jorrava como se ela estivesse cuspindo centenas de pedregulhos invisíveis, e a cada menção do nome, o seu transe se aprofundava. O nome brotava, mais alto e mais depressa, e os olhos de Langstrat se arregalaram e permaneceram sem piscar, olhando fixamente. Seu corpo pôs-se a estremecer e a tremer; a voz tornou-se um lúgubre gemido.

Rafar a tudo ouvia do lugar onde estava sentado esperando. Sua própria respiração começou a se aprofundar e explodir das narinas como pútrido vapor amarele. Seus olhos se entrefecharam, suas garras se flexionaram.

Langstrat oscilava e estremecia, chamando o nome, chamando o nome, os olhos fixos na chama da vela, chamando o nome.

E então ela ficou imóvel.

Rafar olhou para cima, muito quieto, muito atento, escutando.

O tempo se deteve. Langstrat permaneceu imóvel, os braços estendidos sobre a vela.

Rafar escutava.

O ar começou a fluir lentamente para dentro da boca e das narinas de Langstrat, seus pulmões se encheram, e então, com um brado súbito que veio das profundezas do seu ser, ela baixou as mãos como uma armadilha, batendo com elas sobre o pavio da vela, apagando a chama.

— Partam! — gritou Rafar, e centenas de demônios arremeteram ao céu como um bando trovejante de morcegos, voando ao longo de uma trajetória reta e nivelada rumo ao norte.

— Olhe — disse um guerreiro angélico, e Tal e seu exército viram o que parecia um negro enxame recortado contra o céu noturno, um alongado tufo de fumaça.

— Dirigem-se ao norte — observou Tal. — Para longe de Ashton. Rafar observou o esquadrão desaparecer a grande velocidade e permitiu que um riso zombeteiro lhe descobrisse as presas.

— Mantê-lo-ei na incerteza, Capitão do Exército! Tal gritou as ordens.

— Cubram Hogan e Busche! Acordem o Remanescente! Uma centena de anjos desceram planando à cidade.

Tal ainda conseguia ver Rafar sentado na grande árvore morta.

— Afinal, quais são os seus planos, Príncipe da Babilônia? — murmurou ele.

O telefone despertou Marshall de um sono inquieto. O relógio mostrava 3:48 da madrugada. Kate gemeu por ter sido acordada. Ele agarrou o aparelho e resmungou alô.

Por um instante, não teve a menor idéia quanto a quem estava do outro lado ou do que a pessoa estava

falando. A voz era descontrolada, histérica, esganiçada.

— Ei, acalme-se e fale mais devagar senão desligo! — disse Marshall bruscamente, a voz rouca. De repente, ele reconheceu a voz. — Ted? É Ted?

— Hogan — veio a voz de Ted Harmel — eles vieram me pegar. Estão por toda a parte!

Marshall estava acordado agora. Pressionou o aparelho contra a orelha, tentando entender o que Ted dizia.

— Não estou ouvindo! O que disse?

— Eles descobriram que eu falei! Estão por toda a parte!

— Quem?

Ted começou a chorar e a berrar ininteligivelmente, e aquele som foi suficiente para fazer com que as entranhas de Marshall se crispassem. Ele tateou por cima do criado-mudo à procura da caneta e bloco.

— Ted! — gritou no telefone, e Kate, assustada, voltou-se bruscamente para olhá-lo. — Onde está você? Na sua casa?

Kate podia ouvir os gritos e gemidos saindo do aparelho, e eles a deixaram nervosa.

— Marshall, quem é? — exigiu ela.

Marshall não podia responder; estava ocupado demais tentando obter uma resposta clara de Ted Harmel.

— Ted, escute, diga-me onde está —. Pausa. Outros gritos. — Como chego aí? Eu disse, como chego aí? — Marshall pôs-se a rabiscar apressadamente. — Tente sair se puder...

Kate ouvia, mas não conseguia entender o que a

pessoa do outro lado da linha dizia. Marshall disse:

— Escute, vou levar pelo menos meia hora para chegar aí, e isso se eu conseguir encontrar um posto de gasolina aberto. Não, eu irei, apenas agüente firme. Está bem? Ted? Está bem?

— Quem é Ted?

— Está bem — disse Marshall no telefone. — Dê-me um tempinho e chegarei aí. Acalme-se. Até já.

Ele desligou o telefone e saltou da cama.

— Mas, afinal, quem era? — Kate precisava saber.

Marshall agarrou as roupas e começou a vestir-se apressadamente.

— Ted Harmel, lembra-se, eu lhe falei a respeito dele...

— Você não está indo lá esta noite, está?

— O cara está ficando maluco, ou algo assim. Não sei.

— Volte para a cama!

— Kate, tenho de ir! Não posso perder esse contato.

— Não! Não acredito! Você não pode estar falando sério! Marshall *estava* falando sério. Despediu-se de Kate com um beijo antes mesmo que ela chegasse a acreditar que ele estava indo de fato, e então ele já não estava ali. Ela permaneceu sentada na cama por uns momentos, atordoada, depois caiu de costas enraivecida, fitando o teto enquanto ouvia o carro dando ré e arremetendo-se noite a adentro.

24

Marshall dirigiu quase cinqüenta quilômetros ao norte, atravessando a cidadezinha de Windsor e indo um pouco adiante. Surpreendeu-se ao ver como Ted Harmel ainda morava perto de Ashton, especialmente depois de se terem encontrado nas montanhas a mais de cento e cinqüenta quilômetros na

Rodovia 27. Esse cara tem de estar louco, pensou Marshall, e talvez eu, ao concordar com esta bagunça, esteja tão louco quanto ele. O cara é paranóico, um verdadeiro lunático.

Mas ele bem que soara convincente no telefone. Além disso, era uma oportunidade de reabrir as comunicações, após aquela única entrevista.

Marshall teve de voltar algumas vezes e se reorientar por aquele labirinto de estradas sinuosas, sem sinalização, em seus esforços de entender as instruções de Harmel. Quando ele afinal localizou a casa de laterais de madeira no fim de uma longa estrada de pedregulhos, uma faixa de luz rosada crescia no horizonte. Ele havia levado hora e meia para chegar. Sim, lá estava o velho carro de Harmel, parado na entrada. Marshall encostou atrás dele e desceu.

A porta da frente estava aberta, a janela quebrada. Marshall agachou-se um instante atrás do seu carro a fim de estudar a situação. Não estava gostando nada da sensação que o invadia; suas entranhas já haviam passado por esse tipo de dança antes, na noite em que Sandy fugira e, como daquela vez, não parecia haver razão óbvia, visível. Ele detestava admitir, mas estava com medo de dar mais um passo.

— Ted? — chamou ele, não muito alto. Não houve resposta.

A coisa não estava nada boa. Marshall forçou-se a dar volta no carro, caminhar pela calçada e entrar na varanda muito devagar, com muito cuidado. Manteve-se à escuta, olhando, sentindo. Não havia som algum, exceto as batidas violentas do seu coração. Seus sapatos rangiam de leve nos cacos do vidro da janela. O som parecia ensurdecedor.

Vamos, Hogan, toque em frente.

— Ted? — chamou ele através da porta aberta. — Ted Harmel? Sou Marshall Hogan.

Ninguém respondeu, mas essa tinha de ser a casa do Ted. Lá estava o paletó dele, pendurado no cabide; na parede acima da mesa de jantar estava emoldurada a primeira página de uma da edições do *Clarim.*

Ele se arriscou a entrar.

O lugar estava uma confusão. Os pratos que ficavam na arca do canto estavam agora espatifados pelo chão. Na sala de estar uma cadeira jazia quebrada logo abaixo de um grande buraco na parede. As lâmpadas estavam espatifadas. Livros das prateleiras estavam jogados por toda a parte. A janela lateral também se encontrava quebrada.

E Marshall podia sentir, tão fortemente quanto antes: aquele terror feroz, de retorcer as entranhas, que havia sentido naquela outra noite.

Ele tentou se livrar dele, tentou ignorá-lo, mas ali estava. Suas palmas suavam; ele se sentiu fraco. Correu os olhos em redor, procurando uma arma, e agarrou um atiçador de brasas da lareira. Mantenha-se de costas para a parede, Hogan, fique quieto e de olho nos cantos. Estava escuro ali dentro, e as sombras eram muito negras. Ele tentou não se apressar, tentou deixar que os olhos se acostumassem à escuridão. Tateou à procura de um interruptor, em qualquer lugar.

Atrás e acima dele, uma asa preta de couro mudou silenciosamente de posição. Olhos amarelos desconfiados vigiavam todo movimento que ele fazia. Aqui, ali, lá adiante, por todo o aposento, nos cantos do teto, sobre o mobiliário, grudados como insetos nas paredes, encontravam-se os demônios, alguns deixando escapar risinhos de escárnio, alguns babando sangue.

Marshall chegou à escrivaninha que ficava no canto e, usando um lenço para não deixar impressões digitais, abriu as gavetas. Nada havia sido mexido. Mantendo o atiçador pronto para o ataque, ele continuou a percorrer a casa.

O banheiro era uma bagunça. O espelho estava espatifado; havia cacos na pia e pelo chão.

Ele percorreu o corredor, mantendo-se pregado à parede.

Centenas de olhos amarelos vigiavam cada movimento que ele fazia. De vez em quando, um demônio dava uma tossidela, um breve jato de vapor saía de sua boca gotejante.

No quarto, aguardavam-no os espíritos mais asquerosos de todos. Das posições que ocupavam no teto, nas paredes, em cada canto, eles vigiavam a porta do quarto, e sua respiração soava como o arrastar de correntes através de lama cheia de pedregulhos.

De onde estava, Marshall podia apenas ver o canto da cama. Ele se aproximou cautelosamente, olhando para trás e até para cima.

Ao chegar ele à porta do quarto, uma única imagem, como uma fotografia, imprimiu-se instantaneamente em seu cérebro. Um segundo pareceu uma eternidade enquanto seus olhos voaram do cobertor borrifado de sangue ao crânio de Ted Harmel, espatifado por uma bala, ao grande revólver que ainda pendia da sua mão inerte.

Gritos! Trovões! Presas de fora para morder! Os demônios explodiram das paredes, dos cantos do quarto e se arremeteram como flechas na direção do coração de Marshall.

Um relâmpago ofuscante! Depois outro, e mais outro! A mais alva luz ardente descreveu brilhantes arcos chamejantes, um gume cauterizante que ceifava o bando de espíritos malignos como uma grande foice. Pedaços de demônios sumiam no ar; outros demônios implodiam e desapareciam em nuvens instantâneas de fumaça vermelha. Levas de espíritos ainda jorravam sobre o homem solitário em pé ali em terror irracional, mas de repente ele foi cercado por quatro guerreiros celestes revestidos de gloriosa luminosidade, as asas cristalinas abertas como um dossel sobre o seu protegido, as espadas indistintas no meio do voltear e tremular de lençóis de esplendor.

O ar encheu-se com os gritos ensurdecedores dos espíritos hediondos à medida que lâminas encontravam flancos, pescoços, torsos, e demônio após demônio era jogado de lado em pedaços que instantaneamente se desintegravam e desvaneciam como vapor. Natã, Armote e dois outros anjos, Senter e Cree, arremetiam-se, negaceavam, volteavam, esbordoavam um espírito e retalhavam outro, dando estocadas com as lâminas em miríades de direções. Os clarões de suas espadas rebrilhavam contra as paredes, ofuscantes o bastante para desbotar todas as cores.

Natã destripou um demônio e mandou-o revirando através do teto, deixando uma trilha vermelha de vapor que aos poucos se desvaneceu. Com a espada ele retalhava; com a mão livre colhia demônios pelos calcanhares.

Armote e Senter rodopiavam numa nuvem de alta potência, cortando demônios como quem corta grama. Cree jogou-se contra Marshall e manteve as asas abertas

a fim de proteger o homem estonteado.

— Empurre-os! — gritou Natã, e pôs-se a girar em torno da cabeça o bando de demônios que segurava, sentindo o choque de seus corpos golpeando outros demônios ao ritmo de um pauzinho passando por uma cerca de estacas.

Os demônios começaram a retirar-se; metade já não existia, bem como também metade do seu zelo. Natã, Armote e Senter puseram-se a voar em fechada espiral em torno de Marshall, as espadas cortando as evanescentes fileiras demoníacas.

Um demônio, com um grito de terror, arremeteu-se diretamente ao céu. Senter lançou-se atrás dele e despachou-o depressa como uma ave abatida na caça. O anjo permaneceu acima da casa por algum tempo, contendo muito caprichosa e bruscamente qualquer espírito em fuga, eliminando-os como quem rebate rápidas bolas de tênis.

Então, quase tão subitamente como havia começado, a tormenta cessou. Nenhum demônio restava; nem um havia escapado.

Natã pousou no fundo do corredor enquanto suas asas se dobravam e a luz ao seu redor se desvanecia.

— Como está o nosso homem? Cree disse em tom de alívio:

— Ainda abalado, mas está bem. Ainda tem disposição para lutar. Armote veio descendo para pousar, e imediatamente examinou o vulto deplorável de Harmel. Senter passou através do teto e se reuniu a eles. Armote meneou a cabeça e suspirou:

— Como disse o Capitão Tal, Rafar pode escolher qualquer frente que quiser, a qualquer hora.

— Eles possuíam e atormentavam Ted Harmel havia muito tempo — aquiesceu Senter.

— Kevin Weed está protegido? — perguntou Natã. Armote respondeu com uma ponta de curiosidade:

— Tal enviou Signa para vigiar Weed.

— Signa? Ele não estava incumbido da guarda da igreja?

— Tal deve ter mudado seus planos.

Natã voltou a atenção ao problema imediato.

— É melhor cuidarmos de Marshall Hogan.

Marshall conseguiu se controlar. Por um momento pensou que realmente sucumbiria ao pânico, e essa teria sido a primeira vez em sua vida. Droga, não preciso me envolver neste negócio, não agora, pensou ele. Ele demorou mais alguns momentos para acalmar-se e pensar no que faria. Harmel era história. Mas e os outros?

Ele se dirigiu à sala de jantar e encontrou o telefone. Usando o lenço, e discando com uma caneta, chamou a telefonista, que fez a ligação com o departamento de polícia de Windsor, uma cidade que felizmente era mais próxima do que Ashton. Algo lhe dizia que, neste caso, Brummel e seus homens definitivamente não eram quem ele devia chamar.

— Este é um telefonema anônimo. Houve um tiroteio fatal, um suicídio... — Disse ele ao sargento. Então deu instruções de como chegar lá, e desligou.

A seguir saiu do lugar.

Diversos quilômetros ao norte, ele encostou o carro num posto de gasolina e entrou na cabina telefônica. Primeiro discou o número de Eldon Strachan. Não obteve resposta.

Pediu à telefonista que o ligasse com o Clarim. A essas horas Berenice já devia estar lá. Vamos, moça, atenda!

— Clarim de *Ashton.* — Era Carmem.

— Carmem, aqui é Marshall. Diga a Berenice que atenda, sim?

— Claro.

Berenice levantou imediatamente a sua extensão.

— Hogan, você está chamando para dizer que não vem trabalhar por que está doente?

— Aja com naturalidade, Bernie — disse Marshall. — Houve umas coisas da pesada.

— Bem, tome uma aspirina ou algo assim.

— Isso mesmo. Prepare-se para esta. Acabo de chegar da casa de Ted Harmel. Ele estourou os miolos. Recebi um chamado dele esta madrugada e ele estava falando loucuras, dizendo que alguém estava vindo atrás dele, por isso fui até a casa dele e acabei de encontrá-lo.

Parece que ele teve uma briga feia com alguma coisa. O lugar estava uma bagunça.

— E então, como está-se sentindo de verdade? — disse Berenice e Marshall percebeu que para a moça essa estava sendo a grande encenação de sua vida.

— Estou meio abalado, mas estou bem. Chamei a polícia de Windsor mas preferi sair de lá. No momento, estou perto de Windsor na Rodovia 38. Vou rumo ao norte fazer uma visitinha ao Strachan para ver como ele está. Quero que você veja como o Weed está agora mesmo. Não quero saber de nenhuma outra fonte morrer.

— Você acha... acha que é contagioso?

— Não sei ainda. Harmel era um tanto doido; pode ser um incidente isolado. O que sei é que tenho de falar com Strachan a esse respeito, e não quero que demore para ver como Weed está.

— Está bem, farei isso hoje mesmo.

— Devo estar de volta esta tarde. Cuidado.

— Cuide-se.

Marshall voltou ao carro e consultou o mapa a fim de descobrir a melhor maneira de chegar à casa de Eldon Strachan. Levou mais uma hora para percorrer a distância, mas logo estava encostando na mesma antiga entrada de carro da original casa da fazenda.

Ele pisou no freio e o carro parou com uma sacudidela, derrapando nos pedriscos. Abrindo a porta, ele deu mais uma olhada pela janela. Não estava enganado.

As janelas estavam quebradas nessa casa também. E pensando bem, a esta altura aquele cachorro devia estar latindo, mas o lugar estava envolto em um silêncio tumular.

Marshall deixou o carro onde estava e se encaminhou muito quieto na direção da casa. Nenhum som. As janelas da lateral também estavam quebradas. Ele observou que, neste caso, o vidro estava quebrado para dentro, diferindo da casa de Harmel onde o vidro havia sido quebrado para fora. Ele passou pelo lado da casa e examinou a área de estacionamento nos fundos. Nenhum carro. Ele começou a orar pedindo que Eldon e Doris tivessem ido a algum lugar e se encontrassem distantes de seja lá o que fosse que estivesse acontecendo.

Ele deu a volta à casa, e então entrou na varanda da frente e tentou abrir a porta. Estava trancada. Espiou pela janela da frente — quase todo o vidro se fora — e viu caos total lá dentro: a casa tinha sido saqueada.

Com cuidado, ele passou pela janela e entrou no que fora uma sala de estar, agora em lamentável estado de confusão. A mobília estava jogada por toda a parte,

as almofadas do sofá estavam todas cortadas, a mesinha de centro havia sido partida em diversos pedaços, alguns abajures haviam sido atirados ao chão e quebrados, tudo fora de lugar e jogado.

— Eldon! — chamou Marshall. — Doris! Ó de casa!

Como se eu realmente esperasse resposta, pensou ele. Mas o que era aquilo no espelho em cima da lareira? Ele se aproximou para ver mais de perto. Alguém havia tomado tinta vermelha... ou seria sangue? Marshall examinou atentamente. Com grande alívio, sentiu o inconfundível cheiro de tinta. Mas alguém havia rabiscado uma mensagem obscena de ódio no espelho, uma ameaça muito clara.

Ele sabia que teria de examinar cada cômodo da casa, e naquele exato momento perguntou-se por que não sentia o mesmo terror que sentira na casa de Harmel. Talvez o dia o estivesse deixando amortecido. Talvez já não estivesse acreditando em nada daquilo.

Ele verificou a casa toda, a parte de cima e a de baixo, e até o porão, mas não encontrou nada terrível, o que o deixou muito contente. Contudo, isso não o deixou menos preocupado, nervoso ou perplexo. A despeito das diferenças básicas, era muita coincidência. Dando mais uma olhada na sala de estar, ele tentou encontrar uma ligação. Obviamente, tanto Harmel quanto Strachan haviam sido fontes de informação para a investigação de Marshall e poderiam ter-se tornado alvo de intimidação. Mas Harmel, em seu incrível pavor, poderia ter feito o estrago em sua casa sozinho, lutando contra o que quer que fosse, ao passo que o estrago da casa de Strachan era claramente ação de vândalos, de tipos malévolos desejosos de assustá-lo. Havia uma ligação: o medo. Não importa a forma que tomassem, tanto Harmel quanto Strachan haviam sido alvo de táticas de intimidação. Mas por que iria...

— Muito bem! Pare! Polícia!

Marshall ficou imóvel, mas olhou para fora pela janela quebrada. Lá, na varanda, estava um policial apontando-lhe um revólver.

— Calma — disse Marshall com muita suavidade, sem se mover.

— Ponha as mãos para o alto, bem à vista! — ordenou o oficial. Marshall obedeceu.

— Meu nome é Marshall Hogan, redator do Clarim de Ashton. Sou amigo dos Strachans.

— Não se mexa. Terei de ver alguma identidade, Sr. Hogan. Marshall foi explicando tudo o que fazia.

— Vou enfiar a mão no bolso de trás, está vendo? Aqui está a minha carteira. Agora vou jogá-la para você através da janela.

A essa altura, o companheiro do oficial havia entrado na varanda e também apontava a arma para Marshall. Marshall jogou a carteira através da janela quebrada, e o primeiro policial a apanhou.

O oficial examinou a identidade de Marshall.

— O que está fazendo aqui, Sr. Hogan?

— Tentando descobrir que barbaridade foi essa que aconteceu com a casa de Eldon. E também gostaria de saber o que aconteceu com Eldon e Doris, a esposa dele.

O oficial pareceu satisfeito com a identificação de Marshall e descontraiu-se um pouco, mas seu companheiro manteve o revólver apontado.

O oficial tentou abrir a porta da frente e então perguntou:

— Como foi que você entrou aí?

— Por aquela janela — respondeu Marshall.

— Muito bem, Sr. Hogan, vou-lhe pedir que saia com muito cuidado pela mesma janela, e o faça bem devagar. Por favor, fique com as duas mãos bem à vista.

Marshall obedeceu. Assim que pisou na varanda, o oficial fê-lo voltar-se, as mãos contra a parede, e revistou-o. Marshall perguntou:

— Vocês são de Windsor?

— Delegacia de Windsor — veio a breve resposta, e com isso, o oficial agarrou os pulsos de Marshall, um de cada vez, e os algemou. — Está sendo preso. Tem o direito de permanecer em silêncio...

Marshall podia pensar em muitos tipos de perguntas que queria fazer e mal pôde impedir-se de desmontar esses dois, mas sabia que era melhor não dizer nada.

25

Logo após ter falado com Marshall, Berenice ligou para Kevin Weed, mas ninguém atendeu o telefone. Provavelmente ele estivesse trabalhando com o pessoal da madeireira aquele dia. Ela rebuscou o arquivo e encontrou o número do telefone da Madeireira Irmãos Gorst.

Disseram-lhe que Kevin não havia aparecido, e que se ela o visse era bom dizer-lhe que aparecesse depressa ou estaria despedido.

Ela discou o número do Bar Sempre-Verde em Baker. Dan, o proprietário, atendeu.

— Claro — disse ele — Weed esteve aqui de manhã, como sempre. Só que estava mais azedo que limão. Puxou briga com um dos companheiros e tive de botar os dois para fora.

Berenice deixou com Dan o número do Clarim, caso visse Weed novamente. Então desligou e pensou por um momento. Não seria muito difícil pegar o carro e ir a Baker; além disso, ordens eram ordens. Ela examinou o horário daquele dia e tentou dispor suas tarefas de modo que acomodasse a viagem.

— Carmem — disse, agarrando o casaco e a bolsa — acho que estarei fora o resto do dia. Se Marshall ligar diga-lhe que fui averiguar certa fonte. Ele saberá o que quero dizer.

— Certo — disse Carmem.

Baker ficava cerca de vinte e cinco quilômetros ao norte pela Rodovia 27; os apartamentos onde Weed morava localizavam-se a pouco mais de três quilômetros antes da chegada à cidadezinha. Berenice encontrou-os sem grande dificuldade, um triste conjunto de cubículos apodrecidos enfileirados num velho depósito desbotado pelo sol. O nariz de Berenice lhe disse que o sistema de esgoto estava com problema.

Ela subiu pela escada de tábuas até a plataforma de carregamento que agora servia de pátio e entrada. Entrando, ela se espantou com a escuridão do prédio. Olhando pelo longo corredor, ela notou muitas portas bem próximas umas das outras. Aquilo não eram apartamentos, eram cubículos.

A moça ouviu passos nas velhas tábuas do andar de cima, passos que agora desceram a escadaria às suas costas. Ela voltou a cabeça apenas o suficiente para ver um tipo de aparência desagradável, uma aparição magricela, o rosto cheio de espinhas, as roupas de couro preto. Prontamente, ela resolveu que tinha um compromisso urgente na outra ponta do corredor e pôs-se a caminhar nessa direção.

— Olá — chamou o homem. — Procurando alguém? Rápido, Berenice.

— Apenas visitando um amigo, obrigada.

— Boa visita — disse ele, e continuou medindo-a de alto a baixo como se ela fosse um filé.

Ela caminhou depressa pelo corredor, na esperança de que não desse num beco sem saída, e embora não olhasse para trás, sabia que ele ainda estava de olho nela. Hogan, você me paga por isto.

Como ela ficou contente ao encontrar outro lance de escadas que levavam ao andar de cima. O número do apartamento de Weed estava na casa dos duzentos, e ela subiu as escadas. Os degraus eram velhas tábuas gastas, e a iluminação provinha de uma simples lâmpada pendurada de uma viga muito alta. Uns trinta anos antes, alguém havia tentado pintar as paredes. Ela foi subindo em círculos, ignorando os dizeres repulsivos pichados por toda a parte, os sapatos produzindo ruídos ocos nas escadas.

Chegando ao corredor de cima, ela voltou, seguindo os números decrescentes nas portas. De trás de algumas vinham sons de novelas, estações FM de música rock, brigas conjugais.

Ela encontrou a porta de Weed e bateu; ninguém atendeu. Mas as batidas fizeram a porta ceder e ir-se abrindo devagar. A moça deu-lhe uma ajudazinha silenciosa.

A confusão era total. Berenice já tinha visto casa de gente bagunceira, mas como conseguia Weed viver numa condição de desastre como essa?

— Kevin? — chamou ela.

Não houve resposta. Ela entrou e fechou a porta.

Tinha de ser vandalismo; Weed não possuía muita coisa, mas o pouco que tinha estava jogado, quebrado, derramado, e espatifado. Havia papéis e bugigangas por todos os lados, o pequeno leito no canto estava de

pernas para cima, o violão estava furado e emborcado no chão, as lâmpadas que pendiam do teto estavam quebradas, os poucos pratos de segunda mão em cacos por todo o chão da pequena cozinha. Então ela viu palavras pintadas de ponta a ponta numa das paredes, uma ameaça incrivelmente obscena.

Por longo tempo, ela não se moveu. Estava atemorizada. A inferência era bastante clara — quanto tempo ainda antes que ela ou Marshall também fossem atacados? Tentou adivinhar o que Marshall encontraria na casa de Strachan, tentou adivinhar em que estado estaria a sua própria casa, e percebeu que não podia chamar a polícia; a polícia estava do lado deles.

Afinal, ela deslizou silenciosamente pela porta, escreveu um bilhete rápido, caso Weed voltasse, e enfiou-o na rachadura logo acima da maçaneta. Ela olhou para todos os lados, seguiu pelo corredor e desceu as escadas novamente.

Apenas um lance abaixo do segundo andar, uma parede formava um canto cego entre dois lances no patamar do meio. Berenice estava acabando de pensar em como não gostava de cantos cegos num lugar desses, e como a iluminação era fraca...

Uma figura negra, dos degraus de baixo, saltou em cima dela. Seu corpo foi atirado com força contra a velha parede de tábuas enquanto os dentes se chocavam uns contra os outros.

O homem vestido de couro! Uma mão áspera, suja, agarrou a blusa. Um violento puxão para o lado. Tecido rasgando, seu corpo revirando. Um impacto e uma explosão no seu ouvido esquerdo. Um rosto indistinto, cheio de ódio.

Ela estava caindo. Os braços se estenderam procurando a parede, estavam moles, dobraram-se, ela escorregou e caiu ao chão. Uma bota preta eclipsou sua

visão, os óculos foram calcados em seu rosto, sua cabeça bateu contra a parede. Ela ficou dormente. Seu corpo continuou sendo sacudido — ele ainda a estava espancando.

Passo a passo a passo a passo a passo a passo a passo — ele se foi.

Ela estava sonhando, a cabeça rodopiava, havia sangue no chão e os óculos, feitos em pedaços. Ela se afundou contra a parede, sentindo ainda o punho do homem no ouvido, e a bota em seu rosto, e ouvindo o sangue pingar da boca e do nariz. O chão a atraiu como um ímã até sua cabeça finalmente bater nas tábuas.

Ela choramingou, um som gorgolejante à medida que sangue e saliva borbulhava sobre a sua língua. Ela cuspiu tudo, ergueu a cabeça e clamou numa voz meio grito, meio gemido.

De algum lugar acima dela, as tábuas começaram a martelar e estrondear com súbito fluxo de tráfego. Ela ouviu gente gritando, praguejando, descendo estrepitosamente os degraus. Não conseguia se mexer; continuava a sonhar enquanto luz e som apareciam e sumiam, estavam ali, não estavam ali. Mãos puseram-se a segurá-la, movê-la, ampará-la. Um pano limpou-lhe a boca. Ela sentiu o calor de um cobertor. Uma toalha continuava a limpar-lhe o rosto. Ela gorgolejou de novo, cuspiu de novo. Ouviu alguém praguejar de novo.

Embora o investigador da Delegacia de Windsor continuasse tentando, Marshall não respondia às suas perguntas.

— O caso é de homicídio, moço! — disse o detetive. — Ora, fomos informados por fontes de confiança de que você esteve na casa de Harmel hoje cedo, bem próximo à hora da morte. Tem alguma coisa a dizer a esse respeito?

Esse cretino nasceu ontem, pensou Marshall. Claro, seu bandido, vou-lhe contar tudo a fim de me ferrar! Qual homicídio, qual o quê!

Mas o que realmente incomodava Marshall era essa "fonte de confiança", e como ela não apenas sabia que ele estivera na casa de Harmel, como também sabia que os tiras poderiam encontrá-lo na casa de Strachan. Ainda estava tentando encontrar a solução para esse enigma.

O detetive perguntou:

— Então você não vai dizer nada? Marshall nem mesmo assentiu com a cabeça.

— Bem — disse o detetive dando levemente de ombros — pelo menos me dê o nome do seu advogado. Vai precisar dele.

Marshall não tinha uni nome para dar e não conseguia nem mesmo pensar em algum. Passou a ser um jogo de espera.

— Spence — disse um auxiliar — uma ligação de Ashton para você.

O detetive ergueu o telefone que estava na sua mesa.

— Nelson. Alô, Alf. O que há? Alf Brummel?

— Sim — disse o detetive — está bem aqui. Você quer falar com ele? Conosco é que ele não quer falar.

Ele ofereceu o aparelho a Marshall, dizendo: — Alf Brummel. Marshall pegou o receptor.

— Sim, aqui é Hogan.

Alf Brummel, fingiu-se chocado e consternado.

— Marshall, o que está acontecendo?

— Não posso dizer.

— Disseram-me que Ted Harmel foi assassinado e que você é um dos suspeitos. É verdade?

— Não posso dizer.

Alf estava começando a entender.

— Marshall... escute, telefonei para ver se posso ajudar. Ora, estou certo de que houve um engano e estou certo de que podemos chegar a algum acordo. O que você estava fazendo na casa de Harmel, afinal de contas?

— Não posso dizer.

Essa resposta o perturbou.

— Marshall, pela madrugada, quer se esquecer de que sou um tira? Também sou seu amigo. Quero ajudá-lo!

— Faça-o.

— Eu quero. De verdade. Agora escute, deixe-me falar com o Detetive Nelson novamente. Talvez eu possa arranjar alguma coisa.

Marshall entregou o aparelho a Nelson. Nelson e Brummel conversaram um pouco, demonstrando que se conheciam muito bem.

— Olhe, pode ser que você consiga fazer mais com ele do que eu jamais conseguirei — disse Nelson de maneira muito agradável. — Claro, por que não? Ah? Sim, está bem —. Nelson olhou para Marshall. — Ele teve que atender outra chamada. Acho que ele se responsabilizará por você, e penso que assumirá jurisdição do seu caso, se houver caso.

Marshall acenou com a cabeça, sabendo de sobra o que se seguiria. Agora Brummel o teria exatamente onde queria. Se houvesse um caso! Se não houvesse, Brummel acharia um. O que seria agora, Harmel e Hogan na chefia de uma quadrilha de molestadores de

crianças com um assassínio de bandidos?

Nelson ouviu Brummel voltar à linha.

— Sim, alô. Sim, claro.

Nelson entregou novamente o aparelho a Marshall.

Brummel estava contrariado ou pelo menos parecia contrariado.

— Marshall, foi o departamento de bombeiros que acabou de ligar. Acabaram de enviar um carro na direção de Baker. É Berenice. Ela foi assaltada.

Marshall jamais havia pensado que gostaria que Brummel *estivesse* mentindo.

— Diga-me mais.

— Não saberemos mais até que cheguem lá. Não vai demorar. Escute, eles vão soltá-lo em reconhecimento pessoal sob minha supervisão. É melhor você voltar imediatamente para Ashton. Pode se encontrar comigo no meu escritório, digamos, às 3:00hs?

Marshall, tentando conter os palavrões que tinha para aquela embrulhada, pensou que teria um ataque.

— Estarei aí, Alf. Nada poderia impedir-me.

— Ótimo, até às três.

Marshall devolveu o aparelho a Nelson. Nelson sorriu e disse:

— Levaremos você de volta ao seu carro.

O homem de roupas de couro preto estava de volta a Ashton, correndo pelas ruas e depois pelas vielas como um possesso, olhando para atrás, arquejando, gritando, aterrorizado.

Cinco espíritos cruéis, montados nas costas dele, entravam e saíam do seu corpo, apegavam-se a ele como enormes sanguessugas, as garras enterradas em sua carne. Mas não estavam no controle. Também estavam aterrorizados.

Logo acima dos cinco demônios e de sua vítima em disparada, seis guerreiros angélicos flutuavam com as espadas desembainhadas, movendo-se para a esquerda e para a direita, fazendo o que fosse necessário a fim de tocar os demônios na direção certa.

Os demônios sibilavam, cuspiam e tentavam afastar seus perseguidores abanando as mãos entrecortadas de nervos.

O rapaz corria, tentando afugentar abelhas invisíveis.

O rapaz e seus demônios chegaram a uma esquina. Tentaram ir para a esquerda. Os anjos bloquearam o caminho e os incitaram com as espadas à direita. Com um grito e um terrível gemido, os demônios fugiram para a direita.

Os demônios começaram a pedir misericórdia.

— Não! Deixem-nos em paz! — imploraram. — Vocês não têm esse direito!

Logo adiante, Hank Busche e Andy Forsythe vinham andando juntos, conversando acerca dos seus encargos e orando.

Ao lado deles caminhavam Triskal, Krioni, Sete e Scion. Os quatro guerreiros viram o que os seus camaradas tocavam em sua direção, e estavam mais do que preparados.

— Hora de uma lição objetiva para o homem de Deus — disse Krioni.

Triskal simplesmente chamou os demônios com o

dedo e disse:

— Venham, venham!

Andy foi o primeiro a ver o homem.

— Ora... !

— O quê? -— perguntou Hank, vendo a cara estupefata de Andy.

— Prepare-se. Aí vem Bobby Corsi!

Hank olhou e sentiu-se encolher à vista de um tipo de aparência selvagem correndo em sua direção, os olhos cheios de terror, os

braços batendo o ar, debatendo-se com inimigos invisíveis. Andy advertiu:

— Cuidado. Ele pode ser violento!

— Oh, formidável!

Eles ficaram imóveis e esperaram para ver o que Bobby ia fazer. Bobby os viu e gritou mais aterrorizado ainda:

— Não, não! Deixem-nos em paz!

Guerreiros celestiais já era ruim, mas os cinco demônios não queriam nada a ver com Busche e Forsythe. Eles torceram Bobby na outra direção e tentaram escapar, mas foram prontamente cercados pelos seis angélicos.

Bobby estacou bruscamente. Ficou fitando o nada à sua frente, depois olhou para Hank e Andy, depois olhou novamente para seus inimigos invisíveis. Deu um berro, parado onde estava, as mãos em forma de garras e tremendo, os olhos esbugalhados e embaçados.

Hank e Andy adiantaram-se devagar.

— Calma, Bobby — disse Andy suavemente. — Acalme-se.

— Não! — berrou Bobby. — Deixem-nos em paz! Não queremos nada com vocês!

Um anjo cutucou um dos demônios com a ponta da espada.

— Aiiii! — gritou de dor o rapaz, caindo de joelhos. — Deixem-nos em paz, deixem-nos em paz!

Hank adiantou-se rápido e disse com firmeza:

— No nome de Jesus, fique quieto! — Bobby soltou mais um berro. — Fique quieto!

Bobby aquietou-se e começou a chorar, ajoelhado na calçada.

— Bobby — disse Hank, inclinando-se e falando com brandura — Bobby, pode me ouvir?

Um demônio tapou os ouvidos de Bobby. Bobby não ouviu a pergunta de Hank.

Hank, avisado pelo Espírito de Deus, sabia o que o demônio estava fazendo.

— Demônio, em nome de Jesus, solte os ouvidos do rapaz.

O demônio tirou bruscamente as mãos, um olhar surpreso na face. Hank perguntou de novo:

— Bobby?

Desta vez Bobby respondeu:

— Sim, pregador, eu o ouço.

— Você quer-se ver livre desses espíritos? Imediatamente um demônio respondeu:

— Não, não quer! Ele nos pertence — e Bobby cuspiu as palavras no rosto de Hank:

— Não, não quer! Ele nos pertence!

— Espírito, fique quieto. Estou falando com

Bobby.

O demônio não disse mais nada, mas afastou-se amuado. Bobby murmurou:

— Acabei de fazer uma coisa horrível... — Ele começou a chorar. — Você precisa me ajudar... Não posso parar de fazer esse negócio. ..

Hank falou baixinho de lado com Andy:

— Vamos levá-lo a um lugar onde possamos cuidar dele, onde ele possa fazer um escândalo, se precisar.

— A igreja?

— Vamos, Bobby.

Eles o tomaram pelos braços, ajudaram-no a levantar-se, e os três, e os cinco, e os seis, e os quatro dirigiram-se rua acima.

Marshall atravessou Baker em alta velocidade e então deu uma passada rápida pelo conjunto de apartamentos onde Weed morava. Não parecia haver atividade ali, por isso ele se dirigiu a Ashton. Ao chegar ao hospital, viu o carro de socorro estacionado do lado de fora.

Um técnico de emergências médicas que estava prendendo a maca de volta no veículo informou a Marshall que ela estava na sala de pronto-socorro, duas portas abaixo.

Marshall explodiu pelas portas principais e num instante encontrou a sala certa. Quando ia chegando à porta, ouviu um gemido de dor de Berenice.

Ela estava deitada numa mesa, sendo atendida por um médico e duas enfermeiras que lhe lavavam o rosto e colocavam curativos nos cortes. Ao vê-la, Marshall não mais conseguiu se conter; toda a raiva e

frustração e terror daquele dia inteiro explodiram de seus pulmões em veemente imprecação.

Berenice respondeu com lábios inchados e sangrentos:

— Acho que isso diz tudo.

Ele correu para o lado da mesa e o médico e as enfermeiras lhe deram lugar. Tomando a mão de Berenice nas suas, ele não podia acreditar no que tinha acontecido. Seu atacante havia sido impiedoso.

— Quem lhe fez isto? — exigiu ele, o sangue a ferver.

— Percorremos os quinze rounds, chefe.

— Nada de palhaçada, Bernie. Você viu quem foi? O médico advertiu-o:

— Ei, calma, vamos cuidai dela primeiro...

Berenice sussurrou algo. Marshall não conseguiu entender. Ele se abaixou, chegando-se mais perto e ela sussurrou novamente, a boca inchada pronunciando indistintamente as palavras.

— Ele não me estuprou.

— Graças a Deus — disse Marshall, endireitando-se.

A reação dele não a satisfez. Ela acenou que ele se abaixasse de novo e escutasse.

— Tudo o que ele fez foi bater. Foi só o que fez.

— Não está satisfeita? — Marshall sussurrou de volta um tanto alto.

Entregaram à moça um copo d'água para lavar a boca. Ela girou a água na boca e cuspiu numa vasilha.

— A casa de Strachan estava em ordem? — perguntou. Marshall evitou responder. Perguntou ao

médico:

— Quando posso falar com ela em particular? O médico pensou a respeito.

— Bem, ela vai para a radiografia dentro de alguns minutos...

— Dê-me trinta segundos — pediu Berenice — somente trinta segundos.

— Não pode esperar?

— Não. Por favor.

O médico e as enfermeiras saíram da sala. Marshall disse baixinho.

— A casa de Strachan estava uma bagunça; alguém realmente a revirou. Ele não estava lá. Não tenho a mínima idéia de onde ele está ou se está bem.

Berenice relatou:

— O apartamento de Weed estava assim também, e havia uma ameaça pichada na parede. Ele não apareceu no serviço hoje, e Dan do Bar Sempre-Verde disse que ele estava muito chateado com alguma coisa. Não o encontrei.

— E agora eles me embrulharam na morte de Ted Harmel. Descobriram que estive lá hoje de manhã. Pensam que foi eu que o matei.

— Marshall, Susan Jacobson tinha razão: nosso telefone deve estar grampeado. Lembra-se? Você me ligou no *Clarim* e me disse que havia estado na casa de Ted e para onde ia a seguir.

— Sim, foi o que percebi. Mas isso quer dizer que os tiras de Windsor teriam de estar envolvidos também. Eles sabiam certinho onde e quando me encontrar na casa de Strachan.

— Brummel e o Detetive Nelson são *assim,*

Marshall — disse Berenice, erguendo dois dedos juntos.

— Eles devem ter ouvidos por toda a parte.

— Sabiam que eu estaria na casa de Weed sozinha... e quando... — disse Berenice. Foi então que percebeu outra coisa. — Carmem também sabia.

A revelação atingiu Marshall quase como uma sentença de morte.

— Carmem sabe uma porção de coisas.

— Fomos atingidos, Marshall. Acho que estão tentando nos dar

um aviso. Ele se endireitou.

— Espere só até eu encontrar Brummel! Ela agarrou a mão dele.

— Tome cuidado. Quero dizer, realmente tome cuidado! Ele beijou-lhe a testa.

— Boa radiografia!

Ele saiu do quarto qual touro furioso, e ninguém se atreveu a meter-se em seu caminho.

26

Marshall estava com tanta raiva que estacionou mal, tomando dois lugares no estacionamento da Praça do Tribunal. Achou que se atravessasse depressa o estacionamento até a porta do departamento de polícia, poderia se esfriar um pouco, mas a estratégia não deu certo. Ele abriu a porta com um safanão e entrou na recepção. Sara não estava à sua mesa. Brummel não estava no escritório. Marshall olhou para o relógio. Três horas em ponto. Uma mulher apareceu num canto. Ele ainda não a tinha visto antes.

— Olá — disse ele, então acrescentou abruptamente: — Quem é você?

A pergunta a surpreendeu bastante, e ela respondeu com timidez:

— Bem, sou... sou Bárbara, a recepcionista.

— A recepcionista? Que fim levou Sara?

Ela estava intimidada e um pouco indignada.

— Eu... não sei de nenhuma Sara, mas há alguma coisa em que eu possa ajudá-lo?

— Onde está Alf Brummel?

— É o Sr. Hogan?

— Isso mesmo.

— O delegado Brummel está à sua espera na sala de reuniões, no fim do corredor.

Ela nem tinha terminado a sentença e Marshall já estava a caminho. Se a tranca da porta tivesse oferecido a menor resistência, não teria sobrevivido à entrada de Marshall. Ele se precipitou porta adentro, pronto para torcer o primeiro pescoço em que pudesse botar as mãos.

Havia muitos pescoços à escolha. A sala estava cheia de gente que Marshall não esperava, mas enquanto corria os olhos em redor, examinando o rosto dos presentes, não teve dificuldade em adivinhar a pauta da reunião. Brummel tinha os amigos ao seu lado. Figurões. Mentirosos. Maquinadores.

Alf Brummel estava sentado à mesa, cercado por seus muitos comparsas e sorrindo aquele sorriso dentuço.

— Olá, Marshall. Por favor, feche a porta.

Marshall, sem tirar os olhos de toda aquela gente agora reunida, sem dúvida para pôr as coisas em pratos

limpos com ele, fechou a porta com um pontapé. Ali estava Oliver Young, bem como o Juiz Baker, o tesoureiro municipal Irving Pierce, o chefe dos bombeiros Frank Brady, o detetive Spence Nelson de Windsor, alguns outros homens a quem Marshall não reconheceu, e finalmente o prefeito de Ashton, David Steen.

— Bem, olá, prefeito Steen — disse Marshall com frieza. — Que interessante encontrá-lo aqui.

O prefeito apenas sorriu cordial e silenciosamente, como o fantoche mudo que Marshall sempre achara que era.

— Sente-se — disse Brummel, acenando com a mão na direção de uma cadeira vazia.

Marshall não se moveu.

— Alf, é esta a reunião que eu e você íamos ter?

— Esta é a reunião — disse Brummel. — Acho que não conhece todos os presentes... — Com gentileza forçada, Brummel apresentou as novas ou possivelmente novas caras. — Quero apresentar-lhe Tony Sulski, um advogado local, e creio que você já tratou com Ned Wesley, presidente do Banco Independente. Pelo que sabemos, já pelo menos conversou com Eugene Baylor, membro do conselho administrativo da faculdade. E você naturalmente se lembra de Jimmy Clairborne, da Impressora Comercial —. Brummel mostrou os dentes de modo largo, irritante. — Marshall, por favor, sente-se.

Palavrões cruzavam a mente de Marshall, quando ele disse a Brummel:

— Não enquanto eu for a minoria. Oliver Young piou uma resposta:

— Marshall, asseguro-lhe que será uma reunião cortês e cordial.

— E então, qual de vocês espancou a minha repórter até quase matá-la? — Marshall sentia-se muito pouco cortês.

Brummel respondeu:

— Marshall, esse tipo de coisas acontece a pessoas que não têm cuidado.

Marshall cobriu Brummel com algumas descrições como confeitos tirados de uma caixa de esgoto e então lhe disse, fervendo de raiva:

— Brummel, isso não aconteceu simplesmente. Foi planejado. Ela foi atacada e ferida e os seu tiras não fizeram coisa alguma e todos nós sabemos por quê! — Ele os olhou ferozmente. — Vocês estão todos juntos neste negócio, e seus truques saem baratos. Vandalizam casas, fazem ameaças, expulsam as pessoas, agem como um tipo de clube do bolinha de mafiosos! — Ele apontou um dedo acusador na direção de Brummel. — E você, amigão, é uma vergonha para a sua profissão. Você usou os poderes que lhe foram confiados a fim de silenciar e intimidar, e a fim de cobrir a própria sujeira. Young tentou interferir.

— Marshall...

— E você se diz um homem de Deus, um pastor, um exemplo piedoso do que um bom cristão deve ser. Mentiu para mim o tempo todo, Young, escondendo-se atrás da desculpa do que chama de ética profissional, bebendo a baboseira mística da bruxa Langstrat e depois agindo como se nada soubesse a respeito. A quantas pessoas que confiaram em você, você vendeu uma mentira?

Os homens na sala permaneceram assentados em silêncio. Marshall continuou a se desabafar.

— Se vocês são servidores públicos, Hitler foi um grande filantropo! Vocês tramaram planos, manipularam

as pessoas e abriram caminho nesta cidade como bandidos, e silenciaram a todos os que ergueram a voz ou se opuseram a vocês. Lerão acerca disso no jornal, cavalheiros! Se quiserem fazer algum comentário ou negar alguma coisa, terei muito prazer em ouvi-los, e até de publicar o que disserem, mas chegou a hora de todos vocês enfrentarem a imprensa, quer gostem quer não!

Young ergueu as mãos tentando conseguir tempo para falar.

— Marshall, tudo o que posso dizer é que você tenha certeza dos fatos.

— Não se preocupe. As minhas informações são corretas. Sei de gente inocente como os Carluccis, os Wrights, os Andersons, os Dombrowskis, mais de cem pessoas, que foram forçadas a deixar suas casas e negócios por causa de intimidação e por causa de atraso forjado no pagamento de impostos.

Young piou.

— *Intimidação?* Marshall, não está em nosso poder evitar medo, superstições tolas, quebra de famílias. Exatamente o que vai publicar? Que os Carluccis, por exemplo, se convenceram de que a mercearia estava assombrada e que espíritos malignos quebraram as mãos do filho deles? Ora, vamos, Marshall.

Marshall apontou para Young.

— Ei, Young, essa é a sua especialidade. Publicarei que você e o seu bando atiçaram os temores e orquestraram as superstições dessa gente, e contarei tudo a respeito das práticas e filosofias absurdas que usaram a fim de conseguir fazer isso. Sei tudo acerca de Langstrat e da embromação mental que ela usa para deixar todo mundo dopado, e sei que cada um de vocês está embrulhado na coisa.

— Publicarei que vocês incriminam as pessoas

com acusações falsas a fim de fazer com que sejam tiradas dos cargos e posições a para que sua própria gente possa ocupar esses lugares: incriminaram Lew Gregory, o antigo tesoureiro, com uma acusação falsa de conflito de interesses; promoveram e forçaram aquela grande rotatividade no Conselho Diretor da Faculdade Whitmore depois que o Deão Strachan pegou Eugene Baylor — Marshall fitou Baylor diretamente ao dizer — mexendo nos livros! Vocês expulsaram Ted Harmel da cidade sem nada sob a acusação falsa de molestar uma menina, e acho muito interessante o fato de a coitadinha da vítima da filha de Adam Jarred ter agora um fundo especial em seu nome que lhe garante o curso universitário. Se eu procurar mais um pouco, é provável que descubra que o dinheiro saiu do bolso de vocês!

— Publicarei que minha repórter foi vítima de falsa prisão por parte dos capangas de Brummel pelo fato de ter tirado uma foto que não devia, uma foto de Brummel, Young e Langstrat com nada mais nada menos que o próprio Alexander M. Kaseph, o Figurão que está por trás da conspiração para tomar a cidade, ajudado e protegido por vocês todos, um bando de neofascistas pseudo-espiritualizados, sedentos de poder!

Young sorriu calmamente.

— O que significa que você planeja escrever acerca da Omni S.A. Marshall não podia crer que realmente estava ouvindo isso da boca de Young.

— Então esta é a hora de dizer a verdade? Young continuou, descontraído e confiante.

— Bem, você tem pesquisado tudo o que a Omni comprou e tem, não é verdade?

— Isso mesmo.

Young sorriu ao perguntar.

— E quantas casas você diria que foram entregues

à Omni por causa de atraso no pagamento dos impostos?

Marshall recusou-se a fazer o jogo dele.

— Diga-o você.

Young simplesmente voltou-se para Irving Pierce, o tesoureiro. Pierce folheou uns papéis.

— Sr. Hogan, creio que seus registros mostram que cento e vinte e três casas foram leiloadas e compradas pela Omni por falta de pagamento dos impostos...

Ele sabia. Ora, e daí?

— Foi o que descobri.

— O senhor se enganou. Ouçamos a mentira, Pierce.

— O número correto é cento e *sessenta e três.* Todas adquiridas legalmente, legitimamente, nos últimos cinco anos.

Marshall não conseguiu pensar numa resposta. Young continuou.

— Você *está* certo quanto à Omni ser a proprietária de todos esses imóveis, além de muitos outros empreendimentos comerciais. Mas também deve notar quanto essas propriedades foram substancialmente melhoradas sob o novo proprietário. Eu diria que Ashton é com certeza uma cidade melhor por causa disso.

Marshall podia sentir o vapor subindo-lhe à cabeça.

— Essa gente pagou os impostos! Conversei com mais de cem pessoas!

Pierce permaneceu calmo.

— Temos prova substancial de que não pagaram.

— Têm coisa nenhuma!

— E com relação à faculdade... — Young fitou Eugene Baylor, indicando ser sua vez.

Baylor ergueu-se a fim de falar.

— Não agüento mais ouvir essa calúnia e falatório a respeito de a faculdade estar mergulhada em dívidas. A faculdade está muito bem, obrigado e essa... essa campanha de difamação a que Eldon Strachan deu início precisa cessar ou o processaremos! O Sr. Sulski foi contratado exatamente para essa eventualidade.

— Tenho lançamentos, tenho prova, Baylor, de que você deu um desfalque de milhões de dólares na faculdade.

Young interveio:

— Você não tem prova alguma, Marshall. Não tem lançamento algum.

Marshall teve de sorrir.

— Oh, você devia ver o que tenho. Young disse simplesmente:

— Já vimos. Tudo.

Marshall teve a sensação de ter despencado de um penhasco. Young continuou, em tom cada vez mais frio.

— Acompanhamos as suas fúteis tentativas desde o começo. Sabemos que falou com Ted Harmel, sabemos que esteve entrevistando Eldon Strachan, Joe Carlucci, Lew Gregory e centenas de outros impostores, descontentes e profetas de mau agouro. Sabemos que tem perturbado nossa gente e nossos negócios. Sabemos que tem espionado todos os nossos documentos pessoais.

Young fez uma pausa para efeito, e então disse:

— Tudo isso vai cessar agora, Marshall.

— Daí o motivo desta reunião! — disse Marshall, sarcástico. — O que me aguarda, Young? Que diz, Brummel? Tem uma boa acusação de torpeza moral para usar contra mim? Vai mandar alguém destruir minha casa também?

Young levantou-se, pedindo com a mão uma oportunidade de falar.

— Marshall, pode ser que nunca venha a compreender nossos verdadeiros motivos, mas pelo menos dê-me a oportunidade de tentar esclarecer a questão. Não existe nada de sede predatória de poder entre nós, como você provavelmente pensa. Não procuramos poder como um fim.

— Não, obtiveram-no puramente por acidente — disse Marshall, mordaz.

— O poder para nós, Marshall, só é necessário como um meio para obtermos o nosso verdadeiro objetivo com relação à humanidade, que nada mais é do que paz e prosperidade universal.

— Quem é "nós"?

— Oh, você já sabe disso também, bem demais. A Sociedade, Marshall, a Sociedade a que você tem farejado todo esse tempo como se estivesse perseguindo algum misterioso ladrão. A Sociedade da Percepção Universal. E temos nossa própria pequena filial aqui em Ashton, nossa própria pequena participação no Clube Para a Conquista do Mundo!

Young sorriu com muita tolerância.

— É mais do que um clube, Marshall. Na realidade, é uma força há muito esperada que se levanta em prol da mudança global, uma voz mundial que finalmente unirá a humanidade.

— Ah, sim, um movimento tão maravilhoso, tão filantrópico que vocês têm de introduzi-lo às escondidas,

têm de ocultá-lo...

— Somente das idéias antigas, Marshall, dos velhos obstáculos do fanatismo e da intolerância religiosa. Vivemos num mundo que está crescendo e mudando, e a humanidade ainda está-se evoluindo, amadurecendo. O processo de amadurecimento de muitos ainda está atrasado e não podem tolerar aquilo que será melhor para eles. Marshall, muitos de nós simplesmente não sabemos o que é melhor. Algum dia, e esperamos que seja breve, todos compreenderão, não haverá mais religião, e então não haverá mais segredos.

— Enquanto isso, vocês fazem o que podem para assustar as pessoas e afugentá-las de suas casas e negócios...

— Somente, *somente* se forem limitadas em sua perspectiva e se resistirem à verdade; apenas se colocarem no caminho daquilo que é verdadeiramente certo e bom.

Marshall estava ficando tão enjoado quanto estava zangado.

— Verdadeiramente certo e bom? O quê? De repente vocês são a nova autoridade acerca do que é certo e bom? Vamos, Young, onde está a sua teologia? Onde Deus se encaixa em tudo isso?

Young deu de ombros com resignação e disse:

— *Nós* somos Deus.

Finalmente Marshall afundou-se numa cadeira.

— Ou vocês estão loucos, ou sou eu que estou.

— Sei que vai muito além de qualquer coisa que você já considerou antes. Concordo em que nossos ideais são muito altos e sublimes, mas o que viemos executar é inevitável a todos os homens. Nada mais é do que o destino final da evolução humana: iluminação,

autorealização. Algum dia todos os homens, inclusive você, devem realizar seu próprio potencial infinito, sua própria divindade, e devem-se unir em uma só mente universal, uma percepção universal. A alternativa é perecer.

Marshall tinha ouvido o suficiente.

— Young, isso não passa de excremento de cavalo e você está doido varrido!

Young fitou os outros e pareceu quase triste.

— Todo o mundo tinha a esperança de que você compreendesse, mas, para dizer a verdade, já esperávamos que se sentisse dessa maneira. Você tem tanto que caminhar, Marshall, tanto...

Marshall olhou-os a todos por um bom tempo.

— Vocês planejam tomar a cidade, não é? Comprar a faculdade? Fazer dela algum tipo de colméia para a sua Sociedade cósmica, alucinatória?

Young fitou-o com o rosto muito sério e disse:

— É para o que há de melhor, Marshall. Tem de ser assim. Marshall ergueu-se e se dirigiu à porta.

— Verei vocês no jornal.

— Você não tem jornal algum, Marshall — disse Young abruptamente.

Marshall apenas voltou-se e meneou a cabeça.

— Caia morto.

Ned Wesley, presidente do Banco Independente, ao receber o sinal de Young, disse.

— Marshall, temos de executar a sua hipoteca. Marshall não acreditava no que estava ouvindo.

Wesley abriu seu arquivo na ficha de empréstimos comerciais que Marshall fizera para o *Clarim*.

— Você não tem pago as prestações há oito meses, e não obtivemos resposta às muitas indagações que fizemos. Não temos escolha a não ser executar.

Marshall estava completamente preparado para fazer Wesley engolir seus lançamentos falsificados, mas não teve tempo, pois Irving Pierce, o tesoureiro municipal, tomou a palavra.

— Quanto aos seus impostos, Marshall, temo que também estejam muito atrasados. Não sei como você achou que podia continuar morando naquela casa sem cumprir com as suas obrigações.

Foi nesse exato momento que Marshall descobriu que podia virar assassino. Seria a coisa mais fácil do mundo, exceto por haver dois tiras na sala que adorariam pregar-lhe essa acusação, e um juiz que adoraria jogá-lo atrás das grades para o resto da vida.

— Vocês estão todos doidos — disse ele lentamente. — Não conseguirão safar-se dessa.

Foi então que Jimmy Clayborne, da Impressora Comercial, deu a sua contribuição.

— Marshall, temo que nós também estejamos tendo problemas com você. Meus lançamentos mostram que não recebemos nada pelas últimas seis impressões do *Clarim.* Não há como possamos continuar a imprimir o jornal a menos que você pague as contas.

O detetive Nelson acrescentou:

— São problemas muito sérios, Marshall, e em vista da nossa investigação no caso da morte de Ted Harmel, nada disso melhora a sua situação.

— E quanto à lei — disse o juiz Baker — quaisquer decisões que acabemos tomando dependerá, naturalmente, de como você se comportar daqui por diante.

— Especialmente tendo em vista a queixa de abusos sexuais que acabamos de receber — acrescentou Brummel. — Sua filha deve ser uma moça muito apavorada para ter mantido silêncio durante tanto tempo.

Ele se sentiu como se balas estivessem rasgando-lhe a carne. Podia sentir estar morrendo, estava certo disso.

Apesar de se encolherem à frente do pequeno templo da Igreja da Comunidade de Ashton, e chiarem maldições e imprecações sulfurosas, os cinco demônios mantinham-se tenazmente agarrados a Bobby Corsi. Triskal, Krioni, Sete e Scion estavam lá, juntamente com seis outros guerreiros, as espadas desembainhadas, circundando o pequeno grupo de oração. Hank estava com a Bíblia na mão e já havia repassado algumas referências dos Evangelhos para ter idéia de como proceder. Ele e Andy seguravam Bobby, firme mas delicadamente, que estava sentado no chão à frente do púlpito. John Coleman tinha vindo prontamente a fim de ajudar, e Ron Forsythe não teria perdido a reunião.

— Sim — observou Ron — ele está muito mal. Ei, Bobby, lembra-se de mim, Ron Forsythe?

Bobby olhou para Ron com olhos vidrados.

— Sim, lembro-me de você...

Mas os demônios também se lembravam de Ron Forsythe e do domínio que seus camaradas já haviam exercido sobre a sua vida.

— Traidor! Traidor!

Bobby começou a gritar com Ron:

— Traidor! Traidor! — enquanto lutava por livrar-se de Hank e

Andy. John aproximou-se para ajudar a segurar Bobby.

Hank ordenou aos demônios:

— Parem com isso! Parem com isso agora mesmo!

Os demônios falaram através de Bobby enquanto este se voltou e praguejou contra Hank.

— Não precisamos escutá-lo, homem de oração! Jamais nos derrotará! Morrerá antes de nos derrotar! — Bobby fitou os olhos nos quatro homens e gritou:

— Vocês todos morrerão!

Hank orou em voz alta de maneira que todos, inclusive Bobby, pudessem ouvir.

— Senhor Deus, enfrentamos agora estes espíritos em nome de Jesus, e os atamos!

Os cinco espíritos esconderam a cabeça debaixo das asas como se sob pedradas, chorando e choramingando.

— Não... não... — disse Bobby. Hank continuou:

— E peço agora que o Senhor mande os seus anjos para nos ajudar. ..

Os dez guerreiros estavam prontos e esperando. Hank dirigiu-se aos espíritos.

— Quero saber quantos são. Falem!

Um demônio, menor que os outros, entrou pelas costas de Bobby e ganiu:

— Nãão!

O berro foi expelido com um arroto da garganta de Bobby.

— Quem é você? — perguntou Hank.

— Não direi! Não pode me obrigar!

— No nome de Jesus...

O demônio respondeu imediatamente:

— Adivinhação! Hank perguntou:

— Adivinhação, quantos estão aí dentro?

— Milhões! — Triskal cutucou Adivinhação de leve no flanco. — Ai-ai! Dez! Dez! — Outro cutucão. — Ai-ai! Não, somos cinco, apenas cinco!

Bobby começou a contorcer-se e a tremer enquanto os demônios passaram a brigar. Adivinhação viu-se alvo de duras bofetadas.

— Não! Não! — berrou Bobby pelo demônio. — Agora vejam o que me obrigaram a fazer! Os outros estão me batendo!

— Em nome de Jesus, saia — disse Hank.

Adivinhação soltou Bobby e flutuou para cima por sobre o grupo. Krioni agarrou-o.

— Saia desta região! — ordenou.

Adivinhação obedeceu imediatamente e saiu voando da igreja, sem olhar para atrás.

Um demônio grande e peludo gritou após o espírito que partira, e Bobby olhou para o teto, gritando:

— Traidor! Traidor! Ainda pagará pelo que fez!

— E quem é você? — perguntou Hank.

O demônio fechou a boca, e Bobby fez o mesmo, fitando os homens com olhos cheios de fogo e ódio.

— Espírito, quem é você? — exigiu Andy.

Bobby permaneceu em silêncio, o corpo todo tenso, os lábios apertados, os olhos esbugalhados. Sua respiração era curta e frenética. Seu rosto estava rubro.

— Espírito — disse Andy — ordeno-lhe que nos

diga quem é, em nome de Jesus!

— Não mencione esse nome! — o espírito sibilou e então praguejou.

— Mencionarei esse nome vez após vez — disse Hank. — Você sabe que esse nome o derrotou.

— Não... Não!

— Quem é você?

— Confusão, Loucura, Ódio... Faço tudo isso!

— Em nome de Jesus, eu o ato e ordeno-lhe que saia!

Todos os demônios fizeram um súbito movimento das asas em conjunto, puxando, dilacerando Bobby, tentando escapar.

Bobby lutou para livrar-se dos homens que o seguravam, e eles tiveram de usar toda a sua força a fim de mantê-lo no chão. O peso deles era pelo menos quatro vezes maior do que o do rapaz, e contudo ele quase escapou.

— Saiam! — ordenaram os quatro.

O segundo espírito não conseguiu mais manter-se agarrado a Bobby e subiu com um solavanco enquanto o rapaz se descontraía subitamente. O espírito encontrou-se de imediato nas mãos de dois guerreiros que o aguardavam.

— Saia desta região! — ordenaram-lhe.

Ele baixou um olhar furioso a Bobby e a seus três comparsas restantes, depois arremeteu-se para fora da igreja e sumiu na distância. O terceiro demônio falou logo a seguir, usando a voz de Bobby:

— Você jamais me expulsará! Passei aqui a maior parte da vida dele!

— Quem é você?

— Bruxaria! Muita bruxaria!

— Está na hora de sair — disse Hank.

— Nunca! Não estamos sozinhos, sabia? Somos muitos!

— Somente três, pelas minhas contas.

— Sim, nele, sim. Mas você jamais conseguirá nos apanhar a todos.

Vá em frente e nos expulse deste aqui; ainda existem milhões na cidade. Milhões! — O demônio soltou uma gargalhada.

Andy arriscou uma pergunta.

— E o que é que vocês estão fazendo aqui?

— Esta cidade é nossa! Somos os donos! Ficaremos aqui para sempre!

— Vamos expulsá-los! — disse Hank. Bruxaria apenas riu-se e disse:

— Vamos, tente!

— Saia, em nome de Jesus!

O demônio agarrou-se a Bobby fortemente, desesperadamente. O corpo do rapaz retesou-se de novo. Hank ordenou novamente.

— Bruxaria, em nome de Jesus, saia!

O demônio falou através de Bobby enquanto os olhos do rapaz, selvagens e esbugalhados, fixavam-se em Hank e Andy, e cada tendão de seu pescoço esticava-se como uma corda de piano.

— Não saio! Não saio! Ele é meu!

Hank, Andy, John e Ron começaram a orar ao mesmo tempo, golpeando Bruxaria com suas orações. O demônio entrou para dentro de Bobby e tentou esconder a cabeça debaixo das asas; ele babava de dor e agonia, e

fazia careta a cada menção do nome de Jesus. As orações continuaram. Bruxaria começou a respirar com dificuldade. Gritou.

— Rafar — gritou Bobby. — Baal Rafar!

— O que foi que você disse?

O demônio continuou a gritar através de Bobby:

— Rafar... Rafar...

— Quem é Rafar? — perguntou Hank.

— Rafar... é Rafar... é Rafar... é Rafar... — O corpo de Bobby se contorceu, e ele repetia como um repugnante disco quebrado.

— E quem é Rafar? — perguntou Andy.

— Rafar reina. Ele reina. Rafar é Rafar. Rafar é senhor.

— Jesus é Senhor — lembrou John ao demônio.

— Satanás é senhor! — rebateu o demônio.

— Você disse que Rafar era senhor — disse Hank.

— Satanás é senhor de Rafar.

— E de quem Rafar é senhor?

— Rafar é senhor de Ashton. Ele reina sobre Ashton. Andy teve uma inspiração.

— Ele é o príncipe de Ashton?

— Rafar é príncipe. Príncipe de Ashton.

— Bem, repreendemos Rafar também! — disse Ron.

Perto da grande árvore morta, Rafar voltou-se rapidamente como se alguém o tivesse espetado, e correu os olhos desconfiados por diversos de seus demônios.

O demônio continuou a soltar bazófias, falando através de Bobby, cuja face se contorcia em imagem quase perfeita das expressões do demônio.

— Somos muitos, muitos, muitos! — jactou-se o demônio.

— E a cidade de Ashton é sua? — perguntou Hank.

— Com exceção de você, homem de oração!

— Então está na hora de começar a orar — disse Andy, e foi o que todos fizeram.

O demônio fez uma careta de dor terrível, escondendo com desespero a cabeça debaixo das asas e agarrando-se a Bobby com toda a força que desaparecia rapidamente.

— Não... não... não! — choramingou.

— Solte-o, Bruxaria — disse Hank — e saia dele.

— Por favor, deixe-me ficar. Prometo que não o ferirei!

Um sinal seguro. Hank e Andy se entreolharam. A coisa estava prestes a sair. Hank olhou diretamente nos olhos de Bobby e ordenou:

— Espírito, saia, em nome de Jesus! Agora!

O demônio guinchou enquanto suas garras começaram a escorregar, soltando Bobby. Lentamente, centímetro a centímetro, apesar dos esforços frenéticos do demônio em mantê-las enterradas, elas começaram a retrair-se. Ele berrava e praguejava, e os sons saíam da garganta de Bobby enquanto a última garra se soltou e o demônio adejou para o alto. Os anjos estavam prestes a ordenar-lhe que deixasse a região, mas ele já estava a caminho.

— Vou indo, vou indo! — sibilou, sumindo de vista.

Bobby descontraiu-se, e o mesmo fizeram os quatro homens que lhe ministravam.

— Tudo bem, Bobby? — perguntou Andy. Bobby, o Bobby verdadeiro, respondeu:

— Sim... ainda sobraram alguns, posso senti-los.

— Descansaremos um minuto e depois expulsaremos a todos — disse Hank.

— Sim — disse Bobby. — Façamos isso. Ron deu uns tapinhas no joelho do rapaz.

— Você está indo muito bem!

Nesse momento Mary entrou no templo para ver se podia ajudar de alguma maneira. Tinha ouvido dizer que estavam ministrando a alguém e não se sentia bem ficando em casa.

Mas então ela viu Bobby. O homem! O homem de roupas de couro! Ela ficou paralisada no lugar em que estava.

Bobby ergueu os olhos e a viu.

Também a viu um demônio dentro dele. Subitamente Bobby se transformou, seu rosto de rapaz exausto e temeroso passou ao de um espírito malicioso, lascivo, estuprador.

— Olá — disse o espírito através de Bobby, e a seguir referiu-se a ela em termos lascivos, obscenos.

Hank e os outros ficaram chocados, mas sabiam quem estava falando. Hank olhou na direção de Mary, e viu que ela se afastava, aterrorizada.

— Ele... foi ele quem me ameaçou no estacionamento! — gritou ela.

Os demônios jorraram mais obscenidades. Hank

interveio imediatamente.

— Espírito, fique quieto! O espírito o amaldiçoou.

— É a sua esposa, não é?

— Eu o ato no nome de Jesus.

Bobby retorceu-se e contorceu-se como que vitimado por dor terrível; o demônio estava sentindo a picada das orações.

— Deixe-me em paz! — berrou. — Quero... quero...— Prosseguindo, ele descreveu um estupro com hediondos detalhes.

Mary recuou, mas então se recompôs e respondeu:

— Como se atreve! Sou filha de Deus, e não tenho de agüentar esse tipo de conversa. Fique quieto e saia dele!

Bobby contorceu-se como um verme espetado e teve ânsia de vômito.

— Deixe-o, Estupro! — ordenou Andy.

— Solte-o! — disse Hank.

Mary chegou mais perto e disse com firmeza.

— Eu o repreendo, demônio! Em nome de Jesus, repreendo-o!

O demônio desgrudou-se de Bobby como se acertado por uma bola de demolição e ficou batendo as asas pelo chão. Krioni o agarrou e atirou-o para fora da igreja.

O último espírito estava bem intimidado mas de qualquer forma, muito antipático.

— Eu surrei uma mulher hoje!

— Não queremos ouvir naHa a esse respeito — disse John. — Apenas saia!

— Eu bati nela e a chutei e a surrei...

— Fique quieto e saia! — ordenou Hank.

O demônio praguejou alto e saiu, Krioni ajudou-o a sumir.

Bobby deixou-se cair no chão exausto, mas um sorriso suave estampou-se-lhe no rosto e ele começou a rir alegremente.

— Eles se foram! Graças a Deus, eles se foram!

Hank, Andy, John e Ron chegaram-se a ele a fim de confortá-lo. Mary manteve-se afastada, ainda insegura quanto a esse desgrenhado. Andy foi claro e direto.

— Bobby, você precisa do Espírito Santo em sua vida. Se quiser ficar livre daquelas coisas, você precisa de Jesus.

— Estou pronto, estou pronto! — disse Bobby.

Ali mesmo, naquele instante, Bobby Corsi tornou-se uma nova criatura. E suas primeiras palavras como cristão foram:

— Gente, esta cidade está mal! Esperem só até ficarem sabendo do que andei fazendo e para quem estive trabalhando!

27

Sempre acontecia no apartamento da professora Juleen Langstrat, na sala de estar escurecida, iluminada por uma única vela na mesinha de centro, sentada no macio e confortável sofá. Langstrat era sempre a mestra e guia, instruindo em voz calma e clara. Shawn estava sempre presente para dar apoio moral e também participar. Sandy nunca estava sozinha.

Eles se tinham encontrado dessa maneira regularmente, e cada vez era uma aventura totalmente nova. As excursões calmas, repousantes a outros níveis do consciente eram como o abrir de uma porta totalmente nova a uma realidade superior, ao mundo de experiências e poderes psíquicos. Sandy estava completamente fascinada.

O metrônomo sobre a mesinha batia, em ritmo lento, repousante, constante, inspire, expire, relaxe, relaxe, relaxe.

Sandy estava ficando perita na arte de mergulhar abaixo dos níveis superiores do consciente, níveis esses nos quais todos os seres humanos normalmente operam, mas que são os mais perturbados e atravancados por estímulos externos. Em algum lugar abaixo deles encontravam-se os níveis mais profundos, onde se podiam encontrar verdadeiras capacidades e experiências psíquicas. A fim de atingir esses níveis era preciso descontração, meditação e concentração cuidadosas e metódicas. Langstrat havia-lhe ensinado todos os passos.

Enquanto Sandy permanecia assentada imóvel no sofá e Shawn observava atentamente, Langstrat fazia uma lenta e contínua contagem regressiva, na cadência do metrônomo.

— Vinte e cinco, vinte e quatro, vinte e três...

Em pensamento, Sandy se encontrava num elevador, descendo aos níveis mais profundos do seu ser, descontraindo-se, desligando os níveis superiores de atividade cerebral, movendo-se através dos planos inferiores.

— Três, dois, um, nível Alfa — disse Langstrat. — Agora, abra a porta.

Sandy visualizou-se abrindo a porta do elevador e entrando numa linda campina verde cercada de árvores

recobertas de flores brancas e rosadas. O ar era cálido e soprava uma leve brisa, como uma delicada carícia. Sandy olhou em redor.

— Você a vê? — perguntou Langstrat suavemente.

— Ainda estou procurando — respondeu Sandy. Então seu rosto se iluminou. Aí vem ela! Como é linda!

Sandy podia vê-la caminhando em sua direção, um linda jovem de loiros cabelos cascateantes, toda vestida de tremeluzente linho branco. Seu rosto resplandecia de felicidade. Vinha de mãos estendidas em saudação.

— Olá! — chamou Sandy feliz.

— Olá! — respondeu a moça na voz mais linda e melodiosa que Sandy jamais ouvira.

— Você veio para me guiar?

A moça loira tomou nas suas as mãos de Sandy e olhou em seus olhos com tremenda bondade e compaixão.

— Sim. Meu nome é Madeline. Eu a ensinarei. Espantada, Sandy olhou para Madeline.

— Você parece tão jovem! Já viveu antes?

— Sim. Centenas de vezes. Mas cada vida foi simplesmente um passo para cima. Eu lhe mostrarei o caminho.

Sandy estava extasiada.

— Quero aprender. Quero ir com você.

Madeline tomou a mão de Sandy e começou a conduzi-la através da campina verdejante na direção de uma imaculada calçada dourada.

Enquanto Sandy permanecia sentada no sofá do apartamento de Langstrat, o rosto cheio de gozo e arrebatamento, garras brilhantes penetravam-lhe o

crânio à medida que as mãos retorcidas e negras de um hediondo demônio prensavam-lhe a cabeça. O espírito, inclinado sobre ela, sussurrava palavras à sua mente:

— Então venha. Venha comigo. Eu a apresentarei a outros que se elevaram antes mesmo de mim.

— Eu adoraria! — respondeu Sandy. Langstrat e Shawn sorriram um para o outro.

Tom McBride, o colador, ouviu a campainha da porta da entrada e só conseguiu gemer. O dia havia sido um dos mais traumáticos pelos quais já passara. Dirigiu-se apressado à frente a tempo de ver

Marshall entrar e ir diretamente para o escritório. Tom estava confuso e cheio de perguntas.

— Marshall, onde esteve e onde está Berenice? Os jornais não chegaram da impressora! O telefone não parou de tocar o dia todo. Finalmente tive de ligar a secretária eletrônica, e muita gente já veio indagar o que aconteceu com o jornal de hoje.

— Onde está Carmem? — perguntou Marshall, e Tom notou que Marshall tinha uma aparência muito, muito doente.

— Marshall — perguntou ele, preocupado — o que... o que está errado? O que está acontecendo por aqui?

Marshall rosnou, quase gritando:

— Onde está Carmem?

— Não está aqui. Esteve aqui, mas então Berenice se mandou, e depois ela se mandou. Fiquei sozinho o dia todo!

Marshall abriu com fúria a porta do escritório e entrou. Foi direto a uma gaveta do arquivo e puxou-a com força. Vazia. Tom, a distância segura, observava.

Marshall enfiou a mão em baixo da mesa e puxou uma caixa de papelão. A caixa saiu fácil e leve. Ele viu que também ela estava vazia e a jogou ao chão soltando uma praga em voz alta.

— Alguma coisa... há algo que eu possa fazer? — perguntou Tom. Marshall deixou-se cair na cadeira, o rosto pálido, o cabelo desgrenhado. Por alguns instantes, ele apenas se deixou ficar sentado, a cabeça apoiada na mão, respirando fundo, tentando pensar, tentando se acalmar.

— Ligue para o hospital — disse afinal com voz muito fraca que de jeito nenhum parecia a de Marshall Hogan.

— O... o hospital? — Tom não gostava nada daquilo.

— Pergunte como Berenice está passando. O queixo de Tom caiu.

— Berenice! Ela está no hospital? O que aconteceu? Marshall explodiu:

— Apenas faça o que mandei, Tom!

Tom correu ao telefone. Marshall ergueu-se e foi à porta.

— Tom...

Tom levantou os olhos, mas continuou a discar o número. Marshall recostou-se contra a porta. Sentia-se tão fraco, tão impotente.

— Tom, sinto muito. Realmente sinto muito. Obrigado por fazer a chamada. Informe-me do que eles disserem.

Com isso Marshall voltou-se e entrou de novo no escritório, deixando-se cair na cadeira e permanecendo sentado, imóvel.

Tom veio com o relatório.

— Ah... Berenice teve apenas uma costela quebrada e eles a enfaixaram... mas nenhum outro ferimento sério. Alguém trouxe o carro dela de Baker, e ela já teve alta e foi para casa. É lá que ela está no momento.

— Sim... eu tenho de ir para casa...

— O que aconteceu com ela?

— Ela foi espancada. Alguém a atacou, surrou.

— Marshall... — Tom estava tão horrorizado que quase ficou sem fala. — É... bem... que coisa terrível!

Marshall levantou-se com dificuldade da cadeira e se recostou contra a escrivaninha. Tom ainda estava preocupado.

— Marshall, a edição de sexta-feira vai sair? Mandamos as colagens à impressora... não compreendo.

— Não imprimiram — respondeu Marshall com suavidade.

— O quê? Por que não?

Marshall deixou a cabeça pender para a frente, e sacudiu-a. Soltou um suspiro, então olhou de novo para Tom.

— Tom, olhe, tire o resto do dia de folga, o que sobra do dia. Deixe-me ajeitar as coisas por aqui e então ligarei para você, está bem?

— Está bem.

Tom foi à salinha dos fundos apanhar a lancheira e o paletó. O telefone tocou, uma linha diferente, um número que Marshall reservava para chamados especiais. Marshall atendeu.

— Clarim — disse.

— Marshall?

— Sim...

— Marshall, aqui é Eldon Strachan.

Oh, graças a Deus, ele está vivo! Marshall sentia a garganta a se apertar. Achou que ia chorar.

— Eldon, você está bem?

— Não muito. Acabamos de chegar de viagem. Marshall, alguém destruiu a minha casa. Está uma bagunça.

— Doris está bem?

— Ela está perturbada. Eu estou chateado.

— Todos nós fomos atingidos, Eldon. Eles nos descobriram.

— O que aconteceu?

Marshall contou-lhe tudo. A parte mais difícil de todas foi dizer a Eldon Strachan que seu amigo e companheiro de exílio, Ted Harmel, estava morto.

Durante longo tempo, Strachan teve dificuldade em falar. Passaram-se diversos minutos em constrangedor e doloroso silêncio, interrompido apenas quando um dos dois perguntava se o outro ainda estava no telefone.

— Marshall — disse Strachan afinal — é melhor corrermos. É melhor nos mandarmos daqui a toda e nunca mais voltarmos.

— Correr para onde? — perguntou Marshall. — Você já correu uma vez, lembra-se? Enquanto estiver vivo, Eldon, estará vivendo com esta coisa e eles saberão.

— Mas o que podemos fazer afinal?

— Temos amigos, pela madrugada! E o promotor geral do estado?

— Já lhe disse, não posso procurar Norm Mattily sem nada além da minha palavra. Preciso de algo mais que nossa amizade. Preciso de prova, algum tipo de documentação.

Marshall baixou os olhos à caixa de papelão vazia.

— Conseguirei algo para você, Eldon. De um jeito ou de outro, conseguirei algo para mostrar a quem se dispuser a ouvir.

Eldon suspirou.

— Apenas não sei por quanto tempo ainda isto vai continuar...

— Por tanto tempo quanto permitirmos, Eldon. Ele pensou por um instante, então disse:

— É, você tem razão. Consiga-me algo sólido, e verei o que posso fazer.

— Não temos escolha. No momento estamos com a corda em torno do pescoço; temos de nos salvar!

— Bem, eu certamente pretendo fazer isso. Doris e eu vamos desaparecer, e 'depressa, e o aconselharia a fazer o mesmo. O que não podemos fazer é ficar por aqui.

— Onde poderei encontrá-lo?

— Não vou dizer-lhe pelo telefone. O gabinete de Norm Mattily entrará em contato com você. Será sinal de que consegui chegar a ele, e, de qualquer forma, essa é a única forma de eu lhe ser útil.

— Se eu não estiver aqui, se tiver dado o fora da cidade, ou aparecer morto, diga ao seu amigo que entre em contato com Al Lemley no Times de Nova York. Tentarei deixar recado com ele.

— Verei você um dia destes.

— Vamos orar para que sim.

— Tenho orado bastante nos últimos dias.

Marshall desligou, trancou todas as portas, e dirigiu-se a casa.

Berenice encontrava-se deitada no sofá com uma bolsa de gelo no rosto e uma faixa desconfortável em torno das costelas, e com muita vontade de receber um telefonema. Já havia vomitado uma vez, a cabeça latejava e ela se sentia péssima, mas queria receber um telefonema. O que estava acontecendo lá fora? Tentou chamar o *Clarim,* mas ninguém respondeu. Ligou para a casa de Marshall mas lá também ninguém atendeu.

Ora, quem diria! O telefone tocou. Ela o arrebatou como uma coruja agarrando um ratinho.

— Alô?

— Berenice Krueger?

— Kevin?

— Sim... — Ele parecia nervoso e agitado. — Ei, estou morrendo, quero dizer, estou realmente apavorado!

— Onde você está, Kevin?

— Em casa. Ei, alguém entrou aqui e bagunçou o lugar!

— A porta está fechada?

— Está.

— Então por que não a tranca?

— Sim, já tranquei. Estou com medo. Eles devem ter mandado alguém atrás de mim.

— Muito cuidado com o que disser, Kevin. O que ouvimos dizer acerca dos nossos telefones estarem grampeados é provavelmente certo. Podem ter

grampeado o seu telefone.

Weed não disse nada por um momento; então praguejou de puro pavor.

— Acabei de receber um telefonema de você sabe quem! Acha que eles ouviram a nossa conversa?

— Não sei. Precisamos ter cuidado.

— E o que vou fazer? Está tudo vindo abaixo. Susan diz que tem a mercadoria, e está tudo vindo abaixo! Ela vai dar o fora...

Berenice interrompeu-o.

— Kevin, não diga mais nenhuma palavra. E melhor você me dizer pessoalmente. Vamos nos encontrar em algum lugar.

— Mas eles não ficarão sabendo onde nos encontraremos?

— Se souberem, saberão, mas pelo menos teremos algum controle sobre o que ouvirão.

— Bem, então vamos depressa, e estou dizendo *depressa!*

— Que tal a ponte ao norte de Baker, a do rio Judd?

— A verde grandona?

— Ela mesmo. Há uma saída bem ao norte dela. Posso estar lá em torno... — Berenice olhou para o relógio de parede —... digamos das 7:00.

— Estarei lá.

— Certo. Até logo.

Berenice ligou imediatamente para o *Clarim.* Nada. Ligou para a casa de Marshall.

O telefone na cozinha dos Hogans tocou e tocou, mas Marshall e Kate permaneceram quietos à mesa, deixando que tocasse até parar.

Kate, as mãos um tanto trêmulas, a respiração conscientemente controlada, os olhos marejados de lágrimas, olhava para o marido.

— O telefone sempre traz más notícias — gracejou ela, baixando os olhos por um instante.

No momento Marshall tinha tanta força íntima quanto um saco de lixo vazio e, coisa rara em sua vida, não sabia o que dizer.

— Quando foi que recebeu o chamado? — perguntou ele afinal.

— Hoje de manhã.

— Mas não sabe quem era?

Kate respirou fundo, tentando manter-se acima das emoções.

— Fosse quem fosse, sabia praticamente tudo sobre mim, sobre você, e até sobre Sandy; não era apenas um engraçadinho. As. credenciais dele eram impressionantes.

— Mas ele estava mentindo! — disse Marshall furioso.

— Eu sei — respondeu Kate com firmeza.

— Não passa de mais uma tática para sujar meu nome, Kate. Estão tentando tomar o meu jornal, estão tentando tomar a minha casa, e agora estão tentando destruir o meu casamento. Não existe, nem jamais existiu nada entre mim e Berenice. Pela madrugada, tenho idade para ser pai dela!

— Eu sei — respondeu Kate, e fez uma pausa, tentando conseguir forças para continuar. — Marshall, você é o meu marido, e se algum dia eu o perdesse sei

que jamais encontraria outro melhor. Também sei que você não é de jogar suas paixões por aí. Tirei a sorte grande com você e jamais me esqueci disso.

Ele tomou a mão dela.

— E você é toda a mulher que eu jamais poderia desejar. Ela apertou a mão dele, dizendo:

— Tenho confiança em que essas coisas jamais mudarão. Suponho que é esse tipo de confiança que me tem feito continuar, esperando...

Sua voz sumiu, e houve um momento de silêncio. Kate teve de abafar as emoções e Marshall não conseguia pensar em nada para dizer.

— Marshall — disse ela afinal — há algumas outras coisas que também não mudaram, mas essas deviam ter mudado; fizemos um acordo, você e eu, de que mudariam. Concordamos em que as coisas seriam diferentes depois que nos mudássemos de Nova York, que você não se mataria mais no trabalho, que teria mais tempo para a família, que talvez conseguíssemos nos conhecer novamente e consertar as coisas —. As lágrimas começaram a cair e lhe era difícil falar, mas estava decidida, e continuou. — Não sei o que é, se o maior furo jornalístico simplesmente o segue não importa aonde vá ou se é você mesmo quem o inventa, vez após vez. Mas se algum dia eu tivesse ciúme e suspeitasse de uma amante, a amante seria o seu trabalho. Você realmente tem outro amor, Marshall, e não sei se posso competir com ele.

Marshall sabia que jamais conseguiria explicar tudo.

— Kate, você não imagina o tamanho da coisa toda. Ela meneou a cabeça. Não queria ouvir.

— Não é esse o problema. Para dizer a verdade,

tenho certeza de que é grande, que é extremamente importante, provavelmente justifica a quantidade de tempo e energia que você lhe tem dedicado. Mas o que tenho de tratar agora é o prejuízo que essa coisa toda tem-me causado, e a Sandy, e a esta família. Marshall, não sou dada a

fazer comparações; não importa onde Sandy e eu tenhamos sido colocadas em sua lista de prioridades, ainda estamos sofrendo, e esse é o problema que tenho de enfrentar. Não me importo com nada mais.

— Kate... é isso o que eles querem!

— Estão conseguindo — respondeu ela abruptamente. — Mas não se atreva a jogar a culpa sobre ninguém mais pelo seu fracasso em cumprir o que prometeu, Marshall, e estou exigindo o cumprimento das promessas que fez à sua família.

— Kate, não pedi que isto surgisse, não pedi que acontecesse. Quando tudo terminar...

— Já terminou! E não é realmente uma questão de escolha para mim. Tenho minhas limitações, Marshall. Sei quanto consigo agüentar. Tenho de ir embora.

Marshall estava fraco demais para dizer alguma coisa. Não conseguia pensar em algo que dizer. Tudo o que podia fazer era olhá-la nos olhos e deixá-la falar, deixá-la fazer o que quer que fosse que tivesse de fazer.

Kate continuou. Ela tinha de pôr tudo para fora antes que não conseguisse fazê-lo.

— Conversei com minha mãe hoje cedo. Ela ficou firme ao lado de nós dois, e não está tomando partido de maneira alguma. De fato, e pode ser que você ache isto interessante, ela tem orado por nós, por você em particular. Ela disse que até sonhou com você outra noite; sonhou que você estava em apuros e que Deus

enviaria seus anjos a fim de ajudá-lo, se ela orasse. Ela levou a coisa toda muito a sério e tem orado desde então.

Marshall sorriu fracamente. Apreciava aquilo, mas que bem estava fazendo? Kate chegou ao que realmente importava.

— Vou ficar com ela uns dias. Preciso de tempo para pensar. E *você* precisa de tempo para pensar. Nós dois precisamos saber ao certo quais das suas promessas você está realmente disposto a cumprir. Precisamos resolver isso de uma vez por todas, Marshall, antes de darmos mais um passo que seja. Quanto a Sandy, neste exato momento não sei onde ela se encontra. Se eu pudesse encontrá-la pediria que viesse comigo, embora duvide que ela quisesse deixar

Shawn e tudo em que estão envolvidos —. Ela inspirou fundo enquanto essa nova dor tomava conta de seu ser. — Tudo o que posso dizer é que você já não a conhece, Marshall. Eu não a conheço. Ela foi-se afastando de mansinho, de mansinho... e você nunca estava por perto —. Ela não pôde continuar. Enterrou o rosto nas mãos e chorou.

Marshall perguntou-se se deveria aproximar-se dela, abraçá-la. Será que ela aceitaria seu abraço? Poderia acreditar que ele a amava?

A verdade era que seu próprio coração estava-se partindo. Foi até ela e colocou com suavidade a mão em seu ombro.

— Não lhe darei nenhuma resposta feita — disse ele baixinho. — Você tem razão. Tudo o que disse está certo. E não me atrevo a fazer no momento nenhuma outra promessa que talvez não possa cumprir —. As palavras machucavam mesmo enquanto ele se forçava a dizê-las. — Realmente preciso pensar a respeito. Preciso fazer uma verdadeira limpeza. Por que não faz o que

disse? Vá passar uns tempos com sua mãe, deixe toda esta confusão. Eu... eu a avisarei quando tudo terminar, quando tiver resolvido o que é importante. Nem mesmo pedirei que volte até então.

— Eu o amo, Marshall — disse ela chorando.

— Também a amo, Kate.

Ela se ergueu subitamente e abraçou-o, dando-lhe um beijo de que ele se lembraria por muito tempo, um beijo quando se agarrava desesperadamente a ele, quando o rosto estava molhado de lágrimas, quando o pranto lhe sacudia o corpo. Ele a segurou com seus fortes braços como se estivesse agarrando-se à própria vida, a um tesouro precioso que poderia jamais voltar a ter.

Então ela disse:

— É melhor eu ir — e lhe deu um abraço final.

Ele a segurou por um último instante e depois disse tão confortadoramente quanto pôde:

— Vai dar tudo certo. Adeus.

As malas delas já estavam feitas. Ela não levou muita coisa. Depois que a porta se fechou silenciosamente e o carro saiu, Marshall permaneceu sentado sozinho à mesa da cozinha por longo tempo. Entorpecido, ele permaneceu com os olhos fixos nos veios da madeira da mesa, mil lembranças inundando-lhe a mente. Minuto após minuto se passaram sem que ele o percebesse; o mundo continuava sem ele.

Afinal à medida que todos os seus pensamentos e sentimentos vieram repousar sobre o nome dela, seu estupor desmoronou:

— Kate... — e ele chorou e chorou.

28

Guilo mordeu o lábio inferior e, juntamente com suas duas dúzias de guerreiros, examinou o vale. De seu ponto de observação a meio caminho nas encostas das montanhas e escondido entre as rochas, o Covil do Valente parecia uma caldeira que fervia e zumbia com miríades de espíritos negros, formando uma neblina pululante e viva acima da aglomeração de prédios. O som de asas era um cantochão constante, grave, cujo eco retornava sobre si dos penhascos rochosos ao redor do vale. Nesse momento, os demônios estavam alvoroçados, à semelhança de enraivecido enxame de abelhas.

— Eles estão-se preparando para alguma coisa — observou um dos guerreiros.

— Mesmo assim — disse Guilo — algo não me cheira bem, e eu me arriscaria a dizer que se relaciona com *ela.*

Em todo o complexo, furgões e reboques estavam carregados com tudo, desde equipamento de escritório até os troféus empalhados de Alexander M. Kaseph. O pessoal repassava os dormitórios, empacotando os pertences e varrendo os quartos. Excitação e antecipação permeavam tudo, e as pessoas se aglomeravam, tagarelando em suas línguas nativas.

No casarão de pedra, segregada de toda a atividade, Susan Jacobson trabalhava apressada em seu aposento particular, consolidando uma enorme caixa de lançamentos, livros-razão, documentos, material impresso. Tentava eliminar tudo o de que não tivesse absoluta necessidade, mas quase todos os itens pareciam indispensáveis. Mesmo assim, tudo teria de caber em apenas uma mala, que agora estava sobre a

cômoda. Até aqui a carga era volumosa demais para caber na mala, e pesada demais para Susan carregar mesmo que coubesse.

Com algumas orações, murmuradas às pressas, e mais alguns exames rápidos, ela eliminou metade dos itens. A seguir, tomando o que sobrou, começou a arranjar meticulosamente na mala, um livro aqui, alguns depoimentos ali, mais documentos, algumas fotografias, outro livro-razão, um papel impresso no computador, espessa resma de fotocópias, filmes não revelados.

Passos no corredor. Ela fechou depressa a mala, apertando a tampa a fim de poder prender os trincos, e a seguir arrastou o pesado objeto para a grande cama em baixo da qual a fez desaparecer rapidamente. Então jogou os itens que não haviam cabido na mala de volta na caixa e escondeu-a numa prateleira atrás das roupas de cama num pequeno armário.

Kaseph entrou no quarto sem bater. Vestia-se de modo informal porque também estivera fazendo as malas e participando de toda aquela atividade.

Ela se dirigiu a ele e o abraçou.

— Oi, como vão as coisas com você?

Ele devolveu-lhe brevemente o abraço, depois deixou cair os braços e começou a olhar pelo quarto.

— Estávamos sem saber que fim você havia levado — disse. — Estamos nos reunindo no sala de jantar, e estávamos contando com a sua presença —. Havia algo estranho e sinistro no tom de voz dele.

— Bem — disse ela, um tanto desconcertada com o comportamento dele — claro que comparecerei. Nada me faria perder essa reunião.

— Bem, bem — disse ele, ainda correndo os olhos pelo quarto. — Susan, posso examinar a sua mala?

Ela olhou para ele curiosa.

— O quê?

Ele se recusou a mudar ou suavizar a pergunta.

— Quero examinar sua mala.

— Para quê?

— Traga-a aqui — disse ele em tom de quem não admitia contradição.

Ela se dirigiu ao guarda-roupa, tirou uma grande mala azul cheia de roupas e colocou-a sobre a cama. Ele abriu os trincos e jogou para trás a tampa, então começou desfazê-la de modo rude e rápido, atirando o conteúdo aqui e ali.

— Ei — protestou ela — o que está fazendo? Levei horas para conseguir colocar tudo aí dentro!

Ele esvaziou a mala completamente, abrindo cada bolsa do forro, tirando e sacudindo cada peça de roupa. Quando ele terminou, ela estava furiosa.

— Alex, o que significa isso?

Ele se voltou para ela com uma expressão muito sombria, e então seu rosto abriu-se subitamente num sorriso.

— Estou certo de que você conseguirá fazer a mala com maior eficiência ainda da segunda vez —. Ela sabia que não se atrevia a contradizê-lo nesse ponto. — Mas precisei examiná-la por causa de uma coisa. Sabe, cara Susan, você esteve ausente da movimentação normal do pessoal e ausente da minha presença durante muito tempo — e pôs-se a andar lentamente em volta do quarto, os olhos percorrendo todos os cantos. — E parece que estão faltando uns registros e arquivos muito importantes, coisas de natureza muito delicada, coisas a que você, minha Serva, teria acesso —. Ele sorriu, aquele mesmo velho sorriso que cortava como faca. —

Claro que sei que, a despeito das... dúvidas e temores mesquinhos que tem tido ultimamente, seu coração está de fato unido ao meu.

Ela ergueu a cabeça bem alto e o olhou nos olhos.

— Essas coisas são estritamente a fraqueza da minha condição humana, mas algo que ainda espero conquistar.

— A fraqueza da sua condição humana... — Ele pensou sobre isso por um momento. — Essa mesma pequena fraqueza que sempre a torna tão fascinante, porque podia torná-la tão perigosa.

— Está insinuando, então, que eu poderia traí-lo?

Ele se aproximou e descansou as mãos sobre os ombros dela. Susan imaginou como as mãos dele não precisariam mover-se muito a fim de agarrar-lhe o pescoço.

— É possível — disse ele — que alguém esteja tentando trair-me, neste mesmo instante. Posso ler isso na atmosfera —. Ele olhou para ela muito de perto, seus olhos investigando os dela. — Poderia até mesmo ler traição nos seus olhos.

Ela desviou o olhar e disse:

— Eu não o trairia.

Ele se aproximou mais e disse friamente:

— Nem ninguém mais... se soubesse o que o esperaria. Seria uma questão realmente séria.

Ela sentiu as mãos dele apertarem-se com mais força.

Um mensageiro riscou o céu e então disparou, ziguezagueou e serpeou através dos bosques acima de Ashton à procura de Tal.

— Capitão! — chamou ele, mas Tal não se encontrava entre os demais. — Onde está o capitão?

Mota respondeu:

— Conduzindo outra reunião de oração na casa de Hank Busche. Cuidado para não atrair atenção.

O mensageiro planou colina abaixo e flutuou silencioso pelo labirinto de ruas e becos da cidade.

Na casa de Hank, Tal permanecia cuidadosamente escondido dentro das paredes enquanto alguns de seus guerreiros executavam as suas ordens, trazendo pessoas prontas para orar.

Hank e Andy Forsythe haviam convocado uma reunião de oração especial, mas não esperavam o comparecimento de tanta gente. Mais e mais carros continuavam a chegar, e mais e mais gente continuava a entrar pela porta: Os Colemans, Ron Forsythe e Cynthia, o novo crente Bobby Corsi, seus pais Dan e Jean, os Jones, os Coopers, os Smiths, os Bartons, alguns alunos da faculdade e seus amigos. Hank trouxe para a sala todas as cadeiras que possuía. As pessoas começaram a acomodar-se no chão. O aposento estava ficando abafado; tiveram de abrir as janelas.

Tal olhou para a frente da casa e viu uma velha perua encostar. Um grande sorriso abriu-lhe o rosto. Essa seria uma nova adição que Hank ficaria feliz em ver.

Quando a campainha tocou, diversas pessoas gritaram:

— Entre — mas quem quer que estivesse à porta não entrou. Hank passou por cima de uma porção de gente a fim de chegar à porta e abri-la.

Lá estava Lou Stanley, juntamente com a esposa, Margie. Estavam de mãos dadas. Lou sorriu timidamente e perguntou:

— É aqui que estão fazendo a reunião de oração?

Hank acreditou novamente em milagres. Aqui estava o homem que fora removido da igreja por causa de adultério, em pé diante dele, reunido à esposa, e querendo orar com todos os outros!

— É, sim — disse Hank — é sim! Entrem!

Lou e Margie entraram na lotada sala de estar, e foram saudados com amor e aceitação.

Nesse exato momento, ouviu-se outra batida à porta. Hank, ainda por perto, abriu a porta e viu um homem de meia-idade e a esposa em pé do lado de fora. Ele ainda não tinha visto nenhum dos dois antes.

Mas Cecil Cooper sabia quem eram; de onde estava assentado, ele os cumprimentou:

— Ora, louvado seja o Senhor! Incrível! James e Diana Farrel! Hank olhou para Cecil e depois para o casal à sua frente, e seu queixo caiu.

— Reverendo Farrel?

O reverendo James Farrel, ex-pastor da Igreja da Comunidade de Ashton, estendeu a mão.

— Pastor Henry Busche?

Hank assentiu com a cabeça, tomando-lhe a mão. O Reverendo Farrel prosseguiu:

— Ouvimos dizer que ia haver uma reunião de oração aqui esta noite.

Hank, de braços abertos, convidou-os a entrar. Entrementes, o mensageiro chegou e encontrou Tal.

— Capitão, Guilo manda dizer que o tempo de Susan está chegando ao fim! Ela vai ser descoberta. O senhor precisa vir *agora!*

Tal examinou rapidamente a cobertura de oração que havia reunido. Tinha de ser suficiente para que o

plano dessa noite funcionasse.

Hank dava início à reunião.

— O Senhor nos fez sentir que precisamos orar por Ashton esta noite. Ora, ficamos sabendo algumas coisas esta tarde, e estávamos certos quanto a Satanás ter algum controle desta cidade. Precisamos orar pedindo para que Deus ate os demônios que estão tentando assumir o controle, e precisamos pedir vitória para o povo de Deus, e para os anjos de Deus...

Bom, bom! pensou Tal. Poderia bastar. Mas se o que o mensageiro disse fosse a situação real no Covil do Valente, eles teriam de ir em frente com o plano quer a cobertura de oração fosse suficiente, quer não.

A nuvem demoníaca que pairava sobre o vale continuava a engrossar e a rodopiar, e do seu ponto de observação Guilo e seus guerreiros podiam ver o coruscar de milhões de olhos amarelos.

Guilo não conseguia se descontrair, mas vigiava continuamente o espaço acima dos cumes das montanhas a fim de divisar o raio de luz que marcaria a chegada de Tal.

— Onde estará Tal? — murmurou ele. — Onde estará? Eles sabem. Sabem!

Nesse momento, toda a equipe de Kaseph, a força implementadora por trás da Omni S.A., estava reunida no salão de jantar para um banquete arranjado às pressas e reunião final antes da grande mudança para a qual todos se haviam preparado. Era um jantar informal, tipo bufê; tudo era bem à vontade, e o ambiente era de descontração. O próprio Kaseph, geralmente distante de seus inferiores, misturava-se livremente com eles, e mãos estendiam-se a ele como que implorando uma bênção especial.

Susan, trajando novamente o conjunto preto de costume, permanecia ao lado dele, e mãos também se estendiam para ela, buscando um toque especial, um olhar especial ou um olhar de bênção. Esses ela dispensava livremente aos seguidores agradecidos.

Quando a refeição foi servida, Kaseph e Susan tomaram os seus lugares à mesa principal. Ela tentou agir com naturalidade e comer com gosto, mas seu senhor ainda mantinha aquele sorriso, aquele estranho, cortante, maldoso sorriso, que a deixava nervosa. Tinha de se perguntar quanto ele realmente sabia.

Quase no fim do jantar, Kaseph ergueu-se, e como que a um sinal, os presentes se calaram imediatamente.

— Segundo fizemos em outras regiões, em outras partes deste nosso Mundo que se está unindo rapidamente, assim faremos aqui — disse Kaseph, e todos aplaudiram. — Como ferramenta decisiva e poderosa da Sociedade da Percepção Universal, a Omni S.A. está prestes a estabelecer outro ponto de apoio para a futura Ordem do Novo Mundo e o reinado do Cristo da Nova Era. Recebi mensagem de nossa vanguarda de Ashton de que a compra da nova propriedade poderá ser finalizada domingo, e irei pessoalmente antes de vocês a fim de fechar o negócio. Depois disso, a cidade será nossa.

A sala toda explodiu em aplausos e vivas. Mas foi então que, com uma mudança um tanto abrupta de disposição, Kaseph permitiu que seu sobrolho franzisse, e todos os presentes responderam com igual sobriedade.

— Naturalmente, durante todo este esforço maciço, temos muitas vezes sido lembrados de quão sério é todo este negócio no qual estamos envolvidos, ao qual juramos nossas vidas e nossa fidelidade. Muitas vezes ponderamos sobre como seriam funestas as conseqüências para tudo em prol do que trabalhamos se algum de nós se voltasse para o mal e respondesse ao

persistente chamado da cobiça, da temporalidade, ou mesmo — ele olhou para Susan — da fraqueza humana.

Subitamente a sala ficou mortalmente silenciosa. O olhar de todos estava fito em Kaseph enquanto os olhos deste varriam lentamente o grupo.

Susan começou a sentir um terror a formar-se em seu íntimo, um terror que sempre tentara afastar, evitar, controlar. Sentia que a coisa que mais temia se aproximava sorrateiramente dela.

Kaseph continuou:

— Apenas alguns de vocês sabem que durante o processo de transferência dos arquivos do escritório central, descobrimos que diversas de nossas pastas mais importantes estavam faltando. Aparentemente alguém com altos privilégios e acesso interno achou que esses arquivos seriam valiosos... de alguma outra forma —. As pessoas sufocaram exclamações e puseram-se a murmurar. — Ah, não se alarmem. Esta história tem um final feliz. As pastas que faltavam foram encontradas! — Todos se mostraram aliviados, e riram entre si. Essa, pareciam pensar, era outra das provocações de Kaseph.

Kaseph fez sinal a uns guardas de segurança nos fundos da sala e um deles apanhou, o que seria? Susan ergueu-se na cadeira a fim de ver.

Uma caixa de papelão. Não! A caixa de papelão? A que ela havia escondido atrás da roupa de cama? O guarda a estava trazendo à frente, na direção da mesa principal.

Ela ficou onde estava, mas pensou que ia desmaiar. Todo o seu corpo tremia de medo. O sangue fugiu-lhe do rosto; suas entranhas foram crivadas de horríveis dores. Ela fora descoberta. Não havia como escapar. Era um pesadelo.

O guarda da segurança ergueu a pesada caixa e a

colocou sobre a mesa, e Kaseph a abriu com força. Sim, ali se encontrava todo o material que ela havia tão penosamente separado e escondido. Ele o ergueu e segurou de modo que todos pudessem ver. Toda a multidão reprimiu uma exclamação de assombro.

Kaseph atirou o material de volta à caixa e deixou que o guarda a levasse embora.

— Essa caixa — anunciou ele — foi encontrada escondida no roupeiro da Serva.

Todos ficaram pasmados. Alguns permaneceram paralisados pelo choque. Alguns menearam a cabeça. Susan Jacobson orou. Orou furiosamente.

O mensageiro voltou ao vale, encontrando Guilo ávido por notícias.

— Vamos, fale!

— Ele está reunindo uma cobertura de oração para a operação desta noite. Deve chegar a qualquer momento.

— Qualquer momento pode ser tarde demais —. Guilo olhou na direção dos prédios em baixo. — Susan pode morrer a qualquer momento.

Tal observava enquanto o povo reunido orava fervorosamente à medida que o Espírito Santo guiava e dava poder. Oravam especificamente para que os exércitos demoníacos fossem confundidos. Podia ser suficiente! Ele deslizou para fora, oculto na escuridão. Passaria depressa pela cidade e então iria voando ao Covil do Valente, na esperança de chegar a tempo de salvar a vida de Susan.

Mas mal havia colocado os pés na viela estreita e esburacada atrás da casa quando sentiu uma dor aguda

na perna. A espada coriscou à vista num instante e, com um só movimento rápido, ele decepou a cabeça de um pequeno espírito que se havia agarrado a ele. O demônio dissolveu-se em um tufo de fumaça vermelho-sangue.

Outro espírito cravou-se às suas costas. Ele o arrancou. Outro às costas, outra na perna, dois mais retalhando e mordiscando-lhe a cabeça!

— É *Tal!* — ele os ouviu chiando e tagarelando. — É o Capitão Tal!

Muito mais desse barulho e eles atrairiam Rafar! Tal sabia que teria de destruir a todos ou arriscar-se a ser exposto. Os demônios à volta da sua cabeça foram aniquilados com suficiente rapidez. Ele passou a espada de baixo para cima e de um lado para outro das costas e desmembrou o que estava agarrado a elas.

Mas eles pareciam multiplicar-se. Alguns eram de bom tamanho, e todos ambicionavam a recompensa que Rafar daria àquele que revelasse o paradeiro de Tal.

Um grande espírito, rindo-se, veio voando para ver Tal de perto, e depois arremeteu-se em linha reta ao céu. Tal seguiu-o em uma explosão de luz e poder e agarrou-o pelos tornozelos. O espírito berrou e começou a unhá-lo. Tal deixou-se cair de volta à Terra como uma pedra, arrastando consigo o espírito, as asas do bicho batendo e adejando como guarda-chuva quebrado. Uma vez debaixo da cobertura de árvores e casas, a espada de Tal mandou o espírito para o abismo.

Mas outros demônios vinham sobre ele de todas as direções. A notícia se estava espalhando.

Dois guardas poderosos e musculosos, os mesmos homens que já haviam sido seus acompanhantes, arrastaram e carregaram Susan entre si, mal permitindo que ela usasse os próprios pés para se locomover,

atravessando a área, subindo à varanda do casarão de pedra, entrando, subindo a escada ornamentada, e passando pelo corredor do andar superior até o quarto dela. Kaseph acompanhou-os, frio, composto, perfeitamente implacável.

Os guardas jogaram Susan numa cadeira e a seguraram com todo o seu peso, evitando que ela escapasse. Kaseph fitou-a com um olhar longo e glacial.

— Susan — disse ele — minha cara Susan, não estou realmente chocado com o acontecido. Esses problemas já ocorreram antes, com muitas outras pessoas, muitas vezes. E todas as vezes tivemos de solucioná-lo. Como você sabe muito bem, problemas como esse nunca perduram. Nunca.

Ele chegou perto, tão perto que suas palavras pareciam atingi-la como pequenos golpes.

— Jamais confiei em você, Susan, já lhe disse. Portanto, fiquei de olho em você, outras pessoas, a meu pedido, estavam de olho em você, e vejo agora que você reavivou sua amizade com meu... *rival, o* Sr. Weed. Tenho olhos e ouvidos por toda a parte, cara Susan. Desde o momento em que o seu Sr. Weed foi ao *Clarim* de *Ashton,* decidimos vigiar tudo o que ele faz: onde ele vai, com quem se encontra, a quem telefona, e o que diz. Quanto àquele apressado e descuidado telefonema que você lhe deu hoje... — Ele deu uma gargalhada. — Susan, você realmente pensou que não controlaríamos todas as chamadas saídas daqui? Sabíamos que você apresentaria a sua jogada mais cedo ou mais tarde. Tudo o que tínhamos de fazer era esperar e estar prontos. Um empreendimento como o nosso naturalmente tem inimigos. Compreendemos isso.

Ele se inclinou sobre ela, os olhos frios e espertos.

— Mas de modo nenhum toleramos esse tipo de coisa. Não, Susan, tratamos desses problemas dura e

rapidamente. Achei que uma pequena hostilidade silenciaria Weed, mas descubro agora que, graças a você, ele sabe demais. Portanto, será melhor cuidarmos de você e do seu Sr. Weed.

Tudo o que ela conseguia fazer era tremer; não conseguia pensar em nada. Sabia que era inútil pedir clemência.

— Você nunca compareceu a um dos nossos rituais de sangue, compareceu? — Kaseph começou a explicar-lhe como se apresentasse uma pequena palestra. — Os antigos adoradores de Isis, ou Moloque, ou Astarote, não estavam muito atrasados em suas práticas. Pelo menos compreendiam que a oferta de uma vida humana aos que chamavam de deuses parecia ganhar o favor do deus para eles. O que eles faziam em ignorância, continuamos a executar com iluminação. A força de vida que se entrelaça em nós e o Universo é cíclica, não tem fim, é autoperpetuadora. O nascimento do novo não pode ocorrer sem a morte do velho. O nascimento do bem é criado pela morte do mal. É este carma, cara Susan, o seu carma. Em outras palavras, ele ia matá-la.

Um guerreiro perguntou a Guilo: — O que é aquilo? O que estão fazendo?

Ambos ouviam. A nuvem, movendo-se e rodopiando lentamente no vale, gotejava e balbuciava agora com um som estranho, um ruído indefinível que se ia elevando aos poucos em volume e tonalidade. A princípio parecia o reboar de ondas distantes, crescendo a seguir até atingir o rugido de uma turba incontável. Desse ponto, foi crescendo até transformar-se no lamento lúgubre de milhões de sirenas.

Guilo desembainhou lentamente a espada, e o metal da lâmina retiniu.

— O que está fazendo? — perguntou o guerreiro.

— Preparar! — ordenou Guilo, e a ordem espalhou-se entre o grupo. Retiniram as lâminas à medida que cada guerreiro sacava da espada.

— Estão rindo — disse Guilo. — Não podemos fazer nada a não ser entrar lá.

O guerreiro estava disposto, e contudo a idéia era inimaginável.

— Entrar? Entrar... naquilo?

Os demônios eram fortes, brutais, selvagens... e agora estavam rindo, o odor da morte próxima era doce perfume em suas narinas.

Triskal e Krioni precipitaram-se vale adentro, espadas fulgurando e varrendo o espaço em arcos letais de luz à medida que demônios se desintegravam por todos os lados. Outros guerreiros arremeteram ao céu como chamas de um canhão, agarrando demônios em fuga pelo ar, silenciando-os.

Tal estava realmente em apuros, desejando dar vazão total ao seu poder de lutar, e contudo precisando reprimir-se a fim de não chamar atenção sobre si. Assim, ele não podia derrotar os espíritos que se aglomeravam sobre ele como abelhas enraivecidas em violento ataque; antes, tinha de arrancá-los um a um, picando e dando golpes rápidos com a espada.

Mota entrou na briga e aproximou-se de Tal, girando a espada e arrancando demônios do seu capitão como morcegos da parede de uma caverna: — Tome lá! Outro! E mais outro!

Então chegou um momento infinitesimal em que Tal esteve livre de demônios. Mota deslizou rapidamente para o lugar dele enquanto Tal desaparecia no chão.

Os espíritos estavam enraivecidos com a luta, e a princípio continuaram a aglomerar-se e circular pela área; mas então perceberam que, de alguma forma, Tal havia-se escapulido e que eles estavam apenas colocando-se nas mãos de guerreiros celestiais para serem destruídos sem motivo.

Seu número diminuiu depressa, seus gritos foram-se desvanecendo, e logo eles desapareceram.

A diversos quilômetros de distância de Ashton, Tal arremeteu do chão como uma bala de um rifle, riscando o céu, uma trilha luminosa a segui-lo como a cauda de um cometa, a espada estendida à frente. Fazendas, campos, florestas e rodovias tornaram-se um borrão; as nuvens tornaram-se montanhas que passavam apressadas dos dois lados.

Ele podia sentir suas forças aumentarem com as orações dos santos; sua espada começou a queimar com poder, fulgurando. Ele quase se sentia como se ela o estivesse puxando pelo céu.

A velocidade cada vez maior, o vento zunindo, a distância diminuindo, as asas um rugir invisível, ele voou ao Covil do Valente.

Um pequenino guru de cabelos longos, aparência muito estranha, ostentando manto preto e contas, vindo de alguma terra sombria e pagã, obedecendo a um sinal de Kaseph, entrou no quarto de Susan. Curvou-se em deferência a seu senhor e mestre.

— Prepare o altar — disse Kaseph. — Haverá uma oferta especial pelo sucesso de nosso empreendimento.

O pequeno sacerdote pagão saiu. Kaseph voltou a atenção para Susan. Golpeou-a com as costas da mão.

— Pare com isso! — gritou. — Pare de orar!

A força da bofetada quase a derrubou da cadeira, mas um dos guardas a segurou com firmeza. A cabeça da moça caiu e ela começou a soluçar, a respiração breve e rápida, entrecortada pelo terror.

Kaseph, como um conquistador, postava-se acima dela e vangloriava-se sobre o vulto frouxo e trêmulo da moça.

— Você não tem Deus a quem clamar! Com a aproximação da morte, você se desintegra, voltando aos velhos mitos e tolices religiosas!

A seguir, quase bondosamente, ele disse:

— O que você não percebe é que, na verdade, estou-lhe fazendo um favor. Talvez na próxima vida sua compreensão seja mais profunda, suas fraquezas tenham desaparecido. A dádiva sacrificial que nos fará agora acumulará carma maravilhoso para você nas vidas futuras. Você verá.

Então ele ordenou aos guardas. — Amarrem-na!

Eles agarraram os pulsos da moça e os seguraram às suas costas; ela ouviu um estalido, sentiu o aço frio das algemas, e ouviu o próprio grito.

Kaseph dirigiu-se ao escritório, agora vazio exceto por alguns caixotes que seriam despachados e malas de viagem. Ele se dirigiu diretamente a um pequeno estojo coberto de fino couro antigo e colocou-o debaixo do braço.

A seguir, desceu pela grande escadaria ao andar inferior, passou por imponente porta de madeira e, descendo outra escada, chegou ao fundo porão embaixo da casa. Virando um canto, ele passou por outra porta e entrou num sombrio aposento de pedra, iluminado por velas. O estranho sacerdote já se encontrava ali, acendendo velas e gemendo palavras estranhas, ininteligíveis, em incessante repetição. Alguns dos

confidentes mais íntimos de Kaseph estavam presentes, esperando em silêncio. Kaseph entregou o pequeno estojo ao sacerdote, que o colocou ao lado de um grande e rústico banco que ficava num canto do cômodo. O sacerdote abriu o estojo e começou a colocar em ordem as facas, facas de Kaseph, adornadas, enfeitadas com pedrarias, delicadamente forjadas, afiadas como navalhas.

Tal podia ver as montanhas adiante. Teria de ficar perto de suas encostas rochosas. Não devia ser visto.

Guilo e seus guerreiros permaneciam na escuridão, apagados, descendo às ocultas pé ante pé na direção do conjunto, escondendo-se atrás de pedras e saliências. Acima deles, fervilhando e elevando-se como o prenúncio de trovoada, a nuvem de espíritos maliciosos, rindo, continuava a rodopiar. Guilo sentia certa cobertura de oração; certamente os demônios já os teriam descoberto a essa altura, mas a visão deles achava-se estranhamente diminuída.

Lá em baixo, estacionado muito próximo ao prédio principal da administração estava um grande furgão. Guilo encontrou um lugar de onde podia enxergar o veículo claramente, então mandou que seus guerreiros se espalhassem por toda a área, mantendo um deles perto de si a fim de lhe dar instruções especiais.

— Vê a janela de cima da grande casa de pedra? — perguntou-lhe Guilo.

— Sim.

— É lá que ela está. Quando eu der o sinal, vá sozinho e traga-a para fora.

29

No estranho aposento escuro embaixo da casa, Alexander M. Kaseph e seu pequeno séquito permaneciam imobilizados, em profunda meditação. Diante deles, logo atrás do tosco banco, postava-se o Valente, ladeado por seus guardas e auxiliares íntimos. Sua cara frouxa estava estirada agora num riso hediondo, e ele babava com as presas à mostra, exibindo demoníaco deleite.

— Um a um, os obstáculos estão caindo — disse. — Sim, sim, sua oferenda lhe trará boa sorte, e me agradará —. Os grandes olhos amarelos se estreitaram com a ordem:

— Tragam-na!

No andar de cima, sentada indefesa entre os dois guardas, os pés e as mãos presos com algemas, Susan Jacobson esperava e orava. Com tudo o que havia dentro de si, ela clamou ao Deus verdadeiro, o Deus a quem não conhecia mas que tinha de existir, tinha de ouvi-la, e era o único que a podia ajudar naquela hora.

Tal alcançou as montanhas e arremeteu encosta acima, subindo, subindo, diminuindo a velocidade. Ele continuou mais devagar ao aproximar-se do topo, e então, assim que passou a crista, cessou todo movimento e todo som, deixando-se planar encosta abaixo do outro lado, silenciosamente, invisivelmente. Percebeu que a nuvem havia aumentado desde que ele partira dali. Sua única esperança era a de que a cobertura de oração fosse suficiente pelo menos para cegar essas fétidas criaturas.

Guilo estivera alerta, esperando o capitão, e seus

penetrantes olhos viram Tal descendo como águia silenciosa em sua direção.

— Apronte-se — disse Guilo ao guerreiro ao seu lado.

O guerreiro estava pronto, os olhos na janela do andar de cima. Tal desceu tão baixo que estava quase deslizando pelo chão. Finalmente se deteve ao lado de Guilo.

— Temos a cobertura — disse Tal.

— Vá! — ordenou Guilo ao guerreiro, que saiu meio voando, meio correndo na direção da casa de pedra.

O pequeno sacerdote, os olhos inquietos de antecipação, subiu a grande escadaria, murmurando e resmungando uma mantra para si mesmo.

Kaseph e seu pessoal esperavam em baixo, em pesado silêncio, Kaseph em pé ao lado das facas.

Susan Jacobson tentou afrouxar as algemas, mas elas estavam tão apertadas que lhe cortavam a carne mesmo que ela não se esforçasse para soltá-las. Os guardas apenas riram-se dela.

— Querido Deus — orou ela — se o senhor é verdadeiramente Senhor deste Universo, por favor tenha misericórdia daquela que ousou colocar-se do seu lado contra este terrível mal...

Naquele instante, como se já não estivesse no quarto, como se acordasse lentamente de um pesadelo, o medo torturante que lhe retorcia o coração começou a desvanecer-lhe da mente como um pensamento que passa, como o acalmar lento e contínuo de uma tempestade. Seu coração estava em paz. O aposento parecia estranhamente quieto. Tudo o que ela pôde fazer

foi olhar curiosa ao seu redor. O que havia acontecido? Será que ela já havia morrido? Estava dormindo, ou sonhando?

Mas já havia-se sentido assim uma vez. A lembrança daquela noite em Nova York voltou; ela pensou na estranha e alentadora sensação que havia tido mesmo enquanto passava desesperada através da janela. Havia alguém no quarto. Ela sentia isso.

— Você está aqui a fim de me ajudar? — perguntou ela em seu coração, e fagulha mínima de esperança voltou novamente à vida em algum lugar muito profundo em seu íntimo.

De súbito seus pés estavam livres. Os grilhões estavam abertos, no chão. Ela sentiu algo soltar-se em torno dos pulsos e puxou os braços, livres. As algemas tilintaram no chão, da mesma forma que os grilhões que lhe haviam prendido os pés.

Ela olhou para os dois guardas, mas eles estavam apenas parados, fitando-a, ainda sorrindo zombeteiros, depois olhando para outro lado como se nada houvesse acontecido.

Nesse instante ela ouviu um ruído, e olhou a tempo de ver o trinco da janela soltar-se e a grande janela do quarto abrir-se sozinha. O ar fresco da noite começou a soprar pelo quarto.

Quer fosse ilusão, quer realidade, ela aceitou o acontecido. Pulou da cadeira. Os guardas não reagiram. Correu na direção da janela aberta. Então se lembrou.

Mantendo um olhar cauteloso e descrente nos guardas, ela correu à cama, puxou a mala que Kaseph e sua gente não haviam encontrado, mesmo escondida num lugar tão óbvio! Apesar de toda a papelada ela parecia estranhamente leve, mas nada naquele momento fazia muito sentido de qualquer forma, por isso ela simplesmente aceitou o fato de ser fácil carregar

a mala até a janela e colocá-la no teto do lado de fora. Ela olhou atrás de si. Os guardas estavam sorrindo confiantes a uma cadeira vazia!

Sentindo-se como se alguém a estivesse levantando, Susan passou pela janela ao teto. Uma grossa trepadeira subia pelo lado da casa. Seria um escada perfeita para a fuga.

Lá fora, no prédio da administração, um grupo de guardas de segurança conversava baixinho acerca da queda da Serva e do seu destino iminente quando de repente ouviu o ruído de passos no estacionamento.

— Ei, olhe lá! — gritou alguém.

O pessoal da segurança olhou a tempo de ver uma mulher vestida de preto correndo na direção de um dos veículos.

— Ei, o que está fazendo?

— É a Serva!

Eles correram atrás dela, mas ela já havia entrado num grande furgão de mudanças. A partida rosnou, o motor funcionou, e com uma sacudidela e um gemido o veículo começou a rodar.

Guilo saltou do seu esconderijo e berrou:

— Iá-há! — enquanto sua pequena tropa de vinte e três estourava pelo ar como fogos de artifício seguindo o furgão. — Cubram-se, guerreiros!

O sacerdote chegou ao quarto de Susan e, com a mão ossuda, abriu a porta.

— Estamos prontos — declarou, e subitamente percebeu que estava falando com um par de guardas muito dedicados que tudo estavam fazendo para garantir que uma cadeira vazia não escapasse.

O pequeno pagão teve um acesso de primeira; os guardas não tinham explicação.

O furgão subia lentamente a estrada sinuosa e precária que saía do vale, passando pelas montanhas. Quatro anjos arremeteram atrás dele e puseram-se a empurrá-lo subida acima, ajudando-o a passar de noventa. Estavam mantendo boa velocidade, mas olhando para trás podiam ver uma legião de demônios que se aproximava em encarniçada perseguição, o reluzir de suas presas e o coruscar rubro de suas lâminas enchiam o céu noturno.

Do alto, Guilo observava a nuvem. Ela permanecia onde estava, cobrindo o Valente. Apenas um pequeno contingente de guerreiros demoníacos havia sido enviado atrás do furgão.

Rugindo montanha acima atrás do veículo, quatro dos guardas de segurança de Kaseph, armados, perseguiam-no em um jipe de alta potência. Mesmo assim, tinham surpreendente dificuldade em alcançá-lo.

— Pensei que aquela coisa estava totalmente carregada! — disse um deles.

— E está — disse o outro. — Eu mesmo a carreguei.

— E quantos cavalos aquela coisa *tem?*

A essa altura Kaseph já tinha recebido a notícia da fuga de Susan. Ele ordenou que mais oito homens armados em dois outros veículos se juntassem à perseguição. Eles saltaram em outro jipe e um carro esporte de motor V-8 e saíram do estacionamento cantando pneu.

Demônios e anjos convergiram sobre o furgão, que ainda subia a mais de noventa quilômetros por hora, o escapamento emitindo pequenos estouros, os pneus

chiando e muitas vezes derrapando na serpeante, rodopiante estrada de pedregulhos. Os quatro anjos continuavam a empurrar enquanto os outros vinte faziam o melhor que podiam para cercar o veículo e deter o ataque demoníaco. Os demônios mergulhavam de cima, as espadas vermelhas brilhando, e engajavam os guerreiros celestiais em ferozes refregas, as lâminas cantando, zumbindo, e chocando-se com fragor metálico e jorros de fagulhas.

O furgão chegou ao topo e começou a ganhar velocidade. Os veículos que o perseguiam alcançaram o topo apenas segundos depois. Enquanto o furgão acelerava cada vez mais, os buracos e as curvas da estrada faziam o veículo dançar em duas ou três rodas enquanto se disparava ladeira abaixo. A estrada endireitou-se, depois fez uma curva abrupta, depois contorceu-se na direção oposta, depois afundou numa lombada. O furgão lutava para manter-se na estrada enquanto rochas e gradis passavam como um borrão. A cada curva fechada ele gemia e inclinava-se com todo o peso para fora da estrada, o grande chassi afundava sobre as molas, e os pneus guinchavam em protesto.

Uma curva muito fechada à esquerda! O pesado traseiro do furgão rabeou de encontro ao gradil com barulhento raspão e um chuveiro de fagulhas. Estrada abaixo, outra lombada, afundando as molas, o chassi triturando os amortecedores, gemendo e estalando.

Os jipes e o carro esporte vinham atrás, saindo-se muito melhor nas curvas traiçoeiras mas fazendo a pior corrida da sua vida. Dois homens no jipe da frente tinham rifles de longo alcance prontos, mas era impossível acertar algum tiro. Apesar disso, deram uns tiros, ainda que somente para assustar a Serva.

O furgão dirigia-se a uma curva fechada, a sinalização amarela por toda a parte gritando que diminuísse a velocidade e procedesse com cautela. Os

quatro anjos que vinham atrás do veículo, empurrando, agora imprensavam-se contra os lados, tentando mantê-lo na estrada. O próprio Guilo veio voando, a espada a rebrilhar, abrindo a golpes da lâmina uma trilha no meio dos interceptores demoníacos até chegar ao furgão. O carro estava a apenas uma fração de segundo do gradil e da queda a prumo além quando Guilo jogou-se com força contra o lado do veículo, a sacudidela forçando as rodas dianteiras para a esquerda. O furgão fez a curva e continuou. Os perseguidores nos outros veículos precisaram diminuir a velocidade, do contrário atravessariam diretamente o gradil.

Mas os guerreiros celestiais que tentavam circundar o veículo eram perseverantemente removidos. Guilo olhou em tempo de ver um espírito enorme saltar com garras à mostra em cima de um guerreiro, qual águia sobre uma andorinha, fazendo com que o anjo perdesse os sentidos, e mandando-o para dentro do profundo desfiladeiro. Outra refrega ao alto e à esquerda terminou num grito de dor de outro guerreiro que entrou num rodopio maluco, uma asa dilacerada, e desapareceu dentro da montanha. Os encontros das lâminas ecoavam por todos os lados. Lá foi um demônio, sumindo num rasto de fumaça vermelha. Outro anjo caiu na direção do desfiladeiro, ainda segurando a espada mas letárgico e estonteado, o demônio que o perseguia logo atrás dele.

Os hediondos guerreiros do inferno finalmente começaram a atravessar as fileiras e atingir o furgão. Um deles alcançou o guerreiro que estava logo atrás de Guilo e o derrubou. Guilo não teve tempo de pensar noutra coisa antes que sua própria espada se erguesse para aparar o golpe incrivelmente poderoso de um espírito pelo menos tão forte quanto ele. Guilo devolveu o golpe, suas espadas se engancharam por um instante, braço contra braço, e então Guilo usou habilmente o pé para afundar a cara do demônio e mandá-lo rodopiando

ao desfiladeiro.

O furgão começou a dar desenfreadas guinadas, os pneus resvalando na beira do abismo. Guilo empurrou-o com toda a força para fazê-lo voltar ao rumo. O furgão deu outra guinada e o anjo percebeu que devia haver um bando de demônios empurrando do outro lado. Olhando ao redor à procura de ajuda, viu mais garras e olhos amarelos do que amigos. Enorme lâmina foi brandida na direção do seu ombro e ele aparou o golpe. Outra veio na direção do seu tronco e ele bloqueou o golpe. O furgão volteou rumo ao penhasco. Ele tentou empurrá-lo, aparar um golpe, correr os olhos à procura de quem o ajudasse, acertar outro demônio, chutar uma cara, empurrar o veículo, cortar um flanco, aparar um golpe, guiar o furgão...

Um golpe! Ele não o viu chegando e não tinha idéia de onde partira, mas ficou estonteado. Largou o furgão, viu o fundo do abismo rodopiando muito abaixo, viu a terra, o céu, a terra, o céu. Estava caindo. Abrindo as asas, flutuou para baixo como uma folha rasgada e caída. Ouviu, vindo de cima, um uivo de enregelar o sangue. Ergueu os olhos. Aquele devia ser o demônio que o atacara, um pesadelo enorme de olhos protuberantes com couro de réptil e asas denteadas.

— Venha, venha — murmurou Guilo, esperando que a coisa caísse sobre ele.

A criatura mergulhou a pique, a mandíbula aberta, as presas rebrilhando, uma lâmina chata, larga, de gume afiado, coruscando. Guilo esperou. A coisa ergueu bem alto a espada e a abaixou com um golpe feroz. Guilo estava subitamente a um metro do lugar onde havia estado, e a lâmina continuou seu caminho sem que eles se tivessem encontrado, o demônio virando doidas cambalhotas atrás dela. Guilo, com um rodopiar da própria espada num arco ofuscante, cortou as asas do demônio, depois o liquidou.

O rasto fervente de fumaça vermelha clareou à frente dos olhos de Guilo a tempo de ele ver o furgão arrebentar o gradil e voar sobre o abismo. A queda foi tão longa e extensa, que o veículo pareceu flutuar por uma eternidade antes de dobrar-se e se arrebentar nas pedras embaixo, torcendo, voltando-se, pulando como uma lata de refrigerante, enquanto cadeiras, mesas e armários saiam pelo fundo e papéis e mais papéis adejavam pelo ar como flocos de neve. Cerca de trinta demônios pairavam acima da cena ou se empoleiravam no que sobrara do gradil para ver seu trabalho chegar ao fim. Após voltear e rolar vez após vez, o furgão, já não reconhecível como coisa alguma, finalmente descansou num amontoado de lata e vidro ao lado da montanha. Os três veículos que o perseguiam pararam, encostaram, e os doze homens da segurança saíram para dar uma olhada.

Guilo descansou num penhasco rochoso, baixando a espada e olhando para o céu. Bem no alto ele conseguia divisar diminutas riscas de luz dirigindo-se em diversos rumos, cada qual acompanhada de duas ou três riscas pretas destacadas a vermelho. Seus guerreiros — o que havia sobrado deles — estavam-se espalhando em todas as direções. Guilo achou melhor continuar onde estava até que os limpassem. Ele, Tal, e seus guerreiros em breve se reagrupariam em Ashton.

Rafar ainda se encontrava sentado na grande árvore morta, observando a cidade de Ashton como um mestre enxadrista examinaria o tabuleiro. Tinha prazer em ver as muitas peças jogando-se umas contra as outras.

Quando um demônio mensageiro trouxe a boa notícia do covil Valente de que a Serva, aquela traidora, havia tido um miserável fim e que o exército celestial havia sido posto em retirada, Rafar riu-se. Ele havia

tomado a rainha do seu adversário!

— E assim acontecerá com o restante — disse Rafar com diabólico prazer. — O Valente confiou-me a preparação da cidade. Quando chegar, ele a encontrará desocupada, varrida, em ordem!

Ele chamou alguns de seus guerreiros e disse:

— Está na hora de limpar a casa. Enquanto os guerreiros celestiais estão fracos e não podem enfrentar-nos, cuidaremos dos obstáculos finais. Gostaria de ver Hogan e Busche eliminados, como reis vencidos! Usem a mulher Carmem, e certifiquem-se de que os dois sejam atados e se tornem indefesos, sejam objeto de ridículo e escárnio. Quanto a Kevin Weed... — Os olhos do demônio guerreiro estreitaram-se de desdém. — Jamais poderia ser prêmio digno de alguém como eu. Dêem um fim nele, da forma que quiserem; então venham-me avisar.

Os demônios partiram a fim de executar as ordens.

Rafar deu um suspiro fundo, meio zombeteiro.

— Ah, caro Capitão do Exército, talvez eu vença a batalha só com o erguer de um dedo, com uma ordem casual, com o veneno da minha sutileza; o toque de sua trombeta, que fende os céus, será substituído por um gemido desprezível, e conquistarei a minha vitória sem ter de ver o seu rosto, ou a sua espada.

Ele baixou o olhar sobre a cidade e abriu-se naquele seu sorriso odioso, batendo a garra do polegar de encontro às outras quatro.

— Mas esteja certo de que nos encontraremos, Tal! Não pense que pode se esconder atrás de seus santos em oração, porque nós dois podemos ver que eles falharam. Você e eu nos encontraremos!

Berenice sabia que seria difícil, até mesmo perigoso, dirigir sem os óculos, mas Marshall não atendera ao telefone, de modo que o encontro com Kevin Weed estava inteiramente por sua conta, e com certeza valia o risco. Até então, enquanto dirigia pela Rodovia 27, a luz do dia lhe permitia enxergar o risco no meio da estrada e os vultos que vinham em sua direção, de modo que ela continuou rumo à grande ponte verde ao norte de Baker.

Kevin Weed, sentado numa cadeira no bar do Sempre-Verde, as mãos segurando uma cerveja e os olhos pregados no grande relógio que anunciava uma marca de cerveja, também pensava na ponte. De certo modo aqui ele se sentia mais como um salvo do que sozinho em casa. Havia alguns companheiros por perto, bastante barulho, o jogo na televisão, a partida de mareia atrás dele. Contudo suas mãos ainda tremiam toda vez que largava a caneca de cerveja; assim, a maior parte do tempo ele, segurando a caneca, tentava agir com naturalidade. A porta da frente arranhava o linóleo à medida que as pessoas entravam.

O lugar estava esquentando, o que ele achava ótimo. Quanto mais gente, melhor. Diversos lenhadores vinham comprar cerveja e contar histórias. Acertavam-se apostas em volta do jogo de mareia — nessa noite uma rivalidade antiga seria resolvida de uma vez por todas. Kevin tirou tempo para sorrir e cumprimentar seus amigos e bater um papo com eles. Isso o ajudou a descontrair-se.

Dois lenhadores entraram. Eram novos, calculou ele; nunca os vira antes. Mas se encaixaram bem no resto do grupo e não demoraram a pôr todo o mundo a par de onde estavam trabalhando e por quanto tempo e se o tempo tinha sido bom, mau ou indiferente.

Chegaram até a sentar-se com Kevin.

— Ei — disse um deles, estendendo a mão — sou

Mark Hansen.

— Kevin Weed — disse ele, apertando a mão de Mark.

Mark apresentou Kevin ao outro sujeito, Steve Drake. Eles se deram bem, conversando sobre derrubada de madeira, beisebol, caçada de veados, bebidas, e as mãos de Kevin pararam de tremer. Ele até terminou sua cerveja.

— Quer outra? — perguntou Mark.

— Sim, claro, obrigado.

Dan trouxe as cervejas, e a conversa continuou animada.

O pessoal do campeonato decisivo de mareia deu um estrondoso viva e os três voltaram-se para ver o ganhador apertando a mão do perdedor.

Mark foi rápido. Quando ninguém estava olhando, ele esvaziou um pequeno frasco na cerveja de Kevin.

A turma do jogo de mareia começou a reunir-se no balcão. Kevin olhou para o relógio. Já estava mesmo na hora de sair. Apesar de todo o tumulto e conversa ele conseguiu despedir-se de seus dois novos conhecidos, tomar o resto da cerveja e dirigir-se à porta. Mark e Steve acenaram-lhe amistosamente em despedida.

Kevin subiu na velha caminhonete e se foi. Calculou que até chegaria adiantado à ponte. O só pensar nisso o fez começar a tremer de novo.

Mark e Steve não perderam tempo. Mal Kevin havia entrado na rodovia eles estavam na sua própria caminhonete, seguindo a pouca distância. Steve consultou o relógio.

— Não vai demorar muito — disse.

— E então, onde o jogaremos? — perguntou Mark.

— Que tal o rio? Ele já está mesmo indo nessa direção.

Deve ter sido a última cerveja, pensava Kevin. Devo tê-la bebido depressa demais ou algo parecido. Agora seu estômago reclamava. Além disso, precisava ir ao banheiro. Além disso, estava ficando com muito sono. Dirigiu alguns quilômetros debatendo o que fazer, e finalmente achou que era melhor encostar antes que simplesmente tombasse.

Uma lanchonete pintada de cores vivas apareceu logo à frente. Ele deixou a estrada e conseguiu parar o veículo a uma distância segura do prédio.

Ele não percebeu a caminhonete que deixou a estrada e ficou esperando a uns cem metros atrás dele.

— Ótimo! — disse Mark irritado. — Então o que é que ele vai fazer, tombar logo em frente àquela lanchonete? Pensei que aquela coisa tinha efeito rápido e seguro!

Steve apenas sacudiu a cabeça.

— Talvez ele precise ir ao banheiro. Teremos de esperar para ver.

Parecia que Steve tinha razão. Tropeçando e cambaleando, Kevin dirigiu-se ao banheiro masculino atrás do prédio. Durante um minuto ou mais eles ficaram olhando para a porta do banheiro. Steve consultou o relógio novamente. O tempo estava encurtando.

— Se ele sair e voltar à estrada, a coisa deve fazer efeito antes de ele chegar à ponte.

— Se ele conseguir sair! — murmurou Mark. — E se tivermos de arrastá-lo lá de dentro?

Não. Aí vinha ele, pela porta do banheiro, com a aparência um pouco melhor. Enquanto os dois homens observavam, Kevin subiu novamente na caminhonete e

voltou à estrada. Eles o seguiram, esperando que algo acontecesse.

E aconteceu. O veículo começou a dar guinadas, primeiro à esquerda, então à direita.

— Lá vai ele! — disse Steve.

Logo adiante estava a ponte do rio Judd, uma armação de aço sobre um abismo muito profundo cavado pelo próprio rio. A pequena caminhonete continuou a sua louca corrida, guinando a torto e a direito, depois voltando para a faixa da direita, então indo para o acostamento.

— Ele está lutando contra a droga, tentando permanecer acordado — observou Steve.

— Pode ter sido diluída pela cerveja.

A caminhonete foi para o acostamento, e os pneus começaram a bambolear e a enterrar-se na camada mole de pedrisco. As rodas traseiras rodopiavam e atiravam pedras, e o veículo rabeou durante diversos metros, dirigindo-se à ponte, mas a essa altura o motorista já não o controlava e parecia ter caído no sono com o pé no acelerador. A caminhonete rugiu e acelerou, em seguida cruzou a estrada, passou rugindo a saída logo antes da ponte, saltou sobre um capão de amieiros novos, deixando por fim o precipício rochoso e caindo no desfiladeiro lá embaixo.

Mark e Steve pararam a tempo de olhar pelo lado e ver o veículo afundando no rio com as rodas para cima.

— Mais um ponto para Kaseph — disse Steve.

Outro motorista num carro que vinha da outra direção brecou com força e saltou do automóvel. Logo outro veículo parou. A ponte começava a encher-se de gente excitada. Mark e Steve deixaram a ponte de mansinho.

— Chamaremos o corpo de bombeiros! — gritou Mark para fora da janela.

E lá se foram eles, e jamais alguém os viu ou ouviu falar neles novamente.

30

Kate. Sandy. A Rede. Berenice. Langstrat. A Rede. Omni. Kaseph. Kate. Sandy. Berenice.

Os pensamentos de Marshall giravam enquanto, de pé à porta de vidro de correr da cozinha, ele observava a luz do dia lentamente desvanecer-se no quintal, passando do alaranjado delicado do pôr-do-sol ao triste e cada vez mais profundo cinza do anoitecer.

Talvez fosse o período mais longo que houvesse passado no mesmo lugar em toda a sua vida, mas talvez o presente momento fosse o fim da vida que ele sempre conhecera. Claro, já havia passado por diversas pequenas tentativas de negar tudo, procurando provar a si mesmo que esses personagens cósmicos, esses conspiradores tão fora do comum, nada mais eram que vento, mas acabava voltando aos fatos frios e implacáveis. Harmel tinha razão. Marshall estava agora sem nada, como todos os outros. Acredite, Hogan. Acredite ou não, foi isso o que aconteceu!

Ele estava fora, exatamente como Harmel, exatamente como Strachan, exatamente como Edie, exatamente como Jefferson, Gregory, os Carluccis, Waller, James, Jacobson...

Marshall passou a mão pela cabeça e deteve a sucessão de nomes e fatos que lhe percorriam o cérebro. Esses pensamentos começavam a machucar; cada um deles, ao passar-lhe pelo cérebro, parecia dar-lhe um

soco no estômago.

Como é que eles haviam conseguido? Como podiam ser tão poderosos que na realidade destruíam vidas a nível pessoal? Seria apenas coincidência? Marshall não conseguia resolver essa questão. Tendo perdido a própria família por culpa da Rede, ele estava muito próximo dela, mas também um pouco da culpa era dele. Seria fácil culpar a conspiração por intrometer-se na sua família e voltar a esposa e a filha contra ele, e indubitavelmente haviam tentado fazer isso. Mas onde estabelecer a linha que separava a responsabilidade que cabia aos outros da que era sua?

Tudo o que sabia era que sua família estava desfeita e agora ele estava fora, como todos os outros.

Espere! Um barulho na porta da frente. Seria Kate? Marshall foi à porta da cozinha e olhou na direção da sala da frente.

Quem quer que fosse mergulhou depressa num canto quando ele mostrou o rosto.

— Sandy?

Por uns instantes não veio resposta, mas depois ele ouviu Sandy responder com uma voz muito estranha e fria.

— Sim, Papai, sou eu.

Ele quase saiu correndo, mas forçou-se a se acalmar e se dirigiu ao quarto dela. Ele olhou para dentro do quarto e viu que ela estava repassando o guarda-roupa, movendo-se um tanto apressada e nervosa, e mostrando-se definitivamente incomodada com a sua presença.

— Onde está a Mamãe? — perguntou ela.

— Bem... — disse ele, tentando encontrar uma resposta. — Ela foi passar uns tempos com a mãe dela.

— Ela o deixou, em outras palavras — replicou ela muito diretamente.

Marshall também foi direto.

— É, sim, é isso mesmo —. Ele a observou por algum tempo; ela estava agarrando roupas e pertences e atirando tudo numa mala e algumas sacolas. — Parece que você também vai embora.

— Isso mesmo — disse ela, sem diminuir o ritmo ou mesmo erguer os olhos. — Vi que era isso o que ia acontecer. Sabia o que Mamãe estava pensando, e sabia que ela tinha razão. Você se dá tão bem sozinho que o melhor é deixarmos que viva assim para sempre.

— Para onde você vai?

Sandy olhou-o pela primeira vez, e seu olhar congelou-o, dando-lhe uma sensação de náusea. Os olhos dela tinham uma expressão estranha, vidrada, maníaca, que ele jamais vira antes.

— Nunca lhe direi! — disse ela, e Marshall não podia crer no seu tom de voz. Não era Sandy, de jeito nenhum.

— Sandy — disse ele suavemente, súplice — não podemos conversar? Não farei pressão alguma e não pedirei nada de você. Não poderíamos apenas conversar?

Os olhos estranhos fitaram-no enraivecidos de novo e a pessoa que costumava ser sua amorosa filha respondeu:

— Verei você no inferno!

Marshall imediatamente sentiu as sensações por demais familiares de receio e ruína. Alguma *coisa* havia entrado na sua casa.

Hank atendeu a porta e prontamente sentiu certa

reserva no espírito. Era Carmem. Ela estava vestida com capricho e de forma conservadora desta vez, e o seu comportamento era muito mais real; contudo, Hank tinha lá as suas dúvidas.

— Ora, olá — disse ele.

Ela sorriu conciliatoriamente e disse:

— Olá, pastor Busche.

Ele se afastou para o lado e acenou-lhe que entrasse. Ela pôs os pés dentro da casa a tempo de ver Mary saindo da cozinha.

— Olá, Mary — disse.

— Olá — respondeu Mary. Dando mais um passo, Mary abraçou Carmem carinhosamente. — Você está bem?

— Bem melhor, obrigada —. Ela olhou para Hank e seus olhos estavam cheios de arrependimento. — Pastor, realmente devo-lhe desculpas pela maneira como me comportei antes. Deve ter sido muito alarmante para vocês dois.

Hank hesitou um pouco e por fim disse:

— Bem, certamente estávamos preocupados com o seu bem-estar. Mary dirigiu-se à sala de estar e disse:

— Não quer sentar-se? Posso trazer-lhe alguma coisa?

— Não, obrigada — respondeu Carmem, sentando-se no sofá. — Não vou-me demorar.

Hank sentou-se numa cadeira em frente ao sofá e olhou para Carmem, orando sem cessar. Sim, ela parecia diferente, como se tivesse reunido uma porção de fios soltos da sua vida, e contudo... Hank tinha visto muita coisa nesses últimos dias, e tinha a distinta impressão de que naquele exato momento estava vendo mais da mesma coisa. Havia algo nos olhos dela...

Sandy afastou-se um pouco e, como um touro bravio prestes a atacar, estreitou os olhos na direção de Marshall.

— Saia da minha frente!

Marshall permaneceu na porta do quarto, bloqueando-a com o corpo.

— Não quero brigar, Sandy. Não vou permanecer à sua frente para sempre. Apenas quero que pense por um momento, está bem? Não dá para você se acalmar e ouvir-me apenas uma última vez?

Ela permaneceu parada, rígida, respirando forte, os lábios muito apertados, o corpo meio encolhido. Simplesmente era irreal!

Marshall tentou acalmá-la com a voz, como se aproximasse de um cavalo selvagem.

— Deixarei que vá para onde quiser. A vida é sua. Mas não ousamos nos separar sem dizer o que precisa ser dito. Eu a amo, sabe? — Ela não reagiu. — Eu realmente a amo. Você... você acredita no que estou dizendo?

— Você... você não sabe o que significa essa palavra.

— Sim... sim, compreendo o que você quer dizer. Não me saí muito bem nestes últimos anos. Mas, ouça, podemos consertar tudo. Por que deixar esta coisa continuar como está indo se podemos consertá-la?

Ela o observou novamente, viu que ele ainda estava de pé na porta, e disse:

— Papai, tudo o que quero no momento é dar o fora daqui.

— Num minuto, num minuto —. Marshall tentou falar devagar, com cuidado, com brandura. — Sandy...

não sei se conseguirei explicar-lhe claramente, mas lembra-se do que você mesma disse acerca da cidade naquele sábado, como você achava... o que foi mesmo? Alienígenas estavam tomando a cidade? Lembra-se? Ela não respondeu mas parecia estar ouvindo.

— Você não sabe como estava certa, como a sua teoria era verdadeira. Há pessoas, Sandy, neste exato momento, que desejam tomar conta de toda a cidade, e estão dispostos a destruir qualquer um que se opuser a eles. Sandy, eu sou um dos que tentaram impedi-los.

Sandy começou a sacudir a cabeça com incredulidade. Ela não estava acreditando na história.

— Escute, Sandy, apenas escute! Ora... eu sou o dono do jornal, veja, e sei o que eles estão aprontando, e eles sabem que sei, por isso estão fazendo o que podem para me destruir, tomar a minha casa, o jornal, destruir a minha família! — Ele a fitou intensamente, mas não tinha a menor idéia se ela estava entendendo alguma coisa do que lhe dizia. — Tudo o que nos está acontecendo... é o que eles querem! Eles querem que esta família se desfaça!

— Você está louco! — disse ela afinal. — É um maníaco! Saia da minha frente!

— Sandy, escute. Eles têm jogado você contra mim. Você sabia que os tiras estão tentando encontrar alguma coisa para me prenderem? Estão tentando acusar-me de assassínio, e parece até que me estão acusando de violentá-la! Para você ver quanto essa coisa é terrível. Você tem de entender...

— Mas você o fez! — gritou Sandy. — Você sabe que fez. Marshall estava atordoado. Tudo o que podia fazer era fitá-la. Ela *tinha* de estar louca.

— Fiz o que, Sandy?

Ela perdeu o controle e lágrimas vieram-lhe aos

olhos ao dizer:

— Você me estuprou. Você me estuprou!

Carmem parecia estar tendo dificuldade em chegar a seja lá o que fosse que tinha vindo lhes dizer.

— Eu... não sei como começar... é tão difícil. Hank tranqüilizou-a:

— Ora, você está entre amigos.

Carmem olhou para Mary sentada na outra ponta do sofá, e depois para Hank, ainda sentado à sua frente.

— Hank, não agüento mais viver com isso. Hank disse:

— Então por que não entrega tudo a Jesus? Ele é o que cura, você sabe. Ele pode tirar seus remorsos e suas tristezas, acredite-me.

Ela olhou para ele e apenas sacudiu a cabeça com incredulidade.

— Hank, não estou aqui para brincadeiras. Está na hora de dizer mos a verdade e colocarmos tudo em pratos limpos. Não estamos sendo justos para com Mary.

Hank não sabia do que ela estava falando, por isso simplesmente inclinou-se para a frente e assentiu com a cabeça, sua maneira de dizer-lhe que estava ouvindo.

Ela continuou:

— Bem, acho que terei de botar tudo para fora. Sinto muito, Hank —. Ela se voltou para Mary, os olhos cheios de lágrimas, e disse:

— Mary, nos últimos meses... desde o nosso primeiro encontro de aconselhamento... Hank e eu temos nos encontrado com regularidade.

Mary perguntou:

— O que quer dizer com isso? Carmem voltou-se para Hank e implorou:

— Hank, você não acha que devia ser você quem lhe contasse?

— Contasse o quê? — perguntou Hank.

Carmem olhou para Mary, tomou-lhe a mão, e disse:

— Mary, Hank e eu estamos tendo um caso.

Mary pareceu admirada, mas não muito chocada. Ela retirou a mão da de Carmem. Então olhou para Hank e perguntou:

— O que você acha?

Hank examinou Carmem cuidadosamente de novo e acenou que sim para Mary. Mary virou-se na direção de Carmem, e Hank ergueu-se da cadeira. Os dois a fitaram atentamente, mas ela desviou o olhar.

— É verdade! — insistiu ela. — Diga-lhe, Hank. Por favor, diga-lhe.

— Espírito — disse Hank com firmeza — eu lhe ordeno em nome de Jesus que se cale e saia dela!

Havia quinze demônios, amontoados no corpo de Carmem sobrepostos como vermes, rastejando, fervilhando, retorcendo-se, uma massa de braços, pernas, garras e cabeças hediondos. Eles começaram a contorcer-se. Carmem começou a contorcer-se. Eles gemeram e gritaram, e Carmem fez o mesmo, os olhos tornando-se vidrados e o olhar vazio.

Do lado de fora da sala, a certa distância, Krioni e Triskal vigiavam.

Triskal estava furioso:

— Ordens, ordens, ordens! Krioni lembrou-lhe:

— Tal sabe o que está fazendo.

Triskal apontou para a sala de estar e bradou:

— Hank está brincando com uma bomba lá dentro. Está vendo aqueles demônios? Vão fazê-lo em pedacinhos!

— Temos de ficar de longe — disse Krioni. — Podemos proteger a vida de Hank e de Mary, mas não podemos impedir que os demônios façam o que fizerem... — Krioni também achava difícil aceitar a situação.

Sandy falava cada vez mais alto. Marshall sentiu que a qualquer momento perderia totalmente o controle sobre ela.

— Deixe-me... deixe-me sair daqui ou vai se meter em sérios apuros! — disse ela, quase gritando.

Marshall podia apenas permanecer em pé em total consternação e horror.

— Sandy, sou eu, Marshall Hogan, seu pai. Pense, Sandy! Você sabe que eu nunca toquei em você, que jamais a violentei. Eu apenas amei e cuidei de você. Você é a minha filha, minha única filha.

— Você fez isso comigo! — gritou ela histericamente.

— Quando, Sandy? — exigiu ele. — Quando foi que toquei em você de maneira errada?

— É algo que minha mente bloqueou durante anos, mas a professora Langstrat me ajudou a lembrar!

— Langstrat!

— Ela me hipnotizou, e eu vi tudo como se fosse ontem. Você fez isso, e eu o odeio!

— Você não se lembrava porque nunca aconteceu. Pense, Sandy!

— Eu odeio você! Você fez isso comigo!

Natã e Armote, do lado de fora da casa, podiam ver o hediondo espírito de engano agarrado às costas de Sandy, as garras cravadas na cabeça dela.

Ao lado deles encontrava-se Tal. Acabara de dar-lhes ordens especiais.

— Capitão — disse Armote — não sabemos o que aquela coisa pode fazer.

— Preservem-lhes a vida — disse Tal — mas Hogan deve cair. Quanto a Sandy, façam com que um pequeno pelotão a siga à distância. Eles poderão mover-se quando chegar a hora.

Nesse exato momento, em trajetória muito rasa, furtiva, Signa veio flutuando até aterrissar.

— Capitão — relatou — Kevin Weed está morto. Funcionou. Tal deu-lhe um olhar e um sorriso estranhos, deliberados.

— Excelente — disse.

Os quinze espíritos que possuíam Carmem babavam, espumavam, uivavam e sibilavam. Hank, com delicadeza, segurou a moça sentada, uma mão sobre a sua mão direita, a outra sobre o seu ombro esquerdo. Mary estava ao lado do marido, um tanto agarrada a ele por causa da própria timidez. Carmem gemia e se retorcia, os olhos irados fitando Hank.

— Solte-nos, homem de oração! — advertiu a voz de Carmem, e o odor sulfuroso que saiu de dentro dela era forte e repugnante.

— Carmem, você quer se libertar? — perguntou Hank.

— Ela não pode ouvi-lo — disseram os espíritos. — Deixe-nos em paz! Ela nos pertence!

— Calem-se e saiam dela!

— Não! — berrou Carmem, e Mary estava quase certa de ter visto um tufo de vapor amarelo saindo da garganta de Carmem.

— Saiam, em nome de Jesus! — ordenou Hank.

A bomba explodiu. Hank foi atirado para trás. Mary saltou de lado. Carmem estava em cima de Hank, arranhando, mordendo, ferindo. Seus dentes se fecharam em torno do braço direito dele. Ele empurrava e socava com o esquerdo.

— Demônio, solte! — ordenou ele.

Os dentes se soltaram. Hank empurrou com toda a força e o corpo de Carmem cambaleou para trás, contorcendo-se e guinchando. Suas mãos encontraram uma cadeira. No mesmo instante a cadeira subiu e desceu com um baque, mas Hank se desviou. Ele pulou em cima de Carmem enquanto ela agarrava outra cadeira. A perna da moça subiu como uma catapulta e o atirou do outro lado da sala, de encontro à parede. O punho dela o seguiu de perto. Ele se desviou. O punho fez um rombo na parede. Ele estava olhando nos olhos de uma fera; sentia o hálito sulfuroso sibilando através dos dentes à mostra. Com um movimento brusco, ele escapuliu. Unhas afiadas rasgaram e retalharam sua camisa. Algumas cravaram-se na sua carne. Ele ouvia Mary gritando:

— Pare com isso, espírito! Em nome de Jesus, pare com isso! Carmem dobrou-se ao meio e tapou os ouvidos com as mãos. Ela cambaleou e berrou.

— Cale-se, demônio, e saia dela! — ordenou Hank, tentando manter-se à distância.

— Não saio! Não saio! — berrou Carmem, e seu corpo adernou na direção da porta da frente e chocou-se contra ela com toda a força. O centro da porta afundou

com um estalo. Hank correu à porta e abriu-a, e Carmem voou por ela rua abaixo. Enquanto a observavam ir, tudo o que podiam esperar era que os vizinhos não a vissem.

— Sandy — disse Marshall — esta não é você. Sei que não é. Ela não disse nada, mas como uma cascavel, saltou sobre ele, tentando passar pela porta. Ele ergueu as mãos a fim de se proteger dos punhos dela.

— Está bem, está bem! — disse ele, afastando-se. — Pode ir. Somente lembre-se de que a amo.

Ela agarrou a mala e uma sacola e saiu a toda na direção da porta da frente. Ele a seguiu pelo corredor rumo à sala de estar. Dobrou o canto. Olhou para vê-la, mas tudo o que viu foi o abajur que o atingiu em cheio na cabeça. Ele ouviu e sentiu a pancada em cada parte do corpo. O abajur caiu ao chão. Agora ele jazia de joelhos, contra o sofá. A mão foi à cabeça. Ele ergueu os olhos e viu que a porta da frente ainda estava aberta. Ele sangrava.

A cabeça estava tão leve que ele tinha medo de se levantar. De qualquer forma, sua força se fora. Droga, agora havia sangue no tapete. O que dirá Kate?

— Marshall! — veio uma voz acima dele. Uma mão descansou sobre o seu ombro. Era uma mulher. Kate? Sandy? Não, Berenice, espiando-o através de olhos enegrecidos.

— Marshall, o que aconteceu? Você... você ainda está aí?

— Ajude-me a limpar esta bagunça — foi tudo o que ele conseguiu dizer.

Ela correu à cozinha à procura de toalhas de papel. Trazendo-as à sala, ela as comprimiu contra a cabeça dele. Ele se encolheu de dor.

Ela perguntou:

— Consegue levantar-se?

— Não quero me levantar! — respondeu ele contrariado.

— Está bem, está bem. Acabei de ver Sandy sair. Foi ela quem fez isso?

— É, ela jogou esse abajur em mim...

— Deve ter sido alguma coisa que você disse. Aí, fique quieto.

— Ela não é a mesma de modo nenhum, está louca.

— Onde está Kate?

— Ela me deixou.

Berenice acomodou-se no chão, seu rosto ferido uma imagem viva de choque, desalento e exaustão. Nenhum dos dois disse coisa alguma por alguns momentos. Apenas se entreolharam como dois soldados feridos, numa trincheira.

— Puxa, você está um desastre! — observou Marshall afinal.

— Pelo menos o inchaço diminuiu. Não estou com cara de raposa?

— Mais guaxinim que raposa. Pensei que você devia estar descansando na sua casa. O que está fazendo aqui?

— Acabei de voltar de Baker. E só tenho más notícias de lá também. Ele se antecipou.

— Weed?

— Está morto. A caminhonete que dirigia caiu da ponte do rio Judd e foi parar naquele grande desfiladeiro. Deveríamos ter-nos encontrado. Ele havia

acabado de receber um telefonema de Susan Jacobson, algo muito importante. A cabeça de Marshall caiu contra o sofá, e ele fechou os olhos:

— Que ótimo... ótimo mesmo! — Ele queria morrer.

— Ele me ligou hoje à tarde, e marcamos um encontro. Imagino que meu telefone esteja grampeado, ou o dele. O acidente foi planejado, disso estou certa. Saí de lá depressa!

Marshall tirou as toalhas da cabeça e examinou o sangue que havia nelas. Colocou-as de novo sobre o corte.

— Estamos afundando, Bernie — disse ele, e começou a contar-lhe os eventos da tarde, sua reunião com Brummel e seus companheiros, a perda da casa, a perda do jornal, a perda de Kate, de Sandy, de tudo. — E você sabia que costumo violentar a minha filha além de estar tendo um caso com a minha repórter?

— Eles estão fazendo picadinho de você, não estão? — disse ela baixinho, a garganta apertada de medo. — O que podemos fazer?

— Podemos dar o fora daqui, isso é o que podemos fazer!

— Vai desistir?

Marshall apenas deixou que a cabeça afundasse. Estava cansado.

— Que outra pessoa faça esta guerra. Fomos avisados, Bernie, e não demos ouvidos. Eles me pegaram. Pegaram todos os nossos papéis, qualquer prova que possamos ter tido. Harmel estourou os miolos. Strachan está indo para tão longe quanto conseguir. Eles removeram Weed. No momento acho que mal estou vivo e isso é tudo o que me restou.

— E que diz de Susan Jacobson?

Foi preciso um esforço e força de vontade incomuns para fazê-lo pensar.

— Nem sei se ela existe, e, se existir, não sei se está viva.

— Kevin disse que ela tinha a mercadoria e que estava prestes a sair de onde quer que estivesse. Isso me soa como deserção, e se ela tiver as provas de que precisamos para arrematar a coisa...

— Eles deram um jeito nisso, Bernie. Está lembrada? Weed era o nosso único contato com ela.

— Quer uma teoria?

— Não.

— Se o telefone de Kevin estava grampeado, eles sabem do que Susan e Weed falaram. Ouviram tudo.

— Naturalmente, e Susan está praticamente morta também.

— Não sabemos disso. Talvez ela tenha conseguido escapar. Talvez ela fosse encontrar-se com Kevin em algum lugar.

Marshall ouvia passivamente.

— Minha teoria é que em algum lugar deve haver um registro daquele telefonema nas mãos de alguém.

— É, suponho que sim —. Marshall sentia-se meio morto, mas a metade que ainda vivia estava pensando. — Mas onde estaria? Este país é grande, Bernie.

— Bem... como eu disse, é uma teoria. Na verdade, é tudo o que nos resta.

— E que certamente não é muita coisa.

— Estou morrendo de vontade de saber o que Susan tinha a dizer. ..

— Por favor, não use a palavra "morrer".

— Bem, pense por um minuto, Marshall. Pense em todo o pessoal que parece ter reagido ao suposto grampeamento. Os policiais de Windsor sabiam poder encontrá-lo na casa de Strachan depois que você me disse que ia para lá...

— Não é provável que sejam eles que tenham o equipamento de gravação. Estão longe demais.

— Então alguém que tinha o equipamento deve tê-los avisado. Marshall teve uma idéia, e um pouco de cor voltou-lhe ao rosto.

— Desconfio de Brummel.

Os olhos de Berenice brilharam.

— Claro! Como eu disse, ele e os tiras de Windsor estão de conluio o tempo todo.

— Ele despediu Sara, sabe? Ela não estava lá hoje. Foi substituída —. Novas idéias começaram a formar-se na cabeça de Marshall. — Sim... ela falou comigo no telefone e deu com a língua nos dentes sobre Brummel. Disse que me ajudaria se eu pudesse ajudá-la... combinamos negociar... e Brummel despediu-a! Ele deve ter ouvido essa conversa também —. Foi então que ele percebeu. — Sim! Sara! Os arquivos! Os arquivos de Brummel!

— Sim, você está na pista certa, Marshall, vá firme em frente!

— Ele mandou tirar os arquivos e colocá-los na área da recepção a fim de arranjar espaço para novo equipamento de escritório. Eu o vi, instalado no gabinete dele, e um fio saía da parede... ele disse que era para a cafeteira elétrica. Mas não vi cafeteira alguma!

— Acho que você descobriu algo!

— Era um fio telefônico, não fio de aparelho

elétrico —. A excitação fez sua cabeça doer, mas ele disse mesmo assim:

— Berenice, era um fio telefônico.

— Se pudéssemos descobrir com certeza que o equipamento de gravar está no gabinete dele... se pudéssemos encontrar algumas fitas das conversas telefônicas... bem, poderia bastar para algum tipo de acusação pelo menos: grampeamento ilegal...

— Assassínio.

Era uma idéia enregelante.

— Precisamos de Sara — acrescentou Marshall. — Se ela estiver do nosso lado, agora é a hora de prová-lo.

— Só que você não deve ligar para ela. Sei onde ela mora.

— Ajude-me a levantar.

— É *você* que tem de me ajudar a levantar!

31

Hank e Mary ainda estavam tremendo quando ele examinou a porta da frente. Ele meneou a cabeça e assobiou o seu assombro.

— Ela rachou o batente. Olhe só! O encosto afastou-se mais de dois centímetros.

— Bem, que tal trocar de camisa? — perguntou Mary, e Hank lembrou-se de que metade de sua camisa se fora.

— Aqui está outra para a pilha de trapos — disse, tirando-a. Então ele fez uma careta.

— Uuii!

— O que há?

Depois de tirar a camisa, Hank ergueu o braço a fim de dar uma olhada, e Mary prendeu a respiração. Os dentes de Carmem haviam deixado vergões. Em alguns lugares a pele estava cortada.

— É melhor colocarmos água oxigenada nesses cortes — disse Mary, dirigindo-se às pressas ao banheiro. — Venha aqui!

Hank foi ao banheiro, ainda carregando a camisa rasgada. Ele colocou o braço sobre a pia, e Mary começou a limpar o ferimento. Ela estava espantada.

— Nossa! Hank, ela o mordeu em quatro lugares. Olhe só!

— Céus, espero que ela esteja vacinada.

— Eu sabia que aquela mulher tinha más intenções desde a primeira vez em que a vi.

A campainha tocou. Hank e Mary entreolharam-se. O que podia ser agora?

— É melhor atender — disse Hank.

Ela se dirigiu à sala de estar enquanto Hank acabava a limpeza do braço.

— Hank! — chamou Mary. — Acho melhor você vir aqui! Hank dirigiu-se à sala, ainda carregando a camisa rasgada na mão, e as marcas de dentes à mostra.

Dois policiais estavam à porta, um idoso, alto, e um jovem, tipo calouro de polícia. É, os vizinhos devem ter pensado que algo terrível estava acontecendo aqui. E, pensando bem, eles estavam certos.

— Olá — disse Hank.

— Hank Busche? — perguntou o mais velho.

— Sim. Esta é Mary, minha esposa. Vocês devem ter recebido um telefonema dos vizinhos, certo?

O policial grande olhava o braço de Hank.

— O que aconteceu ao seu braço?

— Bem... — Hank não sabia ao certo como responder. A verdade pareceria uma grande mentira.

Não importava. Ele não teve tempo. O policial mais jovem agarrou a camisa de Hank, tirando-a da mão dele, desdobrou-a, erguendo-a com as duas mãos. O mais velho estava com o restante da camisa de Hank escondido discretamente atrás das costas. Nesse momento, ele apresentou o pedaço rasgado e fez uma comparação rápida do tecido.

O mais velho acenou com a cabeça ao mais jovem, e este tirou um par de algemas e forçou Hank a voltar-se. O queixo de Mary caiu e ela guinchou:

— Que doidice é essa que estão fazendo?

O mais velho principiou a recitar a liturgia do prisioneiro.

— Sr. Busche, está sendo preso. É meu dever informá-lo a respeito dos seus direitos. Tem o direito de permanecer calado, qualquer coisa que diga pode e será usada contra você...

Hank tinha uma idéia, mas perguntou mesmo assim:

— Ah... importa-se de dizer de que sou acusado?

— Deveria saber — disse bruscamente o mais velho.

— Suspeita de estupro — disse o mais jovem.

— O quê? — exclamou Mary.

O mais jovem ergueu a mão em advertência.

— Não se meta nisto, senhora.

— Está cometendo um engano! — suplicou ela.

Os policiais conduziram Hank pela calçada da entrada. Tudo aconteceu tão depressa que Mary não sabia o que fazer. Correu atrás deles, implorando, tentado arrazoar com eles.

— Isso é uma loucura! Não posso acreditar! — disse ela. O mais jovem disse-lhe simplesmente:

— Terá de afastar-se ou enfrentará acusação de obstruir a justiça.

— Justiça! — bradou ela. — Vocês chamam isto de justiça? Hank, que devo fazer?

— Dê uns telefonemas — respondeu Hank.

— Vou com você!

— Não podemos permitir que entre na viatura, senhora — disse o mais velho.

— Mary, dê uns telefonemas — repetiu Hank.

Eles o forçaram a entrar no carro e fecharam a porta. Os policiais entraram e se foram, rua abaixo, viraram a esquina e sumiram de vista. Mary permaneceu parada na calçada sozinha, sem o marido.

Tal e seus guerreiros e mensageiros sabiam onde procurar e sabiam o que deviam ouvir; assim foi que escutaram os telefones tocando por toda a cidade, viram as muitas pessoas arrancadas do televisor ou do sono. Todo o Remanescente estava alvoroçado com a notícia da prisão de Hank. As orações começaram.

— Busche caiu — disse Tal. — Somente Hogan sobrou —. Ele se voltou para Chimon e Mota. — Sara está com as chaves?

Chimon respondeu:

— Ela fez cópia de diversas chaves antes de deixar o emprego na delegacia.

Mota dirigiu o olhar para o outro lado da cidade,

ao dizer:

— Devem estar-se encontrando com ela neste exato momento.

Sara, Berenice e Marshall conferenciavam amontoados na pequena cozinha de Sara. Exceto pela luz de um abajur na sala de jantar, não havia outra iluminação na casa. Sara ainda estava em pé, completamente vestida. Estava fazendo as malas para se mudar.

— Levarei o que conseguir enfiar no carro, mas não fico por aqui além de amanhã, especialmente depois desta noite — disse ela, praticamente num murmúrio.

— Como está de dinheiro? — perguntou Marshall.

— Tenho dinheiro para gasolina suficiente para me fazer sair do estado. Depois disso não sei. Brummel não me pagou o último salário.

— Apenas a chutou fora?

— Ele não disse nada, mas não tenho dúvida de que ouviu a conversa que tive com você. Não fiquei muito tempo depois daquilo.

Marshall estendeu-lhe cem dólares.

— Eu lhe daria mais se tivesse.

— Tudo bem. Eu diria que estamos de acordo —. Sara passou-lhe um molho de chaves. — Agora escute com cuidado. Esta aqui é a da porta da frente, mas primeiro você precisa desativar o alarme contra ladrão. Para isso você usa esta chave aqui. A caixa do alarme fica nos fundos, logo acima das latas de lixo. Tudo o que tem de fazer é abrir a tampa e desligar a chave. Esta aqui, com a cabeça redonda, é a do gabinete de Brummel. Não sei se o equipamento está ou não trancado, mas não tenho chave para ele. Terá de correr

o risco. O operador noturno ainda está na estação de bombeiros, por isso não deve haver ninguém mais por lá.

— O que você acha da nossa teoria? — perguntou Berenice.

— Sei que Brummel toma muito cuidado com o novo equipamento. Desde que o mandou instalar, não me permitiu que entrasse no gabinete e mantém a porta fechada. É o primeiro lugar onde eu procuraria.

— É melhor nos irmos — disse Marshall a Berenice.

Berenice abraçou Sara.

— Boa sorte.

— Boa sorte a vocês — replicou Sara. — Saiam em silêncio. Eles se esgueiraram furtivamente na escuridão.

Mais tarde naquela noite, Marshall apanhou Berenice no apartamento dela e se dirigiram ao centro.

Marshall encontrou um bom local para esconder o carro a apenas alguns quarteirões da Praça do Tribunal, um excelente terreno baldio cheio de exuberantes arbustos e árvores. Ele deslizou o carro matagal adentro e desligou o motor. Por um momento, ele e Berenice simplesmente permaneceram sentados, sem saber o que fazer. Achavam estar prontos. Haviam trocado de roupas, vestido peças escuras, e haviam trazido lanternas e luvas de borracha.

— Minha nossa! — disse Marshall. — A última vez que fiz algo parecido foi num grupo de meninos; roubamos milho do vizinho.

— E como se saíram?

— Fomos pegos, e, céus, como pagamos!

— Que horas são?

Marshall iluminou o relógio de pulso com a lanterna.

— 1:25.

Berenice estava visivelmente nervosa.

— Gostaria de saber se ladrões de verdade trabalham desta forma. Sinto-me como se estivesse fazendo um filme.

— Que tal botar um pouco de carvão no rosto?

— Já está negro o suficiente, obrigada.

Permaneceram sentados por mais alguns minutos, tentando conseguir coragem para prosseguir. Finalmente, Berenice disse:

— Bem, vamos ou não vamos?

— Morrendo todos, morrem felizes — replicou Marshall, abrindo a porta.

Pé ante pé, subiram por uma viela e atravessaram alguns metros até chegarem aos fundos do tribunal/delegacia de polícia. Felizmente, a cidade ainda não tinha conseguido recursos para iluminar o estacionamento, e assim a escuridão reinante os escondia bem.

Berenice não podia deixar de sentir-se petrificada; pura determinação a fez seguir em frente. Marshall estava nervoso, mas por algum motivo, sentia estranha exultação em fazer algo tão furtivo e sujo contra aqueles inimigos. Assim que atravessaram o estacionamento, esconderam-se numa sombra próxima e mantiveram-se colados à parede. Estava tão bom e escuro ali que Berenice não queria sair.

A mais ou menos uns sete metros adiante na parede estavam as latas de lixo, e acima delas um pequeno painel cinza. Marshall chegou lá rapidamente,

encontrou a chave certa, abriu a porta, e achou o interruptor. Fez um sinal a Berenice, e ela o seguiu. Apressados, deram volta à frente do prédio, e agora estavam no aberto, defrontando-se com a vasta área do estacionamento entre a delegacia e a prefeitura. Marshall tinha a chave pronta, e conseguiram entrar no prédio. Marshall fechou rapidamente a porta atrás deles.

Descansaram apenas um momento e puseram-se à escuta. O lugar estava deserto e o silêncio era mortal. Não ouviram nenhuma sirene ou alarme. Marshall achou a próxima chave e se dirigiram à porta do gabinete de Brummel. Até aí, tudo o que Sara tinha predito havia dado certo. A porta de Brummel também abriu. Os dois mergulharam porta adentro.

Lá estava o armário que abrigava o misterioso equipamento — se é que realmente estava ali. Marshall ligou a lanterna e manteve o brilho controlado debaixo da mão a fim de não refletir nas paredes ou brilhar para fora da janela. A seguir, ele abriu a porta da parte inferior esquerda do armário. Dentro encontrou algumas estantes sobre trilhos rolantes. Ele puxou a de cima...

Lá estava um gravador e um bom suprimento de fitas.

— Eureca! — sussurrou Berenice.

— Deve ser ativada por sinal... liga automaticamente quando recebe uma carga elétrica.

Berenice acendeu a sua lanterna e examinou outra gaveta, na parte inferior direita. Ali encontrou alguns arquivos e pastas.

— Parece um catálogo! — disse. — Olhe... nomes, datas, conversas, e em que fita estão.

— A letra parece familiar.

Ambos ficaram atônitos ante o número de nomes que constavam da lista, quantas pessoas estavam sendo

vigiadas.

— Até o pessoal da Rede — observou Marshall. Então apontou para o fim da página. — Aí estamos nós.

Ele tinha razão. O telefone do *Clarim* estava incluído, a conversa anotada como tendo-se dado entre Marshall e Ted Harmel, gravada na fita 5-A.

— Quem será que tem tempo para catalogar toda essa coisa? — quis saber Berenice.

Marshall apenas meneou a cabeça. A seguir, perguntou:

— Quando se deu a conversa entre Susan e Weed? Berenice pensou por um momento.

— Teremos de examinar todas as conversas de hoje, ontem... quem sabe? Weed não disse exatamente quando.

— Talvez o telefonema tenha sido feito hoje. Não está anotado aqui.

— Deve estar na fita que ainda se encontra na máquina. Essas chamadas ainda não foram catalogadas.

Marshall voltou a fita, ligou a máquina, empurrou o botão do alto-falante, e abaixou o volume.

Conversas começaram a se desenrolar na gravação, uma porção de coisas corriqueiras, inócuas. A voz de Brummel constava de uma porção delas, falando de negócios. Marshall passou a fita depressa para a frente, pulando diversas conversas. Subitamente, ele reconheceu uma voz. A sua.

— Você já fugiu uma vez, lembra-se? — veio sua voz. — Enquanto estiver vivo, Eldon, estará vivendo com isto e eles saberão...

— Eldon Strachan e eu — disse ele a Berenice.

Era apavorante ouvir suas próprias palavras saindo da máquina, palavras que podiam dizer qualquer coisa à Rede. Marshall adiantou a fita.

— Cara, tudo isto é uma loucura — disse uma voz. Berenice animou-se.

— É ele! É Weed!

Marshall voltou a fita de volta e tocou-a novamente. Houve um intervalo e então o abrupto início de uma conversa.

— Pronto, alô? — disse Weed.

— Kevin, aqui é Susan.

Berenice e Marshall escutavam atentamente. Weed replicou:

— Fale, estou ouvindo, cara. Que posso fazer?

A voz de Susan estava tensa e as palavras se atropelavam.

— Kevin, vou embora, de uma forma ou de outra, e vai ser esta noite. Pode encontrar-me no Sempre-Verde amanhã à noite?

— Sim... sim.

— Veja se consegue levar Berenice Krueger junto. Tenho material para mostrar a ela, tudo o de que ela precisa saber.

— Cara, tudo isto é uma loucura. Você devia ver a minha casa. Alguém entrou aqui e destruiu tudo. Tome cuidado!

— *Todos* nós estamos em grave perigo, Kevin. Kaseph está de mudança para Ashton a fim de assumir o controle de tudo. Mas não posso falar agora. Encontre-me no Sempre-Verde às 8. Tentarei chegar lá de algum modo. Se não, ligarei para você.

— Está bem, está bem.

— Tenho de desligar. Adeus e obrigada. Clique. A conversa terminou.

— É — disse Berenice — ele me ligou para falar sobre isso.

— Não foi muito — disse Marshall — mas foi o bastante. Agora a pergunta é, será que ela conseguiu escapar?

Uma chave tilintou na porta da frente. Berenice e Marshall nunca se moveram tão depressa. Ela guardou os arquivos, e Marshall empurrou a máquina de volta para dentro do armário. Fecharam as portas do armário.

A porta da frente abriu-se. As luzes do saguão se acenderam.

Eles mergulharam atrás da grande escrivaninha de Brummel. Os olhos de Berenice estavam cheios de uma única pergunta: O que fazemos agora? Marshall gesticulou-lhe que ficasse fria, depois fechou os punhos, indicando-lhe que talvez tivessem de lutar para sair dali.

Outra chave girou na porta do gabinete de Brummel, e a seguir ela se abriu. O aposento foi subitamente inundado de luz. Ouviram alguém ir ao armário, abrir as portas, puxar a máquina para fora. Marshall calculou que a pessoa tinha de estar de costas para ele. Ergueu a cabeça para dar uma espiadinha rápida.

Era Carmem. Ela estava voltando a fita ao começo e preparando-se para lançar outras entradas no registro.

Berenice também deu uma espiada, e os dois sentiram a mesma fúria e indignação.

— Você nunca dorme? — perguntou Marshall a Carmem em voz bem alta. Aquilo sobressaltou Berenice que deu um pulo. Sobressaltou Carmem, que também pulou, derrubou os papéis, e deu um gritinho. Ela se voltou de chofre.

— O quê! — disse, sufocada. — O que está fazendo aqui? Marshall e Berenice ergueram-se. Por sua aparência contundida e

pelas roupas escuras, dava para ver que essa era tudo, menos uma visita cordial, despreocupada.

— Eu lhe perguntaria a mesma coisa — disse Marshall. — Você tem idéia de que horas são?

Carmem correu os olhos pelos dois, e ficou muda.

Marshall podia certamente pensar em algumas coisas que dizer:

— Você é espiã, não é? Foi espiã no nosso escritório, grampeou os nossos telefones, e agora fugiu com todo o material da nossa investigação.

— Não sei...

— ... do que estou falando. Certo! Assim, suponho que faz isto todas as noites também, repassa as conversas gravadas e as cataloga, vendo se escuta alguma coisa que os chefões possam querer saber.

— Eu não estava...

— E o que diz dos registros comerciais do Clarim? Vamos resolver isso primeiro.

De repente, ela caiu no choro, dizendo:

— Oh... você não compreende... — Ela saiu para a área da recepção.

Marshall seguiu-a logo atrás, sem nenhuma disposição de perdê-la de vista. Ele tomou o braço dela e fê-la rodopiar.

— Calma, mocinha! Temos uns negócios sérios a liquidar aqui.

— Oh! — lamuriou-se Carmem, e então atirou os braços em torno de Marshall como se fosse uma criança atemorizada e soluçou de encontro ao seu peito. —

Pensei que você fosse um ladrão... Estou contente por ser você. Preciso de ajuda, Marshall!

— E nós queremos respostas — respondeu bruscamente Marshall, sem deixar-se influenciar pelas lágrimas. Ele se sentou na cadeira de Sara. — Sente-se e guarde as lágrimas para uma novela.

Ela ergueu os olhos para os dois, a pintura dos olhos escorrendo-lhe pelas faces.

— Vocês não compreendem? Não têm coração? Vim aqui para pedir ajuda! Acabei de passar por terrível experiência! — Ela acumulou as forças para dizer, e então explodiu em acesso de lágrimas:

— Fui estuprada!

Caindo ao chão, ela soluçava incontrolavelmente.

— É — disse Marshall, insensível — parece estar ocorrendo muito disso por aí ultimamente, especialmente entre as pessoas que os seus chefes querem afastar do caminho. E quem foi desta vez?

Tudo o que ela fez foi ficar deitada no chão e chorar. Berenice tinha algo fervendo dentro de si.

— Gostou da minha cara hoje, Carmem? Acho interessante o fato de você ser a única a saber que eu ia sair para visitar Kevin Weed. Foi você que avisou o bandido que me espancou?

Ela ainda estava chorando no chão, sem dizer nada.

Marshall foi ao escritório de Brummel e voltou com alguns arquivos, inclusive as anotações que Carmem havia escrito naquela mesma noite.

— Tudo com a sua letra, Carmem, minha cara. Você nada mais foi do que uma espiã desde o começo. Estou errado ou estou certo?

Ela continuava chorando. Marshall segurou-a,

erguendo-a do chão.

— Vamos, levante-se!

Foi no exato momento em que ele viu a mão dela soltar o botão de alarme silencioso no chão que a porta da frente se abriu de chofre e ele ouviu uma voz gritando:

— Não se mexa! Polícia!

Carmem já não chorava. De fato, sorria maliciosamente. Marshall ergueu as mãos e Berenice fez o mesmo. Carmem correu e colocou-se atrás dos dois policiais que haviam acabado de entrar. As armas estavam apontadas diretamente para os dois larápios.

— Amigos seus? — perguntou Marshall a Carmem. Ela apenas deu um sorriso maldoso.

Nesse exato momento Alf Brummel em pessoa entrou no prédio, tendo acabado de sair da cama e ainda de roupão de banho.

— O que está acontecendo por aqui? — perguntou, e então viu

Marshall. — O que...? Ora, ora, quem temos aqui? — A seguir, ele deu uma risadinha. Dirigiu-se a Marshall, meneando a cabeça e mostrando os dentes grandes. — Não acredito! Simplesmente não acredito! — Ele olhou para Berenice. — Berenice Krueger! É você?

Berenice não tinha nada a dizer, e Brummel estava longe demais para ela poder cuspir no rosto dele.

Oh, não. Agora a lotação estava completa. Juleen Langstrat, também de roupão de banho, entrou pela porta! Ela se deslocou para o lado de Brummel e ambos postaram-se ali, olhando com orgulho para Marshall e Berenice, como se fossem troféus.

— Desculpem o tê-los perturbado desta forma — disse Marshall. Langstrat sorriu com prazer e disse:

— Eu não teria perdido isto por nada do mundo.

Brummel continuava a sorrir mostrando os dentes grandes e disse aos policiais.

— Recitem-lhes os direitos e prendam-nos.

A oportunidade era boa demais para deixar passar. Lá estavam os dois policiais tentando fazer o seu trabalho, e lá estavam Brummel e Langstrat, parados apenas um pouco à frente de Marshall. A situação era perfeita, e havia-se estado a acumular dentro de Marshall por um bom tempo. Instantaneamente, com todo o seu peso, ele mergulhou na direção da barriga de Brummel e arrojou Brummel e Langstrat para trás sobre os dois policiais.

— Corra, Bernie, corra! — gritou ele.

Ela correu. Não parou para pensar se teria a coragem ou a vontade ou mesmo a velocidade, simplesmente deu tudo o que tinha pelo longo corredor, passando pelas portas dos gabinetes, direto à saída. A porta abria-se por meio de uma barra antichoque. Berenice chocou-se contra ela, a porta abriu-se, e ela, com um tropeção, saiu para o fresco ar noturno.

Marshall encontrava-se no meio de um emaranhado de braços, mãos, corpos e gritos, agarrando-se a tantos deles quantos conseguia. Estava quase se divertindo, e não fez tanta força assim para escapar. Queria manter a todos eles ocupados.

Um tira recuperou-se e saiu correndo atrás de Berenice, explodindo pela porta dos fundos. Ele estava suficientemente perto no rasto da moça para ouvir o som de passos dirigindo-se à viela de trás, e seguiu-a em encarniçada perseguição.

Aí estava a chance de Berenice descobrir em que tipo de condição física se encontrava, costela quebrada e tudo. A respiração explodindo, ela dava longas

passadas, seguindo pela escuridão; sonhava com os óculos, ou pelo menos com um pouco mais de luz. Ouviu o tira gritando-lhe que parasse. A qualquer momento ele daria um tiro de advertência. Ela fez uma curva fechada à esquerda atravessando um quintal, e um cachorro pôs-se a latir. Havia um espaço de luz entre duas árvores frutíferas cujos galhos chegavam perto do chão. Ela se dirigiu para lá e encontrou uma cerca. Duas latas de lixo ajudaram-na a transpô-la com um fragor que revelou ao tira onde ela estava.

Berenice esmagou com os pés uma horta lavrada havia pouco tempo, achatando sem ver diversos suportes de feijoeiros. Ela chegou a um gramado, voltou na direção da viela, revirou mais algumas latas, transpôs uma cerca, e continuou a correr. O tira parecia estar-se distanciando.

Ela estava ficando desesperadamente cansada e sua única esperança era de que ele também estivesse. Não agüentaria correr assim por muito mais tempo. Cada fôlego produzia uma pontada aguda na costela quebrada. Já não estava conseguindo respirar.

Ela dobrou a toda o canto de uma casa e voltou a passar por outros quintais, suscitando um tumulto de latidos de cães. A seguir atravessou uma rua e mergulhou num bosque. Os galhos atacavam-na e a agarravam, mas ela investiu contra eles até chegar a outra cerca que rodeava um posto de gasolina. Ela correu ao longo da cerca, encontrou um velho depósito de lixo logo do outro lado, foi um pouco adiante, e então seus olhos foram atraídos por um fragmento de luz de um poste filtrando-se através de folhas e iluminando uma pilha de detritos que algum porcalhão havia jogado ali. Ela agarrou a primeira coisa que sua mão encontrou, uma garrafa velha, caindo em seguida ao chão, tentando não respirar alto, tentando não gritar de dor.

O tira ia devagar pelo bosque, tateando a fim de conseguir caminhar no escuro, estalando galhinhos sob os pés, arfando e bufando. Ela ficou em silêncio, esperando que ele se detivesse e escutasse. Finalmente ele parou e ficou quieto. Estava à escuta. Ela arremessou a garrafa por cima da cerca. Ela bateu em cima do depósito de lixo e pulou, espatifando-se na calçada atrás do posto. O tira arrojou-se pelo mato até a cerca. Ele a transpôs e quedou-se imóvel atrás do posto.

De onde estava, Berenice não conseguia vê-lo, mas escutava, muito atenta. Ele também. Então, ela o ouviu andar lentamente pelos fundos do posto e parar. Passou-se um momento, e então ele começou a caminhar em ritmo normal. Havia perdido a moça.

Berenice permaneceu onde estava, tentando acalmar as violentas batidas do coração e o sangue nos ouvidos, tentando acalmar os nervos e o pânico, e desejando que a dor desaparecesse. Tudo o que desejava era tomar grandes fôlegos; não parecia conseguir satisfazer-se.

Oh, Marshall, Marshall, o que estão fazendo com você?

32

Marshall estava de bruços no chão, os bolsos esvaziados, as mãos algemadas às costas. Estava dando bastante cooperação ao tira que estava em pé acima dele com um revólver na mão. Carmem, Brummel e Langstrat estavam no escritório de Brummel repassando a fita que Marshall e Berenice tinham ouvido.

— Sim — disse Carmem — aqui está a minha anotação do contador da fita. Achei que ela não se havia adiantado muito para um período tão grande de

vigilância. As gravações continuam depois desta parada. Eles voltaram a fita.

Brummel saiu do escritório e postou-se acima de Marshall.

— E então, o que foi que você e Berenice escutaram?

— Grande orquestra de jazz, acho — respondeu Marshall. Essa resposta levou o calcanhar de Brummel a cair sobre o pescoço de Marshall.

— Ai!

Brummel tinha mais uma pergunta:

— E então, quem lhe deu as chaves deste lugar? Foi Sara?

— Se não me fizer perguntas, não terei de mentir. Brummel resmungou:

— Terei de mandar um aviso pelo rádio para que a apreendam também!

— Não se incomode — disse Langstrat do gabinete. — Ela se foi e ela não é nada. Não traga encrenca de volta depois que se tiver livrado dela. Apenas concentre-se em Krueger.

Brummel disse ao tira que estava guardando Marshall:

— Ed, saia e veja se pode ajudar o John. Krueger é a única que precisamos realmente pegar.

Mas nesse instante John entrou pela porta do fundo do corredor, e não trazia Berenice consigo.

— E então? — exigiu Brummel.

John apenas deu de ombros timidamente.

— Ela correu como um coelho assustado, e está escuro lá fora!

— Ora, formidável! — gemeu Brummel. Marshall achou que realmente era formidável. A voz de Langstrat veio do escritório.

— Alf, venha ouvir isto..

Brummel dirigiu-se ao escritório, e Marshall podia ouvir de novo a conversa entre Weed e Susan. Langstrat disse:

— Então eles ouviram essa conversa. Nós a apanhamos do telefone de Susan hoje —. O diálogo entre Susan e Weed terminou. — A menos que eu esteja enganada, é possível que Krueger se esteja dirigindo ao Bar Sempre-Verde em Baker a fim de encontrar-se com Susan... — Ela caiu na risada.

— Vou mandar patrulharem o bar, então — disse Brummel.

— Mande uma patrulha ao apartamento dela também. Ela vai querer pegar o carro.

— Boa idéia.

Brummel e Langstrat saíram do escritório e postaram-se em cima de Marshall como abutres sobre uma carniça.

— Marshall — vangloriou-se Brummel — temo que tenha uma grande queda à sua frente. Tenho o bastante contra você para mandá-lo para as grades para sempre. Você devia ter saído desta coisa enquanto tinha a possibilidade.

Marshall ergueu o olhar àquele tolo rosto sorridente e disse:

— Para usar um chavão, não vai conseguir safar-se dessa, Brummel. Você não é dono de todo o sistema judiciário. Mais cedo ou mais tarde este negócio vai escapar ao seu controle; ficará maior do que você.

Brummel apenas sorriu um sorriso que Marshall

adoraria apagar com um chute e disse:

— Marshall, só precisamos de uma decisão do tribunal inferior, e tenho a certeza de que conseguiremos isso. Não adianta negar. Você nada mais é do que um mentiroso e larápio de terceira categoria, para não falar em molestador de crianças e possível homicida. Temos testemunhas, Marshall: bons e honestos cidadãos desta comunidade. Faremos com que tenha o mais justo dos julgamentos, a fim de não ter base para um apelo. Poderia ser muito difícil para você. Pode ser que o juiz lhe dê uma colher de chá, mas... não sei, não.

— Você está falando de Baker, o finório?

— Ouvi dizer que ele pode ser uma pessoa muito compassiva... nas circunstâncias certas.

— Então deixe-me adivinhar. Vai prender Berenice sob acusação de prostituição? Talvez consiga encontrar aquelas prostitutas novamente, aquele tira falso, tramar a coisa toda.

Brummel deu uma risada zombeteira.

— Tudo depende da prova que tivermos, acho. Podemos prendê-la por arrombamento, como você sabe, e foram vocês dois que arrumaram essa sozinhos.

— E então, o que diz a lei a respeito de grampeamentos ilegais? Langstrat respondeu a essa pergunta.

— Nada sabemos sobre grampeamento. Não fazemos esse tipo de coisa —. Ela fez uma pausa de efeito, então acrescentou:

— E não achariam nada mesmo que acreditassem em você —. Nesse momento ocorreu-lhe algo. — Oh, posso perceber o que está pensando. Não conte com Susan Jacobson. Recebemos a triste notícia hoje de que ela morreu num terrível acidente de carro. As únicas

pessoas que a Srta. Krueger pode esperar encontrar no Bar Sempre-Verde serão da polícia.

Berenice estava tonta. Suas costelas pareciam estar arrebentadas; seus ferimentos latejavam impiedosamente. Por quase uma hora ela não teve força ou coragem para levantar-se de onde estava deitada entre os arbustos. Tentou decidir o que faria a seguir. Cada toque de vento através das árvores era um policial que se aproximava; cada som trazia novo terror. Ela olhou o relógio. Eram quase três da manhã. Logo amanheceria, e não daria mais para esgueirar-se às escondidas por ali. Era preciso pôr-se a caminho, e ela sabia disso.

Aos poucos, conseguiu levantar-se, depois ficou parada, levemente agachada, debaixo do emaranhado de trepadeiras que pendiam dos galhos rasteiros de um medronheiro, esperando que suficiente sangue circulasse através do cérebro para conseguir manter-se em pé.

Ela deu um passou, depois outro. Tornou-se mais confiante e começou a adiantar-se, tateando a fim de encontrar o rumo no meio das árvores e da vegetação rasteira, tentando afastar os galhos que a arranhavam.

De volta à rua, estava tudo quieto e escuro. Os cães já não latiam. Ela começou a seguir o percurso ao seu apartamento, a quase dois quilômetros do outro lado da cidade, indo em rápidas arrancadas de árvore à sebe à árvore. Apenas uma vez um veículo passou, mas não era uma radiopatrulha; Berenice escondeu-se atrás de um grande bordo até que ele desaparecesse.

Ela não conseguia distinguir a dor e mal-estar físicos da exaustão e desespero emocional. Algumas vezes ela se confundiu e perdeu o rumo e não conseguiu enxergar nada do que diziam as placas de sinalização, e

foi nessas horas que quase chorou, deixando-se cair de encontro a uma cerca ou parede.

Mas lembrou-se de Marshall atirando-se na boca dos leões por causa dela, e não podia desapontá-lo. Tinha de conseguir escapar. Tinha de sair da cidade, livrar-se, encontrar Susan, pedir ajuda, fazer alguma *coisa.*

Por quase uma hora, quarteirão a quarteirão, passo a passo, ela prosseguiu em seus esforços e finalmente aproximou-se do prédio do seu apartamento. Cautelosa, ela deu grande volta em torno dele, desejando examiná-lo por todos os lados. Finalmente, por trás da perua de um vizinho, ela achou que conseguiu distinguir o revelador conjunto de luzes em cima de um carro estacionado no fim do quarteirão. Dessa posição, os ocupantes do veículo teriam visão perfeita de qualquer pessoa que tentasse entrar em algum apartamento. Portanto, entrar estava fora de cogitação.

Era muito mais fácil esgueirar-se pelos fundos do prédio; ali havia pequenas vagas de estacionamento ao longo de uma viela escura e estreita, a iluminação era escassa, as vagas não podiam ser vistas do nível do chão que ficava acima delas. Em termos de segurança, era um lugar terrível para se estacionar, mas perfeito para Berenice essa noite.

Ela atravessou velozmente a rua a um quarteirão de distância e longe das vistas da radiopatrulha, depois voltou e esgueirou-se pela viela, mantendo-se colada ao úmido muro de concreto que acompanhava a inclinação da viela para baixo do nível do chão. Ela alcançou seu pequeno carro, removeu o estojo magnético de chaves debaixo do pára-choques, e usou as chaves de emergência para abrir a porta.

Oh, tão perto e contudo tão longe! Não havia como ela pudesse dar partida no carro e escapar sem ser

ouvida nessa noite tão silenciosa. Mas havia algumas coisas que podia aproveitar bem. Entrando com dificuldade no carro tão depressa quanto pôde, ela fechou a porta atrás de si o suficiente para apagar a luz do teto. A seguir, abriu o cinzeiro do painel e esvaziou-o de todas as moedas que continha, colocando-as no bolso. Dava uns dois dólares, mas teria de ser suficiente. No porta-luvas encontrou seus óculos escuros feitos com grau; agora podia enxergar melhor e usá-los a fim de esconder o ferimento dos olhos.

Nada mais havia a fazer além de deixar a cidade, talvez tirar uma soneca em algum lugar, de alguma maneira, e depois, de uma forma ou de outra, chegar a Baker e ao Bar Sempre-Verde até às 8:00 da noite. Era tudo, e era bastante. Ela se esforçou por pensar em alguém que conhecesse de quem eles não soubessem, qualquer amigo que pudesse ainda ajudar e proteger uma foragida da lei, sem fazer perguntas.

A lista mental de nomes era demasiado curta e duvidosa. Ela começou a andar na direção da Rodovia 27 enquanto rebuscava o cérebro à cata de quaisquer outras idéias.

No porão do tribunal, sozinho numa cela no fim da lúgubre fileira de celas, Hank estava deitado em seu leito, dormindo enfim.

Não tinha sido a mais agradável das noites: eles o haviam despido, revistado, tirado suas impressões digitais, sua foto, e depois o haviam enfiado nessa cela, sem cobertor para aquecê-lo. Ele havia pedido uma Bíblia, mas não lhe permitiram recebê-la. O bêbado na cela ao lado havia vomitado durante a noite, o passador de cheques sem fundos na cela seguinte à do bêbado tinha a boca muito suja, e o assaltante na cela seguinte demonstrou ser um marxista vociferante e dogmático.

Ora, pensou ele, Jesus morreu por eles e eles precisam do seu amor. Tentou ser bondoso e falar-lhes acerca do amor de Deus, mas alguém lhes havia dito que ele era acusado de estupro, o que de certa forma tornou menos eficaz o seu testemunho.

Por isso, ele se deitou, identificando-se com Paulo e Silas e Pedro e Tiago e todos os outros cristãos que, embora inocentes, haviam passado tempo numa prisão miserável. Perguntou-se quanto tempo o seu ministério sobreviveria agora que sua reputação havia sido arruinada. Conseguiria manter-se no já abalado pastorado? Brummel e seus companheiros com certeza aproveitariam ao máximo o acontecido. Pelo que ele sabia, a coisa havia sido arranjada por eles. Ah, bem, estava tudo nas mãos do Senhor; Deus sabia o que era melhor.

Ele orou por Mary e por todas as suas novas e heterogêneas ovelhas, e mentalmente recitou para si mesmo passagens da Escritura que sabia de cor até pegar no sono.

Bem de madrugada Hank acordou com passos vindos da ala de celas e com o tilintar das chaves do guarda. Oh, não. O guarda estava abrindo a porta da sua cela. Agora Hank teria de repartir a cela com... um bêbado, um assaltante, um verdadeiro estuprador? Ele fingiu que ainda dormia, mas abriu um olho para dar uma espiada. Minha nossa! Esse bandido era grande e de aspecto assustador, e pelo curativo e machucado na testa parecia haver acabado de sair de uma briga. Ele estava resmungando algo a respeito de ter de ser trancado junto com um estuprador. Hank começou a orar pedindo a proteção do Senhor. Esse grandalhão tinha de pesar o dobro dele, e parecia violento.

O novo sujeito deixou-se cair sobre o outro leito e respirou aquele tipo de respiração pesada associada a ursos, dragões e monstros.

Senhor, por *favor, livre-me!*

Rafar se pavoneava para diante e para trás no alto de sua colina de onde avistava a cidade, deixando que as asas se arrastassem e ondulassem como manto real atrás de si. Demônios mensageiros lhe tinham trazido relatórios regulares de como estavam indo os preparativos finais na cidade. Até então as notícias só tinham sido boas.

— Lucius — chamou Rafar com o tom que alguém usaria para uma criança — Lucius, quer vir aqui?

Lucius adiantou-se com toda a dignidade que conseguiu reunir, tentando fazer as asas ondularem e tremularem como as de Rafar.

— Sim, Baal Rafar?

Rafar olhou-o triunfante, um sorriso retorcido na cara, e disse:

— Quero crer que você aprendeu com esta experiência. Como viu tão claramente, o que não conseguiu fazer em anos, eu consegui em dias.

— Talvez —. Isso foi tudo o que Lucius lhe concedeu. Rafar achou graça.

— E você discorda?

— Poder-se-ia pensar, Baal, que o seu trabalho foi apenas o clímax dos anos da minha labuta antes da sua chegada.

— Anos de labuta quase destruídos pelas suas asneiras, você quer dizer! — retorquiu Rafar. — O que faz a gente parar e pensar. Tendo conquistado a cidade para o Valente, atrevo-me a deixá-la agora nas mãos daquele que quase a perdeu antes?

Lucius não gostou nada do tom da conversa.

— Rafar, durante anos esta cidade foi meu principado. É meu o direito de ser príncipe de Ashton!

— *Foi* seu. Mas honrarias, Lucius, recompensam ações, e em ações eu o encontro remisso.

Lucius estava indignado, mas controlou-se na presença desse poder gigantesco.

— O senhor não viu minhas ações pelo fato de ter preferido não olhar. Esteve de má vontade para comigo desde o princípio.

Lucius tinha ido longe demais. Imediatamente, foi arrebatado do chão pelo punho maciço de Rafar em torno de sua garganta, e agora Rafar o erguia e o olhava diretamente nos olhos.

— Eu — disse Rafar lenta e ferozmente — e apenas eu, sou o juiz disso!

— Deixe o Valente ser o juiz! — respondeu Lucius com atrevimento. — Onde está Tal, esse adversário que era para o senhor derrotar, cujos pedacinhos ia arrojar pelo céu como seu vitorioso pavilhão?

Rafar permitiu que um leve sorriso lhe cruzasse a cara, embora seus olhos se mantivessem em chamas.

— Busche, o homem de oração, foi derrotado e seu nome conspurcado. Hogan, que já foi perseguidor tenaz, é agora um infeliz imprestável e derrotado. A Serva traidora está destruída, e o seu amigo foi eliminado. Todos os outros fugiram.

Rafar abanou a mão sobre a cidade.

— Olhe, Lucius! Você vê os chamejantes exércitos celestiais descendo sobre a cidade? Você vê as suas espadas brilhantes e polidas? Vê seus muitos guardas postados por lá?

Ele zombou de Lucius e de Tal ao mesmo tempo.

— Esse Tal, esse Capitão do Exército, comanda

agora um exército abatido e debilitado, e está com medo de mostrar-se. Desafiei-o vez após vez a me confrontar, a me deter, e ele não apareceu. Mas não se preocupe. Assim como disse, farei. Quando estas outras questões urgentes tiverem sido resolvidas, Tal e eu nos encontraremos, e você verá o que vai acontecer... logo antes de eu derrotar *você!*

Rafar segurou Lucius ao alto enquanto chamava outro demônio.

— Mensageiro, leve recado ao Valente de que está tudo pronto e que ele pode vir à vontade. Os obstáculos foram removidos, Rafar completou sua tarefa, e a cidade de Ashton está pronta a cair-lhe nas mãos — Rafar derrubou Lucius ao chão, ao dizer isso — como uma ameixa madura.

Lucius arremeteu do chão e voou para longe em humilhado tumulto enquanto as tropas demoníacas riam a valer.

33

Edith Duster havia sentido o espírito um tanto agitado antes de se deitar naquela noite. Por isso, ao ser acordada abruptamente por dois seres luminosos em seu quarto, não se surpreendeu de todo, embora ficasse pasmada.

— Glória a Deus! — exclamou, os olhos muito abertos, a face embevecida.

Os dois homens altos tinham rosto bondoso e compassivo, mas sua expressão era séria. Um era alto e loiro; o outro, jovem e de cabelos escuros. Ambos chegavam à altura do teto, e o fulgor de suas túnicas brancas enchia o quarto. Cada um deles trazia bainha e

cinto resplendentes, e o cabo das suas espadas eram do mais puro ouro, cravejados de jóias cintilantes.

— Edith Duster — disse o loiro alto, com voz profunda e ressonante — vamos entrar em batalha pela cidade de Ashton. A vitória repousa nas orações dos santos de Deus. Pelo temor que tem ao Senhor, ore, e convoque os outros à oração. Ore pedindo que o inimigo seja vencido e os justos libertados.

Então disse o de cabelos escuros.

— O seu pastor, Hank Busche, foi preso. Ele será libertado mediante suas orações. Chame Mary, a esposa dele. Sirva-lhe de conforto.

De súbito, eles já não estavam ali, e o quarto ficou escuro novamente. De alguma forma, Edith sabia que já os tinha visto antes, talvez em sonhos, talvez como pessoas comuns, normais, em diferentes lugares. E ela sabia da importância do pedido que fizeram.

Erguendo-se, ela agarrou o travesseiro e colocou-o no chão, ajoelhando-se a seguir sobre ele, ao lado da cama. Ela queria rir, queria chorar, queria cantar; sentia de repente uma responsabilidade e um poder nas profundezas do seu ser, e entrelaçando as mãos trêmulas sobre a cama, ela curvou a cabeça e começou a orar. As palavras fluíam do mais profundo de sua alma, clamando em favor do povo

de Deus e da justiça de Deus, uma súplica por poder e vitória em nome de Jesus, pela repressão das forças do mal que tentavam tomar a própria vida, o próprio coração daquela comunidade. Nomes e rostos cascatearam diante dos olhos da sua mente e ela intercedeu por todos, suplicando diante do trono de Deus a sua segurança e salvação. Ela orou. Orou. E orou.

Do alto, a cidade de Ashton estava espalhada como um inocente vilarejo de brinquedo numa colcha de

retalhos, uma comunidade pequenina e despretensiosa ainda adormecida, mas banhada agora pelo crescente transbordar de rosa e cinza que precedia a aurora, vindo das montanhas do leste. Até então nada se movia na cidade. Nenhuma luz estava sendo acesa; o caminhão de leite ainda estava estacionado.

De algum lugar no céu, além das nuvens orladas de cor-de-rosa, principiou um som solitário, impetuoso. Um guerreiro angélico, pairando no ar como uma gaivota, descreveu rápida e furtiva espiral para baixo, até que sua forma se perdeu em meio aos desenhos das ruas e prédios embaixo. Depois outro apareceu e também deixou-se cair silenciosamente na cidade, desaparecendo em algum lugar dentro dela.

E Edith Duster continuou a orar.

Dois apareceram, as asas majestosamente estendidas para trás, as cabeças apontando diretamente para baixo, mergulhando como falcões cidade adentro. A seguir veio outro, planando em trajetória mais rasa, que o levaria ao outro lado da cidade. Depois quatro, deixando-se cair em direções diferentes. Depois outros dois, a seguir sete...

Mary, deitada no sofá, foi despertada de um sono inquieto pelo telefone.

— Alô? — Seus olhos brilharam imediatamente. — Oh, Edith, estou tão contente por ter chamado! Estive tentando telefonar-lhe. Nem fui para a cama, devo ter anotado errado o seu número, ou os telefones não estão funcionando... — Então ela começou a chorar, e contou a Edith tudo acerca dos acontecimentos da noite anterior.

— Olhe, descanse e fique tranqüila até eu chegar aí — disse Edith. — Estive de joelhos a noite toda e Deus está-se movendo, e como está! Tiraremos Hank da

cadeia e muito mais do que isso!

Edith agarrou a malha e os tênis e dirigiu-se à casa de Mary. Jamais se sentira tão jovem.

John Coleman acordou cedo aquele dia, tão perturbado por um sonho que não conseguiu pegar outra vez no sono. Patrícia sabia como ele se sentia: a mesma coisa lhe acontecera.

— Vi anjos! — disse John.

— Eu também — disse Patrícia.

— E... e vi demônios. Monstros, Patty! Coisas horrorosas! Os anjos e os demônios estavam lutando. Era...

— Terrível.

— Apavorante. Realmente apavorante.

Eles ligaram para Hank. Mary atendeu. Ficaram sabendo o que acontecera na noite anterior, e dirigiram-se prontamente para lá.

Andy e June Forsythe não puderam dormir a noite toda. Aquela manhã Andy estava zangado e June simplesmente tentou manter-se afastada dele. Por fim, enquanto Andy tentava comer alguma coisa no desjejum, conseguiu falar sobre o que o perturbava.

— Deve ser o Senhor. Não sei o que mais poderia ser.

— Mas por que você está tão perturbado? — perguntou June tão ternamente quanto possível.

— Porque nunca me senti assim antes — disse Andy, e então sua voz começou a tremer. — Eu... eu apenas sinto que preciso orar, como... como se algo tivesse de ser resolvido e não posso descansar enquanto isso não acontecer.

— Sabe — disse June — sei como você se sente.

Não sei se consigo explicar, mas sinto que não estive a sós a noite toda. Alguém esteve aqui conosco, enchendo-nos dessas sensações.

Os olhos de Andy se arregalaram.

— Sim! É isso mesmo! É essa a sensação! — Ele agarrou a mão dela com muita alegria e alívio. — June, querida, pensei que estava ficando doido!

Nesse exato momento o telefone tocou. Era Cecil Cooper. Tinha tido um sonho muito inquietante, da mesma forma que diversas outras pessoas. Algo estava para acontecer. Eles não esperaram reunir-se para orar. Puseram-se a orar naquele momento onde estavam.

Do norte, do sul, do leste e do oeste, de todas as direções, e em silêncio, guerreiros celestiais continuaram a cair na cidade qual flocos de neve, começaram a andar na cidade como gente, esgueirar-se pela cidade como guerrilheiros, deslizar através de campos e pomares cidade adentro como peritos pilotos da selva. Depois se esconderam e esperaram.

Hank despertou em torno das 7:00hs. O pesadelo não chegara ao fim. Ainda se encontrava na cela. Seu novo companheiro de prisão continuou a roncar por mais uma hora até que o guarda trouxe o café matutino. O grandalhão nada disse, mas apanhou o pratinho que foi passado pela grade. Não parecia muito excitado com a torrada queimada e os ovos frios. Talvez fosse a hora de quebrar o gelo.

— Bom dia — disse Hank.

— Bom dia — replicou o grandalhão com escasso entusiasmo.

— Meu nome é Hank Busche.

O homenzarrão passou o prato por baixo da porta

para o guarda. Não havia tocado na comida. Ficou ali, olhando através das grades como um animal enjaulado. Não respondeu à apresentação de Hank, nem lhe disse seu nome. Estava obviamente sofrendo; seus olhos pareciam tão anelantes e tão vazios.

Tudo o que Hank podia fazer era orar por ele.

Passo, passo, tropeção, depois outro passo. A manhã toda, através de milharais, pastos, densos matagais, Berenice caminhou com dificuldade, dirigindo-se lentamente ao norte num percurso sinuoso mais ou menos paralelo à Rodovia 27, localizada em algum lugar à esquerda da moça. O som dos veículos que passavam rugindo pela estrada ajudavam-na a manter o rumo.

Ela estava começando a tropeçar nos próprios pés, os pensamentos tornando-se apáticos. Fileira após fileira de pés de milho passavam marchando por ela, as grandes folhas verdes roçando contra ela em ritmo constante, quase irritante. A terra lavrada era macia e poeirenta debaixo de seus pés. Entrava nos seus sapatos. Minava a energia de suas passadas.

Após cruzar o mar de milho, ela chegou a um arvoredo comprido e estreito, um quebra-vento plantado entre os campos. Ela entrou no bosque e logo encontrou um pedaço de chão macio, coberto de grama. Verificou a hora: 8:25 da manhã. Precisava descansar. De alguma forma chegaria a Baker... era a única esperança... esperava que Marshall estivesse bem... esperava não morrer... estava adormecida.

Quando trouxeram o almoço, Hank e seu companheiro de cela estavam um tanto mais dispostos a comer. Os sanduíches não eram ruins e a sopa de carne e legumes estava bem boa.

Antes que o guarda se fosse, Hank pediu:

— Escute, tem certeza de que não poderia me arrumar uma Bíblia?

— Já lhe disse — respondeu o guarda rudemente — estou esperando autorização, e enquanto não a receber, nada feito.

De súbito, o grande e calado companheiro de cela explodiu:

— Jimmy, você tem uma pilha de Bíblias dos Gideões na gaveta da sua mesa e sabe disso! Vamos, dê uma Bíblia ao homem.

O guarda apenas zombou dele.

— Ei, você está do outro lado das grades agora, Hogan. Eu darei as ordens por aqui!

O guarda saiu, e o homenzarrão tentou transferir sua atenção ao almoço. Não obstante, ergueu os olhos para Hank, e brincou:

— Jimmy Dunlop. Acha que é um homem de verdade.

— Bem, de qualquer forma, obrigado por tentar.

O grandalhão puxou um suspiro profundo e disse a seguir:

— Desculpe ter sido mal-educado a manhã toda. Precisava de tempo para recuperar-me de ontem, e precisava de tempo para averiguar quem você era, e acho que precisava de tempo para me acostumar à idéia de estar na cadeia.

— Posso realmente me identificar com isso. Nunca estive na cadeia antes — tentou Hank outra vez. Estendeu a mão e disse:

— Hank Busche.

Dessa vez o homem a tomou e apertou-a com

firmeza.

— Marshall Hogan.

Foi então que ambos tiveram um estalo. Antes mesmo que tivessem soltado as mãos, entreolharam-se, apontaram um ao outro e ambos começaram a perguntar:

— Escute, você não é... ?

Em seguida, fitaram-se por um momento e não disseram nada. Os anjos vigiavam, naturalmente, e avisaram Tal.

— Bom, bom — disse Tal. — Agora deixaremos os dois conversarem.

— Você é o pastor da igrejinha branca — disse Marshall.

— E você é o redator do jornal, o *Clarim* — exclamou Hank.

— E então, que cargas d'água está fazendo aqui?

— Não sei se você conseguiria acreditar.

— Rapaz, você ficaria pasmado, eu estou pasmado, com o que eu conseguiria acreditar! — Marshall abaixou a voz e inclinou-se bem perto ao dizer:

— Disseram-me que você estava aqui por estupro.

— Isso mesmo.

— Isso é o tipo de coisa que faria, não?

Hank não sabia muito bem o que depreender daquela declaração.

— Bem, não fiz nada disso, entende?

— Alf Brummel não freqüenta a sua igreja?

— Sim.

— Já se opôs a ele?

— Ah... bem, sim.

— Eu também. E é por isso que estou aqui, e é por isso que você está aqui! Conte-me o que aconteceu.

— Quando?

— Quero dizer, o que realmente aconteceu? Você chegou a conhecer essa moça que dizem ter estuprado?

— Bem...

— Onde conseguiu essas marcas de mordidas no braço? Hank estava ficando em dúvida.

— Escute, é melhor eu não dizer nada.

— O nome dela era Carmem?

O rosto de Hank disse um sim que foi quase audível.

— Apenas um palpite. Ela é realmente uma garota traiçoeira. Trabalhava para mim e ontem à noite ela me disse que tinha sido estuprada e eu percebi na hora que era mentira.

Hank estava completamente estupefato.

— Isto é demais! Como é que você sabe de tudo isso? Marshall correu os olhos pela cela e deu de ombros. — Ora, o que mais temos para fazer? Hank, nem imagina a história que tenho para lhe contar! Vai demorar alguns horas. Está disposto?

— Se estiver disposto a ouvir a minha, estou disposto a ouvir a sua.

— Alô? Senhora?

Berenice despertou de chofre. Alguém se inclinava sobre ela. Era uma mocinha aproximadamente de idade colegial, talvez mais velha, com grandes olhos castanhos

e cabelos negros e encaracolados, vestindo macacão de peitilho, uma perfeita filha de fazendeiro.

— Oh! Ah... oi. — Foi tudo o que Berenice conseguiu pensar em dizer.

— A senhora está bem? — perguntou a mocinha com sotaque descansado e suave.

— Ah, sim. Estava apenas dormindo. Espero que não haja problema. Saí para dar uma volta, sabe, e... — Ela se lembrou do rosto machucado. Ora, ótimo! Agora essa garota vai pensar que fui assaltada ou coisa parecida.

— Está procurando seus óculos escuros? — perguntou a mocinha, abaixando-se e apanhando-os. Ela os entregou a Berenice.

— Eu.. . ah... acho que está pensando no que aconteceu ao meu rosto.

A mocinha apenas sorriu um sorriso afável e disse:

— Ora, você devia ver o meu rosto quando acordo de manhã.

— Pelo que vejo, esta é sua propriedade? Não tive a intenção de...

— Não, estou apenas de passagem, como você. Vi-a deitada aqui e achei melhor dar uma espiada. Posso dar-lhe uma carona a algum lugar?

Berenice estava prestes a dizer um não automático, mas então olhou o relógio. Oh, não! Quase 4:00hs da tarde.

— Bem, você por acaso não estaria indo rumo ao norte, estaria?

— Estou indo na direção de Baker.

— Oh, perfeito! Poderia pegar uma carona com

você?

— Logo depois do almoço.

— O quê?

A mocinha saiu do arvoredo rumo à próxima lavoura de milho, e foi então que Berenice notou uma brilhante motocicleta azul, estacionada ao sol. A moça enfiou a mão numa bolsa lateral e tirou um saquinho de papel pardo. Voltando, ela colocou o saquinho à frente de Berenice, juntamente com uma caixinha de leite frio.

— Você almoça às 4:00 da tarde? — perguntou Berenice com uma risadinha mais à vontade.

— Não — respondeu a jovem com outra risadinha — mas você vem de longe, e tem uma boa distância pela frente, e precisa comer alguma coisa.

Berenice olhou dentro daqueles olhos castanhos, transparentes e risonhos, e depois ao saquinho de lanche à sua frente, e pôde sentir o rosto avermelhando e os olhos enchendo-se de lágrimas.

— Vamos, coma — disse a jovem.

Berenice abriu o saquinho de papel e encontrou um sanduíche de rosbife que era verdadeiramente uma obra de arte. A carne ainda estava quente, a alface tenra e verde. Debaixo dele estava uma caixinha de iogurte de amoras, seu sabor favorito, ainda frio ao toque.

Ela tentou controlar as emoções, mas começou a ser sacudida pelo choro, e as lágrimas escorreram-lhe pelas faces. Oh, estou fazendo papel de boba, pensou. Mas tudo isso era tão diferente!

— Desculpe — disse ela. — É... é só que estou tão comovida com a sua bondade.

A mocinha tocou-lhe a mão.

— Bem, alegro-me por ter podido estar aqui.

— Qual é o seu nome?

— Pode chamar-me Betsy.

— Sou... bem, pode chamar-me Marie.

— Era o segundo nome de Berenice.

— É o que farei. Escute, tenho um pouco de água fria também, se quiser.

Lá veio outra onda de emoção.

— Você é uma pessoa maravilhosa. O que está fazendo neste planeta?

— Ajudando você — respondeu Betsy, correndo à motocicleta a fim de apanhar a água.

Hank achava-se sentado na beirada do leito, enlevado com a história que Marshall contava.

— Você fala sério? — reagiu ele subitamente. — Alf Brummel está envolvido com bruxaria? Um membro do conselho da minha igreja?

— Olhe, dê o nome que quiser, mas estou-lhe dizendo, é espacial! Não sei há quanto tempo ele e Langstrat são amigos do peito, mas o suficiente para que a nojenta percepção cósmica dela tenha passado para ele a ponto de torná-lo perigoso, e não pense que estou brincando!

— E então, quem pertence a esse grupo?

— Quem não pertence? Oliver Young, o juiz Baker, a maioria dos tiras da polícia local...— Marshall prosseguiu, dando a Hank apenas um pequeno segmento da lista.

Hank estava abismado. Isso tinha de vir do Senhor. Tantas perguntas que ele tivera por longo tempo estavam finalmente sendo respondidas.

Marshall continuou a falar por cerca de meia hora mais, e então começou a perder o embalo. Chegou à parte a respeito de Kate e Sandy.

— É essa a parte que mais dói — disse ele, e então passou a olhar através das grades em vez de nos olhos de Hank. — É outra história em si, e você não precisa ouvi-la. Mas bem que a repassei vez após vez hoje de manhã. É culpa minha, Hank. Eu permiti que acontecesse.

Ele puxou um fôlego lá do fundo e enxugou a umidade dos olhos.

— Eu podia ter perdido tudo: o jornal, a casa, a... a batalha. Podia ter aceito isso se apenas elas estivessem comigo. Mas perdi-as também. .. E foi assim que vim parar aqui — e parou. Abruptamente.

Hank estava chorando. Estava chorando e sorrindo, e elevando as mãos a Deus, meneando a cabeça em assombro. A Marshall parecia que ele estava tendo algum tipo de experiência religiosa.

— Marshall — disse Hank excitado, incapaz de ficar sentado quieto. — Isso vem de Deus! O fato de estarmos aqui não é acidental. Nossos inimigos o fizeram por mal, mas Deus o designou para o bem. Ele nos reuniu apenas com o propósito de nos conhecermos, apenas a fim de juntarmos a coisa toda. Você ainda não ouviu a minha história, mas adivinhe só! É a mesma! Nós dois temos defrontado com o mesmíssimo problema por dois lados diferentes.

— Conte, conte, também quero chorar!

Então Hank começou a narrar como subitamente se achara pastor de uma igreja que não parecia querê-lo.

A motocicleta de Betsy voou como o vento pela Rodovia 27, e Berenice segurava-se firme, sentada atrás

dela no macio assento de couro, vendo a paisagem passar. A viagem foi esfuziante; fê-la sentir-se como uma criança de novo, e o fato de as duas usarem capacetes com protetores escuros fez Berenice sentir-se tanto mais a salvo de ser descoberta.

Mas Baker se aproximava rapidamente, e com ela os riscos e perigos e a importantíssima questão sobre a possibilidade de Susan Jacobson aparecer ou não. Parte de Berenice queria permanecer na motocicleta com aquela garota doce e amável e simplesmente prosseguir a... onde quer que fosse. Qualquer vida tinha de ser melhor do que essa.

Os pontos de referência tornaram-se familiares: o anúncio de Coca-Cola, e o grande lote de lenha à venda. Estavam chegando a Baker. Betsy tirou o pé do acelerador e ouviu-se o queixume da mudança para marcha mais lenta. Afinal, ela saiu no acostamento e seguiu aos solavancos até parar em um estacionamento forrado de pedriscos à frente do velho Hotel Pôr-do-Sol.

— Aqui está bom para você? — gritou Betsy através do protetor de rosto.

Berenice conseguiu vislumbrar o Sempre-Verde logo adiante na estrada.

— Oh, sim, aqui está ótimo.

Ela desceu da moto e fez força para remover a correia do capacete.

— Deixe-o mais um pouco — disse Betsy.

— Para quê?

Os olhos de Betsy lhe deram um bom motivo que *ela* devia reconhecer: uma radiopatrulha da delegacia de Ashton passava casualmente, diminuindo a marcha ao entrar em Baker. Berenice observou o veículo dar seta à esquerda e entrar no estacionamento da frente do Bar Sempre-Verde. Dois policiais saíram do carro e entraram

no bar. Ela fitou Betsy. A mocinha sabia?

Não dava essa impressão. Ela apontou um pequeno restaurante ao lado do hotel.

— Aquela é a pequena lanchonete de Rose Allen. Parece um lugar horrível, mas ela faz a melhor sopa caseira do mundo e vende barato. Seria um bom lugar para matar o tempo.

Berenice removeu o capacete e colocou-o sobre a moto.

— Betsy — disse ela — tenho uma grande dívida para com você. Muito, muito obrigada.

— De nada —. Mesmo através do protetor de rosto o sorriso dela brilhava alegremente.

Berenice olhou na direção do pequeno refeitório. Não, não tinha mesmo cara muito boa.

— A melhor sopa caseira do mundo, é?

Ela se voltou na direção de Betsy e ficou rígida. Por um momento, sentiu que cambalearia para diante como se uma parede à sua frente tivesse subitamente desaparecido.

Betsy se fora. A motocicleta se fora.

Era como despertar de um sonho e precisar de tempo para ajustar a mente ao que era real e ao que não era. Mas Berenice sabia que não fora um sonho. O rasto da motocicleta ainda estava perfeitamente visível nos pedriscos, vindo do ponto onde havia saído da estrada até o lugar diretamente à frente de Berenice. Ali terminava.

Berenice afastou-se, atordoada e confusa. Ela olhou os dois lados da estrada, mas mesmo enquanto o fazia sabia que não veria a mocinha de motocicleta. De fato, quando mais alguns segundos se passaram, Berenice percebeu que teria ficado desapontada se a

tivesse enxergado. Teria sido o fim de algo muito belo, algo que jamais havia sentido.

Mas precisava sair da estrada, ficou a dizer-se. Sua presença ali chamava muito a atenção. Ela se forçou a deixar o local e se dirigiu às pressas à pequena lanchonete de Rose Allen.

O jantar passou pelas grades às 6:00hs. Marshall estava disposto a comer o frango frito e as cenouras cozidas, mas Hank estava tão envolvido com sua história que Marshall teve de sugerir-lhe que comesse.

— Agora que estou chegando à parte interessante! — protestou Hank, e então perguntou:

— Você está conseguindo acompanhar tudo isto?

— Muita coisa é novidade para mim — admitiu Marshall.

— O que foi mesmo que disse que era? Presbiteriano?

— Ei, não culpe os presbiterianos. O problema é comigo, só isso, e sempre pensei que fantasmas saíam apenas no Dia das Bruxas.

— Bem, você sempre quis uma explicação da estranha força de Langstrat, e de como a Rede podia ter essa grande influência sobre as pessoas, e o que pode ter realmente estado a atormentar Ted Harmel, e especialmente quem esses guias espirituais poderiam ser.

— Você... está-me pedindo que acredite em espíritos maus.

— Você acredita em Deus?

— Sim, acredito que existe um Deus.

— Você acredita num diabo?

Marshall teve de pensar um instante. Percebeu que havia passado por uma mudança de opinião ao longo do caminho.

— Eu... bem, sim, acho que acredito.

— Acreditar em anjos e demônios é simplesmente o passo seguinte. É apenas lógico.

Marshall deu de ombros e apanhou uma coxa do frango.

— Continue. Quero ouvir a história toda.

34

Berenice matou hora e meia na lanchonete de Rose Allen, pedindo um prato fundo de sopa. Betsy tinha razão, era boa. E tomou-a bem devagar. Ficou o tempo todo de olho em Rose. Puxa, se a mulher fizesse algum movimento na direção do telefone, Berenice cairia fora! Mas Rose não parecia pensar que uma mulher toda machucada em sua lanchonete fosse algo assim tão incomum, e nada aconteceu.

Quando as 7:30hs foram-se aproximando, Berenice percebeu que teria de tentar chegar ao encontro marcado de uma forma ou de outra. Pagou a Rose pela sopa com os trocados que tinha no bolso e saiu.

Parecia que a viatura policial que havia parado no Sempre-Verde já se fora, mas a luz estava ficando escassa e era longe demais para Berenice saber ao certo. Ela teria de averiguar a cada passo.

Caminhando cuidadosamente, ela ia olhando em todas as direções à procura de policiais, agentes de tocaia, veículos suspeitos, qualquer coisa. O estacionamento do Sempre-Verde estava superlotado, o

que provavelmente era típico de uma noite de sábado. Ela não tirou os óculos escuros, mas a não ser por isso tinha a exata aparência da Berenice Krueger que a polícia procurava. O que mais podia fazer?

Ao aproximar-se do bar, ela olhou aqui e ali à procura de rotas de escape. Descobriu uma trilha que levava ao matagal nos fundos, mas não tinha a menor idéia de seu comprimento e de onde terminava. De modo geral, não parecia haver muitos lugares aos quais correr ou onde se esconder.

Os fundos do Sempre-Verde constituíam a parte do prédio à qual ninguém dava a mínima importância; os três carros velhos, as geladeiras esquecidas, os barris de cerveja amassados e as pilhas de mesas de superfícies arrebentadas que se enferrujavam ali e as cadeiras totalmente destruídas afastavam-se apenas o suficiente para permitir um estreito caminho que chegava à porta de trás.

Essa porta também riscava um arco no linóleo. A música da vitrola automática rebentou sobre Berenice como uma onda, da mesma forma que a fumaça de cigarros e o enjoativo cheiro adocicado de cerveja. Ela fechou a porta atrás de si e achou-se numa caverna escura cheia de silhuetas. Cautelosamente, ela olhou sobre, sob e à volta dos seus óculos escuros, tentando ver onde se encontrava e onde todas as outras pessoas se encontravam sem tirar os óculos.

Tinha de haver algum lugar para se sentar ali. A maioria das mesas isoladas estavam cheias de madeireiros e suas namoradas. Havia uma cadeira no canto. Ela tomou-a e acomodou-se para examinar o aposento.

Desse lugar ela conseguia vislumbrar a porta da entrada e podia ver quem entrava, mas não conseguia distinguir-lhes as feições. Dan, atrás do bar, ela reconheceu; ele servia cervejas ao mesmo tempo que

tentava manter as coisas sob certo controle. Os ouvidos da moça atestaram que o jogo de mareia ia a todo vapor, e dois jogos de vídeo contra uma parede distante apitavam e gorgolejavam, sendo alimentados por fichas.

Eram 7:50hs. Ora, apenas ficar sentada ali não ia dar resultado; ela se sentia óbvia demais, e simplesmente não conseguia enxergar. Ela se levantou da cadeira e tentou misturar-se à multidão, permanecendo perto das paredes.

Ela olhou novamente para Dan. Ele se encontrava um pouco mais próximo e podia ter estado a olhá-la de volta, mas isso ela não sabia. Ele não dava a perceber que a havia reconhecido, ou que ligava, se tivesse. Berenice tentou encontrar um lugar discreto do qual pudesse examinar as pessoas das mesas da frente. Ela se juntou a um pequeno grupo em torno de um dos jogos de vídeo. As pessoas na parte da frente ainda eram silhuetas, mas nenhuma delas poderia ter sido Susan.

Lá estava Dan outra vez, inclinando-se por cima de uma mesa e abaixando ao meio o estore da janela da frente. Algumas pessoas que estavam perto não gostaram, mas ele lhes deu uma explicação qualquer e o deixou assim.

Ela resolveu voltar à sua cadeira e esperar. Refez o caminho de volta ao jogo de mareia, e depois dirigiu-se lentamente para trás das pessoas que se encontravam nos fundos do aposento.

Foi então que o pensamento a atingiu. Já havia visto aquele truque de abaixar o estore em algum filme. Um sinal? Ela voltou a cabeça na direção da frente, e naquele exato momento a porta da frente se abriu. Dois homens uniformizados entraram. Polícia! Um apontou diretamente para ela. Ela se dirigiu tão depressa quanto possível à porta dos fundos. Nada havia além de trevas à sua frente. Como é que ela conseguiria mesmo que fosse apenas achar a porta?

Ela ouviu um grito acima do ruído da multidão.

— Ei! Detenham essa mulher! Polícia! Você aí! Pare! O pessoal à volta dela começou a murmurar:

— Quem? Que mulher? Essa mulher? — Outra voz saindo da escuridão disse:

— Ei, dona, acho que ele está falando com você!

Ela não olhou para trás, mas podia ouvir o arrastar de cadeiras e pés. Eles estavam vindo atrás dela.

Então ela viu o aviso de saída em luz verde que ficava acima da porta dos fundos. Esqueça-se dessa de ficar fria! E disparou na direção da luz.

Pessoas gritavam por toda a parte, vindo em sua ajuda, querendo ver o que estava acontecendo. Atrapalharam os policiais, que começaram a berrar:

— Para o lado, por favor! Saiam do caminho! Detenham aquela mulher!

Ela não conseguia enxergar o trinco ou maçaneta ou seja lá o que fosse que a porta tivesse. Na esperança de que tivesse uma barra de abertura automática, ela jogou o corpo contra a porta. Essa não tinha aquele tipo de abertura automática, mas ela ouviu algo quebrar-se e a porta se abriu de qualquer forma.

Estava mais claro lá fora do que dentro. Ela conseguiu vislumbrar a trilha que cortava toda a tranqueira e disparou por ela, dando tudo o que tinha, ao mesmo tempo que ouvia a porta dos fundos abrir-se novamente com um baque. A seguir veio o som de passos. Conseguiria escapar às vistas deles antes que atravessassem toda a tranqueira?

Ela arrancou os óculos escuros bem a tempo de descobrir a trilha que cortava o mato, do outro lado da cerca.

É incrível o que a pessoa consegue fazer quando suficientemente apavorada. Plantando as mãos em cima da cerca, Berenice jogou o corpo e, descrevendo um arco, despencou sobre a moita do outro lado. Sem se deter para congratular-se, ela se deslocou como pôde pela trilha que levava ao mato, como um coelho assustado, abaixando-se a fim de evitar os galhos rasteiros que conseguia ver e levando lambadas no rosto dos que não via.

A trilha era macia e clara, e mantinha seus passos quietos e abafados. Estava mais escuro no mato, e vez por outra ela precisava parar abruptamente a fim de ver onde a trilha continuava. Nessas horas, ela tentava ouvir também os seus perseguidores; ouvia uma espécie de gritaria muito distanciada atrás de si, mas parecia que ninguém havia pensado naquela trilha.

Havia uma luz adiante. Ela chegou a uma estrada secundária de pedregulhos, mas hesitou entre as árvores o tempo suficiente para olhar de uma lado para o outro da estrada, à procura de carros, tiras, qualquer pessoa. A estrada estava silenciosa e deserta. Ela saiu depressa, tentando resolver que rumo tomar.

De repente, em uma intersecção logo adiante na estrada, um carro apareceu, entrou na estrada e veio em sua direção. Eles a haviam visto! Nada mais podia fazer a não ser continuar correndo!

Seus pulmões arfavam, o coração doía e parecia que ia esborrachar-se de tanto bater, as pernas pesavam como se fossem de chumbo. Não podia deixar de emitir gritos de angústia e medo a cada exalação ao atravessar na disparada um campo, dirigindo-se a um aglomerado de construções à distância. Ela olhou para trás. Um vulto a seguia, correndo velozmente em encarniçada perseguição. Não! Não! Por favor, não me persiga, deixe-me escapar! Não posso continuar assim!

Os prédios estavam cada vez mais próximos.

Parecia uma velha fazenda. Ela já não pensava, apenas corria. Não conseguia enxergar; seus olhos estavam agora duplamente anuviados por lágrimas. Ela respirava com dificuldade, a boca seca, a dor das costelas disparando acima e abaixo em todo o lado. A grama lhe vergastava as pernas, quase fazendo-a tropeçar a cada passo. Ela podia ouvir as passadas de quem a perseguia zunindo pela grama não muito longe. Oh, Deus, ajuda-me!

Adiante encontrava-se um prédio grande e escuro, um estábulo. Ela se dirigiria para lá e tentaria esconder-se. Se a encontrassem, paciência. Não agüentava continuar correndo.

Tropeçando, arrastando-se, ela puxou um pé após o outro à volta de uma ponta do prédio e encontrou uma grande porta de correr meio aberta. Praticamente caiu porta adentro.

No interior, achou-se na mais negra escuridão. Nessa hora, de nada lhe serviam os olhos. Ela se adiantou aos tropeções, os braços estendidos à frente. Seus pés se arrastavam no meio da palha. Os braços davam encontrões contra as vigas. Uma baia. Ela continuou. Outra baia. Podia ouvir as passadas virando o canto e entrando pela porta. Ela se jogou para dentro de uma baia e tentou abafar seu arquejar. Estava a ponto de desmaiar.

As passadas tornaram-se mais lentas. O perseguidor estava encontrando a mesma escuridão e tateando em busca da passagem. Mas estava cada vez mais perto.

Berenice afundou-se mais ainda na baia, perguntando-se se haveria alguma forma de se esconder. Sua mão encontrou uma espécie de alça. Ela apalpou um cabo. Um forcado. Ela o tomou nas mãos. Teria coragem de usar aquela coisa a sangue frio?

Os passos adiantavam-se metodicamente; o perseguidor estava examinando cada baia, atravessando o estábulo. Berenice via um raiozinho de luz rebuscando aqui e ali.

Ela ergueu bem alto o forcado enquanto a costela quebrada a castigava em protesto. Vai-se arrepender bastante por ter-me seguido, pensou ela. Estava jogando pelas leis da selva a esta altura.

Os passos estavam muito próximos agora. O raiozinho de luz estava logo ao lado da abertura. Ela estava pronta. A luz brilhou em seus olhos. Uma exclamação abafada. Vamos, Berenice! Jogue o forcado! Seus braços não se moveram.

— Berenice Krueger? — perguntou um voz abafada, de mulher. Berenice não se moveu. Segurando alto o forcado, ainda arquejante, o pequenino facho de luz iluminando seus olhos transtornados, enegrecidos, e seu rosto apavorado.

Fosse quem fosse, a pessoa afastou-se abruptamente ao dar com ela e sussurrou:

— Berenice, não! Não atire isso!

Essas palavras fizeram com que Berenice sentisse recrudescer o desejo de atirar aquela coisa. Estava choramingando e arquejando, tentando forçar os braços a agirem. Eles não o fizeram.

— Berenice — veio a voz — é Susan Jacobson! Estou sozinha! Ainda assim Berenice não abaixou o forcado. Por um momento ela ultrapassara os limites da racionalidade, e palavras nada significavam.

— Está-me ouvindo? — veio a voz. — Por favor, abaixe o forcado. Não a machucarei. Não sou da polícia, prometo.

— Quem é você? — perguntou Berenice por fim, a voz arquejante e trêmula.

— Susan Jacobson, Berenice —. Ela repetiu lentamente. — Susan Jacobson, a antiga companheira de quarto da sua irmã Pat. Tínhamos um encontro marcado.

Foi como se Berenice subitamente se recobrasse de uma alucinação ou de um pesadelo. O nome enfim penetrou-lhe a mente e a despertou.

— Você... — arquejou ela. — Tem de ser uma piada!

— Não é. Sou eu.

Susan dirigiu o facho da pequena lanterna ao próprio rosto. Os cabelos negros e a tez pálida eram inconfundíveis, embora as roupas pretas tivessem sido substituídas por calças de brim e uma jaqueta azul.

Berenice abaixou o forcado. Depois largou-o e emitiu um gemido abafado, tapando a boca com a mão. Percebeu de repente que estava sofrendo dor excruciante. Caiu de joelhos sobre a palha, os braços em torno das costelas.

— Você está bem? — perguntou Susan.

— Apague essa luz antes que eles a vejam — foi tudo o que Berenice disse.

A luz apagou-se. Berenice podia sentir a mão de Susan tocando-a.

— Você está machucada! — disse Susan.

— Eu... tento manter tudo em perspectiva — arquejou Berenice. — Ainda estou viva, encontrei viva a verdadeira Susan Jacobson, não precisei matar ninguém, a polícia não me encontrou... e estou com uma costela quebrada! Oooooo...

Susan colocou os braços em torno de Berenice com o propósito de confortá-la.

— De leve, de leve! — acautelou Berenice. — Afinal

de contas, de onde é que você surgiu? Como me encontrou?

— Eu estava vigiando o bar do outro lado da rua, esperando para ver se você ou Kevin apareceriam. Vi a polícia entrar e você sair correndo pelos fundos, e percebi imediatamente que era você. A turminha da faculdade costumava vir sempre aqui, por isso eu conhecia a trilha que você tomou, e sabia que ia dar naquela estrada lá. Dei a volta com o carro, pensando em cortar-lhe o caminho e fazê-la entrar no carro comigo, mas você estava muito adiante e saiu correndo.

Berenice deixou a cabeça pender um pouco. Sentiu o afluxo das emoções novamente.

— Eu costumava pensar que jamais havia visto um milagre, mas já não tenho tanta certeza.

Hank terminou a sua história e, incitado por Marshall, havia dado cabo da maior parte do jantar. Marshall começou a fazer perguntas, às quais Hank respondia com o conhecimento que tinha das Escrituras.

— Então — disse Marshall, cismando — quando os Evangelhos falam a respeito de Jesus e seus discípulos expulsarem espíritos imundos, era o que estavam realmente fazendo?

— Era o que estavam realmente fazendo — respondeu Hank. Marshall reclinou-se contra as grades e continuou a pensar.

— Isso verdadeiramente explicaria uma porção de coisas. Mas e Sandy? Você acha que ela... que ela está...?

— Não sei ao certo, mas poderia estar.

— A pessoa com quem falei ontem... não era ela.

Ela estava simplesmente doida; você não teria acreditado.

— Ele percebeu o que dissera. — Ah, pensando melhor, acho que provavelmente acreditaria.

Hank estava excitado.

— Mas você não percebe o que aconteceu? É um milagre de Deus, Marshall. Todo esse tempo, você estava examinando essa chantagem e tramóia, e sem entender como essas coisas podiam estar acontecendo com tamanha facilidade e força, especialmente na vida particular de tantas pessoas. Ora, agora você já tem o seu "como". E agora que me contou o que descobriu e tudo por que passou, eu tenho o meu "por quê". Todo este tempo tenho encontrado poderes demoníacos nesta cidade, mas nunca realmente descobri o que estavam tramando. Agora sei. A nossa reunião tem de ser coisa do Senhor.

Marshall deu a Hank um sorriso torto.

— E então, aonde isso nos leva, Pregador? Eles nos trancafiaram, não nos permitiram comunicar de forma alguma com nossas famílias, amigos, advogados, ou ninguém. Tenho a impressão de que nossos direitos constitucionais não vão valer muita coisa na atual conjuntura.

Agora foi a vez de Hank reclinar-se contra a velha parede de concreto e pensar.

— Essa parte é só Deus quem sabe. Mas tenho uma impressão muito forte de que ele nos meteu nesta, e que ele tem também um plano para tirar-nos daqui.

— Se vamos falar de impressões fortes — volveu Marshall — tenho a impressão muito forte de que eles apenas nos querem fora do caminho enquanto terminam de uma vez por todas o que começaram. Será interessante ver o que sobrará da cidade, do nosso

trabalho, das nossas casas, das nossas famílias, e de tudo o mais que prezamos quando sairmos daqui. Se sairmos daqui.

— Bem, tenha fé. Deus é quem está controlando esta situação.

— Sim, apenas espero que ele não tenha pisado na bola.

As duas mulheres permaneciam sentadas na palha, no escuro, enquanto Berenice tentava explicar tudo a Susan: o rosto machucado, a costela quebrada, o que acontecera a ela e a Marshall, e a morte de Kevin Weed.

Susan digeriu tudo aquilo por um momento, e depois disse:

— É o modo de Kaseph agir. É o modo como a Sociedade opera. Eu deveria ter percebido que não podia meter Kevin nesta coisa.

— Não... não se culpe. Estamos todos juntos nisso, quer queiramos, quer não.

Susan forçou-se a ser indiferente e calculista.

— Você tem razão... pelo menos por enquanto. Algum dia em breve me sentarei e realmente pensarei a esse respeito, e chorarei por aquele homem —. Ela se ergueu. — Mas neste exato momento há muito o que fazer e muito pouco tempo para fazê-lo. Você consegue andar?

— Não, mas isso não me deteve até agora.

— Meu carro é de aluguel, e tenho um número muito grande de papéis importantes nele para deixá-lo lá fora. Venha.

Com passos cuidadosos e quietos, escolhendo bem onde punham os pés, Susan e Berenice chegaram à

grande porta do estábulo. O silêncio reinava lá fora.

— Quer arriscar uma corrida? — perguntou Susan.

— Claro — disse Berenice — vamos.

Elas correram de volta através do vasto campo rumo à estrada onde Susan havia deixado o carro, usando para guiar-se uma árvore que se projetava contra o céu estrelado. Ao atravessarem outra vez o campo, Berenice notou como a corrida parecia muito mais curta agora que não corria para salvar a vida.

Susan guiou-a ao lugar em que o carro se encontrava estacionado. Ela o havia dirigido para fora da estrada um pouco e aninhado debaixo de algumas árvores. Pondo-se a remexer os bolsos, ela procurava as chaves.

— Susan! — disse uma voz do meio das árvores. As duas se imobilizaram.

— Susan Jacobson? — veio a voz outra vez. Susan murmurou, excitada.

— Não posso acreditar!

Berenice respondeu:

— Eu também não!

— Kevin?

Alguns arbustos começaram a se mexer e a farfalhar, e então um homem saiu do mato. Não havia engano possível quanto ao porte desengonçado e o andar arrastado.

— Kevin Weed? — precisou perguntar Berenice mais uma vez.

— Berenice Krueger! — disse Kevin. — Você conseguiu! Ah, mas que ótimo!

Após um breve momento de pasmo e surpresa, os

abraços vieram automaticamente.

— Vamos cair fora daqui — disse Susan.

Eles se amontoaram no carro e colocaram alguns quilômetros entre si e Baker.

— Tenho um quarto num hotel em Orting, ao norte de Windsor — disse Susan. — Podemos ir para lá.

Berenice e Kevin não tinham objeções. Berenice disse muito alegre:

— Kevin, acabou de me fazer passar por mentirosa! Eu tinha certeza de que estava morto.

— Estou vivo por enquanto — disse Kevin, não parecendo muito certo quanto a coisa alguma.

— Mas a sua caminhonete caiu no rio!

— É, eu sei. Um idiota a roubou e teve um terrível acidente. Alguém estava tentando me matar.

Ele percebeu que não estava falando coisa com coisa, por isso começou outra vez.

— Olhe, eu estava a caminho da ponte a fim de nos encontrarmos, como você havia dito. Parei no Sempre-Verde para tomar uns tragos, e aposto que algum cara me passou uma pingada... sabe, colocou alguma coisa na minha cerveja. Quero dizer, fiquei *alto* mesmo.

— Estava indo pela estrada a fim de encontrar você, e comecei a realmente a entrar em órbita, por isso entrei numa lanchonete de caminhoneiros para vomitar ou tomar um gole d'água ou usar o banheiro ou alguma coisa. Peguei no sono no banheiro masculino, e devo ter dormido a noite toda. Acordei hoje cedo e saí no estacionamento e minha caminhonete não estava mais lá. Não sabia o que havia acontecido com ela até que li a respeito no jornal. Ainda devem estar dragando o rio à procura do meu cadáver.

— É óbvio que fomos todos marcados por Kaseph e sua Rede — disse Susan — mas... acho que alguém está cuidando de nós. Kevin, algo muito parecido aconteceu comigo: fugi do sítio de Kaseph a pé, e a única razão pela qual escapei foi que o pessoal da segurança saiu atrás de outra pessoa que estava tentando escapar em um dos ca minhões de mudança. Ora, quem em perfeito juízo tentaria uma coisa dessas naquele exato momento? Berenice acrescentou:

— E ainda não consegui descobrir quem neste vasto mundo era Betsy.

Havia dias que Susan vinha formulando uma teoria.

— Acho que é melhor começarmos a pensar em Deus.

— Deus?

— E anjos — acrescentou Susan. Ela relatou rapidamente os detalhes do seu escape, e concluiu:

— Escutem, alguém entrou naquele quarto. Tenho certeza. Kevin arriscou:

— Ei, talvez tenha sido um anjo quem roubou minha caminhonete. Então Berenice lembrou-se:

— Sabem, havia algo a respeito de Betsy que simplesmente me fez chorar. Jamais encontrei algo parecido antes.

Susan tocou-lhe a mão.

— Bem, parece que todos nós estamos encontrando algo, por isso, não importa o que façamos, é melhor prestarmos atenção.

O carro continuou a percorrer velozmente as estradas secundárias, chegando ao pequeno balneário de Orting por um caminho um tanto indireto.

Como dois companheiros de armas, Marshall e Hank estavam começando a achar que se conheciam desde criança.

— Gosto do seu tipo de fé — disse Marshall. — Não admira que eles tenham feito tanta força para tirá-lo da igreja —. Ele deu uma risadinha. — Puxa, você deve sentir-se como se estivesse totalmente isolado! Você é a única coisa que separa o diabo do resto da cidade.

Hank deu um sorriso fraco.

— Não sou grande coisa, acredite. Mas não sou o único. Há santos por aí, Marshall, gente orando por nós. Mais cedo ou mais tarde, algo cederá. Deus não permitirá que Satanás se aposse desta cidade com tanta facilidade.

Marshall apontou o dedo para Hank, chegando até a sacudi-lo um pouco.

— Está vendo só? Gosto desse tipo de fé. Bem direta, arriscando tudo —. Ele meneou a cabeça. — Puxa vida! Quanto tempo faz que alguém a apresentou dessa maneira!

Hank temperou as palavras com sal, mas sabia que havia chegado a hora de falar.

— Marshall, já que estamos falando tão diretamente aqui, arriscando tudo, que me diz de falarmos sobre você? Sabe, pode haver outras razões pelas quais Deus nos colocou juntos nesta cela.

Marshall não se mostrou nada defensivo, mas sorridente e disposto a ouvir.

— O que vamos fazer, falar do destino da minha alma eterna? Hank devolveu-lhe o sorriso.

— É exatamente disso que vamos falar.

Falaram a respeito do pecado, a tendência exasperante e destrutiva que o homem tem de afastar-se

de Deus e escolher o seu caminho, sempre em prejuízo próprio. Isso os levou outra vez de volta à família de Marshall, e como tantas das atitudes e ações eram resultado direto da vontade própria básica e humana e da rebeldia contra Deus.

Marshall meneou a cabeça ao ver as coisas por esse prisma.

— Olhe, nossa família nunca conheceu a Deus. Era apenas uma representação. Não admira Sandy não aceitar nada daquilo!

Então Hank falou de Jesus, e mostrou a Marshall que esse Homem cujo nome era jogado para cá e para lá com tanta displicência, e mesmo pisoteado no mundo, era muito mais do que um símbolo religioso, uma personalidade remota e intocável num vitral colorido. Era o real, vivo e pessoal Filho de Deus, e se dispunha a ser o Senhor e Salvador pessoal de qualquer pessoa que lhe pedisse.

— Jamais pensei que estaria deitado aqui ouvindo isto — disse Marshall subitamente. — Você realmente está-me acertando onde dói, sabia?

— Bem — disse Hank — por que você acha que aconteceu assim? De onde vem a dor?

Marshall respirou fundo e tomou algum tempo para pensar.

— Acho que de saber que você está certo, o que significa que estive errado por longo, longo tempo.

— Jesus o ama mesmo assim. Ele sabe que é esse o seu problema, e foi por isso que morreu.

— Sim... certo!

35

O hotel em Orting era simpático, exótico, caseiro, exatamente como o resto dessa cidade situada ao longo do rio Judd, na fronteira da floresta nacional. Era uma hospedaria para esportistas, construído e decorado em agradável tema de caça e pesca, de passeio nos bosques. Susan não queria encrencas ou atenção, portanto pagou para ter mais dois ocupantes no quarto aquela noite. Eles se dirigiram ao aposento e abaixaram os estores. Todos deram uma passada pelo banheiro, mas Berenice ficou lá um pouco mais, cuidadosamente enrolando de novo as faixas em torno das costelas e a seguir lavando o rosto. Mirou-se ao espelho e tocou os machucados muito de leve, assobiando com o que viu. Só poderia melhorar dali em diante.

Entrementes, Susan havia jogado a grande mala sobre a cama e a havia aberto. Quando Berenice finalmente saiu, Susan tirou um livrinho da mala e entregou-lhe.

— Foi aqui que tudo começou — disse ela. — É o diário de sua irmã.

Berenice não sabia o que dizer. Um brilhante não teria constituído tesouro maior. Pôde apenas baixar os olhos ao pequeno diário azul, o último elo restante a ligá-la à irmã morta, e a luta para acreditar que ele realmente ali se encontrava.

— Onde... como conseguiu isto?

— Juleen Langstrat assegurou-se de que ninguém o visse. Fez com que fosse roubado do quarto de Pat e deu-o a Kaseph, de quem eu roubei. Tornei-me a garota de Kaseph, como sabe; sua Serva, como ele dizia. Tinha acesso regular a ele o tempo todo, e ele confiava em mim. Encontrei o diário por acaso certo dia quando

arrumava o seu escritório, e reconheci-o imediatamente pois costumava ver Pat escrever nele quase todas as noites no nosso quarto do dormitório. Tirei-o às escondidas, li-o, e ele me despertou. Eu achava que Alexander Kaseph era... bem, o Messias, a resposta para toda a humanidade, um verdadeiro profeta da paz e da fraternidade universais...

Susan fez ar de quem estava ficando enjoada.

— Oh, ele me encheu a cabeça com todo esse tipo de conversa, mas em algum lugar dentro de mim sempre tive minhas dúvidas. Esse livrinho aí disse-me que desse ouvido às dúvidas e não a ele.

Berenice folheou as páginas do diário. Datava de alguns anos atrás, e parecia muito detalhado. Susan continuou:

— Você pode não querer ler neste exato momento. Quando li esse diário... bem, fiquei nauseada durante dias.

Berenice queria o fim da história.

— Susan, você sabe como minha irmã realmente morreu? Susan disse enraivecida:

— Sua irmã Pat foi metódica e selvagemente destruída pela Sociedade da Percepção Universal, ou eu deveria dizer pelas forças por trás da sociedade. Ela cometeu o mesmo erro fatal que vi tantos outros cometerem: descobriu muita coisa a respeito da Sociedade, demonstrou ser inimiga de Alexander Kaseph. Escute, o que Kaseph quer, ele consegue, e não se importa com quem tenha de ser destruído, assassinado ou mutilado para garantir isso —. Ela meneou a cabeça. — Eu tinha de estar cega para não ver o que estava acontecendo com Pat. Era exatamente o que deveria esperar!

— E que me diz de um homem chamado Thomas? Susan respondeu diretamente:

— Sim, foi Thomas. Ele foi o responsável pela morte de Pat —.

Em seguida, ela acrescentou um tanto enigmaticamente:

— Mas ele não era homem.

Berenice estava aos poucos começando a entender esse novo jogo com suas regras muito esquisitas.

— E agora vai me dizer que também não era mulher.

— Pat tinha um curso de psicologia, e um dos requerimentos era o de que ela participasse de um grupo de "cobaias" para experiências psicológicas... está no diário, lerá tudo. Um amigo persuadiu-a a participar de uma experiência que envolvia técnicas de descontração, e foi durante essa experiência que ela teve o que chamou de experiência psíquica, certo tipo de percepção de um mundo superior, como ela disse.

— Serei breve; pode ler tudo isso por si mesma depois. Ela se apaixonou profundamente pela experiência e não via ligação alguma entre essa exploração "científica" e as práticas "místicas" de que eu estava participando. Ela voltou freqüentemente, continuou a tomar parte nas experiências, e por fim entrou em contato com aquilo que chamou de "ser humano altamente evoluído e desencarnado" de outra dimensão, um ser muito sábio e inteligente chamado Thomas.

Berenice achou difícil aceitar o que estava ouvindo, mas segurava a documentação do relato de Susan, o diário da irmã.

— Então, quem era realmente esse Thomas? Apenas invenção dela?

— Há coisas que simplesmente terá de aceitar por enquanto replicou Susan com um suspiro. — Falamos de Deus, brincamos com a idéia de anjos; tentemos agora anjos malignos, entidades espirituais malignas. Para os cientistas ateus, eles poderiam aparecer como seres extraterrenos, geralmente em suas próprias naves espaciais; aos evolucionistas, podem alegar serem seres altamente evoluídos; aos solitários, podem aparecer como parentes há muito mortos, falando de além túmulo; psicólogos jungianos consideram-nos "imagens arquétipas" desenterradas do consciente coletivo da raça humana.

— O quê?

— Ei, escute, qualquer descrição ou definição serve, qualquer que seja o formato, qualquer que seja a aparência necessária para conquistar a confiança da pessoa e apelar à sua vaidade, essa é a aparência que eles tomam. E dizem à iludida pessoa que busca a verdade o que ela quiser ouvir até terem completo domínio sobre ela.

— Como um conto do vigário, em outras palavras.

— É tudo um conto do vigário: meditação oriental, bruxaria, feitiçaria, Ciência da Mente, cura psíquica, educação integralizada... oh, a lista não tem fim, é tudo a mesma coisa, nada mais que uma tapeação para tomar a mente e o espírito das pessoas, e até seus corpos.

Berenice repassou lembrança após lembrança de sua investigação, e as alegações de Susan encaixavam-se direitinho.

Susan continuou:

— Berenice, estamos lidando com uma conspiração de entidades espirituais. Eu sei. Kaseph está envolvido com muitas dessas entidades e recebe ordens delas. Elas fazem o trabalho sujo dele. Se alguém

se mete no caminho dele, ele dispõe de inúmeros recursos no mundo espiritual para desvencilhar-se do problema da maneira que seja mais conveniente.

Ted Harmel, pensou Berenice. Os Carluccis. Quantos outros?

— Você não é a primeira pessoa que me diz isso.

— Espero ser a última que terá de fazê-lo. Kevin fez-se ouvir.

— Sim, lembro-me de como Pat falava em Thomas. Ele nunca dava a impressão de ser humano. Ela agia mais como se ele fosse um deus. Tinha de consultá-lo antes mesmo de resolver o que comer no café da manhã. Eu... eu achei que ela tinha arranjado um namorado, sabe, algum tipo machão chauvinista.

Susan entrou suavemente no arremate da história.

— Pat havia entregue a vontade a Thomas. Não demorou muito; geralmente não demora, uma vez que a pessoa realmente se submeta à influência de um espírito. Sem dúvida ele passou a controlá-la, depois a aterrorizá-la, depois convenceu-a de que... bem, os hindus chamam isso de carma; é a ilusão de que sua próxima vida será melhor que esta porque você fez um número suficiente de pontos. No caso de Pat, uma morte auto-infligida nada mais seria do que a forma de escapar ao mal deste mundo inferior e juntar-se a Thomas num estado superior de existência.

Susan folheou delicadamente as páginas do diário que ainda se encontrava nas mãos de Berenice, e encontrou o última anotação.

— Aí está. A última coisa no diário de Pat é uma carta de amor a Thomas. Ela planejava juntar-se a ele em breve, e chega a mencionar como fará isso.

A idéia de ler essa carta repelia Berenice, mas ela

pôs-se a repassar as últimas páginas do diário da irmã. Pat escrevera no estilo de alguém que estivesse sob uma ilusão muito estranha que soava grandiosa, mas ficava patente que ela também estava desorientada por um medo irracional da própria vida. Terrível sofrimento e angústia espiritual haviam tomado conta de sua alma, transformando-a da despreocupada Patrícia Krueger com quem Berenice havia sido criada em uma psicótica aterrorizada, sem rumo, totalmente desligada da realidade.

Berenice tentou continuar a leitura, mas começou a sentir antigas mágoas reabrindo-se; emoções que haviam esperado por esse exato momento de revelação final explodiram de seus esconderijos como um rio através da comporta aberta. As palavras rabiscadas e errantes nas páginas borraram atrás de súbita cascata de lágrimas, e todo o seu corpo foi sacudido por soluços. Tudo o que ela queria fazer era excluir o mundo, não dar atenção a essa mulher galante e a esse pobre madeireiro desgrenhado, deitar-se na cama, e chorar. E foi o que fez.

Hank dormia tranqüilamente em seu leito na cela. Marshall não conseguia pegar no sono. Achava-se sentado no escuro, as costas de encontro às grades frias e duras da cela, a cabeça pendida, a mão dando voltinhas nervosas em torno do rosto.

Ele havia levado chumbo nas entranhas. Essa era a impressão que tinha. Nalgum canto, ele havia perdido a proteção do seu escudo, a força, a fachada forte e durona. Sempre havia sido Marshall Hogan, o caçador, o perseguidor, o que conseguia tudo o que queria com a atitude de saia-da-minha-frente, um inimigo que não podia ser subestimado, um cara que se virava sozinho.

Um estafermo, isso é o que era, e nada mais que um tolo. Esse Hank Busche tinha razão. Olhe para você,

Hogan. Não se preocupe com Deus pisar na bola; você já pisou há muito tempo. Deu com os burros na água, cara. Achou que tinha tudo sob controle, e agora onde está a sua família, e onde está você?

Talvez tenha caído na esparrela desses demônios de quem Hank esteve falando, mas pode ser também que tenha caído na sua própria esparrela. Convenhamos, Marshall, que sabe por que lesou a sua família. Pura negligência, a mesma velha história. E gostou de trabalhar com a sua repórter bonita, não gostou? Provocando-a, ati-rando-lhe bolinhas de papel, ora essa! Quantos anos tem, dezesseis?

Marshall deixou que a mente e o coração lhe dissessem a verdade, e sentiu que muito do que falaram já era do seu conhecimento em algum lugar mas ele nunca havia escutado. Por quanto tempo, começou a perguntar-se, tinha mentido para si mesmo?

— Kate — sussurrou ali no escuro, os olhos brilhantes de lágrimas. — Kate, o que foi que fiz?

Uma grande mão atravessou a cela e tocou o ombro de Hank. Hank mexeu-se, abriu os olhos e disse baixinho:

— Sim, o que é?

Marshall chorava e disse em voz muito baixa:

— Hank, não presto. Preciso de Deus. Preciso de Jesus. Quantas vezes na vida havia Hank dito as palavras "Vamos orar."

Depois que diversos minutos se haviam passado, Berenice começou a sentir o dilúvio amainar. Ela se sentou, ainda fungando, mas tentado retornar ao negócio diante deles.

— Foi o que me despertou — reiterou Susan. — Achei que esses seres eram benevolentes; achei que Kaseph tinha todas as respostas. Mas vi a todos como

realmente eram ao ler o que fizeram com a minha melhor amiga, Sua irmã.

Kevin perguntou:

— Então foi por isso que você me procurou no parque de diversões e pediu o meu número?

— Kaseph tinha uma reunião especial na cidade com Langstrat e outros conspiradores vitais, Oliver Young e Alf Brummel. Eu fui a Ashton com Kaseph, acompanhando-o como sempre, mas quando tive a oportunidade, escapuli. Tinha de aproveitar a chance de talvez encontrá-lo em algum lugar. Talvez tenha sido Deus outra vez; foi nada menos que milagroso o fato de ter encontrado você no parque. Eu precisava de um amigo no lado de fora em quem eu pudesse confiar, alguém obscuro.

Kevin sorriu.

— É, essa descrição me assenta muito bem. Susan continuou:

— Kaseph nunca gostou de sentir que não tinha controle absoluto sobre mim. Quando desapareci de vista no parque, ele provavelmente disse aos outros que fora ele quem me enviara lá e que eles se encontrariam comigo. Quando ele me encontrou e me arrastou atrás daquela barraca idiota, falou aos outros como se eu tivesse ido à frente e escolhido aquele lugar.

Berenice disse:

— E foi nessa hora que apareci e tirei a foto de vocês!

— E Alf Brummel passou umas notas àquelas duas prostitutas e algumas instruções a alguns de seus amigos de Windsor, e você sabe o resto.

Susan dirigiu-se à mala.

— Mas vamos agora à notícia realmente

importante. Kaseph fará a sua jogada amanhã. Há uma reunião especial marcada com os membros do conselho diretor da Faculdade Whitmore para as 14:00hs. A Omni S.A., como uma frente da Sociedade da Percepção Universal, tem planos de comprar a Faculdade Whitmore, e Kaseph vai fechar o negócio.

Os olhos de Berenice se escancararam de horror.

— Então tínhamos razão! Ele quer-se apoderar da faculdade!

— É boa estratégia. A cidade inteira de Ashton está praticamente construída em torno da faculdade. Uma vez que a Sociedade e Kaseph se estabeleçam em Whitmore, exercerão influência avassaladora so-

bre o resto da cidade. O pessoal da Sociedade afluirá ali como um enxame e Ashton se tornará outra "Cidade Sagrada da Mente Universal". Já aconteceu um número suficiente de vezes antes, em outras cidades, em outros países. Berenice deu um soco na cama em frustração.

— Susan, temos os registros das transações financeiras de Eugene Baylor, prova que poderia mostrar como a faculdade foi arruinada. Mas não conseguimos entender nada daquilo!

Susan tirou uma latinha da mala.

— Na realidade, vocês só têm metade do quadro. Baylor não é nenhum bobo; sabia que teria de esconder o que fazia de forma que seu desfalque em favor da Omni não fosse percebido. Você precisa é da outra metade das transações: os registros do próprio Kaseph —. Ela estendeu a latinha para que eles vissem. — Eu não tinha espaço para todo o material. Não obstante, fotografei-o, e se pudéssemos revelar este filme...

— Temos um quarto escuro no Clarim. Poderíamos fazer as fotos imediatamente.

— Vamos sair daqui. Eles andaram depressa.

O Remanescente continuava orando. Nenhum deles tinha podido ver ou mesmo receber notícias de Hank desde que fora preso. A delegacia estava o tempo todo nas mãos de policiais estranhos que ninguém jamais vira em Ashton antes, e nenhum deles sabia coisa alguma a respeito de como visitar alguém na cadeia, ou como pagar-lhes a fiança, nem permitiam que se tentasse descobrir como fazer isso. Parecia que Ashton se havia tornado um estado totalitário.

Medo, raiva e oração aumentaram. Algo terrível estava acontecendo à cidade, e todos eles sabiam disso vividamente, mas o que podia ser feito numa cidade cujas autoridades estavam surdas, em um município cujos gabinetes estavam fechados para o fim-de-semana?

As linhas telefônicas continuavam zumbindo, tanto dentro da cidade quanto em chamadas interurbanas a parentes e amigos, e todos esses caíram de joelhos em intercessão e ligaram para suas próprias autoridades e legisladores.

Alf Brummel manteve-se afastado do seu gabinete, evitando assim algum cristão aborrecido que lhe viesse com sermões acerca dos direitos constitucionais do seu pastor, ou do dever de um funcionário público de fazer a vontade do povo, ou qualquer outra coisa. Permaneceu no apartamento de Langstrat andando de um lado a outro, preocupado, suando, esperando as 14:00 horas do domingo.

Vovó Duster continuava a orar e a assegurar a todos que Deus tinha tudo sob controle. Lembrou-lhes do que os anjos lhe haviam dito, e a seguir relembrou-os daquilo com que eles haviam sonhado, ou ouvido em pensamento enquanto oravam, ou visto numa visão, ou

sentido em seus espíritos. E eles continuavam a orar pela cidade.

E por toda a parte, de todas as direções, novos visitantes continuavam a chegar a Ashton, transportados em caminhões de feno ou passando-os na estrada, pedindo carona como fazem excursionistas no verão, deslizando pelos milharais e a seguir pelas ruas secundárias, rugindo cidade adentro como motoqueiros doidos, chegando agarradinhos como colegiais, escondidos em porta-malas e debaixo do bojo de todo o veículo que passava pela Rodovia 27.

E continuamente os escaninhos, as frestas, os aposentos que ninguém usava, e incontáveis esconderijos além desses em toda a cidade ficaram repletos de vultos quietos, calados, as mãos robustas nas espadas, os olhos dourados penetrantes e alertas, os ouvidos sintonizados a um som específico de uma trombeta específica.

Acima da cidade, escondido nas árvores, Tal ainda podia olhar do outro lado do vasto vale e ver Rafar na grande árvore morta, supervisionando as atividades de seus demônios.

Capitão Tal continuava a vigiar e esperar.

No vale remoto, uma nuvem rapidamente crescente de espíritos demoníacos se revolvia em raio de uns três quilômetros em redor da fazenda, elevando-se à altura dos picos das montanhas. Era impossível contar o seu número, sua densidade era tal que a nuvem obscurecia por completo qualquer coisa que envolvesse. Os espíritos dançavam e sibilavam como desordeiros bêbados, abanando as espadas, endoidecidos e babando, os olhos selvagens de loucura. Miríades deles saíam aos pares, combatendo, atacando e defendendo, testando a habilidade um do outro.

No escurecido centro da nuvem, no casarão de pedra, sentava-se o Valente com olhos meio fechados e um risinho torto que tornava mais profundas as dobras de sua grande cara flácida. Na companhia de seus generais, ele tirou tempo para vangloriar-se com as notícias que havia acabado de receber de Ashton.

— O Príncipe Rafar satisfez a meus desejos, cumpriu sua missão — disse o Valente, pondo à mostra em seguida as presas de marfim em um sorriso baboso. — Vou gostar daquela cidadezinha. Em minhas mãos, ela crescerá como uma árvore e encherá os campos.

Ele saboreou seu próximo pensamento:

— Pode ser que jamais tenha de deslocar-me daquele lugar. O que acham? Teremos nosso lar enfim?

Os altos e odiosos generais murmuraram todos afirmativamente. O Valente ergueu-se do seu assento, e os outros puseram-se de chofre em rígida e aprumada posição de sentido.

— O nosso Sr. Kaseph tem-me chamado por algum tempo agora. Preparem as tropas. Partiremos imediatamente.

Os generais arrojaram-se através do teto da casa nuvem adentro, ganindo ordens, reunindo as tropas.

O Valente desfraldou as asas com pose real, depois qual abutre monstruoso, pesadão, flutuou ao aposento no porão onde Alexander Kaseph, sentado de pernas cruzadas sobre uma grande almofada, entoava o nome do Valente vez após vez. O Valente aterrizou à frente de Kaseph e observou-o por um momento, sorvendo a adoração e servilidade espirituais de Kaseph. Então, num movimento rápido, adiantou-se e deixou seu enorme vulto dissolver-se no corpo de Kaseph enquanto o homem se crispava e contorcia grotescamente. Em um instante, a possessão era completa, e Alexander Kaseph despertou da meditação.

— Chegou a hora! — disse ele, com a expressão do Valente nos olhos.

36

Susan virou o carro alugado e entrou no pequeno estacionamento coberto de pedriscos atrás do Clarim de *Ashton.* Eram 5:00 horas da manhã, e o dia estava começando a clarear. De alguma forma, pelo que sabiam, não tinham sido vistos por nenhum policial. A cidade parecia quieta, e o dia prometia ser agradável e ensolarado. Berenice dirigiu-se a um esconderijo especial atrás de algumas latas de lixo amassadas e encontrou a porta da chave dos fundos.

Num instante rápido e silencioso, os três acharam-se no lado de dentro.

— Não acendam luz alguma, não façam barulho nem vão perto de uma janela — advertiu-os Berenice. — O quarto escuro é aqui. Entrem todos antes que eu acenda a luz.

Os três apertaram-se no quarto escuro. Berenice fechou a porta e a seguir encontrou o interruptor.

Ela preparou os produtos químicos, examinou mais uma vez o filme, e então preparou o tanque de revelação. Ela apagou a luz, e eles ficaram em absoluta escuridão.

— Esquisito — disse Kevin.

— Isto só demora alguns minutos. Nossa, não tenho a menor idéia do que está acontecendo com Marshall, mas não me atrevo a tentar descobrir.

— E a sua secretária eletrônica? Pode ser que haja algum recado nela.

— Boa idéia. Posso averiguar isso assim que terminar de carregar este filme. Estou quase terminando —. Depois Berenice pensou em outra coisa. — Não sei o que aconteceu com Sandy Hogan também. Ela jogou um abajur no pai e saiu correndo da casa.

— Sim, você estava me contando a esse respeito.

— Não sei aonde ela iria a menos que tenha resolvido fugir com aquele tipo Shawn.

— Com quem? — perguntou Susan abruptamente. — Quem foi que você disse?

— Um sujeito chamado Shawn.

— Shawn Ormsby? — perguntou Susan.

— Oh-oh, você parece conhecê-lo.

— Temo que Sandy Hogan esteja em grande apuro! Shawn Ormsby aparece um bom número de vezes no diário de sua irmã. Foi ele quem levou Pat a envolver-se naqueles experimentos psicológicos. Ele encorajou-a a continuar com eles, e no fim foi ele quem a apresentou a Thomas!

A luz do quarto escuro acendeu com um estalido. O tanque de revelação estava carregado e pronto, mas tudo o que Berenice, muito pálida, pôde fazer foi fitar Susan.

Madeline não era um ser belo sobre-humano, de cabelos dourados, altamente evoluído, de uma dimensão superior. Madeline era um demônio, um monstro hediondo de couro ressecado com garras afiadas e natureza sutil, enganadora. Para Madeline, Sandy Hogan fora presa muito fácil e vulnerável. As profundas mágoas de Sandy em relação ao pai fizeram dela um objeto ideal para o amor ilusório com o qual Madeline a tentava, e a essa altura parecia que Sandy seguiria

qualquer curso que Madeline dissesse ser o certo para a sua vida, acreditando em fosse lá o que fosse que Madeline dissesse. Madeline gostava muito de quando conseguia fazer as pessoas chegarem a esse ponto.

Patrícia Krueger, contudo, havia sido um desafio. Então, disfarçado no simpático e benevolente Thomas, o demônio tinha lutado muito a fim de conseguir que Patrícia acreditasse que ele realmente estava ali; tinha sido necessário lançar mão de umas alucinações bem cruéis e coincidências oportunas, sem mencionar os melhores de seus sinais e prodígios psíquicos. Não bastou dobrar chaves e garfos; teve de produzir umas materializações muito impressionantes também. Contudo finalmente havia conseguido, e cumprido as ordens de Baal Lucius. Pat se havia matado cerimonialmente, e jamais conheceria novamente o amor de Deus.

Mas, e Sandy Hogan? O que desejaria o novo Baal, Rafar, que fosse feito com ela? O demônio, chamando-se agora Madeline, aproximou-se do importante príncipe em sua grande árvore morta.

— Meu senhor — disse Madeline, curvando-se profundamente em sinal de respeito — é verdade que Marshall Hogan está derrotado e impotente?

— É — disse Rafar.

— E o que deseja que seja feito com Sandy Hogan, filha dele? Rafar estava prestes a responder, mas então hesitou, considerando um pouco mais a questão. Afinal, disse:

— Não a destrua, pelo menos por enquanto. Nosso inimigo é tão astuto quanto eu, e gostaria de ter mais uma garantia contra qualquer sucesso desse Marshall Hogan. O Valente vem hoje. Deixe-a como garantia até essa hora.

Rafar despachou um mensageiro juntamente com Madeline para visitar a professora Langstrat.

Shawn foi despertado muito cedo por um telefonema da professora.

— Shawn — disse Langstrat — recebi recado dos mestres. Eles querem umas garantias a mais de que Hogan não será um obstáculo na negociação de hoje. Sandy ainda está aí com você?

Do seu quarto, Shawn podia ver a sala de estar de seu pequeno apartamento. Sandy ainda estava no sofá, adormecida.

— Ainda está aqui.

— A reunião com os diretores terá lugar no Prédio da Administração, na sala de conferência do terceiro andar. Uma sala do outro lado do corredor, a 326, foi reservada para nós e para os outros médiuns. Traga Sandy com você. Os mestres a querem presente.

— Estaremos lá.

Ao desligar o telefone, Langstrat podia ouvir Alf Brummel fazendo barulho na cozinha.

— Juleen — chamou ele — onde está o café?

— Não acha que já está nervoso demais? — perguntou ela, saindo do quarto e dirigindo-se à cozinha.

— Estou apenas tentando acordar — resmungou ele, tremendo ao colocar uma panela com água no fogão.

— Acordar! Você nem chegou a dormir, Alf!

— Você dormiu? — replicou ele.

— Muito bem — disse ela com brandura.

Langstrat, muito bem vestida, parecia pronta para dirigir-se à faculdade. Brummel estava um desastre, os

olhos fundos, os cabelos desgrenhados, ainda de roupão.

Ele disse:

— Ficarei muito feliz quando este dia tiver passado e tudo se acalmar. Como delegado, acho que quebrei praticamente todas as leis que existem. Ela colocou-lhe a mão no ombro e tranqüilizou-o:

— Todo esse mundo novo que está crescendo à sua volta será seu amigo, Alf. Nós somos a lei agora. Você ajudou a estabelecer a Nova Ordem, uma ação que enfim é boa e que merece recompensa.

— Bem... é melhor garantirmos isso de forma absoluta, é tudo o que tenho a dizer.

— Você pode ajudar, Alf. Diversos dos líderes principais estarão se reunindo do outro lado do corredor na mesma hora da reunião de encerramento da negociação esta tarde. Combinando nossas energias psíquicas, poderemos assegurar que nada venha a impedir o sucesso completo.

— Não sei se me atrevo a sair em público. Acho que as prisões de Busche e Hogan exasperaram uma porção de gente, gente da igreja, eu poderia acrescentar! Essa acusação de estupro não chegou nem perto de prejudicar Busche tanto quanto deveria. A maior parte do pessoal da igreja está vindo atrás de *mim,* querendo saber o que eu estou tentando fazer!

— Você estará lá — disse ela distintamente. — Oliver estará lá, bem como os outros. E Sandy Hogan estará lá.

Ele se voltou bruscamente e fitou-a com horror.

— O quê? Por que Sandy Hogan vai estar lá?

— Como seguro.

Os olhos de Brummel se arregalaram, e sua voz

tremeu.

— Outra? Você vai matar outra? Os olhos dela se esfriaram bastante.

— Não mato a ninguém! Deixo apenas que os mestres decidam!

— E então, o que eles decidiram?

— Você fará com que Hogan saiba que a filha dele está em nossas mãos e que será muito sábio da parte dele não interferir com coisa alguma que aconteça de hoje em diante.

— Você quer que eu lhe diga?

— Sr. Brummel! — A voz dela era de provocar calafrio. Ela adiantou-se sobre ele de maneira intimidadora, e ele deu alguns passos para trás. — Acontece que Marshall Hogan está na sua cadeia. Você é responsável por ele. Você lhe dirá.

Tendo dito isso, ela saiu pela porta da frente e dirigiu-se à faculdade.

Brummel ficou parado por um momento, confuso, frustrado, receoso. Seus pensamentos nadavam sem rumo, qual cardume de peixes assustados. Esqueceu-se mesmo do motivo pelo qual estava na cozinha.

Brummel, é o seu *fim. O* que o *faz* pensar que não é *tão* dispensável

quanto qualquer outro que a Sociedade considera uma conveniência, uma ferramenta, um joguete? E, é melhor enfrentar os fatos, Brummel. *Você é um* joguete! Juleen o *está* usando para *fazer o serviço sujo dela, e* agora o está colocando na posição de nada menos que cúmplice de assassínio. *Se eu fosse você, começaria a* cuidar *do Número Um. Esse plano todo será descoberto mais cedo ou mais tarde, e adivinhe* quem será *apanhado com a boca na botija?*

Brummel continuou a pensar sobre o assunto, e seus pensamentos deixaram de nadar sem rumo. Começaram a correr todos na mesma direção. Isso tudo era loucura, pura loucura. Os mestres dizem isto e os mestres dizem aquilo, mas o que é isso para eles? Não têm pulsos que possam ser algemados, não têm empregos para perder, não têm cara que poderiam temer sair mostrando pela cidade algum dia.

Brummel, por que não *detém* JuJeen antes que ela arruíne totalmente a sua *vida?* Por que não põe um paradeiro em *toda essa* loucura e age *como verdadeiro,* genuíno agente *da lei pelo* menos uma vez na *vida?*

É, pensou Brummel. Por que não? Se eu não fizer isso, vamos todos afundar neste barco doido.

Lucius, o deposto Príncipe de Ashton, estava na cozinha com Alf Brummel, o delegado de polícia, tendo uma pequena discussão com ele. Esse Alf Brummel sempre foi um tanto instável; talvez Lucius pudesse aproveitar essa vantagem.

Jimmy Dunlop chegou à delegacia às 7:00 horas da manhã de domingo, pronto para assumir o seu turno. Para surpresa sua, o estacionamento estava lotado de gente: casais jovens, casais velhos, senhoras idosas; parecia um piquenique de igreja no lugar errado. Quando ainda estava chegando, pôde ver todos os olhos focalizados no seu uniforme de policial. Oh, não! Agora estavam vindo na sua direção!

Mary Busche e Edith Duster reconheceram Jimmy imediatamente; fora ele o jovem e muito mal-educado policial que as havia impedido de visitar Hank na noite anterior. Agora elas estavam bem à frente dessa multidão, e embora ninguém ali tivesse a menor intenção de fazer qualquer coisa precipitada ou imprópria, não estavam a fim de ser espezinhados.

Jimmy tinha de sair do carro quer quisesse, quer não. Tinha de apresentar-se ao trabalho naquele dia.

— Agente Dunlop — disse Mary com muito atrevimento — creio que o senhor me disse ontem à noite que daria um jeito de eu visitar meu marido hoje.

— Se me dão licença — disse ele, tentando forçar a passagem.

— Agente — disse John Coleman respeitosamente — estamos aqui para pedir-lhe que acate o desejo dela de ver o marido.

Jimmy era um agente policial. Ele realmente representava a lei. Tinha bastante autoridade. O único problema era que não tinha um pingo de coragem.

— Ah... — disse. — Escutem, terão de desfazer esse ajuntamento ou enfrentar a possibilidade de prisão!

Abe Sterling adiantou-se. Era um advogado amigo de um amigo de um tio de Andy Forsythe e havia sido tirado da cama na noite anterior e convidado exatamente para essa ocasião.

— Este é um ajuntamento legal, pacífico — lembrou ele a Jimmy — segundo a definição do RCS 14.021.217 e a decisão conferida pelo Tribunal Superior do Município de Stratford no caso Ames contra o Município de *Stratford.*

— Sim — disseram diversas pessoas — é isso mesmo. Escute o que diz o homem.

Jimmy ficou atrapalhado. Ele olhou na direção da porta da frente do tribunal. Dois agentes da delegacia de Windsor montavam guarda ao forte. Jimmy encaminhou-se a eles, sem saber por que estavam permitindo que essa coisa continuasse.

— Ei — perguntou-lhes ele, reprimindo a voz — o que significa tudo isto? Por que não se livraram dessa

gente?

— Olhe, Jimmy — disse um deles — esta é a sua cidade e o seu jogo. Achamos que você saberia o que fazer, por isso falamos que esperassem até você chegar.

Jimmy fitou os rostos que lhe devolviam o olhar. Não, ignorar o problema não o faria desaparecer. Ele perguntou ao agente:

— Quanto tempo faz que essa gente está aí?

— Desde as 6:00hs mais ou menos. Você devia ter visto a coisa. Estavam fazendo um perfeito culto.

— E podem fazer isso?

— Fale com o advogado deles. Eles têm o direito de fazer demonstração pacífica contanto que não atrapalhem a conduta normal das atividades. Têm-se comportado.

— E o que faço agora?

Os dois agentes apenas se entreolharam um tanto vagos. Abe Sterling chegou logo atrás de Jimmy.

— Agente Dunlop, a lei lhe permite reter um suspeito por até setenta e duas horas sem incriminá-lo, mas visto que a esposa do suspeito tem o direito de entrar em contato com o marido, estamos dispostos a mover uma ação judicial junto ao Tribunal Superior do Município de Stratford requerendo que o senhor compareça e comprove por que justa causa foi-lhe negado esse direito.

— Ouviu isso? — disse alguém.

— Eu... ah... terei de falar com o delegado... — Disfarçadamente, ele amaldiçoava Alf Brummel por tê-lo metido na encrenca.

— Por falar nisso, onde está Alf Brummel? E o *pastor* dele que ele jogou na cadeia — declarou Edith Duster.

— Eu... não sei nada a respeito disso. John Coleman disse:

— Então nós, como cidadãos, estamos pedindo que descubra. E gostaríamos de falar com o Delegado Brummel. Pode conseguir isso, por favor?

— Eu... verei o que posso fazer — disse Jimmy, voltando-se para a porta.

— Quero ver o meu marido! — disse Mary bem alto, adiantando-se com o queixo firmemente resoluto.

— Verei o que posso fazer — disse Jimmy novamente, e entrou depressa.

Edith Duster voltou-se para os outros e disse:

— Lembrem-se, irmãos e irmãs, de que a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas esferas celestes.

— Diversos "améns" se fizeram ouvir, e a seguir alguém pôs-se a entoar um hino de adoração. Imediatamente todo o Remanescente cantou alto, adorando a Deus e fazendo com que o seu louvor fosse ouvido naquele estacionamento.

De onde estava na colina acima da cidade, Rafar ouviu o louvor, e olhou carrancudo para aqueles santos de Deus. Que choramingassem por causa do seu pastor caído. Seu cântico seria restringido logo mais quando o Valente e suas hordas chegassem.

Inúmeros espíritos estavam chegando à cidade de Ashton, mas não do tipo que Rafar desejava. Eles se apressavam a penetrar no chão, infiltravam-se encobertos por nuvens ocasionais, entravam furtivamente como caronas invisíveis em carros, caminhões,

furgões, ônibus. Em esconderijos por toda a cidade um guerreiro se juntava a outro, a esses dois se reuniam outros dois, a esses quatro se juntavam mais quatro. Eles também ouviam o cântico. Sentiam o poder percorrer-lhes o corpo a cada nota. Suas espadas zumbiam com a ressonância da adoração. Foram a adoração e as preces desses santos que os haviam chamado ali em primeiro lugar.

O remoto vale era agora uma enorme cavidade de tinta preta fervente, rodopiante, acentuada por miríade de olhos brilhantes, amarelos. A nuvem de demônios se havia multiplicado de tal forma que enchia o vale como um mar fervilhante.

Alexander Kaseph, possuído pelo Valente, saiu de seu casarão de pedra e entrou na limusine que o aguardava. Todos os papéis estavam prontos para serem assinados; seus advogados o encontrariam no Prédio da Administração no campus da Faculdade Whitmore. Esse era o dia pelo qual havia esperado e para o qual se havia preparado. À medida que a limusine que levava Kaseph, e o Valente, prosseguia pela estrada sinuosa, o mar de demônios começou a despejar naquela direção, come a mudança da maré. O zumbido de incontáveis bilhões de asas aumentou de tom e intensidade. Torrentes de demônios puseram-se a verter pelos lados da grande cavidade, jorrando entre os picos das montanhas como piche quente e sulfuroso.

No quarto escuro do *Clarim de Ashton,* Berenice e Susan, diante do ampliador, olhavam a imagem projetada dos negativos que Berenice acabara de revelar.

— Sim! — disse Susan. — Esta é a primeira página dos registros do desfalque na faculdade. Verá que o nome da faculdade não aparece em parte alguma.

Contudo, as quantias recebidas devem ser exatamente iguais às quantias desembolsadas nos livros da faculdade.

— Sim, os números nós temos, ou o nosso contador tem.

— Está vendo aqui? Um fluxo de fundos bem constante. Eugene Baylor tem removido e canalizado os investimentos da faculdade um pouco de cada vez a várias outras contas, cada uma das quais é na realidade uma frente para a Omni e a Sociedade.

— Então os chamados investimentos têm todos ido parar no bolso de Kaseph!

— E tenho certeza de que constituirão parte substancial do dinheiro que Kaseph usará para comprar a faculdade.

Berenice adiantou o filme. Diversos quadros de lançamentos financeiros passaram num borrão.

— Espere! — disse Susan. — Ali! Volte alguns quadros —. Berenice voltou o filme. — Sim! Ali! Tirei isso de algumas anotações pessoais de Kaseph. É difícil entender a letra, mas veja a lista de nomes.

Berenice realmente teve dificuldade em entender a letra, mas ela mesma havia escrito aqueles nomes um bom número de vezes.

— Harmel... Jefferson... — leu.

— Você ainda não viu estes — disse Susan, apontando o final de uma lista muito comprida.

Ali, com a letra do próprio Kaseph, estavam os nomes Hogan, Krueger e Strachan.

— Pelo que vejo, é uma espécie de lista de gente que deve ser eliminada? — perguntou Berenice.

— Exatamente. Contém centenas de nomes. Observe o X vermelho depois de diversos deles.

— Esses já foram removidos?

— Comprados, afugentados, talvez assassinados, talvez arruinados em reputação ou finanças ou ambos.

— E achei que a *nossa* lista era longa!

— Essa é a ponta do iceberg. Tenho outros documentos que precisamos fotocopiar e guardar em algum lugar seguro. Poderia ser usado para se montar um caso muito forte não apenas contra Kaseph como também contra a Omni, provas que demonstrariam uma longa história de grampeamento, extorsão, chantagem, terrorismo, assassínio. A criatividade de Kaseph nessas áreas não conhece limites.

— O crime personificado.

— Com uma súcia internacional, não se esqueça, unidos de maneira antinatural pela dedicação comum à Sociedade da Percepção Universal.

Nesse momento, Kevin, que estivera tirando fotocópias dos documentos que Susan roubara, sibilou para as moças:

— Ei, tem um tira lá fora! Susan e Berenice se enrijeceram.

— Onde? — perguntou Berenice. — O que ele está fazendo?

— Está do outro lado da rua. Aposto que está vigiando a vizinhança!

Susan e Berenice dirigiram-se cuidadosamente à frente a fim de olhar. Encontraram Kevin agachado no umbral da porta da sala de fotocópias. A essa hora já era dia claro, e a luz penetrava pelas janelas do escritório da frente.

Kevin apontou para um carro velho e simples estacionado do outro lado da rua, que mal podia ser visto através das janelas da frente. Um homem com

roupas comuns estava sentado atrás do volante, sem fazer nada em particular.

— Kelsey — disse Kevin. — Já tive uns esbarrões com ele. Vestido de civil e dirigindo um velho Ford, mas eu reconheceria aquela cara a mais de um quilômetro de distância.

— Mais ordens de Brummel, sem dúvida — disse Berenice.

— E então, o que faremos agora? — perguntou Susan.

— Abaixem-se! — sibilou Kevin.

Elas se esconderam nos umbrais das portas no exato instante em que outro homem chegou à janela da frente e espiou para dentro.

— Michaelson — disse Kevin. — O companheiro de Kelsey. Michaelson tentou abrir a porta. Estava trancada. Ele espiou através da outra janela da frente, e depois se afastou.

— Hora de outro milagre, hein? — disse Berenice, um tanto sarcástica.

Hank acordou bem cedo naquele dia e teve a certeza de que alguma grandiosa intervenção milagrosa de Deus havia ocorrido, ou que ele estava prestes a subir ao céu, ou que anjos haviam vindo socorrê-lo, ou... ou... ou ele simplesmente não sabia o que acontecia. Mas enquanto permanecia deitado, meio adormecido, ainda naquele estado semiconsciente no qual não se tem muita certeza do que é real e do que não o é, ele ouviu cânticos de adoração e hinos flutuando em torno da sua cabeça. Achou até que podia ouvir a voz de Mary cantando entre todas as outras vozes. Por longo tempo permaneceu gozando aquilo, não querendo acordar com medo de que se desvanecesse. Mas Marshall exclamou:

— Que cargas d'água é isso?

Ele também ouvira? Hank acordou enfim. Ergueu-se do leito e dirigiu-se às grades. O som entrava pela janela no fim da fileira de celas. Marshall reuniu-se a ele e os dois ficaram juntos, escutando. Podiam ouvir o nome "Jesus" sendo cantado e louvado.

— Conseguimos, Hank — disse Marshall. — Estamos no céu! Hank estava chorando. Se aquela gente lá fora soubesse que bênção aquele cântico era! De repente ele soube que já não estava na prisão, não de verdade. O evangelho de Jesus Cristo não estava aprisionado, e ele e Marshall eram nesse momento dois dos homens mais livres do mundo.

Os dois escutaram por algum tempo, e depois, sobressaltando Marshall, Hank começou a cantar também. Era uma música que mostrava Jesus Cristo como um guerreiro vitorioso e a igreja como seu exército. Hank conhecia a letra, naturalmente, e cantou a plenos pulmões.

Um tanto sem graça, Marshall olhou ao seu redor. Os dois ladrões de carro na cela contígua ainda estavam atônitos demais para reclamar. O passador de cheques sem fundos meneou a cabeça e voltou a atenção ao seu romance barato. Um outro sujeito na última cela, ofensa desconhecida, praguejou, mas não muito alto.

— Vamos, Marshall — incitou Hank. — Cante, vamos! Quem sabe se cantando não conseguiremos sair deste lugar.

Marshall sorriu e meneou a cabeça.

Nesse momento exato, a grande porta no fim do corredor das celas abriu-se com força e lá veio Jimmy Dunlop, o rosto vermelho e as mãos tremendo.

— O que está acontecendo por aqui? — exigiu ele. — Sabe que está causando um tumulto?

— Oh, estamos apenas gozando a música — disse Hank, todo sorridente.

Jimmy sacudiu o dedo a Hank e disse:

— Bem, pare com esse negócio religioso agora mesmo! A cadeia

pública não é lugar disso. Se quiser cantar, faça-o na igreja ou em outro lugar, não aqui.

E, pensou Marshall, acho que já aprendi suficientemente a letra a esta altura. Pôs-se a cantar tão alto quanto conseguia, dirigindo o cântico ao Jimmy.

Isso trouxe uma reação muito satisfatória da parte de Jimmy. Rodando nos calcanhares, ele saiu dali, batendo a porta atrás de si.

Outro hino começou, e Marshall achou que talvez já tivesse ouvido esse antes em algum lugar, talvez na escola dominical. "Obrigado, Senhor, por ter salvo a minha alma." Ele cantou bem alto, em pé ao lado do jovem de Deus, ambos segurando nas grades das celas.

— Paulo e Silas! — exclamou Marshall subitamente. — Sim, agora me lembro!

Desse momento em diante, Marshall já não cantava por causa de Jimmy Dunlop.

Tal podia ouvir a música do seu esconderijo. Seu rosto ainda estava um tanto sério, mas meneou a cabeça satisfeito. Chegou um mensageiro com as notícias.

— O Valente está a caminho. Outro mensageiro informou-o:

— Temos cobertura de oração agora em trinta e duas cidades. Outras catorze estão sendo convocadas.

Tal desembainhou a espada. Podia sentir a lâmina ressoando com a adoração dos santos, e podia sentir o

poder da presença de Deus. Sorriu um leve sorriso e embainhou novamente a espada.

— Reúnam as fontes: Lemley, Strachan, Mattily, Cole e Parker. Façam-no abruptamente. Será importante fazerem isso na hora certa.

Diversos guerreiros desapareceram a fim de cumprir suas missões.

37

Sandy Hogan continuava a se enfeitar em frente ao espelho no banheiro de Shawn, escovando nervosamente os cabelos, examinando a maquiagem. Oh, espero estar com boa aparência hoje... o que direi, o que farei? Nunca estive em uma reunião como essa antes.

Shawn lhe havia dado uma notícia extraordinariamente boa: A professora Langstrat havia achado que Sandy era um excelente exemplar com habilidades psíquicas excepcionais, tanto que Sandy estava agora sendo considerada como principal candidata à especial iniciação em algum tipo de exclusiva comunidade de médiuns, uma sociedade internacional! Sandy lembrava-se agora de ter ouvido menção passageira a algum tipo de grupo de Percepção Universal, e sempre havia parecido algo muito elevado, muito secreto, sagrado mesmo. Jamais havia sonhado que uma oportunidade tão extraordinária lhe seria concedida, a de ficar conhecendo de fato outros médiuns e tornar-se parte de seu círculo de confiança! Ela podia imaginar as novas experiências e as percepções mais elevadas que poderiam ser obtidas na companhia de tanta gente talentosa, todas elas combinando suas habilidades e energias psíquicas na busca incessante de

iluminação!

Madeline, você teve alguma coisa que ver com isto? Espere só até nos encontrarmos de novo! Tenho um abraço e mil agradecimentos para lhe dar!

Berenice, Susan e Kevin não podiam fazer nada além de tentar preservar as provas que Susan, a tão grave risco, havia ajuntado. Berenice reproduziu todas as fotos que Susan havia tirado, e Kevin fez fotocópias das reproduções, juntamente com cópias de todo o resto do material. Berenice examinou o prédio à procura de um bom lugar para esconder aquilo. Susan examinou um mapa e considerou diferentes rotas de fuga da cidade, diferentes meios de escapar, diferentes pessoas que poderiam chamar assim que saíssem.

Então o telefone tocou. Eles o haviam ignorado antes e deixado que a secretária eletrônica grunhisse a mensagem de sempre. Mas desta vez, depois do apitinho, uma voz disse:

— Alô, aqui fala Harvey Cole, e acabei de trabalhar naquelas contas que você me deu...

— Espere! — disse Berenice. — Aumente o volume!

Susan engatinhou rumo à escrivaninha no escritório da frente onde se encontrava a secretária eletrônica e aumentou o volume. A voz de Harvey Cole continuou:

— Realmente preciso falar com você o mais rápido possível. Berenice agarrou o telefone no escritório de Marshall.

— Alô? Harvey? Aqui é Berenice! Susan e Kevin ficaram horrorizados.

— O que você está fazendo?

— Os tiras vão ouvir isso, cara!

Harvey disse pelo telefone e também através do volume aumentado da secretária eletrônica:

— Oh, você está *aí!* Ouvi dizer que tinha sido presa ontem à noite. A polícia não me quer dizer nada. Eu não sabia para onde ligar...

— Harvey, ouça apenas. Tem caneta ou lápis?

— Sim, agora tenho.

— Chame meu tio. Seu nome é Jerry Dallas; o número é 240-9946. Diga-lhe que me conhece, diga-lhe que é uma emergência, e diga que tem material para mostrar a Justin Parker, o promotor municipal.

— O quê? Não tão depressa.

Berenice passou com esforço a informação mais uma vez, mais devagar.

— Agora, esta conversa está provavelmente sendo ouvida por Alf Brummel ou um de seus asseclas do Destacamento de Polícia de Ashton, por isso quero que você garanta que se alguma coisa me acontecer, essa informação ainda irá parar nas mãos do promotor a fim de que ele comece a indagar o que está acontecendo nesta cidade.

— Devo anotar isso também?

— Não. Apenas entre em contato com Justin Parker. Se por acaso for possível, peça que ele nos ligue aqui.

— Mas, Berenice, eu ia dizer, está bem claro que os fundos têm saído, mas os registros não mostram onde...

— Temos os registros que mostram onde. Temos tudo. Diga isso ao meu tio.

— Está bem, Berenice. Você realmente está em

apuros, então?

— A polícia está atrás de mim. Provavelmente descobrirão que estou aqui porque estou falando com você e o telefone foi grampeado. É melhor apressar-se!

— É, sim, está bem! Harvey desligou depressa.

Susan e Kevin se entreolharam e em seguida fitaram Berenice. Ela lhes devolveu o olhar e pôde dizer apenas:

— Sei que é um risco. Susan deu de ombros.

— Bem, não tínhamos nenhuma idéia melhor.

O telefone tocou novamente. Berenice hesitou, esperando que a secretária eletrônica repassasse seu pequeno recitativo. Então veio a voz.

— Marshall, aqui fala Al Lemley. Ouça, estou com uns agentes federais alvoroçados aqui em Nova York que querem falar com você acerca do seu homem Kaseph. Faz já algum tempo que estão atrás dele, e se puder fornecer-lhes boa informação, eles estariam interessados...

Berenice apanhou o telefone de novo.

— Al Lemley? Aqui é Berenice Krueger. Trabalho para Marshall. Pode trazer esses homens a Ashton hoje?

— O quê? Alô? — surpreendeu-se Lemley. — É você mesma ou é uma gravação?

— Sou muito eu, e precisando da sua ajuda. Marshall está na cadeia e...

— Cadeia?

— Uma acusação forjada. É coisa do Kaseph. Ele está assumindo controle da Faculdade Whitmore hoje às 2:00hs, botou Marshall na geladeira a fim de mantê-lo afastado, e estou fugindo da polícia. É uma longa história, mas seus amigos a adorarão e obtivemos os do-

cumentos que provam cada palavra que estou dizendo.

— Qual é mesmo o seu nome?

Berenice esforçou-se por dar o nome de novo e teve de soletrá-lo duas vezes.

— Ouça, eles grampearam este telefone, por isso provavelmente sabem onde estou agora, e assim poderia fazer o favor de apressar-se em vir e trazer todos os mocinhos que conseguir encontrar? Não sobrou nenhum nesta cidade.

Al Lemley ouvira o bastante.

— Está bem, Berenice, farei toda e qualquer coisa que puder. E é melhor esses vagabundos que grampearam seu telefone ficarem sabendo que se as coisas não estiverem um perfeito docinho de coco quando chegarmos aí, é garantido que teremos encrenca!

— Chegue ao Prédio da Administração no campus da Faculdade Whitmore às 2:00hs ou antes.

— Até as 2:00.

A esta altura Kevin e Susan estavam começando a ficar um pouco mais animados.

— Era isso o que você queria? — perguntou Susan. — Outro milagre?

O telefone tocou novamente. Dessa vez Berenice não esperou, mas tirou o aparelho do gancho no mesmo instante. Uma voz disse:

— Alô, aqui é o Secretário da Justiça do Estado Norm Mattily, chamando Marshall Hogan.

Susan não conseguiu abafar um gritinho. Kevin disse:

— Está bem, está bem! Berenice falou com Mattily.

— Sr. Mattily, aqui fala Berenice Krueger, repórter do Clarim. Eu trabalho para o Sr. Hogan.

— Oh... ah, sim... — Mattily parecia estar consultando outra pessoa. — Sim, ah, Eldon Strachan está aqui comigo, e me diz que há algum tipo de encrenca aí em Ashton...

— O pior tipo. Está tudo vindo a furo hoje. Obtivemos umas provas substanciais para lhe mostrar. Quanto tempo demoraria para chegar aqui?

— Bem, não tinha a intenção de fazer *isso*...

— A cidade de Ashton vai ser tomada por uma organização terrorista internacional às 14:00 horas hoje.

— O quê?

Berenice conseguia ouvir a voz abafada de Eldon Strachan, provavelmente martelando o outro ouvido de Mattily.

— Ah... bem, onde está o Sr. Hogan? Strachan está preocupado com a segurança dele.

— Tenho certeza de que o Sr. Hogan não está nada seguro. Eu e ele caímos na emboscada dos bandidos locais ontem a noite durante uma investigação de rotina. Marshall os deteve enquanto eu fugi Tenho-me escondido desde então e não tenho a menor idéia do que aconteceu ao Sr. Hogan.

— Pela madrugada! Você está... — Eldon continuava falando no outro ouvido de Mattily. — Bem, precisarei de algum tipo de prova concreta, algo que agüente o tranco legalmente...

— Isso nós temos, mas precisaremos de sua intervenção direta e imediata. Pode vir e trazer policiais *verdadeiros* consigo? É questão de vida e morte.

— É melhor que isto seja pra valer!

— Por favor, chegue aqui antes das 14:00hs. O

melhor seria encontrar-se conosco no Prédio da Administração no campus da Faculdade Whitmore.

— Muito bem — disse Mattily, sua voz ainda soando um tanto hesitante — irei até aí e verei o que tenha para mostrar.

Berenice desligou e o telefone prontamente tocou de novo.

— Clarim.

— Alô, aqui fala o Promotor Municipal Justin Parker. Com quem estou falando?

Berenice tapou depressa o bocal com a mão e sussurrou para Susan:

— *Existe* um Deus, sim!

Alf Brummel não agüentava mais. As coisas estavam-lhe escapando ao controle, coisas que muito tinham a ver com seu próprio futuro e segurança. Não podia ficar afastado da delegacia por mais tempo. Tinha de ir lá a fim de tomar conhecimento do que estava acontecendo, a fim de evitar que as coisas se transtornassem irreversivelmente, a fim de... oh, onde estavam as chaves do carro?

Ele entrou no veículo e voou pela cidade rumo à delegacia.

O Remanescente ainda cantava no estacionamento quando ele chegou, e até ele descobrir quem eram e por que estavam ali, era tarde demais para escapulir. Teve de entrar e estacionar.

Eles convergiram sobre seu carro como voraz enxame de pernilongos.

— Onde esteve até agora, Delegado?

— Quando é que o Hank vai sair?

— Mary gostaria de vê-lo.

— Barbaridade, o que pensa estar fazendo com aquele homem? Ele não estuprou ninguém!

— É bom que esteja pronto para dizer adeusinho ao seu emprego!

Capriche, Alf, se tencionar salvar o que sobrou de você.

— Ah, onde está Mary?

Mary acenou-lhe dos degraus da frente do tribunal. Ele tentou abrir caminho diretamente até ela, e uma vez que as pessoas viram a direção na qual ele se encaminhava, mostraram-se mais do que dispostas a deixá-lo passar.

Mary começou a fazer perguntas assim que ele chegou ao alcance dos seus gritos.

— Sr. Brummel, gostaria de ver o meu marido e como se atreve a permitir esta farsa?

Jamais em sua vida Brummel vira a doce e aparentemente vulnerável Mary Busche tão agressiva. Ele tentou pensar numa resposta.

— Tem sido um hospício por aqui. Desculpe eu ter estado fora...

— Meu marido é inocente, e você sabe disso! — disse ela com bastante firmeza. — Não sabemos como pretende safar-se desta mas estamos aqui para garantir que não o fará.

A esse comentário, uma lufada de gritos de apoio reboou da multidão. Brummel tentou usar o método de intimidação.

— Agora escutem, todos vocês! Ninguém está acima da lei, não importa quem seja. O Pastor Busche foi acusado de ofensa sexual, e não tenho escolha a não ser cumprir o meu dever como agente da lei. Não posso

fazer nada se somos amigos ou membros da mesma igreja, esta é uma questão de lei...

— Besteira! — veio um brado gutural de perto de Brummel.

O delegado voltou-se na direção da voz para corrigi-la, mas tornou-se pálido ao deparar-se com Lou Stanley, seu antigo companheiro de armas.

Lou manteve-se firme, uma mão na cinta, a outra apontando diretamente para o rosto de Brummel, enquanto dizia:

— Você falou de fazer uma tramóia dessas muitas vezes, Alf! Já o ouvi dizer que tudo o de que precisava era a oportunidade certa. Ora, o que estou dizendo agora é que foi o que fez. Estou acusando-o, Alf! Se alguém quiser o meu depoimento em qualquer tribunal, estou pronto a dar!

Um viva e algumas vaias soaram.

Então Brummel levou outro susto. Gordon Mayer, o tesoureiro da igreja, colocou-se à frente da multidão, e também apontou um dedo para o rosto de Brummel.

— Alf, simples divergência é uma coisa, mas conspiração aberta é outra muito diferente. E bom ter certeza do que está fazendo.

Brummel estava encurralado.

— Gordon... Gordon, temos de fazer o melhor... nós...

— Bem, não conte comigo! — disse Mayer. — Já fiz o bastante por você!

Brummel voltou as costas aos dois antigos companheiros apenas para dar de cara com o repentinamente limpo Bobby Corsi!

— Ei, delegado Brummel — disse Bobby. — Lembra-se de mim? Adivinhe para quem estou

trabalhando agora.

Brummel ficou mudo. Pôs-se a caminhar rumo à porta do departamento policial, como se ali houvesse abrigo de todo esse desastre.

Andy Forsythe não se colocou em seu caminho, mas acompanhou-o perto o bastante para fazê-lo deter-se.

— Sr. Brummel — disse Andy — há uma jovem esposa lá atrás que ainda gostaria que seus pedidos fossem considerados.

Brummel andou mais depressa. — Verei o que posso fazer, está bem? Deixe-me verificar a situação das coisas. Um instantinho. Voltarei num momento.

Tão depressa quanto pôde, ele passou pela porta e a trancou atrás de si. A multidão seguiu-o como uma onda e encostou-se à porta, uma barricada a barrar-lhe a saída.

A nova recepcionista encontrava-se sentada à mesa de recepção, os olhos arregalados, olhando através da janela a todos aqueles rostos enraivecidos.

— Devo... devo chamar a polícia? — perguntou ela.

— Não — disse Brummel. — São apenas alguns amigos que vieram me ver.

Com isso, ele desapareceu escritório adentro e fechou a porta.

Juleen, Juleen! Era culpa dela! Ele estava enjoado dela, enjoado da coisa toda!

Ele viu um bilhete na sua mesa. Sam Turner havia deixado um recado para que ligasse. Ele discou o número e Sam atendeu.

— Como estão as coisas, Sam? — perguntou Brummel.

— Nada bem, Alf. Ouça, estive no telefone a manhã toda e ninguém quer convocar uma assembléia de emergência da congregação. Eles não têm a menor intenção de botar Hank para fora, e pouca gente acredita nesse negócio de estupro. Não há como negar, Alf, você fracassou.

— Eu fracassei? — explodiu Brummel. — Eu fracassei? A idéia não foi sua também?

— Não diga uma coisa dessas! — veio muito ameaçadora a resposta de Turner. — Jamais diga uma coisa dessas!

— Então agora você também não me vai apoiar.

— Não há nada para apoiar, Alf. O plano furou. Busche é um escoteiro e todo o mundo sabe disso, e você não vai conseguir fazer essa acusação de estupro colar.

— Sam, entramos nisso juntos! Ia dar certo!

— Mas não deu, amigão. Hank veio para ficar, é assim que vejo a coisa, e estou me retirando de tudo isso. Faça o que tiver de fazer, mas é melhor fazer algo, ou seu nome não vai valer um monte de esterco quando tudo tiver terminado.

— Ora, muitíssimo obrigado, *amigão!* — Brummel desligou com raiva.

Ele olhou para o relógio. Era quase meio-dia. A reunião começaria em duas horas.

Hogan. Ele ainda tinha de dar um recado a Hogan acerca de Sandy. Puxa vida, aí estava outra das boas encrencas de Juleen. Claro, Juleen, pode deixar! Já estou enrascado com essa acusação forjada contra Busche, e agora você quer-me ver declarado cúmplice de seja lá o que for que esteja planejando para Sandy Hogan.

E que dizer de Krueger? A quem teria ela conseguido dedar a coisa toda? Ele saiu correndo do escritório e foi pelo corredor à sala de rádio-comunicação.

— Alguma coisa sobre a fugitiva? — perguntou ele ao único funcionário que ali se encontrava.

O operador empurrou um pedaço de sanduíche de manteiga de amendoim contra a bochecha e disse:

— Não, tudo está muito quieto.

— Nada mesmo no *Clarim?*

— Há um carro de fora estacionado nos fundos, mas é de outro estado e eles ainda não conseguiram descobrir o registro da placa.

— Não conseguiram...! Descubram o registro dessa placa! Examinem o prédio! Pode haver alguém lá dentro!

— Eles não viram ninguém...

— Examinem o prédio! — explodiu Brummel.

A recepcionista chamou do outro lado do corredor:

— Capitão Brummel, Berenice Krueger está no telefone. Quer que deixe recado?

— Nãão! — berrou ele, correndo pelo corredor ao seu gabinete. — Atenderei aqui!

Ele bateu a porta atrás de si e agarrou o telefone.

— Alô? — Ele acertou o segundo botão do seu telefone. — Alô?

— Sr. Alf Brummel! — veio uma voz muito condescendente.

— Berenice!

— Está na hora de termos uma conversa.

— Muito bem. Onde está você?

— Não seja um refinado idiota. Escute, estou chamando para lhe dar um ultimato. Estive falando com o secretário da justiça do estado, o promotor municipal, e a polícia federal. Tenho prova, e estou falando de coisa muito concreta, que desvendará totalmente sua tramoiazinha, e estão todos a caminho para vê-lo.

— Está blefando!

— Você tem as conversas em fita, sem dúvida. É só tocá-las. Brummel sorriu. Ela acabara de revelar onde estava.

— E afinal qual é o seu ultimato?

— Solte Hogan. Agora. E recolha a sua matilha que está atrás de mim. Dentro de duas horas tenho a intenção de mostrar a cara nesta cidade, e não quero saber de ser perturbada, especialmente porque estarei acompanhada de visitantes muito especiais!

— Você está no *Clarim* agora, não está?

— Sim, claro que estou. E posso ver... qual é mesmo o nome dele? Kelsey, sentado lá fora naquele caco velho, ele e o companheiro, Michaelson. Quero que recolha esses caras. Se não, todos os grandões do mundo saberão o que aconteceu comigo. Se o fizer, poderá contar a seu favor.

— Você está... ainda digo que está blefando!

— Toque a sua maquininha de grampeamento, Alf. Veja se estou falando a verdade. Esperarei para ver o carro ir embora.

Clique. Ela desligou.

Brummel voou ao armário e abriu as portas. Tirou o gravador. Ele hesitou, pensou furiosamente, ficou imóvel por um momento. Empurrando o gravador de volta ao armário, bateu com força as portas, e disparou

pelo corredor à sala de rádio-comunicação.

O operador ainda estava mastigando seu sanduíche. Brummel estendeu o braço sobre o colo dele e agarrou o microfone, ligando o transmissor.

— Unidades dois e três, Kelsey, Michaelson, recolher. Repito: recolher imediatamente.

O operador ergueu os olhos, feliz.

— Ei! O que aconteceu? Krueger se entregou?

Alf Brummel nunca foi bom em retrucar quando as perguntas eram idiotas ou fora de hora. Ele disparou pelo corredor à recepção e discou o número do tribunal.

— Quero falar com Dunlop. Dunlop atendeu.

— Jimmy, Hogan e Busche vão sair sob minha responsabilidade pessoal. Solte-os.

Jimmy fez-lhe mais algumas perguntas idiotas.

— Apenas faça o que mandei e deixe a papelada por minha conta! Agora, vá!

Ele bateu o telefone e desapareceu escritório adentro. A recepcionista continuava a olhar pela janela a todas aquelas pessoas. Estavam recomeçando a cantar. O som era bonito.

Berenice, Susan e Kevin esperaram nervosos que uma coisa muito boa ou muito ruim acontecesse. Ou Brummel acederia ou eles estariam ficando altos em gás lacrimogêneo dentro de minutos. Mas então ouviram a partida de um motor do outro lado da rua.

— Ei! — disse Kevin.

Susan ainda retorcia as mãos. Berenice apenas observava, sem poder acreditar numa coisa boa muito prontamente. O velho carro se foi, carregando Kelsey e Michaelson.

Berenice não quis esperar.

— Vamos arrumar toda esta coisa na mala e chegar ao tribunal. Marshall vai precisar pôr as novidades em dia.

— Não precisa dizer isso duas vezes! — disse Kevin. Tudo o que Susan conseguiu dizer foi:

— Obrigada, Deus. Obrigada, Deus!

Alf Brummel ouviu apenas um breve segmento de uma conversa telefônica, aquela entre Berenice e o Secretário da Justiça do Estado Norm Mattily. Ele conhecia a voz de Mattily, e, sim, fazia perfeito sentido o fato de Eldon Strachan ter procurado Mattily, se Strachan tivesse alguma informação genuinamente digna de confiança.

Brummel praguejou alto. Informação de confiança! Tudo o que Mattily precisava fazer era encontrar essa lindeza de gravador ali, ligado ilegalmente a todos aqueles telefones!

Um zumbido indicou um chamado da recepcionista. Esticando o braço à escrivaninha, ele apertou o botão do interfone.

— Sim? — disse, muito irritado.

— Juleen Langstrat na linha dois — disse ela.

— Pegue o recado! — disse ele, e desligou o seu botão.

Ele sabia por que ela estava chamando. Ia amolar-lhe a paciência, lembrá-lo de estar na reunião daquela tarde que envolvia Sandy Hogan.

Ele abriu a outra porta do armário e tirou os livros e as fitas gravadas. Mas afinal onde poderia esconder todo aquele negócio? Como poderia destruí-lo?

O sinal da recepcionista zumbiu novamente.

— O quê?

— Ela insiste em que o senhor fale com ela.

Ele apanhou o aparelho, e a voz oleosa de Langstrat veio pela linha.

— Alf, está pronto para hoje?

— Sim — respondeu ele impaciente.

— Então faça o favor de vir assim que puder. Precisamos preparar as energias das salas antes que a reunião comece, e quero ter todas as coisa em uníssono antes que Shawn chegue com Sandy.

— Então você realmente vai envolvê-la nisto?

— Apenas como garantia, naturalmente. Marshall Hogan foi afastado, mas precisamos estar certos de que continuará assim, pelo menos até que todos os nossos esforços e visões tenham-se cumprido e a cidade de Ashton tenha empreendido o salto vitorioso para dentro da Percepção Universal —. Ela fez uma pausa para saborear o pensamento por um instante, e então perguntou sem grande interesse:

— E teve alguma notícia de nossa ladra fugitiva? Antes mesmo de saber por que o fazia, ele mentiu:

— Não, nada ainda. Ela está afastada.

— Certamente. Garanto que será encontrada logo, e depois de hoje ela não terá nenhuma esperança.

Ele nada respondeu. Estava subitamente distraído por um pensamento que o inundou como uma onda de três metros: *Alf, ela acreditou em você. Ela realmente não sabe!*

— Você vem imediatamente, Alf? — ela perguntou e ordenou ao mesmo tempo.

Ela não sabe o que aconteceu, era tudo o que

Brummel conseguia pensar. É vulnerável! Eu sei algo que *ela* não sabe!

— Irei já, já — disse ele, mecanicamente.

— Até já — disse ela com finalidade autoritária, e desligou.

Ela não sabe! Acha que está indo tudo bem e que não haverá encrenca! Acha que conseguirá fazer tudo isso sem ser apanhada!

Brummel permitiu que seus pensamentos voassem enquanto considerava suas opções, a informação exclusiva que acabara de receber, e o estranho senso de poder que ela lhe dava. Sim, estava tudo praticamente acabado, e era provável que ele afundasse... mas tinha o poder de levar aquela mulher, aquela aranha, aquela bruxa, para baixo consigo!

De repente, já não sentia desejo de destruir as fitas e os livros. As autoridades que os encontrassem. Que encontrassem tudo. Talvez ele até lhes mostrasse.

Quanto ao Plano, se Kaseph e sua Sociedade são tão oniscientes e tão invencíveis, por que deveria você contar-lhes coisa alguma? Eles que descubram por si mesmos!

"Não seria bom ver a sua cara Juleen suando uma vez na vida?" perguntou Lucius.

— Seria bom ver Juleen suando uma vez na vida — murmurou Brummel.

38

Hank e Marshall saíram pela porta do porão do tribunal e se acharam sozinhos. Seus amigos ainda estavam congregados à porta do departamento de

polícia, cantando, conversando, orando, demonstrando.

— O Senhor seja louvado! — foi tudo o que Hank pôde dizer.

— Oh, eu acredito, acredito — respondeu Marshall.

Foi John Coleman quem primeiro os viu e soltou um viva. Os outros todos volveram as cabeças e ficaram chocados e exultantes. Saíram correndo na direção de Hank e Marshall, como galinhas à ração.

Mas abriram caminho para Mary, chegando mesmo a dar-lhe empurrõezinhos carinhosos quando ela passava por eles. O Senhor era tão bom! Ali estava a querida Mary de Hank, chorando e abraçando-o e sussurrando-lhe que o amava, e ele mal podia acreditar que isso estava realmente acontecendo. Jamais se sentira tão separado dela.

— Você está bem? — perguntava ela repetidas vezes, e ele respondia:

— Estou bem, muito bem.

— É um milagre — disseram os outros. — O Senhor respondeu às nossas orações. Ele os tirou da prisão da mesma forma que a Pedro.

Marshall compreendeu quando praticamente o ignoraram. Aquela era a hora de Hank.

Mas o que estava acontecendo ali adiante? Através das cabeças, ombros e corpos, Marshall notou Alf Brummel escapulindo rapidamente pela porta da frente, entrando no carro e partindo a toda. Aquele nojento. Se eu fosse ele, faria o mesmo.

E ali vinha... Não! Não, não podia ser! Marshall pôs-se a abrir lentamente caminho entre a multidão, espichando o pescoço a fim de certificar-se de que os passageiros no carro que acabava de chegar eram quem

pareciam ser. Sim! Berenice até lhe acenava! E lá estava Weed, vivo! Aquela outra moça, a que estava dirigindo... não podia ser! Mas tinha de ser! Nada menos que Susan Jacobson, voltando dentre os mortos!

Marshall conseguiu passar por entre os admiradores de Hank e caminhou com passos rápidos, o rosto aberto em largo sorriso, ao local onde Susan estava acabando de estacionar o carro. Minha nossa! Quando essa gente ora, Deus escuta!

Berenice explodiu do carro e jogou os braços em torno dele.

— Marshall, você está bem? — disse ela, quase chorando.

— Você está bem? — revidou ele. Uma voz atrás deles disse:

— Oh, Sra. Hogan, queria muito conhecê-la.

Era Hank. Marshall fitou o homem de Deus, parado ali todo sorrisos, com a esposa do lado e todo o povo de Deus atrás de si, e sentiu o ímpeto do abraço deixar-lhe os braços.

Berenice deslizou flacidamente do abraço.

— Hank — disse Marshall com o tom quebrantado que Berenice jamais o ouvira usar antes — esta não é a minha esposa. É Berenice

Krueger, minha repórter —. Então Marshall olhou para Berenice e disse com grande amor e respeito:

— É uma ótima repórter!

Berenice soube imediatamente que algo havia acontecido a Marshall. Não ficou surpresa; algo tinha acontecido com ela também, e podia ver no rosto de Marshall e detectar em sua voz aquele mesmo quebrantamento íntimo que ela própria vinha sentindo. De alguma forma ela soube que aquele homem em pé ao

lado de Marshall tinha algo a ver com tudo o que acontecera.

— E quem é esse seu colega de cadeia? — perguntou ela.

— Berenice Krueger, quero apresentar-lhe Hank Busche, pastor da Igreja da Comunidade de Ashton e meu muito recente, muito bom amigo.

Ela apertou-lhe a mão, empurrando de lado todos os pensamentos e emoções. O tempo estava passando.

— Marshall, escute com cuidado. Temos de lhe dar um curso concentrado em sessenta segundos!

Hank pediu licença e retornou ao seu excitado rebanho. Quando Berenice apresentou Susan a Marshall, ele pensou que estendia a mão a nada menos que um milagre.

— Ouvi dizer que você havia morrido, e Kevin também.

— Estou ansiosa para lhe contar a história toda — replicou Susan agradavelmente — mas no momento nosso tempo é muito curto e há muita coisa que você precisa saber.

Susan abriu o porta-malas do carro e mostrou a Marshall o conteúdo de sua mala arrebentada. Marshall regalou-se com cada minuto da revelação. Estava tudo ali, tudo o que ele achou haver perdido para os dedos grudentos de Carmem e para aqueles nojentos da "Sociedade".

— Kaseph está vindo a Ashton a fim de fechar o negócio com o conselho diretor da faculdade. Às 14:00 horas os papéis serão assinados e o campus da Faculdade Whitmore será vendido em surdina à Omni S.A.

— A Sociedade, você quer dizer — respondeu

Marshall.

— Claro. É uma jogada-chave. Quando a faculdade cair, a cidade acabará caindo junto.

Berenice interrompeu de chofre com as novidades a respeito de Mattily, Parker e Lemley, quanto mais o fato de Harvey Cole ter decifrado os livros de Baylor.

— E então, quando eles chegam? — perguntou Marshall.

— Esperamos que a tempo para a reunião do conselho. Eu lhes disse que nos encontrassem lá.

— Pode até ser que eu me convide para a reunião. Sei que ficarão todos muito contentes em me ver.

Susan tocou o braço de Marshall e disse:

— Mas precisa ser avisado de que eles têm trabalhado sua filha Sandy.

— E não sei disso?!

— Eles podem tê-la sob sua influência neste instante; é o estilo de Kaseph, acredite. Se você tentar alguma coisa contra ele, pode colocar a vida de Sandy em perigo.

Berenice contou a Marshall acerca de Pat, acerca do diário, acerca do misterioso amigo chamado Thomas, e acerca daquele fingido advogado do diabo, Shawn Ormsby.

Marshall fitou-os por um instante, depois chamou:

— Hank, é aqui que você e a sua gente entram!

Um domingo de verão em Ashton é geralmente um dos dias mais alegres e tranqüilos da semana. Os fazendeiros batem papo; os balconistas desfrutam calma nas atividades; outros comerciantes fecham suas lojas;

mamães, papais, e crianças pensam em coisas agradáveis para fazer e lugares interessantes aonde ir. Muitas cadeiras preguiçosas de jardim são ocupadas, as ruas ficam bem mais quietas, e as famílias geralmente se reúnem.

Mas esse ensolarado domingo de verão não corria bem para ninguém: um fazendeiro estava com uma vaca inchada nas mãos enquanto outro estava com um magneto do trator queimado que ninguém parecia ter em estoque; e embora nenhum deles fosse responsável pelos problemas do outro, acabaram brigando. Os balconistas que trabalhavam naquele dia estavam tendo dificuldade em contar o troco, e metendo-se em discussões muito desagradáveis com os fregueses cujo troco tentavam contar. Cada comerciante nada mais desejava do que deixar seu negócio porque não importava qual fosse o seu ramo, estava condenado a fracassar mais cedo ou mais tarde. Muitas esposas estavam nervosas e queriam ir a algum lugar, qualquer lugar, não sabiam aonde; seus maridos faziam a criançada entrar nas peruas, em seguida as esposas não mais queriam ir, então a criançada começava a brigar dentro dos veículos, então seus pais começavam a brigar, e as famílias não iam a parte alguma enquanto as peruas permaneciam estacionadas nas entradas de carro com berros saindo-lhes pelas janelas e as buzinas tocando. As cadeiras preguiçosas nos jardins rasgavam-se debaixo dos traseiros dos donos ou simplesmente não podiam ser encontradas; as ruas estavam congestionadas com motoristas frenéticos dirigindo sem destino; os cães, aqueles sempre vigilantes cães de Ashton, latiam e uivavam e ganiam, desta feita com os pêlos em pé, as caudas erguidas e as caras voltadas para o leste.

Caras voltadas para o leste? Havia muitas. Aqui um administrador da faculdade, ali um empregado do Correio, acolá uma família de oleiros e tecelões, lá

adiante um vendedor de seguros. Por toda a cidade, certas pessoas que conheciam um certo destino e uma certa vibração espiritual de empatia, postavam-se caladas, como que em adoração, os rostos voltados para o leste.

E nada se movia em torno da grande árvore morta. Rafar ergueu-se do grande galho, seu trono de poder como mestre do jogo, e, em pé sobre a colina, dirigiu os maldosos olhos amarelos à cidadezinha de Ashton, ao mesmo tempo em que o séquito de suas hordas de espíritos se reunia em torno dele. Seus braços musculosos se ondularam, as amplas asas negras erguer-se às suas costas como um manto real, suas jóias brilharam e refulgiram ao sol.

Ele também voltou-se para o leste.

Ele esperou até ver. Então, seu fôlego foi sugado através das presas como um arquejar de surpresa, mas não era surpresa. Era o mais alto tipo de excitação, uma vibração demoníaca que ele apenas raramente sentia, um fruto precioso e muito maduro a ser saboreado somente após muito trabalho e preparo.

A mão coberta de pêlos pretos agarrou o cabo dourado da espada e tirou a lâmina da bainha, fazendo-a cantar e zumbir e tremeluzir com luz vermelho-sangue. Todo o séquito dos demônios arquejou e aplaudiu quando Rafar elevou bem alto a espada, banhando todo o ajuntamento em sua sinistra luz vermelha. As asas enormes desapareceram repentinamente em um borrão e com um jato de vento e uma explosão de poder elas o elevaram ao ar, acima do vasto vale, acima da cidadezinha, a descoberto, onde podia ser visto de qualquer parte da cidade ou de qualquer esconderijo perto dela.

Ele ascendeu a grandes alturas e em seguida começou a pairar, a espada ainda na mão. A cabeça se voltava nesta e naquela direção, o corpo girava

lentamente, os olhos corriam em redor.

— Capitão dos Exércitos Celestiais! — bradou ele, e os ecos de sua voz estrondosa atravessaram o vale de um lado a outro como trovão. — Capitão Tal, escute-me!

Tal podia ouvir Rafar perfeitamente. Ele sabia que Rafar estava prestes a fazer um discurso, e sabia o que o guerreiro demoníaco iria dizer. Também vigiava o horizonte leste enquanto se mantinha escondido na floresta, seus principais guerreiros ao seu lado.

Rafar continuou a olhar por toda a parte, procurando algum sinal de seu adversário.

— Eu, que ainda não vi seu rosto nesta nossa aventura, agora lhe mostro o meu! Fitem-no, você e seus guerreiros! Pois hoje coloco este rosto para sempre na sua lembrança como o rosto daquele que o derrotou!

Tal, Guilo, Triskal, Krioni, Mota, Chimon, Natã, Armote, Signa, estavam todos juntos, reunidos para esse momento, reunidos para ouvir esse longamente esperado discurso. Rafar continuou:

— Hoje coloco o nome de Rafar, Príncipe da Babilônia, para sempre em sua lembrança como o nome daquele que permanece ousado e continua invicto! — Rafar deu mais algumas voltas rápidas, procurando à sua volta algum sinal de seu inimigo mortal. — Tal, Capitão dos Exércitos Celestiais, ousará mostrar-me seu rosto? Acho que não! E ousará mesmo atacar-me! Acho que não! E você e seu reles ban-dinho de assaltantes se atreverão a colocar-se no caminho dos po-deres do ar? — Rafar irrompeu num riso debochado. — Acho que não!

Fazendo uma pausa de efeito, ele se permitiu um riso zombeteiro.

— Tem minha permissão, caro Capitão Tal, para retirar-se, a fim de se poupar a angústia que o espera às

minhas mãos! Concedo agora a você e a seus guerreiros a oportunidade de partirem, pois meu pronunciamento é o de que a decisão da batalha realmente já foi feita!

Então Rafar apontou a espada na direção do horizonte leste e disse:

— Olhe para o leste, capitão. Lá se encontra o resultado claramente escrito!

Tal e seus chefes já estavam olhando na direção do horizonte leste, a atenção arrebatada e inabalável, mesmo quando um mensageiro chegou voando com as novidades:

— Hank e Busche estão livres! Eles... — ele se deteve no meio da sentença. Seus olhos acompanharam todos os outros olhares ao leste, e ele viu o que tanto lhes prendia a atenção.

— Oh, não! — disse ele num sussurro. — Não, não!

A princípio a nuvem tinha sido apenas um ponto distante de trevas emergindo acima do horizonte; poderia ter sido uma nuvem de chuva, ou a chaminé de uma fábrica, ou uma montanha distante escurecida pela neblina que surgia subitamente. Mas então, à medida que se aproximava, seus limites expandiram-se para fora como a lateral da ponta rombuda de uma flecha que emergia lentamente e se estendia devagar e com segurança de um lado a outro do horizonte qual dossel escuro, como constante maré de trevas a bloquear o céu. A princípio um olhar direto podia contê-la; em apenas alguns minutos, os olhos tinham de espraiar-se de um lado a outro, de uma ponta do horizonte a outra.

— Desde a Babilônia — disse Guilo baixinho a Tal.

— Eles estavam lá — disse Tal — cada um deles, e agora voltaram. Olhe as fileiras da frente, voando em múltiplas camadas por cima, por baixo, e no meio.

— Sim — disse Guilo, observando. — Ainda o mesmo estilo de assalto.

Uma nova voz falou:

— Bem, até aqui, Tal, seu plano funcionou muito bem. Saíram todos do esconderijo, e em números incontáveis.

Era o General. Era esperado. Tal respondeu:

— E nossa esperança é que estejam planejando uma estrondosa vitória.

— Pelo menos o seu antigo rival está, pela sua gabolice. Tal apenas sorriu e disse:

— Meu General, Rafar gaba-se com ou sem razão.

— E o Valente?

— Pelo formato da nuvem, eu diria que ele a precede por apenas poucos quilômetros.

— Tendo possuído Kaseph?

— Seria esse o meu palpite, senhor.

O General olhou cuidadosamente para a nuvem que se aproximava, agora cor do negro profundo do carvão, e espalhada como um dossel através do céu. O zumbir grave e ressonante de asas apenas começava a se fazer ouvir.

— Qual é a nossa posição? — perguntou o general. Tal respondeu:

— Estamos preparados.

Então, quando o som das asas cresceu e a sombra da nuvem começou a cobrir os campos e fazendas além de Ashton, um tom avermelhado pôs-se a permear a nuvem como se ela estivesse queimando por dentro.

— Eles desembainharam as espadas — disse Guilo.

Por que estou com tanto medo? perguntava-se Sandy.

Cá estava ela, segurando a mão de Shawn, subindo os degraus da frente do Prédio da Administração, prestes a ficar conhecendo algumas pessoas que tinham de ser as verdadeiras chaves do seu destino, os degraus que a levariam à verdadeira satisfação espiritual, à mais elevada percepção, talvez mesmo à autorealização, e contudo... toda a conversa não conseguia remover um temor enervante que sentia bem no íntimo. Algo simplesmente não estava certo. Talvez fosse apenas o nervosismo normal que alguém sentiria antes do casamento ou de qualquer outro evento muito significativo, ou talvez fosse aquele último resquício de sua velha e abandonada herança cristã que ainda a segurava, retendo-a. Fosse lá o que fosse, ela tentou ignorar, vencer pelo raciocínio, usar mesmo as técnicas de descontração que havia aprendido na aula de ioga oferecida pela faculdade.

Vamos, Sandy... respiração estável agora... concentre, concentre. .. realinhe suas energias.

Pronto, estava melhor. Não quero que Shawn ou a professora Langstrat ou qualquer outro pense que não estou pronta para fazer parte do grupo.

Enquanto o elevador subia ela falou e tagarelou e tentou rir, e Shawn ria junto, e quanto chegaram ao terceiro andar e à porta que trazia o número 326, ela achou que estava pronta.

Shawn abriu a porta, dizendo:

— Você gostará muito disto — e entraram.

Ela não os viu. Aos olhos de Sandy, essa era apenas a sala de descanso do pessoal da faculdade, um cômodo muito agradável recoberto por macio tapete,

com sofás de couro e mesinhas de centro pesadas, em estilo rústico.

Mas a sala encontrava-se lotada, muito densa e hediondamente povoada, e os olhos amarelos fitavam-na de maneira penetrante e fixa de todos os lados, de cada canto e cadeira e parede. Esperavam por ela.

Um deles sibilou asmaticamente:

— Alô, minha filha.

Sandy estendeu a mão a Oliver Young.

— Pastor Young, que surpresa agradável — disse ela. Outro emitiu uma risadinha longa e babosa e disse:

— Que bom você ter vindo.

Sandy deu um abraço na Professora Juleen Langstrat.

Ela correu os olhos pelo aposento e reconheceu muitos dos professores da faculdade, alguns dos seus próprios professores, e mesmo alguns homens de negócios e operários da cidade. Lá, no canto, encontrava-se o novo dono da antiga mercearia do Joe. Essas trinta pessoas ofereciam uma perfeita amostra do que Ashton tinha de melhor.

Os espíritos estavam todos prontos e esperando. Engano exibiu-a como se fosse um troféu. Madeline encontrava-se presente, sorrindo maldosa, e ao seu lado achava-se outro cúmplice demoníaco, com volta após volta de pesadas correntes brilhantes enroladas nas mãos ossudas.

Na nuvem, havia miríades de demônios altivos, selvagens, embriagados com a antecipação de vitória, chacina, poder e glória sem precedentes. Em baixo deles, a cidade de Ashton era mero brinquedo, um vilarejo tão pequeno num território tão vasto. Camada

após camada de espíritos adiantavam-se num zumbido constante, e miríades de olhos amarelos espiavam o prêmio lá embaixo. A cidade estava quieta e desprotegida. Baal Rafar fizera bem o seu trabalho.

Uma série de guinchos ásperos saíram das fileiras da frente da nuvem; os generais davam ordens. Imediatamente, os demônios comandantes nas orlas da nuvem transmitiram as ordens aos enxames atrás de cada um deles, e à medida que os comandantes deixavam a nuvem e começavam a voar para baixo, seguidos de seus incontáveis esquadrões, as laterais da nuvem principiaram a afrouxar e a se estender na direção do chão.

Na sala de conferências, ampla e formalmente mobiliada, no terceiro andar, os membros do conselho começaram a reunir-se. Eugene Baylor encontrava-se lá com uma pilha de livros e relatórios financeiros, fumando charuto e sentindo-se animado. Dwight Brandon parecia um tanto sombrio, mas não o suficiente para manter-se calado. Delores Pinckston não se sentia nada bem, e apenas desejava que o negócio todo acabasse. Os quatro advogados de Kaseph, muito profissionais, afiados, entraram com um sorrisinho. Adam Jarred entrou casualmente e parecia mais preocupado em ir pescar depois do que com o negócio que estariam conduzindo. De vez em quando, alguém consultava o relógio de pulso ou olhava para o enfeitado relógio de parede. Logo seriam 14:00 horas. Alguns estavam-se sentindo um pouco nervosos.

Os espíritos malignos que haviam entrado no aposento também estavam-se sentindo nervosos, percebiam que logo estariam na presença do Valente. Essa seria a primeira vez para eles.

A longa limusine preta de Kaseph, dirigida por motorista particular, adentrou os limites da cidade e virou na Rua da Faculdade.

Kaseph, sentado em esplendor real no banco de trás, carregava a pasta no colo e lançava olhares cobiçosos através do vidro esfumaçado das janelas à linda cidade que atravessavam. Ele fazia planos, vislumbrando mudanças, decidindo o que manteria e o que removeria.

O mesmo fazia o Valente, sentado dentro dele, que riu seu riso grave, gorgolejante. Kaseph riu da mesma forma. O Valente não conseguia lembrar-se de quando estivera tão contente e tão orgulhoso.

A nuvem estava frouxa nas beiradas enquanto continuava a adiantar-se, e Tal e sua companhia continuavam a observar de seu esconderijo.

— Estão abaixando seu perímetro — disse Guilo.

— Sim — disse Tal, fascinado. — Como sempre, tencionam conter a cidade por todos os lados antes de chegarem a descer sobre ela.

Enquanto olhavam, as laterais da nuvem caíram como negras cortinas que gradualmente envolveram a cidade; demônios deslizavam a fim de ocupar seus lugares como tijolos numa parede. Cada espada estava desembainhada, cada olho cauteloso.

— Hogan e Busche? — perguntou Tal a um mensageiro.

— Eles estão-se dirigindo a seus lugares, juntamente com o Remanescente — respondeu o mensageiro.

A limusine de Kaseph deslanchou na direção da

faculdade, e Ka-seph pôde ver os imponentes prédios de tijolos vermelhos despontando entre os bordos e carvalhos que cercavam o campus. Ele olhou ao relógio. Chegaria bem na hora.

Quando a limusine passou por uma intersecção, uma viatura policial verde, sem marca identificadora, entrou na Rua da Faculdade e pôs-se a segui-la. Seu motorista era o Delegado de Polícia Alf Brummel. Parecia sombrio e muito nervoso. Ele sabia a quem estava seguindo.

Quando a limusine, e a seguir a viatura, passaram por outra intersecção, o semáforo mudou e toda uma fila de carros dobrou à direita, entrando na Rua da Faculdade, seguindo atrás dos outros dois. O primeiro veículo a fazer a curva foi o marrom.

— Ora, ora! — disse Marshall quando ele, Hank, Berenice, Susan e Kevin perceberam os dois carros que estavam seguindo.

— Você reconheceu Kaseph? — perguntou Susan a Berenice.

— Sim, o bom velhinho em pessoa. Marshall ficou em dúvida:

— Mas o que está acontecendo aqui? Parece que a reunião ainda está em pé, apesar de tudo.

Berenice falou:

— Talvez Brummel não me tivesse acreditado, afinal de contas.

— Oh, acreditou, sim. Ele fez tudo o que você lhe disse que fizesse.

— Então por que Kaseph não desmarcou a reunião? Ele está-se dirigindo diretamente para ela.

— Ou Kaseph pensa que é intocável, ou Brummel nada lhe disse. Hank olhou para trás deles.

— Parece que todos conseguiram atravessar o semáforo.

Os outros olharam para trás. Sim, lá estava Andy, dirigindo sua perua Volkswagen lotada de crentes que confiavam na oração, e lá vinha a caminhonete de Cecil Cooper com a cabina e a carroceria cheias de gente. A perua de John e Patty Coleman seguia logo atrás, e nalgum lugar lá adiante vinha o antigo pastor, James Farrel, dirigindo um furgão de bom tamanho, transportando Mary, e vovó Duster e diversos outros irmãos.

Marshall olhou para a frente, e depois para trás, e então concluiu:

— Que vai ser uma reunião e tanto, isso vai.

39

Seguindo as instruções de Juleen Langstrat, todos os médiuns sorridentes, juntamente com Sandy e Shawn, acomodaram-se confortavelmente nas cadeiras e sofás macios, dispostos em tosco círculo em volta da sala.

— Este é um dia significativo — disse Langstrat calidamente.

— Sim, é verdade! — disse Young.

Os outros também concordaram. Sandy devolveu-lhes os sorrisos. Estava muito impressionada com a reverência que todos pareciam ter por essa extraordinária mulher, essa extraordinária pioneira.

Langstrat assumiu a posição de loto na grande cadeira em que estava sentada à testa do grupo. Diversos outros que tinham o desejo e a flexibilidade imitaram-na. Sandy apenas descontraiu-se onde estava,

acomodando-se no sofá e reclinando a cabeça de encontro ao encosto.

— Nosso propósito aqui é o de combinar nossas energias psíquicas a fim de garantir o sucesso do empreendimento de hoje. Nossa tão esperada meta breve será realizada: o campus da Faculdade Whitmore, e depois dele toda a cidade de Ashton, vão tornar-se parte da Nova Ordem do Mundo.

Todos na sala começaram a aplaudir. Sandy também aplaudiu, embora não soubesse de fato de que Langstrat falava. Não obstante, era algo que parecia vagamente familiar. Fora seu próprio pai quem havia dito algo acerca da existência de gente que desejava tomar a cidade? Oh, mas ele não podia ter falado sobre a mesma coisa!

— Tenho um maravilhoso novo Mestre Elevado para lhes apresentar — disse Langstrat, e os rostos em toda a volta da sala se iluminaram com excitação e expectativa. — Ele viveu muito e viajou a lugares longínquos, e adquiriu a sabedoria de diversas eras. Veio a Ashton a fim de supervisionar este projeto.

— Damos-lhe as boas vindas — disse Young. — Como se chama?

— Seu nome é Rafar. É um príncipe da Antigüidade, e já reinou sobre a antiga Babilônia. Viveu muitas vidas, e agora retorna com o propósito de nos permitir beneficiar com a sua sabedoria —. Langstrat fechou os olhos e respirou profundamente. — Chamemo-lo, e ele nos falará.

Sandy podia sentir um mal-estar na boca do estômago. Achou que estava gelada. Os arrepios nos braços eram suficientemente reais. Mas ela colocou essas sensações sob controle, fechou os olhos, e começou sua própria descontração, ouvindo atenta o som da voz de Langstrat.

Os outros também se descontraíram e entraram em transe profundo. Durante um momento, a sala ficou em silêncio exceto pelos profundos fôlegos inalados e exalados por todos os presentes. Então o nome se formou nos lábios de Langstrat.

— Rafar. . . Todos ecoaram:

— Rafar. . .

Langstrat chamou o nome outra vez, e continuou chamando, e os outros deixaram que seus pensamentos se afunilassem àquele único nome enquanto o repetiam baixinho.

Rafar estava em pé ao lado da grande árvore morta, observando exultante a nuvem espalhar-se sobre a cidade. Ao som do chamado, seus olhos se entrefecharam com uma expressão muito astuciosa e sua boca distendeu-se lentamente num riso que pôs as presas à mostra.

— As peças estão-se encaixando agora — disse. Voltando-se para um auxiliar, perguntou:

— Alguma notícia do Príncipe Lucius? O auxiliar relatou satisfeito:

— O Príncipe Lucius diz que averiguou todas as frentes e não encontrou nenhum problema ou resistência.

Rafar agitou dez demônios monstros com um repassar da asa, e eles se reuniram ao seu lado num instante.

— Venham — disse ele — terminemos este negócio.

As asas de Rafar agitaram-se para baixo, e ele arremeteu ao ar, seus dez capangas seguindo-o como guarda de honra real. Bem acima, a nuvem estendia-se

pelo céu como um dossel opressivo a bloquear a luz, sua sombra do mal e das trevas espirituais caindo sobre a cidade. Enquanto Rafar deslizava sobre Ashton num arco elevado, podia olhar para cima e ver as miríades de olhos amarelos e as espadas rubras acenando em saudação. Ele acenou de volta com a própria espada, e eles soltaram brados de júbilo, suas incontáveis espadas agitando-se para baixo como um campo invertido de trigo rubro agitado pelo vento. Eles encheram o ar de enxofre.

À frente e muito abaixo, encontrava-se o campus Whitmore, a mais madura das ameixas. Rafar diminuiu a rotação das asas e começou a descer na direção do Prédio da Administração.

Enquanto descia, viu a grande limusine que levava o Valente subir pela entrada circular e parar em frente da porta do prédio. O quadro encheu-o de excitação. Chegara o momento! Ele e os demônios acompanhantes sumiram através do teto do prédio no exato momento em que o Valente e seu hospedeiro humano emergiam do carro.. . e um pouco antes da hora em que veria uma fila de carros não muito distantes daquela limusine, agora encontrando lugares de estacionamento aqui, ali e em toda a parte.

Alf Brummel saiu de chofre do seu carro. Postou-se apenas um instante, criando coragem, e em seguida dirigiu-se à porta principal do prédio com passos rígidos, nervosos.

Marshall estacionou seu carro, e os cinco ocupantes desceram. À volta toda podiam ouvir portas de carros batendo enquanto o Remanescente encontrava lugares para estacionar e então se reuniam.

— Brummel não parece muito contente — observou Marshall. Os outros quatro olharam a tempo de ver Brummel entrar pela porta da frente.

— Talvez ele vá avisar Kaseph — disse Berenice.

— E então, onde estão os nossos amigos poderosos? — perguntou Marshall.

— Não se preocupe... pelo menos não muito. Eles disseram que estariam aqui.

Susan disse:

— Estou certa de que a reunião deverá ocorrer na sala de conferência do terceiro andar. É onde o conselho diretor geralmente se reúne.

— E onde posso encontrar Sandy? — perguntou Marshall. Susan meneou a cabeça.

— Isso não sei.

Eles se apressaram na direção do prédio, e de todos os lados o Remanescente convergiu à escadaria da frente.

Lucius podia sentir a tensão no ar, como se fosse uma enorme argola de elástico esticada ao limite e prestes a arrebentar-se. Enquanto descia silenciosamente do céu e pousava no teto do prédio Ames Hall, do outro lado do pátio do Prédio da Administração, ele podia ver que a nuvem ainda estava abaixando seu perímetro, estirando espessa cortina em volta de toda a cidade. A atmosfera tornava-se pesada e sufocante com a presença de tantos espíritos fétidos.

De súbito, ele ouviu frenético adejar atrás de si e voltando-se, viu um demoniozinho sentinela, vil criatura, um fofoqueiro, alçando vôo a fim de lhe falar.

— Príncipe Lucius, há gente reunindo-se lá embaixo! Eles não são dos nossos! São santos de Deus! — arquejou a coisinha.

Lucius irritou-se.

— Eu tenho olhos, insetozinho! — sibilou ele. — Não lhes preste atenção.

— Mas e se eles começarem a orar?

Lucius agarrou o demoniozinho por uma asa, e ele pôs-se a esvoaçar em patéticos e diminutos círculos da ponta do braço do príncipe.

— Você, fique calado!

— Rafar precisa saber!

— Silêncio!

A criaturinha aquietou-se, e Lucius a levou à orla do teto para breve lição.

— E daí se eles orarem? — disse Lucius em tom paternal. — Isso os ajudou até agora? Atrapalhou um pouco que seja o nosso progresso? E você já viu o poder e a força de Baal Rafar, não viu? — Lucius não pôde evitar o tom sarcástico com o qual acrescentou:

— Você sabe que Rafar é todo-poderoso, e imbatível, e não precisa da nossa ajuda! — O demoniozinho ouvia com os olhos esbugalhados. — Não amolemos o grande Baal Rafar com nossas preocupações insignificantes! Ele pode cuidar deste empreendimento... sozinho!

Tal permaneceu firme e continuou a vigiar. Guilo foi ficando cada vez mais irrequieto, andando de um lado para outro, olhando de uma ponta da cidade à outra.

— Logo o perímetro estará inteiramente circunscrito — disse ele. — Eles terão envolvido a cidade toda, e não haverá escape.

— Escape? — disse Tal, o sobrolho erguido.

— Puramente uma consideração tática — replicou

Guilo, dando de ombros.

— O momento está-se aproximando muito rápido agora — disse Tal, olhando na direção da faculdade. — Em apenas alguns minutos, todos os jogadores estarão em seus lugares.

Os demônios na sala de conferência podiam sentilo chegando, e prepararam-se. Os pêlos de seus braços, nucas e costas se arrepiaram. Uma escuridão, uma rastejante nuvem de maldade vinha descendo pelo corredor. Rapidamente, cada qual se inspecionou a fim de assegurar-se de que nada estivesse fora do lugar, que sua aparência estivesse impecável.

A porta se abriu. Em respeito e homenagem, eles se postaram rígidos.

E lá estava ele, o Valente, que nada ficava a dever ao mais horrendo pesadelo.

— Boa tarde a vocês — disse ele.

— Boa tarde ao senhor — responderam a Alexander Kaseph os diretores e advogados enquanto ele entrava na sala e começava a apertar-lhes as mãos.

Alf Brummel não tinha o menor desejo de encontrar-se com Alexander Kaseph. Até esperou a fim de tomar um elevador diferente. Quando o elevador se deteve no terceiro andar, ele espiou para ver se havia alguém por lá antes de sair. Somente depois de ter ouvido o estalido que a grande porta da sala de conferências mais adiante no corredor fez ao fechar-se foi que se pôs a caminhar pelo corredor, dirigindo-se muito silencioso à Sala 326.

Ele se deteve por um momento à porta, escutando atentamente. Estava muito quieto lá dentro. A sessão

devia estar em progresso. Muito devagar, ele girou a maçaneta e abriu a porta apenas o suficiente para enxergar dentro do aposento. Sim, lá estava a Langstrat meditando, os olhos cerrados. Era a única com quem Brummel se preocupava, e no momento ela não estava olhando.

Entrando na sala silenciosamente, ele encontrou uma cadeira na metade do círculo que rodeava Langstrat. Correu os olhos à sua volta, avaliando a situação. Sim, estavam chamando um certo guia espírito. Ele jamais ouvira esse nome específico antes. Essa entidade devia ser um novo personagem trazido ao projeto desse dia.

Oh, não. Lá estava Sandy Hogan, também meditando. Ela também estava chamando o nome. Bem, Brummel, o que você faz agora?

No lado de fora, o Remanescente estava pronto para receber ordens. Hank e Marshall deram-lhes um muito resumido relatório da presente situação, e a seguir Hank concluiu:

— Nós de fato não sabemos o que vamos encontrar lá dentro, mas sabemos que precisamos entrar, ao menos para ver se conseguimos localizar Sandy. Não há dúvida de que esta é uma batalha espiritual, por isso sabem o que todos têm de fazer.

Todos sabiam, e estavam prontos. Hank continuou:

— Andy, gostaria que você, Edith e Mary tomassem conta aqui e dirigissem as orações e a adoração. Eu entrarei com Marshall e os outros.

Marshall conferenciou com Berenice.

— Fique aqui para ver quando os nossos visitantes chegarem. Nós outros entraremos e

tentaremos descobrir onde essa reunião está ocorrendo.

Marshall, Hank, Kevin e Susan entraram no prédio. Berenice dirigiu-se a um lugar vazio nos degraus e sentou-se para vigiar e esperar. Não podia deixar de observar o Remanescente. Havia algo a respeito daquelas pessoas que lhe trazia uma sensação muito familiar, e muito... bem, muito maravilhosa.

Rafar e seus dez acompanhantes haviam estado na sala por um bom tempo a esta altura, apenas ouvindo e observando. Afinal, Rafar chegou por trás de Langstrat e cravou bem fundo as garras no crânio da mulher. Ela se contorceu e pareceu sufocada por um instante e então, aos poucos, de forma horrenda, sua fisionomia assumiu indubitavelmente as expressões do próprio Príncipe da Babilônia.

— Deveeeeras! — disse a voz grave e gutural de Rafar saindo da garganta de Langstrat.

Todos no aposento se estremeceram. Diversos olhos se abriram com um sobressalto, e depois se arregalaram ao darem com Langstrat, os olhos esbugalhados, os dentes à mostra, as costas arqueadas como um leão de bote armado. Brummel só podia encolher-se e desejar poder desaparecer na cadeira antes que aquela coisa o notasse. Mas ela estava fitando Sandy, babando.

— Deveeeeras! — disse novamente a voz. — Vocês se reuniram a fim de verem seu sonho verdadeiramente realizado? Será feito! — A criatura sentada na cadeira apontou um dedo torto a Sandy. — E quem é essa nova participante na busca da sabedoria oculta?

— S... Sandy Hogan — respondeu ela, os olhos ainda fechados. Estava com medo de abri-los.

— Fiquei sabendo que você tem andado por

muitos caminhos com sua instrutora Madeline.

— Sim, Rafar, é verdade.

— Desça dentro de si de novo, Sandy Hogan, e Madeline a encontrará aí. Esperaremos.

Sandy teve apenas uma fração de segundo em que perguntar-se como conseguiria descontrair-se o suficiente para chegar a um estado alterado. Então um espírito limboso atrás dela, com cara de morte, agarrou-lhe a cabeça com a mão ossuda, e ela afundou imediatamente. Seus olhos rolaram para cima, ela murchou na cadeira, e sentiu seu corpo se dissolvendo, juntamente com seus pensamentos racionais e os temores que a incomodavam. Todas as sensações externas começaram a se desvanecer, e ela flutuava em puro e extático nada. Ouviu uma voz, muito conhecida.

— Sandy — chamou a voz.

— Madeline — respondeu ela. — Já vou!

Madeline apareceu das profundezas de um túnel sem fim, flutuando em sua direção, os braços estendidos. Sandy dirigiu-se ao túnel a fim de encontrar-se com ela. Madeline entrou em foco, os olhos brilhantes, o sorriso como cálida luz do sol. Suas mãos se encontraram e se agarraram com força.

— Bem-vinda! — disse Madeline.

Alf Brummel viu tudo acontecer. Podia ver a expressão abobalhada, extática no rosto de Sandy. Eles iam tomá-la! Tudo o que podia fazer era sentar-se a remexer-se e tremer e suar.

Lucius flutuou silenciosamente através do teto do Prédio da Administração e pousou no terceiro andar, recolhendo as asas atrás de si. Podia ouvir Rafar berrando e se vangloriando na sala dos professores;

podia ouvir o Valente repassando os comentários preliminares na sala de conferência. Até aí, nenhum temor ou suspeita.

Ouviu o elevador se abrir adiante no corredor e depois os passos de diversas pessoas. Sim, devia ser Hogan, o cão de caça, e o homem de oração, Busche, e a pessoa que o Valente mais detestaria ver com vida: a Serva.

De repente houve um agitar de asas e frenético arquejar. Um demônio arremeteu pelo corredor em sua direção, as asas vibrando, a cara cheia de terror.

— Príncipe Lucius! — gritou ele. — Traição! Fomos logrados! Hogan e Busche estão livres! A Serva está viva! Weed está vivo!

— Silêncio! — advertiu Lucius.

Mas o demônio apenas continuou a arenga:

— Os santos estão reunidos e orando! Precisa avisar o Baal...

O palavrório do demônio cessou abruptamente em um gorgolejar sufocado, e ele fitou Lucius com os olhos cheios de horror e perguntas. Ele começou a encolher. Suas garras tentavam alcançar Lucius no esforço de manter-se reto. Lucius puxou a espada da barriga do demônio e revolveu-a num arco chamejante através do seu corpo evanescente. O demônio desintegrou-se, dissolvido numa lufada de fumaça vermelha.

Do lado de fora, nos degraus da frente, enquanto transeuntes olhavam e pasmavam, o Remanescente orava.

Sandy podia ver outros belos seres saindo do túnel atrás de Madeline.

— Oh... — perguntou ela — quem são?

— Novos amigos — disse Madeline. — Novos espíritos guias que a levarão cada vez mais alto.

Alexander Kaseph começou a trocar documentos e contratos importantes com os diretores e advogados. Estavam discutindo os pequeninos detalhes que precisavam ser acertados. A maioria era de pouca importância. Não demoraria muito.

A nuvem enfim completou o cerco em torno da cidade de Ashton. Tal e sua companhia encontraram-se presos debaixo de espessa e impenetrável tenda de demônios. As trevas espirituais tornaram-se profundas e opressivas. Era difícil respirar. O zumbido constante de asas parecia permear todas as coisas.

De repente, Guilo sussurrou:

— Estão descendo!

Todos os olhares se ergueram e puderam divisar o teto de demônios, aquele cobertor negro tinto de fervilhante vermelho e amarelo, começando a assentar, chegando cada vez mais perto da cidade. Logo Ashton estaria soterrada.

Diversos carros estavam dobrando a Rua da Faculdade. O primeiro deles levava o Promotor Municipal Justin Parker, o segundo Eldon Strachan e o Secretário da Justiça Norm Mattily, o terceiro Al Lemley e três agentes da polícia federal. Quando passavam por uma intersecção, um quarto veículo dobrou à direita e juntou-se ao cortejo. Esse era o carro que transportava o fiel e leal contador Harvey Cole, com considerável pilha de papéis ao seu lado no assento.

Tal segurava agora uma trombeta dourada na mão, agarrando-a com muita força, cada músculo e cada tendão retesados. — Preparem-se! — ordenou ele.

40

Marshall, Hank, Susan e Kevin caminharam silenciosos pelo corredor, à escuta, tentando ouvir qualquer som, e examinando os números em todas as portas. Susan gesticulou na direção da sala de conferência, e eles se detiveram logo do lado de fora. Susan reconheceu a voz de Kaseph. Com a cabeça, acenou afirmativamente aos outros.

Marshall segurou a maçaneta. Com um gesto, indicou aos outros que esperassem. Então abriu a porta e entrou. Kaseph estava sentado à ponta da grande mesa de conferência, e os diretores e os quatro advogados em torno dela. Os demônios presentes na sala imediatamente desembainharam suas espadas e encostaram-se às paredes. Não apenas era esse o inesperado jornalista, como também vinha acompanhado de dois guerreiros celestiais com cara de malvados, um enorme árabe e um africano feroz que pareciam mais do que prontos para a briga!

O Valente sabia que isso queria dizer encrenca, mas... nem tanta assim. Olhou os intrusos desafiadoramente, sorrindo, e disse:

— E afinal quem é você?

— O nome é Marshall Hogan — disse Marshall a Kaseph. — Sou o redator do Clarim de *Ashton*... isto é, assim que prove às pessoas certas que ainda tenho direitos de proprietário. Mas pelo que entendo você e eu temos muito a ver um com o outro, e já era hora de nos conhecermos.

Eugene Baylor não estava gostando nem um pouco da cara da coisa, nem tampouco o estavam os outros. Estavam mudos, e alguns pareciam ratos assustados que não tinham para onde correr. Todos sabiam onde Hogan devia estar, mas agora, de súbito, chocantemente, ele estava no pior lugar possível: ali!

Os olhos do Valente assumiram um olhar fixo e gelado, e os demônios que o assistiam fortaleceram-se com o pensamento de que o Valente era invencível e diabolicamente esperto. Ele saberia o que fazer!

— Como chegou aqui?— perguntou Kaseph por todos os presentes.

— Tomei o elevador! — foi a resposta brusca de Marshall. — Mas agora eu tenho uma pergunta a lhe fazer. Quero a minha filha, e a quero sã e salva. Façamos um trato, Kaseph. Onde está ela?

Kaseph e o Valente apenas riram zombeteiros.

— Trato, diz você? Você, um mero homem, deseja fazer um trato comigo? — Kaseph lançou umas olhadelas laterais à sua equipe de advogados e acrescentou:

— Hogan, você não tem idéia do tipo de poder com que está tratando.

Os demônios também deram risadinhas abafadas. Sim, Hogan, ninguém pode se meter com o Valente! Natã e Armote não estavam rindo.

— Oh, não — disse Marshall. — É aí que você se engana. Sei, sim, com que tipo de poder estou lidando. Tive umas lições ótimas em todo este negócio, e umas boas palestras do meu amigo aqui.

Marshall abriu a porta e Hank entrou, juntamente com Krioni e Triskal, desta vez não sujeitos a ordens de manter a paz.

O Valente deu um pulo, o queixo pontudo caindo. Os demônios na sala começaram a tremer e tentaram esconder-se atrás das espadas.

— Calma, calma! — disse um dos advogados. — Eles nada são! Mas o Valente pôde sentir a presença do Senhor Deus entrar no aposento com esse homem. O demônio monarca sabia quem ele era.

— Busche! O homem de oração!

E Hank soube com quem se defrontava. O Espírito gritava muito alto no coração de Hank, e aquela cara...

— O Valente, presumo! — disse Hank.

Sandy perguntou novamente a Madeline:

— Madeline, aonde estamos indo? Por que está me agarrando tanto?

Madeline não respondia mas continuava a puxar Sandy cada vez mais para dentro do túnel. Os amigos de Madeline cercavam Sandy, e não pareciam nada bonzinhos ou delicados. Empurravam-na, agarrando-a, forçando-a a continuar. Suas unhas eram afiadas.

As pessoas em volta da mesa de conferência estavam chocadas e perplexas, encontrando-se de súbito na presença de hedionda criatura; jamais haviam visto expressão como essa no rosto de Kaseph, e jamais haviam ouvido uma voz tão malévola. Kaseph ergueu-se da cadeira, a respiração sibilando através dos dentes, os olhos esbugalhados, as costas arqueadas, os punhos fechados.

— Você não me pode derrotar, homem de oração! — berrou o Valente, e os demônios ao seu redor agarraram-se com temerária esperança a essas palavras. — Você não tem poder! Eu já o derrotei!

Marshall e Hank fincaram pé, inflexíveis. Já haviam-se defrontado com demônios antes. Isto nada tinha de novo ou de surpreendente.

Os advogados de Kaseph não conseguiam pensar em nada para dizer.

Marshall estendeu a mão e abriu a porta. Com a cabeça erguida e o rosto cheio de determinação, Susan Jacobson, a Serva, entrou no aposento, seguida pelo irado Kevin Weed, e mais quatro guardas bem altos. A sala estava ficando lotada e tensa.

— Olá, Alex — disse Susan.

Os olhos de Kaseph estavam cheios de choque e temor, mas ainda assim arquejou e tartamudeou:

— Quem é você? Não a conheço. Nunca a vi antes.

— Não diga nada, Alex — aconselhou-o um advogado. Hank adiantou-se. Era hora da batalha.

— Valente — disse Hank em voz firme e resoluta — em nome de Jesus, eu o repreendo! Repreendo-o e ato-o!

Madeline não a soltava! Suas mãos pareciam de aço gelado enquanto ela ia puxando Sandy. O túnel estava ficando escuro e frio.

— Madeline! — gritou Sandy. — Madeline, o que está fazendo? Por favor, solte-me!

Madeline mantinha o rosto voltado para a frente e não fitava Sandy. Tudo o que a mocinha podia ver eram os longos e caídos cabelos loiros. As mãos de Madeline eram duras e frias. Estavam machucando os pulsos de Sandy, os dedos cravados na carne.

Sandy gritou desesperada:

— Madeline! Madeline, por favor, pare! — De

súbito, os outros espíritos guias a comprimiram por todos os lados. Estavam prensando-a, e suas mãos de aço a feriam. — Por favor, não me está ouvindo? Faça-os parar!

Madeline voltou a cabeça afinal. Seu couro era cor-de-carvão e ressecado. Os olhos eram enormes globos amarelos. O queixo era como a queixada de um leão, e saliva pingava de suas presas. Um rosnado grave, gutural, rugiu-lhe da garganta.

Sandy gritou. De algum lugar nessa escuridão, nesse túnel, nesse nada, nesse estado alterado, nesse abismo de morte e engano, ela gritou da profundidade de sua alma torturada que morria.

Tal saltou da terra. Explodiu numa rajada de asas e luz. O chão ficou para trás e a cidade tornou-se um mapa lá embaixo, enquanto ele arremetia sobre Ashton qual cometa, perfurando as trevas espirituais como se fosse uma seta ardente, iluminando o vale todo como um prolongado relâmpago. Ele subiu, circulou; suas asas eram um borrão agitado de jóias.

A trombeta foi erguida aos lábios, e o chamado foi dado como uma onda de choque que fez tremer os céus. Ele ecoou através do vale, e voltou, e voltou, e voltou. Em onda após onda, ele rolou pelo chão, ensurdecendo os demônios, flutuando pelas ruas e rugindo pelas vielas, soando em cada ouvido em torrente após torrente de notas, cada vez mais altas e soando por mais tempo, e o ar pesado e parado foi despedaçado pelo som. Tal tocou e tocou enquanto voava sobre a cidade, as asas refulgindo, as vestes brilhando.

Chegara o momento.

O Valente calou-se de repente. Seus grandes olhos rolaram de um lado para outro.

— O que foi isso? — sibilou ele.

Os demônios que o cercavam estavam trêmulos e fitavam-no à procura de respostas, mas ele não tinha nenhuma.

Os oito guerreiros celestiais desembainharam as espadas. Era resposta suficiente.

Rafar berrou através de Langstrat:

— Eu estou falando aqui! Não prestem atenção a nada mais!

Os demônios tentaram prestar atenção novamente, como fizeram os médiuns que controlavam.

Pela fração de um momento, o aperto de Madeline se enfraqueceu. Mas apenas por um momento.

Mas todos sabiam que tinham ouvido algo.

Os guerreiros malignos na nuvem foram caindo continuamente sobre a cidade, mas agora seus olhos estavam ofuscados pelo aparecimento súbito de um único anjo traçando brilhantes riscos luminosos de um lado a outro do céu abaixo deles. E o que era essa trombeta horrivelmente alta? As forças celestiais já não estavam derrotadas? Atreviam-se a pensar que podiam possivelmente defender a cidade?

Subitamente pequenas explosões de luz apareceram por toda a cidade lá embaixo, clarões que não se dissiparam mas permaneceram e cresceram em brilho. Eles engrossaram e aumentaram em número e em densidade. A cidade estava em chamas; estava desaparecendo sob miríades de pequeninas luzes, tão numerosas quanto grãos de areia. Era de cegar!

Os berros lúgubres começaram no centro da nuvem e ondularam na direção das orlas através de

camada sobre camada de demônios:

— O Exército Celestial!

Gritos estrondosos começaram a soar no momento em que Tal pousou na sua colina e ergueu sua fulgurante espada bem alto acima da cabeça.

— Pelos santos de Deus e pelo Cordeiro!

Foi o que Tal bradou, foi o que Guilo bradou, foi o que miríades dos guerreiros celestiais bradaram, e toda a paisagem de um lado ao outro do vale, a cidade toda, e mesmo as colinas cobertas de matas que cercavam Ashton explodiram em brilhantes estrelas.

Dos prédios, ruas, vielas, esgotos, lagos, lagoas, veículos, salas, armários, escaninhos, frestas, árvores, moitas e todos os outros esconderijos imagináveis, estrelas chamejantes romperam o ar.

O Exército Celestial!

Sandy tremia, debatia-se. A coisa chamada Madeline se apoderara de seus braços; os outros espíritos lhe seguravam as pernas, o pescoço, o tronco. Eles a mordiam. De algum lugar, a voz do Elevado Senhor, Rafar, dizia:

— Leve-a, Madeline! Nós a temos! Não podemos fracassar agora. Sandy tentava sair do transe, do estado alterado, do pesadelo, mas não conseguia lembrar-se de como fazê-lo. Ela ouviu o tinido metálico de correntes. Não! NAAÃÃÃO...

— Não pode derrotar-me! — berrou o Valente, e seus demônios esperavam, ou melhor, desejavam que fosse verdade.

— Cale-se e saia dele! — ordenou Hank.

Suas palavras jogaram os demônios contra as paredes e atingiram o Valente como um soco.

Kaseph sibilou e cuspiu imprecações e obscenidades ao jovem ministro. Os diretores em torno da mesa estavam mudos; alguns se esconderam debaixo da mesa. Os advogados tentavam acalmar Kaseph.

— Quero a minha filha! — disse Marshall. — Onde está ela?

— Está tudo acabado — disse Susan. — Dei-lhes os documentos certos! A polícia federal está vindo para pegá-lo, e vou-lhes contar tudo!

De trás dos outros três, Kevin gritou:

— Kaseph, você acha que é tão durão, vamos sair ali fora e resolver isto de homem para homem!

A nuvem descendente de demônios e a bola de fogo ascendente de anjos principiaram a colidir nos céus acima de Ashton. Trovão começou a fender o céu em resposta ao terrível embate de forças espirituais. Espadas chamejavam, e uma saraivada de berros e gritos ecoava pelo céu. Os guerreiros celestiais ceifavam as fileiras demoníacas como borrões de foices. Os demônios principiaram a cair do céu como meteoros, rodopiando, esfumaçando, dissolvendo.

Tal, Guilo e o General dirigiram-se qual relâmpagos à faculdade, as espadas prontas, a cidade um borrão em baixo deles. Um regimento muito forte dos exércitos celestiais havia forçado passagem através do ataque demoníaco e começado a isolar o campus da faculdade. Logo haveria um dossel angélico sobre a faculdade dentro do dossel demoníaco sobre a cidade. A destruição das forças inimigas começaria ali.

— Eles já quase conseguiram conter o Valente! — gritou Guilo acima do rugido do vento e das asas.

— Encontre Sandy! — ordenou Tal. — Não há tempo a perder!

— O Valente fica por minha conta — disse o General.

— E logo Rafar conseguirá o que deseja — disse Tal.

Eles se espraiaram, arrojaram-se para diante com nova velocidade, e puseram-se a cortar caminho através dos demônios que ainda tentavam bloquear a faculdade. Os demônios guerreiros caiam sobre eles como avalanche, mas para Guilo aquilo era bom esporte. Tal e o General podiam ouvir suas vibrantes gargalhadas através do som dos baques da sua lâmina, que atravessava demônio após demônio.

O próprio Tal, sendo prêmio tão valioso para o demônio que o derrotasse, estava ocupado. Os mais horrorosos guerreiros vinham atrás dele, e não caíam facilmente. Ele deslizou de lado pelo ar, abateu um espírito com a espada, produziu uma nuvem com um rodopio e partiu o próximo guerreiro com a força de uma serra. Dois outros mergulharam sobre ele; ele arremeteu contra os dois, trespassou o primeiro ao passar por ele, agarrou a ponta de sua asa e rodopiou em torno dele num círculo apertado, chegando por trás do Outro, sua lâmina como uma bala. Eles sumiram numa nuvem de fumaça vermelha. Escorregando pelas garras de diversos outros, ele mergulhou em seguida e ziguezagueou na direção da faculdade, destroçando demônios na passagem. Podia ouvir Guilo ainda rugindo e rindo em alguma parte acima de seu ombro esquerdo.

A sala de conferência perdia rapidamente a atmosfera calma. Delores Pinckston estava perturbada.

— Eu sabia! Sabia! Sabia que estávamos nos enterrando demais!

— Hogan — disse Eugene Baylor — você está apenas blefando. Não tem nada.

— Tenho tudo e você sabe disso.

Kaseph estava começando a parecer muito doente.

— Saiam! Saiam daqui! Eu os matarei se não saírem!

Era esse o verdadeiro Kaseph que Marshall havia procurado todo aquele tempo? Era esse o implacável bandido oculto que controlava um tão vasto império internacional? Estava ele na realidade *com medo?*

— Você está frito, Kaseph! — disse Marshall.

— Você está derrotado, Valente! — disse Hank.

O Valente começou a tremer. Os demônios na sala podiam apenas encolher-se.

— Então, façamos um trato — ofereceu Marshall novamente. — Onde está a minha filha?

Brummel estava quase tendo uma síncope, e desejava realmente poder ter uma. Era horrível! Os outros estavam sentados à volta da sala ouvindo embevecidos essa besta falar através de Langstrat, e chegando ao ponto de saborear o que estava acontecendo a Sandy. Ela tremia e se sacudia na cadeira, gemendo, gritando, debatendo-se contra um assaltante invisível.

— Solte-me! — gritou ela. — Solte-me!

Seus olhos estavam muito abertos, mas o que ela via eram horrores indizíveis de outro mundo. Ela arfava, tentando respirar, pálida de terror.

Ela vai morrer, *Brummel! Eles vão matá-la!*

A criatura pesada, de olhos saltados, sentada na cadeira de Langstrat estava berrando numa voz que

fazia as entranhas de Brummel trepidarem.

— Você está perdida, Sandy Hogan! Está em nossas mãos agora! Você nos pertence, e somos a única realidade que conhece!

— Por favor, Deus — berrou ela. — Tire-me daqui, por favor!

— Venha conosco! Sua mãe fugiu, seu pai está morto! Ele se foi! Não pense mais nele! Você nos pertence!

O corpo de Sandy amoleceu na cadeira, como se ela tivesse sido baleada. De súbito, o desespero fez com que seu rosto se tornasse insensível.

Brummel não agüentou mais. Antes de ter tempo de perceber o que fazia, pulou da cadeira e correu até ela. Sacudindo-a delicadamente, ele tentou falar-lhe.

— Sandy! — implorou. — Sandy, não lhes dê ouvidos! É tudo mentira! Está-me ouvindo? Sandy não podia ouvi-lo.

Mas Rafar podia. Langstrat ergueu-se com um salto e berrou com Brummel na mesma voz profunda, demoníaca:

— Quieto, seu diabinho, e saia daí! Ela me pertence! Brummel ignorou-a.

— Sandy, não dê ouvidos a esse monstro mentiroso. É Alf Brummel quem está falando com você. Seu pai está bem.

A fúria de Rafar cresceu tanto que o corpo de Langstrat quase explodiu com a intensidade dela.

— Hogan está derrotado! Está na cadeia!

Brummel olhou bem nos olhos enlouquecidos de Langstrat, e de Rafar, e gritou:

— Marshall Hogan está livre! Hank Busche está

livre! Eu mesmo os soltei! Eles estão livres, e vêm para destruir vocês!

Rafar foi detido por um momento. Simplesmente não podia crer nos disparates desse fracote, desse insignificante fantoche que nunca havia agido de forma tão atrevida quanto agora. Mas estão Rafar ouviu uma risadinha abafada muito imprópria vindo de trás de Brummel, e viu uma cara familiar e zombeteira.

Lucius!

Tal e Guilo mergulharam rumo ao Prédio da Administração, mas de repente Tal se deteve bruscamente.

— Espere um pouco! O que é isso?

Lucius puxou a espada e disse:

— Você não é tão poderoso, Rafar! Seu plano fracassou, e sou o único e verdadeiro Príncipe de Ashton!

A espada de Rafar retiniu ao sair da bainha.

— Atreve-se a me enfrentar?

A espada de Rafar cortou os ares com uma rajada de vento, mas Lucius deteve a grande lâmina com a sua; a força do golpe quase o fez rolar.

Os muito demônios na sala ficaram assustados e confusos. Soltaram seus hospedeiros. O que era *isso?*

Kaseph estava indignado com seus advogados e chegou mesmo a dar alguns socos na direção deles.

— Parem com isso! Não me dirão o que hei de fazer! Este mundo é *meu!* Quem manda aqui sou *eu! Eu*

digo o que é e o que não é! Essa gente toda é um bando de idiotas e mentirosos, cada um deles!

Susan falou diretamente a Kaseph.

— Você, Alexander Kaseph, é responsável pelo assassínio de Patrícia Krueger e pela tentativa de assassínio da minha pessoa e do Sr. Weed aqui presente. Tenho muitas listas que o ajudei a compilar, listas de pessoas que acabaram mortas por ordem sua.

— Assassínio! — exclamou um dos diretores. — Sr. Kaseph, é verdade?

— Não responda — disse um advogado.

— Não! — berrou Kaseph.

Diversos outros diretores se entreolharam. A esta altura, conheciam Kaseph bem o suficiente. Não acreditaram nele.

— O que diz, Kaseph? — perguntou Marshall sombriamente.

O Valente desejava de todo o coração maligno investir sobre esse cão de caça atrevido e dar cabo dele, e era o que teria feito, com guardas ou sem guardas, se não fosse por aquele horroroso homem de oração que lhe barrava o caminho.

Langstrat dirigiu-se como um leão na direção de Brummel, enquanto muitos dos médiuns, tendo perdido seus espíritos guias, saíram dos transes a fim de ver o que cargas d'água havia acontecido.

— Acabarei com você por esta traição! — sibilou ela a Brummel.

— O que é isto? — exigiu Oliver Young. — Vocês dois ficaram loucos?

Brummel fincou o pé e apontou um dedo trêmulo

a Langstrat.

— Não mandará mais em mim. Este plano não dará certo para a sua glória. Não o permitirei!

— Cale-se, seu idiota! — ordenou Langstrat.

— Não! — gritou Brummel, instigado pelo endoidecido e atrevido Lucius. — O Plano está condenado. Fracassou, como eu sabia que fracassaria.

— E *você* está condenado, Rafar! — gritou Lucius, desviando-se das investidas letais da espada de Rafar. — Está ouvindo a batalha lá fora? Os Exércitos Celestiais estão por toda a parte!

— Traição! — sibilou Rafar. — Pagará por sua traição!

— Traição! — gritaram alguns demônios.

— Não, Lucius fala a verdade! — gritaram outros em resposta.

Sandy forçou-se a olhar naqueles malignos olhos amarelos e implorou:

— O que... o que lhe aconteceu, Madeline? Por que mudou? Madeline apenas cacarejou e respondeu:

— Não acredite no que vê. O que é o mal? Nada mais que ilusão. O que é a dor? Nada mais que ilusão. O que é o medo? Nada mais que ilusão.

— Mas você mentiu para mim! Enganou-me!

— Jamais fui diferente do que sou. Foi você quem enganou a si mesma.

— O que vai fazer?

— Vou libertá-la.

No exato momento em que Madeline proferiu essas palavras, os braços de Sandy caíram subitamente puxados por peso tão enorme que ela quase foi ao chão.

Correntes! Elo após elo de correntes brilhantes e pesadas, penduradas à volta de seus pulsos e braços. Mãos retorcidas envolviam-na rapidamente. Os elos frios e contundentes batiam contra as suas pernas, seu corpo, seu pescoço. Ela já não podia debater-se. Tentou gritar, mas seu fôlego se fora.

— Agora você está livre! — disse Madeline exultante.

Brummel começou a falar por si.

— As autoridades... o procurador geral do estado... Justin Parker. .. a polícia federal! Eles sabem de tudo!

— O quê? — gritaram alguns médiuns, pulando das cadeiras. Começaram a fazer perguntas, a entrar em pânico.

Young tentava manter a ordem, mas não estava conseguindo.

Rafar soltou Langstrat a fim de melhor poder cuidar desse presunçoso traidor.

Langstrat saiu bruscamente do transe e sentiu a energia psíquica na sala debandando.

— Voltem aos seus lugares, todos! — gritou ela. — Não cumprimos o nosso propósito aqui! — Ela fechou os olhos e chamou:

— Rafar, por favor, volte! Promova ordem!

Mas Rafar estava ocupado. Lucius era menor, mas era muito rápido e muito decidido. As duas espadas relampejavam pela sala como fogos de artifício, queimando e retinindo. Lucius esvoaçava em torno da cabeça de Rafar como um marimbondo irritante, investindo, girando e retalhando. A sala toda encheu-se das asas rodopiantes de Rafar e das explosões de seus arquejos, e sua grande espada traçava labaredas rubras no ar.

— Traidor! — berrou Rafar. — Eu o despedaçarei!

Langstrat moveu-se na direção de Brummel com olhos tresloucados.

— Traidor! Eu o despedaçarei!

— Não — murmurou Brummel com os olhos esbugalhados, a mão indo ao lado.

— Não desta vez... não mais! Young gritou com os dois:

— Parem com isso! Não sabem o que estão fazendo!

Os demônios dividiam-se em facções.

— O Príncipe Lucius fala a verdade! — diziam alguns. — Rafar nos levou à ruína!

— Não, é Lucius quem está ajudando o inimigo!

— Vocês é que estão fazendo isso, mas nós salvaremos a nossa pele!

Outras espadas rebrilharam à vista.

Rafar sabia que estava perdendo o controle.

— Tolos! — rugiu ele. — Isto é um truque do Inimigo! Ele está tentando nos dividir!

Bastou apenas aquele breve instante em que os olhos de Rafar se fixaram na briga de seus demônios e não na espada de Lucius.

Bastou apenas aquele único momento de terror para Brummel se descontrolar. Ele apontou o revólver policial para a furiosa Langstrat.

A lâmina de Lucius cantou pelo ar e deslizou logo abaixo da espada do adversário. A ponta penetrou profundamente no couro de Rafar e abriu seu flanco com um corte profundo, borbotoante.

Langstrat fez um único movimento errado e a bala entrou-lhe com um baque no peito.

Na sala de conferência, todos ouviram o tiro. Numa fração de segundos, Marshall estava no corredor.

41

Berenice saltou do seu lugar na escada da frente. Era Eldon Strachan com o próprio Norm Mattily, e Justin Parker, e aquele tinha de ser Al Lemley, e os três sujeitos trajando belos ternos tinham de ser do FBI! Oh, e lá vinha Harvey Cole com uma pilha de papéis debaixo do braço. Ela correu até eles, os olhos enegrecidos cheios de excitação.

— Olá! Vocês conseguiram!

Os olhos de Norm Mattily se arregalaram.

— O que aconteceu? Você está bem? Berenice

pagara caro esses ferimentos; ia usá-los.

— Não, não, fui atacada! Por favor, corram lá dentro! Algo terrível está acontecendo!

Todos aqueles sujeitos importantes entraram correndo no prédio com sério propósito nos olhos e revólveres nas mãos.

Tal vira o suficiente. Gritando uma ordem a Guilo:

— Entre! — ele arremeteu para fora do prédio a fim de trazer reforços.

Fumaça e piche vermelho jorravam do lado de Rafar, mas sua fúria significava ruína certa para o rebelde Lucius. A luz de mil anjos brilhou através das janelas. Eles estariam na sala num instante, mas esse era todo o tempo de que Rafar precisava. Ele agitou a espada do tamanho de uma tábua em círculos furiosos acima da cabeça. Abaixou-a em golpe após golpe sobre Lucius enquanto a pequena espada do demônio desafiador aparava cada golpe com grande alarido e uma chuva de faíscas.

O estrondear das asas dos anjos no lado de fora tornou-se mais e mais alto. O chão e as paredes reverberavam com o barulho.

Rafar soltou um rugido e baixou a lâmina perpendicularmente. Lucius bloqueou o golpe, mas caiu debaixo da força dele. A lâmina cortou o ar num círculo plano e apanhou Lucius debaixo do braço. O braço saiu rodopiando pelo espaço, e Lucius gritou. A lâmina baixou de novo, passando em linha reta pela cabeça, ombros e torso de Lucius. O ar encheu-se de fervilhante fumaça vermelha.

Lucius desapareceu.

— Mate a menina! — gritou Rafar a Madeline.

Madeline tirou uma faca horrorosa, torta.

Colocou-a com delicadeza na mão de Sandy.

— Essas correntes são as correntes da vida; são uma prisão de maldade, da mente mentirosa, da ilusão! Liberte seu verdadeiro eu! Junte-se a mim!

Shawn estava com a faca pronta. Ele a colocou na mão da moça mergulhada no transe.

Rafar, cambaleando, passou por uma parede no exato momento em que a luz de um milhão de sóis explodiu no aposento com o ensurdecedor trovão de asas e os gritos de guerra do Exército Celestial.

Muitos demônios tentaram fugir, mas foram desintegrados no mesmo instante pelo golpe cortante das espadas. O aposento todo era um borrão enorme, bombástico, brilhante. O rugir das asas encobria qualquer outro som exceto o dos gritos dos espíritos que caíam.

Kaseph saltou da cadeira e caiu sobre a mesa. Os diretores e advogados se encolheram e encostaram-se às paredes. Alguns rumaram à outra porta da sala.

Hank, Susan e Kevin observavam a uma distância segura. Sabiam o que estava acontecendo.

O rosto de Kaseph parecia insensibilizado pela morte e a boca abriu-se quando o mais horrendo berro saiu de dentro dele.

O Valente estava face a face com o General. Seus demônios haviam sumido, levados por avassaladora maré de anjos que ainda rugiam pela sala qual avalanche. A espada do General se movia mais depressa do que o pesado Valente podia mesmo antecipar. O Valente rebateu os golpes, berrando, retalhando,

girando. O General simplesmente continuava a atacá-lo.

Marshall estava no corredor, à escuta de qualquer perturbação. Achou ter ouvido um rebuliço adiante no corredor.

Sandy ainda segurava a faca, mas agora Madeline hesitava e olhava frenética ao seu redor. As correntes ainda prendiam Sandy com força, um casulo de ferro.

Guilo viu as correntes muito apertadas em torno de Sandy, o horrível cativeiro demoníaco que eles haviam usado para escravizá-la.

— Basta! — gritou ele.

Erguendo a espada acima da cabeça, ele a baixou, deixando um rasto largo de luz brilhante. A ponta passou através das muitas voltas daquelas correntes como uma série de pequenas explosões. As correntes se arrebentaram para fora e para longe, contorcendo-se como cobras cortadas ao meio.

O grande punho de Guilo fechou-se no pescoço medonho de Madeline. Ele a sacudiu para trás, girou-a e cortou-a em pedacinhos evanescentes.

Sandy sentiu-se rodopiando, depois impelida para cima como se fosse um foguete num elevador. Seus ouvidos começaram a registrar sons. Ela conseguia sentir novamente seu corpo físico. Luz registrou-se em sua retina. Ela abriu os olhos. Uma faca caiu-lhe das mãos.

Caos reinava na sala. Havia gente gritando, correndo de um lado para o outro, tentando acalmar os outros, brigando, discutindo, tentando escapar da sala; diversos homens estavam forçando Alf Brummel ao chão. Havia uma névoa de fumaça azulada e um cheiro

forte como o de fogos de artifício.

A professora Langstrat estava deitada no chão e diversas pessoas se amontoavam em cima dela. Havia sangue!

Alguém a agarrou. Não de novo! Ela olhou e viu Shawn segurando-lhe o braço. Ele estava tentando confortá-la, tentando mantê-la na cadeira.

O monstro! O enganador! O mentiroso!

— Solte-me! — berrou ela, mas ele não soltou.

Ela socou-lhe o rosto, e em seguida escapou dele. Pondo-se de pé em um salto, ela correu rumo à porta, dando encontrões com diversas pessoas e pisando em outras. Ele a seguiu, chamando-lhe pelo nome.

Ela explodiu pela porta e tropeçou no corredor. De algum lugar lá adiante, ouviu uma voz conhecida gritando seu nome. Ela berrou e correu na direção da voz.

Shawn foi atrás de Sandy. Ele tinha de segurar aquela mulher antes que todo o controle fosse pelos ares.

O quê! Diante dele, enchendo todo o corredor com suas asas faiscantes estava o mais apavorante ser que ele jamais vira, apontando uma terrível espada chamejante ao seu coração. Shawn deteve-se bruscamente, os sapatos escorregando no chão.

Marshall Hogan apareceu subitamente, atravessando a correr aquele ser. Um enorme punho atingiu o queixo de Shawn, e a questão foi resolvida.

— Venha, Sandy — disse Marshall — desceremos pela escada!

Rafar, em algum lugar dentro do prédio sitiado, vacilante, sabia que tinha de escapar. Tentou mover as

asas. Elas apenas estremeceram. Precisava acumular forças. Não podia ser derrotado na presença desses guerreiros insignificantes; não iria para o abismo!

Caindo sobre um dos joelhos, as mãos segurando o lado que se esvaía, ele deixou sua fúria crescer no íntimo. Tal! Era tudo culpa de Tal! Não, esperto capitão, não ganhará sua vitória desta forma!

Os olhos amarelos queimaram com novo fogo. Ele tentou novamente. Dessa vez, as asas se moveram e se agitaram num torvelinho indistinto. Rafar segurou com força a espada e voltou os olhos ao céu. As asas se enfunaram com poder e começaram a erguê-lo através do prédio, cada vez mais depressa, até ele ser arrojado pelo teto a céu aberto... e encontrar-se face a face com o mesmo capitão que tantas vezes havia insultado e desafiado.

Em volta a batalha ardia em fúria; demônios, e a grande vitória de Rafar, caiam como chuva fumacenta e ardente do céu. Mas por um momento breve de espanto e horror mútuo, Tal e Rafar permaneceram paralisados.

Haviam-se encontrado afinal! E nem um dos dois podia evitar o amortecimento trazido pelas lembranças que tinha do outro. Nenhum se lembrava de que o outro tinha aparência tão feroz.

E nenhum podia estar absolutamente certo de que venceria.

Rafar arremeteu de um lado, e Tal preparou-se para o golpe, mas... Rafar estava fugindo! Ele se lançou pelo céu como um pássaro sangrando, deixando um rasto de emanação e vapor.

Tal seguiu-o, as asas céleres, arrojando-se através de demônios caindo e anjos atacando, olhando bem adiante através da furiosa agitação da batalha cujo fragor e trovejar o cercava. Lá! Ele divisou o demônio comandante mergulhando na direção da cidade. Seria

difícil encontrá-lo naquele labirinto de prédios, ruas e vielas. Tal aumentou a velocidade e diminuiu a distância. Rafar devia tê-lo visto surgindo por trás; o príncipe maligno arremeteu adiante com surpreendente velocidade e depois deixou-se cair súbita e perpendicularmente na direção de um prédio de escritórios.

Tal viu-o desaparecer através do teto do prédio e mergulhou atrás dele. O negro teto coberto de piche veio em sua direção, crescendo num instante do tamanho de um selo a mais do que o olho podia ver. Tal se lançou através dele.

Teto, cômodo, piso, cômodo, então erguer-se, passar por um corredor, atravessar uma parede, subir novamente, voltar, seguir a fumaça, atravessar um escritório, seguir parede acima, mergulhar por um piso, arrojar-se adiante, as paredes passando esbofeteando, esbofeteando, esbofeteando os olhos e ficando para trás como vagões disparados de um trem de carga.

Um fumacento míssil preto seguido por chamejante cometa vermelho rugiram corredor abaixo, através de diversos andares, subiram novamente, passando através do escritório e por cima de todas as mesas, elevando-se através dos painéis do teto, através do teto e saindo a céu aberto de novo.

Rafar arremetia, arrojava-se, descrevia círculos, ziguezagueava através de demônios cadentes, voltando atrás, desviando-se por ruas secundárias, mas Tal o seguia de perto e acompanhava cada volta com perfeição.

Por quanto tempo mais poderia aquele demônio que sangrava manter essa corrida?

A outra porta da sala de conferência abriu-se de chofre e o corpo de Alexander Kaseph rolou pelo chão do corredor. Estava nauseado e berrava.

O General brandia a espada contra o Valente vez após vez, enfraquecendo-o, cortando-o cada vez mais freqüentemente enquanto o Valente continuava a perder as forças.

— Não me derrotará! — ainda gabava-se ele, e o mesmo fazia Kaseph, mas a gabolice era vazia e fútil. Do Valente jorravam vapor vermelho e piche como de uma peneira miserável e quebrada. Seus olhos estavam cheios de maldade e ódio e ele retalhava com a grande espada, mas as orações...! As orações estavam-se fazendo sentir por toda a parte, e o General não podia ser derrotado.

Berenice reuniu seu grupo de vindicadores no saguão inferior, e tentava descobrir por onde começar a explicar tudo, quando Marshall e Sandy explodiram pela porta que saía das escadas.

— Subam depressa! — gritou Marshall, segurando a filha chorosa. — Alguém foi baleado!

Os agentes da polícia federal, com Lemley, entraram imediatamente em ação.

— Chamem a polícia! Isolaremos o prédio! Berenice comentou:

— Estou vendo alguns tiras lá fora...

A polícia tinha vindo apenas em resposta a um chamado acerca dos fanáticos religiosos reunidos no campus. Estavam tentado debandar o pessoal quando Norm Mattily e um agente da polícia federal correram até eles, identificaram-se e ordenaram-lhes que isolassem o prédio.

Os homens de Brummel não eram tolos. Obedeceram.

Rafar arremeteu e serpeou por todo o céu, ainda deixando um rasto de fumaça vermelha provindo do ferimento. Com esse indício revelador era fácil segui-lo, e Tal mantinha implacável perseguição. Rafar voou rumo a um enorme depósito a diversos quarteirões de distância.

Ele se arrojou pela parede de fora mais ou menos na altura do terceiro andar, e Tal mergulhou no prédio atrás dele. Esse andar era aberto, sem lugar para esconder; Rafar mergulhou imediatamente a um andar inferior, e Tal seguiu o rasto de fumaça. Os pisos de concreto cinzento subiam ao encontro deles.

Tal saiu no primeiro andar e pôde ver o rasto de fumaça desviando-se para um lado e retorcendo-se através de uma parede distante. Ele se arrojou atrás da fumaça. A parede bateu em torno dele quando a atravessou.

Cravado!

Um gume ardente cortou seu lado. Ele rodopiou e rodopiou com o impacto e a espada lhe voou da mão. O anjo caiu ao chão, dobrado de dor.

Lá estava Rafar, curvado e ferido, as costas contra a parede que Tal acabara de atravessar. Havia esperado de tocaia. A ponta de sua horrível espada ainda estava envolta em parte da túnica de Tal.

Não dava tempo de pensar! Não dava tempo de sentir dor! Tal mergulhou atrás da espada caída.

Craque! A espada de Rafar caiu com uma chuva de faíscas. Tal rolou e adejou, desviando-se. A grande espada vermelha cortou o ar novamente, e o gume afiado assobiou logo acima da cabeça de Tal. Tal bateu as asas e com um movimento brusco lateral desviou-se alguns metros.

Tchuiiiimm! A horrível espada retalhou o ar com brilhantes traços vermelhos. Os olhos de Rafar passaram de amarelos a vermelhos, sua boca borbulhava com espuma pútrida.

As enormes asas rugiram e Rafar atacou Tal com o bote de um gato. Seu poderoso braço ergueu a lâmina para golpear de novo.

Tal arremeteu para a frente e mergulhou abaixo do braço erguido de Rafar, metendo a cabeça no peito do adversário. O enxofre explodiu dos enormes pulmões enquanto Tal rodopiava em torno do corpo de Rafar e além da ponta da lâmina vermelha enquanto ela retalhava o ar.

Era disso que Tal precisava: estava agora entre Rafar e sua espada caída. Ele mergulhou atrás dela, agarrou-a e voltou-se.

Clangor! A lâmina infernal desceu sobre a espada de Tal com um relâmpago chamejante. Eles se defrontaram, espadas erguidas em prontidão. Rafar sorria.

— Então, Capitão do Exército, estamos juntos, só os dois, e em pé de igualdade. Eu estou ferido, você está ferido. Trocaremos golpes por outros vinte e três dias? Terminaremos muito antes disso, hein?

Tal nada disse. Era assim que Rafar agia; palavras cortantes faziam parte de sua estratégia.

As espadas entrechocaram-se vez após vez. Uma coberta de escuridão principiou a encher o aposento: o mal rastejante, crescente de Rafar.

— A luz está-se apagando? — zombou Rafar. — Talvez seja a sua *força* que vemos sumindo agora!

Santos de Deus, onde estão as suas orações?

Outro golpe! O ombro de Tal. Ele o devolveu com

uma repassada que apanhou Rafar abaixo das costelas. O ar se estava enchendo de trevas, com vapor e fumaça vermelhos.

Diversos outros choques das lâminas chamejantes... abrindo pele, rasgando vestes, mais escuridão.

Santos! Orem! OREM!

Quando os policiais chegaram ao terceiro andar, acharam primeiro que Kaseph era a vítima do tiro. Descobriram que estavam enganados quando esse animal selvagem atirou-os longe como se não pesassem nada.

— Não podem derrotar-me! — berrou.

O General retalhou o Valente, e ele berrou novamente. As espadas se entrechocavam e soltavam labaredas.

— Não pode derrotar-me!

A polícia apontou. O que ia esse maluco fazer a seguir?

Hank gritou:

— Não, cuidado! Não é ele!

Eles não entenderam patavina do que ele disse. Hank adiantou-se e tentou mais uma vez:

— Valente, sei que pode ouvir-me. Está derrotado, sim. O sangue derramado por Jesus o derrotou. Cale-se e saia dele e suma desta região!

Agora a polícia estava apontando as armas para *Hank!*

Mas o Valente já não agüentava as repreensões do homem de oração. Ele murchou. Sua espada caiu. O General deu uma repassada com sua lâmina refulgente, e o Valente desapareceu.

Kaseph caiu ao chão e ficou como morto. Os advogados e os diretores gritaram da sala de conferência:

— Não atirem! — e saíram com as mãos ao alto quer tivessem recebido ordem para fazê-lo, quer não. A polícia ainda não sabia a quem prender.

— Aqui dentro! — gritou alguém da sala dos professores. A polícia correu lá e encontrou o deplorável desastre que Alf Brummel havia feito, e Juleen Langstrat morrendo.

42

Zap! A espada de Rafar arrancou uma ponta da asa de Tal. Tal continuava arremetendo e desviando, negaceando e gingando, e picou o ombro e a coxa de Rafar. O ar estava repleto do mau cheiro de enxofre; a maligna escuridão era espessa como fumaça.

— O Senhor te repreenda! — gritou Tal. Clangor! Rasgão!

— Onde está o Senhor? — zombou Rafar. — Não o estou vendo! Tchuiiiimm!

Tal gritou de dor. Sua mão esquerda pendia inutilizada.

— Senhor Deus — bradou Tal — o nome dele é Rafar! Conte-lhes!

O Remanescente já não orava muito agora; em vez

disso, observavam todo o rebuliço e a polícia a correr, entrando e saindo do Prédio da Administração.

— Puxa vida! — disse John Coleman. — O Senhor está realmente respondendo às nossas orações!

— Louvado seja o Senhor! — replicou Andy. — Serve para mostrar. .. Edith! Edith, o que há?

Edith Duster caiu de joelhos. Estava pálida. Os santos a rodearam.

— Devemos chamar uma ambulância? — perguntou alguém.

— Não! Não! — gritou Edith. — Conheço esta sensação. Já a tive antes. O Senhor está tentando falar comigo!

— O quê? — perguntou Andy. — O que é?

— Bem, parem de tagarelar e deixem-me orar que lhes contarei! Edith começou a chorar.

— Há um espírito maligno por aí — gritou ela. — Está causando grande dano. Seu nome é... Rafael... Rafin...

Bobby Corsi falou. — Rafar!

Edith fitou-o com olhos arregalados.

— Sim! Sim! Esse é o nome que o Senhor está-me transmitindo!

— Rafar! — disse Bobby outra vez. — É o chefão!

Tal podia apenas afastar-se do temível ataque do demônio príncipe, sua mão ativa ainda segurando a espada em defesa. Rafar continuava a brandir e a retalhar, as fagulhas voando das lâminas ao se chocarem. O braço de Tal abaixava mais a cada golpe.

— O Senhor. .. te repreenda! — encontrou o anjo

fôlego para repetir.

Edith Duster estava em pé e pronta a gritá-lo aos céus.

— Rafar, seu perverso príncipe do mal, em nome de Jesus nós o repreendemos!

A lâmina de Rafar zuniu acima da cabeça de Tal. Não acertou.

— Nós o atamos! — gritou o Remanescente.

Os grandes olhos amarelos estremeceram.

— Nós o expulsamos! — disse Andy.

Surgiu um tufo de enxofre, e Rafar dobrou-se ao meio. Tal ergueu-se de um salto.

— Nós o repreendemos, Rafar! — gritou Edith novamente.

Rafar berrou. A lâmina de Tal o havia rasgado.

A grande lâmina vermelha desceu com clangor contra a de Tal, mas a espada angelical cantava com nova ressonância. Cortava o ar em arcos flamejantes. Com a mão boa, Tal brandia, retalhava, cortava, empurrando Rafar para trás. Os olhos ardentes destilavam, a espuma borbulhava pela boca e efervescia pelo peito, o fôlego amarelo se tornara um tom escuro de

carmesim.

Então, com uma horrível estocada movida pela fúria, a enorme espada vermelha veio chiando pelo ar. Tal revirou para trás como se fosse um brinquedo de pano jogado. Caiu ao chão atordoado, a cabeça girando, o corpo encharcado de dor abrasadora. Não se podia mover. Sua força se fora.

Onde estava Rafar? Onde estava a lâmina? Tal tentou voltar a cabeça. Esforçou-se por enxergar. Aquele era o seu inimigo? Aquele era Rafar?

Através do vapor e da escuridão, ele podia ver o vulto danificado de Rafar oscilando qual grande árvore ao vento. O demônio não se movia, não atacava. Quanto à espada, a enorme mão ainda a segurava, mas a arma agora pendia inerte, a ponta descansando no chão. Os fôlegos vinham em longos e lentos chiados. As narinas expeliam nuvens vermelho-escuras. Aqueles olhos, aqueles olhos cheios de ódio, eram como enormes e ardentes rubis.

O queixo, pingando e espumando, tremeu ao abrir-se, e as palavras gorgolejaram através do piche e da espuma.

— Se... não... fosse... pela... oração dos seus santos! Se não fossem os seus santos...!

A grande fera oscilou para a frente. Deixou escapar um último suspiro sibilante, e caiu com um baque surdo ao chão numa nuvem de vermelho.

E houve silêncio.

Tal não conseguia respirar. Não podia se mexer. Tudo o que podia ver era o vapor vermelho espalhando-se ao longo do chão como fina névoa e a escuridão que cercava aquele corpo enorme.

Mas... sim. Em algum lugar os santos oravam. Ele podia sentir. Estava sarando.

O que era aquilo? De algum lugar a doce música chegou até ele. Acalmou-o. Adoração. O nome de Jesus.

Erguendo a cabeça do chão, ele deixou que seus olhos explorassem o frio aposento de concreto. Rafar, o poderoso, detestável Príncipe da Babilônia, se fora. Nada restava além de uma nuvem de escuridão que se desvanecia. Acima da nuvem de escuridão a luz vinha penetrando, quase como uma aurora.

Ele ainda ouvia a música. Ela ecoava através dos seres celestiais, purificando-os, limpando a escuridão com a luz santa de Deus.

E seu coração foi o primeiro a lhe dizer: Você venceu... pelos santos de Deus e pelo Cordeiro.

Você venceu!

A luz aumentou cada vez mais, florescendo, enchendo o aposento, e a escuridão continuava a encolher e a recuar e a se desvanecer. Agora Tal podia ver a luz entrando pela janela. A luz do sol? Sim.

O Exército Celestial? Sim!

Tal ergueu-se com esforço e esperou até sentir mais forças. Elas chegaram. Ele deu um passo. Seu andar tornou-se firme e estável. Então, como o desfraldar de seda tecida em fulgurantes diamantes, ele estendeu as asas, dobra a dobra, centímetro a centímetro. Elas brotaram de seus ombros e costas, e ele deixou que se fortalecessem.

Respirando fundo, ele tomou o cabo da espada nas duas mãos, segurou-a à frente, e as asas assumiram o comando. Ele estava nos ares, subindo no céu fresco banhado de luz, olhando diretamente para cima sem ver nenhuma escuridão, nenhuma opressão, nenhuma nuvem.

O que viu foi luz: luz do Exército Celestial que varria o céu de um lado a outro até que ele ficasse

límpido. O ar era tão fresco, os odores tão limpos.

Ele singrou acima da cidadezinha e voltou à faculdade bem em tempo de ver as muitas luzes piscando nas viaturas policiais e as ambulâncias e os carros oficiais estacionados por toda a parte.

Onde estava Guilo? Oh, onde estava aquele barulhento Guilo?

— Capitão Tal! — veio o brado, e Tal deixou-se cair rumo ao prédio Ames Hall onde seu corpulento amigo o aguardava com um abraço de quebrar costelas.

— Com certeza a batalha terminou? — rugiu Guilo feliz.

— Terminou? — quis saber Tal.

Ele olhou em redor a fim de se certificar. Sim, muito ao longe podia ver os últimos resquícios em fuga da nuvem espalhando-se em todas as direções, banidos pelas forças celestiais. O céu era de um azul muito lindo. Abaixo deles, Tal podia ver o Remanescente fiel ainda cantando e dando vivas. Parecia que a polícia estava fazendo uma limpeza final.

Norm Mattily, Justin Parker e Al Lemley amontoavam-se em torno de Berenice e sua nova amiga.

— Bem, minha gente — disse Berenice — gostaria de apresentar-lhes Susan Jacobson. Ela tem muita coisa a lhes mostrar!

Norm Mattily apertou a mão de Susan e disse:

— Você é uma mulher muito corajosa.

Susan pôde apenas apontar para Berenice através de lágrimas de alívio e dizer:

— Sr. Mattily, olhe bem ali. Está vendo a coragem personificada.

Berenice olhou para a maca que dois enfermeiros tiravam do prédio. Juleen Langstrat estava coberta por um lençol branco. Atrás da maca ia Alf Brummel, algemado e escoltado por dois de seus próprios agentes.

Atrás de Brummel vinha o número um, Alexander M. Kaseph. Susan fitou-o por bom tempo, mas ele não ergueu o olhar. Entrou na viatura da polícia com um agente federal sem dizer palavra.

Hank e Mary estavam-se abraçando e chorando, pois tudo terminara... e contudo estava apenas começando. Olhe todos esses santos acesos! Aleluia! O que Deus podia fazer com um grupo desses!

Marshall segurava Sandy como se nunca a tivesse abraçado antes. Ambos haviam perdido a conta de quantas vezes pediram desculpas um ao outro. Tudo o que desejavam fazer agora era pôr em dia muito amor perdido.

E então. .. o que era isso, algum tipo de conto de fadas? Esqueça as dúvidas e esqueça as perguntas, Hogan, é mesmo *Kate* vindo em sua direção! O rosto dela resplandecia, e, puxa, que visão bonita!

Os três ficaram agarrados uns aos outros, e as lágrimas caíram em cima de todos.

— Marshall — disse Kate com lacrimejante estouvamento — não consegui ficar longe. Ouvi dizer que você foi preso.'

— Ora — disse Marshall, dando-lhe um aperto amoroso — de que outra forma Deus ia conseguir a minha atenção?

Kate achegou-se mais a ele e disse:

— Puxa, isso parece promissor!

— Espere só até eu lhe contar o que aconteceu. Kate olhou ao redor para as pessoas e atividade.

— É este o fim do seu... grande projeto?

Ele sorriu, abraçou as suas duas garotas favoritas, e disse:

— É, sim. Pode apostar que sim!

O General tocou o ombro de Tal. Ele olhou e viu a grande trombeta dourada na mão do General.

— Bem, capitão — disse o anjo de cabelos prateados — quer dar-nos a honra? Dê o toque de vitória!

Tal tomou a trombeta e descobriu que não podia vê-la através de súbito jorro de lágrimas. Ele baixou o olhar a todos aqueles santos de oração e àquele pastorzinho de oração.

— Eles... eles jamais saberão o que fizeram — disse. Então, respirou a fim de moderar-se e voltou-se ao velho companheiro de armas. — Guilo, que tal você? — Empurrou a trombeta na direção do anjo grande.

Guilo relutou. — Capitão Tal, é sempre o senhor quem dá o toque de vitória. Tal sorriu, deu a trombeta a Guilo, e sentou-se ali mesmo no teto.

— Caro amigo... estou cansado demais.

Guilo remoeu aquilo um breve momento, e a seguir pôs-se a soltar gargalhadas, depois bateu nas costas de Tal e singrou pelos ares.

O sinal da vitória soou alto e claro, e Guilo até precipitou-se para cima num apertado rodopio para causar efeito.

— Ele adora fazer isso! — disse Tal.

O General riu.

Assim, Hank ficou com Mary e sua igrejinha renascida; Marshall ficou com a família novamente reunida, pronta para consertar as coisas; Susan e Kevin estariam ocupados por algum tempo como testemunhas da promotoria; Berenice calculou que Marshall lhe permitiria cobrir a história até o final.

Mas Berenice ficou ali, machucada e exausta, sentindo-se muito separada, distante desse bando feliz. Alegrava-se por eles, e seu lado profissional, preocupado com o bem público fazia esse papel muito bem. Mas o resto dela, a verdadeira Berenice, não podia dispersar com um sorriso aquele mesmo antigo peso de profunda tristeza que havia sido seu mais íntimo companheiro por tanto tempo.

E agora ela sentia saudades de Pat. Talvez fosse o mistério de sua morte e a obsessão em encontrar as respostas que tivessem mantido Pat viva em seu coração por tanto tempo. Agora não havia nada que adiasse aquele último passo que Berenice jamais conseguira dar: dizer adeus.

E lá estava o estranho anelo no fundo do seu coração, algo que jamais sentira antes de encontrar aquela estranha mocinha, Betsy; será que havia realmente sido tocada por Deus de alguma forma? Se tivesse sido, o que deveria fazer a respeito?

Ela começou a andar. O céu estava vivo de novo, o ar cálido, o campus quieto. Talvez uma caminhada ao longo dos passeios de tijolo vermelho a acalmasse e ajudasse a pensar, ajudasse a encontrar o sentido de tudo o que estava acontecendo ao seu redor e dentro de si.

Ela se deteve embaixo de um grande carvalho, pensou em Pat, pensou em sua própria vida e o que iria fazer com ela, e então permitiu-se chorar. Achou que talvez devesse orar. "Querido Deus", sussurrou, mas então não conseguiu pensar em nada para dizer.

Tal e o General estavam avaliando a situação abaixo deles.

— Eu diria que esse negócio todo deixou a cidade em petição de miséria — disse o General.

Tal assentiu com a cabeça.

— A faculdade não será a mesma por muito tempo, com a investigação pelas autoridades estaduais e federais, sem falar no dinheiro que terá de ser achado.

— E então, temos um bom contingente para colocar a cidade nos eixos novamente?

— Estão-se reunindo para isso agora. Enquanto isso, Krioni e Tris-kal permanecerão com Busche; Natã e Armote ficarão com Hogan. A família de Hogan terá uma boa igreja onde poderá ser curada, e

— Tal notou de súbito uma figura abatida, sozinha, no outro lado do campus. — Espere —. Ele chamou a atenção de um anjo em particular. — Lá está ela. Não a deixemos escapar.

Berenice finalmente conseguiu pensar em uma sentença para orar. "Querido Deus, não sei o que fazer."

Hank *Busche.* O nome surgiu em sua cabeça. Ela voltou o olhar ao Prédio da Administração. O pastor e seu povo ainda estavam lá.

Sabe, disse uma voz dentro dela, não *faria mal* conversar *com* aquele *homem.*

Ela olhou para Hank Busche, e depois para toda aquela gente que parecia tão feliz, tão em paz.

Você esteve clamando por Deus. Bem, talvez *esse* pregador *possa* apresentá-la a ele de uma vez por *todas.*

Ele bem que fez algo por Marshall, pensou

Berenice.

Há algo Já atrás de que *você* precisa, *mocinha, e se* eu *fosse você descobriria o* que é.

O General estava ansioso por partir.

— Estão precisando de nós no Brasil. O reavivamento vai indo bem, mas o inimigo está tramando algum plano. Você deve gostar desse tipo de desafio.

Tal pôs-se de pé outra vez e desembainhou a espada. Nesse exato momento, Guilo voltou com a trombeta. Tal lhe disse:

— Brasil.

Guilo riu-se animado e também puxou da espada.

— Espere — disse Tal, olhando para baixo.

Era Berenice, timidamente chegando perto do pastor e seu novo rebanho. Pela quieta entrega em seus olhos Tal podia ver que ela estava pronta. Logo os anjos se estariam regozijando.

Ele acenou sua aprovação ao anjinho de cabelos encaracolados que estava sentado na curvatura do grande carvalho, e ela sorriu e devolveu o aceno, seus grandes olhos castanhos brilhando. As refulgentes vestes brancas e sapatinhos dourados estavam muito mais de acordo com ela do que o macacão e uma motocicleta.

O General perguntou com prazer na voz:

— E então, vamos?

Tal estava olhando para Hank ao dizer:

— Um momento. Quero ouvir as palavras mais uma vez. Enquanto olhavam, Berenice chegou até Hank e Mary. Ela começou a chorar abertamente, e lhes disse

palavras calmas mas apaixonadas. Hank e Mary ouviram, assim como outros que estavam por perto, e ao ouvirem, começaram a sorrir. Colocaram seus braços ao redor dela, falaram-lhe de Jesus, e então também puseram-se a chorar.

Finalmente, quando os santos se reuniram e Berenice foi cercada de braços amorosos, Hank disse as palavras:

— Vamos orar...

E Tal sorriu um longo sorriso.

— Podemos ir — disse ele.

Com uma explosão de asas fulgurantes e três rastos de faiscantes labaredas, os guerreiros arrojaram-se ao céu, rumo ao sul, tornando-se cada vez menores até sumir, deixando a agora tranqüila cidade de Ashton em competentes mãos.

F I M